



# MARIA LENK

ATLETA, EDUCADORA E CIENTISTA  
ATHLETE, EDUCATOR AND SCIENTIST

*A primeira heroína olímpica do Brasil*

THE FIRST OLYMPIC HEROINE OF BRAZIL



*Ana Miragaya (org)*



# MARIA LENK

ATLETA, EDUCADORA E CIENTISTA

*A Primeira Heroína  
Olimpíca do Brasil*



FONTE: Maria Lenk - Atlética São Paulo ([atleticasaopaulo.com.br](http://atleticasaopaulo.com.br))

**MARIA LENK: ATHLETE, EDUCATOR AND SCIENTIST**

*The First Olympic Heroine of Brazil*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Kátia Luciane Macedo Martins - CRB-2/849

Bibliotecária

M322 Maria Lenk: atleta, educadora e cientista; a primeira heroína olímpica do Brasil = Maria Lenk: athlete, educator and scientist; the first olympic heroine of Brazil / Ana Maria de Freitas Miragaya et al. 1. ed. - Rio de Janeiro: Gama Assessoria, 2021.

582 p.: il.; color.

ISBN: 978-65-993425-4-7

1. Natação - História 2. Natação para mulheres. 3. Lenk, Maria. 4. Esportes. I. Miragaya, Ana Maria de Freitas (1954- ). II. DaCosta, Larmartine Pereira. III. Devede, Fabiano Pries. IV. Silva Júnior, Francisco da Costa e. V. Faria Júnior, Alfredo Gomes de. VI. Leme, Ana Flávia Paes. VII. Bennet, Abbie. VIII. Moreira, Sergio Bastos. IX. Reis, Rômulo Meira. X. Hercowitz, Sônia Maria Christianes de Oliveira.

CDD 22.ed.: 797.2109

Índices para Catálogo Sistemático

Natação - História

Esportes

# SUMÁRIO

## TABLE OF CONTENTS

**8 SOBRE OS AUTORES / ABOUT THE AUTHORS**

**18 PREFÁCIO / PREFACE**

Ana Miragaya

**30 APRESENTAÇÃO / FOREWORD**

Paulo Wanderley

Comitê Olímpico do Brasil

*Brazilian Olympic Committee*

**34 INTRODUÇÃO / INTRODUCTION**

Nelson Todt

Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin

*Brazilian Pierre de Coubertin Committee*

**40 HOMENAGEM / TRIBUTE**

Hans Lenk

**45 1. A CONSTRUÇÃO DAS CIÊNCIAS DO ESPORTE  
EM ENCONTROS COM MARIA LENK, 1959 – 2007**

**42 THE CROSSROADS OF SPORT SCIENCES'  
CONSTRUCTION: BRIEFING WITH MARIA LENK, 1959 – 2007**

Lamartine DaCosta



**99 2. MARIA LENK: AS REVOLUÇÕES QUE LEVARAM A NADADORA DA ATLETICA AOS JOGOS OLÍMPICOS DE 1932**

**94 MARIA LENK: THE REVOLUTIONS THAT TOOK AN ATLETICA'S SWIMMER TO THE 1932 OLYMPIC GAMES**

Ana Miragaya

**130 3. HISTÓRIA ORAL DE VIDA DE MARIA LENK: UMA VANGUARDISTA, POR ELA MESMA**

**133 THE ORAL HISTORY OF MARIA LENK'S LIFE: A VANGUARDIST, BY HERSELF**

Fabiano Pries Devede

**187 4. PROFA. MARIA EMMA HULDA LENK ZIGLER, DIRETORA DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**183 PROF. MARIA EMMA HULDA LENK ZIGLER, DIRECTOR OF THE SCHOOL OF PHYSICAL EDUCATION AND SPORTS (ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS) OF THE FEDERAL UNIVERSITY OF RIO DE JANEIRO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO)**

Alfredo Gomes de Faria Junior (in memoriam)

**221 5. VIDA E OBRA DE MARIA LENK SEGUNDO SEUS LIVROS AUTORAIS, 1942 – 2003**

**216 MARIA LENK'S LIFE AND WORK ACCORDING TO HER MEMORIAL BOOKS, 1942-2003**

Lamartine DaCosta



- 298 6. MARIA LENK: DAS ÁGUAS DO TIETÊ  
PARA O MUNDO, UMA MULHER À FRENTE DE SEU TEMPO**
- 294 MARIA LENK: FROM THE TIETÊ RIVER  
TO THE WORLD, A WOMAN AHEAD OF HER TIME**  
Ana Flávia Paes Leme
- 335 7. AS DUAS CARREIRAS DA RECORDISTA  
MUNDIAL MARIA LENK NO SALÃO  
INTERNACIONAL DA FAMA DA NATAÇÃO,  
ESTADOS UNIDOS**
- 331 THE TWO CAREERS OF WORLD RECORD  
HOLDER MARIA LENK AT THE INTERNATIONAL  
SWIMMING HALL OF FAME – USA**  
Ana Miragaya
- 436 8. THE MAKING OF AN OLYMPIAN**
- 432 A CONSTRUÇÃO DE UMA ATLETA OLÍMPICA**  
Abigail Bennett Raeke
- 457 9. MARIA LENK E A FUNDAÇÃO DO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ATIVIDADE FÍSICA (ICAF)**
- 453 MARIA LENK AND THE ICAF FOUNDATION  
(INSTITUTE OF SCIENCES OF PHYSICAL ACTIVITY)**  
Sérgio Bastos Moreira
- 470 10. MARIA LENK E O DESENVOLVIMENTO  
DO NADO SINCRONIZADO NO BRASIL**
- 468 MARIA LENK AND THE DEVELOPMENT  
OF SYNCHRONIZED SWIMMING IN BRAZIL**  
Sônia Maria Christianes de Oliveira Hercowitz



480 11.A PARCERIA DE MARIA LENK COM  
ALBERTO LATORRE EM PROL DA  
CAPOEIRA NA UNIVERSIDADE BRASILEIRA

478 THE PARTNERSHIP BETWEEN MARIA LENK  
AND ALBERTO LATORRE IN FAVOR  
OF CAPOEIRA AT THE BRAZILIAN UNIVERSITY

Rômulo Meira Reis

497 12.EM FAMÍLIA COM AS IRMÃS LENK: MARIA E SIEGLINDE

493 IN FAMILY WITH THE LENK SISTERS: MARIA AND SIEGLINDE

Francisco da Costa e Silva Junior

## 542 ANEXOS / APPENDICES

542 Anexo / Appendix 1

**What I felt in participating in the Olympic Games**

(Maria Lenk)

545 Anexo / Appendix 2

**Valores no Esporte e Valores do Esporte - SESI**

(Lamartine DaCosta, Ana Miragaya,  
Marcio Turini e Marta Gomes)

573 Anexo / Appendix 3

**Maria Lenk (1915 - 2007), world record**

**swimmer: the profile of an Olympic idol in Brazil**

(Ana Miragaya)

581 Anexo / Appendix 4

**Acervo Maria Lenk: preservação 2016 - 2019**

(Lamartine DaCosta)



## INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES EM ORDEM ALFABÉTICA A PARTIR DO PRIMEIRO NOME

## INFORMATION ABOUT THE AUTHORS IN ALPHABETICAL ORDER FROM THE FIRST NAME

### **ABBIE BENNET**

Abigail Bennett Raeke é escritora e pesquisadora cujo trabalho se concentra no pioneirismo de atletas femininas. Ela tem Mestrado em Fine Arts pelo Mills College e recebeu uma bolsa de mérito da Middlebury Kathryn Davis Fellowship for Peace. A autora contribuiu com pesquisa para o documentário da ESPN Brasil “As Incríveis Histórias de um Navio Fantasma”. Seu trabalho como editora e coach de livros de desenvolvimento pode ser encontrado no website: [abigailraeke.com](http://abigailraeke.com)

*Abigail Bennett Raeke is a writer and researcher whose work focuses on pioneering female athletes. She received an MFA from Mills College and is the recipient of the Middlebury Kathryn Davis Fellowship for Peace. She contributed research to the ESPN Brasil Documentary As Incríveis Histórias de um Navio Fantasma. You can find out more about her work as an editor and developmental book coach at [abigailraeke.com](http://abigailraeke.com)*



## ALFREDO GOMES DE FARIA JUNIOR (IN MEMORIAM)

Graduação em Educação Física (UFRJ, 1962) e em Pedagogia (UGF, 1968); Mestrado em Educação (PUC-Rio, 1974); Doctorat en Éducation Physique com grande distinção (Université Libre de Bruxelles, 1980); Pós-doutorado em Educação (University of London, 1987); Doutor Honoris Causa (Universidade do Porto, 2004). Exerceu funções na UFRJ, Escola de Educação Física e Desportos, Assessoria Técnica Educacional (ATE, 1969-1972); foi Professor na Escola de Educação Física de Volta Redonda-RJ (1972-1974); Professor na UERJ (1974-2004) e na Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO, RJ, 2004-2019). Atuou no Acordo Brasil-Alemanha - Ciências do Esporte (década de 1970); recebeu o Prêmio Liselott Diem de 1993. Falecimento em 10 de junho de 2019.

*Graduated in Physical Education (UFRJ, 1962) and Pedagogy (UGF, 1968); Master's degree in Education (PUC-Rio, 1974); Doctorat en Éducation Physique with great distinction (Université Libre de Bruxelles, 1980); postdoctoral studies at the University of London- Institute of Education, 1987); Doctor Honoris Causa (University of Porto, 2004). He worked at UFRJ, School of Physical Education and Sports, Educational Technical Advisory (ATE, 1969-1972); professor at the School of Physical Education of Volta Redonda-RJ (1972-1974); professor at UERJ (1974-2004) and Salgado de Oliveira University (UNIVERSO, RJ, 2004-2019). He served in the Brazil-Germany - Sports Sciences Agreement (1970s), received the Liselott Diem Award in 1993. He died on June 10, 2019.*



## **ANA FLÁVIA PAES LEME**

Formada em Educação Física Plena pela UERJ; Pós-graduada em Treinamento Físico pela UFRJ / EEFEEx; Participante da Sessão de Pós-Graduação em Estudos Olímpicos da Academia Olímpica Internacional (Grécia), Mestre em Educação Física pela UGF; membro da Academia Olímpica Brasileira e do Grupo de Estudos Olímpicos da UERJ.

*Graduated in Physical Education from UERJ; postgraduate studies in Physical Training at UFRJ / EEFEEx; participant in the Postgraduation Session in Olympic Studies at the International Olympic Academy (Greece); Master's Degree in Physical Education from UGF; member of the Brazilian Olympic Academy and member of the Olympic Studies Group of UERJ.*

## **ANA MARIA DE FREITAS MIRAGAYA**

Doutora em Educação Física pela Universidade Gama Filho; Professora da Faculdade de Educação Física da Universidade Estácio de Sá campus Petrópolis; Membro do Comitê Acadêmico do Comitê Olímpico Internacional; Membro do Grupo de Pesquisas em Estudos Olímpicos da UERJ; Secretária Geral do Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin; Membro do Centro Latino-Americano de Estudos Coubertinianos; Autora e Coeditora de livros acadêmicos bilíngues na área de Estudos Olímpicos e esportes, que podem ser baixados gratuitamente do website [www.sportsinbrazil.com.br](http://www.sportsinbrazil.com.br)

*Ph.D. in Physical Education from Gama Filho University; Professor at the School of Physical Education of Estácio de Sá University Campus Petrópolis; Member of the Se-*



*lection Committee of the International Olympic Committee; Member of the Olympic Studies Research Group of UERJ; Secretary General of the Pierre de Coubertin Brazilian Committee; Member of the Latin American Center for Coubertinian Studies; Author and Co-editor of bilingual academic books in the field of Olympic Studies and sports, which can be downloaded free of charge from the website [www.sportsinbrazil.com.br](http://www.sportsinbrazil.com.br)*

## **FABIANO PRIES DEVIDE**

Professor Associado do Instituto de Educação Física da Universidade Federal Fluminense (UFF); Líder do Grupo de Pesquisa em Relações de Gênero na Educação Física (GREGEF-CNPq); Pós-doutorando no Programa de Pós graduação em História Comparada (PPGHC-UFRJ); Autor das obras “Gênero e Mulheres no Esporte: História das Mulheres nos Jogos Olímpicos” (editora Unijuí), “História das Mulheres na Natação Feminina Brasileira no Século XX: das adequações às resistências sociais (editora Hucitec) e “Estudos de Gênero na Educação Física e no Esporte (editora Appris).

*Associate Professor at the Institute of Physical Education, Fluminense Federal University (UFF); Leader of the Research Group on Gender Relations in Physical Education (GREGEF-CNPq); Post-doctoral student in the Graduate Program in Comparative History (PPGHC-UFRJ); Author of the books “Gender and Women in Sport: History of Women in the Olympic Games” (Unijuí publishing house), “History of Women in Brazilian Swimming in the 20th Century: adaptations to social resistance (Hucitec publishing house) and “Gender Studies in Physical Education and Sport (Appris publishing house).*



## FRANCISCO DA COSTA E SILVA JUNIOR

Mestre em Ciências Aeroespaciais pela Universidade da Força Aérea; Curso de Formação de Oficiais Aviadores da então Escola de Aeronáutica, hoje Academia da Força Aérea. O autor possui todos os cursos de carreira do oficialato e Curso de Altos Estudos, Política e Estratégia Militares-CAEPEM na Escola Superior de Guerra.

*Master's degree in Aerospace Sciences from the University of the Air Force, Training Course for Aviator Officers of the School of Aeronautics, now Air Force Academy. The author has taken all of the career courses for officers and Course of High Studies, Military Policy and Strategy-CAEPEM at the Escola Superior de Guerra.*

## HANS LENK

Professor Titular do Instituto de Tecnologia Karlsruhe (KIT)/ Universidade de Karlsruhe, Alemanha (1969-2003), agora emérito; Presidente (agora Presidente Honorário) do Instituto Internacional de Filosofia de Paris (2005-8); Presidente da Sociedade Filosófica Alemã (1991-3); Vice-Presidente da Federação Internacional das Sociedades Filosóficas (Fédération Internationale des Sociétés de Philosophie, FISP) (1998-2003); campeão olímpico no remo dos oito com timoneiro em 1960; Professor-visitante na Universidade de São Paulo - Mestrado em Educação Física, 1981 - Acordo de Cooperação Brasil-Alemanha.

*Full Professor of Karlsruhe Institute of Technology (KIT)/ University of Karlsruhe, Germany (1969-2003), now Emeritus; President (now Honorary President) of the International Institute of Philosophy, Paris (2005-8); President of the German Philosophical Society (1991-3); Vice Presi-*



*dent of the International Federation of Philosophical Societies (Fédération Internationale des Sociétés de Philosophie, FISP) (1998-2003); Olympic champion in rowing the eight in 1960; Visiting Professor at University of São Paulo - Master Programme in physical education, 1981 - Brazil-Germany Cooperation Agreement.*

## **LAMARTINE PEREIRA DACOSTA**

Lamartine DaCosta é livre-docente em Gestão do Esporte (UERJ, 1988) e Doutor em Filosofia (UGF, 1989). No Brasil foi Professor desde 1971 na UFRJ, PUC-RJ, USP, UERJ, UNIRIO e UGF, sendo atualmente Professor Colaborador do Programa de Pós Graduação em Ciências do Esporte na UERJ. No exterior, foi Professor Visitante em Lisboa, Porto, Barcelona, Olympia-Grécia e Londres. Entre 2001 e 2008 foi membro do Conselho de Pesquisas do Comitê Olímpico Internacional - Lausanne, sendo desde 2020, Curador do eMuseu do Esporte, com sede no Rio de Janeiro; Organizador, Editor e Autor de livros acadêmicos bilíngues na área de Estudos Olímpicos e esportes, que podem ser baixados gratuitamente do website [www.sportsinbrazil.com.br](http://www.sportsinbrazil.com.br)

*Lamartine DaCosta is livre-docente in Sports Management (UERJ, 1988) and Ph.D. in Philosophy (UGF, 1989). In Brazil he has been professor since 1971 at UFRJ, PUC-RJ, USP, UERJ, UNIRIO and UGF, and is currently Collaborating Professor of the Graduate Program in Sports Sciences at UERJ. Abroad he was visiting professor in Lisbon, Porto, Barcelona, Olympia-Greece and London. Between 2001 and 2008 he was a member of the Research Council of the International Olympic Committee - Lausanne, and since 2020, Curator of the Sports Museum, based in Rio de Janeiro; Organizer, Editor and Author of bilingual academic books in the field*



*of Olympic Studies and Sports, which can be downloaded free of charge from the website [www.sportsinbrazil.com.br](http://www.sportsinbrazil.com.br).*

## **NELSON TODT**

Pós-doutorado pelo Centro de Estudos Olímpicos da Universitat Autònoma de Barcelona (Espanha); Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS - Brasil); Mestre em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil); Pós-Graduação em Estudos Olímpicos na International Olympic Academy (Grécia); Professor Titular e Coordenador do Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos da PUCRS; Presidente do Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin; Membro do Conselho Executivo do Centro Latino-Americano de Estudos Coubertinianos; Membro do Conselho do Comitê Internacional Pierre de Coubertin.

*Post doctor at the Olympic Studies Center of Universitat Autònoma de Barcelona (Spain); Doctor in Education at Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul (PUCRS - Brazil); Master of Science in Human Movement at the Federal University of Rio Grande do Sul (Brazil); Postgraduate in Olympic Studies at International Olympic Academy (Greece); Full Professor and Coordinator of the Olympic Studies Research Group of PUCRS; President of the Brazilian Pierre de Coubertin Committee; Executive Board Member of the Latin American Center for Coubertinian Studies; Board Member of the International Pierre de Coubertin Committee.*



## **SERGIO BASTOS MOREIRA**

Aviador graduado em Ciências Aeronáuticas pela AFA; Professor de Educação Física graduado pela Escola de Educação Física do Exército; Especialista em Ciência do Treinamento Desportivo pela UGF; Mestre em Bases Biomédicas da Educação Física pela UFRJ; Doutor em Fisiologia do Exercício pela UGF; Doutor em Ciências Aeroespaciais pela UNIFA e Pós-doutor em Engenharia de Produção pela COPPE. É autor de 13 livros e diversos artigos científicos; orientou dezenas de dissertações de mestrado e teses de doutorado; foi fisiologista da Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt) e Coordenador Científico do ICAF. No presente, atua como pesquisador independente, na área da modelização matemática do treinamento desportivo.

*Aviator graduated in Aeronautical Sciences from AFA; Professor of Physical Education graduated from EsEFEx; Specialist in Sports Training Science from UGF; Master's degree in Biomedical Bases of Physical Education from UFRJ; Ph.D. in Exercise Physiology from UGF; Ph.D. in Aerospace Sciences from UNIFA and Post-doctor in Production Engineering from COPPE. He is the author of 13 books and several scientific articles. The author has advised dozens of master's theses and doctoral dissertations. He was a physiologist at the Brazilian Athletics Confederation (CBAt) and scientific coordinator of the ICAF. He currently works as an independent researcher in the area of mathematical modeling of sports training.*

## **SÔNIA MARIA CHRISTIANES DE OLIVEIRA HERCOWITZ**

Professora da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro da disciplina Nado Artístico (NA); Membro do Comitê Técnico de NA da FINA (Federa-



ção Internacional Amadora); Árbitra geral do Jogos Olímpicos do Nado Artístico; Coordenadora do Nado Artístico da Confederação Brasileira de Desportos Aquático de 1996 - 2017; Coordenadora do Projeto Desenvolvendo o NA no Brasil no período de 1996 - 2017.

*Professor of Artistic Swimming at the School of Physical Education of the Federal University of Rio de Janeiro; Member of FINA's Artistic Swimming Technical Committee (International Amateur Federation); general referee of Artistic Swimming at of the Olympic Games; coordinator of Artistic Swimming of the Brazilian Confederation of Water Sports 1996 - 2017; Coordinator of the project Developing Artistic Swimming in Brazil 1996 - 2017.*

## **RÔMULO MEIRA REIS**

Doutor em Ciências do Exercício e do Esporte pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Gestor Esportivo no Departamento de Competições da Confederação Brasileira de Futebol (CBF); Professor Substituto na Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Professor no Curso Superior Tecnólogo em Gestão Desportiva e do Lazer da FACHA; Líder do Grupo de Pesquisa em Gestão, Esporte, Cultura e Lazer (GPGEL) e integrante do Grupo de Pesquisa em Escola, Esporte e Cultura (GPEEsC), ambos cadastrados junto ao CNPq.

*Ph.D. in Exercise and Sports Sciences from the State University of Rio de Janeiro (UERJ); Sports Manager in the Competitions Department of the Brazilian Football Confederation (CBF); substitute Professor at the School of Physical Education and Sports of the Federal University of Rio*



*de Janeiro (UFRJ); Professor in the Technologist's Higher Course in Sports and Leisure Management at FACHA; Leader of the Research Group on Management, Sport, Culture and Leisure (GPGEL) and Member of the Research Group in School, Sport and Culture (GPEEsC), both registered with CNPq.*



# PREFÁCIO

Boas-vindas aos leitores interessados na vida e obras de uma mulher símbolo dos valores do esporte!!

Essa publicação é há longo tempo esperada. Além de ser o primeiro e único livro sobre Maria Lenk, no mundo hoje, ele representa um esforço significativo de preservação de memória da maior nadadora brasileira de todos os tempos: Maria Lenk, uma mulher muito à frente de sua época. A vida, obra e carreira da primeira atleta brasileira e sul-americana a competir numa edição dos Jogos Olímpicos em 1932, em Los Angeles, são valorizadas nesse e-book bilíngue de alcance internacional. Além de recordista mundial de natação, educadora respeitadíssima, professora de Educação Física, cientista que sempre priorizou suas investigações e inovações relacionadas à natação e ao treinamento esportivo, foi também gestora, dirigente, diretora da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, autora de cinco livros, tradutora de muito artigos e trabalhos em alemão e em inglês, pioneira em muitas áreas, como ela mesma se definiu.

Conheci pessoalmente a professora Maria Lenk em dezembro de 2004, perto do Natal, quando tive a oportunidade de visitá-la em sua residência, no Leblon, junto com o professor Lamartine DaCosta, para lhe levar um presente: um exemplar do livro bilíngue Atlas do Esporte no Brasil, recém-lançado, organizado por Lamartine DaCosta e editado por mim. Lamartine já conhecia Maria Lenk há muitos anos. Ele, inclusive, trabalhou com ela em vários contextos ligados à Ciência do Esporte, à Educação Física e ao esporte, que ele descreve em seus dois capítulos. São muitas informações inéditas, de cunho científico e situações



internacionais a respeito de nossa recordista mundial, que a tornam cada vez mais uma celebridade da Educação Física e do esporte, admirada no Brasil e no exterior.

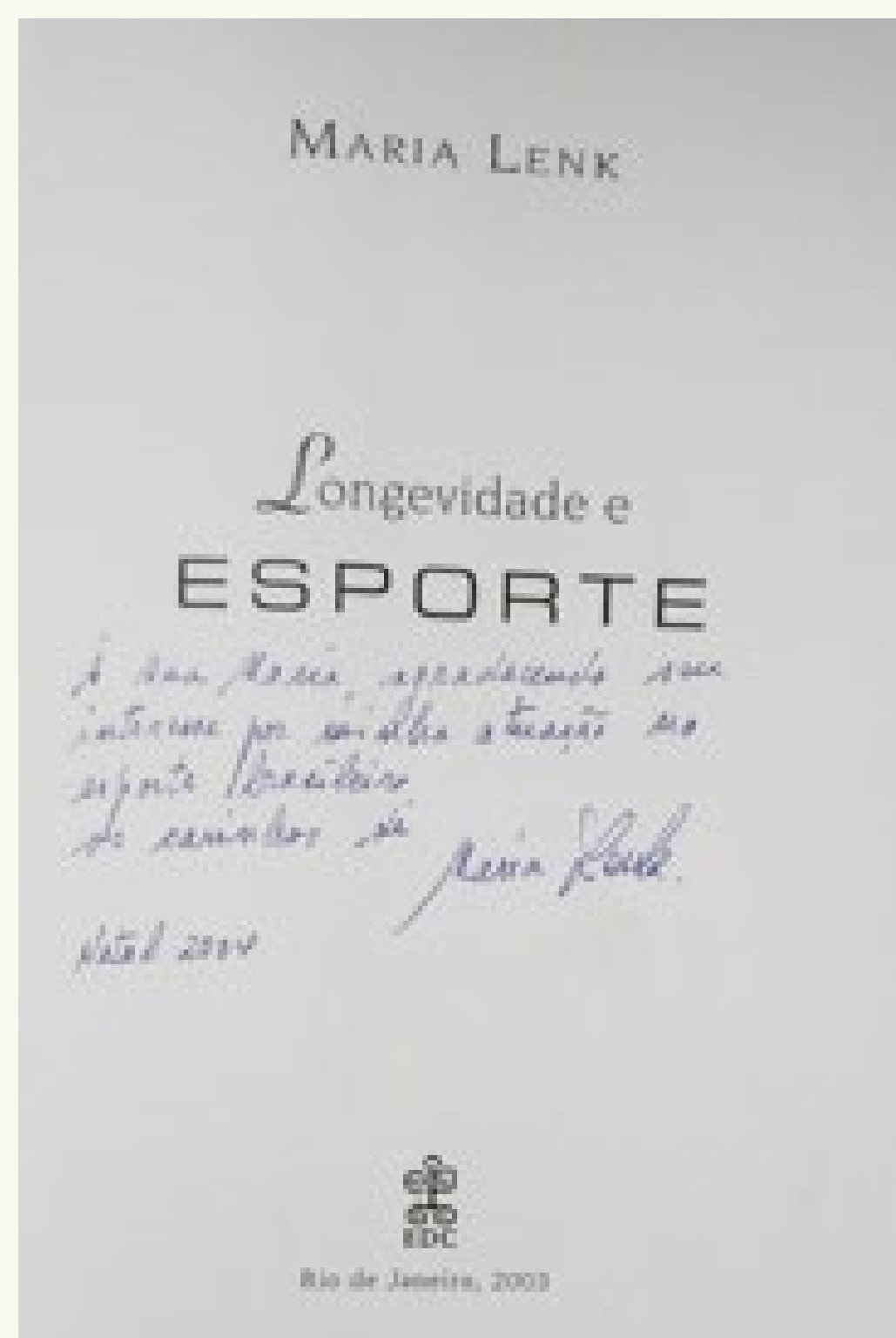
Maria Lenk havia sido minha fonte de inspiração quando iniciei na natação como atleta universitária caloura pela PUC-RJ, em 1972. Mal sabia eu, naquela época, que ela teve participação na implementação do Decreto-lei 705/69, que estabelecia que todo universitário deveria, por dois semestres, praticar um esporte. E o meu foi a natação, para minha alegria em seguir uma atleta que muito admirava. Foram cinco anos nadando e representando a PUC-RJ em muitas competições.

Naquela tarde quente de dezembro, subimos as escadas do edifício onde Maria Lenk residia, pois não havia elevador. Ela morava no terceiro andar e utilizava as escadas várias vezes por dia. Ela nos recebeu muito bem, com muito carinho. Na sequência, assim que fechou a porta, logo observamos que ela estava com um pouco de dificuldade de andar, e antes que perguntássemos, ela antecipou a resposta: havia quebrado o fêmur e deveria se deslocar devagar. Para nossa surpresa ela não tinha uma ajudante fixa e era ela mesma quem ia ao mercado e realizava as tarefas domésticas. Havia apenas uma diarista uma vez na semana. Que mulher corajosa e determinada, pensei logo, com essa idade, 89 anos, e tão ativa, subindo e descendo escadas com uma perna quebrada. Revelou-nos ainda que, mesmo assim, frequentava diariamente o Clube Flamengo, para seus treinamentos, pois se dedicava à natação master e estava se preparando para um campeonato. Ela desejava bater um novo recorde e precisava treinar muito. Excelência, dedicação, disciplina, persistência, superação, coragem e inspiração, me vieram logo à mente, como estudiosa de valores.

Depois das apresentações, especialmente após ela saber que eu cursava o doutorado em Educação Física e



pesquisava sobre sua carreira no esporte, me presenteou com um exemplar de seu livro mais recente: “Longevidade e Esporte”, com direito a autógrafo e foto, que compartilho a seguir.



Depois dessa visita, dei continuidade, então, a minhas pesquisas sobre a trajetória de nossa atleta maior no acervo que ela havia confiado ao professor Lamartine DaCosta e que estava abrigado na biblioteca de pós-graduação da Universidade Gama Filho (UGF) para consulta dos alunos de mestrado e doutorado, como eu, Fabiano Devede, Ana Flávia Paes Leme e Sonia Hercowitz, autores de capítulos nesse livro. Esses documentos, que hoje se encontram no Arquivo Nacional, serviram de base para muitos trabalhos, inclusive um de meus capítulos, descrevendo a revolução que Maria Lenk representou para a natação brasileira e, especialmente, para a natação feminina. Nossa recordista mundial foi fonte de inspiração para muitas meninas e mulheres, com seu pioneirismo, seu feminismo discreto e sua diplomacia. Ela tinha um jeito muito especial de falar e de se referir às suas conquistas, a partir de muito treinamento e trabalho, construindo credibilidade, que a levou a desenvolver-se em várias áreas e a ocupar vários cargos importantes.



Com o passar dos anos e com o aumento do interesse pela vida e obra de Maria Lenk, seu exemplo e seu legado, verificamos a necessidade de valorizarmos ainda mais nossa heroína olímpica através de uma homenagem que pudesse ser compartilhada: através de um livro que seguisse sua filosofia e seus valores. Deveria ser uma obra coletiva, pois era assim que ela trabalhava: em equipe. Deveria ser um trabalho com base em ciência, como ela pautou suas pesquisas, publicações e sua carreira como professora universitária. Deveria ser um livro internacional e, pelo menos, bilíngue, como ela foi em sua trajetória, fazendo uso de português, alemão e inglês. Deveria ser um compêndio inovador que utilizasse a última tecnologia, como ela buscava o novo e a aplicação prática do conhecimento científico.

Enfim, deveria ser um e-book coletivo, bilíngue e gratuito, baseado em ciência, em documentos e fontes históricas para homenagear nossa grande ícone do esporte e que pudesse responder a muitas perguntas nos doze capítulos escritos por uma equipe de pesquisadores de excelência, sendo nove autores brasileiros e uma autora americana. Cada capítulo é precedido por um resumo em inglês, no caso dos autores brasileiros e um resumo em português, no caso da autora americana. Não existe uma ordem específica para a leitura dos textos, que se complementam.

Os capítulos versam sobre os muitos aspectos de Maria Lenk, como, por exemplo, sua vida familiar; o início de sua trajetória como nadadora de alto nível antes de ser convocada para ir aos Jogos Olímpicos de Los Angeles em 1932; sua carreira como cientista e autora através dos cinco livros que ela publicou; seu ineditismo na condução do “balé aquático”, hoje chamado de nado artístico; seus feitos e sucesso nos 12 anos de sua carreira de natação competitiva de alto nível e nos 27 anos de sua carreira como nadadora master; seu protagonismo como cientista, co-



fundadora e incentivadora das Ciências do Esporte; sua participação fundamental na criação do Instituto de Ciências da Atividade Física (ICAF) da Comissão de Desportos da Aeronáutica; sua parceria com Alberto Latorre na implementação da capoeira na universidade; suas homenagens no International Swimming Hall of Fame (ISHOF); seu pioneirismo como primeira nadadora internacional do Brasil, primeira atleta sul-americana a participar de uma edição dos Jogos Olímpicos (1932); primeira mulher no mundo a nadar o estilo borboleta numa edição dos Jogos Olímpicos (1936); primeira pessoa sul-americana (incluindo homens) a quebrar dois recordes mundiais na natação (1939); única mulher e pioneira na delegação sul-americana que competiu em 20 cidades americanas, quebrando 12 recordes; primeira mulher a ser diretora da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ; primeira mulher a fazer parte do Conselho Nacional de Desportos; seu relevante papel como dirigente da Confederação Brasileira de Natação (CBN), como membro do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e da Federação Internacional de Natação (FINA).

Além dos capítulos que contêm homenagens, referências, entrevistas, testemunhos de cunho pessoal, documentos históricos, figuras, fotos, inclusive raras, e ilustrações do acervo pessoal dos autores, o presente livro ainda oferece ao leitor quatro anexos relacionados à Maria Lenk.

Gostaria de agradecer a todos os autores: Lamartine Da-Costa, Fabiano Pries Devide, Alfredo Gomes de Faria Junior (in memoriam), Ana Flávia Paes Leme, Abigail Bennett Raeke, Sergio Bastos Moreira, Sônia Maria Christianes de Oliveira Hercowitz, Rômulo Meira Reis e Francisco da Costa e Silva Junior por terem aceitado meu convite, por sua dedicação, sua pesquisa intensa, seus textos de qualidade primorosa e sua paciência na longa preparação desse livro para homenagear nossa atleta maior.



Agradeço, em especial, ao professor Lamartine DaCosta por seu apoio, sua meticulosa revisão de meus manuscritos e sua inestimável orientação durante o processo de preparação e execução dessa obra tão significativa para todos nós, brasileiros. Meus agradecimentos também vão para meu querido esposo, Vicente Ambrósio Junior, que me acompanhou nesse trabalho, me incentivando e me auxiliando com as fotos no ISHOF e com os documentos.

Pelo apoio e suporte à obra de Maria Lenk, agradeço ao Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin e, em especial, a seu presidente, Nelson Todt, autor da Introdução a este volume e também ao Comitê Olímpico do Brasil pelo merecido reconhecimento ao trabalho e às carreiras de Maria Lenk, que além de atleta sem igual veio a ser um de seus membros.

Minha gratidão também vai ao campeão olímpico de remo, filósofo e professor emérito da Universidade de Karlsruhe, na Alemanha, Hans Lenk, autor de tributo especial à nossa primeira heroína olímpica.

Que a leitura proveitosa dessa obra, construída com muito carinho, lhes traga inspiração!

*Profa. Dra.*

*Ana Maria de Freitas Miragaya*

*Universidade Estácio de Sá campus Petrópolis*

*Membro do Comitê Acadêmico do Centro de Estudos Olímpicos  
do Comitê Olímpico Internacional*

*Secretária do Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin*

*Vice-líder do Grupo de Pesquisa em Estudos*

*Olímpicos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro*



# PREFACE

Welcome readers interested in the life and works of a woman symbol of the values of sport!!

This publication is long expected. In addition to being the first and only book about Maria Lenk in the world today, it represents a significant effort to preserve the memory of the greatest Brazilian swimmer: Maria Lenk, a woman far ahead of her time. The life, work and career of the first Brazilian and South American athlete to compete in an edition of the Olympic Games in 1932, in Los Angeles, are valued in this bilingual e-book of international reach. In addition to being a world record holder of swimming, a respected educator, professor of Physical Education, a scientist who had always prioritized her research and innovations related to swimming and sports training, she was also a manager, director of the School of Physical Education and Sports of the Federal University of Rio de Janeiro, author of five books, translator of many articles and works from German and English, a pioneer in many areas, as she defined herself.

I personally met professor Lenk in December 2004, near Christmas, when I had the opportunity to visit her at her residence in Leblon, together with Professor Lamartine DaCosta, to bring her a gift: a copy of the recently released bilingual book *Atlas do Esporte no Brasil/ Atlas of Sports in Brazil*, organized by Lamartine DaCosta and edited by me. Lamartine had known Maria Lenk for many years. He had even worked with her in various contexts related to Sports Science, Physical Education and sport, which he describes in his two chapters in this publication. He brings in a lot of new information of scientific nature and of international situations about our world record



holder, which make her a celebrity of Physical Education and sport, admired in Brazil and abroad.

Maria Lenk had been my source of inspiration when I started swimming as a first-year college athlete at Pontifical Catholic University in Rio de Janeiro (PUC-RJ) in 1972. Little did I know at that time that she had contributed for the implementation of Decree-Law 705/69, which established that every university student should, for two semesters, play a sport. And mine was swimming, much to my joy in following the woman athlete I greatly admired. I swam and took part in many university competitions representing PUC-RJ.

On that hot December afternoon, we climbed the stairs of the building where Maria Lenk lived because there was no elevator. She lived on the third floor and used the stairs several times a day. She welcomed us with great affection. Then, as soon as she closed the door, we observed that she was having a little trouble walking, and before we asked, she anticipated the answer: she had broken her right femur and should move slowly. To our surprise she did not have a fixed helper and she was the one who went to the market and performed the household chores. There was one cleaning lady who would help her there once a week. What a brave and determined woman, I thought, at that age, 89 years old, and so active, going up and down the stairs with a broken leg. She also revealed that she attended the Flamengo Club daily, for her training, because she was dedicated to master swimming and was preparing for a championship. She wanted to break a new record and needed to train hard. Excellence, dedication, discipline, persistence, courage, determination, and inspiration, came to my mind, as a scholar of values.

After the introductions and small talk, especially after she knew that I was studying for a Doctorate in Physical Educa-



tion and researching her career in sports, she gave me as a gift a copy of her most recent book: "Longevity and Sport". She signed it and prof. DaCosta took a photo of both of us.

After the visit, I continued my research on the career of our greatest athlete in the collection that she had entrusted to Professor Lamartine DaCosta and which was housed in the graduate library of Gama Filho University (UGF) for consultation of master's and doctorate students, such as myself, Fabiano Devede, Ana Flávia Paes Leme and Sonia Hercowitz, authors of chapters in this book. These documents, which are now in the National Archives, served as the basis for many works, including one of my chapters, describing the revolution that Maria Lenk represented for Brazilian swimming and, especially, for women's swimming. Our world record holder was a source of inspiration for many girls and women, with her pioneering, her understated feminism and her diplomacy. She had a very special way of speaking and referring to her achievements, always with a lot of training and work, building credibility, which led her to develop her career in various areas and to occupy several important positions.

Over the years, as the interest for Maria Lenk, her example and her legacy increased, we saw the need to further value our Olympic heroine through a tribute that could be shared: through a book that followed her philosophy and values. It should be a collective work because she did not work alone. It should be a science-based job because she had pursued her research, her publications and her career as a university professor. It should be an innovative publication that would use the latest technology, as she always sought the new and the practical application of scientific knowledge.

Finally, it should be a collective, bilingual and free e-book, based on science, documents and historical sources to



honor our great icon of sport, which could answer many questions in the twelve chapters written by a team of outstanding researchers, nine Brazilian authors and an American author. Each chapter is preceded by a summary in English, in the case of Brazilian authors, and a summary in Portuguese, in the case of the American author. There is no specific order for reading the texts, which complement each other.

The chapters deal with Maria Lenk's many aspects, such as her family life; the beginning of her career as a high-level swimmer before being called up to the Los Angeles Olympics in 1932; her career as an author and scientist through careful analysis of the five books she published; the novelty she brought in with the "aquatic ballet", today called artistic swimming; her achievements and success in the 12 years of her high-level competitive swimming career and in the 27 years of her career as a master swimmer; her leading role as a scientist, co-founder and promoter of Sports Sciences; her fundamental participation in the creation of the Institute of Physical Activity Sciences (ICAF) of the Aeronautical Sports Commission; her partnership with Alberto Latorre in the implementation of capoeira in Brazilian universities; her tributes at the International Swimming Hall of Fame (ISHOF); her pioneering role as the first international swimmer in Brazil, the first South American athlete to participate in an edition of the Olympic Games (1932); first woman in the world to swim butterfly style in an edition of the Olympic Games (1936); first South American person (including men) to break two world swimming records (1939); the only woman and pioneer in the South American delegation that competed in 20 American cities, breaking 12 records; first woman to be director of the School of Physical Education and Sports of UFRJ; first woman to be part of the National Sports Council; her important role as director of the Brazilian Swimming Confedera-



tion (CBN), as a member of the Brazilian Olympic Committee (COB) and of the International Swimming Federation (FINA).

In addition to the chapters that contain tributes, references, interviews, personal testimonies, historical documents, figures, photos, even some rare ones, and illustrations of the authors' personal collections, this book also offers the reader four appendices related to Maria Lenk.

I would like to thank all of the authors: Lamartine DaCosta, Fabiano Pries Devide, Alfredo Gomes de Faria Junior (in memoriam), Ana Flávia Paes Leme, Abigail Bennett Raeke, Sergio Bastos Moreira, Sônia Maria Christianes de Oliveira Hercowitz, Rômulo Meira Reis, and Francisco da Costa and Silva Junior, for having accepted my invitation, for their dedication, their intense research, their texts of exquisite quality and their patience in the long preparation of this book to honor our greatest athlete.

I am especially grateful to Professor Lamartine DaCosta for his support, his meticulous review of my manuscripts and his invaluable guidance during the process of preparation and implementation of this publication, so significant to all of us Brazilians. My thanks also go to my dear husband, Vicente Ambrosio Junior, who accompanied me in this work, encouraging me and assisting me with the photos at ISHOF and with the documents.

This publication received great support from institutions. I thank the Pierre de Coubertin Brazilian Committee, especially its president, Nelson Todt, author of the Introduction to this volume, honoring our Olympic heroine. I also thank the president of the Olympic Committee of Brazil for the well-deserved recognition of the work and careers of Maria Lenk, who in addition to being an unmatched athlete became one of its members.



My gratitude also goes to Hans Lenk, the Olympic rowing champion, philosopher and professor emeritus of the University of Karlsruhe, in Germany, for the special tribute to our first Olympic heroine.

May the fruitful reading of this work, built with great affection, bring you inspiration!

*Profa. Dra.*

*Ana Maria de Freitas Miragaya*

*Estácio de Sá University campus Petrópolis*

*Member of the Academic Committee of the Center for Olympic Studies of the International Olympic Committee*

*Secretary of the Brazilian Committee Pierre de Coubertin*

*Deputy Leader of the Research Group on Olympic Studies of the State University of Rio de Janeiro*



# APRESENTAÇÃO

## COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL - COB

Escrever sobre Maria Lenk, em poucas palavras, não é tarefa das mais fáceis. O que dizer sobre a pioneira da natação brasileira? Melhor dizendo, do esporte olímpico brasileiro? Foram muitas Marias Lenks numa só. Vejamos: primeira mulher sul-americana a disputar os Jogos Olímpicos, aos 17 anos de idade, em 1932; considerada a pioneira do nado borboleta, ao introduzi-lo nos Jogos Berlim 1936; recordista mundial em duas provas diferentes; única mulher brasileira a ingressar no Hall da Fama da Natação. A vida de Maria Lenk foi rica de grandes feitos e daria um livro, muitos diriam. Foi exatamente o que fizeram seus autores, com precisão e brilhantismo, Ana Maria de Freitas Miragaya, Lamartine Pereira DaCosta, Fabiano Pries Devede, Ana Flávia Paes Leme, Alfredo Gomes de Faria Junior (in memoriam), Sergio Bastos Moreira, Francisco da Costa e Silva Junior, Nelson Todt, Hans Lenk, Romulo Meira Reis, Abigail Bennett Raeke, e Sônia Maria Christianes de Oliveira Hercowitz.

Nas páginas a seguir, veremos os feitos de Maria Lenk não somente dentro das piscinas. Assim que encerrou a carreira, ajudou a fundar a Escola Nacional de Educação Física, da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mais uma vez pioneira, se tornou a primeira mulher a dirigir uma faculdade de Educação Física na América do Sul. Somando-se a isso, foi membro do Conselho Nacional do Desporto - CND, entidade dirigente do esporte brasileiro em tempos passados, além de ter colaborado com o COB em várias funções nas décadas de



1960, 1970 e 1980. Um perfil de dirigente esportivo até então raro entre renomados atletas.

A biografia de Maria Lenk – que batiza o nome do Parque Aquático de nosso Centro de Treinamento – traz à tona não somente a história de uma fantástica mulher. Ajuda a todos que fazem parte ou não do Movimento Olímpico a valorizar ainda mais os heróis esportivos do nosso país. O atleta é a razão de ser do Comitê Olímpico do Brasil e um grande destaque, como Maria Lenk, é a demonstração de um exemplo não só esportivo, mas educacional, cultural e de cidadania. Uma legítima representante do ideal olímpico.

*Paulo Wanderley*

*Presidente do Comitê Olímpico do Brasil*



# FOREWORD

## BRAZIL OLYMPIC COMMITTEE – COB

**W**riting about Maria Lenk, in a nutshell, is not the easiest task. What to say about the pioneer of Brazilian swimming? Or even better, pioneer of Brazilian Olympic sport? There were many Marias Lenks in one: first South American woman to compete in the Olympic Games, at the age of 17, in 1932; considered the pioneer of butterfly swimming, when introducing it to the Berlin Games 1936; world record holder in two different events; the only Brazilian woman to enter the Swimming Hall of Fame. Maria Lenk's life was rich in great achievements and could become a book, many would say. That is exactly what this book's authors did, with precision and excellence, Ana Maria de Freitas Miragaya, Lamartine Pereira DaCosta, Fabiano Pries Devide, Ana Flávia Paes Leme, Alfredo Gomes de Faria Junior (in memorian), Sergio Bastos Moreira, Francisco da Costa e Silva Junior, Nelson Todt, Hans Lenk, Romulo Meira Reis, Abigail Bennett Raeke, and Sonia Maria Christianes de Oliveira Hercowitz.

In the following pages, we will see the accomplishments of Maria Lenk not only inside the pools. As soon as she ended her competitive swimming career in 1942, she helped found the National School of Physical Education at the University of Brazil, now Federal University of Rio de Janeiro. Once again a pioneer, she became the first woman to run a Physical Education College in South America. In addition, she was a member of the National Council of Sport – CND, the governing body of Brazilian sport in times past, and collaborated with COB in various roles in the 1960s, 1970s and 1980s. A profile of sports director until then rare among renowned athletes.



Maria Lenk names the Water Park of our Training Center and her biography brings out not only the story of a fantastic woman. It helps everyone who is part of the Olympic Movement and those who are not to value even more the sporting heroes of our country. The athlete is the reason for the Brazilian Olympic Committee to exist and a great highlight as Maria Lenk is the demonstration of an example not only in terms of sports, but also in terms of education, culture and citizenship. A legitimate representative of the Olympic ideal.

*Paulo Wanderley*

*President of the Brazil Olympic Committee*



# INTRODUÇÃO

Quem não admira os atletas Olímpicos? Afinal, eles são capazes de feitos incríveis, quebram recordes, determinam novos limites humanos e por muitas vezes foram considerados semideuses. Quantas vezes você se inspirou neles para praticar esportes ou, até mesmo, superar seus limites?

Porém, nem todos os atletas podem ser considerados verdadeiramente Olímpicos, tampouco bons exemplos para a sociedade... Essa preocupação se torna ainda mais alarmante quando o universo esportivo é predominantemente masculino.

Em 1912<sup>1</sup>, Pierre de Coubertin (considerado o “pai” dos Jogos Olímpicos modernos) referia que a exaltação solene e periódica do atletismo de varões tem o internacionalismo como base, a lealdade como meio, a arte como marco e o aplauso feminino como recompensa.

Essa fórmula remonta ao ideal antigo grego, mas como destaca Gustavo Pires<sup>2</sup>, o próprio Coubertin, contra a cultura do seu tempo, em 1901, já apelava à urgência de certas reformas relativas aos direitos das mulheres. O preconceito estava na sociedade e não em Coubertin, que tinha a perfeita noção de que, ao tempo, a sociedade não estava preparada para, de uma forma civilizada, receber as mulheres atletas nos Jogos Olímpicos.

As mulheres competiram pela primeira vez nos Jogos Olímpicos de Paris em 1900, em golfe, tênis e vela, porém, foi

<sup>1</sup> “*Les femmes aux Jeux Olympiques*”, em: *Revue Olympique*, julho de 1912, pp. 109-111.

<sup>2</sup> “*Pierre de Coubertin e a Competição Desportiva entre as Mulheres*”, em *A Bola*, 7 março de 2017.



na natação que surgiu a primeira atleta Olímpica brasileira muitos anos depois. Em 1932 o Brasil levou Maria Lenk para Los Angeles. Lenk foi a primeira Olympian brasileira e sul-americana.

Nesta época Lenk tinha apenas 17 anos e, ao longo do tempo, tornou-se exemplo ao estimular mulheres brasileiras não apenas a começar a praticar esportes e atividades físicas, mas também a participar de competições (Miragaya & DaCosta, 1998<sup>3</sup>).

Além de todos os seus feitos nas piscinas, Maria Lenk conseguiu levar os valores Olímpicos não apenas como atleta, mas também como professora e pesquisadora, contribuindo com o avanço do esporte e da Educação Física no Brasil.

Em “Maria Lenk: atleta, educadora e cientista - A Primeira Heroína Olímpica do Brasil”, Ana Miragaya e Lamartine DaCosta, grandes expoentes dos Estudos Olímpicos, e seus convidados, nos ajudam a entender o papel histórico desta esportista, que, sem dúvidas, transcende seu tempo e geografia... uma atleta Olímpica, um ser humano admirável!

*Prof. Dr. Nelson Schneider Todt*

*Presidente do Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin*

*Coordenador do Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul*

<sup>3</sup>Miragaya, A.; DaCosta, L. *A inclusão da mulher brasileira no esporte através da natação na perspectiva histórica de 1930 a 1933. In: VI Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, 1998, Rio de Janeiro. Anais do VI Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1998.*



# INTRODUCTION

**W**ho does not admire Olympic athletes? After all, they are capable of incredible achievements, such as breaking sports records and determining new human boundaries. For many times in the past they were considered demigods. How many times have they inspired you to play sports or even exceed your limits?

Not all athletes can be considered true Olympians, neither good examples for society... This concern becomes even more alarming when the sports universe is predominantly male.

In 1912, Pierre de Coubertin (considered the “father” of the modern Olympics) pointed out that the solemn and periodic exaltation of male athletics has internationalism as its base, loyalty as a milieu, art as a milestone, and female applause as a reward.

This formula goes back to the old Greek ideal, but, as emphasized by Gustavo Pires, Coubertin himself, against the culture of his time, in 1901, already called for the urgency of certain reforms concerning the rights of women. Prejudice was in society rather than in Coubertin, who had the perfect notion that, at the time, society was not prepared to include women athletes in the Olympic Games.

Women competed for the first time at the Olympic Games in Paris 1900, in golf, tennis and sailing, but swimming was the sport the first Brazilian Olympic athlete competed in many years ahead. In 1932, Brazil took Maria Lenk to Los Angeles. She was the very first Brazilian and South American female Olympian.

At that time Lenk was only 17 years old and, over time, became an example by encouraging Brazilian women not only



to start practicing sports and physical activities, but also to participate in competitions (Miragaya & DaCosta, 1998).

In addition to all her feats in the pools, Maria Lenk was able to take up Olympic values as an athlete, and carry them on as a teacher and researcher, contributing to the advancement of sport and physical education in Brazil.

In “Maria Lenk: athlete, educator and scientist The First Olympic Heroine of Brazil”, Ana Miragaya and Lamartine DaCosta, great exponents of the Olympic Studies, and their guests, help us understand the historical role of this sportswoman, who undoubtedly transcends her time and geography ... an Olympic athlete and an admirable human being!

*Prof. Dr. Nelson Schneider Todt*

*President of the Brazilian Pierre de Coubertin Committee*

*Coordinator of the Olympic Studies Research Group at Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul*



# TRIBUTE

*Hans Lennk*

**M**aria Lenk was the first Olympic “heroine” of Brazil and of all South America. At the age of 17 she participated as a swimmer in the 1932 Los Angeles Olympics. At the Berlin 1936 Games she could not live up to the high expectations due to unfavorable training conditions on the steamer crossing the Atlantic Ocean. But she was the first female swimmer to swim the butterfly stroke. Some years later (1939), she established two world records in breaststroke (200 m, 400 m). Then and thereafter she “reached the peak of her sporting performance”, but was “deprived of the chance to crown her achievements with an Olympic medal” (Miragaya, 2010), because due to World War II the next two Olympic Games were cancelled. (Later, she was extremely successful as an international Masters athlete and also as a free water swimmer.) Since 1942 she served as a very successful and admired professor of the University of Brazil in Rio and also as a sport official.

“Without doubt, Maria LENK was a pioneer of women’s sport in Brazil” (Miragaya, 2010), indeed the very outstanding paragon personality of South American female athletics of her time.

It is a greatly appreciated privilege and nostalgic pleasure to contribute to a memorial publication in her honor - especially on our common favorite topic of discussion, Olympic values. Therefore, my contribution focuses on that, our common theme.

At the beginning of the eighties, we had met on the occasion of the several courses I taught at Brazilian univer-



sities in Sta. Maria/Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio, and Belo Horizonte to graduate students, docents and assistant professors - (as well as later in Caracas): Maria served as the well-versed translator to Portuguese (or Spanish). Naturally, we talked about our athletic careers and the shared values of sports and the Olympic Movement. We became friends of very high mutual estimation. By the way of sympathy and wishful thinking about the sameness of our names, we even surmised being possible relatives due to some unknown German ancestors. We gladly visited each other's homes and stayed in letter contact.

How much would she have enjoyed if she could have lived to experience the Rio Olympics last year - in her home city!

Admirably, she stayed active as a swimmer until her very last year. Unfortunately, I learned about her sudden demise only much later.

I cordially bow to her memory with a decent "Ave Maria".



# HOMENAGEM

*Hans Lenk*

**M**aria Lenk foi a primeira heroína Olímpica do Brasil e de toda a América do Sul. Aos 17 anos de idade participou como nadadora nos Jogos Olímpicos de 1932, em Los Angeles. Nos Jogos de 1936 em Berlin ela não pôde atingir suas melhores expectativas devido às condições desfavoráveis que teve a bordo do navio que a levou à Alemanha através do Atlântico. Mas foi a primeira nadadora a competir utilizando o nado borboleta. Alguns anos mais tarde (1939) Maria Lenk quebrou dois recordes mundiais no nado de peito (200m e 400m). A partir de então alcançou o auge de seu desempenho esportivo, mas “se sentiu privada da chance de coroar suas realizações com uma medalha Olímpica” (Miragaya, 2010) porque, devido à Segunda Guerra Mundial os Jogos Olímpicos seguintes, de 1940 e 1944, foram cancelados. Vários anos à frente, ela foi extremamente bem sucedida como atleta internacional de Masters e também como nadadora de águas livres. Iniciando em 1942, Maria Lenk teve uma carreira acadêmica bem sucedida e foi muito admirada como professora da Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro) e também como árbitra.

“Sem nenhuma dúvida, Maria Lenk foi uma pioneira do esporte feminino no Brasil” (Miragaya, 2010). De fato, ela foi paradigma excepcional de personalidade feminina no esporte da América do Sul em seu tempo.

É um privilégio bastante valorizado por mim e um prazer contribuir para uma publicação memorial em honra à Ma-



ria Lenk – especialmente sobre nosso tópico favorito de conversas: valores Olímpicos. Assim sendo, minha contribuição foca nisso, o tema comum de nossas conversas.

No início da década de 1980, estive com Maria Lenk na ocasião dos vários cursos que ministrei em universidades brasileiras em Santa Maria/Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte para alunos de pós-graduação, docentes e professores assistentes (também algum tempo depois em Caracas, na Venezuela). Maria me auxiliou como tradutora bem versada para o português (ou espanhol). Naturalmente, nós falamos sobre nossas carreiras nos esportes e compartilhamos valores dos esportes e do Movimento Olímpico. Nós nos tornamos amigos da mais elevada e mútua estima. Através de simpatia e pensamento desejoso a respeito da coincidência de nossos sobrenomes, nós até supomos ser possível que fôssemos parentes devido a ancestrais alemães ainda não conhecidos. Com alegria, nós nos visitamos em nossas residências e mantivemos contato através de cartas.

Imagino o quanto ela iria apreciar e curtir se tivesse podido viver a experiência do Rio 2016 – em sua terra natal!

Admiravelmente, ela esteve ativa como nadadora até seus últimos dias. Infelizmente eu somente soube de sua morte muito tempo depois.

Eu cordialmente me curvo à sua memória com uma “Ave Maria”.



## CHAPTER 1

# THE CROSSROADS OF SPORT SCIENCES' CONSTRUCTION: BRIEFING WITH MARIA LENK, 1959 – 2007

*Lamartine DaCosta*

This chapter of the life and work of Maria Lenk, world record swimmer, sports scientist and physical education teacher, born in Brazil of German descent and first woman from South America to compete in the Olympic Games (Los Angeles, 1932), aims to report the construction of sports sciences in meetings with Lamartine DaCosta, first her follower and then a fellow scholar in professional and academic life.

The first contact with Maria Lenk occurred when Wolde- mar Gerschler and Herbert Reidell visited Brazil in 1959 to introduce the Interval Training method. Maria Lenk served as a translator and Lamartine DaCosta as an assistant, as he was in his early career in physical education.

This historical event was distinguished as one of the starting points of the expansion of Sports Sciences in Portuguese and Spanish-speaking countries (Figs 1 and 2). Several meetings took place between Maria Lenk and La-



Lamartine DaCosta throughout the 1960s, creating an exchange of knowledge and experience, first with regard to Interval Training and then involving the various disciplines and methods of Sports Sciences. As a consequence, in 1968, the book "The Modern Science of Sports Training" was produced with DaCosta as editor and leading author and Lenk as author, in addition to seven other authors, i.e. five physicians and four physical education teachers (Figs 3 and 4). This work was the first in Brazil of autonomous production in the theme of Sports Training and included a pioneer algorithm for choosing physical training methods based on the principles of exercise physiology (Fig 5).

Also in the period 1968-1972, Maria Lenk took over the direction of the School of Physical Education and Sport of the Federal University of Rio de Janeiro - UFRJ, in which she had been working as a teacher since 1939, creating renewal and innovation devices of this college with the voluntary support of Lamartine DaCosta and other followers, later revealed as leaders of physical education in Brazil in the 1970s. This great turn of the 1970s in physical education and sport (new labs, journals, researches and master degree courses) focused on Sports Sciences that began to be important at that time in the country (Figs 9 and 10).

From 1973 to 1982, the expansion of Sports Sciences in the country was reinforced by the Brazil-Germany Cooperation Agreement, which had UFRJ as a point of support under the coordination of Maria Lenk and initial advice from Lamartine DaCosta. On the German side, the coordination was given to Liselott Diem and initial advice to August Kirsch (Fig 11), both from Köln Sport Universität and committed to Sports Sciences (see references 22 and 23). In these 10 years of the Agreement, 78 experts (45 PhDs) from 12 German universities collaborated with Brazilian institutions, producing 38 books by German authors, with translation into Portuguese. Six authors were Brazilian na-



tionals. Evaluations made after 1983 confirmed the positive results of the Agreement, mainly in relation to graduate programs in physical education at the University of São Paulo and the Federal University of Minas Gerais (see references 15 and 20).

In the context of the crossroads that led to the Lenk-DaCosta meetings including the projects of the Brazil-Germany Agreement, it should be emphasized that the ethical examples cultivated by Maria Lenk throughout her career were always present, initially as a world record athlete and then as a teacher and researcher. But as a female leader, clashes arose in the 1980s involving the interests of some professors at the college she ran at UFRJ. This gave rise to a reaction of support to the Olympic symbol teacher of the country by her own colleagues, finally resulting in giving her the title of Professor Emeritus of UFRJ in 1990.

Several other tributes were paid to Maria Lenk, such as her inclusion in the "International Swimming Hall of Fame", based in the USA, in 1988 and, after her death in 2007, the placement of the title "Maria Lenk Water Park" to the swimming sports facilities complex built for the 2007 Pan American Games, in Rio de Janeiro. Thus, as a public recognition of a national and international character, the memory of Maria Lenk is already enthroned. However, her image as a woman and as a sports scientist will remain alive as her examples are disseminated by new encounters, thus opposing the cultural and ideological prejudices that eventually plague our professional lives.



## CAPÍTULO 1

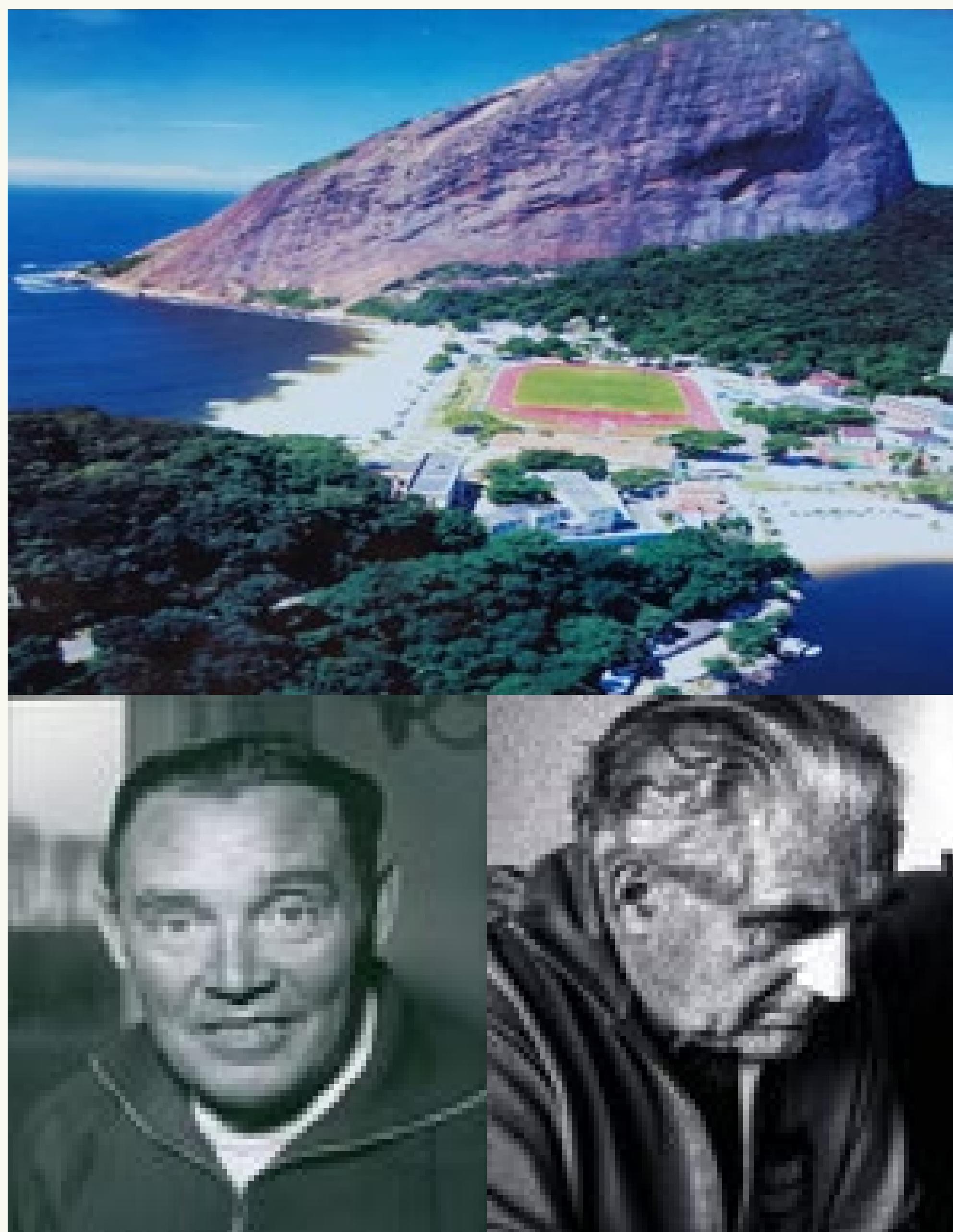
# A CONSTRUÇÃO DAS CIÊNCIAS DO ESPORTE EM ENCONTROS COM MARIA LENK, 1959 – 2007

*Lamartine DaCosta*





**M**eu primeiro encontro com Maria Lenk aconteceu em 1959, num dia inesquecível de outubro, ocorrido na Escola de Educação Física do Exército-EsEFEx, Bairro da Urca, Rio de Janeiro. A ocasião se tornou depois simbólica para quem cultua o esporte, pois no cenário deslumbrante montanha-floresta-praia da EsEFEx, reuniu-se um grupo selecionado de convidados para assistir a uma apresentação de Woldemar Gerschler e Herbert Reidell (Fig 1), históricos inventores do Interval Training. Este evento, para quem o assistiu ou revisitou posteriormente, sinalizou a convergência de diversos acontecimentos ocorridos no Brasil dos anos 1960 - 1970 com referência ao que se passou a ser corrente como “Ciências do Esporte”, ou pelo seu segmento mais representativo, o “Treinamento Esportivo”.



**Fig. 1** Cenário natural da Escola de Educação Física do Exército - EsEFEx, Rio de Janeiro, Gerschler & Reidell, fundadores das Ciências do Esporte nos termos em que são reconhecidas atualmente.



Os famosos palestrantes alemães, o treinador de atletismo e o médico fisiologista, já então renomados mundialmente, preferiram palestrar informalmente deslocando-se na pista de atletismo comentando e dialogando, tendo Maria Lenk como tradutora e debatedora. Neste arranjo amigável de poucos e interessados assistentes, eu consegui me inserir por interferência de Jair Jordão Ramos - um dos responsáveis pela visita dos inovadores do Interval Training ao Brasil (1) - com o qual eu então me relacionava como voluntário para a criação do primeiro Museu da Educação Física e Esporte no Brasil.

Além de auxiliar JJ Ramos no projeto museológico, eu o seguia como mentor desde que ele era um dos pioneiros na promoção do treinamento esportivo com bases científicas no Brasil, uma opção com a qual eu me sentia mais identificado à época em lugar dos métodos ginásticos, então dominantes na Educação Física. Daí eu ter me tornado mais atento aos palestrantes ao ouvir deles a expressão “Sportwissenschaft” (Ciência do Esporte), usada com frequência além de enfatizarem em suas falas experiências e comprovação de evidências, numa postura típica de cientistas.

Maria Lenk, naquelas circunstâncias, mostrou-se à vontade, mais interpretativa do que uma mera tradutora, adotando uma linguagem próxima da lógica dos palestrantes. E como me foi antecipado por JJ Ramos, a ocasião adequava-se à já então considerada ícone da natação brasileira e professora modelo de Educação Física. Isto porque Maria Lenk, desde seu primeiro livro publicado em 1942, adotara abordagens científicas e de pesquisas como caminho a ser construído para a obtenção de bons resultados no esporte, quer com atletas ou com simples praticantes.

De qualquer modo, tornou-se evidente para muitos assistentes, eu inclusive com o meu entusiasmo de iniciante na profissão, que Gerschler e Reidell estavam anunciando



uma nova era no esporte e que o Interval Training era uma das portas de entrada – sobretudo prática, com inovadores suportes teóricos – para a renovação das atividades físicas à luz da ciência e do desenvolvimento por meio de pesquisas.

Ao final do passeio peripatético pela pista de atletismo que encantou os visitantes alemães por sua posição no sopé da elevação do Pão de Açúcar, fui apresentado num lapso de oportunidade à “professora” Maria Lenk por JJ Ramos. Houve apenas poucas palavras de cumprimento e sorrisos, porém eu, como “aluno”, estava tomado por um sentido de pertencimento a um fato que se ligava às minhas pretensões da juventude. E assim disposto, o meu primeiro contato com Maria Lenk foi superficial, mas eivado de significados históricos que posteriormente ressurgiram e se manifestaram de modo mais expressivo como passo a relatar em seguida.

## **PESQUISAS PIONEIRAS**

Em 1961 ocorreu meu segundo encontro com Maria Lenk, em circunstâncias relacionadas também com o Interval Training. Ela reapareceu quando buscava apoio para testar a aplicação prática do treinamento intervalado em piscinas. Para isso ela solicitou o uso da piscina olímpica e de atletas nadadores do Centro de Esporte da Marinha-CEM no Rio de Janeiro (hoje funcionando na mesma cidade sob a denominação de Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes - CEFAN).

Esta entidade lhe era familiar desde a década de 1930, quando suas instalações abrigaram a seleção brasileira de natação – na qual Maria Lenk era o maior destaque – para os Jogos Olímpicos de 1936 em Berlim. Também na fase de preparação, atuou o então famoso treinador japonês



Takashiro Saito, em regime de contratado pela Marinha Brasileira, tornando-se desde então uma das influências para o alcance de recordes mundiais pós 1936 por Maria Lenk (Fig. 2).



Fig. 2 Capa do livro de Takashiro Saito publicado no Brasil em 1935, uma obra marco das Ciências do Esporte, criada pelo famoso treinador em sua experiência no CEM.



Fig. 3 Instalações do Centro de Esportes da Marinha-CEM em ilha da Baía de Guanabara, Rio de Janeiro, em foto de 1960, na qual se identificam a piscina olímpica e a pista de atletismo num único conjunto.



De minha parte, com respeito ao CEM e ao reencontro com a recordista mundial de natação e então professora catedrática da Escola Nacional de Educação Física e Desportos-ENEFD/Universidade Federal do Rio de Janeiro, cabe esclarecer que eu era um mero encarregado do curso de especialização em Educação Física para cabos, sargentos e suboficiais da Marinha, e nesta função recebi a incumbência de dar o devido apoio às demandas da visitante ilustre. Eu ainda estava me adaptando ao CEM depois de cursar a EsEFEx, mas já liderava um trabalho exploratório de pesquisa além de formar praças especialistas navais. E como minha investigação relacionava-se ao Interval Training foi com satisfação que procurei produzir uma plataforma idealizada por Maria Lenk para apoiar o nadador na alternância de esforços com intervalos bem como para mobilizá-lo na água para a contagem de batimentos cardíacos. Este dispositivo deveria possibilitar cada atleta a fazer percursos de velocidade em água, sem sair da raia de modo a criar um intervalo para o percurso seguinte, com lapso de tempo estabelecido previamente.

Para este experimento houve a participação de Alfredo Gomes de Faria Junior, aluno de Maria Lenk na ENEFD, que na época se preparava para se tornar treinador de natação. Como tal, a dupla de experimentação passou a ocupar a piscina de 50 metros do CEM todas as manhãs durante um mês, com acompanhamento pessoal do então comandante do CEM, Capitão-de-Fragata Maurício Taveira, também por acaso atleta de destaque na natação durante sua formação na Escola Naval (ver capítulo de Alfredo Faria Junior neste volume). Coincidentemente o projeto de testagem prática de Maria Lenk teve em sua vizinhança a minha pesquisa - um experimento bastante limitado em seu escopo - que consistia naquele estágio em testes de aplicação do Interval Training em pista de atletismo com corredores de longa distância, submetidos a corridas de 200 metros, velocidade em ambiente tropical de temperaturas



elevadas e alto grau de umidade (2). A proximidade dos dois trabalhos de observação deveu-se à peculiar localização da piscina do CEM, então situada ao lado da pista de atletismo formando um único complexo como mostra a Fig. 3.

Assim disposto, surgiram naturalmente trocas de informações sobre os métodos utilizados pelos dois grupos que se estendiam na hora do almoço, então providenciado no próprio CEM por gentileza e participação do Comandante Taveira. Neste ambiente bastante descontraído, com apenas um mês de duração, foram forjadas amizades entre Maria Lenk, Faria Junior e eu, depois moldadas por décadas seguidas. E a temática das conversas no CEM, além de nossas tarefas, era naturalmente a abordagem científica do esporte, do treinamento esportivo e da própria Educação Física, na qual Maria Lenk revelava profundos conhecimentos e alto grau de engajamento. Neste particular, ela frequentemente nos brindava, os mais jovens, com saberes adquiridos por seus contatos no exterior e suas experiências práticas pessoais no lidar com o treinamento esportivo.

Embora a importância das descobertas científicas não fosse assimilada plenamente na Educação Física brasileira na época dos acontecimentos ora em relevo, Maria Lenk se antecipava na busca de explicações das variadas reações – físicas, psicológicas, nutricionais, etc. - resultantes do treinamento esportivo sujeito a interpretações multidisciplinares sobretudo na natação. Em complemento, Faria Júnior e eu passamos a incorporar os argumentos da “professora”, sobretudo quando ela defendia o caminho da produção científica própria por parte dos especialistas brasileiros. Este posicionamento não se mostrava como patriotismo, mas como simples caminho prático para se obterem melhores resultados e reforçar a base formativa e educacional do esporte nacional.



Outra abordagem sempre valorizada pela nossa “orientadora” durante os almoços no CEM era a da memória dos fatos passados diante de futuros desejáveis. Tal crença nas boas práticas e nos exemplos nos levou – nós, os “alunos” circunstanciais – a tomar conhecimento que aquele mesmo ambiente do CEM tinha constituído um dos possíveis esteios futuros da Medicina do Esporte no Brasil em meados da década de 1930, durante os preparativos para os Jogos Olímpicos de Berlim. Esta versão era desconhecida por mim até então e nos foi relatada por Maria Lenk, focalizando o papel assumido pelo Dr. Heriberto Paiva, médico da Marinha e, como tal, nomeado para atender a delegação brasileira nos Jogos Olímpicos de 1936. Em resumo, este personagem, em postura pioneira, entendia o seu apoio aos atletas de modo compartilhado com os treinadores, verificando também efeitos localizados do treinamento, não atendendo somente problemas musculares ou disfunções orgânicas típicas do atendimento médico tradicional. Por isso, Paiva criou testes de verificações de atletas incluindo instrumentação tecnológica que não vingaram por falta de continuidade e interesse na gestão das instituições do esporte nacional, civis ou militares.

Para Maria Lenk, o caso Paiva não constituía uma exceção, ainda em épocas posteriores, e que no início dos anos de 1960 se exemplificava pela escassez de informações escritas (livros, revistas técnicas, etc.) e de uma visível tendência das lideranças do esporte nacional – docentes, treinadores e gestores – que, em lugar de criar e investigar, favorecia a cópia de procedimentos e saberes da Europa, Estados Unidos e Japão. Embora genéricas, descompromissadas e simples trocas de impressões, tais interpretações originárias das reuniões de almoço, depois se mantiveram vivas, não somente por representarem à época um razoável perfil situacional das Ciências do Esporte no país, como também por induzirem, posteriormente, novos encontros dos três coadjuvantes.



## LIVRO INOVADOR

Depois dos reconhecimentos mútuos que tive com Maria Lenk no ambiente inspirador do CEM, partiu de meus interesses a iniciativa de procurá-la em 1968, quando ela se preparava para assumir o cargo de diretora da ENEFD, posição até então jamais assumida por mulheres. Embora me fosse perceptível que para ela o momento era impróprio pelo excesso de envolvimento, eu a abordei com um convite para participar de um livro coletivo por mim engendrado audaciosamente com a denominação de “A Moderna Ciência do Treinamento Desportivo”.

De saída expliquei-lhe que a obra planejada era um passo fundamental para o treinamento esportivo alcançar o status de prática científica no Brasil e que grande parte do conteúdo já estava praticamente rascunhado ou pronto. A minha assertividade correspondia a avanços profissionais desde que no interregno entre os encontros no CEM e o ano de 1968 em que eu conseguira transitar na área internacional do treinamento esportivo, publicado uma pesquisa no exterior – a primeira de autor brasileiro em língua inglesa – e participado de iniciativas em condições avançadas, considerando a Educação Física brasileira daquele momento (3).

Também após meu estágio no CEM, a partir de 1962, passei a servir na então existente Comissão Desportiva das Forças Armadas – CDFA, onde eu atuava somente em atividades esportivas, incluindo as localizadas no exterior. Na prática essas funções me afastaram da Marinha, inviabilizando prosseguir na carreira militar e me levando à transferência para a reserva. Nessas condições, em 1968, eu me candidatei a uma vaga então existente no Ministério da Educação e Cultura – MEC para coordenar as publicações da Divisão de Educação Física, em setor sediado no Rio de Janeiro (4).



Esta narrativa de cunho pessoal justifica-se enfim para dar compreensão à participação de Maria Lenk na proposta de publicar um livro que pudesse dar sentido e conteúdo à disciplina de “Treinamento Esportivo”, que se mostrava latente desde os debates informais no CEM. Por isso, o projeto do livro propunha-se ir além da publicação pelo MEC uma vez que visava à sua distribuição a cada aluno e a cada professor dos cursos de formação superior em Educação Física, estimando-se uma circulação próxima a quatro mil exemplares em 30 faculdades ou cursos militares equivalentes. Completando este livre acesso projetava-se capacitar no Rio de Janeiro um ou dois professores (as) oriundos(as) de cada Instituição do Ensino Superior – IES em Educação Física do país para assumirem funções de docentes da nova disciplina em proposição.

O plano inovador conquistou Maria Lenk ao ouvir de mim que o coletivo de autores do livro “Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Desportivo” consistia de nove autores sendo cinco médicos e quatro professores de Educação Física, numa distribuição de temas capaz de atender tanto às abordagens de base da Fisiologia do Esforço (nomenclatura da época) como os procedimentos metodológicos do treinamento físico-esportivo. Por seu turno, a escolha dos nove autores deveria seguir o critério de experiência prática em campo de modo a representar uma produção nacional diante de referências e não “cópias” do exterior. Em outras palavras, a proposta de organização do novo livro inseria-se claramente no ideário de renovação do esporte brasileiro com a qual Maria Lenk publicamente se identificava há vários anos.





**Fig. 4** Capa do livro de 1968 que implantou em definitivo as Ciências do Esporte no Brasil, com destaque à direita, a ilustração do capítulo de Maria Lenk, nesta obra que focalizou novas tecnologias no desenvolvimento de qualidades físicas.

Portanto, a aceitação da personagem ícone do esporte brasileiro em participar do projeto foi imediata e meu passo seguinte foi de obter também apoio para que o vice-diretor da sua gestão, Dr. Maurício Rocha, fosse incluído entre os autores. A razão desta inclusão era óbvia, pois este médico então recém-chegado à ENEFD – hoje amplamente reconhecido como o “pai” da Fisiologia do Exercício no Brasil – estava à época montando o primeiro laboratório para estudos de atividades físicas do país, o que valorizaria sobremaneira a obra pioneira elaborada sobre as “Ciências do Treinamento Esportivo”, ambientadas ao Brasil e assim intituladas por representar uma apropriação de um tema representativo do esporte com sua multiplicidade de disciplinas e de significados.

Sem hesitar, Maria Lenk me pegou pelo braço e me levou ao Maurício Rocha que estava numa sala próxima do prédio onde estávamos na ENEFD – antiga sede na Urca antes do transferênciã para o Campus da Ilha do Fundão, Rio de Janeiro – onde fui apresentado e solicitado a descrever mais uma vez o projeto. A reação foi outrossim favorável e a partir deste encontro foi criada uma relação similar e profícua como a estabelecida com Maria Lenk.



Vínculos entre pessoas de interesses convergentes à parte, o livro por mim concebido colocava Maria Lenk como autora de um capítulo introdutório com a história do Treinamento Esportivo em perspectivas internacionais e nacionais. Assim sendo, haveria possibilidades de criar pontos de partida compreensíveis para seus leitores, previamente definidos como alunos e professores das IES de Educação Física, bem como professores de Educação Física (nomenclatura usada à época) e treinadores esportivos em geral. A base seguinte de compreensão dos conteúdos do livro consistia na Fisiologia Aplicada ao Esforço Físico ao estabelecer os fundamentos para o manejo dos métodos de treinamento esportivo; acompanhava-se, portanto, em similar ao que houvera com o Interval Training, mas de modo a atender à multiplicidade de métodos surgidos na esteira dos avanços iniciados por Gerschler & Reidell.

Durante os acertos que se desdobraram após as adesões de Maria Lenk e de Maurício Rocha, acabei assumindo o capítulo de fundamentos históricos, pois a nova diretora da ENEFD só poderia ter uma participação limitada. Esta decidiu-se finalmente por um texto curto sobre as novas tecnologias então sendo lançadas nos Estados Unidos, que antecipavam uma outra renovação do treinamento físico-esportivo. Já o tema atribuído a Maurício Rocha teve boa acolhida, pois se relacionava com sua especialidade e suas escolhas temáticas para os trabalhos previstos no Laboratório de Fisiologia do Exercício - Labofise (nomenclatura atual), o qual foi finalmente inaugurado dois anos após nosso primeiro contato, ainda com a professora Maria Lenk na direção da ENEFD.

Mas o livro que procurava definir o sentido inaugural da nova disciplina “Treinamento Esportivo” ou “Metodologia do Treinamento Esportivo” completou-se finalmente tendo a ENEFD como plataforma de apoio, pois mobilizaram-se prioritariamente médicos e professores de Educação Física



com vinculações institucionais variadas e que se destacaram ao longo dos anos de 1960 com suas práticas na temática do livro. Esta diretriz me foi sugerida pelo Dr. Luiz dos Santos, médico e professor de Educação Física, que à época se tornara um exemplo do duplo papel de treinador e pesquisador com foco no desenvolvimento da força como qualidade física essencial no treinamento físico (Fig. 5).



**Fig. 5 Dr. Maurício Rocha (esquerda), médico, e Dr. Luiz dos Santos, médico e professor de Educação Física, autores do livro de 1968, que deram fundamentação à obra como ponto de partida para as Ciências do Esporte no Brasil.**

Com participação e aconselhamento de Luiz dos Santos – atuante no Rio de Janeiro com sua academia de halterofilismo – organizei a equipe prevista de nove autores, todos experientes e inclinados à inovação, em um quantitativo estimado a partir dos tipos de abordagem do livro planejado, cujo escopo se relacionava às bases de conhecimento e de práticas para a aplicação de métodos de treinamento e opções de pesquisa. Como tal, esta composição propunha-se a articular o trabalho dos treinadores com as intervenções da Medicina do Esporte, mesmo num certo ambiente de competição entre métodos como era perceptível à época.



Aliás, a obra planejada era a primeira no país que integrava médicos com professores de Educação Física, colocando seu significado científico acima de disputas antigas na EEFD, originalmente dirigida por militares e médicos. Não menos importante era a pretensão de se ter no livro a primeira mulher cientista do esporte no Brasil, o que me pareceu do agrado de Maria Lenk.

Mas de todos os modos, prevaleceu o critério da experiência prática e a capacidade de criar conhecimentos no tema identificado em cada um deles, como aconteceu com o professor Mario Cantarino (IES Educação Física Espírito Santo) no treinamento da velocidade; professor Athaide Ribeiro (ISOP-FGV) na psicologia; Dr. José Rizzo Pinto (Fluminense FC) no controle do treinamento; professor Benjamim de Viveiros (Grupo Força e Saúde) na Nutrição; e Dr. José Fracarolli (ENEFD) na Cinesiologia. Entre esses autores eu me inseria apresentando e caracterizando as qualidades físicas essenciais do treinamento além da força e velocidade – i.e. resistência e endurance – e respectivos métodos de desenvolvimento, naturalmente descrevendo nexos de conjunto de todos os temas abordados por meio de fatos históricos na introdução da obra.

Originariamente, o tema de “Bases Metodológicas da Pesquisa” foi previsto como o décimo item de abordagens do livro, mas o Dr. Sylvio Raso (IES Educação Física Minas Gerais), possível autor por preencher as qualificações desejáveis, estava indisponível durante as negociações editoriais, o que resultou mais uma vez em eu ter que substituir ausências (5). De qualquer modo, os nove autores finalmente produziram 23 capítulos em 351 páginas sob minha coordenação editorial, disponibilizando em meados de 1968 uma obra que correspondia certamente às expectativas de Maria Lenk pela desejável autonomia científica do esporte brasileiro.

Tratava-se enfim do primeiro livro coletivo da Educação Física organizado no país e que seguia com rigor aos pa-



drões de elaboração de trabalhos científicos – identificação nominal de fontes em confronto com as contribuições práticas e teóricas do autor do texto – algo ainda raro entre os profissionais e acadêmicos da área de conhecimento em questão. Nessas condições não foi surpreendente que “Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Desportivo” tenha de fato contribuído para a criação da disciplina almejada por Maria Lenk e seguidores. Isto porque houve mais duas edições patrocinadas pelo MEC-Divisão de Educação Física ao longo da década de 1970, período também de implementação dos principais laboratórios de fisiologia do exercício no país e de aparecimento de autores autônomos que desenvolveram livros-textos para a nova disciplina, renovando o conhecimento e criando inovações metodológicas. Neste particular, cabe citar Manuel Gomes Tubino, líder de destaque da Educação Física brasileira na segunda metade do século XX, cujo livro sobre Treinamento Esportivo alcançou 13 edições sucessivas (6).

Portanto, também não constitui surpresa que no final dos anos de 1990 uma pesquisa sobre tendências das então existentes IES de Educação Física no país (n=120) tenha demonstrado que a disciplina “Metodologia do Treinamento Esportivo”/ “Treinamento Esportivo” era a de maior preferência nas bases curriculares de formação profissional (7). Em síntese, a adoção da ciência como base maior da Educação Física e do esporte no Brasil tornara-se progressivamente dominante e que o livro-texto de 1968 constituiu uma base de sustentação do novo paradigma.

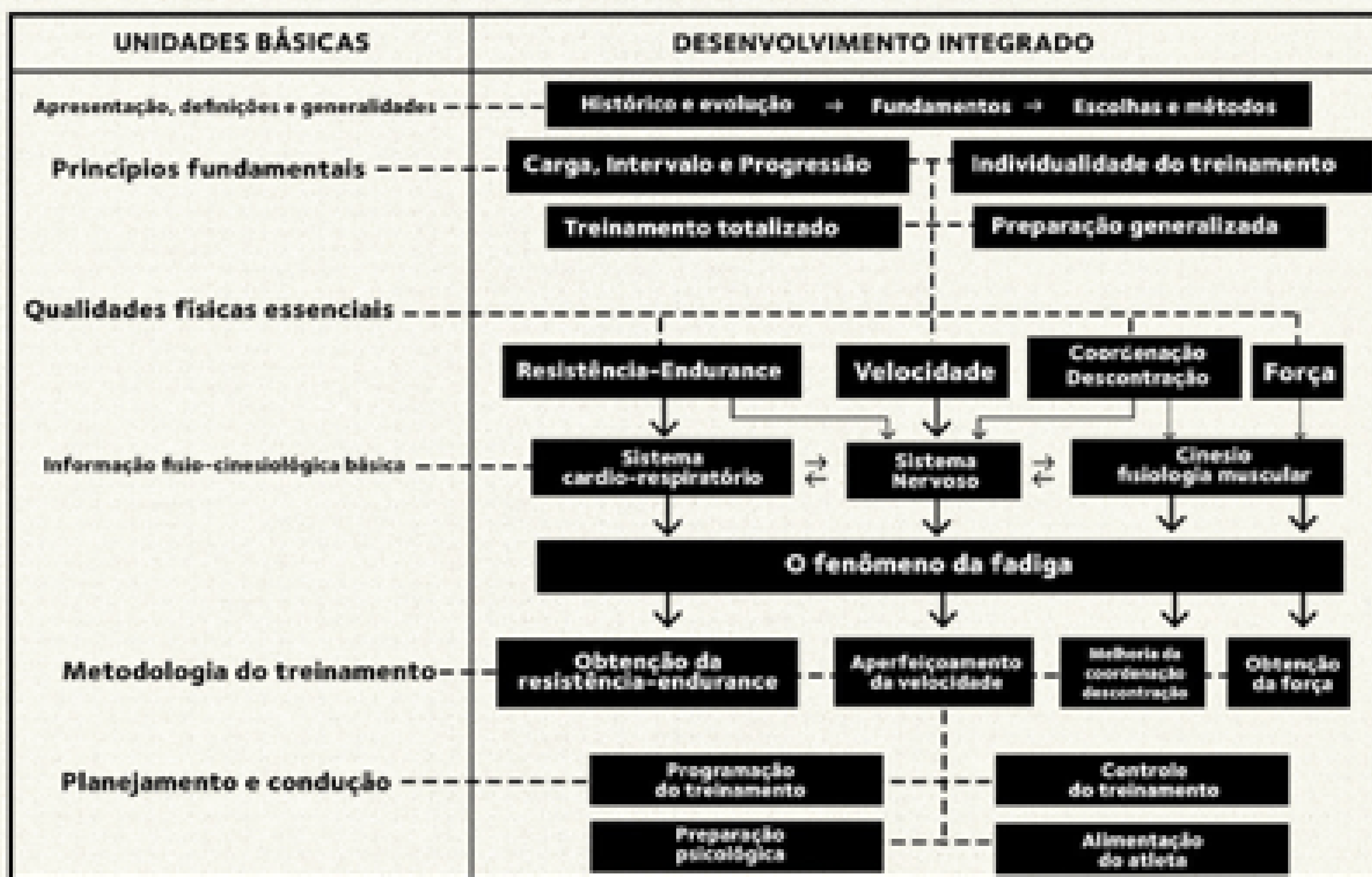
Outro registro histórico de importância remete-nos à renovação explícita representada pela publicação de “Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Desportivo” também indo ao encontro da inclinação de Maria Lenk e Maurício Rocha por interpretações científicas do esporte e da Educação Física, o que os uniu aos demais autores do livro. Esta convergência grupal se fez presente pela montagem



de um fluxograma de articulação das abordagens temáticas do livro, que foi disposto em página de abertura de modo a orientar os leitores em suas decisões de caminhos a percorrer por melhor conhecimento e de adoção de práticas.

Resumidamente, importa relatar que o sistema de caminhos a seguir (Fig. 6) constituía o que se chama hoje de algoritmo e foi montado por colaborações de todos os autores, pois caso contrário teríamos apenas uma coletânea de artigos e não um livro-texto de uma disciplina a qual se propunha ser unificada em suas diferentes aplicações. Em termos mais precisos, o algoritmo ad hoc impôs-se como uma inovação em semelhança com o aperfeiçoamento que Maria Lenk perseguiu anteriormente no nado butterfly, i.e., a busca do melhor diante de múltiplas escolhas.

**Algoritmo Pioneiro para o Treinamento Esportivo, 1968**  
**Pioneer Algorithm for Sport Training Development, 1968**



Ref.: DuCosta, L. (ed) A Moderna Ciência do Treinamento Esportivo, SEED-MEC, Brasília, 1968

**Fig. 6** O livro de 1968 incluiu em carácter pioneiro um algoritmo para orientar os usuários da obra na escolha de melhor caminho diante várias opções de métodos de treinamento físico vis-à-vis o controle das reações fisiológicas às aplicações de sobrecargas. Este dispositivo tem validade até os dias presentes nas pesquisas científicas relacionadas ao Treinamento Esportivo.



Este processo de decisões integrado inicialmente visava colocar no mesmo nível de importância o conhecimento da fisiologia do exercício, a prática de métodos de treinamento e a pesquisa em consonância com as múltiplas reações identificadas, segundo áreas de conhecimento pertinentes ao treinamento físico (biomecânica, psicologia, nutrição etc.). Isto porque o grupo estava convencido que o futuro das tão desejáveis Ciências do Esporte, em geral, e do Treinamento Esportivo, em particular, dependeria da pesquisa, atividade bastante rudimentar naquele estágio. Tal previsão mostrou-se válida nas décadas seguintes e hoje pode-se ainda considerar como avançados tanto o conceito gerador do livro como o algoritmo que definiu seus conteúdos, tendo ainda como pano de fundo as Ciências do Esporte hoje plenamente assumidas em suas possibilidades e propósitos.

Em síntese, o marco fundamental criado com o livro de 1968 caracterizou definitivamente as relações profissionais e amigáveis que eu tive com Maria Lenk entre 1961 e 2007 (ano de seu falecimento), um reconhecimento exposto na sua autobiografia “Braçadas & Abraços”. Mas hoje, ao revisar os acontecimentos, entendo que o livro “Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Desportivo” constituiu, sobretudo, uma obra colaborativa do fazer científico, um ideal perseguido por Maria Lenk e um exemplo sempre presente em suas realizações na Educação Física.

## **RECONHECIMENTO DA CAPOEIRA**

O ativismo em prol da Ciência do Esporte dos meus encontros com Maria Lenk voltou a se manifestar logo após o lançamento do livro “Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Desportivo”, em 1968. O foco, nesta nova encruzilhada, incidiu na capoeira, atividade numa primeira avaliação bem distante dos interesses de quem tinha sido recordista mundial na natação. Mas a iniciativa de envol-



ver a nadadora emérita com uma luta de ataque e defesa, ainda sem status de esporte, no tempo em que vivíamos, foi minha mais uma vez em razão de eu simplesmente participar de ações públicas para a institucionalização da capoeira ao longo da década de 1960 (8).

Meu envolvimento com a capoeira vinha de 1961, quando a luta estava ilhada na Bahia, como uma simples manifestação folclórica, e haviam surgido pequenos grupos no Rio de Janeiro e em alguns poucos lugares do país, informais e instáveis, que a cultivavam como ataque e defesa, mantendo alguns de seus rituais de identificação (9). Minha adesão à capoeira, inicialmente, resultou num livro que descrevia seus movimentos básicos e, depois, em meados da década de 1960, eu inovara publicando uma obra popular sob a denominação de “Capoeira Sem Mestre”, que passou a ser vendida em todo o país por propor soluções didáticas e práticas para a luta (10).

Antecipando esses acontecimentos e dando-lhes a devida importância, havia o fato de que a capoeira era uma prática proibida por lei no Brasil até meados dos anos de 1930, pela sua identificação com quadrilhas de criminosos no século XIX (“maltas”) no Rio de Janeiro, Salvador, Recife e São Luís. Assim, ainda nos anos de 1960, surgiam iniciativas de “descriminalização” da capoeira, pois a luta mantinha-se preservada por confinamentos. Uma das reservas isoladas da capoeira efetivou-se na própria ENEFD desde que, em 1945, o professor Inezil Penna Marinho publicara uma história da “luta brasileira”, esta última já sendo escrutinizada nos anos 1950-1960 pelo professor Alberto Latorre Faria, que produziu vários estudos de suas práticas e estilos. Embora esses docentes catedráticos tivessem grande prestígio na instituição então líder da formação superior em Educação Física do país, não foi possível progredir além de tais contribuições sugerindo a existência de um preconceito implícito que rejeitava a capoeira no ambiente universitário brasileiro.



Com a nova direção da ENEFD exercida pela igualmente professora catedrática Maria Lenk a partir de 1968, surgiu mais uma tentativa de abrir espaço para a capoeira ser reconhecida como esporte. A petição foi feita pela Federação Carioca de Pugilismo, que propôs à ENEFD a realização do “Primeiro Simpósio para a Regulamentação da Capoeira” objetivando um reconhecimento formal da luta nacional. Por trás desta proposta havia a liderança de André Lacé Lopes, meu amigo e coadjuvante do grupo de capoeira Artur Emídio - mestre baiano que se transferiu para o Rio de Janeiro - no qual eu fui fiel participante ao longo da década de 1960.

A opção “Simpósio” era uma formalidade cujo real objetivo era obter o reconhecimento da capoeira pelas universidades e, sobretudo, pelos cursos de formação superior em Educação Física, uma intenção que explicava o interesse de localizar o evento na ENEFD, na época considerada uma entidade modelo no seu setor. Neste contexto de “abrir as portas da universidade para a luta nacional”, como se propalava na época, eu decidi complementar as reivindicações de Lacé, formado em Administração e sem vínculos na Educação Física, por meio de esclarecimentos à diretora Maria Lenk, com quem eu alcançara prestígio e a possibilidade de diálogos.

Por conseguinte, mais uma vez surgiu oportunidade de re-visitatar as propostas das Ciências do Esporte no viés didático, pois ao ser procurada por mim a intelectual Maria Lenk revelou-se ligada à sua identificação atlética ao entender a capoeira como uma atividade esportiva e portanto - numa perspectiva de construção educacional - apta a ter seu conhecimento e prática ordenados como meios de ensino e aprendizagem. Em resumo, Maria Lenk não somente aprovou a solicitação da Federação Carioca de Pugilismo como decidiu participar do Simpósio para o qual convidou também o professor João Lira Filho, reitor da Universidade do



Estado da Guanabara (hoje Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ), reunindo assim as duas principais universidades da cidade do Rio de Janeiro. Ela também convidou o catedrático Alberto Latorre para o evento, mas Inezil Penna Marinho estava em Brasília, indisponível no período marcado para o acontecimento, final de agosto de 1968. Assim, a mesa de debates na ENEFD incluiu também o folclorista Edson Carneiro, os médicos Augusto Decani e Waldemar Areno e os dois únicos palestrantes André Lacé e Lamartine DaCosta, indicados para apresentar argumentos técnicos em favor da regulamentação (Fig. 7).



**Fig.7 Lamartine DaCosta fala em evento acadêmico sobre a capoeira, pela primeira vez, realizado em uma universidade; a coordenadora do evento, Maria Lenk, está na última posição da mesa à direita (Foto Jornal do Brasil, 25/08/1968).**

O Simpósio enfim foi realizado com conclusões pouco práticas, prevalecendo os apoios à regulamentação, mas outrossim mantendo o significado cultural da capoeira, implicando finalmente que as instituições – acadêmicas, esportivas e culturais – decidissem sobre uma ou outra opção. Mas, efetivamente, a simples ocorrência do evento chancelado por duas universidades criou o simbolismo da luta nacional estar finalmente presente no âmbito das uni-



versidades. Este resultado foi saudado pelos jornais como se pode apreciar pela Fig. 8.



**Fig. 8** Mesa do “Primeiro Simpósio para a Regulamentação da Capoeira” sob coordenação de Maria Lenk e tendo como palestrantes Lamartine Da Costa e André Lacé (extremidade direita assistindo a uma intervenção); (Foto Jornal do Brasil, 25/08/1968).

A conduta de Maria Lenk, por seu turno, revelou outra face significativa de seu ativismo esportivo, que neste relato permito-me interpretar como a de criar espaço de proteção para ações positivas com ampla visibilidade de seu engajamento e de sua liderança como apoio. Assim disposto, revela-se uma síntese do caso do reconhecimento público da capoeira em 1968 tanto quanto de outras circunstâncias similares posteriormente ocorridas nos contatos com a atleta símbolo da nação.

## **A RENOVAÇÃO DA ENEFD**

No período em que Maria Lenk exerceu a direção da ENEFD (1968-1972), as minhas relações com ela tornaram-se mais frequentes, sobretudo por convocações do professor Alfredo Gomes de Faria Júnior, o mesmo personagem de 1961, que então ressurgira como dirigente de uma Assessoria Técnica Educacional-ATE, criada pela nova diretora em 1969.



Em retrospecto, Maria Lenk conseguira transferir Faria Júnior de uma função que exercia no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, representação do Rio de Janeiro, para um novo cargo de direção na ENEFD. Tratava-se de uma função de coordenação atribuída a Faria Júnior, cujos antecedentes de trabalho em conjunto com sua antiga professora e mentora circulavam reconhecidamente como eficientes.

De fato, o dispositivo ATE era uma reação de Maria Lenk às circunstâncias de degradação das instalações e do apoio administrativo pela qual passava a ENEFD no período em pauta. O ambiente da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ tanto quanto do país, em geral, era conflituoso desde que o governo ditatorial instalado no país assumira posições radicais em 1968, que redundaram em atitudes descompromissadas e hesitações por parte dos dirigentes das entidades governamentais. Além disso, os professores catedráticos, ainda influentes no final dos anos de 1960, produziam frequentes encaminhamentos nem sempre harmonizados com a direção central. Por exemplo, a revista “Arquivos”, publicação oficial da Escola - criada em 1945, e a mais importante do país até os anos 1960 - interrompera sua publicação em 1966, sem reação prática dos docentes da ENEFD e, assim, limitando as reações para a solução do problema (11).

Portanto, a criação da ATE foi um dos primeiros atos da administração Maria Lenk, que procurou renovar a ENEFD contornando limitações da gestão da universidade e dos poderes “de fato e de direito” internos. Resumindo, a intervenção branca Lenk-Faria Junior desenvolveu-se por procedimentos paralelos às rotinas tradicionais destacando-se: (i) melhoria dos ambientes de ensino-aprendizagem com mobilização dos funcionários e introdução de meios audiovisuais avançados; (ii) recuperação da revista “Arquivos”; (iii) estímulos à produção de pesquisas; (iv) produção de publicações por mimeógrafos e impressos simplificados;



(v) ativação de procedimentos de informação bibliográficas; (vi) palestras abertas aos alunos com especialistas externos à UFRJ; (vii) cursos de inglês e alemão.

E, em complemento, a esses atos reativos, mas de efeitos imediatos, Maurício Rocha, acompanhando o ATE, deu início ao treinamento pioneiro de alunos e professores – da EEFD e de variadas origens – para atuarem no laboratório de fisiologia de atividades físicas, criando a primeira geração de iniciados em pesquisa laboratorial do setor de atividades físicas no país.

À sua vez, Maria Lenk passou a concentrar esforços na mudança da EEFD para a Cidade Universitária da UFRJ, na Ilha do Fundão, Rio de Janeiro, levando em conta que a construção das novas instalações caminhava lentamente desde meados da década de 1940. Houve, no caso, um gigantesco esforço da reconhecida heroína olímpica do país ao colocar todo seu prestígio nos contatos com países europeus e com entidades do Governo Federal brasileiro na busca de eficiência nas obras de engenharia e de aprovação de verbas. Além da mobilização de apoios, a atuante diretora da EEFD assumiu in loco a supervisão da construção, uma atitude incomum, que confirmou sua busca inabalável por resultados. Estes, finalmente, vieram e permitiram em curto período a mudança da EEFD para o Fundão em 1972, marcando com elevada significação o término da gestão Lenk na então considerada a mais importante IES de Educação Física brasileira.

Nesse contexto de importantes renovações, a minha participação se fez presente por palestras nos eventos da ATE e na criação de parcerias nas publicações técnico-científicas sob minha responsabilidade no Ministério da Educação (então conhecido como “MEC”). Nestas condições, assumi a função de editor do livro “Introdução à Didática de Educação Física” de Faria Júnior, acompanhando os impulsos



renovadores de 1969 como também atendendo às expectativas do “Programa de Publicações” da DEF-MEC (12).

Outra cooperação bem sucedida, durante a fase 1968-1972, aconteceu com a publicação do “Boletim Técnico-Informativo”, ou BTI, periódico sob minha direção, igualmente na DEF-MEC, que eu orientara para acolher novos autores e artigos sobre temas não tradicionais da Educação Física brasileira. A própria Maria Lenk deu exemplo de participação na inédita proposta editorial publicando no BTI artigo sobre avanços no treinamento de natação para competições de alto rendimento como também convocando técnicos da modalidade para contribuírem com estudos (Fig.9).

<b>Boletim Técnico Informativo</b>		<b>N.º 7 JAN/MAR 1969</b>
<b>MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA DIVISÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA</b>		
EDITORIAL		5
APRESENTAÇÃO NÚMERO ESPECIAL		9
CIÊNCIA E NATAÇÃO / MARIA LENK ZIGLER		19
COMO CONDUZIR O TREINO DO MEDLEY INDIVIDUAL / ROBERTO PAVEL		21
O CRESCENTE INTERESSE DOS ADOLESCENTES PELA NATAÇÃO / ALFREDO GOMES DE FARIA JÚNIOR		25
RELATÓRIO TÉCNICO DE TREINADOR DE NATAÇÃO DURANTE ESTADA NA EUROPA / RÔMULO ARANTES		31
TÉCNICA DO ESTILO DE PEITO / RENATO EDUARDO COUTINHO		43
MERGULHO DO TRAMPOLIM / GABINO ALARCON		74
APRENDIZAGEM DE NATAÇÃO PARA CRIANÇAS / SONIA MARA JOCKEN		79
TAPERING-OFF / JAN FREESEK		93
UM TÉCNICO OLÍMPICO DE NATAÇÃO EM VISITA AO BRASIL / MARIA LENK		96
ESTUDO DAS VIRADAS / JAMES COUNSILMAN		102
PLANO DE TREINAMENTO DE PELO / ROBERTO PAVEL		110
ESTUDO DAS SAIDAS / JAMES COUNSILMAN		118
NADO DE PEITO CLASSICO — ESTILO RUSSO		127

Fig. 9 Página de Índice do no. 7 do Boletim Técnico Informativo - BTI, DEF-MEC, 1969, em que são listados artigos inovadores sobre natação de alta competição, como também propostas de inovação no Treinamento Esportivo, tanto de origem internacional como nacional.



Destaque-se, por ser significativo, que várias pessoas envolvidas com a ATE - tanto no pré-funcionamento do Labofise como nos eventuais apoios à gestão Maria Lenk - atuavam frequentemente como voluntárias, quer vinculadas à UFRJ ou a qualquer outra origem. Nessas circunstâncias cabe mencionar Paulo Murilo Iracema, que secundava Faria Júnior, bem como Attila Flegner, que compartilhava o Labofise com Maurício Rocha, ambos egressos da EEFD, onde tinham sido alunos. Maurício Capinussú (jornalista) e Luiz dos Santos (médico) eram candidatos a docentes na EEFD e assessoravam a diretora, tendo o primeiro revigorado o periódico “Arquivos” em 1972, conforme registra o historiador Victor de Melo em (12).

Entre esses voluntários cabe mencionar Manuel Gomes Tubino - já antes aqui lembrado - que apoiou a ATE com palestras e participação em eventos sobre novas tecnologias educacionais. Em semelhança com minhas andanças profissionais, ele era originário da Marinha e cursado a EsE-FEx, mas deixara o meio militar para se dedicar à Educação Física e ao ensino universitário. Portanto, a conexão com Maria Lenk para Tubino, eu, Faria Júnior e outros tantos apoiadores, constituiu uma oportunidade de encontro de jovens iniciantes da Educação Física, que naquele estágio colocavam suas esperanças na renovação (Fig. 10 e 11).



**Fig. 10** Fotos do início dos anos 2000, com Maria Lenk, com ex-participantes da renovação da ENEFD, Roberto Pavel e Alfredo Faria Júnior.





**Fig. 11 Foto do início dos anos 2000  
Manuel Gomes Tubino, posteriormente um dos líderes  
da Educação Física brasileira nas décadas 1980-1990-2000.**

Em específico, Faria Júnior, Tubino e eu passamos a procurar convergências de interesses na temática da Educação Física surgida na ATE e que nos trouxe afinal uma amizade duradora e significativa. Neste contexto, incidentalmente, descobrimos que nos ajustávamos ao que Maria Lenk então propalava como ideal para uma renovação da nossa profissão em termos brasileiros: produzir estudos próprios, deixando de valorizar excessivamente autores estrangeiros; buscar fluência em inglês ou alemão; adotar as ciências como base para todas as atividades; dar ênfase a novas formas de práticas esportivas; e promover relações internacionais.

Efetivamente, as linhas mestras valorizadas por Maria Lenk já circulavam nos almoços do Centro de Esporte da Marinha em 1961 e, até mesmo, podiam ser encontradas nas entrelinhas dos seus dois livros da década de 1940. Ou seja: as bases de renovação refletiam a própria personalidade da primeira recordista mundial do esporte nacional. Em consequência, o trio Faria Júnior-Tubino-Lamartine apenas promoveu “polimentos” (expressão do treinamento esportivo



à época) nos requisitos que apontavam para uma possível e bem-vinda era das Ciências do Esporte com inclusão da Educação Física.

A simples consideração dos livros e artigos do trio citado entre 1968 e 1973 já revela um tom cientificista explícito nos textos (13). Este ímpeto revisionista fez parte, outrossim, da ATE que promoveu, também, de forma aberta, a adoção do rigor da ciência nas publicações da Educação Física (exigência de referências padronizadas, apresentação de dados, prevalência de relatórios de estudos e pesquisas em lugar de textos com linguajar leigo, banimento da ausência de fontes, etc.) desobedecidos habitualmente pelos especialistas nacionais do setor, incluindo catedráticos.

Essa busca de melhorias resultou significativamente numa “Escola Científico-Pedagógica”, um acordo intelectual para a defesa de posições avançadas na Educação Física, no esporte e no lazer, diante do estado de atraso que se identificava com frequência nestes setores no Brasil. A ideia deste movimento emergiu naturalmente nas relações Faria Júnior - Tubino - Lamartine, mas jamais se concretizou na prática, permanecendo informalmente como uma proposta provocativa, mobilizadora e, por vezes, irônica. Neste sentido, a Fig. 12 apresenta uma postagem de minha lavra incluída nas redes sociais em 2019, em que as propostas da “Escola” foram lembradas por ocasião dos seus 50 anos de criação. A mensagem apresentou-se “in memoriam” de Manuel Tubino e Faria Júnior, falecidos respectivamente em 2008 e 2019.





**Fig. 12 Post de redes sociais em 2019 para comemorar a criação da “Escola” Científico-Pedagógica de Educação Física e Esporte em seus 50 anos de existência informal e conforme propostas de reforma advindas da gestão de Maria Lenk na ENEFD-UFRJ no período 1968-1972.**

De qualquer modo, o pretendido aggiornamento da EEFD na gestão Maria Lenk, senão efetivo nas suas transações internas, transcorreu com impactos favoráveis para o desenvolvimento das Ciências do Esporte no país. Ainda em 1971, Manuel Tubino foi convocado para dirigir a Escola de Educação Física de Volta Redonda (EEF-VR), entidade privada e a primeira na sua especialidade além da EEFD a ser criada no Estado do Rio de Janeiro, localizada na cidade do mesmo nome, distante 110 quilômetros da capital estadual (14). Sintomaticamente, Tubino, para compor o corpo docente inaugural, convidou Faria Júnior, Lamartine DaCosta, Maurício Capinussú e Roberto Pavel (ex-aluno de Maria Lenk) para acompanhá-lo, dando sobrevivência ao ideário da ATE e às provocações da Escola Científico-Pedagógica.



Posteriormente, em 1979, o mesmo trio foi convocado para participar da criação da Pós-graduação “stricto sensu” da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo - EFEE-USP, o primeiro curso de Mestrado em Educação Física do Brasil. Neste estágio, entretanto, as influências de Maria Lenk poderiam constar apenas como ponto de partida, pois as propostas da EEFD-USP, por si próprias, já enfatizavam a pesquisa científica, a autonomia acadêmica e as relações internacionais (15).

Contudo, ao se focalizarem as repercussões pós gestão Maria Lenk no que se refere a Maurício Rocha, surge uma continuidade mais efetiva. A guisa de exemplo, cabe relatar que, em 1972, a DEF-MEC e a Academia do Conselho Internacional do Esporte Militar - ACISM promoveram um Estágio Técnico no Rio de Janeiro, no qual o então dirigente do Labofise - EEFD e eu atuamos como palestrantes: Mauricio Rocha abordando a fisiologia do exercício e eu, a metodologia da pesquisa. O evento foi inédito no país como intercâmbio internacional da área de atividades físicas, ocorrendo durante duas semanas com 90 alunos, médicos e professores de Educação Física, vindos de vários estados do país. Do exterior, compareceram Kenneth Cooper, Philip Rasch e Raoul Mollet, à época nomes relevantes no âmbito internacional na temática de treinamento físico e atividades físicas para a saúde. Também naquela oportunidade participaram com estagiários os médicos Eduardo De Rose (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e Maria Augusta Kiss (USP), ambos titulares dos primeiros laboratórios em suas universidades, similares ao dirigido por Maurício Rocha (16).

Em suma, o impulso viabilizado por Maria Lenk com respeito à ativação do Labofise, no final de sua gestão, já tinha permitido uma parceria internacional capaz de gerar relações acadêmicas, um dos fundamentos para o desenvolvimento científico. Posteriormente, o intercâmbio do Labo-



fise com outras congêneres nacionais, depois do evento DEF-MEC/ACISM, levou-o a se tornar um laboratório-referência para todo o país em 1979, segundo a posteriori relatou o próprio Maurício Rocha (17).

Enfim, diante desses fatos revisitados e partindo de interpretações no tempo presente, permito-me interpretar as repercussões da gestão de Maria Lenk na EEFD como pontuais, i. e. delimitadas por relações locais e circunstanciais, desde que os anos de 1970 foram profícuos no Brasil quanto à recriação e aos avanços da Educação Física de modo descentralizado e por iniciativas autônomas. Esta caracterização foi amplamente demonstrada pelo mapeamento das atividades esportivas em conjunto com a Educação Física e o lazer, segundo levantamentos do “Atlas do Esporte no Brasil”, publicado em 2005 por DaCosta - Org. (18).

Por conseguinte, Maria Lenk pode ser considerada um ícone das Ciências do Esporte no Brasil vis-à-vis diversas outras personalidades pioneiras da área de atividades físicas do país, mas com o devido mérito por ter promovido a ENEFD/EEFD no sentido de sua instituição de origem e de célula mater da Educação Física brasileira. E, como ela mesma comentava nos encontros fortuitos com os pioneiros da ATE e do Labofise, o exemplo de realizações práticas passadas era o melhor que ela poderia entregar aos seus alunos e seguidores.

## **ACORDO BRASIL-ALEMANHA**

Após seu término na direção da EEFD, de 1973 em diante, Maria Lenk retornou às suas funções docentes, nas quais se manteve até 1979, quando se aposentou. Neste final de carreira, ela deu continuidade às suas funções de membro do Conselho Nacional de Desportos - CND e de assessora



do Comitê Olímpico Brasileiro-COB, como também reorganizou suas disciplinas para a entrega a substitutos. Entretanto, o período dessas ocorrências na EEFD transcorreu eivado de conflitos: a mudança da Urca para a Ilha do Fundão produziu importantes reações negativas entre os professores, e a UFRJ mudou sua organização de cátedras para departamentos, gerando dificuldades no ensino da EEFD, que se alongaram até o final da década, segundo relatos de Waldyr Ramos, que vivenciou internamente o período em questão (19).

Porém, considerando o ativismo crônico de Maria Lenk, tanto com respeito às melhorias do esporte brasileiro como à sua dedicação de vida posta no desenvolvimento do esporte como ciência, a década de 1970 e o início dos anos de 1980 foram dedicados a outro grande empenho que coincidiu com as oscilações da EEFD: o Acordo Brasil - Alemanha, um instrumento de cooperação internacional que consolidou definitivamente as Ciências do Esporte no Brasil.

Historicamente nas lides da Educação Física e desde o século XIX, sempre houve aproximações entre os dois países dada a influência da imigração alemã no sul do Brasil. Entretanto, a motivação do reencontro acordado em 1963-1983 foi originalmente econômica em âmbito nacional, vinculada à transferência de tecnologias por vezes reforçada por cooperação científica. Neste contexto, Maria Lenk inseriu-se não somente dada as suas origens familiares e profissionais na Educação Física como também pelo pleno reconhecimento de receptora de personagens importantes do esporte, eventuais visitantes do Brasil, como antes aqui exemplificado pela histórica passagem de Gerscheler e Reidell no Rio de Janeiro.

Inicialmente, o Acordo Brasil-Alemanha, ao longo da década de 1960, restringiu-se de forma pública e notória nas negociações e no maior enfoque da produção de energia



atômica, porém nos anos de 1970, os interesses alemães se voltaram também para o esporte e a Educação Física, sem explicações formais de ambas as partes. E neste encaminhamento, em nome do Governo da Alemanha (“Ocidental” na época), destacou-se a Universidade do Esporte de Colônia (Köln Sport Universität) de grande prestígio, tanto no seu país como em âmbito internacional.

A conexão Colônia-Maria Lenk desenvolveu-se tendo como personalidade atuante do lado alemão Liselott Diem, doutora em Educação Física, um título ainda não comum no Brasil. E, como as premissas de trabalho eram governamentais, Maria Lenk foi nomeada pela DEF-MEC como representante do lado brasileiro das negociações, colocando mais uma vez a EEFD em destaque. Mas foi a Dra. Liselott Diem quem trouxe a atenção do mundo esportivo ao Acordo, pois era viúva de Karl Diem, famoso fundador da Universidade de Esporte na Alemanha, organizador maior dos Jogos Olímpicos de Berlim 1936 e um dos fundadores da Academia Olímpica Internacional, Grécia, 1963. Ela pessoalmente também se tornou famosa por sua produção de obras didáticas em Educação Física nos anos 1960, com destacada penetração internacional.

Ou seja: o Acordo Brasil-Alemanha no seu significado esportivo, a julgar pelas lideranças iniciais nos dois países, galgou suas melhores condições de visibilidade no início da década de 1970. E, acima de tudo, a aliança conquistou prestígio técnico e geopolítico bem como trilhou progressivamente em uma carreira de sucesso, por ter adotado como enfoques dominantes postos na “cientificidade e modelagem pedagógica”. Esta postulação veio a público em 2017 por uma avaliação do Acordo feita por Fernanda Cristina dos Santos, em dissertação de mestrado para a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG (20). E neste viés de interpretação incluo aqui e agora minha concordância por ter testemunhado o



desenvolvimento do Acordo assessorando Maria Lenk e participando diretamente em ações de cooperação.

Ainda influenciado pela experiência prática ATE-Labofise e pela teoria idealista da pretensa “Escola Científica-pedagógica”, em 1973, participei a convite de Maria Lenk em encontros com Liselott Diem na sede da UFRJ, no Bairro da Urca, Rio de Janeiro, como também na residência de Maria Lenk, na mesma cidade, na rua Cupertino Durão 16, apartamento 302, no Bairro do Leblon, 150 metros distante da praia do mesmo nome, onde a famosa recordista mundial nadava todos os dias.

A razão principal da minha convocação por Maria Lenk deveu-se ao fato de eu ter produzido para o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, Ministério do Planejamento / Governo Federal, o “Diagnóstico de Educação Física e Desportos no Brasil”, o primeiro grande inventário de dados sobre a área de atividades físicas no país, obra inédita publicada em 1971 (21). Com essas informações em mãos, passei a participar em condições eventuais de reuniões nas quais se discutia a viabilidade das propostas trazidas de Colônia e o detalhamento dos programas de cooperação. Alguns posicionamentos do Diagnóstico foram inclusive citados no “Braçadas & Abraços”, confirmando assim o valor dado por Maria Lenk ao levantamento pioneiro de 1971.

Em um desses encontros coordenados por Maria Lenk, conheci August Kirsch, que naquela ocasião secundava Liselott Diem nas tratativas do Acordo. E, por coincidência, com minhas inclinações científicas no período em que vivíamos, tomei conhecimento que Dr. Kirsch era um dos mais famosos scholars de Colônia, com pesquisas no Atletismo e produção acadêmica explicitamente voltada para a construção da Ciência do Esporte (22). Em outras palavras, surgiu diante de mim, com personagens reais, a materialização da decantada integração da pedagogia (Diem) com a ciência (Kirsch) na Educação Física e no esporte.





**Fig. 13 Liselott Diem e August Kirsch, dirigentes do lado alemão do Acordo Brasil-Alemanha que cultivavam a integração da pedagogia nas Ciências do Esporte nos anos iniciais de 1970.**

Outro fato que se tornou perceptível, e que compartilhei com Maria Lenk no decorrer das transações, consistiu na tendência dos doutores pesquisadores alemães que nos visitavam em conceber a cooperação entre os dois países como centralizada apenas nos direcionamentos gerais e na programação das ações. Para eles, os especialistas visitantes em instituições brasileiras, a liberdade de ação era um requisito básico, pois habitualmente tinham funções acadêmicas na Alemanha com compromissos mais voltados para conhecimentos e não para ordenações burocráticas ou gerenciais.

Nestas condições, Diem e outros negociadores daquele estágio assumiam os projetos como simples referências em clara distinção ao valor que nós, os brasileiros, dávamos inicialmente às orientações governamentais. Esta postura se impôs por si mesma, sem qualquer combinação ou formatação no grupo de negociadores, resultando, afinal, no que então foi nomeado de “revoada de doutores”, desde que docentes e pesquisadores com esta titulação se tornaram uma opção preferencial.



Maria Lenk, diante de um nivelamento por cima com respeito às contribuições da participação germânica, ajustou-se às escolhas propostas pela Universidade de Colônia, pois se identificavam com uma melhor formação profissional, algo inquestionável naquele estágio. Esta tendência também era avalizada pelos dados do “Diagnóstico” de 1971, que apontavam claramente para a necessidade de uma melhor formação dos profissionais de Educação Física, com encaminhamento progressivo para a pós graduação e para a realização de pesquisas. Assim sendo, o foco posto nos “doutores” nos pareceu adequado, mas não nos afastamos, contudo, dos temas a serem escolhidos para a necessária alocação de especialistas alemães, deixando-a a critério das negociações com as instituições brasileiras acolhedoras de ofertas de intercâmbio.

Por conseguinte, o período entre 1974 e 1983, ano em que o Acordo teve sua vigência terminada, instalou-se um fluxo Alemanha-Brasil de especialistas jamais repetido e que hoje pode ser considerado um dos principais suportes da consolidação das Ciências do Esporte no país. Em oito anos, 78 expertos e gestores – homens e mulheres, e na maioria especialistas em Educação Física e médicos – visitaram o Brasil, dirigindo-se para vários Estados e operando de modo descentralizado com know-how disponibilizado para instituições esportivas, escolares e universitárias locais. Deste total, 45 tinham o grau de doutor com vinculação a 11 universidades da Alemanha, sendo 31 ligados à Universidade de Esporte de Colônia; dos 33 visitantes restantes, 12 eram arquitetos, 18 eram gestores ou técnicos (Comitê Olímpico e Confederação de Esportes da Alemanha) e 3 eram funcionários do Governo da República Democrática Alemã, hoje “Alemanha” (23).

Esta inusitada e até então desconhecida aliança entre Brasil e Alemanha ganhou prestígio pelo seu porte na área esportiva e da Educação Física e coincidiu com outros



avanços no país entre 1974 e 1982, tais como: a criação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte - CBCE, a multiplicação dos laboratórios, a multiplicação de IES de Educação Física, os primeiros mestrados de Educação Física, os sistemas de informação bibliográfica e a expansão dos periódicos técnico-científicos. Embora o país estivesse submetido a uma ditadura, o ambiente era de criatividade, uma circunstância semelhante à simbiose de conflitos sociais com inovações culturais surgida à época nos Estados Unidos, França, Leste Europeu e Japão. Aliás, registre-se que Faria Júnior, em anos adiante, chamou atenção desta aparente contradição em um de seus relatos sobre a fase da ATE na ENEFD (24).

E não por acaso, Liselott Diem preferia se referir ao Acordo como “Sport Förderung” (Promoção do Esporte), evitando expressões como “desenvolvimento”, “assistência técnica”, “ajuda”, etc. desde que os especialistas do Acordo vindos da Alemanha deveriam criar autonomia local, por meio de ações de compartilhamento, de cooperação mútua. Havia naturalmente uma idealização do Acordo Brasil-Alemanha, mas o fato de se dar prioridade aos ambientes escolar e universitário gerou resultados coerentes com as propostas. Estes, por sua vez, ganharam transparência pela publicação na Alemanha, ainda em 1983, de um inventário detalhado sobre os acontecimentos do Acordo organizado por Liselott Diem, Manfred Löcken e Siegfried Hummel. Daí ser possível ainda hoje consultar essa documentação sob formato de livro, identificado pelo título “Sportförderung in Brasilien”, chancelado pela Universidade de Colônia e publicado pela editora Verlag Hans Richartz (Sankt Augustin, 1983).

As informações monitoradas por Diem et al. ao longo do Acordo permitiram registrar centenas de visitas, eventos, palestras, cursos, elaboração de artigos e livros, orientação de dissertações, treinamento gerencial, montagem de projetos e realização de pesquisas no Brasil e, em alguns casos, na Alemanha por brasileiros em visitas, estágios e



cursos. Esses atos de cooperação revistos nas 260 páginas do livro citado mereceram registros e relatos com avaliações incluídas em situações selecionadas, permitindo subsentender a obra como histórica em termos de Ciência do Esporte no Brasil. Note-se ainda no âmbito desta interpretação, que o Acordo Brasil-Alemanha é apresentado explicitamente no livro-inventário como um projeto Relacionado às Ciências do Esporte.

Em resumo, o livro Diem, L. et al. (1983) representa hoje o legado de extensas redes de relações montada no período 1973-1982 entre especialistas alemães e brasileiros em Educação Física, Medicina Esportiva, Arquitetura Esportiva e Gestão do Esporte, que produziu impactos variados com alguns deles até hoje persistentes. Neste contexto, vale dar destaque aos estudos já mencionados de Fernanda Cristina dos Santos (2017) e Alberto Carlos Amadio (2007), que demonstraram a consolidação dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* respectivamente na Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG e da Universidade de São Paulo-USP como resultado de relações acadêmicas com cientistas alemães (25).

O funcionamento em rede e com ações descentralizadas no transcorrer do Acordo tornou Liselott Diem móvel no Brasil, sendo acompanhada por vezes por Maria Lenk, que transformou sua residência no Leblon, Rio de Janeiro, numa espécie de hotel improvisado para eventualmente apoiá-la. As instalações da UFRJ na Urca, entretanto, continuaram a servir de ponto de encontro dos especialistas alemães que, quando chegavam ao Brasil, descendo no Rio de Janeiro, entravam em contato com Diem e Lenk. De minha parte, eu apoiava ambas por demandas ocasionais, mas com participação preferencial em ações internacionais do Acordo, como veio a acontecer ao me relacionar com Jürgen Palm do DeutschSportBund - DSB (Confederação Alemã de Esportes) e com Jürgen Dieckert, professor doutor da Oldenburg Universität.



As conexões Palm e Diekert são ora postas em evidência por terem sido exemplos de rede acadêmica, um procedimento ainda em experimentação no Brasil à época e no âmbito da pós-graduação em Educação Física. Com o primeiro eu me associei para a realização de seminários de treinamento de dirigentes em “Esporte para Todos” em São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Brasília, tendo antes visitado a sede da DSB em Frankfurt como observador dos métodos de Gestão do Esporte na Alemanha (Fig. 14). Posteriormente, em 1998, Palm como líder da Trim and Fitness Sport for All Association – TAFISA, fez um acordo com a UNESCO para a produção de um livro internacional sobre o Esporte para Todos, atribuindo à minha pessoa em associação com Ana Miragaya a organização e a editoração da obra (26). Este fato exemplifica, no presente relato, um dos impactos a longo prazo de relações em rede no mundo da ciência, procedimento que caracterizou o Acordo Brasil-Alemanha desde suas propostas recompostas em 1973.



**Fig. 14 Lamartine DaCosta (esquerda) e Jürgen Palm atuaram em projetos de cooperação apoiados pelo Acordo Brasil-Alemanha com alcance em vários outros países no tema de Esporte para Todos.**



Com o segundo, manteve relações de estudos, pesquisas e publicações por apoios múltiplos no Brasil e no exterior uma vez que Dieckert atuou como professor visitante no recém-inaugurado Mestrado em Educação Física da Universidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Em adição a esta função acadêmica, ele coordenou o programa de publicações do Acordo Brasil-Alemanha, que obteve apoio irrestrito de Liselott Diem. Dieckert, aliás, era considerado um scholar modelo da cooperação Brasil-Alemanha, tanto por Diem como Lenk: ele se tornou fluente em português e escolhia temas de significado local para suas orientações e pesquisas, o que teve continuidade mesmo após o encerramento do Acordo em 1983. Ele foi também um hóspede frequente da residência Lenk no Leblon (Fig. 15).



**Fig. 13 Jürgen Dieckert foi o especialista alemão de grande destaque no Acordo Brasil-Alemanha pelo notável trabalho desenvolvido na publicação de livros nas duas línguas; à direita exibe-se capa de livro produzido por Dieckert com a participação de Lamartine DaCosta.**

Por outro lado, nos encargos editoriais de Dieckert situou-se o maior engajamento de Maria Lenk no Acordo ao apre-



ciarmos post hoc o seu programa de publicações. Esta promoção teve como referência editorial as Ciências do Esporte e usou a infraestrutura da editora “Ao Livro Técnico”, com sede no Rio de Janeiro, uma empresa de raízes alemãs. Desta concertação de interesses surgiu a “Coleção Educação Física”, publicada em fins dos anos de 1970 e ao longo dos anos de 1980, reunindo livros de autores alemães e brasileiros participantes diretos ou colaboradores indiretos das ações do Acordo.

Com o foco principal da Coleção gerenciada por Dieckert posto em obras de atualização a partir de originais alemães foram publicados 38 livros em língua portuguesa, sendo 6 de autores brasileiros com produção inédita: Alfredo Faria Junior, Lamartine DaCosta, Celi Taffarel, Ubirajara Oro (em parceria com August Kirsch), Sieglinde Lenk, Victor Marinho e Claudio Gil Soares de Araújo. Maria Lenk, nesta linha de publicações, atuou como coordenadora da tradução das contribuições alemãs, sendo ela mesma tradutora dos livros de Liselott Diem e Jürgen Dieckert, mantendo-se atuante mesmo depois da sua aposentadoria.

Em conclusão, importa enfatizar que o Acordo Brasil-Alemanha não teve apenas bons resultados na UFMG e na USP, como se pode subentender da fonte citada “Sport Förderung in Brasilien”. Isto porque o impulso desenvolvimentista aconteceu pela transferência da experiência dos professores e pesquisadores alemães aos seus parceiros acadêmicos brasileiros em termos de relações pessoais visando a avanços mútuos na produção de conhecimento e respectiva publicação. Esta linha de conta, contudo, não constituiu novidade para Maria Lenk, pois com certeza tratava-se de um procedimento habitual que marcou a sua carreira e que hoje identifica os cientistas do esporte e da Educação Física no Brasil como em qualquer outro país de destaque nesta área de saber.



## CIÊNCIA VERSUS POLÍTICA

A ideia síntese que desvela Maria Lenk como mulher cientista pioneira do esporte em nosso país, em tese, nos serviu também para entendê-la anteriormente como intelectual do mundo da Educação Física, uma postura perseguida por ela desde que publicou seu primeiro livro em 1942 (ver capítulo do presente livro que revisita a vida de Maria Lenk por meio de suas obras escritas). O percurso cientificista, entretanto, nela manifestou-se por avanços e retrocessos em princípio por ser uma mulher vitoriosa no mundo do esporte dominado por homens e, depois, por lidar com descalabros que tipificaram o esporte de alta competição no Brasil dos anos de 1930.

Tal mal estar em face a preconceitos foram postos em registros factuais no livro “Braçadas & Abraços” de 1982, antes aqui mencionado como obra autobiográfica da primeira heroína olímpica do país. Porém, na mesma publicação não foram relatadas as dificuldades enfrentadas pela então diretora da EEFD quando da mudança em 1972 desta entidade, da Urca para a Ilha do Fundão, no Rio de Janeiro, com impactos negativos ao longo da década. Permitindo-me um posicionamento de resgate dessas circunstâncias cabe-me citar Faria Júnior em uma de suas entrevistas em 2006 para dissertação de mestrado sobre sua vida profissional nas décadas 1960 e 1970, tendo como autor Alvaro Millen (24). No concernente aos embates surgidos na mudança da EEFD para o Fundão, o então responsável pela Assessoria Técnica Educacional-ATE declarou que as reações tiveram como origem a desorganização da vida profissional e pessoal de muitos professores dado ao difícil deslocamento no acesso às novas instalações. Por outro lado, Maria Lenk se mostrou inflexível quanto ao objetivo da EEFD assumir a nova sede até o final de 1972, o que aconteceu finalmente como planejado.



O rigor adotado por Maria Lenk nos seus compromissos como gestora já são apontados em outras colaborações para o presente livro, mas aqui importa revê-lo no sentido de identificar melhor uma das reações contra ela vinda de um grupo autodenominado como ideológico. O conflito, no caso, emergiu como ato político, desde que Maria Lenk foi acusada de tentar inibir atuações de determinados professores por serem “esquerdistas”, mas o que ocorreu de fato foi a recusa em se deslocarem para o Fundão, onde o ativismo político seria naturalmente dissolvido em face às dificuldades de contato. Portanto, a rigorosidade da diretora da EEFD foi politizada simplesmente por contrariar interesses grupais fixados na UFRJ da Urca, onde circulava um grande número de estudantes e professores.

Este esclarecimento me foi dado por Margarida Menezes, professora aposentada da EEFD, que compartilhava com Maria Lenk, nos anos de 1970, a disciplina de natação e nado sincronizado (comunicação oral, 2020). Na mesma linha de conteúdo, vieram a mim declarações de Waldyr Ramos, professor que assumiu as disciplinas de Maria Lenk quando da sua aposentadoria em 1979 (comunicação oral, 2020).

Atentando para esse preâmbulo, pode-se, sobretudo, relatar outra versão conspiratória envolvendo Maria Lenk na cassação de direitos do professor Alberto Latorre, também da EEFD, pelo Governo Militar pós 1964. De fato, Latorre foi o único professor de Educação Física cassado no Brasil pela ditadura que se manteve no poder até 1985, o que lhe deu notoriedade por assumir abertamente suas crenças no marxismo. E, segundo especulações que circularam durante as disputas daquela época, teria sido de Maria Lenk a iniciativa de impedir a entrada de Latorre na EEFD após a cassação.

Como Maria Lenk recusava-se a ter envolvimento político de qualquer tendência e não respondia a provocações, a



professora Margarida Menezes, que a secundava em funções de ensino, resolveu publicar uma carta aberta no âmbito da EEFD apontando nominalmente uma dupla de professores, autores de boatos conspiratórios contra Maria Lenk em razão de interesses contrariados. Este esclarecimento me foi dado por ela pessoalmente, aduzindo que sua atitude pública jamais foi contestada.

Entretanto, em 1989, a acusação ressurgiu no Estado de São Paulo, numa publicação para professores de Educação Física, adotando um tom sensacionalista e dimensões maiores do que as ocorridas no âmbito interno da EEFD. Para Margarida, esta nova versão conspiratória originava-se dos mesmos professores por ela denunciados por praticarem partidarismo político e que então ressurgiam manipulando informações supostamente originadas de Alberto Latorre.

Por sua vez, Waldyr Mendes, segundo seu próprio testemunho, diante das informações panfletárias que se aproveitavam da fama de Maria Lenk para obter vantagens políticas, resolveu reagir em tom maior. Ele, em face às acusações renovadas, deu início a uma mobilização do corpo docente da EEFD e da própria universidade para um ato público de apoio à cientista pioneira da Educação Física. A reação então escolhida foi a de outorgar o título de Professora Emérita da UFRJ à Maria Lenk, o que teve início por adesão do departamento originário da personalidade indicada, passando em seguida para a Congregação da EEFD (todos os departamentos e todos os professores) com encaminhamento para o Conselho das faculdades da área de saúde e finalmente para a reitoria.

Ainda segundo Waldyr Mendes, a adesão obtida foi por unanimidade depois de um longo processo de mais de uma centena de consultas, o que constituiu uma resposta à altura da tentativa de aviltamento de uma professora cuja história coincidia com a da própria EEFD. Assim sendo, no início dos anos de 1990, uma década após sua aposentadoria, Maria Lenk foi homenageada na sede da UFRJ,



Urca, Rio de Janeiro, com o título de Professora Emérita, finalmente com apoio integral de todos os seus pares (comunicação oral de Waldyr Ramos em 28/08/2020). Inusitadamente a homenagem à Maria Lenk, por seus pares da Educação Física e da sua universidade, foi derivada de um ato predatório e da respectiva reação ética por uma comunidade acadêmica.

Mas não de modo incomum e no mesmo período, a EEFD deu o nome de Maria Lenk ao seu auditório principal na Ilha do Fundão e a instituição “International Swimming Hall of Fame”, sediada nos Estados Unidos, abriu um espaço de exposição para abrigar a memória de Maria Lenk entre as maiores personalidades de renome mundial na natação. Maria Lenk também foi homenageada ainda em vida, em 2007, dando nome ao complexo de instalações de esportes aquáticos construído para os Jogos Pan-americanos de 2007 no Rio de Janeiro, por lei denominado de “Parque Aquático Maria Lenk”.

Como reconhecimento público de uma personagem nacional e internacional, a história de Maria Lenk já está, portanto, entronizada. Contudo, sua imagem de mulher cientista do esporte manter-se-á viva se seus exemplos forem divulgados e cultuados por novos encontros, contrapondo-se assim aos preconceitos culturais e ideológicos que assolam cotidianamente nossas vidas profissionais.

## **NOTAS E REFERÊNCIAS**

1. A sinalização inicial da existência do Interval Training em língua portuguesa e provavelmente em idioma espanhol foi o opúsculo com esta denominação publicado em 1960 pela Divisão de Educação Física – MEC/Rio de Janeiro, de autoria de Jair Jordão Ramos, incluindo a descrição do método, princípios que lhe davam



fundamento e exemplos práticos. Maiores detalhes sobre o tema pelo viés das Ciências do Esporte, verificar em “Treinamento Esportivo”, Tubino, M.G. & DaCosta, L., Atlas do Esporte no Brasil, L. DaCosta - Org, CONFEEF, Rio de Janeiro, 2005. Para a vinda dos dois pioneiros das Ciências do Esporte Brasil a intermediação foi feita por Ary Façanha de Sá na Alemanha onde estagiava no final dos anos de 1950.

2. Pereira da Costa, L. (1967) A Atividade Desportiva nos Climas Tropicais e uma Solução Experimental - o Altitude Training. Rio de Janeiro: Imprensa do Exército (“Pereira da Costa, L.” é uma das assinaturas autorais antes de “DaCosta, L.”).
3. A pesquisa publicada no exterior em língua inglesa como pioneira na área do esporte e Educação Física do Brasil foi “Altitude Training”, Lamartine Pereira da Costa, Sport Internacional, Bruxelles, no. 36, 1967, p. 19 - 23. Neste mesmo ano a Academy of the Conseil International du Sport Militaire - ACISM, publicou um manual em língua inglesa com tradução do livro em português citado em (2), distribuído em 36 países. Outro livro publicado antes de 1968 foi “Planejamento México”, DEF-MEC, Brasília, 1967, em língua portuguesa, também de Lamartine Pereira DaCosta como autor.
4. Além de livros originais de autores nacionais, o novo setor passou a ser responsável pelo “Boletim Técnico Informativo”, o qual, sob a direção de Lamartine DaCosta, transformou-se em publicação técnica e científica destinada a novos autores e textos inovadores em esporte e Educação Física, sendo a primeira publicação desta área no país destinada à renovação do conhecimento e criação de novos procedimentos operacionais.



5. Embora ausente do primeiro estudo geral do treinamento esportivo, com exemplos práticos realizados em 1968, Sylvio Raso foi posteriormente resgatado para participar no Boletim Técnico Informativo mantendo-o assim entre os pioneiros das Ciências do Esporte no Brasil.
6. O livro em pauta publicado por Manuel Gomes Tubino entre o final dos anos 1970 e durante a década de 1980 é “Metodologia Científica do Treinamento Desportivo”, da Editora Ibrasa de São Paulo. Esta obra manteve-se em circulação no período identificado atuando com livro de referência para os cursos de graduação em Educação Física, contribuindo para a consolidação das Ciências do Esporte no país.
7. Verificar em DaCosta, L. (1999) Formação Profissional em Educação Física, Esporte e Lazer no Brasil: Memória, Diagnóstico e Perspectivas. Blumenau (SC): Editora FURB, p. 53 - 72, Tabela 9 - IES em Educação Física Brasil 1988/1997 - Disciplinas Aprofundamento/Aperfeiçoamento.
8. Inter alia, confirme-se em DaCosta, L., Capoeira: Evolução e Perspectivas. Revista de Educação Física - EsE-FEx, no. 94, junho 1964, p. 20.
9. Reportagem do Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro, de 25 de agosto de 1968, p. 6, sob o título “Simpósio Quer Mudar a Capoeira”.
10. DaCosta, Lamartine P. (1965) Capoeira sem Mestre, Rio de Janeiro: Ediouro, 1ª edição.
11. Andrade de Melo, V. (2005) Os Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (1945-1966): a importância de uma revista e iniciativas de preservação.



Arquivos em Movimento, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.33-43, janeiro/junho.

12. A obra em foco foi republicada ao longo dos anos por várias editoras com o mesmo título e capas diferentes.
13. Ver “Treinamento em Circuito” de M.G. Tubino, publicado pela EsEFEx em 1973 e “Diagnóstico da Educação Física e Esporte no Brasil” de L.P. Da Costa, publicado pelo IPEA em 1971, além do livro de A.G. Faria Júnior de 1968 antes mencionado.
14. Verifique-se em Vilela, S.H. & Rocha Júnior, C.P. (2006) Memórias do Curso de Educação Física de Volta Redonda: da Criação à Regulamentação. Arquivos em Movimento, vol. 2, no. 1, janeiro/Junho.
15. Amadio, A. C. (2007) Consolidação da Pós-graduação “stricto sensu” da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo: Trajetória Acadêmica após 30 Anos de Produção. Rev. bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo, v.21, p.25-36, dez. N. Esp. ; DaCosta. L. (2017) 40 anos da Pós-graduação da EEFE-USP aos Olhos de um Docente Pioneiro Compromissado com a Cientificidade e a Gestão da Educação Física e Esporte. Rev Bras Educ Fís Esporte, São Paulo, 2017 Ago., v. 31(N. esp.):55-62.
16. Tubino, M.G. & DaCosta, L. P. (2005) Treinamento Esportivo in DaCosta, L.P. (Org) Atlas do Esporte no Brasil. Rio de Janeiro: CONFEEF, p. 727.
17. Rocha, M., Soares de Araújo, C. G., Gomes, P.S. & Flegner, A. (2005), Fisiologia do Exercício. In DaCosta, L.P. (Org) Atlas do Esporte no Brasil. Rio de Janeiro: CONFEEF, p. 657.



18. DaCosta, L.P. (2005) Clusters Esportivos. Atlas do Esporte no Brasil. Rio de Janeiro: CONFEEF, p. 47 - 64.
19. Waldyr Ramos foi aluno de Maria Lenk no início de 1970 e posteriormente seu professor auxiliar ao longo da década até a aposentadoria da ex-diretora da EEDFD. Posteriormente, Lenk e Ramos, nos anos de 1980, participaram juntos da criação da Natação Master no Brasil. Os relatos orais de Waldyr Ramos para o autor desta narrativa aconteceram entre julho e agosto de 2020 no Rio de Janeiro.
20. Santos, F. C. (2017) Bola em Jogo entre Brasil e República Federal da Alemanha: Cientificidade e Modelagem Pedagógica na Formação de professores na Escola de Educação Física da UFMG (1963-1982) Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, para a obtenção do título de Mestre em Educação.
21. DaCosta, L. P. (1971) Diagnóstico de Educação Física e Desporto no Brasil. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, Ministério do Planejamento / FENAMÉ, Brasília.
22. August Kirsch foi autor de vários estudos sobre as Ciências do Esporte no âmbito de sua universidade, o que o fez se juntar a dois outros pioneiros da Sportwissenschaft na Alemanha e publicar um livro internacional no tema em 1992. Verificar em: Haag, H., Grupe, O. & Kirsch, A. - Eds (1992) Sport Science in Germany: An Interdisciplinary Anthology. New York: Springer Verlag.
23. Verifique-se em Sport-Förderung in Brasilien (1983) Diem L., Löcken M. & Hummel S. (eds). Sankt Augustin: Verlag Hans Richarz, p. 7-8.



24. Abordagem encontrada em Millen, A. (2006) Alfredo Gomes de Faria Júnior e a Educação Física Escolar nos anos 1960 e 1970: uma História que se Conta. Dissertação de Mestrado Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.
25. Veja-se para Amadio a nota (15) e para Santos, a nota (20).
26. DaCosta, L. & Miragaya, A. (2002) Worldwide Experiences and Trends in Sport for All. London: Meyer & Meyer.



## CHAPTER 2

# MARIA LENK: THE REVOLUTIONS THAT TOOK THE ATLETICA'S SWIMMER TO THE 1932 OLYMPIC GAMES

*Ana Miragaya*

In 1932, the year of the 10th Olympiad, which took place in Los Angeles, Brazil was going through two major revolutions in its history. The first one took place in its richest state: São Paulo. It was the largest military confrontation of the 20th century in the entire national territory. The other revolution had women in the main role, claiming their rights as citizens with the right to vote, and, more silently, their right to play sports at a time when there was a lot of prejudice against women's participation in sports competitions and in physical activities. It was exactly within this context of social upheavals, defying the status-quo, that Brazil sent Maria Lenk, a 17-year-old swimmer to be the first female athlete in an Olympic Games edition.

The scenario at that time in Brazil comprised three main revolutions. The first was the Constituent Revolution, the backdrop for Maria Lenk's trip to the Olympic Games. This armed confrontation was the climax of a conflict that had begun in 1930, when an insurrection overthrew the estab-



lished government and empowered a president who became a dictator. The 1932 Revolution broke out on July 9th led by the state of São Paulo, which advocated a new Constitution for Brazil and attacked the authoritarianism of the president. Despite São Paulo's defeat in its struggle to restore democracy, a new Constitution was proclaimed in 1934 by an elected assembly. Those years (1930-1932) were extremely turbulent, especially causing a politically troubled context. The Olympic year almost went unnoticed if it had not been for the journalistic coverage of the time, however poor, that dedicated its pages to the headlines of sport.

The second revolution was the inclusion of Brazilian women in citizenship. Universal suffrage that had been one of the main achievements of working-class men did not include women's suffrage, which was a specific struggle spanning women of all classes. In Brazil, the struggle for women's vote in Brazil began in 1910, moved on, winning much support from women and men, from all social classes, until finally, in February 1932, the president signed a decree granting the vote to women.

The third revolution was the struggle for the inclusion of women in sport, which occurred in a similar way to the inclusion of women in citizenship, with the right to vote. Women have always been hindered, and sometimes even denied, access to physical activity and sports due to long-standing prejudices through the patriarchal tradition of centuries. The scarce free time of many women became even scarcer with the advent of the Industrial Revolution since they would be taking on the double journey: working outside the house and working inside the house with household duties. However, as time went by and awareness of their citizens' rights increased, more women began to claim rights in the field of sport, but bumped into secular barriers of prejudice and taboos, including limiting their participation in the Olympic Games.



Women participated in the Olympic Games for the first time in 1900. As it was hard for women to compete due to the so many barriers they had to overcome, their process of inclusion took place gradually, as a result of their development and awareness of the active role that they were already beginning to play in the new industrialized society of the second half of the 19th century and in the early 20th century.

The first references to women's sports exhibitions in the international press were only held in 1900 on the occasion of the second edition of the Olympic Games in Paris, with women participating in golf, tennis, sailing and croquet competitions. Swimming only appeared as a demonstration sport at the London Games in 1908, before being part of the Olympic program in 1912 in Stockholm.

As women's swimming became successful in Europe, the immigrants who came to the state of São Paulo at the beginning of the 20th century brought with them the sport and were able to encourage their daughters to practice swimming. It is important to point out that Brazilian society and, in particular, São Paulo was extremely conservative.

Although there were hygienist thoughts related to the practice of some physical activity for women, aiming, above all, at their role as mothers and wives, access was quite restricted to adolescence and to 'family' places where these girls could practice tennis, swimming and athletics, usually clubs. After marriage, women were not encouraged to play sports. The woman also maintained her role as a procreator and of living for her husband, children and the house. Swimming would have emerged then in the 1920s as the ideal female sports practice because it helped women preserve their femininity and provided a healthy air.

It is then time to focus on the scene: Maria Lenk and the fourth revolution. It was precisely during this stormy pe-



riod, from 1930 to 1932, that Maria Lenk (1915-2007) rose to swimming and fame as one of the greatest swimmers in Brazil of all time.

When Maria Lenk was born, women's swimming was already a woman's sport in Europe. She learned how to swim with her father and started to compete when she was 15 and never stopped. Her times were getting better and better and she won the majority of the competitions. With such promising results, the press began campaigning in January 1932, with the Constitutionalist Revolution already approaching, for Maria Lenk to be included as a swimmer athlete in the coming Olympic Games. The undeniable evidence was her times, which were growing better. The country needed someone who could lift the morale of the people. At the same time, women exerted pressure on the government to be recognized as citizens through their movement for women's suffrage. Meanwhile, the press invested in the promotion of a young lady who each day improved her times in the pools. The newspapers of the time increasingly contributed to more records of Maria Lenk's triumphant performances.

It is possible to observe that as Maria Lenk really was very different from the other swimmers in her physical structure, athletic size and other skills, with very reduced times, especially impressive for a young swimmer, the sports authorities considered sending her to Los Angeles as she had become unbeatable here. She was the best swimmer of all time. As Brazil of 1932 lacked a figure that could bring the name of the country in terms of self-esteem of the Brazilian population, the national colors could be better defended by Maria Lenk. Finally, in May 1932, Maria Lenk was nominated by the CBD (Brazilian Confederation of Sports).

Maria Lenk, the revolution of women's swimming, played a key role in the construction of an identity in the midst of



a period of intense changes such as those of the Constitutionalist Revolution and the other, quieter, of the inclusion of women in citizenship and sport. Maria Lenk was a treasure in that she contributed essentially to the inclusion of women in the Brazilian sports scene, especially in the scenario of women's swimming in the midst of the revolutions that took over Brazil, especially in her home state: São Paulo.

The Brazilian Olympic team left for Los Angeles at the end of June 1932. Maria Lenk, at the age of 17, boarded alone. The Constitutionalist Revolution exploded soon after, on July 9, 1932, interrupting the press's communication with the outside world.



## CAPÍTULO 2

# MARIA LENK: AS REVOLUÇÕES QUE LEVARAM A NADADORA DA ATLETICA AOS JOGOS OLÍMPICOS DE 1932

*Ana Miragaya*

**E**m 1932, ano da 10ª Olimpíada, que ocorreu em Los Angeles, o Brasil era um país que passava por duas revoluções importantes em sua história. A primeira delas acontecia em sua região mais rica, o estado de São Paulo. Foi o ano do maior confronto militar do século XX em todo o território nacional.<sup>1</sup> A outra revolução tinha as mulheres no papel principal, reivindicando seus direitos de cidadãs com direito ao voto, dentro de uma revolução de costumes que havia se iniciado na década de 1920, tendo a Europa e os Estados Unidos como modelos.<sup>2,3</sup> Havia uma série de preconceitos quanto à participação das mulheres em atividades esportivas, principalmente na natação, que exigia trajes que não eram recomendáveis às moças ditas 'de família' da época, educadas para o casamento e para cumprirem obrigações sociais.<sup>4</sup> Foi exatamente den-



tro deste contexto de turbulências sociais, desafiando o ‘status-quo’ que o Brasil incluiu uma nadadora adolescente de 17 anos como a primeira participante feminina de uma edição dos Jogos Olímpicos. Maria Lenk foi representar o Brasil nos Jogos Olímpicos de Los Angeles. O que motivou essa inclusão repentina e aparentemente incoerente? Como se deu esse processo? O objetivo deste estudo foi investigar o contexto histórico de 1930 a 1932 assim como a trajetória de sucesso de Maria Lenk, que permitiram sua ida aos Jogos Olímpicos de Los Angeles representando o Brasil. Na realidade, Maria Lenk foi a primeira sul-americana a competir numa edição dos Jogos Olímpicos.

## **1. O CENÁRIO**

### **A PRIMEIRA REVOLUÇÃO:**

### **A REVOLUÇÃO CONSTITUINTE DE 1932**

O atuante pano de fundo brasileiro da ida da paulista Maria Lenk aos Jogos Olímpicos de Los Angeles foi o tumultuado cenário da Revolução Constitucionalista de 1932. Pode-se dizer até que foi um cenário que atuou como um personagem, talvez coadjuvante.

A Revolução Constitucionalista de 1932 foi o clímax de um conflito que havia se iniciado em 1930, quando uma revolução derrubou o governo de Washington Luís (República Velha). Era o final do governo dos donos de grandes propriedade rurais de Minas Gerais e São Paulo. A Junta Governativa Provisória da Revolução de 1930 passou então o governo ao gaúcho Getúlio Vargas, que assumiu a presidência do Brasil provisoriamente, porém com amplos poderes. Ele aboliu todas as instituições legislativas, do Congresso Nacional até as Câmaras Municipais. O novo presidente destituiu os governadores dos Estados e nomeou interventores. Essa política de concentração de poder de Getúlio Vargas não agradou às oligarquias estaduais, em especial as de São Paulo. As elites políticas mais importantes do Estado em termos econômi-



cos se sentiram prejudicadas. Enquanto os liberais exigiam a realização de eleições e o término do governo provisório, o governo federal de Getúlio Vargas legalizava o Partido Comunista, reconhecia oficialmente os sindicatos dos operários e apoiava aumento de salário para os trabalhadores. Estas medidas desagradaram e irritaram ainda mais as elites paulistas.<sup>5</sup>

Uma greve mobilizou 200 mil trabalhadores no Estado de São Paulo em 1932. Como ficaram bastante preocupados, latifundiários e empresários se uniram contra o presidente. Foi então realizado um comício no dia 23 de maio clamando por uma nova constituição para o país. Este comício não teve um final feliz. Quatro estudantes: Martins, Miragaia, Dráuzio e Camargo morreram em conflitos armados. A sigla MMDC, formada pelas iniciais de seus nomes se transformou no grande símbolo da revolução que eclodiu em 9 de julho de 1932. MMDC apareceu inclusive em cartão postal, como mostra a Fig. 1.

As tropas rebeldes se dispersaram pela cidade de São Paulo e ocuparam ruas e avenidas. A causa dos insurgentes foi defendida pela imprensa paulista. César Ladeira, no rádio, transformou-se no locutor oficial da Revolução Constitucionalista pelo seu entusiasmo. Acionou-se uma intensa campanha de mobilização. Quando a insurreição foi iniciada, uma massa de gente foi às ruas em seu apoio: comerciantes, estudantes, médicos, trabalhadores, engenheiros, padres, donas-de-casa, freiras, colégios, empresas, associações, indústrias, todos formaram a solidariedade pública e afluíram em grandes números ao chamado da Revolução. O movimento dispunha de homens nos campos de batalha e mulheres na retaguarda. Tropas paulistas foram escaladas para as linhas de frente em todo o Estado de São Paulo. No entanto, as tropas federais eram bem mais numerosas e mais bem equipadas.





**Fig. 1 Cartão postal em homenagem ao MMDC**  
*Fonte: Sociedade Veteranos de 32/MMDC*

Usaram-se aviões para bombardear várias cidades do interior paulista, como o da Fig. 2. Trinta e cinco mil homens do Estado de São Paulo enfrentaram um exército de 100 mil soldados. Especula-se que o uso de aviões possa ter contribuído para o suicídio de Alberto Santos-Dumont, o primeiro herói olímpico brasileiro, em 23 de julho de 1932 no Guarujá, São Paulo. Os aviões que atacaram o Campo de Marte em São Paulo possivelmente sobrevoaram o Guarujá, onde ele estava hospedado, causando enorme apreensão e angústia em Santos Dumont quando avistou os aviões em combate.



**Fig. 2 Avião usado na Revolução Constitucionalista**

*Fonte: Expedito Carlos Stephani Bastos <https://www.pilotopolicial.com.br/wpcontent/uploads/2012/11/AVpaulista1932.pdf>*

Os insurgentes esperavam a adesão de outros Estados, o que não houve, exceto por Mato Grosso. Após três meses de luta, em ou-



tubro de 1932, os paulistas se renderam. Deportações, prisões e cassações ocorreram após a rendição. Estatísticas oficiais indicaram 830 mortos, entretanto estima-se que muitas centenas de pessoas morreram sem constar dos registros oficiais.<sup>16</sup> A Revolução Constitucionalista de 1932 foi o maior conflito militar no Brasil no século XX, sugerido por muitos até mesmo como uma guerra civil. Apesar de os paulistas terem sido derrotados em sua luta para restabelecer a democracia e para a proclamação de uma nova Carta Magna, dois anos após a revolução, uma assembleia eleita pelo povo promulgou a nova Constituição, em 1934.<sup>7</sup> Os anos de 1930 a 1932 foram extremamente tumultuados, com uma guerra civil, gerando conseqüentemente um contexto politicamente atribulado no qual a população foi obrigada a conviver com o peso das armas e das imposições da ditadura de Getúlio Vargas. O ano olímpico de 1932 quase passou despercebido se não fosse pela cobertura jornalística da época que, embora precária, dedicava suas páginas às manchetes do esporte como se fosse uma forma de poder desviar a atenção do que acontecia para a esperança de alguma glória nacional.<sup>8</sup>

## **A SEGUNDA REVOLUÇÃO: A INCLUSÃO DA MULHER NA CIDADANIA**

As mulheres paulistas participaram da Revolução Constituinte não somente como voluntárias, enfermeiras e ajudantes nos campos de batalha, mas também como financeiras, doando suas joias na campanha Ouro para o Bem de São Paulo<sup>8</sup>. No entanto, antes mesmo de a Revolução Constitucionalista acontecer, outra revolução já despontava no mundo e no Brasil.





**A participação feminina na Revolução Constitucionalista de 1932**

*Fonte: arquivo do Museu da Imagem e do Som São Paulo*

A Revolução Industrial que teve início na Europa no final do século XVIII convocando homens e mulheres ao trabalho nas fábricas motivou a luta dos operários do século XIX por melhores condições de trabalho (melhores salários e repouso semanal) e pelo direito à cidadania. O sufrágio universal foi uma das principais conquistas dos homens da classe trabalhadora. Tal conquista, no entanto, não incluía o sufrágio feminino, que foi uma luta específica abrangendo mulheres de todas as classes. Houve mobilização de até dois milhões de mulheres, tornando essa batalha um dos movimentos políticos de massa de maior significação no século XX<sup>2</sup>.

Apesar de ser extremamente difícil estabelecer algum momento inicial para acontecimentos que fazem parte do processo histórico, cabe destacar como um dos pioneiros, o movimento sufragista feminino americano, a Convenção dos Direitos da Mulher, convocada em Seneca Falls, em



1848, com a participação de Elizabeth Cady Stanton, Lucretia Mott e a novata Susan B. Anthony.<sup>9</sup> Nesta Convenção, redigiu-se uma versão feminina da Declaração de Independência dos Estados Unidos, que iniciou com a frase: “Acreditamos serem estas verdades evidentes: que todos os homens e mulheres foram criados iguais...”. A ideia inicial de Susan Anthony era de que também fosse aprovada uma emenda que desse o direito de voto às mulheres, mas, devido às dificuldades enfrentadas, foi resolvido que ficariam apenas na libertação dos escravos, também proposta no documento, para só tratar posteriormente do direito ao voto. Porém algumas décadas ainda separavam as mulheres americanas do direito ao voto somente alcançado em 1920, dando fim a uma luta iniciada 72 anos antes.<sup>9,10</sup>

O livro ‘A Vindication of the Rights of Woman: with Strictures on Political and Moral Subjects’ (Uma Defesa dos Direitos da Mulher: com Restrições a Assuntos Políticos e Morais), escrito pela inglesa Mary Wolstonecraft (1759-97), publicado em 1792, na Inglaterra, foi um dos grandes clássicos pioneiros da literatura feminista. A luta pelo direito de voto iniciou-se, cresceu e mais tarde processou-se de forma semelhante à americana, tendo, no entanto, se revestido em sua etapa final de características mais violentas. Por volta de 1913, as sufragistas inglesas se dividiram entre as “pacifistas”, e, as chamadas ‘suffragettes’, que atuando de uma forma cada vez mais radical, passaram a danificar propriedades e bens materiais como forma de chamar a atenção. O que elas queriam era um direito que, em tese, era defendido pelas ideias liberais, mas recusado, na prática, pelo próprio Governo Liberal. As inglesas somente alcançaram este direito em 1928, depois de um longo processo de lutas.<sup>10, 11</sup>

No Brasil, ao contrário de outros países, o movimento pelo voto feminino partiu de um homem, o constituinte, médico e intelectual baiano César Zama, que, na sessão de 30



de setembro de 1890, durante os trabalhos de elaboração da primeira Constituição republicana, defendeu o sufrágio universal, a fim de que as mulheres pudessem participar efetivamente da vida política do país. O próprio Ruy Barbosa e o Barão Rio Branco se manifestaram em defesa da igualdade política dos sexos. Mas os inimigos eram fortes e em maior número. A pressão, porém, foi tão grande que Epitácio Pessoa (posteriormente Presidente da República, em 1919-1922), que havia subscrito a emenda, dez dias depois, retirou o seu apoio. Na sessão de 27 de janeiro de 1891, o deputado Pedro Américo assim falou: “A maioria do Congresso Constituinte, apesar da brilhante e vigorosa dialética exibida em prol da mulher-votante, não quis a responsabilidade de arrastar para o turbilhão das paixões políticas a parte serena e angélica do gênero humano”.<sup>10</sup> Outro parlamentar, Coelho Campos, foi mais radical em seu pronunciamento: “É assunto de que não cogito; o que afirmo é que minha mulher não irá votar”.<sup>10</sup> E assim o Brasil deixou de ser o primeiro país do mundo a assegurar o direito do voto à mulher em 1891. Em 1893 a Nova Zelândia teria a primazia da concessão do voto feminino.<sup>10</sup>

A luta pelo voto feminino no Brasil reiniciou-se em 1910, quando a professora baiana Leolinda de Figueiredo Daltro fundou no Rio de Janeiro o Partido Republicano Feminino, com o objetivo de ressuscitar o debate sobre o voto da mulher. Alguns anos mais tarde, em 1918, a jovem Bertha Lutz, iniciando a carreira profissional como bióloga, publicou na “Revista da Semana” uma carta denunciando o tratamento dado ao sexo feminino. No ano seguinte, ela fundou a Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher, organização que leva adiante a luta pelo sufrágio, tendo como principais táticas o lobbying e a divulgação de suas atividades pela imprensa, a fim de mobilizar a opinião pública. Ela propôs também a formação de uma associação de mulheres, visando a canalizar esforços isolados, o que vai se concretizar em 1922 no Rio de Janeiro, como a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.<sup>10,11</sup>





**Bertha Lutz (1894-1976)**

*Fonte: Wikipedia*

Em 1927, o Estado do Rio Grande do Norte incluiu em sua constituição, um artigo permitindo o exercício do voto às mulheres. As duas primeiras mulheres alistadas como eleitoras no Brasil foram as professoras Julia Barbosa e Celi-  
na Vianna, de Natal e Mossoró, respectivamente. Também seria potiguar a primeira prefeita do Brasil, Alzira Teixeira Soriano, eleita no município de Lages, em 1928, pelo Partido Republicano Federal. A partir daí, o direito de voto foi sendo, gradativamente alcançado.<sup>10,11</sup>

Novos ventos sopraram com a Revolução de 1930, inspirando Nathércia da Cunha Silveira e Elvira Komel, líder feminista em Minas Gerais, a formarem uma comissão, que em contato com as autoridades federais (entre os membros do novo governo, o ministro do Trabalho Lindolfo Collor), com o Cardeal D. Sebastião Leme, ao qual solicitou o patrocínio da Igreja, e com o antigo governador de Minas Gerais, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, obteve apoio ao voto feminino.<sup>10</sup>



Em entrevista à imprensa, em 14 de setembro de 1931, Bertha Lutz, presidente da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, fez uma observação importante no que concerne o progresso da luta pelos direitos femininos, referindo-se à Revolução de 1930 e de certa forma antecipando a Revolução Constitucionalista de 1932: “é um fato interessante, que as revoluções de pós-guerra têm favorecido a mulher”, referindo-se à Revolução de 1930.<sup>10,11</sup>

Nessa marcha, o voto feminino já era exercido em dez estados do país, quando o presidente Getúlio Vargas resolveu suprimir as restrições dos votos às mulheres. O Decreto nº. 21.076, de 24 de fevereiro de 1932 instituiu o Código Eleitoral Brasileiro, e o artigo 2 disciplinava que era eleitor o cidadão maior de 21 anos, sem distinção de sexo, alistado na forma do código. É importante mencionar que as disposições transitórias, no artigo 121, dispunham que os homens com mais de 60 anos e as mulheres em qualquer idade podiam isentar-se de qualquer obrigação ou serviço de natureza eleitoral. Logo, não havia obrigatoriedade do voto feminino, que só foi alcançado em 1934, com a nova constituição.<sup>11</sup>



**Mulheres votando pela primeira vez**  
*Fonte: Tribunal Regional Eleitoral - PR*



No dia 30 de junho de 1932, uma comissão de mulheres foi recebida no Palácio do Catete, pelo presidente Getúlio Vargas, que recebeu um memorial com mais de 5.000 assinaturas, que pleiteavam a indicação da líder feminista Bertha Lutz como uma das participantes da comissão que deveria elaborar o anteprojeto da nova Constituição Brasileira. Pouco mais de uma semana depois, porém, iniciou-se em São Paulo a Revolução Constitucionalista e todas as atenções foram dirigidas ao conflito. Em 27 de outubro de 1932, três semanas após o fim da guerra, a Comissão do anteprojeto, composta por 23 componentes foi nomeada por Getúlio Vargas, que cumpria assim sua promessa, nomeando não só Bertha Lutz, mas também Nathércia da Cunha Silveira<sup>11</sup>.

A história de lutas e conquistas de tantas mulheres, muitas delas mártires de seu ideal, no decorrer de quase dois séculos, leva a humanidade a iniciar um novo milênio diante da constatação de que a mulher buscou e aos poucos estava conquistando o seu lugar. Mais que isso, assegurou seu direito à cidadania, legitimando seu papel enquanto agente transformador.

## **A TERCEIRA REVOLUÇÃO: A INCLUSÃO DA MULHER NO ESPORTE**

A luta pela inclusão da mulher no esporte ocorreu de forma semelhante à da inclusão da mulher na cidadania, com direito ao voto.

Às mulheres sempre foi negado o acesso à prática de atividades físicas e esportes devido a preconceitos de longa data através da tradição patriarcal de séculos. A figura do homem, de provedor do lar, estava associada ao mundo de fora da casa, o 'outdoors', o mundo do movimento, da inclusão, da atividade e do exercício. A figura da mulher sempre esteve associada à casa, à procriação,



ao mundo de dentro 'indoors', o mundo da passividade, submissão e da exclusão.<sup>12</sup> O tempo livre escasso de muitas mulheres tornou-se ainda mais escasso com o advento da Revolução Industrial uma vez que estariam assumindo a dupla jornada: a de trabalho fora da casa e a do trabalho dentro da casa com os afazeres domésticos. No entanto, à medida que o tempo foi passando e a conscientização de seus direitos de cidadãs aumentando, mais mulheres começaram a reivindicar direitos na área do esporte, mas esbarraram em barreiras seculares de preconceitos e tabus.

Em 1896, as mulheres não participaram como atletas da primeira edição dos Jogos Olímpicos. Os Jogos começaram oficialmente em 6 de abril de 1896, em Atenas, na Grécia, com a participação de 241 atletas masculinos de 14 países do mundo ocidental. Embora tivesse fundado o Comitê Olímpico Internacional em 1894, que não organizou os Jogos Olímpicos de 1896, 1900, 1904 e 1908, o idealizador do renascimento dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, o Barão Pierre de Coubertin (1863-1937), era contra a participação da mulher no esporte.<sup>13</sup> Homem típico de sua época, Coubertin optou por seguir a tradição dos Jogos Olímpicos da Antiguidade e dos costumes ingleses do século XIX, mantendo a mulher fora das quadras, campos e arenas esportivas, o que levou as mulheres a mais uma luta de âmbito mundial: a luta pela inclusão como esportistas e praticantes de atividades físicas.<sup>13</sup>





**Charlotte Cooper (1870-1966)**  
**1ª atleta campeã olímpica de tênis**  
**Jogos Olímpicos de Paris 1900**

A inclusão das mulheres nos Jogos Olímpicos veio a ser feita gradualmente por elas próprias, como resultado do seu desenvolvimento e da conscientização de um papel ativo que elas já começavam a exercer na nova sociedade industrializada da segunda metade do século XIX, no início e no decorrer do século XX. As mulheres começaram a conquistar novas posições em seus países, tornando-se mais ativas, e especialmente lutando para se tornarem cidadãs com direito ao voto. Se as mulheres estavam cada vez mais querendo ocupar um lugar na ordem social, não era muito diferente no mundo do esporte. Pouco a pouco as mulheres começaram a invadir uma área que nunca lhes havia pertencido e que lhes era bastante atraente. A prática do esporte e da atividade física lhes dava prazer.<sup>13</sup>



As primeiras referências às exposições esportivas femininas na imprensa internacional só foram acontecer em 1900 por ocasião da segunda edição dos Jogos Olímpicos em Paris.<sup>13</sup>

Embora o Comitê Olímpico Internacional (COI) regulasse as atividades olímpicas, Comitês Olímpicos Nacionais (CONs) tiveram que ser criados nos países que queriam participar dos Jogos Olímpicos. No início, os comitês nacionais locais organizaram os Jogos Olímpicos em suas respectivas cidades. Os Jogos de 1900 e de 1904 aconteceram junto com as Feiras Mundiais e os de 1908 junto com a Feira Franco-Britânica. Portanto, a escolha das modalidades esportivas a serem incluídas nos Jogos Olímpicos estava nas mãos dos comitês organizadores das feiras e, logo, fora do controle do COI. Apesar do público, os Jogos Olímpicos demoraram um pouco para se popularizar.<sup>13</sup>

Já que o COI se recusava a incluir o atletismo feminino nos Jogos Olímpicos, a francesa Alice Milliat desafiou a situação da época, fundou a Fédération Sportive Féminine Internationale (Federação Esportiva Feminina Internacional) e organizou os primeiros Jogos Olímpicos Femininos em 1922. Eles foram tão bem sucedidos que foram reeditados em 1926, 1930 e 1934 como The Women's World Games (Jogos Femininos Mundiais), devido à restrição do uso da expressão Jogos Olímpicos pelo COI. Esses megaeventos femininos, que incluíam uma enorme gama de esportes praticados por mulheres, incluindo o atletismo, que na época era tido com a última reserva de esporte masculino, tinham recorde de público, rivalizando com os Jogos Olímpicos.<sup>13</sup>





**Alice Milliat (1894-1957)**

*Fonte: [https://en.wikipedia.org/wiki/Alice\\_Milliat](https://en.wikipedia.org/wiki/Alice_Milliat)*



**Women's World Games 1926, Gothenburg, Suécia**

*Fonte: [https://sv.wikipedia.org/wiki/Internationella\\_kvinnospelen\\_1926](https://sv.wikipedia.org/wiki/Internationella_kvinnospelen_1926)*

Em 1925 o então presidente do COI, Barão de Coubertin, afastou-se do cargo que ocupava porque acreditava que sua missão já estivesse cumprida e porque também se sentia desiludido por causa de um suposto desvirtua-



mento dos ideais olímpicos: (i) a crescente profissionalização dos atletas; (ii) as interferências de ordem política e (iii) a participação das mulheres, a que sempre se opôs. Os Jogos Olímpicos que ocorreram em 1928 já contavam oficialmente com a participação de mulheres nas provas de atletismo.<sup>14</sup>

A primeira participação brasileira nos Jogos Olímpicos aconteceu em 1920 na Antuérpia. O Brasil enviou 29 atletas masculinos que obtiveram três medalhas. Nos Jogos Olímpicos de 1924, em Paris, foram enviados 11 atletas masculinos brasileiros, porém dessa vez o Brasil não conseguiu medalhas. Para os Jogos de 1928, em Amsterdã, o Brasil não enviou nenhum atleta devido à crise econômica que o país atravessava e que viria a se concentrar no período de 1930 a 1932 no estado de São Paulo.<sup>15</sup>

Em meio a todo esse tumulto ocorrido no estado mais rico do país é que houve o desenvolvimento de um esporte permitido às mulheres, especialmente aquelas descendentes de emigrantes europeus que já o praticavam há algum tempo em seus países de origem: a natação feminina. Talvez pelo fato de as pessoas estarem mais concentradas nos acontecimentos políticos e financeiros, famílias mais ligadas ao esporte puderam encorajar suas filhas na prática da natação. A sociedade brasileira e, em especial, a paulista era extremamente conservadora.

Embora houvesse pensamentos higienistas ligados à prática de alguma atividade física para a mulher, visando, sobretudo, seu papel de mãe e esposa, o acesso era bastante restrito à adolescência e aos lugares 'de família' onde essas mocinhas poderiam praticar o tênis, a natação e atletismo, geralmente os clubes. Após o casamento, as mulheres não eram encorajadas à prática esportiva. A mulher mantinha ainda sua função de procriadora e de viver para o marido, os filhos e a casa. A visão higienista da prática da



atividade física é encontrada nos discursos das nadadoras paulistas Maria Lenk, Marina Cruz e Melanie Helbing e na imprensa, de um modo geral, que passou a publicar noções de eugenia importadas da Europa e dos Estados Unidos, incentivando as mocinhas a aderirem a uma prática desportiva que contribuísse para que tivessem filhos mais saudáveis e que ao mesmo tempo conservasse as características ditas femininas da mulher, sem ‘masculinização’ (musculatura aparente) e sem demonstração de força, que caracterizava a prática masculina.<sup>4</sup> A natação teria surgido então na década de 1920 como a prática ideal esportiva feminina porque ajudava a mulher a preservar sua feminilidade e lhe propiciava um ar saudável. Tais pressupostos já se fixavam nos anos 30, conforme atestam jornais da época: “O objetivo da natação e dos esportes em geral segundo higienistas é dar à praticante o desenvolvimento regular e harmonioso” (entrevista de Maria Lenk ao “Diário Nacional” em 30/4/1932); “Natação é o esporte ideal para a mulher. Não se expõe o físico de molde a ficar deformado, bem como não nos arriscamos a incidentes” (declaração de Melanie Helbing, nadadora, ao “Diário Nacional” em 6/1/1931).





**Sentadas: Marina Cruz e Maria Lenk**

*Fonte: Arquivo Nacional*

A imprensa fez ampla cobertura da natação feminina, porém visando à venda dos jornais já que fotografavam as nadadoras em maiôs, o que para a época representava uma sensação.



## 2. A CENA

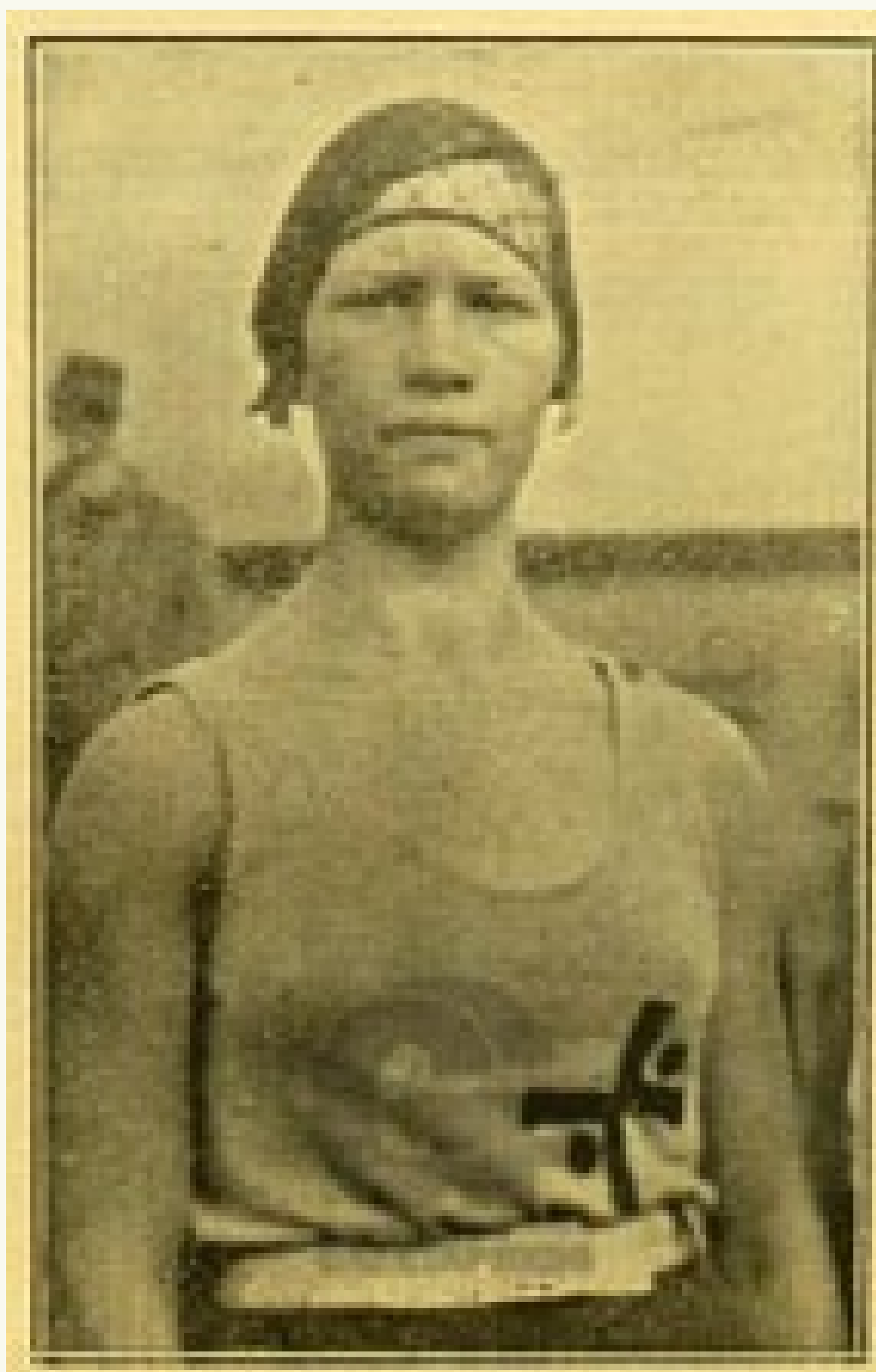
### MARIA LENK E A QUARTA REVOLUÇÃO

Foi justamente nesse período tumultuado de 1930 a 1932 que Maria Lenk despontou para a natação e para a fama como uma das maiores nadadoras do Brasil de todos os tempos.

Nascida em Sant'Anna, São Paulo, a 15 de janeiro de 1915, Maria Emma Hulda Lenk, descendente de alemães, competiu pela primeira vez no Clube Esperia, em 2 de fevereiro de 1930. A partir de então seu sucesso nas piscinas de São Paulo, do Brasil e do mundo não mais parou. Maria Lenk continuou competindo gloriosamente ao redor do planeta numa cruzada, segundo ela, contra a velhice e servindo de exemplo para todos.

Devido a problemas de saúde na infância, Maria Lenk foi orientada por seu pai, campeão também de natação, Paulo Lenk, a nadar. Descobriram então seu talento para o esporte aquático que, mais tarde, seria uma glória para o Brasil. Fotografias da época estampada em jornais revelam que ela era mais alta e maior que suas concorrentes<sup>4</sup>, o que pode ter contribuído para sua performance atlética. Quando ingressou na Associação Atlética São Paulo, Maria Lenk foi treinada por Raul Macedo Carvalho, segundo ela própria em artigo para um jornal em maio de 1931, após regressar de uma competição no Rio de Janeiro, “esse infatigável e paciente treinador sobre quem reflete grande parte do meu triunfo alcançado aos quais se estende o meu agradecimento”.<sup>4</sup>





**Maria Lenk no início de sua carreira de nadadora**

*Fonte: Arquivo Nacional*

Quando Maria Lenk nasceu, a natação feminina já era praticada na Europa, sendo introduzida extraoficialmente pelas suecas nos Jogos Olímpicos de Londres em 1908, como esporte de demonstração, por ser bastante popular entre as mulheres.<sup>14</sup> A natação teve sua participação aumentada nas edições seguintes dos Jogos, o que pode ter contribuído para que sua prática se tornasse comum. Da Europa, a natação feminina correu mundo e veio também para o Brasil.





**Nadadoras australianas e britânicas nos Jogos Olímpicos de 1912 em Estocolmo, Suécia, quando a natação feminina passou a fazer parte do Programa Olímpico.**

*Fonte: <https://www.abc.net.au/news/2014-06-23/australian-female-olympic-swimmers/5542758>*

O futuro cenário de uma participação feminina na natação na X Olimpíada, em Los Angeles, já começava a se formar em 1931 a partir da presença da nadadora sueca Brita Hazelius, que já havia representado seu país nos Jogos Olímpicos de 1928. Havia sido então contratada pelo Instituto Jaguaribe com a incumbência de “iniciar o preparo de uma porção de alunas daquele instituto”, de acordo com o jornal “Correio da Tarde” de 26 de julho de 1931.<sup>4</sup> Além de discorrer sobre as qualidades da nadadora olímpica, o jornal sugeriu uma competição entre Brita Hazelius, recordista mundial dos 200m em braçada clássica, e a melhor nadadora brasileira, Maria Lenk, que detinha o recorde brasileiro de 400m de braçada clássica para se “ter uma pequena ideia do progresso da nossa natação” e ao mesmo tempo em que proporcionaria uma oportu-



nidade a Maria Lenk para demonstrar as suas qualidades na braçada clássica. “Fica aí, portanto, o nosso lembrete e esperamos que os dirigentes dos nossos clubes providenciem a respeito”.<sup>4</sup>

Na edição de 15 de agosto de 1931, o “Correio da Tarde” entrevistou Maria Lenk, que se mostrou “muitíssimo interessada em conhecer a nadadora olímpica que se encontra em São Paulo”. Em relação a Brita Hazelius, Maria Lenk disse que “gostaria de vê-la nadar e que aproveitaria bastante da observação do seu estilo de braçada clássica, prova em que Brita era campeã. Tenho certeza de que só teria a lucrar, como, aliás, qualquer pessoa, em verificar o modo por que aproveita os movimentos obrigatórios do nado em que se especializou”.<sup>4</sup> Os jornais não confirmam se realmente houve esse encontro.

O “Diário da Noite” confirmou em 21 de agosto de 1931<sup>4</sup> que a estrela de Maria Lenk cada vez brilhava mais forte na medida em que vinha melhorando o seu estilo e tempo. Nessa entrevista, Maria Lenk revelou um pouco de seu passado atlético e de seu objetivo: “Iniciei-me na prática salutar da natação há mais ou menos dois anos, sob a competente direção do Sr. Raul de Carvalho. Em fevereiro de 1930, competi pela primeira vez num festival do Esperia, tirando segundo lugar na prova de 50m (braçada clássica), novíssimas, páreo esse ganho por Marina. Depois corri muitas e muitas vezes sempre revezando os primeiros e segundos lugares com minha rival e colega de clube. Em abril do ano passado, se não me falha a memória, foi que venci o páreo, que eu reputo mais sensacional da minha carreira e o que me deixou recordação indelével. Foi uma competição ideada pelos ‘Diários Associados’. Venci o páreo de honra, 100m, nado livre em 1’29”. Estando em organização o campeonato feminino de natação, pretendo nele tomar parte e por isso vou treinar com afinco, pois creio que poderei vencer algumas provas”.<sup>4</sup>



Apesar de já ser 21 de agosto de 1931 e de os Jogos Olímpicos de Los Angeles ocorrerem somente no ano seguinte, o “Diário da Noite” ainda quis saber a opinião da jovem Maria Lenk sobre o envio de algumas nadadoras a essa edição dos Jogos. A entrevistada disse então que era “muito cedo ainda para pensar em Olimpíadas, pois os tempos estavam ainda muito fracos”. Porém assinalou que talvez ela, “depois de apurados treinos, poderia figurar em uma ou duas provas de braçada clássica”. Maria Lenk desviou então do assunto para descrever a situação da natação feminina como sendo “deveras lamentável que o número de nadadoras no Brasil seja bastante reduzido. As minhas patrícias ao frequentar os clubes no verão limitam-se apenas a aprender a ficar flutuando. Conheço moças com aptidões notáveis: se tivessem mais vontade e entusiasmo, tornar-se-iam ótimas nadadoras, porém uma vez que venceram uma ou duas provas de campeonato interno, abandonam por completo os treinos. Naquele momento de agosto de 1931, o sonho dourado de Maria Lenk no ramo de esporte que praticava era vencer o Campeonato Feminino do Estado e arranjar uma competidora para os 800m, nado livre.<sup>4</sup>

Alheio à Revolução Constitucionalista que já estava se organizando, alguns meses mais tarde, no princípio do ano dos Jogos de Los Angeles, em 16 de janeiro de 1932, o jornal “O Dia” inicia uma campanha para a inclusão de Maria Lenk como representante da natação brasileira: “se os mentores da CBD desejam agir com justiça e imparcialidade na escolha dos elementos representativos da natação brasileira não deverão esquecer a nossa melhor nadadora, a senhorita Maria Lenk, elemento de valor e digna de nos representar naquela Olimpíada com probabilidade de ser finalista numa das provas daquele grande certame internacional”. Adicionam que apesar da pouca idade, Maria Lenk é “possuidora de um físico formidável, bem orientada nos seus treinos, podendo dentro em breve ser uma glória nacional em plagas estrangeiras, pois é bastante citarmos



que atualmente na braçada clássica e mesmo no nado livre de um ano para cá não sofreu nenhum revés, tornando-se desta maneira, digna de melhor apoio dos dirigentes da F.P.S.R. e da própria CBD”.

Os tempos que Maria Lenk vinha obtendo em provas de sua especialidade, a braçada clássica, indicavam-na como provável vencedora de um torneio brasileiro feminino, ou até mesmo, segundo o jornal, um torneio internacional, no qual ela “representaria muito bem as cores nacionais”.

Para esta proposição, o jornal oferece um resumo da vida esportiva de Maria Lenk, que está transcrito no quadro 1 “com as suas vitórias que são metas, a par com os tempos verdadeiramente formidáveis para a sua classe e tempo que vem praticando a natação”. Para a época tratava-se de evidência incontestável, que em meio a várias revoluções, principalmente a que ocorria no estado de São Paulo poderia trazer algum tipo de compensação para a situação difícil por que se passava.<sup>4</sup>

O país precisava de alguém que pudesse levantar o moral do povo. O Brasil não havia mandado nenhum atleta a Amsterdã para os Jogos de 1928 não somente devido à falta de recursos, mas também por estar no final de uma difícil fase no governo federal: o fim da República Velha, que logo chegaria com a Revolução de 1930. O povo carecia de uma luz certa e bem vistosa que pudesse resgatar o valor nacional, enchendo de orgulho o peito brasileiro. Ao mesmo tempo as mulheres exerciam pressão junto ao governo para serem reconhecidas como cidadãs através de seu movimento para o sufrágio feminino. Enquanto isso a imprensa investia na promoção de uma mocinha que a cada dia melhorava seus tempos nas piscinas.



# QUADRO 1

## VIDA ESPORTIVA DE MARIA LENK ENTRE 02/02/1930 E 20/03/1932<sup>4</sup>

	Data	Local	Distância	Tipo de nado	Classe	Tempo da prova	Tempo de prática do nado
1	02/02/30	Esperia	50m	Livre clássica	Novíssima	48"	2 anos
2	13/02/30	AASP	50m	Livre	Interna	46"	2 anos
3	16/02/30	AASP (FPSR)	50m	Braçada Clássica	Novíssimos		2 anos
4	23/03/30	Federação (AASP)	50m	Nado livre	Novíssimos		2 anos
5	17/08/30	AASP	50m	Nado livre	Novíssimos		2 anos
6.	12/10/30	Estrela	100m	Nado livre		1'39"	2 anos
7	12/10/30	Estrela	50m	Costas		49"	1 ano
8	11/10/30	Federação	50m	Nado livre			2 anos
9	16/11/30	Federação	4 x 50m	Revezamento Nado livre			1 ano
10	30/11/30	Federação	50m	Revezamento Nado livre	Júnior	41"	2 anos
11	30/11/30	Federação	50m	Braçada clássica	Júnior	44"	1 ano
12	22/03/31	Feminina	100m	Nado livre	Júnior	1'29" 1/5	1 ano
13	22/03/31	Feminina	400m	Braçada Clássica	Júnior	7'30"	1 ano
14	22/03/31	Feminina	4 x 50m	Nado livre	Júnior		2 anos
15	22/03/31	Feminina	3 x 25m				1 ano
16	29/03/31	Federação	100m	Braçada clássica	Júnior	1'37"	1 ano
17	29/03/31	Federação	100m	Livre		1'30"	1 ano
18	19/04/31	Feminina	200m	Livre		3'24"	1 ano
19	19/04/31	Feminina	150m	Medley		300 2/5"	1 ano
20	19/04/31	Feminina	3 x 50m	Revezamento		2'20"	1 ano
21	26/04/31	Rio de Janeiro	200m	Livre		3'19"	1 ano
22	11/10/31	Força Pública	50m	Livre		39"	1 ano
23	18/10/31	Estrela	100m	Livre		1'23" 1/5	1 ano
24	18/10/31	Estrela	100m	Braçada Clássica		1'37" 1/5	1 ano
25	10/01/32	Federação	50m	Braçada Clássica		46"	1 ano
26	10/01/32	Federação	100m	Livre		1'27"	1 ano
27	24/1/32	Federação	100m	Nado de costas		1'41"	1 ano
28	28/2/32	Gazeta	7200m	Livre no Rio Tietê			1 ano
29	20/3/32	Federação	100m	Nado de costas		1'40" 3/10	1 ano
30	20/3/32	Federação	50m	Nado de costas		48"	1 ano



Continuando a trajetória de sucesso de Maria Lenk, o “Diário da Noite” de 30 de março de 1932 relatou a visita do carioca Antonio Ferreira Jacobina Filho, campeão sul-americano de polo aquático, autoridade em natação da época, à Atlética. Lá ele descobriu uma “nadadora que é um colosso”. Em suas palavras, “dos campeões de natação de SP, a que mais me entusiasmou foi a nadadora Maria Lenk, que é assombrosa e que dá ‘poeira’ em muitos nadadores, com certa facilidade; Maria Lenk fez 3’22” em 200m de peito e 1’26” em nado crawl. Ela está colossal nas saídas e nas voltas, o que faz com verdadeira perfeição”.<sup>4</sup>

Uma semana mais tarde, em 7 de abril, o “Diário da Noite” registrou que “Maria Lenk havia estabelecido o recorde brasileiro dos 200m braçada clássica com 3’22”6.” O jornal então utilizando como fonte a revista “Der Schwimmer” (O Nadador) comparou o tempo obtido por Maria Lenk nesta prova de braçada clássica com os tempos de nadadoras europeias que haviam participado do campeonato europeu do ano anterior (1931) para a mesma prova: (i) a inglesa Wolstenholme obteve o tempo de 3’16” 2; (ii) a holandesa Kalstein, 3’18” 2; (iii) a inglesa Hinton em 3’20” 4; e (iv) a alemã Sucherdt em 3’23” 8. Pode-se então concluir que Maria Lenk ficaria em quarto lugar. No entanto é necessário acrescentar que nesta prova especificamente Maria Lenk correu sozinha sem ter quem a puxasse e logo após ter nadado a prova de 100m costas. O jornal ainda acrescenta em sua análise que “ninguém nos viria dizer que tal nadadora treinada especialmente nesta prova não honraria o nome esportivo do Brasil nas grandes competições esportivas mundiais do corrente ano. Reflitam, pois senhores da CBD ao escolherem os nossos representantes para Los Angeles”.<sup>4</sup> Isto mostra que Maria Lenk estava cada vez mais perto de obter uma indicação efetiva para representar o Brasil na natação feminina na X Olimpíada.

Em 30 de abril, Maria Lenk concedeu entrevista para o “Diário Nacional”, na qual afirma que continua treinando para os



Jogos Olímpicos, porém não sabia se iria a Los Angeles. Ela treinava apenas para melhorar seu desempenho. Sua bandeira era “antes que se faça grande propaganda da natação feminina, pois assim, para a próxima olimpíada, teremos uma porção de moças, todas em ótima forma, prontas para fazer uma grande eliminatória a fim de ser escolhida a equipe brasileira.<sup>4</sup> Maria Lenk também concedeu entrevista ao repórter Joel Nelli de A Noite (Fig. 12).



Fig.12 Manchete sobre a possível ida de Maria Lenk aos Jogos Olímpicos. Entrevista concedida ao jornalista Joel Nelli do jornal A Noite. Fonte: Blog da Biblioteca Nacional

Finalmente em maio de 1932, Maria Lenk foi indicada pela CBD e nas provas eliminatórias de natação bateu o recorde sul-americano dos 100m em nado de costas em 1'35 "4/5,



recorde este que pertencia a V. Caffarena com 1'47" 3/5. O recorde mundial pertencia naquela época a B. Mealing com 1'20 "3/5 e o olímpico a M. T. Baun com 1'22" (4).



**Fig. 13 Maria Lenk no início de sua carreira de nadadora**  
**Fonte: Arquivo Nacional**

É possível observar que como Maria Lenk realmente era muito diferente das outras nadadoras em sua estrutura física, porte atlético e demais habilidades, com tempos bastante reduzidos, especialmente impressionantes para uma jovem nadadora. Cogitou-se de mandá-la para fora como representante nacional uma vez que era imbatível aqui. Era a melhor nadadora de todos os tempos. Como o Brasil de 1932 carecia de uma figura que pudesse enlevar o nome do país em termos de autoestima da população brasileira, as cores nacionais poderiam ser mais bem de-



fendidas por ela visando alguma glória para os brasileiros. Maria Lenk, a revolução da natação feminina, poderia ser considerada nesse caso uma peça-chave na construção de uma identidade em meio a um período de mudanças intensas tais como as da Revolução Constitucionalista e as outras, mais silenciosas, da inclusão das mulheres na cidadania e no esporte. Maria Lenk foi uma vitoriosa na medida em que contribuiu essencialmente para a inclusão da mulher no cenário esportivo brasileiro, principalmente no cenário da natação feminina em meio a várias revoluções que tomavam conta do Brasil, especialmente de seu estado natal: São Paulo.

O embarque da delegação brasileira no Itaquicê se deu em fins de junho de 1932. Maria Lenk, aos 17 anos de idade, embarcou sozinha. A Revolução Constitucionalista explodiu logo em seguida, em 9 de julho de 1932, interrompendo a comunicação da imprensa com o exterior.<sup>4</sup>



**Fig. 14 Itaquicê**

Fonte: F-01-1932-Navio-que-levou-a-delegação-brasileira.jpg (2983-2310) (wp.com)



## REFERÊNCIAS

1. A Guerra Civil Brasileira. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o\\_Constitucionalista\\_de\\_1932](https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Constitucionalista_de_1932). Acesso em 12/01/2017.
2. Franco, Mariana & Olivas, Marcos. Análise da participação da mulher na política brasileira: do Estado Novo à atualidade. Disponível em <http://www.fepi.br/revista/index.php/revista/article/viewFile/452/324>. Acesso em 13/01/2017.
3. Women's Suffrage. Disponível em [https://en.wikipedia.org/wiki/Women's\\_suffrage](https://en.wikipedia.org/wiki/Women's_suffrage). Acesso em 12/01/2017.
4. Acervo Maria Lenk. Pesquisa realizada em 2002 na biblioteca da Universidade Gama Filho.
5. Pandolfi, D. (Org.) Repensando o Estado Novo. Disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br>. Acesso em 12/01/2017.
6. Bonavides, P & Amaral, R. Textos Políticos da História do Brasil. Volume IV, 3ª Edição, Senado Federal 2002. Disponível em <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/81924/Volume4.pdf?sequence=4>. Acesso em 17/01/2017.
7. Governo do Estado de São Paulo. 9 de Julho marca a luta dos paulistas pela Constituição. Disponível em <http://www.saopaulo.sp.gov.br/eventos/9-de-julho-marca-a-luta-dos-paulistas-pela-constituicao/amp/>. Acesso em 16/01/2017.
8. Museu da Imagem e do Som. A Mulher na Revolução de 32. Disponível em <https://www.google.com/culturalinstitute/beta/exhibit/a-mulher-na-revolu%C3%A7%C3%A3o-de-32/gQnJQwgm?hl=pt-BR>. Acesso em 13/01/2017.



9. National Women's History Museum. Seneca Falls Convention. Disponível em <https://www.nwhm.org/online-exhibits/rightsforwomen/SenecaFalls.html>. Acesso em 14/01/2017.
10. Ribeiro, A. A Mulher e o Voto. Disponível em <http://www.notasonline.com/artigos/alunos/A%20Mulher%20e%20o%20Voto.htm>. Acesso em 18/01/2017.
11. A Luta pela Emancipação da Mulher – Conselho Estadual dos Direitos da Mulher. Disponível em [http://www.cedim.rj.gov.br/historico\\_cedim.asp](http://www.cedim.rj.gov.br/historico_cedim.asp) Acesso em 10/01/2017.
12. Miragaya, A & DaCosta, L. (1997). Atividades físicas sistemáticas e a mulher: inclusão no lazer, na família e no trabalho (trabalho não-publicado).
13. Miragaya, A. (2006). The Process of Inclusion of Women in the Olympic Games. Tese de Doutorado. Universidade Gama Filho, disponível em [www.sportsinbrazil.com.br](http://www.sportsinbrazil.com.br)
14. The International Olympic Committee. Disponível em [www.olympic.org](http://www.olympic.org) Acesso em 11/01/2017.
15. Comitê Olímpico Brasileiro. Disponível em <https://www.cob.org.br/pt/cob/comite-olimpico-do-brasil> Acesso em 12/01/20.



## CHAPTER 3

# "THE ORAL HISTORY OF MARIA LENK'S LIFE: A VANGUARDIST, BY HERSELF"

*Fabiano Pries Devide*

I met Maria Lenk at various times during my career as an athlete and as a researcher. Our first meeting took place when I became a competitive swimmer, in 1987, in Rio de Janeiro, in a swimming competition in Leblon. It was a three-and-a-half-kilometer race in the sea, between Arpoador and Leblon. Maria Lenk was 72 years old, the oldest woman enrolled in the race, and I was impressed with her vigor to swim all that distance in the open sea.

We met again, in 1998, when I was a participant in the master swimming movement, and also working towards my M.S. in physical education. I was conducting a study on the oral history of the Brazilian Association of Swimming Masters (ABMN), an entity of which Maria Lenk had been the founder (DEVIDE, 1998). Soon after that, I interviewed her for the first time for my master's thesis (DEVIDE, 1999).

A few years later, in 2001, when I was working towards my Ph.D. on the history of women's swimming in Brazil in the 20th century (DEVIDE, 2003), I had the opportunity to ask her for a second interview, which took place as proposed by the canons of the methodology of social research. It then



became an informal conversation, divided into two visits in her home, so that she could report on her career as a sportswoman and as a physical education teacher, professor and director. She also spoke on women's pathway in sport, in society and in Brazilian swimming, adding precious information on the history of Brazilian physical education. The interview, which was recorded and transcribed, contains some passages which show her importance in the process of Brazilian women's emancipation, especially of those women who began to occupy public space as they played sports.

Within the context of her testimony, Lenk offers us details of her daily life with her family, the incentive she had from her parents in relation to physical culture, how swimming was introduced in her childhood, her German-based education, her sports training, her participation in the Olympic Games of Los Angeles and Berlin, her 1939 world records, her participation in relevant events for female swimming in Brazil, her pioneering initiative with butterfly style, the relationship with other athletes and with the press, the conciliation of the roles she played as woman, athlete, wife, swimming instructor and mother, her professional career, the beginning of her career as professor at National School of Physical Education of the University of Brazil (Escola Nacional de Educação Física da Universidade do Brasil), the reflection about sports in the lives of women and their roles in society and the testimony about the main athletes of that time.

Her testimony displays an avant-garde woman who managed to occupy several spaces reserved only for men at that time, such as athlete, teacher, manager of physical education and sport. During this invaluable opportunity, I realized I had come across a woman with articulated speech, marked by politeness and soft voice.

Indeed, Maria Lenk had been a pioneer in women's swimming in Brazil, not only giving visibility to women in sport



and society, but also encouraging women's insertion in physical activities since the 1930s – even though there had already been other few sportswomen, before that time, participating in sports competitions, including swimmers, since the 1910s (DEVIDE, 2003, 2004; DEVIDE, VOTRE, 2012).

As her testimony outweighs any introduction, I share below the oral evidence of this woman who went through a century, ending her career in water, which made her an extraordinary personality at the beginning of the 20th century, and which embraced her as a master world champion at the beginning of this new century.



## CAPÍTULO 3

# “HISTÓRIA ORAL DE VIDA DE MARIA LENK: UMA VANGUARDISTA POR ELA MESMA”

*Fabiana Pries Devidé*

### INTRODUÇÃO

**A**pós alguns anos pesquisando a História das Mulheres no esporte, especificamente, sua trajetória na natação no Brasil, foi com prazer que recebi o convite dos organizadores desta obra para escrever sobre esta personagem da História do Esporte nacional, com a qual pude ter contato em diversos momentos de minha vida: o primeiro, quando ainda iniciava minha participação em travessias como atleta, nos idos de 1987, na cidade do Rio de Janeiro, quando (re)conheci quem era Maria Lenk, então com 72 anos, a mulher mais idosa inscrita na prova, e o vigor para percorrer o trajeto entre o Arpoador e o Leblon, nos três quilômetros e meio da prova. Depois, como pesquisador e participante do movimento master de natação, na ocasião de uma pesquisa sobre a História Oral da Associação Brasileira de Mas-



ters de Natação (ABMN), entidade da qual Maria Lenk foi fundadora (DEVIDE, 1998). Em seguida, participando como atleta e pesquisador sobre a natação master, entre os anos de 1997-1999, ocasião em que a entrevistei pela primeira vez para minha dissertação de mestrado (DEVIDE, 1999). Por fim, durante meu doutoramento sobre a História das Mulheres na natação feminina no Brasil no século XX, entre 1999-2003 (DEVIDE, 2003), quando tive a oportunidade de entrevistá-la em sua residência, a respeito da trajetória das mulheres no esporte, na sociedade e na natação brasileira.

Nas duas ocasiões que entrevistei Maria Lenk, a primeira em 1998, na ocasião do 26º Campeonato Brasileiro de natação master, em Brasília/DF; e a segunda, em seu apartamento, na cidade do Rio de Janeiro, me deparei com uma mulher com discurso articulado, marcado pela polidez e voz suave. Essa segunda entrevista, em profundidade, ocorreu em sua residência, em dois encontros, tendo como pauta a sua História Oral de Vida (THOMPSON, 1992; MEIHY, 1996), sua trajetória no esporte e na História da Educação Física brasileira. Gravada e transcrita, a evidência oral desta personagem relevante do esporte brasileiro mantinha-se arquivada com o pesquisador, à exceção dos recortes de seu discurso presentes na obra “História das Mulheres na Natação Brasileira no século XXI: das adequações às resistências sociais” (DEVIDE, 2012), que apresenta minha pesquisa de doutoramento e contém algumas passagens sobre a importância de Maria Emma Hulda Lenk Zigler no processo de emancipação feminina das mulheres brasileiras que passaram a ocupar o espaço público pela prática dos esportes.

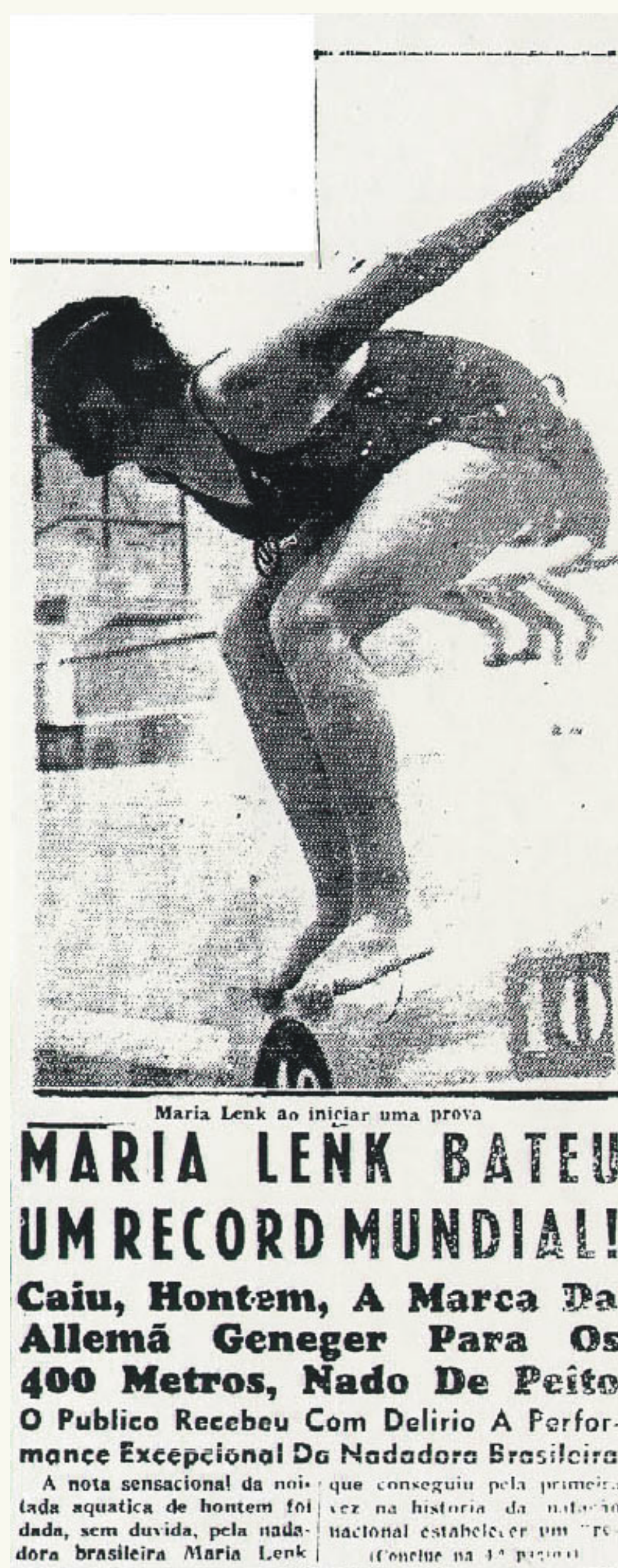
Nascida em 1915, na cidade de São Paulo, descendente de alemães, participante de duas edições dos Jogos Olímpicos Modernos (Los Angeles, 1932 e Berlim, 1936), Maria Lenk foi professora e diretora da Escola Nacional de Educação



Física e Desportos (ENEFD) e primeira mulher convidada para ser membro do Conselho Nacional de Desportos (CND) (DEVIDE, 2005a, 2005b; MIRAGAYA et al., 2005). Sua participação na natação brasileira é pautada pelo pioneirismo, conferindo visibilidade às mulheres no esporte e na sociedade, incentivando sua inserção nas práticas corporais a partir da década de 1930 – ainda que já houvesse outras mulheres esportistas, incluindo nadadoras, disputando provas desde a década de 1910, no Brasil<sup>1</sup> (DEVIDE, 2003, 2004; DEVIDE, VOTRE, 2012).

Maria Lenk destacou-se na História por várias conquistas inéditas e relevantes, que colaboram para torná-la uma mulher símbolo da História das Mulheres no Esporte no país: Maria Lenk foi a primeira mulher sul-americana a participar dos Jogos Olímpicos Modernos, em 1932, na cidade de Los Angeles; durante a década de 1930, acompanhando a evolução dos nados no exterior, inovou no Brasil ao nadar o butterfly com a recuperação dos braços por fora da água, mantendo a pernada do nado clássico, aprimorando sua impulsão; neste contexto, Lenk foi a única mulher a utilizar o butterfly nos Jogos Olímpicos de Berlim, no ano de 1936. Porém, pela perda do condicionamento físico decorrente da longa viagem de navio e do pequeno tanque montado a bordo para treinamentos<sup>2</sup>, não conseguiu repetir seus resultados expressivos na Alemanha. De volta ao Brasil, entretanto, especializou-se no nado butterfly e foi a primeira brasileira a quebrar dois recordes mundiais femininos, em 1939, nos 200 e 400 metros nado de peito, com os tempos de 2'56" e 6'15"8, respectivamente.





Fonte: **Jornal dos Sports**,  
anno IX, n. 3119, 12.10.1939.

Sua evidência oral<sup>3</sup> supera quaisquer apresentações que, como autor, eu faça nesta obra, uma vez que já escrevi sobre Maria Lenk em outras publicações. Dessa forma, seu discurso vale mais do que minha escrita acadêmica, no contexto de uma obra que a homenageia. Por esse motivo, decidi por apresentar aos leitores/as a evidência oral desta mulher que atravessou um século, finalizando sua carreira singrando as mesmas águas que a tornaram um expoente no início do século XX, e a abraçaram como campeã mundial master no início desse novo século.

Apresento a transcrição da entrevista concedida em sua residência, onde os certificados de seus dois recordes mundiais concedidos pela Federação Internacional de Natação - FINA - repousavam na parede, ao lado de placas e homenagens. Desejo que ao ler seu depoimento se aproximem



dessa mulher de vanguarda, que com o apoio dos pais, no convívio com a cultura física europeia, conseguiu ocupar diversos espaços reservados somente aos homens àquela época, como o de atleta, professora, gestora da Educação Física e do Esporte.

## EVIDÊNCIA ORAL DE MARIA LENK

### SOBRE O COTIDIANO FAMILIAR E O INCENTIVO À CULTURA FÍSICA...

**FD** Gostaria que a senhora falasse um pouco sobre a família, o cotidiano familiar.

**ML** O meu pai gostava de ginástica de aparelhos. Em São Paulo, onde eu nasci e me criei, havia uma associação alemã de ginástica. Ele tirava prêmios competindo. Tinha muito interesse na aptidão física. Todo dia antes de ir ao trabalho, ele era funcionário de banco, ele fazia seus exercícios e tal. Ele reconheceu que eu estava numa fase de crescimento muito rápida e muito enfraquecida por doenças infantis. E me levou à natação para melhorar minhas condições físicas. Na ocasião não havia piscinas e eu aprendi a nadar no rio, com ele. No Rio Tietê. [interrupção]. Daí ele me levou a clubes de natação. E nos clubes a gente teve um ambiente próprio. Apesar de não haver piscinas, havia atividades à beira do rio. Havia uma prova de natação muito importante, em São Paulo: a Travessia de São Paulo a nado. E... aí eu fui crescendo.

**FD** Fora o esporte, como era o cotidiano da família? A família da senhora era de origem mais patriarcal ou matriarcal?

**ML** Ambos colaboravam na família. Porque a mentalidade alemã da época era da mulher... cuidar dos filhos e cuidar



da casa. E minha mãe insistiu... em nossa formação cultural. Não só de escola, como, sobretudo, manter a língua. Eu falo melhor o alemão que o português.

**FD E como se deu a vinda da Alemanha?**

**ML** Eles vieram antes da I Guerra Mundial. Houve uma história comprida, que não vale à pena...

**FD De alguma maneira, o pai ou a mãe da senhora, ou até a irmã influenciava mais na prática esportiva?**

**ML** Era meu pai mais do que a minha mãe. A minha mãe aceitava, mas ela não era desportista.

**FD Qual o nome da mãe da senhora e do pai?**

**ML** Minha mãe chamava-se Rosa e eu pai chamava-se Paulo.

**FD Além do pai, da mãe e da irmã da senhora, havia outros parentes que influenciaram a carreira esportiva da senhora?**

**ML** Não. Mesmo porque a gente não tinha parentes aqui no Brasil.

**FD E o relacionamento da senhora com seus pais, como era?**

**ML** Ah, era... O clássico daquela época. De se ter... Bastante ordem e disciplina, mas havia muito carinho, muita atenção. De forma a nunca... causar problemas psicológicos. Essas bobagens são de hoje, naquela época não se falava nisso. As pessoas naturalmente criavam os seus filhos, mais por instinto que por conhecimento.

**FD Ambos incentivavam a senhora nessa prática esportiva?**

**ML** É. Sobretudo meu pai... mas minha mãe também teve interesse a ponto de, eventualmente, ao ingressar... no noticiário, ela recortar todas as referências em jornais. E fa-



zer uma coleção disso. Essa coleção foi que eu doei à Universidade Gama Filho para fins de pesquisa.

**FD E o seu pai ficava na outra parte? Ele fazia o quê?**

**ML** Ele me levava às piscinas e... à piscina não, ao rio, né? Me levava ao clube, né? E minha mãe me incentivava de outra forma.

## A INFÂNCIA EM SÃO PAULO: PRÁTICA ESPORTIVA E EDUCAÇÃO

**FD Como foi a infância da senhora em São Paulo?**

**ML** A infância numa cidade de 500 mil habitantes... Ela é uma infância aberta, em contato com a natureza... E com muita liberdade... Então eu só tenho lembranças boas.

**FD A senhora morava onde, lá nessa época, lembra?**

**ML** Havia um bairro... de Santana.

**FD Perto do rio, né?**

**ML** Exatamente.

**FD É perto da onde tem a Associação Atlética São Paulo...**

**ML** É, o caminho para Santana, tem que ser atravessar a Ponte Grande... E é em volta da Ponte Grande que havia os grandes clubes. Tem um autor de... um livro, um jornalista, recentemente publicado, chamado “O Rio Tietê, o rio do esporte”. Você conhece?

**FD O Henrique Nicolini. Quando estive em São Paulo, me mostraram o livro. É muito interessante o trabalho que**



**ele fez. E as atividades que a senhora se envolvia nessa infância? Quais eram, além de nadar?**

**ML** Não tinha outras. [silêncio] Eram brinquedos, mas não tinha... Não é como hoje, que a criança é levada de uma aula para outra, de tudo que... Está escrito no livro. Então... a natação foi por coincidência, até, que a gente ingressou.

**FD Mas além da natação, a senhora não se envolvia em outras atividades?**

**ML** Eu não tinha outra. A minha mãe, na sua ânsia de... transmitir cultura... fazia termos aulas de canto... e de composição. E de quantas coisas houvesse. Mas não havia... uma maneira de se cuidar... dos filhos como é hoje. Era mais... liberdade no quintal da casa.

**FD A senhora, nessa época, tinha amigos? Como era essa parte da infância?**

**ML** Eu não me lembro, específico, de amizades assim... especiais. A não ser os companheiros de clube, né? E eram todos garotos pulando n'água e... nadando a, de qualquer maneira. Porque não se conhecia métodos de treinamento. Eventualmente apareceu um ex-nadador... que se transformou em técnico, sem estudos maiores. O nome dele era Carlos de Campos Sobrinho. Eu menciono no meu livro. E ele dava um certo... método, aos nossos treinos. Mas não era nada de... intensivo, como se faz hoje.

**FD Era o Carlitos, né? E a entrada na escola? A senhora lembra como foi essa formação escolar?**

**ML** Eu frequentei uma escola de... freiras católicas alemãs... que ensinavam... pelo sistema alemão. Então, foi essa a minha formação... de escola. E... completa com... ensinamentos particulares em português.



**FD Em casa?**

**ML** Em casa. Em aulas particulares.

**FD Então, de alguma maneira, a senhora e a irmã da senhora mantiveram uma educação alemã.**

**ML** Mais alemã. É.

**FD E a Educação Física nessa escola, a senhora lembra como era?**

**ML** O meu pai, mais uma vez... entusiasta de ginástica, ofereceu às freiras dar aulas de ginástica. Na época não havia Educação Física escolar. Ele ensinava a ginástica, como, ele também ensinava no clube dele, na Sociedade Alemã de Ginástica. E era mais em forma de movimentos de dança... acompanhando música... e como eu tocava piano... eu acompanhava as aulas dele no piano.

**FD E a sua irmã? Fazia?**

**ML** Também entrava nessa. Mas ela tinha cinco anos menos, e... Isso na infância faz uma diferença grande, né?... Ela seguiu isso tudo mais tarde.

**FD A escola era escola para meninas, ou para ambos os sexos?**

**ML** Era para meninas e meninos.

**FD A senhora lembra se havia diferença da educação feminina para masculina na escola que a senhora estudou?**

**ML** Eu não sentia diferença, não. A Educação Física era geral. O meu pai fazia as mesmas coisas. Com os meninos e com as meninas.



**FD Mas as aulas eram mistas?**

**ML** É. Eram juntas. Eram de uma forma diferente do que se faz hoje. Ele chamava isso de ginástica... Turnen.

**FD O Turnen igual ao que havia na Alemanha, com aparelhos?**

**ML** Bom, lá no colégio não tinha aparelhos. Ele tinha que se limitar mesmo ao que ele chamava de... exercícios livres. Firenbund.

## A INSERÇÃO NA NATAÇÃO E SUA FORMAÇÃO ESPORTIVA

**FD Como se deu a formação esportiva da senhora?**

**ML** Não foi, é... automatizando... crescendo. Eventual. E... não foi específica. Pelo contrário, a gente... pela lei do amadorismo, a gente não tinha facilidade nenhuma. E tinha que cuidar da vida fora da piscina.

**FD Essa vida fora da piscina, era o quê?**

**ML** Eu comecei acho que... com 15, trabalhando na própria ginástica. E fui num crescente, até... me formar como professora de Educação Física. E eventualmente ser aproveitada como tal.

**FD A senhora começou aprendendo a nadar no rio, né? No Rio Tietê. E daí para lá, onde a senhora começou a nadar, em clube, efetivamente?**

**ML** A Associação Atlética São Paulo construiu a primeira piscina de medidas oficiais... 25 metros... Dois anos depois, o Clube de Regatas Tietê construiu uma piscina olímpica de 50 metros. E como eu estava visando, a participação nos Jogos Olímpicos... eu passei para essa piscina. Clube de Regatas Tietê.



**FD E antes da Associação Atlética São Paulo, a senhora não nadou em nenhum outro clube?**

**ML** Tinha um clube alemão chamado Estrela... E eu nadava lá também. Aliás, foi aí onde... eu ingressei pela primeira vez em clube. Depois passei para Atlética, vizinha. A gente tornou-se muito amigo, né? Dos nadadores de lá... e depois para o Tietê.



**Foto 1: Nadadoras pertencentes ao clube alemão Estrela, na ocasião de sua participação na Travessia de São Paulo a Nado, em 1924. Da esq. para dir., a última é Irene Mertinsen**  
*[Fonte: Arquivo Histórico do Clube Espéria].*

**FD A senhora lembra a época que a senhora nadava no Estrela e quando foi para Associação Atlética?**

**ML** 1930. Depois... 1932 [Associação Atlética São Paulo]. Aí, aí eu fui para os Jogos Olímpicos, né? E na volta eu passei para o Tietê... e fiquei lá até... 1938.



**FD** Dentre todos os esportes, por que a senhora acha que o senhor Paulo, o pai da senhora, escolheu a natação naquela época?

**ML** Porque naturalmente, conhecia esse esporte. O atletismo, que recém estava nascendo... Ele era feito num clube... chamado Germânia, hoje Pinheiros. Mas ficava no outro extremo da cidade, inacessível para a gente. E ele também não tinha tanto interesse pelo atletismo. Então foram circunstâncias naturais que me levaram para lá.

**FD** A senhora acha que ele não tinha interesse pelo atletismo... por que tinha mais conhecimento em relação à natação?

**ML** Talvez fosse.

**FD** Não foi nada em função do atletismo não ser adequado à mulher e da natação ser?

**ML** Não. Não.

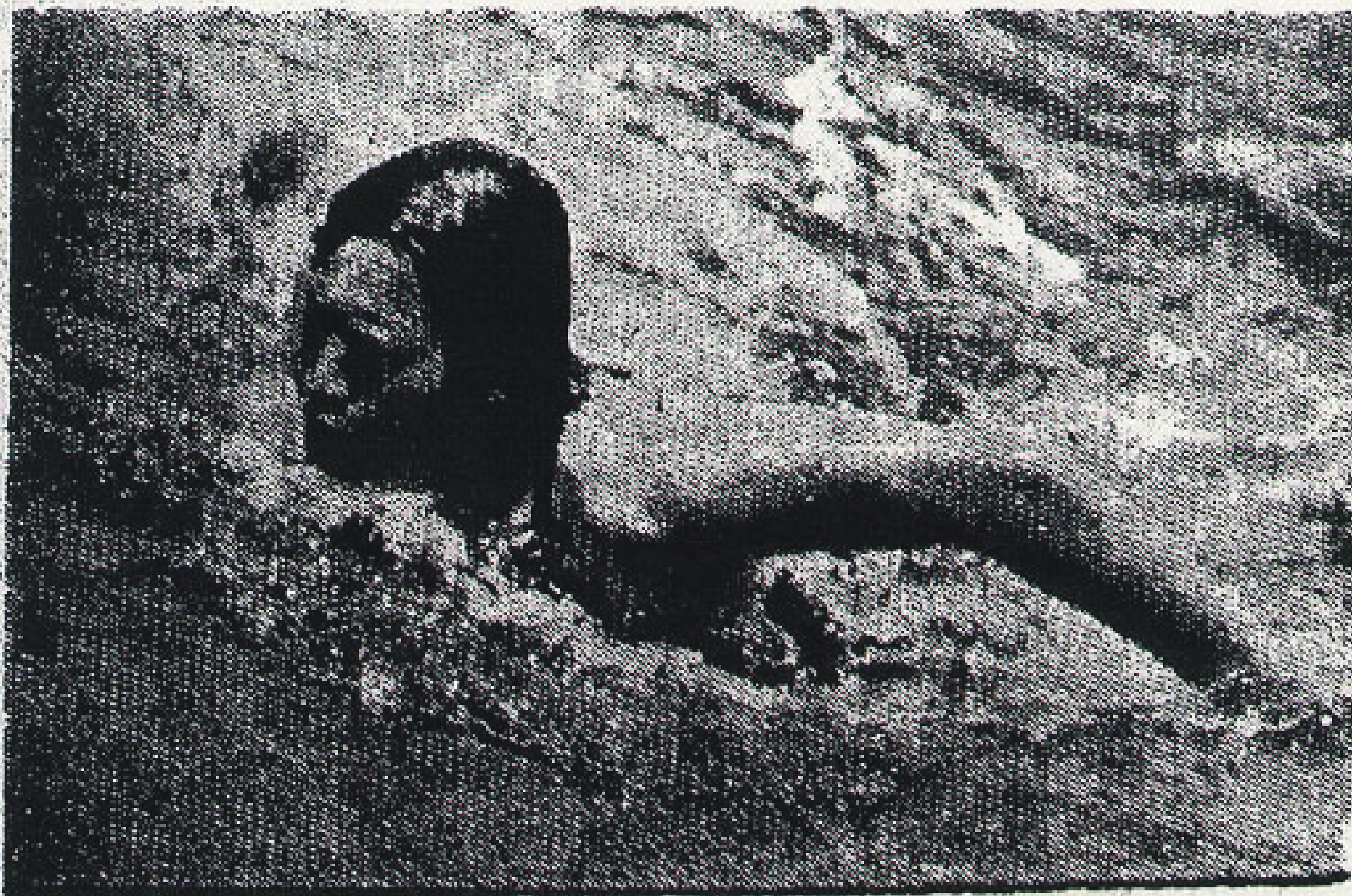
**FD** Quais, para senhora, são os principais títulos da senhora nesse esporte?

**ML** Os recordes mundiais, naturalmente foram... O máximo da minha carreira... E... foram em vésperas de Jogos Olímpicos. De 1940, quando eu esperava talvez uma medalha... Nos Jogos Olímpicos, que não houve, né? Então o máximo foram mesmo... esses recordes.



# Novo Record Mundial De Maria Lenk

**Caiu Na Noite De Hon tem A Marca Da Hol-  
landeza Waalberg Para Os 200 Metros**  
TAMBEM SIEGLINDA LENK BATEU UM RECORD SUL-  
AMERICANO — SENSACÃO NA REUNIÃO AQUÁTICA



— Maria Lenk num flagrante, nadando no seu estilo preferido —  
Vibraram novamente, hon- | campeã Maria Lenk, a quem | mundial, repetindo assim a  
tem os aficionados da aqua- | coube pela segunda vez, a | façanha que agitou a cidade  
tica carioca, com um outro | honra de dar à nataçãõ bra- | quando no mez transactq  
feito sensacional da grande | zileira o seu segundo record | [Conclua na 4.ª pagina]

Fonte: Jornal dos Sports, anno IX, n. 3141, 09.11.1939.

**FD** Nessa trajetória no esporte, tinha pessoas que a senhora se espelhava e... nesses esportistas ou nessas esportistas, a senhora via um incentivo? Para alcançar?

**ML** Ah, eu diria que não, especificamente. Eu conheci os nadadores daqueles clubes, naquela época, que naturalmente eu admirava. Mas não que me inspirassem, especificamente. Eu também tinha... espírito combativo. E com isso eu me sujeitava... a treinamentos com intenção, de vencer meus adversários. E esse espírito combativo eu... mantive durante muitos anos.



**FD Mantém, né? [risos]**

**ML** Mantenho, até certo ponto. [risos]

**FD Quer dizer, não existiram... Ídolos no esporte que... A senhora...**

**ML** Eu ouvi falar em Johnny Weissmuller. Eu ouvi falar em Gertrude Ederle, que foi a primeira mulher a atravessar o Canal da Mancha. Eram... nomes que surgiam... numa informação que se podia obter e que era limitada na época, a bem da verdade, porque... televisão não havia, nem rádio. Então era através de jornais... publicações. A minha mãe mandava vir da Alemanha... revistas sobre natação, que informavam. Era isso.

**FD Além dos dois recordes mundiais, houve mais algum fato marcante?**

**ML** Uma coisa que também gravou na memória foi... por ocasião da II Guerra Mundial... O presidente dos Estados Unidos... O Roosevelt queria aproximar a América do Sul à América do Norte... E, por incrível que pareça, não convidou footballers. Convidou um grupo de nadadores sul-americanos. E no meio deles, eu estava, a única mulher, e fizemos um torneio... pelos Estados Unidos. Nadando por lá... E eu consegui vencer as provas e... Nadar recordes mundiais. Mas eram jardas, porque nos Estados Unidos... não se nadava em metros. E esses recordes, por conseguinte, não foram reconhecidos pela FINA... Mas foi o apogeu na minha carreira. E o final da minha carreira também. Porque isso foi nos anos [19]42.

**FD Como era a rotina de treinamento da senhora nessa época?**

**ML** Bom, nessa época treinava-se uma vez por dia, e treinava-se... na distância... Eu era das que nadava mais... E numa certa época, no apogeu, eu nadava de quatro a cinco mil metros por dia. Mas isso comparado com hoje era pouquíssimo.



**FD Mas naquela época, é preciso se projetar naquela época para perceber como é, né?**

**ML** Eu era das que mais treinava no Brasil. Isso eu sei. Todo dia. Mas no máximo uma vez por dia, porque tinha que encaixar no horário das outras atividades. De estudo e trabalho.

**FD Não é como hoje, né? Que os patrocinadores, é... conseguem...**

**ML** O nadador hoje é profissional, eventualmente não faz mais nada, né?

**FD Como foi o ingresso da senhora na Seleção Brasileira?**

**ML** Naturalmente, havendo competições e vencendo... me convidaram. Inclusive para os Jogos Olímpicos foi um destaque, que... as autoridades tomaram conhecimento e me chamaram.

**FD Naquela época, quais eram os critérios de convocação para os Jogos Olímpicos?**

**ML** Não havia como há hoje, índices. Escolhiam-se os melhores. E assim mesmo, de forma reduzida... por que... os conhecimentos eram mínimos. O intercâmbio não existia. E até mesmo as informações... Não tinha rádio, era via correspondência marítima. Então chegavam ao Brasil com atraso de um, dois meses... Era assim [risos].

**FD Quer dizer, era em função do resultado que os nadadores mostravam em competições, eles eram convocados?**

**ML** É.



## A PARTICIPAÇÃO NOS JOGOS OLÍMPICOS

**FD** A senhora participou de dois Jogos Olímpicos. Houve dificuldades no participar?

**ML** Na ocasião, não. A ideia, na primeira vez, era experimentar. Então me enviaram. Porque eu me destacava longe de todas as outras nadadoras. E na segunda vez... já se escolheu as nadadoras, para comporem um revezamento. Então foram quatro. E na época houve uma... um problema político, entre duas facções que brigavam... Então se escolheu quatro para o revezamento, da facção à qual eu pertencia... E escolheu-se uma da facção contrária, que era a Piedade Coutinho, que nadou sozinha por lá. E ao chegar em Berlim reuniu as duas equipes.

**FD** Essas quatro outras, eram quem?

**ML** A minha irmã, Sieglinde... E havia uma nadadora, Scylla Venâncio... E havia outra nadadora, a Helena Salles.

**FD** Todas paulistas?

**ML** Todas paulistas.





**Foto 2: Esq.-Dir.: Maria Lenk, Scylla Venâncio e Sieglinde Lenk em Berlin.**  
*[Fonte: Arquivo Histórico do Clube Espéria/foto publicada  
no Olympia Zeitung, 21 jul. 1936]*



**FD Como é que se deu, por exemplo, em Los Angeles, oficialmente, a convocação da senhora?**

**ML** Ah, eles me chamaram. E perguntaram ao meu pai se ele me deixava ir... Foi uma coisa muito sem... cerimônia e sem protocolo.

**FD E qual foi a reação na época?**

**ML** Bem, eu fiquei felicíssima, em poder sair, daqueles quatro cantos de São Paulo, e conhecer uma coisa nova. E meu pai... Ele ficou contente. Ele, com a mentalidade alemã, ele permitiu. Eu tinha 17 anos, era menor, por conseguinte, mas ele me entregou aos cuidados do chefe da delegação...

**FD Quem era o chefe, na época?**

**ML** Era um major... Ele chamava... Major... Daqui a pouco eu lembro o seu nome. Mas ele era chefe da delegação pela, então, Confederação Brasileira de Desportos...

**FD As viagens, tanto para Los Angeles quanto para Berlim, eram de navio. Como era a viagem?**

**ML** Ah... Eu nunca tinha viajado de navio, quando fui a Los Angeles. E na ocasião... fretou-se um navio... um dos Itas, daqueles da Costeira. E aí naturalmente, era só para os atletas e pessoas convidadas que compraram algumas passagens, só para esse fim. De forma que ficou, mais ou menos, um tipo de concentração de atletas. Muito interessante, porque... se deu um ritmo de, todos os dias, fazer ginástica, e andar no convés. Coisas desse gênero. Mais atletas jovens. Também eram muito brincalhões... se divertiam e eu me lembro da viagem como sendo uma viagem muito boa. E agradável. Travei amizades preciosas.





**Foto 3: Esq.-Dir.: Getúlio Vargas, presidente do Brasil; Maria Lenk e Renato Pacheco, presidente da Confederação Brasileira de Desportos, a bordo do navio Itaquicê, na ocasião do embarque para os Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1932.**

*[Fonte: Arquivo Nacional/Acervo iconográfico do jornal Correio da Manhã].*



**FD E como era ser a única mulher atleta no navio? Para representar o Brasil?**

**ML** Eu não era a única mulher no navio. Por conseguinte eu estava acomodada em cabines de várias mulheres, e... ser a única atleta... atleta feminina, não importava muito. Porque é muito interessante a atitude dos homens na época, era de, ou ver na mulher... a fêmea, que teria que ser paquerada, e quando não correspondia à imagem, como era o meu caso, aí passou a se inverter, completamente. E me tratavam como companheira. E eu fui incluída no grupo, como colega, como companheira, como seria hoje, também.

**FD Por que a senhora acha que não correspondia à imagem?**

**ML** ...Porque... os homens na época encaravam a mulher de um outro ângulo. Também não gostavam que a mulher... saía de casa, se expor ao público. Era um quebra gelo da época. A mulher na época não votava. Nós tínhamos... baluartes feministas, como era a Bertha Lutz, que se empunhava pelo voto feminino, que afinal, ela conseguiu vencer na época. Tinha uma grande aviadora brasileira, Anésia Pinheiro Machado, que também teve que quebrar os conceitos e preconceitos da época. E assim vai.

## A RELAÇÃO COM OS TREINAMENTOS, ATLETAS E A IMPRENSA

**FD Como se dava a convivência entre a senhora, enquanto atleta, mulher, naquela época... de 1930, 1940, e o treinador?**

**ML** O treinador surgiu na figura do Carlos de Campos Sobrinho, o Carlito... E ele tinha uma atitude paternal para comigo. Era uma diferença de idade muito grande. Ele então se interessou. Para ele era interessante no sentido profissional... Porque, o meu talento, também refletia sobre o



trabalho dele. Tanto é que ele foi escolhido depois, o técnico da equipe que foi aos Jogos Olímpicos.

### **FD De Los Angeles?**

**ML** Não. Isso foi de Berlim. Em Los Angeles ele ainda não era meu técnico.

### **FD Os treinamentos que ele fazia com a senhora, eram só com mulheres? Nadadoras?**

**ML** Não. Ele só tinha uma equipe, no Tietê, de mais de 300 nadadores, entre homens e mulheres. Dois terços eram homens, pelo menos dois terços ou mais. E as mulheres, ele sentia o que as mulheres podiam fazer, e construía sobre isso. Mais por intuição e raciocínio próprio, que conhecimento técnico mesmo.

### **FD Quer dizer, tinha um treino específico para as mulheres que nadavam?**

**ML** É. Geralmente junto com os homens. Eu treinava muito com os homens. Porque eles, sendo mais fortes, naturalmente, me estimulavam.

### **FD Mas ele, o Carlitos, de qualquer maneira, tentava adaptar um pouco o treinamento para que as mulheres pudessem nadar também?**

**ML** Ele tinha que adaptar à possibilidade de cada um. Mesmo dos rapazes, nem todos tinham... capacidade para treinamentos fortes, né?

### **FD A senhora lembra dos nomes que nadavam na época? De nadadores e nadadoras?**

**ML** Havia um grande campeão chamado João Podboy. E depois havia um nadador... Germec, que nadava distâncias longas. Ele era muito curioso, porque... ele era estudante



de Medicina... e, na bagagem dele só iam livros, para ele estudar.

### **FD E entre as nadadoras?**

**ML** Entre as nadadoras eu me lembro bem da minha irmã, naturalmente. E das que foram aos Jogos Olímpicos... E havia outras que, uma delas é minha amiga até hoje. Chamada Guaracyaba. Depois ela se casou aqui no Rio... Tivemos contato, até hoje.

### **FD Como era a relação da senhora enquanto atleta... e outras atletas, outros atletas, no Brasil?**

**ML** A gente se encontrava nas competições. Mas não tinha... uma... vivência social fora da piscina. Mesmo porque não havia tempo, entre treinar, trabalhar e estudar, não sobrava tempo pra vida social.

### **FD As mulheres que nadavam naquela época costumavam trabalhar e treinar?**

**ML** Todos. Os homens também. Estudar...

### **FD Mas começava a trabalhar mais cedo, então?**

**ML** É. Mas os trabalhos eram... relativamente, de baixo nível, porque a gente não tinha campo de trabalho intenso, como é hoje. E nem conhecimento. Então... na época a gente, sobrevivia.

### **FD Nas competições a senhora lembra de haver rivalidades entre atletas?**

**ML** A rivalidade sadia, desportiva, mas... como o esporte era amador, não incomodava a ninguém perder ou ganhar. Então, eram sempre camaradagens muito sadias.



**FD E preconceito de atletas, em relação às nadadoras... A senhora lembra? Por mulheres estarem nadando? Naquela época, início da década de 1930?**

ML – Olha, não me lembro não. Os preconceitos, se existiam, eram fora do ambiente desportivo.

**FD E como acontecia?**

ML Ah, isso dividia. Havia os que não gostavam da mulher... ingressar na vida pública. E havia os que estimulavam. E eram homens! Através da mídia, através da direção de clubes... Então nós devemos aos homens o nosso ingresso no esporte.

**FD Como se dava a relação com a imprensa, que cobria as competições e fotografava vocês?**

ML Ah, não era muito diferente de hoje. Tirando retratos, e faziam relação, relatórios, nos jornais. Mas de uma forma mais amena e mais levada para a descrição simpática da atividade, do que a seriedade de rivalidades, né?

**FD Lendo reportagens da época, eu noto que os repórteres, jornalistas, entendiam da natação.**

ML Ah, sim. Eu... fico admirada como, hoje, muitos jornalistas aparecem e não entendem nada da escrita. E isso é em todos os esportes! Mas na época eles entendiam bem. Muitas vezes até eram nadadores. E... hoje, por exemplo, eu gosto do tênis, e ouvia... descrição do jogo de tênis do Guga, por um jornalista que era tenista. A gente percebia a maneira dele descrever. Então, eu, se eu tenho que dar... uma, um conselho a jornalistas, de não se limitarem às informações externas, que por acaso recebiam. E que penetrem mais fundo no assunto, pra saberem da reação do público específico.

**FD Olhando a imprensa da época, notei que as mulheres aparecem muito. Eram muito fotografadas, mas fora da piscina, como se fossem modelos. Mas a senhora apare-**



ce, muitas vezes, nadando. É uma das únicas que aparece nadando. Como avalia isso?

**ML** Eu não tenho nada a dizer sobre isso. Porque... eu não fazia questão de fazer pose, mas sempre que me pediam, naturalmente, eu atendia, e ficava junto às minhas companheiras... Éramos fotografadas em grupo... E deve ser porque o borboleta era diferente. E as outras não nadavam. E eles tinham interesse de tirar, a minha natação dentro da água.

**FD** Inclusive, nos arquivos do Fluminense, eu encontrei um jornal publicado em Berlim, durante as Olimpíadas... Que tem um artigo que fala sobre... O nado borboleta e tem a senhora fotografada, nadando borboleta.

## oder deutsches Brustschwimmen?

Ein Spiel mit Zahlen um Koike, Higgins und Balke

Als „Ete“ Rabemacher 1926 die Höhe des Schwimmsports in Amerika so ungefähr zwanzig Jahre zurück gestaltet, da war er u. a. Inhaber des Weltrekords im Brustschwimmen über 200 Meter mit einer Zeit von genau 2:48. Damals bestand noch kein Streit der Meinungen über „Butterfly“ oder deutsches Brustschwimmen, wie wir es seit Bestehen sportlichen Schwimmens kannten. Im Gegenteil, man hätte ihm in den „Staaten“ vielleicht lieber eine Wasserwaage auf die Schultern gelegt, um festzustellen, ob auch die Schultern in allen Abwechslungen eine genau horizontale Lage innehielten. Nur dazu gern hätte man an dem Durchzug seiner Arme „gemäkelt“, nachdem schon in der Gröbste seiner Ausstellungen gemacht worden waren.

Wie haben sich die Zeiten geändert, nachdem die Vormachtstellung im Brustschwimmen von Amerika über Deutschland auf Japan übergegangen ist, beim letzten Olympia zwei Japaner, Furuta und Koike, und der Philippiner Aldefonso die drei ersten Plätze belegten. Deutschland und Amerika waren also in dieser Disziplin völlig ausgeschaltet worden. Es galt, unter allen Umständen verlorene Gebiete zurückzuerobieren.

Da erreichte uns eines Tages die Nachricht, die Amerikaner hätten im Brustschwimmen einen neuen Stil gefunden, mit dem man Zeiten erreichen könnte, die bisher nur Kraulern möglich gewesen wären. „Butterfly“ nannte man „breiten“ diese neue Stilart, „Schmetterlingschwimmen“ im alten Stil. Schnell entbrannte der Kampf am grünen Tisch, ob Butterfly überhaupt noch etwas mit dem alten, im sportlichen Programm verankerten Brustschwimmen zu tun habe, aber die Verantwortlichen des amerikanischen Schwimmsports ließen sich nicht einschüchtern. Es wurde fleißig weitergearbeitet, und bald kamen die ersten neuen Rekordmeldungen. 100 Meter wurden in etwa 1:12 und 200 Meter in 2:46 und 2:47 zurückgelegt.

Aber die Sache hatte einen Nachteil: keiner der Schwimmer hatte genügend Kraft und Ausdauer, den neuen Stil die ganzen 200 Meter durchzuhalten, er schaffte günstigstenfalls die Hälfte. Aber der dabei erzielte Vorsprung war dann so groß (denn es wurde mit etwa 1:14 bis 1:16 für die ersten 100 Meter angegangen), daß der Butterfly Schwimmer oft bis ins Ziel davon „leben“ konnte. Zu berücksichtigen war aber dabei — und das wurde zuerst stets übersehen! — daß die Gegner sich durch das Anfangstempo überlassen und verführen ließen, mitzugehen, so daß sie dann nach halber Strecke

fast ausgepumpt waren und keine Kraft mehr zum Endspurt besaßen. Diese Ansicht ist vollauf durch den Start der Amerikaner Ende v. J. in Deutschland bestätigt worden, wobei die Deutschen, nachdem sie sich auf die Anfangsgeschwindigkeit eingestellt hatten, über 200 Meter stets siegreich blieben, wohl aber über 100 Meter in fast allen Fällen den Kürzeren zogen.

Man untersuchte damals die technische Seite des Schmetterlingschwimmens und fand sich damit ab. In 14 Tagen wird die Frage gelöst sein: Butterfly oder altes Brustschwimmen!

Wie sind nun aber die zu holen möglichsten Unterlagen beschaffen, soweit sie uns beweiskräftig zur Verfügung stehen?

Den Weltrekord im Brustschwimmen 200 Meter hat der Franzose Cartonnet mit 2:39,8 inne, er schwamm diese Zeit auf einer 25-Meter-Bahn im orthogonen Stil. Cartonnet erzielte seine Leistungen aber stets im Alleingang, im Kampfe Mann gegen Mann verlagte er. Er fällt damit bei einer Beurteilung aus. Wahgebend für den Schmetterlingsstil sind in erster Linie die Amerikaner, die uns in Higgins, Rasley und Ruge drei Vertreter dieser Art in Berlin vorführen werden. Higgins ist mit einer Zeit von etwa 2:42 der Schnellste. Wie uns aber Brauninger, einer der besten Trainer Amerikas, seinerzeit erzählte, kann auch Higgins nur die ersten 100 Meter dieses Tempo durchhalten, auch er geht dann zum alten Stil über, um eventuell von dem erzwungenen Vorsprung zu zehren. Unter den zahlreichen deutschen Brustschwimmern ragt Achim Balke hervor, der in den letzten Wochen wiederholt Zeiten von 2:44,8 erreichte und damit auch deutscher Meister wurde. Balke schwimmt aber nur die ersten 50 Meter in der neuen Stilart und geht dann zum alten deutschen Brustschwimmen über. Meistens beträgt sein Vorteil dann etwa 3 bis 4 Meter. Er reizt seine Gegner aber, mitzugehen, wodurch diese, wie vorher gesagt, schneller ihre Kraft verbrauchen als im Kampfe gleicher Stilarten. Man kann über diese Stilkombination geteilter Meinung sein. Bisher gaben ihm die Erfolge gegen Sietas und Heina sowie gegen Paul Schwarz recht. Aber Halberstadt zeigte im Endkampf, daß Balke bei geringerem Vorsprung als 3 bis 4 Meter auf den ersten 50 Metern ungemein härter zum Schluß zu kämpfen hat, um sich des Endpunkts seiner Gegner zu erwehren. Sietas und Heina sind typische „alte“ Brustschwimmer. Sietas, der bereits in Amsterdam und Los Angeles dabei war, hält heute noch mit dem ihm eigenen Brustschwimmen Europa- und deutschen



Maria Lenk (Argentinien) bietet dem Kameramann ein willkommenes Beispiel für den „Butterfly-Stil“ — Hassanien (Ägypten) hofft mit dem deutschen Brustschwimmer schneller zum Ziel zu kommen.

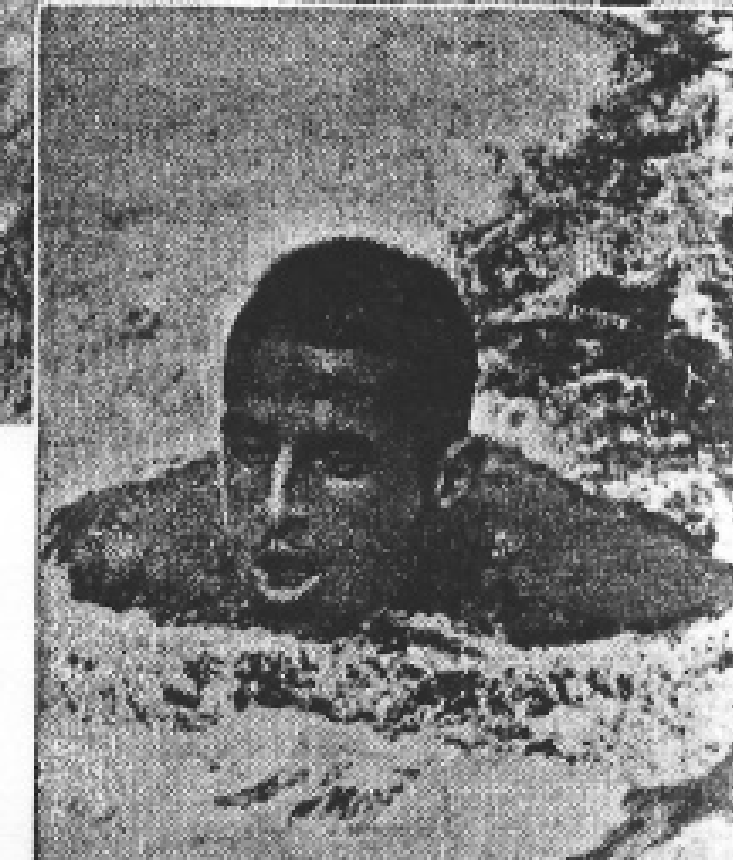
Maria Lenk (Argentinien) demonstrates the Butterfly-style for the benefit of the camera-man

Hassanien (Egypt) hopes to increase his speed by adopting the German breast-stroke

Maria Lenk (Argentinien) démontre au photographe le nouveau style brasse papillon Hassanien (Egypte), pour gagner, a plus de confiance dans la brasse allemande.

Rekord mit 2:41,1. Das ist eine Zeit, die für Balke, selbst auf einer 25-Meter-Bahn, noch nicht gestoppt wurde.

Ohne jede Konzeption und Kombination haben die Japaner den alten Stil im Brustschwimmen beibehalten. Ihr kurzer und gedrungenere Körper scheint sie wenig oder gar nicht zum Schmetterlingschwimmen zu befähigen. Trotzdem stellten sie vor vier Jahren in Furuta und Koike die olympischen Sieger und in letzterem den Inhaber des olympischen Rekords mit 2:43,8. Und das sind auch ungefähr wieder die



Zeiten, die man bisher vor ihnen kennt. Bei den japanischen Studentenmeisterchaften schwamm Koike 2:43, sein schärfster Gegner Hamu 2:45,8. Bei den Endauscheidungen war die Reihenfolge umgekehrt, Furuta siegte in 2:43 vor Koike mit 2:45,8.

Die Frauen haben sich anscheinend wenig Gedanken darum gemacht. Denn den Weltrekord hält die Japanerin Mamehato mit 3:00,4, die deutsche Bestleistung hat Martha Genenger mit 3:00,5 (!) inne. Beide sind der alten Brustschwimmerin treu geblieben und werden auch kaum eine Gegnerin zu fürchten haben. Interessant ist aber, daß die olympische Bestzeit bei Frauen von Miss Denis (Australien) 3:00 lautet, man wird also mit einer erheblichen Verbesserung dieser Marke zu rechnen haben.

Erich Schult

Fonte: Olympica Zeitung, n. 6, 26 jul. 1936.



**ML** Ah, sim, eu fiz muito sucesso com esse estilo novo, e fui filmada pela... então companhia de filmes que havia lá, alemã... E fiz entrevistas também, por falar corretamente o alemão. Eu pude atendê-los. Então, com isso me projetar.

## **SOBRE SER MULHER, ATLETA E PROFESSORA NO INÍCIO DO SÉCULO XX**

**FD** Como era ser mulher e praticar esporte de competição na década de 1930; e no final da década de 1920, que a senhora estava aprendendo a nadar?

**ML** Eu não sentia assim tão... É, coisa específica, porque eu era também ainda infantil, juvenil, e... gostava de estar presente, competindo. E nunca senti alguma... restrição por parte do público. Pelo contrário. Incentivos.

**FD** Isso na época. Mas hoje, a senhora, lendo mais e vivenciando a profissão de professora, como interpreta o que acontecia naquela época?

**ML** Eu nunca me dei ao trabalho de filtrar isso. O fato é que... quando surgia uma competição, e eram muito mais raras do que são hoje, e muito menos seguidas e classificadas como são hoje... Então quando aparecia uma prova, a gente participava. Sem nenhuma restrição.

**FD** Em relação à reação, por exemplo, da família, amigos, namorados, a própria sociedade em si, em relação à mulher atleta...?

**ML** Eu não sinto, eu não sinto ter havido restrições. Pelo menos não chegou a ser muito expresso perante mim... Mais tarde sim, quando eu ingressei no professorado, como professora de Educação Física... Eu fui enviada ao interior, numa pequena cidade chamada Amparo, para lá de Campinas, e era uma cidade dominada pelos bispos do



local. Eles conseguiram manter uma mentalidade com... Hmm... O povo do lugar, contra a mulher no esporte. E eu, dada a minha profissão, era levada a fazer ginástica, não na escola. No colégio secundário, foi para isso que eu fui contratada... E exigia das meninas o uso de calções, bombacha, abaixo do joelho, e mesmo assim, a repercussão entre eles era totalmente negativa. Então houve uma restrição naquela fase. Mas a natação feita em clubes, em São Paulo... E depois, mais tarde, no Rio, eu nunca senti inibição e restrições.

**FD A senhora sentia restrições em outras modalidades, que não fosse a natação?**

**ML** Eu não fazia outras coisas, de forma que eu não posso dizer. Mas havia pouca atividade feminina... fora da natação. Havia um pouco de atletismo. Eu até numa ocasião participei de campeonatos de atletismo. Aprendi arremesso de dardo, fiz com saltos e corridas, e não havia limitações.

**FD Por que a senhora acha que a maioria das mulheres fazia natação em São Paulo, enquanto atividade esportiva?**

**ML** Porque estavam lá. Eram levadas por seus familiares, né? E é o que se fazia.

**FD Se fôssemos analisar, era uma atividade que expunha o corpo da mulher. No entanto, era a mais praticada por elas, numa época em que algumas modalidades não eram bem vistas, a mulher não deveria praticar esporte... Deveria ficar no âmbito do espaço privado...**

**ML** É. Mas eu, pessoalmente, era totalmente despreocupada disso, e nunca tive nenhuma fama maliciosa injetada em mim, sobretudo porque meus pais me trataram... E me levaram para o esporte, de uma forma natural e incentivando. Então eu não posso dizer que por meu lado ter sentiria restrições.



**FD Como foi a convivência da senhora com nadadores de outros países nessas viagens internacionais?**

**ML** Eu me lembro muito bem da viagem depois dos Jogos Olímpicos de Berlim... Eu fui convidada, juntamente com a equipe japonesa, a viajar pela Alemanha, nadando. Aí tivemos... um relacionamento espetacular. Era a minha irmã e eu, apenas, do Brasil, e era o grupo japonês, se exibindo nas várias cidades... encontrando com... a equipe alemã. Desta época eu tenho boas lembranças... e bons relacionamentos. Foi quando eu conheci mais de perto, o campeão olímpico, de 1500 metros... Kitamura, que mais tarde eu reencontrei em natação de master, por ocasião do Campeonato Mundial de Master, realizado em Tóquio, e que ele dirigiu, e renovamos nossa amizade da juventude [risos].

**FD E a convivência com essas nadadoras alemãs e de outros países nos dois Jogos Olímpicos que a senhora foi... Como era nadar junto delas? Elas tinham uma cultura diferente em relação ao esporte?**

**ML** Dentro d'água não havia diferença... Era a mesma coisa.

**FD Mas a formação delas... A maneira como elas lidavam com o esporte, não era diferente da maneira como a brasileira lidava?**

**ML** Eu não via nenhuma diferença...

## **SOBRE A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL COMO PROFESSORA E DIRIGENTE**

**FD Como se deu a formação profissional da senhora, sem ser a natação?**

**ML** Destacando aí a natação... Eu... fui informada da fundação da Escola de Educação Física... E ela não tinha aco-



lhida... na universidade. Então, era orientada pela Divisão de Educação Física em São Paulo... Ela foi fundada como Escola Superior de Educação Física... E eu sabendo disso, me interessei para fazer esse curso. Aceitaram a minha inscrição e eu fui da primeira turma que se formou, das mulheres de Educação Física no Brasil. Foi uma experiência muito interessante, muito grata. E durante dois anos de estudo, na convivência entre homens e mulheres, todos orientados para esse objetivo... eu senti uma satisfação muito grande no dia, de receber meu diploma, né?

**FD Após se formar como professora de Educação Física, em termos profissionais, como foi a carreira da senhora?**

**ML** Eu ingressei, como disse, trabalhando no interior, primeiro... Depois eu fui chamada aqui para o Rio, para ajudar a fundar a Escola de Educação Física da, então Universidade do Brasil. Note bem que é dentro da Universidade, pela primeira vez, e isso a gente deve aos oficiais da Escola de Educação Física do Exército. Que os militares, na época, eram do governo... E conseguiram essa proeza, de forma a eu me tornar, então, professora... desta escola.

**FD Como escolheram o nome da senhora para ingressar como professora da Escola Nacional de Educação Física?**

**ML** Souberam da minha proeza na natação. E eles tiveram uma mentalidade muito boa, porque quiseram, na fundação... para o ensino, os expoentes dos respectivos esportes, que também tivessem Educação Física. E isso não foi muito fácil encontrar. Encontraram e me convidaram.

**FD E depois da Escola Nacional de Educação Física, a senhora trabalhou em algum outro lugar?**

**ML** Não. Eu fiquei dedicada a isso o tempo todo. Eu dava aulas particulares, de ensino da natação na piscina do Copacabana Palace... durante 25 anos... principalmente du-



rante o período do verão... Durante o período de férias, as crianças eram levadas aos meus cursos. E aprendiam a nadar comigo.

**FD Em termos profissionais, há fatos que marcaram a carreira da senhora?**

**ML** Ah sim, eu sempre fui convidada a integrar... conselhos e lugares de projeção para ajudar o desenvolvimento... Logicamente da própria Educação Física, no Brasil.

**FD Quais entidades, no caso?**

**ML** Não eram entidades especiais, nós formávamos comissões. Através das Escolas de Educação Física. Daí temos tido oportunidade de trabalhar em prol da Educação Física Escolar Brasileira.

**FD Nesse tempo de trabalho, que a senhora teve a oportunidade de trabalhar na Universidade do Brasil... houve convites específicos, para se discutir a questão da mulher no esporte nessas legislações?**

**ML** – Não se distinguiam. Eram sempre gerais. Não se fazia distinção entre homens e mulheres. É claro que as aulas eram dadas para o grupo feminino e para o grupo masculino. Mesmo porque eram de intensidades diferentes e pequenas modificações, na adaptação... Mas, de uma maneira geral, não se fazia distinção.

**FD Quer dizer que não havia uma preocupação em relação à mulher no esporte, nessa época?**

**ML** Não.

**FD A senhora participou de movimentos sociais?**

**ML** De Educação Física. Esses através... do Ministério da Educação.



## CONCILIANDO OS PAPÉIS DE MULHER, ESPOSA E PROFESSORA

**FD A senhora casou mais tarde. Como foi conciliar esporte e trabalho?**

**ML** Ah, isso, é, foi interessante, porque... depois de me casar, eu continuei como professora. E mesmo o nascimento dos meus filhos... não interrompeu a minha carreira. Eu fui continuando da mesma forma. Conseguindo conciliar as duas coisas. Dona de casa e mãe de família, com a profissão de professora de Educação Física, mas não de competição. Eu já havia saído da competição, nessa época.

**FD Quando a senhora decidiu casar, ter filhos, não competia mais. E a questão do trabalho com a nataçãõ?**

**ML** Eu ensinava nataçãõ. Eu não tinha outra função. Eu não estava competindo. Porque havia a lei do amadorismo, que não permitia a gente ser professora, ganhando dinheiro através da nataçãõ. Quando eu tive que ingressar na profissão... eu tive que sair da competição.

**FD Isso foi depois de 1942?**

**ML** É.

**FD E a senhora não parou de nadar?**

**ML** Não. Dado o trabalho mesmo, à beira de piscina... eu nunca deixava de nadar um pouquinho depois das aulas, e quando eu finalmente me aposentei, aí descobri a nataçãõ de master. É o que eu estou fazendo agora.

**FD Como o seu marido via a senhora trabalhando? Aceitava, normalmente?**

**ML** Aceitava. Ele era americano, tinha muita mentalidade de... profissional. Ele era profissional.



**FD Não se sentiu ofendido pela senhora, enquanto mulher, na época, trabalhar... ter seu dinheiro...**

**ML** – Pelo contrário. Ele até me incentivava. Às vezes ficava em casa, cuidando dos garotinhos, enquanto eu ia trabalhar [risos].

**FD São dois filhos?**

**ML** É. Um homem e uma mulher. Ambos são engenheiros, hoje. Meu filho é engenheiro nuclear... e minha filha, é engenheira náutica. Estão lá nos Estados Unidos... e preenchendo essa profissão.

**FD Em algum momento a senhora sentiu em conflito porque tinha que trabalhar, criar filhos, cuidar da casa?**

**ML** Bom, eu tinha uma empregada para me ajudar... E era uma correria constante, mas eu consegui... fazer as duas coisas.

**FD Em momento algum a senhora pensou em parar de trabalhar?**

**ML** - Não. Não porque... foi muito difícil eu conquistar aquele meu lugar na universidade. Eu não ia jogar fora não.

**FD Por que a senhora acha que foi difícil?**

**ML** Eu não sei o porquê, mas... o início de carreira... E depois... conquistar finalmente o meu lugar... Eu prezava muito o que eu estava fazendo... Gostava da minha profissão, o que é fundamental... E não ia dispensar isto [risos].

**FD Como se deu o processo da senhora parar os treinamentos? Decidir, “- Bom, eu já nadei durante tantos anos. Atingi tais objetivos... Agora eu vou parar”?**

**ML** Eu parei porque as leis do amadorismo me forçaram a parar... Mas eu não parei de nadar totalmente, só parei de competir. Isso eram meios internacionais que se impu-



nham... Para todos os esportistas amadores... Até mesmo de futebol. O futebol depois que se divorciou. Acabou havendo um grupo de profissionais... Mas esses não podiam competir em Jogos Olímpicos. E havia os amadores.

## O PAPEL DAS MULHERES NA SOCIEDADE E NO ESPORTE

**FD** Como a senhora avalia o papel da mulher na sociedade? Na sua época de nadadora, quando a senhora era mais jovem e hoje em dia, na sociedade atual?

**ML** Bem, na minha época... a Bertha Lutz se empenhou para conseguirmos o voto feminino, né? Já foi uma grande conquista. Ela [a mulher], aos pouquinhos, foi ingressando na atividade... fora do lar. Primeiro como... serva do homem, em forma de secretária, em forma de ajudante. Mas hoje ela já domina também determinadas áreas... ocupando o lugar de chefia. E na política da mesma forma. Ainda somos em minoria, mas as que ingressam, certamente fazem trabalhos primorosos a ponto de serem respeitadas pelos demais companheiros masculinos.

**FD** Como a senhora avalia essa evolução?

**ML** Eu acredito que as guerras, aliás são as guerras que alteram o comportamento social, e a Segunda Guerra Mundial foi a mais, a maior responsável por esse ingresso da mulher na vida pública. Porque os homens foram para o front, e o lugar que eles tinham, ficou desocupado, e ficou sendo necessário alguém realizar. E ninguém mais, senão a mulher. Desta maneira, ela foi ingressando, sucessivamente, até conquistar os lugares até hoje.

**E** E como a senhora avalia essa participação da mulher hoje?

**ML** Eu acredito que quando as mulheres alcançam lugares de destaque, é porque elas alcançaram à custa de com-



petência. E de grande interesse pelo que estão fazendo, com ideias amplas em favor da sociedade, sob aspectos diferentes dos políticos masculinos. Então, se interessam mais pela educação... pela saúde, e coisas desse gênero. Eu acredito que vão acordar também... O seu interesse pelas pessoas da terceira idade, que chamamos as pessoas idosas, que hoje ainda não encontraram o abrigo devido, né? Então a mulher, quando ingressa, ela realmente tem que ser respeitada, porque ela produz.

**FD Por que a senhora acha que em cargos relacionados ao esporte, a mulher ainda não conseguiu o seu espaço?**

**ML** Talvez porque ela não tenha lutado por ele, porque onde ela conseguiu... Ser presidente de Federação, por exemplo. O Coaracy é o presidente da Confederação Brasileira de Esportes [Aquáticos]. É um homem... Mas quando você conversa com ele, ele diz que as maiores colaboradoras são as presidentas das Federações [Estaduais], mulheres, mais do que os homens. Não é nada impossível que, numa hora dessas apareça uma mulher lá também. Tem que se interessar, antes de mais nada, pelo posto, né? Mas agora, por exemplo, em Mato Grosso... onde eu fui na semana passada... A presidenta da Federação de Natação é uma mulher... Está fazendo um trabalho maravilhoso. Está inclusive, demovendo o governador para construir um parque aquático, que lá não tem. Em Campo Grande não tem. Ela quer construir. Ela tem uma equipe de nadadores, principalmente infanto-juvenis, muito interessante. Ela cuida muito bem da sua atividade lá. É porque ela tem interesse e se dedica àquilo.

**FD Como a senhora avalia a presença da prática esportiva de alto rendimento na vida da mulher?**

**ML** Isso é uma coisa muito pessoal. E todas as atividades esportivas de alto nível, são muito exigentes. E às vezes



mais do que... É... realmente interessante à mulher. Muitas vezes, essas mulheres que são corredoras de fundo... com intensidade de trabalho físico muito grande, elas param de menstruar, por exemplo. Isso é conhecido. É porque... atinge... a feminilidade delas de tal forma que eu diria que é além do desejado. Então, sob esse aspecto, é preciso a gente analisar melhor, o que é aconselhável e não é. Por outro lado, a mulher quer ser igual ao homem, então tem que pagar o preço.

**FD A senhora acha importante o esporte de alto nível na vida da mulher?**

**ML** É. E não são todas, porque são talentos, e esse número é muito pequeno. E daí como qualquer distinção, em qualquer área, na Arte, onde for... a mulher tem um conceito, uma maneira de viver, uma filosofia diferente da grande maioria. Eu diria que não se pode tomar isso como genérico.

**FD De que formas a senhora acha que essa prática esportiva de rendimento pode influenciar a vida delas?**

**ML** Influencia demais. Mas pode ser... desde que saibam se retirar em tempo hábil. Diminuir sucessivamente a intensidade. Pode ser benéfico, mas também, pode, com exagero ser maléfico.

**FD A senhora acha que a prática esportiva de alto nível beneficia a mulher enquanto atora social?**

**ML** Não. Hoje... abre-se o jornal e querem-se resultados desportivos, sejam eles femininos ou masculinos. E até com uma certa exigência antipática, diferente do que era no nosso tempo. No nosso tempo, eram aplausos simpáticos de grande receptividade. Hoje, muitas vezes procuram-se os aspectos até negativos. E uma pessoa que proporciona vitórias e alegrias ao torcedor, quando perde, decepciona. E é logo uma manifestação negativa. Pergunte ao Guga.



[risos] Toda vez que ele perde, o que é que ele sofre. E é com homens e mulheres, de forma igual.

## SOBRE A NATAÇÃO FEMININA BRASILEIRA

**FD Como a senhora avalia a participação da nadadora brasileira a nível internacional?**

**ML** Cada Jogos Olímpicos, há novas evoluções, novos progressos e... baseados em longos anos de treinamento. As mulheres brasileiras não têm a constância que outras mulheres, de outras nações, têm. Então elas começam, e às vezes são até talentos, e de repente param no momento em que poderiam ingressar no nível internacional e se projetar... Elas param. E nós não chegamos lá por causa disso.

**FD Como a senhora avalia as nadadoras até os Jogos Olímpicos de 1952 - Edith Groba, Talita Rodrigues, Piedade Coutinho, Eleonora Schmidt, Sieglinde Lenk - e hoje em dia os resultados que as nadadoras brasileiras trazem? Por que na época, conseguíamos chegar a finais olímpicas, semi-finais olímpicas e hoje não conseguimos ir às Olimpíadas com as nadadoras por não terem índices?**

**ML** Porque a natação evoluiu muito. É preciso haver um encaminhamento desde a infância, final da infância, bem entendido, e dentro das devidas limitações, mas já ensinando a natação correta, para irem crescendo no decorrer dos anos. E nós não fazemos muito isso. Nós não cuidamos de... da competição básica. Então... nos esportes individuais, a coisa lá por fora se tornou cada vez mais difícil... E nós aqui não acompanhamos essa evolução. Nos esportes coletivos já é um pouco diferente, haja vista que nós temos equipes de voleibol e de basquetebol... Espetaculares. Já estamos entrando. O futebol mesmo se destaca. Onde há trabalho de equipe... É esse trabalho básico... E por outro



lado as restrições mesmo impostas pelas organizações internacionais, que nós temos que aceitar e seguir, né?

**FD** Por que a senhora acha que a natação masculina tem trazido resultados e a feminina não?

**ML** Entre os homens, assim mesmo, são poucos... Não são nem meia dúzia... E eles estão agora, já ultrapassando a idade, e não estou vendo renovação no momento. Quer dizer, porque está faltando também com eles o trabalho de base.

**FD** No histórico dos Jogos Olímpicos, sempre houve a presença de homens na natação. Mulheres vieram participando até 1952, quando uma geração que a senhora iniciou acabou. Depois, durante vinte anos, mulheres nadadoras do Brasil não foram aos Jogos Olímpicos. Em 1972 e 1976, foi a geração de Flávia Nadaluti, Rosemeri Ribeiro e Maria Elisa Guimarães. Depois, por doze anos não foram de novo aos Jogos Olímpicos, quando apareceu nova geração, com Patrícia Amorim, nos Jogos de 1988. Depois, somente em 1996 tivemos a Gabriele Rose e agora [2000] a Fabíola Molina. A natação masculina vem se mantendo, mesmo com poucos elementos. Por que a senhora acha que a feminina não tem alcançado o mesmo grau de participação, se até a década de 1950, a participação feminina era maior e trazia melhores resultados?

**ML** Eu acredito que as meninas... não gostem, não chegaram a gostar o suficiente. E apareceram talentos, mas não cultivaram depois, com o treinamento intenso, né? Procurando aquele objetivo. Mesmo porque é muito difícil ultrapassar. Muitas vezes acontece que os pais olham sob um aspecto mais prático da vida... E preferem que as meninas se dediquem aos estudos, e encontrem uma profissão... duradoura. Porque por mais que hoje o esporte seja profissional, ele é de muito pouca duração. E muito



pouco compensador... Há os perdedores. Vencedor tem um só.

**FD Então a família, em certo ponto, contribui para que as meninas parem de nadar mais cedo.**

**ML** As famílias... provavelmente, aconselham até. E se por acaso elas arranjam um namorado implicante, ainda piora, né?

**FD Como a senhora avalia a política da Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos sobre o desenvolvimento da natação feminina no Brasil hoje?**

**ML** Tenho por mim que... deveria haver uma preocupação maior com o trabalho de base. Em grande quantidade, porque é da quantidade que sai a qualidade. A gente não pode descobrir o talento e cultivar só aquele talento. A gente tem que trabalhar com a massa, e dali... surgir o talento, que por sua vez, tem que ser encaminhado de forma melhor... E com maior apoio. Porque muitas vezes até surge o talento, e fica exposto à falta de ajuda. Aqui no clube mesmo, outro dia, comentamos isso. E os outros clubes devem passar pelo mesmo. Então falta... uma estrutura específica em busca do talento... para os Jogos Olímpicos.

**FD Como a senhora avalia nadadoras e nadadores que vão para os Estados Unidos treinar para terem a estrutura?**

**ML** Principalmente para mulher, para menina, menina-moça já... Adolescente. Um choque cultural como é esse de ir de um país pro outro... Poderia ser para os Estados Unidos ou para Austrália ou para o Japão. É arrasador. E naturalmente quem não está num estado de espírito adequado, não produz fisicamente. Eu acho que é um prejuízo muito grande... as pessoas se ausentarem... Deveria haver o inverso... Haver... Nessa estrutura que eu estou falando que deveria ser construída... Incluir técnicos capacitados... Técnicos esses, que fossem brasileiros. Mas que tivessem formações



internacionais suficientes para se comparar com os técnicos estrangeiros, de forma a tornar desnecessária essa fuga para o estrangeiro, que é acidental também. Em pequeníssimo número. E daí a gente ter sempre limitações... Os técnicos brasileiros têm dedicação também! Eles são cumpridores do seu dever! Eles são altamente dedicados. Mas eles não têm ajuda! Eles estão jogados ao léu, fazem por si, muitas vezes até gastam do seu dinheiro... E às vezes esses clubes de futebol, gastando o que não têm para os jogadores, não têm dinheiro para pagá-los, inclusive! [...] Nós temos que botar uma linha diferente, positiva. De maneira a concorrer com os outros, sem a necessidade de treinar no estrangeiro. Você vê, um australiano não vai treinar nos Estados Unidos. Por quê? Porque tem condições em casa. O japonês está em casa. Vai competir contra eles, mas... há intercâmbio. E há até estágios. Mas nunca o brasileiro. [...]que constrói sua vida lá, como é o caso do, do Gustavo Borges, né? Que... está com sua vida... estruturada por lá... E... competia aqui no Brasil.

## AS NADADORAS DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX E AS PRIMEIRAS COMPETIÇÕES FEMININAS

**FD** Como a senhora vivenciou a ida aos Jogos Olímpicos, conviveu durante algum período com nadadoras que já faleceram. Se a senhora pudesse dar algum depoimento seria enriquecedor. Uma delas, por exemplo, é a Marina Cruz. Porque nadou com a senhora na Associação Atlética São Paulo. Encontrei em São Paulo vários artigos dela em jornal, defendendo a prática do esporte pelas mulheres, principalmente a natação... Me pareceu uma pessoa que na época lutou bastante pela mulher paulista no esporte.

**ML** Ela é professora. E ela tinha o apoio do pai dela, também. Tanto é que o pai dela nos levou, a ela e a mim, para



a primeira competição interestadual que se realizou no Brasil. E nos trouxe aqui para o Rio, para competirmos na Enseada de Botafogo, porque não havia piscina na época. E ela depois que saiu da natação, nunca mais tive contato.

**FD A senhora sabe por que ela parou de nadar?**

**ML** Ela ficou noiva e afastou-se. Porque na minha época, depois de noiva... natação, acabava, n ? Era conceito geral, que daí para frente a mulher pertencia ao marido. O marido tomava conta, não deixava sair [risos].

**FD Mas tinha mulheres que não deixavam, n ? Com a senhora não foi assim.**

**ML** – Bom, eu são casei muito mais tarde. Eu sempre fui uma mulher independente. Acabei casando com um estrangeiro. E esse compreendeu minha atitude de independência. Então não tive problemas.

**FD E em rela o   Piedade Coutinho?**

**ML** A Piedade Coutinho durou muito em natação. Muito mais do que se esperava. Muito mais do que eu também. Ela tinha cinco anos menos que eu de idade. Começou mais tarde. Começou... no Campeonato Sul-Americano em 1935. Mas depois... Ela continuou e foi a Jogos Olímpicos [1936, 1948 e 1952], mesmo depois da Guerra. E sempre com resultados altamente satisfatórios para o nível da natação brasileira. Mas não deu também para medalhas... Não tive contato pessoal com ela, mas soube que ela foi morar em Portugal, depois voltou de l ... Não gostava de publicidade, fugia de quem a procurasse. Não quis saber de natação master. Então eu nunca mais tive contato com ela.

**FD Nessa época, como era a personalidade dela? Em alguns jornais que encontrei, soube que ela foi a Londres com o filho. Para uma mulher naquela época, conseguir**



**ir para os Jogos Olímpicos e levar um filho pequeno era uma coisa difícil. Quer dizer: ela foi mãe, mas não parou de nadar e competir. A senhora lembra dela?**

**ML** Bom, eu me lembro quando menina-moça, né? Depois nessa fase eu já não tive mais contato com ela. E você sabe que as pessoas se modificam no decorrer dos anos. Ficam mais maduras... E, mudam de filosofia mesmo. E a gente tem que admirar uma pessoa que vai a Jogos Olímpicos levando filho! Mas isso não é ideal para uma competidora.

**FD Nos Jogos de Berlim, no caso, ela viajou com a senhora. A senhora lembra da pessoa dela?**

**ML** Ela viajou até na outra equipe. Porque havia duas equipes brigando, que se encontraram em Berlim. Mas ela não viajou sozinha, viajou com o pai. O pai sempre exigia que fosse acompanhando. E... ela se comportava como qualquer atleta. E nós tínhamos um relacionamento de camaradagem... Mas nunca de grande intimidade.

**FD E Scylla Venâncio, a senhora lembra dela?**

**ML** – A Scylla Venâncio era nadadora de São Paulo... Ela depois se casou com o presidente do Flamengo aqui no Rio. E veio a morar no Rio também. Ela era uma personalidade interessante. Mas muito dependente também, do marido, de outras coisas. E ela só foi aos Jogos Olímpicos em Berlim. Depois ela se retirou.

**FD E Helena Salles?**

**ML** Helena Salles, só tive contato com ela até Berlim. Depois eu não tive mais.

**FD A senhora lembra a época que essas nadadoras pararam de nadar? Por que pararam?**

**ML** Elas pararam... muito porque não havia mais Jogos Olímpicos, né?



**FD Com exceção da Piedade, que foi até 1952.**

**ML** A Piedade, ela ultrapassou, eu não sei nem o porquê. Talvez porque aqui em casa ela... representasse clubes, como era o Fluminense, que mantinha-a ativa, né? Mas quem visava competição internacional... Se retirou.

**FD E a irmã da senhora. O que a senhora tem para falar da história da natação dela?**

**ML** Ela me acompanhou, também, até Berlim... E depois disso... sabe? A falta de atividade internacional, também fez com que ela parasse. Ela casou-se, criou quatro filhos, dos quais, o mais velho, foi campeão também. Ele tornou-se oficial das forças aéreas. Aviador.   pessoa de destaque, até hoje. Mas ela... Na idade, ela... foi morar num sítio, e ficou doente e faleceu de câncer, prematuramente... Então, ela nunca teve assim, uma maior proje o dentro do esporte, além daquele conhecido pelo público do esporte.

**FD Ela chegou a ser recordista sul-americana várias vezes.**

**ML** Campe a sul-americana.

**FD Em nado costas... E começou a nadar... Pequena. A primeira competi o dela foi a primeira competi o da senhora também, não foi? Só que ela era menininha... Na Associa o Atlética, São Paulo.**

**ML**  .  .  .

**  E esse Campeonato Sul-Americano Feminino? Por que aconteceu? Não existia quase competi es femininas, n ?**

**ML** Não existia em esporte algum. Se a gente começa a procurar, provavelmente foi o primeiro Campeonato Sul-Americano Feminino de todos os esportes. E foi muito porque, a dire o da época gostava... Da nata o femi-



nina. Aqui no Brasil, houve um incentivador, Maurício Becken. Ele precedeu o Delamare. A gente até achava que a piscina Delamare deveria ser piscina Maurício Becken. Ele se interessou muito pelas mulheres. Inclusive, ele ficava à borda da piscina me vendo nadar. Tirando meus tempos e das outras nadadoras... E na Argentina, havia... Um cidadão chamado Negri, que era o presidente da Confederação Sul-Americana [CONSATAT]. E chegou a ser até, se não me engano... Presidente da FINA. Ele também se interessava por mulheres e incentivava as mulheres. E lá havia uma grande nadadora, Janet Campbell. Que também, merecia projeção. Então, esses dois homens é que bolaram que deveria haver... provas femininas no decorrer do Campeonato Sul-Americano Masculino. E incluíram aquelas provas olímpicas de então. Que não eram muitas! Eram 100 e 400 livre... Era 100 de costas, 200 de peito... e mais nada. E os revezamentos.

**FD Mas na época, foi um grande evento.**

**ML** Ah, foi. E a mídia é que projetou aquele acontecimento. Foi na piscina do Guanabara. A primeira piscina olímpica no Rio de Janeiro. E teve uma audiência muito grande, durante aqueles vários dias... O público aplaudindo, uma receptividade muito grande que... lançou e fortaleceu a natação feminina no Brasil. Tanto é que para os Jogos Olímpicos de Berlim... Já fomos com cinco nadadoras.

**FD A senhora sabe que até hoje essa marca de cinco nadadoras não foi alcançada? Os Jogos que mais foram mulheres, tirando Berlim, foram os de Londres e Seul, com quatro nadadoras... Nos outros... Duas, três, uma, como foi o caso de Sidney.**

**ML** É. Não se repetiu.

**FD Para terminar, conte como foi aquela competição em São Paulo, em 1931... que foi a primeira competição femi-**



**nina de natação no Brasil. A mídia cobriu... Foi um evento bem divulgado em São Paulo.**

**ML** Aquilo foi programado por um jornal... o Diário de São Paulo. Não sei se é dos Diários Associados... E o jornalista era um jornalista de grande interesse pelas atividades femininas... Mesquita. O Joel Nely trabalhava na Gazeta Desportiva. Mas o Joel Neli lançou as travessias. E o Mesquita lançou essas competições exclusivamente femininas. Foi uma coisa muito interessante e com grande receptividade do público. E foi onde nasceram as nadadoras que depois... foram aos Jogos Olímpicos.

**FD** **Exatamente. A senhora lembra da época da competição? Como ficou São Paulo? Lendo os jornais, foi um evento importante. Um evento esportivo da cidade que mobilizou São Paulo. Que as pessoas foram assistir. Principalmente por ser uma natação, por ser uma competição feminina.**

**ML** É. O interessante também é que... a recém inaugurada piscina da Associação Atlética permitiu que se fizesse isso com o público mais próximo. Até então as provas eram sempre no Rio e eram mescladas com eventos masculinos, de maior interesse, jogos de water polo e outras coisas. Mas esta específica, organizada dessa forma e anunciada dessa forma, naturalmente despertou o interesse social. Do público paulista... E aí foi que nasceram as rivalidades minhas com a Marina Cruz e depois com a Helena Salles.

**FD** **E daí em diante, como ficou a natação feminina em São Paulo?**

**ML** Foi crescendo... Sempre num crescendo. Agora, em São Paulo, fazendo muito frio, a gente treinava mesmo em período do verão. E não havia piscinas aquecidas. Então não alcançava nunca uma expressão tão grande como se alcança hoje. As circunstâncias eram outras.



**FD** Outra competição que teve uma repercussão muito grande e gostaria que a senhora comentasse foi o campeonato Sul-Americano de Viña Del Mar, em 1941.

**ML** Ah, sim. [risos] Esse foi talvez... o evento de maior glória da natação feminina, no Brasil. Eu diria de todos os tempos. Porque nós fomos a Viña Del Mar, competindo em todas as provas, vencendo todas as provas, inclusive segundos e terceiros lugares. E voltamos com uma recepção pública... extraordinária. É preciso dizer que, na época, viajava-se de navio. Então, foram à Praça Mauá, ao porto, receber as vencedoras. E postas em cima de um automóvel daquela época, que, se podia baixar a capota... As meninas sentadas nas capotas, cada uma numa. E num desfile, atravessando a Avenida Rio Branco... numa recepção pública de toda população presente, e depois com festejos também, nos clubes. Foi talvez, o período áureo da natação feminina brasileira.

**FD** Eu li um artigo do Maurício Becken... de 1943, dizendo que uma safra estava acabando, de nadadoras e nadadores... E que se precisava urgentemente renovar.

**ML** - Exatamente. E essa turma toda depois não competiu mais.

**FD** Dessa turma, quem seguiu foi somente a Piedade Coutinho.

**ML** Mesmo a Piedade interrompeu temporariamente. Ela teve várias razões, [...] não sei de detalhes, porque eu nunca convivi mais com ela. Mas sei que ela [...] foi a Portugal, viveu lá algum tempo e quando ela voltou... Não sei o porquê dela reingressar... [risos] Não era de se esperar.



## SOBRE O ESTILO BUTTERFLY

**FD E em relação ao butterfly? Como é que se deu essa evolução?**

**ML** As leis da FINA foram evoluindo, no regulamento... E na exigência em competições... Antigamente nadava-se nado de peito, depois nado de lado, ou over arm-side stroke. Depois vieram os nadadores australianos, com o nado crawl. E... que permitiu uma descrição mais... É, precisa, do que se deveria nadar de costas ou de frente. Apareceu o nado de costas. E depois, como o nado crawl predominou, o nado de peito ficou para trás. Então, estabeleceram-se regras especiais para nado de peito. E quando eu ingressei, exigia-se pela FINA, que os movimentos dos braços fossem simultâneos de frente para trás e de trás para frente, e não dizia se era por dentro ou por fora da água, o que permitiu àquele nadador americano, Higgins, levar os braços para frente por fora da água. E eu lia revistas alemãs, como eu disse antes. Minha mãe... fazia questão de manter a cultura alemã... Então nessas revistas específicas de natação alemã, descrevia aquele nado do Higgins... E eu experimentei à minha moda, e nós nos encontramos nos Jogos Olímpicos de Berlim... Ele nadando o borboleta daquela forma, com braçadas seguidas, sem nenhuma parada na frente. E eu nadando no ritmo semelhante ao nado de peito clássico, com paradas e deslizes na frente. De forma que eu era capaz de nadar distâncias longas e ele não. O nado borboleta brasileiro, como vinha sendo, que eu introduzi, por conseguinte, era diferente do nado borboleta americano. Que ele apresentou.

**FD Em Berlim, em relação às mulheres, só a senhora usou o butterfly?**

**ML** Só eu. O Brasil tinha um nadador, Edgar Arp, que também nadou o borboleta.



**FD E vocês treinavam juntos... ou isoladamente?**

**ML** Nós treinávamos muito juntos. Na piscina do Botafogo, que ele era do Botafogo e eu do Guanabara. São piscinas vizinhas. É preciso lembrar que era uma piscina do lado de cá da avenida. Naquela época não havia tal avenida, né? E o Maurício Becken nos ensinando.

**FD Foi o Maurício que foi orientando vocês?**

**ML** É. Ele era diretor, ele não agia como técnico. Mas ajudava... Conteí muita história de vovozinha [risos].

**FD Não... A senhora sabe da importância da senhora, né? Muito obrigado pela entrevista.**

**ML** Você tem o meu telefone... Se lhe ocorrer alguma coisa... E eu, por outro lado quero sugar você [risos].

**FD Pode. Com certeza.**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A evidência oral de Maria Lenk se torna um documento relevante para a História do Esporte e para a História das Mulheres no esporte no Brasil pelo pioneirismo desta mulher e por sua inserção nos campos do esporte, do ensino e da organização da Educação Física no país. Notório por poder nos relatar em detalhes, como uma octogenária à época, sobre seu cotidiano familiar e incentivo à cultura física pelos pais, sua infância com a prática da natação e a educação de base alemã em São Paulo, sua formação esportiva, com a ida aos Jogos de Los Angeles e Berlim, além dos recordes mundiais de 1939 e a participação em eventos relevantes para a natação feminina brasileira, seu



pioneirismo em relação ao estilo butterfly entre as mulheres, sua relação com atletas e a imprensa nacional e internacional, a conciliação dos papéis de mulher, atleta, esposa, professora e mãe durante o século XX, sua trajetória profissional, desde a formação em Educação Física em São Paulo, na primeira turma feminina, à professora na cidade de Amparo e posteriormente na Escola Nacional de Educação Física da Universidade do Brasil, sua reflexão sobre o esporte na vida das mulheres e seus papéis na sociedade, assim como seu depoimento generoso sobre as atletas que foram expoentes na mesma época. O depoimento sobre diferentes aspectos de sua vida nos dá pistas sobre o porquê de na primeira metade do século XX, ter se inserido no esporte e na esfera pública sem enfrentar restrições familiares ou sentir preconceitos de terceiros. Como mulher, Maria Lenk foi vanguardista e se destacou em uma época histórica que se reservava às mulheres a educação doméstica, que pressupunha o casamento, os cuidados com a família e a casa.

Após nossos dois encontros, recebi das mãos de Maria Lenk dois livros como lembrança, um deles, “Braçadas e Abraços”, no qual narra sua biografia, me deixou uma breve dedicatória, a qual guardo comigo até hoje e considero que deveria ser um “livro de cabeceira” para meninas em fase de inserção na natação feminina, assim como mulheres atletas do alto rendimento. Compreender as barreiras estruturais e culturais para a prática do esporte pelas mulheres no Brasil é uma forma de emancipá-las para seguirem treinando e enfrentando os preconceitos ainda presentes nesta arena, sem abandonarem o que mais gostam: o esporte.



## REFERÊNCIAS

SCHULTZE, E. Butterfly oder deutsches Brutschwimmen?. Olympia Zeitung - Offizielles Organ der XI. Olympischen Spiele 1936 in Berlin/Herausgegeben im Reichssportverlag, nummer 6, p. 26, juli 1936.

LENK, M. Braçadas e abraços. 2. ed. Rio de Janeiro: BraDESCO s.a., 1986. 182p.

THOMPSON, P. A voz do passado: história oral. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

ETIÉNNE, F. A fecundidade da história oral. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (Orgs.) Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 4-13.

MEIHY, J. C. S. B. Manual de História Oral. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (Orgs.). Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. vii-xxv.

DEVIDE, F. P. História oral da ABMN (Associação Brasileira de Masters de Natação). In: Vitor Marinho de Oliveira. (Org.). História oral aplicada à Educação Física brasileira. Rio de Janeiro: UGF, 1998. p. 65-106.

DEVIDE, F. P. Representações sociais de nadadores masters campeões sobre sua prática competitiva da natação. (dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação Física - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1999. 171p.

DEVIDE, F. P. Histórias das Mulheres na Nataação Feminina Brasileira no Século XX: das adequações às resistências sociais. (tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação



em Educação Física - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2003. 347p.

DEVIDE, F. P. Blanche Pironnet como referência na História das Mulheres na Nataação feminina no Brasil: reflexões sobre o uso da linguagem e da imagem na pesquisa histórica no esporte. In: II Conferência do Imaginário e das Representações Sociais em Educação Física Esporte e Lazer - CONFELIRES. Anais... Rio de Janeiro: LIRES/UGF, 2003.

DEVIDE, F. P. A nataação como elemento da cultura física feminina no início do século XX: construindo corpos saudáveis, belos e graciosos. Movimento, Porto Alegre, v. 11, n.2, p. 125-144, 2004.

DEVIDE, F. P.. Nataação Feminina. In: COSTA, L. P. da. (Org.). Atlas do Esporte no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005a. p. 236-237.

DEVIDE, F. P.. Atletas de Referência de Nataação Feminina. In: COSTA, L. P. da. (Org.). Atlas do Esporte no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005b. p. 338.

DEVIDE, F. P. História das Mulheres na Nataação Feminina Brasileira no século XX: das adequações às resistências sociais. São Paulo: Hucitec, 2012. 302p .

DEVIDE, F. P.; VOTRE, S. J. Primórdios da nataação competitiva feminina: do 'páreo elegância' aos Jogos Olímpicos de Los Angeles. RBCE, v. 34, p. 217-233, 2012.

MIRAGAYA, A. M. et al. Atletas de Excelência do Brasil. In: COSTA, L. P. da. (Org.). Atlas do Esporte no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005. p. 339-340.



## NOTAS

1. Em 1919, em São Paulo, o Clube Espéria realizou sua Festa Sportiva Social, com provas de natação. No “9º páreo – 350 metros rio abaixo”, Blanche Pironnet venceu como a única mulher inscrita entre seis concorrentes homens. Em 1921, na enseada de Botafogo, há a primeira competição interestadual com uma prova feminina entre paulistas e cariocas: a prova de 200 metros “Nylsa e Nadir de Medeiros”, Blanche Pironnet venceu as nove nadadoras cariocas. Em 1922 Anésia Coelho e Alice Possolo participam da “Prova Clássica Guanabara”, com 4,1km entre a praia da Boa Viagem, Niterói e a de Santa Luzia, Rio, chamando a atenção da imprensa e da sociedade. Por fim, em 1924, a “Travessia de São Paulo a Nado” reuniu a sociedade paulista às margens e pontes do rio Tietê e na primeira edição, entre sessenta e três atletas, dez foram mulheres (DEVIDE, 2003, 2012; DEVIDE, 2005).
2. Para visualizar imagem sobre este tanque de treinamento, ler a obra “Abraços e Braçadas”, de Maria Lenk, publicada em 1986 (LENK, 1986).
3. A “evidência oral” é base da História Oral, uma metodologia para a elaboração de documentos, arquivamento e pesquisas referentes à vida de pessoas, acontecimentos, tradições ou rituais. Os dados são resultantes de depoimentos (entrevistas) gravados e transcritos. Recupera a experiência daqueles que ficaram à sombra da narrativa histórica oficial, sendo um espaço interdisciplinar, que tem fornecido um caráter revisionista à história tradicional, pelo uso da evidência oral no esclarecimento de trajetórias individuais ou dos fatos subjetivos encobertos pela filtragem racionalista dos documentos oficiais (THOMPSON, 1992; FERREIRA, AMADO, 1996; MEIHY, 1996; ETIÉNNE, 1996).



## CHAPTER 4

# PROF MARIA EMMA HULDA LENK ZIGLER, DIRECTOR OF THE SCHOOL OF PHYSICAL EDUCATION AND SPORTS (ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS) OF THE FEDERAL UNIVERSITY OF RIO DE JANEIRO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO)

*Alfredo Faria Junior*  
(in memoriam)

**A**t the end of the 1960s, we experienced a moment of university discontent and dismay that also affected physical education students at the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ) who, “for years only dedicated to physiology studies or their gym-sports exercises, were suddenly involved in the climate of dissatisfaction, failing to attend classes, also demonstrating displeasure” (LENK, 1972, p. 10).



It was in this context that Prof. Maria Lenk took over the Direction of the School of Physical Education and Sports (EEFD), in 1968, having as deputy director, Dr. Maurício José Leal Rocha, professor of applied physiology.

When she took over the EEFD Board, there was great concern about the improvement of the school's facilities in the Praia Vermelha campus, which needed remodeling and renovation. However, as she was able to plan the transfer of the EEFD to the new university campus of Fundão (University City Island), where more space would be available for the students and the many activities they would be devoted to, Maria Lenk decided to convince the authorities involved in the decision-making power that the renovation and change of the School of Physical Education and Sports should be considered as priorities.

Then, “new horizons opened and we were contemplated with the special attention of the Government, which included the construction of the new head office of the National School of Physical Education and Sport among other priority works on the University City Island (in Fundão)” (LENK, 1972, p. 11).

As soon as the construction works in Fundão began, Maria Lenk managed to build the track, two multipurpose courts and a gym room. As soon as they were completed, she determined the change of the School, starting with the disciplines Athletics, General Gymnastics and Rhythmic Gymnastics. The School of Physical Education and Sports was finally transferred in 1970.

As director, Maria Lenk intended to carry out a renovation at the School, which began with the administration of EEFD itself. The employees no longer complained about “the lack of typewriters, calculators, etc. They do feel the constant increase in work, due to the increasing demand



for an institution that is re-established in public opinion” (LENK, 1972, p. 11).

With the “limited resources, coming from outside the University (by the Division of Physical Education of the Ministry of Education and Culture), a small gymnasium was built; the field has been cleared in such a way as to allow use to its full extent; the swimming pool put into operation, now mirroring the aqua-marine blue of its treated waters, plus a small learning pool and a grandstand, all within the modern concepts of hygiene; another new gym with equipment dreamed up by weight and dumbbell teachers invites the ‘tortures’ of strength gymnastics; the other gymnastics modalities (feminine and natural) now have their proper material” (LENK, 1972, p.10-11).

Moving on to theoretical study, the library deserved special attention, receiving a large number of new volumes enriching the new shelves and are now “offered to students by attentive employees” (LENK, 1972, p. 11).

Next, Maria Lenk created, at our suggestion, the *Assessoria Técnica de Ensino* - (Technical Support for Teachers Department - ATE) to help the teachers fill the gaps of elements missing in their classes “for the correct performance of their pedagogical functions” (LENK, 1972, p. 11).

The ATE had as main objectives: “to collaborate with the Management in the planning, guidance, coordination and control of all didactic-pedagogical activities of the School; to support, in the field of didactics, all teachers who were working there; to plan, guide, coordinate and control the information policy and documentation specialized in Physical Education to be developed by the School; to provide assistance to students in social aspects and relationships such as behavior, preparation of the curriculum and placement in the labor market; to develop a specific Education-



al Technology for Physical Education and to conduct research in the field of Teaching Technique, within the scope of the School of Physical Education and Sports” (FARIA JUNIOR, 1972, p. 78).

The coordination of this new body was given to Professor Alfredo Faria Junior and the sector related to Auxiliary Means fell to Professor Paulo Murilo Iracema. This sector had a section on publications, which was headed by José Maurício Capinussú, who edited the *Guia do Aluno* (Student’s Guide).

As director, Maria Lenk encouraged team work and created various working groups to develop the School. She created a Lecture Cycle for high schools in Rio de Janeiro, which consisted of audiovisual presentations made in educational establishments for senior students in high schools. This was aimed at awakening vocations in students who were about to finish their secondary degree. The press released the UFRJ initiative offering “the city’s schools the opportunity to listen and attend lectures on Physical Education” (ZARANI, 1970).

Maria Lenk was the very first woman to direct the School of Physical Education and Sports (EEFD). She was there from 1968 until 1972. She successfully managed to transfer the School from Praia Vermelha to Fundão and upgraded it not only in terms of the new facilities and organization, but also in terms of incentive to science research, publications and pedagogy. She revived the publication *Arquivos*, after 6 years without any production; launched the first course on cinema and physical education; offered English and German language courses to physical education students; opened a university bookstore; among many other initiatives to promote higher education.



## CAPÍTULO 4

# PROFA MARIA EMMA HULDA LENK ZIGLER, DIRETORA DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

*Alfredo Faria Junior*  
(in memoriam)





**A** Natação, nos anos 60, durante os três anos do Curso da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD) era ministrada para a parte masculina, consistindo, sobretudo, em fazer os alunos nadarem os quatro estilos – crawl, costas, borboleta e peito e executar as ‘viradas’ de acordo com os regulamentos e vigor. As aulas eram dadas para a turma masculina pelo professor Assistente Almerídio Brandão Pinheiro de Barros. Uma vez ou outra as aulas eram dadas pelo professor Alencar de Carvalho. Os contatos com o Regente da disciplina, professor Adjunto Orlando Amêndola ou com o professor Adjunto Hercílio Aldo da Luz Colaço eram raríssimos.

A grande diferença metodológica entre as turmas masculina e a feminina era que elas usavam boias de cortiça para as alunas que não sabiam nadar. No mais as aulas dos diferentes nados eram praticadas levando em consideração somente a diferença de performance. Para a turma feminina as aulas eram ministradas pela professora Assistente Margarida Tereza da Cunha Menezes e pela professora Titular Maria Lenk.

Todos os anos eram organizados os Cursos de Verão, de Natação, realizados na piscina da ENEFD. A profa. Maria Lenk entregava esses cursos à professora Margarida Leite uma vez que era o período do ano em que ela ministrava aulas, para iniciantes, no Copacabana Palace.

Em meados de 1963 preparava-se o concurso para professor titular de Cinesiologia da ENEFD onde havia três candidatos: Dr. José Luiz Fracaroli, Dr. Waldemar Bianchi e Dr. Maurício Sathler. O primeiro ofereceu um curso de Atualidades em Natação e o segundo de Cinesiologia da Natação. Frequentei os dois cursos por indicação de Maria Lenk que ajudou muito na realização do segundo. O Dr. Waldemar Bianchi se aproximou muito de Maria Lenk para



desenvolver sua tese para Titular que versava sobre Cine-siologia do Nado Borboleta.

No final da década de 60, vivíamos na ocasião um momento de descontentamento universitário que também atingiu os estudantes de Educação Física da UFRJ que, “durante anos apenas dedicados aos estudos de fisiologia ou aos seus exercícios gímnico-desportivos, repentinamente foram envolvidos, também, deixando de comparecer às aulas, também demonstrado descontentamento” (LENK, 1972, p. 10).

Na época encontrava-se “uma piscina interditada com filtros e casa de máquinas fora de funcionamento; o campo de desportos revelava abandono, com seu mato e lixo acumulados, os ginásios sem equipamentos pediam limpeza e os tatames do judô, rasgados, levavam professores dedicados eles mesmos, a costurá-los” (LENK, 1972, p. 10).

“Ensino medíocre, rotineiro e enfadonho; turmas excessivamente numerosas; cursos mal preparados e apresentados; ensino magistral; assuntos desatualizados ou fora da realidade; avaliação da aprendizagem de tipo tradicional; aulas práticas sem aprofundamento teórico; ausência de contato entre o corpo docente e o discente; pessoal docente não qualificado” eram algumas das queixas que sempre víamos manifestadas (FARIA JUNIOR, 1972, p. 76).

Foi nesse contexto que a Prof<sup>a</sup> Maria Lenk assumiu a Direção da Escola de Educação e Desportos (EEFD) tendo como Vice-Diretor o Dr. Maurício José Leal Rocha, professor regente de Fisiologia Aplicada.





**Diretora Maria Lenk em reunião com seus colaboradores.**

*Foto: Paulo Murilo Iracema. Acervo: Alfredo Faria Junior.*

Por força do Decreto-Lei 705/69 coube à prof<sup>a</sup> Maria Lenk a Presidência de um Grupo de Trabalho, composto por Waldemar Areno, Renato Brito Cunha, Maria Jacy Nogueira Vaz, Fernanda Barroso Beltrão, Maurício Leal Rocha e Alfredo Faria Junior, responsável pela implantação da Educação Física e Desportiva, na UFRJ.

O resultado da tarefa que coube a esse Grupo de Trabalho pode ser constatado na Resolução n. 10-71 do Conselho de Ensino e Graduação da UFRJ (1971), assim resumido: I. Objetivos; II. Métodos de Trabalho (a. Comunicação; b. Verificação do Nível de Aptidão Física; c. Classificação; d. Desenvolvimento da Prática Desportiva; e. Aferição); III. Providências para a Implantação.

Assim, o Decreto Lei n. 705, tornando obrigatória a Educação Física e Desportiva, inclusive aos estudantes de nível superior, deu ensejo de atender à população estudantil nas instalações da Praia Vermelha, onde funcionou a Escola de Educação Física há muitos anos. Não foram em vão as melhorias feitas na sede atual. “Sob a orientação dos



alunos em fase final de formação, como monitores, outros muitos das demais Unidades poderão fazer uso do que agora serve apenas aos alunos matriculados na Escola de Educação Física e Desportos” (LENK, 1972, p. 12).

Outra transformação foi o Regime do Vestibular Unificado que teve como consequência “a dedicação exclusiva ao estudo e à pesquisa de professor e aluno” (LENK, 1972, p. 14). No Regime do Vestibular Unificado começaram a haver os primeiros estudos sobre os Exames de Habilidade Específica.



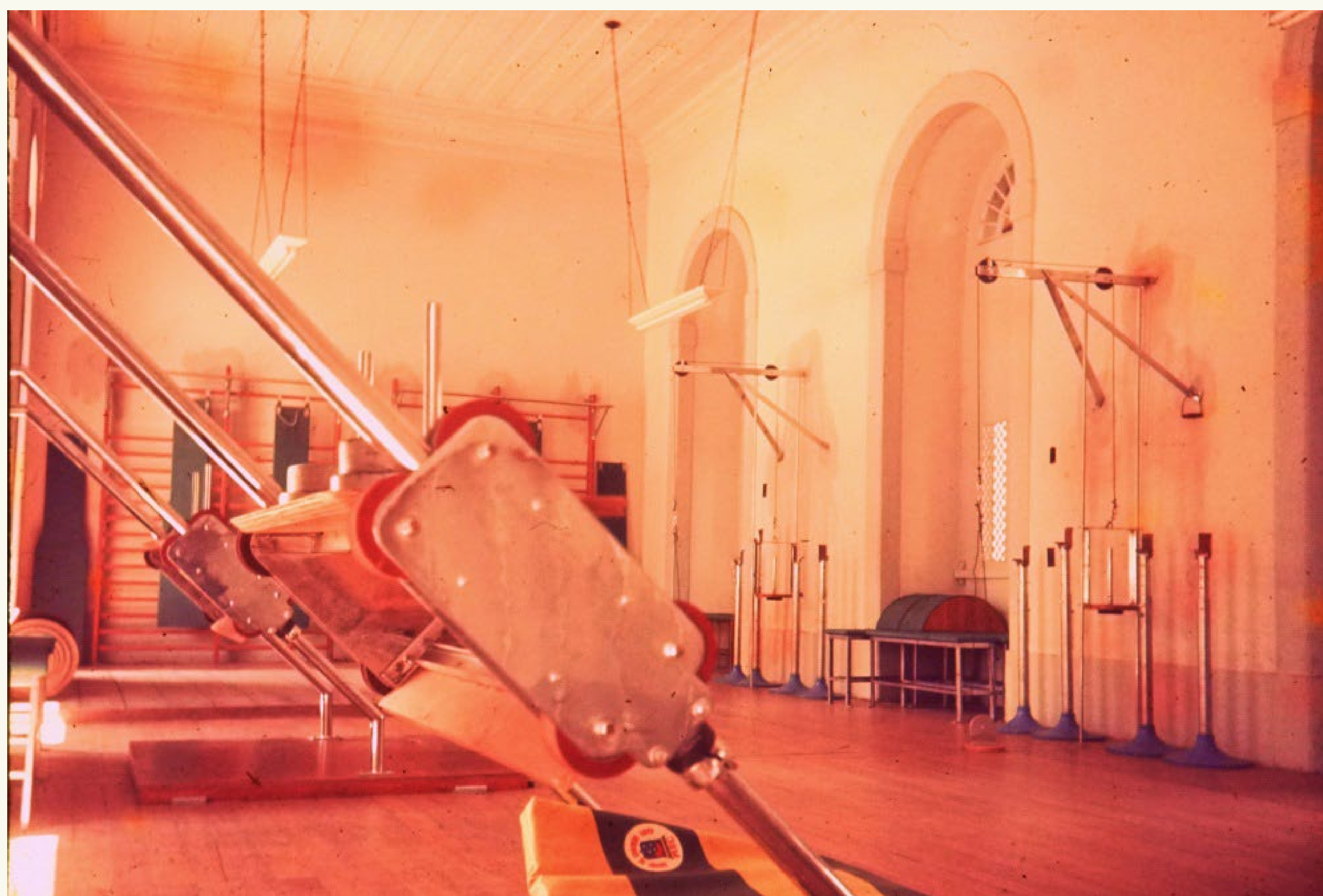
**Primeiros Estudos sobre os Exames de Habilidades foram efetuados.**

*Acervo de Alfredo Faria Junior*

Maria Lenk pretendeu realizar uma renovação na Escola que começou pela própria administração da EEFD, onde os funcionários já não mais reclamavam “a falta de máquinas de escrever, de calcular etc.. Sentem, sim, o constante aumento de trabalho, pela procura cada vez maior de uma instituição que se restabelece na opinião pública” (LENK, 1972, p. 11).



Com os “limitados recursos, advindos de fora da Universidade (pela Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura) construiu-se um pequeno ginásio; o campo foi limpo de maneira a permitir o uso em toda a sua extensão; a piscina, colocada em funcionamento, agora espelhando o azul aqua-marinho de suas águas tratadas, acrescida de uma pequena piscina de aprendizagem e de uma arquibancada, tudo dentro dos modernos conceitos de higiene; outro ginásio novo com aparelhagem sonhada pelos professores de Pesos e Halteres convida às ‘torturas’ da ginástica de força; as demais modalidades de ginástica (feminina e natural) tem agora seu material adequado” (LENK, 1972, p.10-11).



**Ginásio de Pesos e Halteres, reformado, com nova aparelhagem.**

*Foto: Paulo Murilo Iracema. Acervo: Alfredo Faria Junior.*

Passando para o estudo teórico, a biblioteca mereceu especial atenção, recebendo um grande número de novos volumes enriquecendo as novas prateleiras e são agora “oferecidos aos alunos por funcionários atentos” (LENK, 1972, p. 11).





**Biblioteca da ENEFD em pleno funcionamento.**

*Foto: Paulo Murilo Iracema. Acervo: Alfredo Faria Junior.*

A seguir Maria Lenk criou, por sugestão nossa, uma Assessoria Técnica de Ensino para suprir as lacunas de elementos que faltavam ao professorado “para o desempenho correto de suas funções pedagógicas” (LENK, 1972, p. 11) que mais tarde veio a chamar-se Diretoria Adjunta de Meios Auxiliares.

A Assessoria Técnica de Ensino (ATE) tinha como objetivos primordiais: “colaborar com a Direção no planejamento, orientação, coordenação e controle de todas as atividades didático-pedagógicas da Escola; apoiar, no campo da didática, todos os professores que lá atuam; planejar, orientar, coordenar e controlar a política de informação e documentação especializada em Educação Física a ser desenvolvida pela Escola; proporcionar assistência aos alunos nos aspectos sociais e nos relacionamentos como comportamento, elaboração do currículo e colocação no mercado de trabalho; desenvolver uma Tecnologia Educacional específica para a Educação Física e realizar pesquisas, no campo da Técnica de Ensino, no âmbito da Escola de Educação Física e Desportos” (FARIA JUNIOR, 1972, p. 78).



A coordenação desse novo órgão foi entregue ao professor Alfredo Faria Junior e o Setor de Meios Auxiliares coube ao professor Paulo Murilo Iracema.



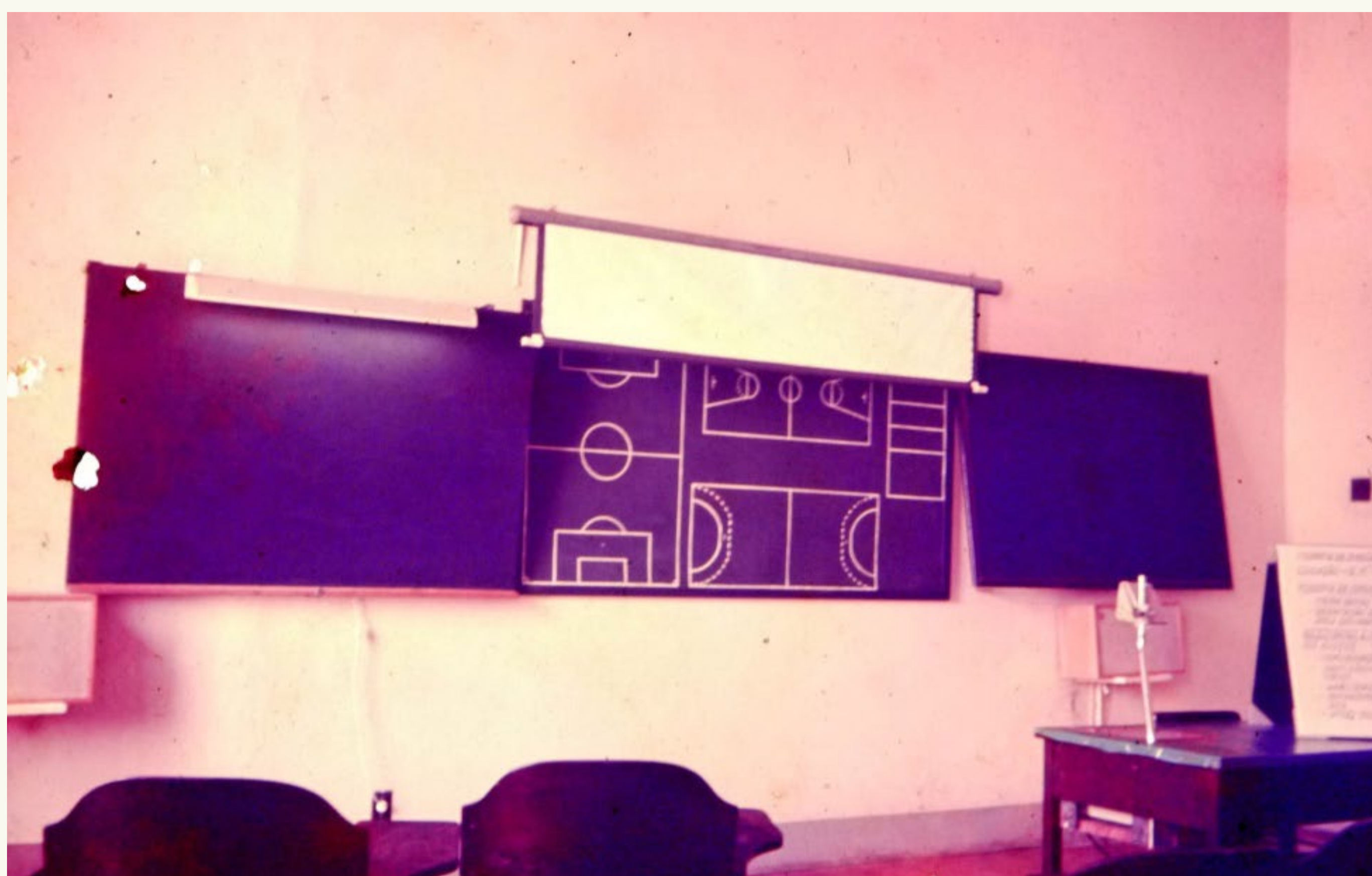
**Reunião da ATE vendo-se o professor Paulo Murilo Iracema à esquerda do professor Alfredo Faria Junior.**

*Acervo: Alfredo Faria Junior.*

Colaboram ainda com Assessoria Técnica de Ensino (ATE) a professora Annemarie Müller, os funcionários Gelson de Araújo Lopes e Nelson Pedro Fernandes e o aluno Flávio da Fonseca.

Começou-se a recobrar o Setor de Meios Auxiliares recuperando-se “os equipamentos e o material didático encontrado ao abandono, sem uso, para logo a seguir, se efetuarem as compras do material mínimo indispensável para o funcionamento inicial do Setor” (FARIA JUNIOR, 1972, p. 78).





**Criação da Sala de Audiovisuais pronta para uso.**  
*Foto: Paulo Murilo Iracema. Acervo: Alfredo Faria Junior.*

O Setor de Meios Auxiliares tinha ainda uma Seção de Publicações, mais tarde Setor de Publicações, Documentação e Informática, chefiado por José Maurício Capinussú de Souza, possuidor do curso de jornalismo e, na época, aluno do 3º ano da EFFD.



**O professor Capinussú, foto da década de 2010.**  
*Acervo Alfredo Faria Junior*



A Seção de Publicações lançou o Guia do Aluno (1971), editado por José Maurício Capinussú, com a colaboração do professor Luiz dos Santos e dos alunos Luiza Morra, Osires Moema de Cerqueira e Souza Azamuja, Helena Alves de Araújo, Renato Vargas, Nelson Teixeira de Carvalho, Jayme Pimenta Valente. Este Guia do Aluno impresso em 'mimeógrafo eletrônico' teve em sua capa com os alunos Vera Lúcia Leonardo Pereira e Renato Veras, com fotografias do professor Paulo Murilo Alves Iracema. Ele continha: "Plano de Uniformes, Calendário Escolar, Currículo, Lista de Bibliotecas, Horário Escolar, Relação do Corpo Docente e Informações sobre o Regime de Créditos" (RELATÓRIO, 1972, p. 23).



**Capa do 'Guia do Aluno' editado pelo Setor de Publicações.**  
*Acervo: Alfredo Faria Junior*

A seguir lançamos o Catálogo 1972, agora produzido em mimeógrafo eletrônico, onde apareciam filmes de grande valor histórico. Senão vejamos:



**TÍTULO** - Fundamentos de uma Formação Corporal Básica.

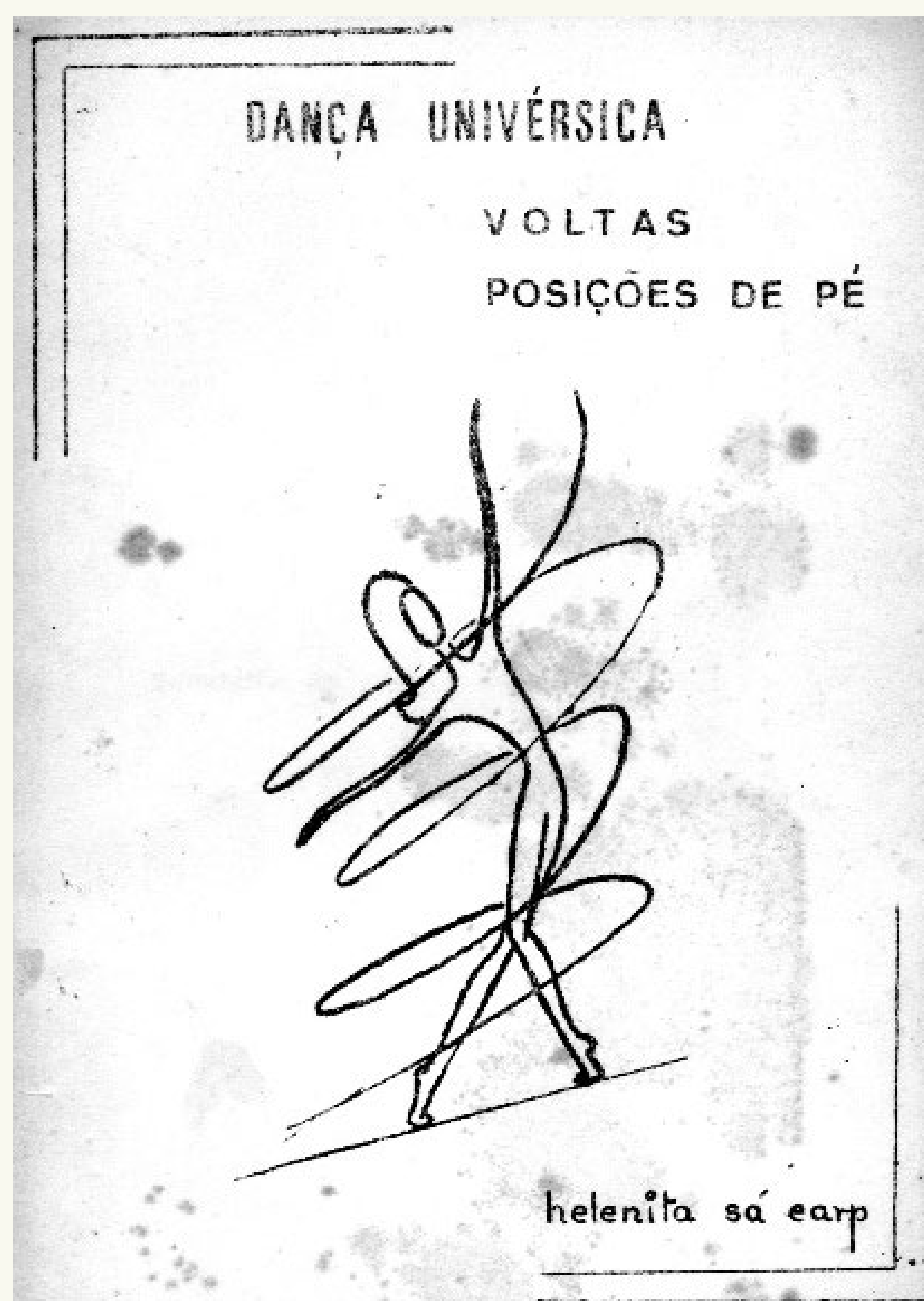
**CARACTERÍSTICAS** - 14 min. - P & B - 16 mm

**RESUMO** - Filme alemão mostrando o Método de Preparação Física usado antes da Segunda Guerra.

Legendas em Português.

**OBS.** Filme de grande valor histórico.

Publicamos, com o apoio de Maria Lenk, o primeiro livreto feito em mimeógrafo eletrônico, Brinquedos Cantados, da professora Dora Pinto do Departamento de Dança. Colaborou com o mesmo a professora Sonia Geyer Chemale, especialista em Danças Folclóricas. A tiragem deste exemplar chegou a 400 exemplares. Mais tarde publicamos as brochuras Síntese sobre Estudo do movimento, e Dança Univérsica de autoria da professora Maria Helena Pabst de Sá Earp; Métrica, da professora Dora Pinto e Rítmica I, da professora Glória Marcos Dias (RELATÓRIO, 1972, p. 19).



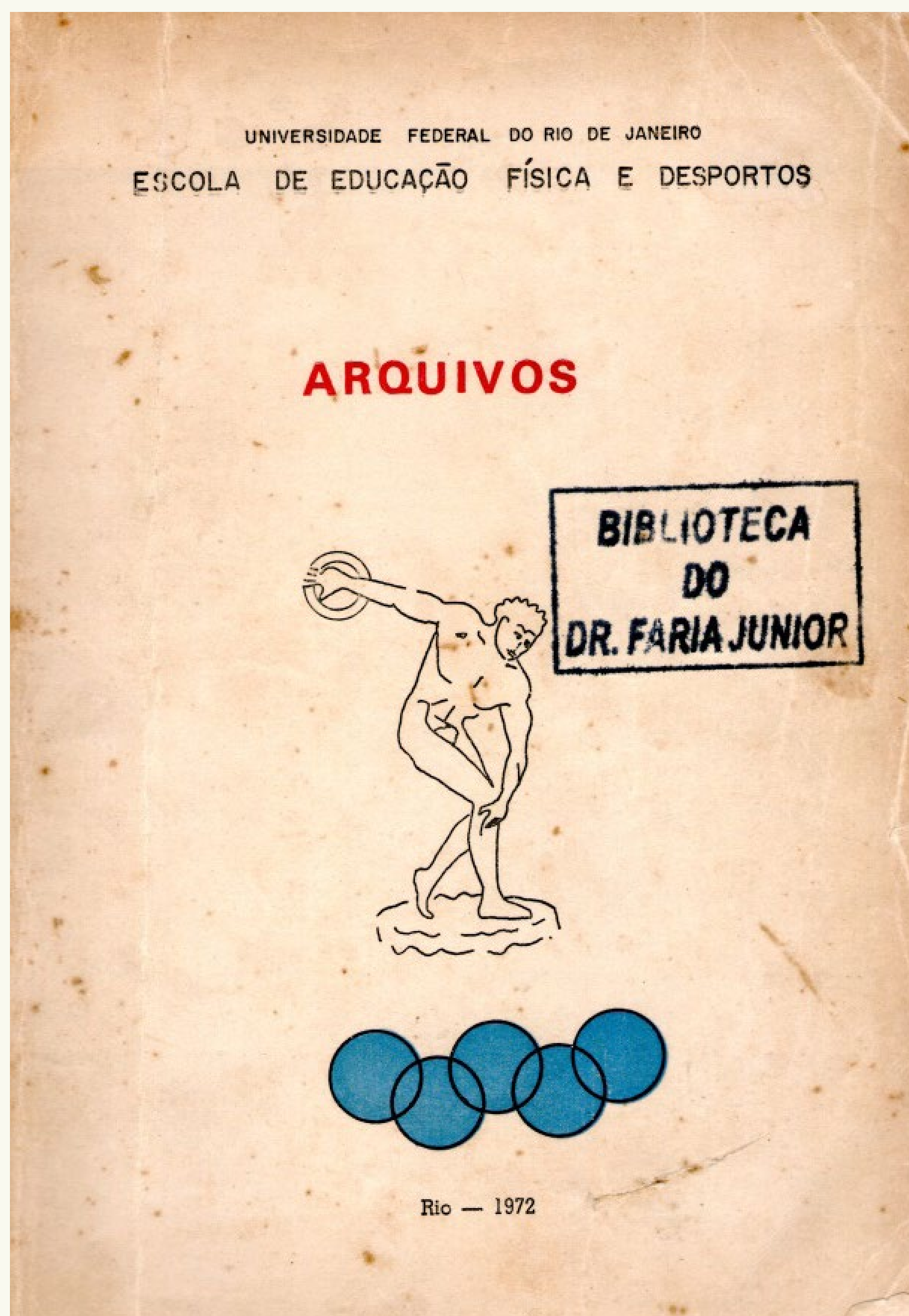


A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) enfrentava uma problemática já observada no ensino superior brasileiro e em muitas universidades estrangeiras – o “extraordinário aumento do número de jovens que desejam estender seus estudos além do nível médio” (FARIA JUNIOR, 1972, p. 74). Pensando nisto Maria Lenk criou um Ciclo de Palestras para escolas do Rio de Janeiro de ensino médio. Este Ciclo de Palestras era constituído por apresentações audiovisuais que fazíamos em estabelecimentos de ensino para os alunos do último ano do 2º Grau. Isto tinha como objetivos despertar vocações em alunos prestes a concluir o Ensino Médio. A imprensa divulgou a iniciativa da UFRJ oferecendo “aos colégios da cidade a oportunidade de ouvir e assistir palestras referentes à Educação Física” (ZARANI, 1970). O colunista Newton Zarani publicou, por exemplo, um texto onde relatava que o professor Alfredo Faria Junior fez a palestra “a Educação Física, uma nova perspectiva profissional” (ZARANI, 1970), conjugando “som e imagem pelo professor Paulo Murilo Alves Iracema” (ZARANI, 1970).

Cedo tivemos a confirmação do acerto de nossa decisão com a comprovação de que vários alunos tinham assistido a uma de nossas palestras.

Outro fato notável foi que, a Seção de Publicações, “depois de seis anos de ausência voltamos ao convívio de todos aqueles que fazem da Educação Física o seu apostolado. Motivos vários tornaram impossível a edição de ‘Arquivos’ durante este período, entretanto, a cada ano que passa as solicitações aumentam e a melhor maneira de atendê-las é colocando novamente a revista oficial da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro em plena circulação” (CAPINUSSÚ, 1972, p. 7).





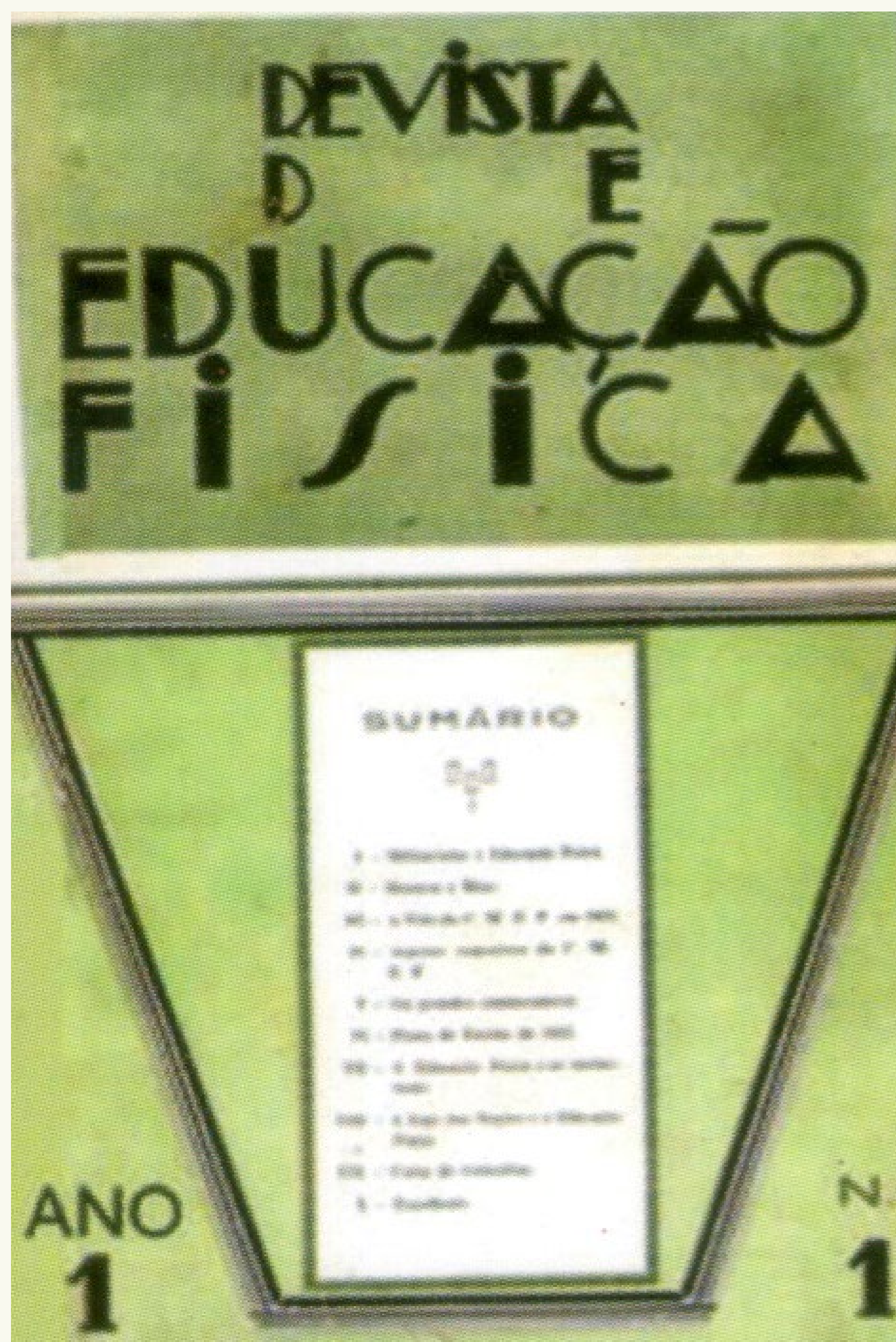
**Exemplar da revista 'Arquivos' (n. 22, 1972).**  
*Acervo: Alfredo Faria Junior.*

Os 'Arquivos', criados em 1945, eram a 'publicação oficial' da Escola e sua Diretoria demonstrava um grande esforço em manter a publicação, embora tenham ocorrido atrasos entre os diferentes números. Estes atrasos têm "motivado inúmeras consultas de interessados pela especialidade, de nosso país e de países estrangeiros, de onde recebemos frequentes pedidos..." (ARENO, 1966, p. 26).

Os 'Arquivos' acolhiam trabalhos "de professores de outras Escolas de Educação Física não só do País, como do estrangeiro. É um dos meios de cultivar esse útil e cordial intercâmbio reunindo essas colaborações científicas, que devem ser divulgadas para quantos se interessam pelos problemas de especialidade, numa época em que se escreve e se publica tão pouco entre nós ..." (ARENO, 1966, p. 15).



Efetivamente, nesta época existiam, apenas, publicadas por entidades públicas, a 'Revista de Educação Física', publicada pelo Exército Brasileiro em 1932 e que existe até hoje.



Capa do primeiro número da Revista de Educação Física publicada em 1932.

Mais tarde foi publicado o 'Boletim de Educação Física', editado por Lamartine Pereira da Costa, da Divisão de Educação Física de MEC. Este boletim deu origem ao Boletim Técnico Informativo que se transformou na Revista Brasileira de Educação Física e Desportiva, depois chamada de Revista Brasileira de Educação Física. Quanto à esfera privada só existia a revista 'Esporte e Educação'.

Observava-se “que o aluno de Curso Superior de Educação Física encontrava sérias dificuldades de acesso à informa-



ção especializada. Muitos fatores para isso contribuíam, tais como: poucos títulos publicados por órgãos oficiais; desinteresse do parque editorial pelas obras de nossa especialidade; pequeno interesse das livrarias em importar livros de Educação Física; desatualização de nossas bibliotecas; desconhecimento da bibliografia brasileira de Educação Física; falta de periodicidade de nossas poucas revistas especializadas; custo relativamente alto dos livros e a nefasta proliferação de apostilas” (FARIA JUNIOR, 1972, p. 80).

Em síntese, “a carência de publicações especializadas em Educação Física em língua portuguesa é grande, notadamente em termos de periódicos. [...] A ‘Revista Brasileira de Educação Física’ editada pelo Departamento de Educação Física e Desportos do MEC, promete há algum tempo o segundo número ...” [...] A iniciativa particular [...] ainda não descobriu o magnífico campo que se abre com a obrigatoriedade do ensino da Educação Física em todos os níveis de escolaridade” (CAPINUSSÚ, 1972, p. 7).

Por causa disto o jornalista Maurício Capinussú lançou a Livraria Universitária da EEFD que, autorizada pela diretora, professora Maria Lenk, reunia o que acabava de surgir na praça como publicações. Os livros eram adquiridos nas editoras com desconto e vendidos diretamente pelo preço de custo aos estudantes pelo funcionário José da Conceição, estratégia que foi fator decisivo para o êxito da Seção de Publicações.

O Setor de Planejamento e Medidas Educacionais teve a organização feita pela professora Annemarie Muller e a implantação pela professora Sonia Geyer Chemale com a colaboração da aluna Vera Lúcia Leonardo Pereira (RELATÓRIO, 1972). O Setor cumpriu um Curso Pré-Vestibular, coordenado pelo professor Rudolf de Otero Hermany. Realizou o ‘Ciclo de Estudos sobre Técnicas de Comunicação Audiovisual, Aplicadas ao Ensino Superior de Edu-



cação Física’, sob a Coordenação do professor Alfredo Faria e com os seguintes professores: Manoel Ribeiro de Moraes, Paulo Murilo Alves Iracema, João Batista Ribeiro, Sylvio do Valle Amaral, Aldete Tavares Machado e Alfredo Faria Junior.

O Setor da ATE também efetuou o Primeiro Curso intitulado ‘Cinema, Educação Física e Desportos’. Este Curso procurou reunir personalidades, no Rio de Janeiro, que viessem efetivamente empregando o Cinema em suas atividades – aulas, treinamentos e palestras. Por isto o curso foi de grande sucesso na época. Coordenado pela professora Sonia Chemale, contou com os seguintes professores: Admildo Chirol, Alfredo Faria Junior, Manoel Ribeiro de Moraes, Paulo Emanuel da Hora Matta, Paulo Murilo Alves Iracema, Roberto de Carvalho Pavel, Sylvio do Valle Amaral, Lamartine Pereira DaCosta, Amilton Fernandes (RELATÓRIO, 1972).

A abertura dos trabalhos se deu com a professora Maria Lenk, Diretora da EEFD da UFRJ seguindo-se a conferência Cinema e Comunicação Audiovisual, com o professor Manoel Ribeiro de Moraes, a Educação Física e Tecnologia Educacional, com o professor Lamartine Pereira DaCosta. No dia seguinte tivemos a Origem do Cinema, com o professor Alfredo G. de Faria Junior, O Material Cinematográfico, com o professor Sylvio Valle do Amaral.

No dia seguinte tivemos a Técnica do Filme Didático Esportivo, com o professor Paulo Murilo Alves Iracema, As Aplicações Didáticas do Filme em Educação Física, com o professor Alfredo G. de Faria Junior.

A seguir, no dia seguinte, tivemos O Emprego do Filme no Futebol, com o professor Admildo Chirol, O Emprego do Filme na Natação, com o professor Roberto de Carvalho Pavel.



Seguindo-se as conferências O Emprego no Filme no Voleibol, com o professor Paulo Emanuel da Hora Mata e O Emprego do Filme no Basquetebol, com o professor Paulo Murilo Alves Iracema.

No último dia o Curso foi terminado com o Documentário Esportivo, com o cineasta Carlos Niemeyer e a cerimônia de encerramento esteve a cargo da professora Maria Lenk.

Esta documentação evidencia e encerra a questão levantada por alguns professores atuais que, ao ministrarem cursos de cinema e Educação Física, os apresentam como sendo o I Curso de Cinema em Educação Física e Desportos, o que não é exato segundo esse Relatório (1972).

O Setor fez realizar ainda dois cursos de 'Inglês para Profissionais de Educação Física' o primeiro em 1971, Coordenado pela professora Sonia Chemale e tendo com professora Sonia Gomes Pereira. E o segundo, em 1972, com a Coordenação da mesma Sonia Geyer Chemale e com professor do curso Pedro Inocência Hahn. Realizou também um curso de 'Alemão para professores de Educação Física' (RELATÓRIO, 1972).

Finalmente foi efetivado um 'Ciclo de Estudos sobre Medida e Avaliação da Aprendizagem no Ensino Superior de Educação Física' com os professores: Alfredo Faria Junior, Maurete Augusto, Ethel Bauzer Medeiros, Aldete Tavares Machado, Fernanda Beltrão, Sonia Chemale, Maurício Rocha, Lamartine Pereira DaCosta, Manoel José Gomes Tubino (RELATÓRIO, 1972).

Todas essas atividades tiveram na abertura e no encerramento a presença da professora Maria Lenk.

Professora do Curso de Medicina Aplicada à Educação Física e aos Desportos (1951), ministrando a Cadeira XIV -



Desportos Aquáticos Femininos, Catedrática, depois Titular, de Desportos Aquáticos Femininos, a profa. Maria Lenk continuou a exercer suas atividades docentes no Curso de Graduação.

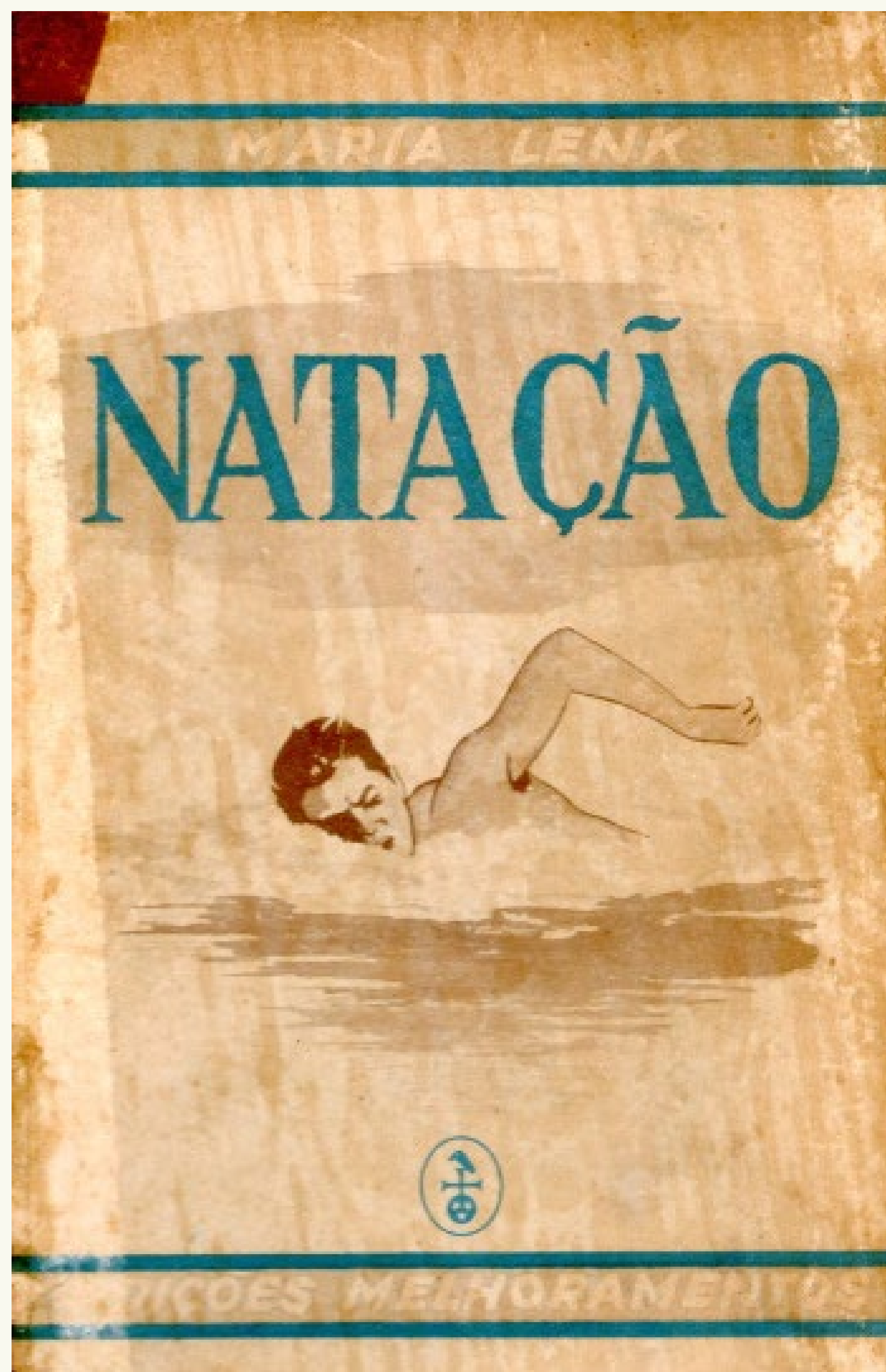
A carreira acadêmica da prof<sup>a</sup> Maria Lenk, apesar dos seus compromissos com a Direção da Escola, foi repleta de contribuições já do conhecimento de todos.

Maria Lenk procurava sempre se manter à frente do seu tempo, escrevendo livros, artigos e fazendo traduções, do alemão e do inglês, quando servia de intérprete para professores estrangeiros que aqui vinham fazer palestras.

Como exemplo, cito o seu livro 'Natação' (1942), publicado pela Edição Melhoramentos, que os interessados podiam adquirir por toda a parte. Natação foi um livro que teve uma tiragem ampla sendo vendido até em Portugal e suas colônias e em vários países sul-americanos. Seu conteúdo serviu até mesmo para subsidiar tese de um concurso público de cátedra.

Na elaboração do mesmo, Maria Lenk contou com a colaboração do professor Carlos Eugênio Várady, instrutor de Natação da Escola Naval, que fez sugestões, quanto à Física aplicada à Natação. Valeu-se ainda da revisão dos originais, manuscritos, feita pelo Dr. João Lira Filho.





**Livro intitulado Natação, de Maria Lenk.**

Essa obra apresentava, dentre outras coisas, capítulos sobre 'Ballet Aquático', Ensino da Natação ao principiante, Salvamento e Método de Treinamento. Maria Lenk já demonstrava seu interesse por aspectos relacionados com Ciência e Natação e que geraram um capítulo em seu livro. Dedicou ainda um espaço para comparar o Butterfly Americano com o Butterfly Brasileiro, criado pela própria Maria Lenk.

O livro foi escrito com abordagem didática para estudantes e nadadores no sentido de divulgar seus ensinamentos que deveriam ser complementados por outros.

Anos mais tarde, no Centro de Esportes da Marinha realizou-se o Estágio de Pesquisa organizado pela professora Maria Lenk sobre a prática do Interval Training - Reindell



e Gerscher, aplicada à natação. Nesta época conhecemos o Capitão Tenente Lamartine Pereira DaCosta, então ‘Encarregado da Escola’.

Submeteram-se aos treinamentos marinheiros, cabos e sargentos que deviam, ao terminar cada ‘tiro’ previsto no treinamento, deitar em uma prancha, confeccionada para isto que era fixada nas bordas da piscina, ao nível da água.

No último dia do estágio realizou-se uma competição interna onde foram quebrados vários recordes da Marinha, alguns que se mantinham há vários anos. Vários marinheiros e cabos que se submeteram ao estágio foram para clube o Clube de Regatas Vasco da Gama para disputar o Campeonato Carioca de Natação.

Anos mais tarde, Maria Lenk travou contato com o capitão do Exército Brasileiro, Wilson Pereira, que viria a ser integrante da delegação brasileira nos Jogos Olímpicos de Tóquio, como nosso representante no ‘pentatlo moderno’.

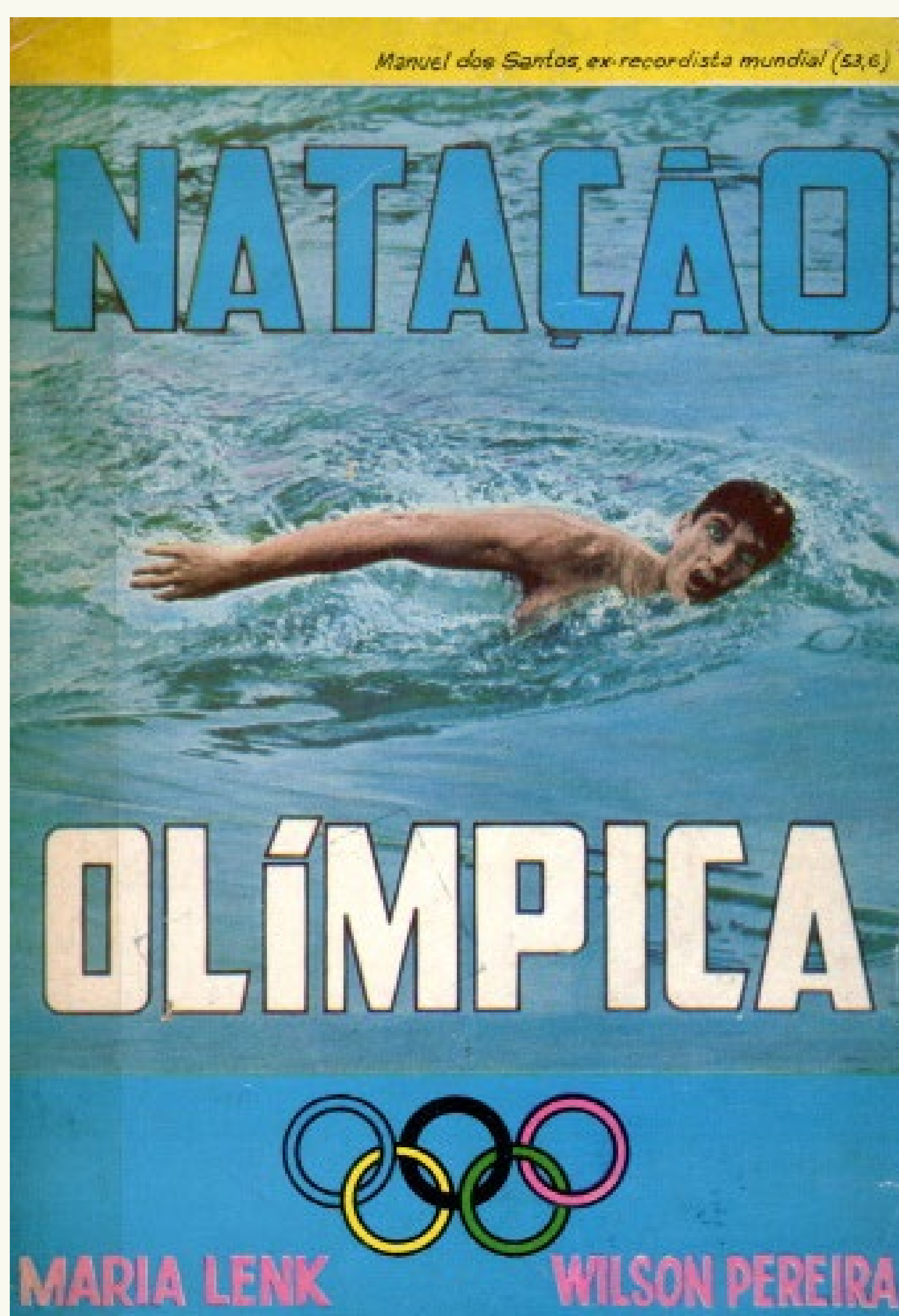
Entre os lugares que Wilson Pereira treinava era a piscina do Clube Guanabara. Maria Lenk, sem pertencer ao quadro de técnicos do clube, orientava Wilson Pereira para a prova de natação, muitas vezes deixando comigo a supervisão do treinamento.

Em 1965, a vinda do técnico de natação e fisiologista australiano Forbes Carlile, concretizada pela perseverança de Maria Lenk, constitui-se em oportunidade única para todos que se dedicavam à natação. Maria Lenk, acompanhada de Wilson Pereira, ávidos por novos conhecimentos, acompanharam o australiano em suas conferências em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

No ano seguinte, uma vez abandonada a ideia de fazer uma apostila com os ensinamentos de Forbes Carlile, graças ao



vasto interesse que as conferências despertaram, decidiram, Maria Lenk e Wilson Pereira escrever um livro. Livro este que seria mais técnico e que reunisse não apenas os ensinamentos do técnico australiano, mas também de outros técnicos famosos e ainda de suas próprias pesquisas e observações. Surgiu, então, em 1966 'Natação Olímpica', desses dois autores.



Capa do livro Natação Olímpica de Maria Lenk e Wilson Pereira (1966).

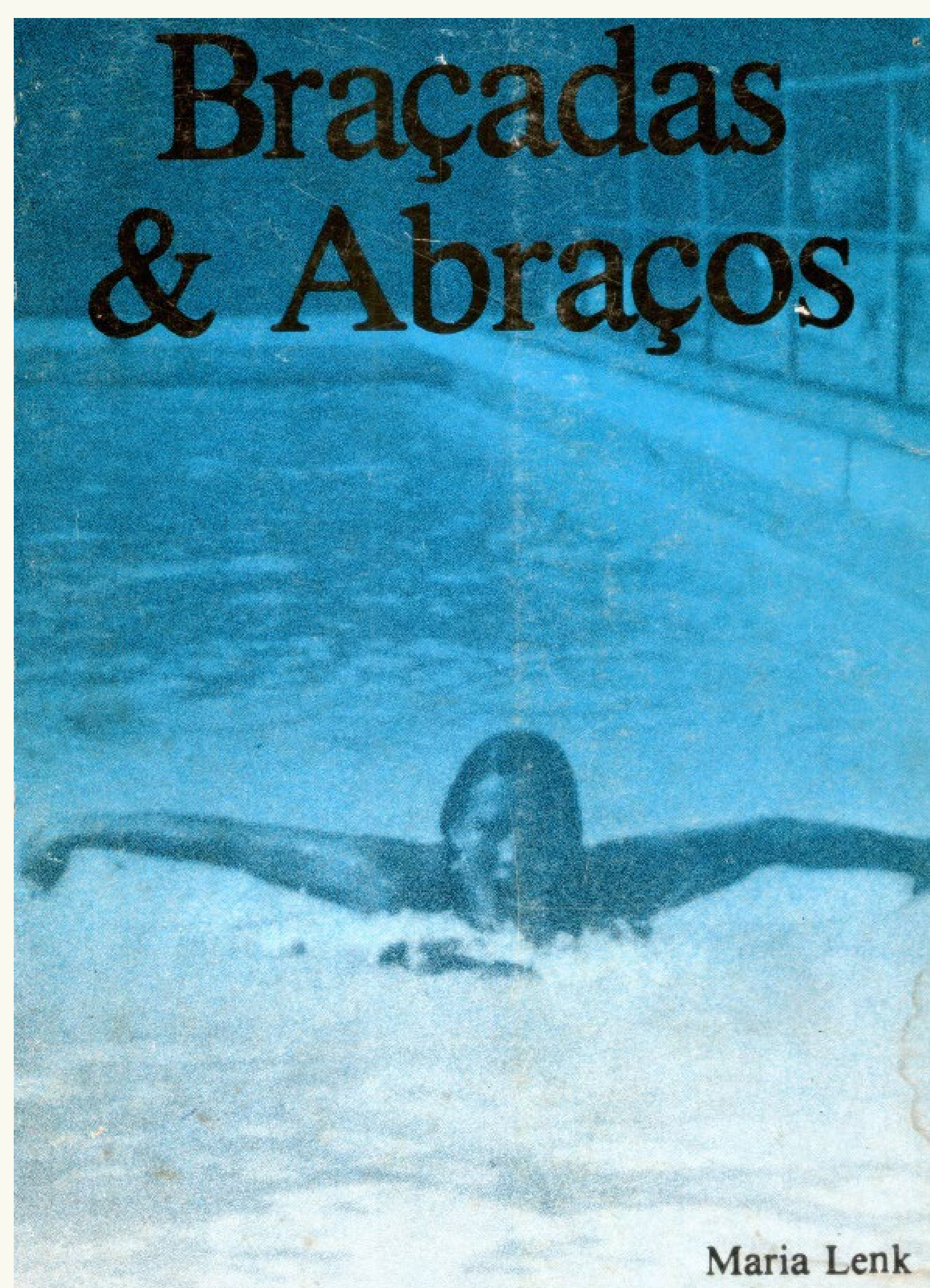
O livro tinha quatro partes. A primeira - Técnica - abrangia a história da natação, os quatro nados, saídas e viradas dos diferentes nados. A segunda parte - Treinamento - apresentava um histórico do treinamento, planos de treinamento, carreira do nadador, resistência ou velocidade além de aspectos pontuais como força muscular, ginástica, exercícios de peso para nadadores, etc. A terceira par-



te abordava temas como alimentação, massagem, cabelo, etc. A quarta parte do livro de Maria Lenk e Wilson Pereira (1966) continha também anexadas “três conferências de Forbes Carlile pronunciadas em 1965” (p. 9).

Maria Lenk colaborou ainda em outras obras, como o capítulo intitulado ‘Novos aparelhos de obtenção da força: Exer-Genie e Multi-Sporter, no livro ‘Introdução à Moderna Ciência de Treinamento Desportivo’ (COSTA, 1968).

Em 1982 Maria Lenk lançou seu livro, ‘Braçadas e Abraços’, onde na Primeira Parte tem a intenção de recordar os primórdios do Brasil na Natação Feminina. Na Segunda Parte pretendeu reunir conhecimentos adquiridos nos livros qualificados sobre o assunto buscando despertar nos jovens uma ideia que os fizesse decidir à prática da Natação.



Capa do livro ‘Braçadas & Abraços’ de Maria Lenk.



Maria Lenk viria a publicar seu derradeiro livro intitulado 'Longevidade e Esporte' em 2003.



Capa do último livro da Profª Maria Lenk, publicado em 2003.

A obra estava dividida em quatro partes: Aspectos Gerais do Envelhecimento, Masters no Esporte, Olimpismo e Natação em Águas Abertas.

Era comum ver Maria Lenk em variados eventos, como o '9<sup>th</sup> FINA International Aquatic Sports Medicine Congress' (1991) apresentando o tema 'The master athlete, performance and health'.



Quando assumiu a Direção da EEFD havia grande preocupação quanto à melhoria das instalações da Escola, no campus da Praia Vermelha. Mas, sabedora do planejamento do 'campus' universitário do Fundão, Maria Lenk adotou como estratégia influir no poder decisório para que se considerassem as obras da Escola de Educação Física e Desportos como prioritárias.

Logo que as obras começaram, Maria Lenk conseguiu que fosse construída a pista de atletismo, duas quadras polivalentes e uma sala para ginástica. Logo que as mesmas foram concluídas, ela determinou a mudança da Escola, começando pelas disciplinas Atletismo, com os professores Vitor Macedo Soares Alves e José Ferreira da Silva; Ginástica Geral com os professores Álvaro A. G. de Brito Pereira e Rítmica com as professoras Glória Futuro Marcos Dias e Myda Maria Sala Pacheco.



**Pista de Atletismo, primeira instalação da EEFD no Fundão.**

*Foto: Paulo Murilo Iracema. Acervo: Alfredo Faria Junior.*



Criava-se assim, como fato consumado, a mudança da Escola para o Fundão. Portanto, não incluir as obras na lista de prioridades seria um verdadeiro contrassenso.

Desta forma, quando “novos horizontes se abriam e fomos contemplados com a atenção especial do Governo, que incluiu a construção da nova sede da Escola Nacional de Educação Física e Desporto entre outras obras prioritárias na Ilha da Cidade Universitária (no Fundão)” (LENK, 1972, p. 11).



**Obras de construção dos Ginásios na Ilha do Fundão.**  
*Foto de Paulo Murilo Iracema. Acervo: Alfredo Faria Junior.*

Em resumo, escreveu na época, teremos “oito novos ginásios (para as várias especialidades) cercando duas piscinas (uma olímpica), vestiários modernos para 1500 alunos ao lado de belíssimas salas de aula, bibliotecas, salas para a administração e laboratórios, gabinetes médicos de primei-



ros socorros, sala de massagem, e outros requisitos ultramodernos” (LENK, 1972, p. 12). No entorno encontraremos “um grande número de quadras de voleibol, de basquetebol, de tênis, e campos de futebol, não faltando a garagem de remo, as rampas para as embarcações, inclusive de iatismo e a motor, dando acesso a mais linda raia olímpica de remo no fundo da baía” (LENK, 1972, p. 12).

O planejamento do campus do Fundão mereceu críticas de Rudolph Atcon, consultor norte-americano junto aos setores responsáveis pela definição de diretrizes para o ensino superior no Brasil nos anos 1950 e 1960, que julgou que o ‘estádio municipal’ não deveria estar no meio do campus como “planejou-se na UFRJ - este ademais, ao lado do Hospital das Clínicas (HC)” (ATCON, 1970, p. 47). Outra crítica que é feita é que “as piscinas - deveria(m) ser cobertas” (ATCON, 1970, p. 47).



**Construção das Piscinas da EEFD no novo campus do Fundão.**

*Foto: Paulo Murilo Iracema. Acervo: Alfredo Faria Junior.*



O Setor Administrativo da ATE “foi extinto por força do novo Regimento da Escola. Com isso foi necessário fazer uma descentralização administrativa da Diretoria Adjunta, passando cada Setor a controlar administrativamente seus próprios trabalhos” (RELATÓRIO, 1972, p. 12). Este Setor teve como funcionária Lucy de Mello Araújo.

Constaram então do Relatório que encerrava a existência da ATE e iniciava a implantação da DAMA (Diretoria Adjunta de Meios Auxiliares) os seguintes Projetos que estavam em estudo ou em andamento e que não deveriam ser encerrados com a transformação: “Produção de Filmes Super 8 mm; Implantação do Laboratório de Tradução Simultânea (adaptável como Laboratório de Línguas); Disseminação da Aparelhagem de Auto-Instrução (Máquina de Ensinar); Implantação de Emissora da Rádio FM (em colaboração com a ECO); Implantação de um Circuito de Televisão; Publicação Anual de um Catálogo de Filmes; Publicação Anual da revista Arquivos, da EEFD; Levantamento e publicação da Bibliografia Brasileira de Educação Física, Criação e um Núcleo de Documentação e Informática, Publicações de Brochuras em Off-Set; Implantação da aparelhagem semelhante ao Selectavision; Produção de um filme didático sobre o Judô (Campeonato Mundial), em 16 mm e Produção de um filme didático sobre as Novas Instalações da EEFD no Fundão” (RELATÓRIO, 1972, p. 48-49).

Mesmo depois de aposentada Maria Lenk não recusava convites para participar de Encontros e Seminários, dando preferência àqueles sobre Natação Máster.





Homenagem a Maria Lenk no Instituto de Educação Gerontológica (IEG), em Niterói, durante o Seminário sobre Natação e Polo Aquático Master.

## REFERÊNCIAS

ARENO, Waldemar. Editorial. Arquivos, da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, Rio de Janeiro, Ano XIII, n. 21, p. 7-26, dez. 1966.

ATCON, Rudolph P. Manual sobre o planejamento integral do Campus Universitário. Rio de Janeiro: Conselhos de Reitores das Universidades Brasileiras, 1970.

ATIVIDADES da Divisão de Educação Física. REVISTA MEC, Rio de Janeiro, Ano X, n. 45, p.80-81, abr.-set. 1960. Gráfica da UFRJ, 1968.

BRASIL. Decreto-Lei n. 705, de 25 de julho de 1969.

BRASIL. Resolução 10-71 do Conselho de Ensino e Graduação da UFRJ que traçava as Diretrizes para a Implantação da Educação Física e Desportiva na UFRJ.



CAPINUSSÚ, José Maurício. Uma palavra. Arquivos, Rio de Janeiro. p. 7-8, 1972.

COSTA, Lamartine Pereira da. Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Desportivo. Brasília: DED / MEC, 1968.

EEFD. Relatório da Diretoria Adjunta de Meios Auxiliares. Período: outubro de 1970 a junho de 1972. Rio de Janeiro: EEFD, 1972.

FARIA JUNIOR, Alfredo. Assessoria Técnica de Ensino, de Projeto à Realidade. Arquivos da Escola de Educação Física e Desportos. Rio de Janeiro: EEFD / UFRJ, 1972.

LENK MARIA. Novos aparelhos de Obtenção de Força: Exer-Genie e Multi-Sporter. In: COSTA, Lamartine Pereira da. Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Desportivo. Brasília: DED / MEC, 1968. p. 169-178.

LENK, Maria. A Escola de Educação Física e a Reforma Universitária. Arquivos da Escola de Educação Física e Desportos. Rio de Janeiro: EEFD / UFRJ, 1972.

LENK, Maria. Natação. São Paulo: Melhoramentos, 194 -

LENK, Maria; PEREIRA, Wilson. Natação Olímpica. Guanabara: Americana, 1966.

LENK, Maria. Braçadas & Abraços. Rio de Janeiro: Gráfica Bradesco, 1982.

LENK, Maria. Longevidade e Esporte. Rio de Janeiro: M. Lenk, 2003.

ZARANI, Newton. Personalidades e Fatos. Jornal da Tijuca, Rio de Janeiro, 27 a 3 jul. 1970.



## CHAPTER 5

# MARIA LENK'S LIFE AND WORK ACCORDING TO HER MEMOIRS, 1942-2003

*Lamartine DaCosta*

This chapter aims to interpret the sportive and intellectual life of Maria Lenk, who had memories anticipated by her own initiatives as stated in books published between 1942 and 2003. With this perspective in mind, I took on the task of revisiting such publications as a complement to my role of Curator of the Maria Lenk Collection, entrusted by her to me before her death in 2007. This heritage of ten thousand documents has been under the guard of the National Archives, Rio de Janeiro, since 2018, and historians are now and then expected to develop proper interpretations. Thus far, I start below the review of the main texts of Maria Lenk, setting in an epigraph a dedicatory message focused on the theme that had always united us: the intellectual understanding of physical education.

Maria Lenk published five books throughout her lifetime, highlighting her roles as an athlete, physical education teacher and scholar dedicated to science and management, always with an innovative and feminist tone on her achievements, while addressing different sports issues. Her books, written between 1942 and 2003, are here presented and examined according to the meaning and im-



portance of their contents and not according to the representativeness in a factual timeline, as it often occurs in historiographical research.

"Braçadas & Abraços (Strokes & Hugs)", published in 1982, was the very first book to be analyzed, although it was her third publication. It includes autobiographical commitment and re-examination of Brazilian conditions as a background panorama of the facts narrated. Lenk describes with detail her travels in Brazil and abroad involving competitions and tributes received, with highlights not only on her true adventures in terms of participation in the Olympic Games in Los Angeles (1932) and in Berlin (1936) but also on the remarkable breaks of two world swimming records in 1939.

The icon of women's empowerment emerged from these achievements, a social construction projected in the face of Lenk's victories in the early 1930s in the Tietê River competitions - located in the outskirts of the city of São Paulo - and, above all, in view of the image of the only woman of the Brazilian team in the 1932 Olympic Games and also the first South American woman to compete in an Olympiad. In technical and scientific terms of swimming, the book of 1982 summarizes Lenk's personal interpretations of current arguments at the time in relation to sports practice in Brazil, including the following themes "Sports Competition", "Mass Sports", "School Sports", "Sports Clubs", "Sports Structure in Brazil", "What Scientists and Pedagogues Think and What is Done in Other Parts of the World" and , finally, "What to Do in Brazil?". In view of these foci of debate, Maria Lenk allows to highlight the thesis of clubs as "mater cell" since there would be convergences between the triad "competition-mass-school" and the existence of clubs on a sufficient scale to act as nuclei receivers of practitioners. Moreover, the narrator comments on several governmental acts which, since 1941, placed sports associations in a central position of their proposals for the development of national sport.



The next book reviewed is “Organização de Educação Física e Desportos” (“Organization of Physical Education and Sports”), published in 1942, which gave rise to impacts of reception with technical and professional areas of sport and physical education throughout the country. In short, this book reached three editions in the years following its release, a result not achieved by any other work by the same author. Additionally, the book in question influenced the professional class of physical education until the 1970s, a period in which an advanced literature in the management of the sport was finally published in Brazil. In summary, the publication of this book filled a gap and constituted an innovation in the 1940s. As a result, the dissemination of practical organization and management procedures emerged, allowing the variety – 302 pages of standards and best practices – and the popularization of knowledge. This editorial option also includes Maria Lenk’s personal experiences when presenting solutions to national needs, which, for her, expressed patriotism to be adopted by men and women dedicated to sports.

Preceding the successful book “Organization of Physical Education and Sports”, in the same year, 1942, “Natação” (“Swimming”) was published. It was Lenk’s book of greatest survival in time. However, this work had a special meaning as it was the first one she published: it had a visible particularity in the “Introduction”, where Lenk declares: “This book is a result and a farewell: the result of a long journey in the service of swimming, and a farewell to the activities engaged in praise of swimming itself”. The Author then brings to readers a synthesis of her life story dedicated to sport, marking her “twelve years of swimming” and referring them to competitions “of all genres, from the simplest municipal and regional competitions to the largest international gatherings”. The dedication mentioned is then explained by knowledge to be acquired, which she said should be transmitted “to my sports colleagues by closing my little world of swimming”.



One can then understand the inaugural book of Maria Lenk as a "History of Brazilian Swimming", title given by her to factual data in the context of national sport with names of athletes, coaches and managers, besides entities (clubs, federations, etc.), giving rise, by the legitimacy of the Author as a source, to a historiography of rare contents for Brazilian swimming. Furthermore, the mixture of narratives of the past with autobiographical data ends up being completed with scientific interpretations, thus creating a practical meaning in the book since the style of the text goes from report to the exposition of procedures and experiments. This is present both in the chapter "Aquatic Ballet" and in the chapter "Salvage", swimming modalities that are presented in didactic form in addition to basic pedagogical theories. In summary, both styles and training methods of competition swimming - described in detail - appear in the work as a composition of balance (science) with discipline (management), a synthesis idea explored by the Author from her experiences as an athlete.

Focusing on this rationale, Maria Lenk in the chapter "Science and Swimming" (p. 115 - 144) presents a pioneer experiment of biomechanics comparing different styles of swimming. This study is considered today as an inaugural basis for the Sciences of Sport in Portuguese-speaking countries. Unsurprisingly, the reputation of athlete and scientist became a common attribute connected to Maria Lenk in the 1940s and beyond.

The next book analyzed was "Natação Olímpica" ("Olympic Swimming"), published in 1966. It was the only one co-authored. Wilson Pereira, world record holder of the swimming event of the Modern Pentathlon (Olympic Games 1960 - Rome and 1964 - Tokyo) collaborated with her. As in the other works, Maria Lenk becomes autobiographical and analyst of up-to-date knowledge in high-competition swimming. However, on this occasion, it is revealed more by a scientif-



ic discourse than a memorialist talk because the book was organized in the form of dialogue with the famous coach Forbes Carlile, during his stay in Brazil (Rio, São Paulo and Belo Horizonte), in training program with the objective of "expanding knowledge" in the swimming areas of Brazilian sport organization. The novelty in this work comprises not only the change of the patriotic approach she used in her 1942 books to a vision of future construction in 1966, but also her reference to "studies and research", being then a possible anticipation of a trend that was confirmed in the following years, and to this day identified in professional and academic issues of Brazilian sport.

These perspectives gain more consistency in the last book published by Maria Lenk, "Longevidade e Esporte" ("Longevity and Sport"), published in 2003, in which the Master swimming discipline is scientifically discussed in the light of aging. The author's autobiographical tendency, now in a moderate version, is also present in this book. However, didactic or "vade mecum" styles are not adopted, so the work is understood as more of theoretical support than of practical and operational orientation.

Finally, Maria Lenk's descriptions and analysis of knowledge mixed with autobiographical fragments inserted in different contexts were overall revealed as a personal touch. The excerpts focused on achievements of great existential significance in the author's personal concerns, usually sporting achievements or facts related to them directly or indirectly. That is, Maria Lenk, as an educator in addition to other efforts, understood and assumed her role as an example to be followed as a heroine in the world of sports.



## CAPÍTULO 5

# VIDA E OBRA DE MARIA LENK SEGUNDO SEUS LIVROS AUTORAIS, 1942 - 2003

*Lamartine DaCosta*

O HOMEM PERFEITO E HARMONIOSO É  
AQUELE QUE SABE UNIR A FORMAÇÃO  
ESPIRITUAL À APTIDÃO FÍSICA,  
SUBMETENDO-AS AO SERVIÇO D'ALMA.

PLATÃO in "POLITÉIA"

Ao prof. Lamartine Pereira da Costa,  
cuja contribuição intelectual foi e  
continua sendo, decisória para o  
desporto brasileiro, toda a admiração  
de Maria Lenk.

26 de outubro, 1992.



Maria Emma Hulda Lenk Zigler, isto é, “Maria Lenk” (1915 – 2007), tornou-se ao longo de sua vida um sempre citado símbolo de heroísmo esportivo no Brasil. Como atleta da natação, ainda jovem, ela ganhou destaque por ter sido a primeira mulher da América do Sul a competir nos Jogos Olímpicos (Los Angeles, 1932) assim como em 1939 ter se tornado uma recordista mundial em sua especialidade, fato até então inédito na história do esporte brasileiro.

Além dessas realizações e trazendo maior significação à sua brilhante carreira atlética, Maria Lenk diplomou-se como professora de Educação Física em 1936, participando da primeira turma de formandos da Escola de Educação Física do Estado de São Paulo e se mantendo no magistério até sua aposentadoria em 1979 (Lenk, M., “Braçadas & Abraços”, 1982, p. 146). Tal dedicação em aliar suas práticas com saberes, também no passar do tempo marcou a vida esportiva de Maria Lenk, consolidando sua imagem pública no Brasil e, por repercussão, no exterior, contribuindo, outrossim, como narrado adiante, com uma valorização feminista nos seus feitos.

Diante de reconhecimentos históricos, pode-se então focalizar com maior nitidez a vida esportiva e intelectual de Maria Lenk, a qual teve registros e memórias de própria lavra como consta em seus livros publicados entre 1942 e 2003. Com esta perspectiva em mente, o autor do presente capítulo assumiu a tarefa de revisitar tais publicações como complemento à função de Curador do Acervo Maria Lenk, confiado por ela à minha pessoa antes de seu falecimento em 2007. Este patrimônio de dez mil documentos encontra-se sob guarda do Arquivo Nacional, sede do Rio de Janeiro, desde 2018, cabendo então aos historiadores as devidas interpretações. Assim disposto, inicio acima as memórias dos textos maiores de Maria Lenk, pondo em epígrafe uma sua dedicatória voltada



para o tema que sempre nos uniu: a compreensão intelectual da Educação Física.

E neste fazer histórico, desde cedo foi para mim perceptível que a nossa destacada nadadora elegeu seus livros como atos de memória desde que se mostram bastante reduzidas suas experiências expostas em outros meios, ressaltando-se ainda sua limitada produção em termos de artigos acadêmicos e textos ocasionais. De qualquer modo, as obras da heroína olímpica relevam a história da natação e do esporte brasileiro – e internacional em vários episódios – como marcos de sua própria vida, com se mostra nos desdobramentos da presente narrativa.

Acrescente-se, todavia, e como se deduz pelos relatos de Alfredo de Faria Júnior e de Ana Flávia Paes Leme, em seus capítulos no presente volume, Maria Lenk revelou-se uma pesquisadora dedicada e uma gestora exigente. Além disso, um exame dos seus documentos pessoais incluídos no “Acervo Maria Lenk”, depositado na Universidade Gama Filho do Rio de Janeiro, em 1996, sob minha curadoria, constata-se que ela manejava igualmente as línguas portuguesa, alemã e inglesa, como também sempre atuou como ativista em prol da educação, do esporte, da gestão pública e das ciências, o que por suposto limitou sua disposição para trabalhos autorais em gabinetes.

Essa preferência por livros em sua produção escrita – uma característica típica da geração de líderes acadêmicos em que se inclui Maria Lenk no âmbito da Educação Física nacional e no período anterior à década de 1970 – nos conduz, portanto, ao fio condutor do presente capítulo através do qual inventariamos os cinco livros marcos de Maria Lenk. Estes, enfim, foram escalonados pelo sentido e importância de seus conteúdos e não pela representatividade numa linha de tempo, como frequentemente se faz em pesquisas historiográficas. Daí termos escolhido como ponto de



partida da presente revisão o livro “Braçadas & Abraços” de 1982, a terceira obra referencial publicada pela nossa heroína olímpica, tanto por se tratar de uma autobiografia como por recompor as áreas de conhecimento do esporte e Educação Física em que ela incidiu seus interesses além das realizações esportivas.

Assim se decidiu ao se buscarem reinterpretações e continuidades do texto de introdução da obra de 1982, ora em citação (p. 11 - 15), em que Maria Lenk identifica o período 1930 - 1942 como fundamental para a elaboração de suas memórias:

“Ultrapassando os registros de minhas performances esportivas - desculpem-me amáveis leitores minha falta de modéstia - narrarei, em complemento, circunstâncias em que as mesmas foram obtidas além de fatores vários, que, no seu todo, refletem, dentro das impostas limitações, as características daquele decênio na vida pátria. Entrelaçando o relato dos acontecimentos desportivos com pequenas ocorrências, muitas vezes de caráter pessoal, pretendia retratar uma época, de há muito superada, que deveria ser vencida como um degrau obrigatório na escala do desenvolvimento e do progresso”.

Estas palavras aparecem emolduradas pelo título “Desde Há 50 Anos”, que por si só já revela as intenções de sua autora, e por isso constituindo o subtítulo do próprio livro, como se verifica na página de abertura. Isto posto, vejamos então, a seguir, em suas abordagens principais o livro-memória da sempre assumida atleta e intelectual Maria Lenk.



## **BRAÇADAS & ABRAÇOS, MARIA LENK, EDIÇÃO GRUPO ATLÂNTICA-BOAVISTA, RIO DE JANEIRO, 1982, 182 PÁGINAS**

Sem embargo, a organização temática desta obra, a partir de seu “Índice”, já sugere em sua “1ª Parte” um misto de autobiografia e dados históricos sobre o ambiente da gestão do esporte brasileiro e da natação de alta competição nas décadas de 1930 e de 1940 (p. 11 – 148). E, em consonância com estas propostas preliminares, encontra-se a seguir uma “2ª Parte”, em que se sumarizam interpretações pessoais sobre debates e argumentações correntes sobre a prática esportiva no Brasil, a saber “Desporto de Competição”, “Desporto de Massa”, “Desporto Escolar”, “Clubes Desportivos”, “Estrutura do Desporto no Brasil”, “O que pensam os Cientistas e Pedagogos e o que se Faz em Outras partes do Mundo” e, finalmente, “O que Fazer no Brasil?” (p. 149 – 180).



**Fig. 1** Capa do livro-memória de Maria Lenk publicado em 1982; foto histórica da 1ª turma de Educação Física diplomada no Brasil em 1936 em São Paulo, com Maria Lenk sentada, na segunda fila, primeira da esquerda para a direita. A composição de realizações na natação com fatos de suas atividades profissionais por parte de Maria Lenk é uma das características de “Braçadas & Abraços”.



Por outro lado, as opções temáticas e metodológicas encontradas em “Braçadas & Abraços” não são, entretanto, específicas dessa obra, pois um exame dos demais livros, como também relembremos adiante, indica que a Autora adotou neles o padrão de abordar os temas propostos pelo livro complementando-os com observações sobre adequações às condições encontradas no Brasil. Este nexos de validação aparece também sistematicamente nos textos – quer livros ou outros poucos trabalhos publicados – em que Maria Lenk atuou como tradutora/mediadora de especialistas estrangeiros em visita ao Brasil. Em suma, há de se cogitar de uma bivalência de preferências entre esporte (ação) e ciência (saber) tornada explícita e pública nas atividades e atitudes da nadadora-símbolo do país.

E se atentarmos para o modo que Maria Lenk tratou suas remissões históricas, encontraremos bivalências similares ao estilo de esportista-cientista, tais como esportista-pedagoga ou esportista-gestora. Por exemplo, os capítulos referidos aos Jogos Olímpicos de Los Angeles 1932 (p. 25 – 38) e de Berlim 1936 (p. 97 – 108) constituem testemunhos permeados de análises dos modos de gestão das entidades e de dirigentes do esporte nacional – como então eram apreciadas por vieses do Rio de Janeiro (então capital do país) e São Paulo – além naturalmente de registros técnicos sobre a natação. Por outro lado, o fato de Maria Lenk constituir um testemunho insider daqueles Jogos Olímpicos torna o livro “Braçadas & Abraços” uma fonte histórica de valor relevante para o esporte nacional (Fig. 1).

## **ORIGENS PECULIARES DA CAMPEÃ OLÍMPICA**

Algo similar pode ser atribuído aos relatos de Maria Lenk no livro de 1982 sobre sua formação como nadadora de competição no rio Tietê e em vários clubes de São Pau-



lo, sua cidade natal, em que despontam análises didáticas de técnicas natatórias. A abordagem da bacia do rio Tietê como local de formação da futura campeã, entretanto, não foi meramente accidental desde que vários outros nadadores de alta competição de sua época – João Havelange, por exemplo – tiveram iniciação nos treinos e competições na mesma localização periférica da cidade de São Paulo. Neste estágio ainda rudimentar da natação brasileira, o Tietê era ainda uma área florestal e recreativa, com águas ainda não contaminadas por poluição industrial, abrigando sedes campestres de vários clubes esportivos localizados em áreas urbanas mais densas da cidade, incluindo, segundo registra “Braçadas & Abraços”, associações esportivas alemãs da cidade (p. 40), das quais Maria Lenk atribui influências pontuais na sua formação como atleta.

Aliás, o contexto histórico do rio Tietê já aparece nesta autobiografia de Maria Lenk, com eventos de competição de remo e natação ao longo da década de 1920, destacando-se a “Travessia de São Paulo a Nado”, de realização anual. Sendo competições de grande número de nadadores, masculinos e femininos, as Travessias tornaram-se representativas do esporte de São Paulo, tendo apoio dos principais jornais da cidade à semelhança da “Corrida de São Silvestre”, prova terrestre de longa distância de realização na noite de 31 de dezembro nas ruas centrais de São Paulo, também iniciada em meados dos anos de 1920. Havia, portanto, um clima de festival esportivo, com impacto na opinião pública, relacionado às Travessias, nas quais a narradora foi vencedora nas edições de 1932 a 1935, fato que segundo ela tornou-a uma personalidade conhecida no Estado de São Paulo (p. 39 – 48) e depois em escala nacional, ao representar também o país nos Jogos Olímpicos de 1932 e de 1936.



## A ÉPOCA DE OURO DA NATAÇÃO BRASILEIRA

Outro relato de Maria Lenk no livro em pauta concerne o estágio da natação brasileira na década de 1930, levando em consideração os campeonatos sul-americanos de natação “para mulheres” (sic), segundo um capítulo com esta denominação encontrado nas páginas 49 - 70. Para ela, a realização dessas competições entre países sul-americanos constituiu uma consolidação efetiva da natação brasileira, incluindo no caso também a versão masculina, a partir de iniciativas embrionárias da década anterior. Neste capítulo, a narradora mostra-se sempre inserida nos acontecimentos de viagens e de seus preparativos, expondo detalhes sobre os clubes, as federações de natação de São Paulo e Rio de Janeiro, a então existente Confederação Brasileira de Desportos - CBD (entidade de cúpula de todos os esportes organizados do país na época em evidência), além de dirigentes, treinadores e atletas de destaque.

O tom das descrições de tais viagens ao exterior torna-se mais intimista do que se observa nos capítulos anteriores, sugerindo que a Autora viveu intensamente as aventuras e as vitórias envolvendo as competições. Isto se torna mais evidente diante dos relatos das homenagens dos poderes da República e do Estado de São Paulo aos atletas nos retornos ao Brasil, incluindo a participação do então Presidente Getúlio Vargas. Este clima de glórias e reconhecimentos emergiu naturalmente focalizando Maria Lenk numa posição central como ela mesma descreve em suas lembranças autobiográficas (Fig. 2).





**Fig. 2 O presidente Getúlio Vargas, em cerimônia pública, no final dos anos de 1930, cumprimenta Maria Lenk então já considerada atleta-símbolo do esporte brasileiro.**

Os campeonatos sul-americanos de natação no segmento feminino desvelaram adicionalmente disputas tradicionais dos anos de 1930, envolvendo Brasil e Argentina nas competições entre São Paulo e Rio de Janeiro no concernente à escalação das delegações brasileiras, embora a biografada tenha classificada ambas como ‘salutares’. Do lado internacional, isto ocorreu mesmo com a melhoria geral do Chile, Uruguai, Peru e Equador, como também em perspectivas nacionais ao observar avanços na natação brasileira em Porto Alegre e Recife. De qualquer modo, Maria Lenk deixa subentendido em seu livro “Braçadas & Abraços” que os anos de 1930 confirmaram-se como marco no desenvolvimento da natação brasileira cogitando-se das competições de alto rendimento.



## EXPANSÃO DE PISCINAS DE COMPETIÇÃO

Certamente a ênfase na década de 1930 como base de sustentação da natação brasileira encontra outra comprovação no texto seguinte ao dos relatos sul-americanos. Trata-se agora da “Explosão na Construção de Novas Piscinas”, capítulo que descreve a expansão do número de piscinas de competição de 25 e de 50 metros, com início em 1930, na cidade de São Paulo (Associação Atlética São Paulo), estendendo-se ao interior do Estado e posteriormente ao Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre e Recife.

Aquele período também histórico para a natação brasileira, ainda na visão da narradora, teve sua culminância em 1940, com o primeiro complexo esportivo de grande porte do país, que incluiu uma piscina de medidas olímpicas, posta em funcionamento do Estádio Municipal de Pacaembu na capital de São Paulo. Esta instalação tornou-se um ícone esportivo nos anos seguintes, reunindo em sua festa de inauguração os poderes da República – tendo à frente Getúlio Vargas – e convidados esportistas da América do Sul, dirigentes e atletas da natação, futebol, atletismo, pugilismo e esgrima. Esta festividade se estendeu por uma semana dada à realização de competições de intercâmbio, tendo sido classificada por Maria Lenk na sua rememoração como “pomposa” (p. 80 – 82).

Neste particular, a ênfase da já então considerada como atleta-símbolo do esporte brasileiro no capítulo em apreciação é em síntese um relato de homenagens numa postura autoral não encontrada em todos os demais capítulos. Embora comedida, a autora revela com detalhes que foi convidada para se apresentar na maioria das piscinas inauguradas no Estado de São Paulo, Belo Horizonte, Recife e Rio de Janeiro. E nas festividades do novo estádio



Pacaembu, ela assumiu mais uma vez uma posição de destaque entre os demais atletas, sendo homenageada pela Confederação Sul-Americana de Natação com o título de “símbolo de vinculación sudamericana” (p. 82).

Portanto, o capítulo sobre a “explosão” de piscinas dos anos de 1930 constitui por efetivo um conjunto de relatos de homenagens esportivas, típico dos grandes nomes do esporte independente da nacionalidade, mescladas com avanços na infraestrutura esportiva do Estado de São Paulo. E, além do significado pessoal, explicita-se também uma identificação do estado do esporte em termos de nação, uma preocupação peculiar aos escritos de Maria Lenk, que sempre justificou os seus feitos esportivos a partir do patriotismo e em prevalência aos seus esforços e habilidades.

## **JOGOS OLÍMPICOS 1932 E 1936**

Por sua vez, os capítulos referentes aos Jogos de 1932 (p. 25 - 38) e aos Jogos de 1936 (p. 83 - 108) focalizam características desses grandes eventos olímpicos em termos de representação nacional partindo das experiências das participações de narradora. No contexto dos relatos, a participação de 1932 surge como histórica por ser Maria Lenk a primeira mulher da América do Sul a competir numa edição dos Jogos Olímpicos. Nesta nova rodada da carreira esportiva de Maria Lenk, os relatos de vitórias no Brasil e no continente sul-americano dão lugar, entretanto, às vicissitudes e incidentes de percurso para as grandes competições localizadas respectivamente em Los Angeles - Estados Unidos e Berlim - Alemanha. Em retrospecto, as expectativas de boas performances por parte da Autora em ambos os eventos não se cumpriram, resultando por parte dela em comentários menos pessoais e mais funcionais do que aqueles assumidos nos escritos precedentes.



Em outras palavras, à luz das narrativas sobre os Jogos Olímpicos de 1932 e 1936, a estrutura ainda rudimentar da gestão da natação e dos esportes em geral praticada no Brasil mostra-se com maior nitidez. Em adição a essas limitações, as longas e desconfortáveis viagens de navio para se chegar aos locais dos Jogos partindo do Rio de Janeiro, revelam-se como problemas difíceis naquelas circunstâncias para uma boa preparação. Certamente, a então inexistência de transporte aéreo regular entre continentes prejudicou, segundo a narração, as representações nacionais não pertencentes aos continentes das sedes olímpicas daquele estágio e que dependiam de continuidade no treinamento, independente das falhas de gestão do país de origem.

No caso dos Jogos Olímpicos de 1932, a travessia marítima durou quatro semanas com múltiplas paradas em portos intermediários onde o navio que transportava a delegação brasileira - vapor "Itaquicê", cedido pela então existente Cia de Navegação Lloyd Brasileiro - vendia sacas de café para custear a viagem, numa improvisação administrativa até hoje apontada como audaciosa, mas comprometedora vis-à-vis a seriedade das instituições dirigentes do esporte brasileiro. Diante da inusitada solução encontrada para financiar a participação brasileira em Los Angeles, a narradora apresenta-se como compreensiva em face à crise econ mica global   época, porém enumera várias deficiências de gestão durante a estada em Los Angeles as quais ao final geraram a pergunta "Valeu à pena?" que poderia ter sido feita pelos membros da delegação brasileira. Como resposta, eis a declaração de Maria Lenk incluída em seu livro autobiográfico (p.37):

"Hoje, decorridos 50 anos, pode-se apreciar o evento   distância. Verifica-se que na ocasião se lançou a pedra fundamental do desporto de alto nível no Brasil. Sua evolução foi lenta e penosa, refletindo as conjunturas políticas e



econômicas nacionais e até mundiais, tão variáveis quanto imprevistas, deste último século. Foi-se firmando e estruturando, graças a desportistas providos de idealismo patriótico, que dedicaram toda a vida em prol da causa”.

Uma frustração similar quanto às expectativas de bons resultados nas competições dos Jogos Olímpicos de 1936 em Berlim ganha também ênfase em “Braçadas & Abraços”. Mais uma vez surgem as dificuldades da viagem marítima agora com destino para Hamburgo, porto principal da Alemanha. Porém, o relato focaliza a inovação de um tanque aquático que foi improvisado no navio da ocasião – “General Artigas”, cargueiro de uma empresa comercial alemã de navegação – uma improvisação criativa para o treinamento em água, mas insuficiente para compensar outra travessia de quatro semanas. De resto, mais uma vez deficiências de gestão intimidaram os atletas na viagem e na permanência em Berlim. E tal qual o ocorrido em Los Angeles, quatro anos antes, surgiram incidentes que geraram perplexidade para a compreensão por parte dos jornais brasileiros e internacionais.

O inusitado na versão 1936 deveu-se à apresentação na Alemanha de duas delegações brasileiras “oficiais”, algo sem precedentes na história dos Jogos Olímpicos e que obrigou os organizadores dos Jogos Olímpicos de Berlim a desautorizar ambas as “representações” com a chancela do Comitê Olímpico Internacional. Em outras palavras, apresentaram-se em Berlim uma delegação da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) e outra do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), desde que ambas as entidades estavam em disputas no Brasil por filiações das federações de esporte (não havia ‘confederações’ à época no país), envolvendo clubes, atletas e até mesmo localizações regionais.

Como resultado houve paralização nos preparativos dos atletas recém-chegados a Berlim como também um escân-



dalo no Brasil envolvendo a imprensa, o Parlamento e até a Presidência da República, que liderava uma ditadura nos anos de 1930. Após debates políticos no Brasil e postura de resistência dos organizadores dos Jogos na Alemanha, o próprio Presidente Getúlio Vargas ordenou por telegrama uma composição CBD-COB na véspera da abertura dos Jogos. Ao final, houve uma única bandeira brasileira na abertura dos Jogos, mas segundo a narradora como testemunha in loco, houve posteriormente falta de ordem na participação dos atletas nas provas e confuso ambiente entre dirigentes e treinadores.

Importa pôr em evidência que a delegação brasileira em 1936 era uma das mais numerosas dos Jogos (a versão do COB tinha 29 dirigentes e 62 atletas ao chegar a Hamburgo) com cerca de uma centena de participantes no desfile de abertura. Por outro lado, os resultados nos treinamentos no Brasil mostraram-se promissores em natação, polo aquático e atletismo, com Maria Lenk igualando um recorde mundial nos 100m nado de peito e se colocando entre os melhores resultados do mundo em 200m no mesmo estilo, além de vários recordes sul-americanos.

Todavia, não houve medalhas entre brasileiros em Berlim, com uma grande decepção incidindo sobre Maria Lenk, segundo ela mesma, que a levou em suas memórias das “Braçadas & Abraços” a sugerir pós Jogos um resguardo do futuro à luz das experiências de 1932 e 1936 (p. 108). Nesse particular, a narradora valoriza a participação da Marinha Brasileira nos preparativos dela e demais nadadores (polo aquático, inclusive), com o treinador japonês Takashiro Saito à frente. Este grande nome dos Jogos de 1932, afinal tinha sido contratado pelo Centro de Esportes da Marinha, no Rio de Janeiro, para orientar o treinamento para os Jogos de 1936, elevando o nível técnico e da gestão do esporte brasileiro. Outro avanço posto em



registro neste contexto foi na Medicina do Esporte, com a narradora citando o Dr. Heriberto Paiva, então tenente da Marinha e membro da delegação de 1936, como pioneiro dessa área de conhecimento no país.

## **O APELO DAS INOVAÇÕES EM MARIA LENK**

Outro avanço marcante como produto dos Jogos Olímpicos de 1936 foi a inovação desenvolvida no Brasil por Maria Lenk no nado estilo borboleta (butterfly), de origem norte-americana, mas aperfeiçoado de modo a ser usado na provas olímpicas de nado de peito por ela. Como tal, a narradora foi a primeira mulher do mundo a competir com esse estilo de natação, porém suas performances brasileiras não se repetiram em Berlim, embora tivesse chegado até as semifinais durante os Jogos.

Importa, entretanto, fazer constar que a atleta que levantara as maiores expectativas do esporte brasileiro até os Jogos de 1936 continuou a produzir e estimular renovações ao longo de sua carreira, entendendo-se assim que o nado butterfly não constituiu um fato isolado. Para exemplificar esta tendência pouco identificada em estudos históricos sobre o esporte brasileiro, recupera-se no livro memorialista de Maria Lenk a iniciativa de construir uma piscina escolar de competições de natação no Colégio Piedade – entidade originária da Universidade Gama Filho - do Rio de Janeiro, fundando-se, outrossim, o primeiro clube esportivo escolar do Brasil, no nível médio de ensino (p. 80-81).

O ato pioneiro aconteceu em 1940, no auge da carreira esportiva da nadadora, antes de se tornar multifacetada, marcando o início das atividades de professora de Educação Física no Rio de Janeiro, logo após se transferir de



São Paulo. A transferência deveu-se à ocupação da cátedra de professora na Escola Nacional de Educação Física e Desportos - ENEFD, criada em 1939 no âmbito da Universidade do Brasil (hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro), onde Maria Lenk fez-se presente logo de pronto por uma de suas iniciativas de renovação de ampla repercussão: a publicação do livro “Organização de Educação Física e Desportos”, conforme revisaremos adiante.

Do ponto de vista de testemunho pessoal do autor das presentes notas, cabe mencionar outra inovação produzida por Maria Lenk, como se constata no livro coletivo “Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Desportivo” (DaCosta, L., Editor). Publicada em 1968, esta obra incorporou um capítulo sobre equipamentos tecnológicos para exercícios físicos, no qual Maria Lenk foi proponente e autora. Este tema mostrou-se inédito em língua portuguesa naquele estágio de desenvolvimento da prática esportiva nacional, confirmando hoje a percepção de que a Autora de “Braçadas & Abraços” era uma sportista voltada para mudanças renovadoras (1).

A própria existência da Parte 2 no livro “Braçadas & Abraços” sugere uma postura contínua de renovação na vida e obra de Maria Lenk desde que as descrições e análises são antecipações de alterações e de inovações no curso do esporte brasileiro em seu todo e não somente na natação. Assim disposto, cabe ressaltar que uma das interpretações mais importantes da nadadora-intelectual sobre seu entorno esportivo voltava-se costumeiramente para pretensas “Ciências do Esporte” como se constata na revisão dos demais livros de Maria Lenk no presente capítulo. Outro pioneirismo da atleta-professora incidiu no uso de tecnologia aplicada a exercícios físicos como mostra a Fig. 3.





**Fig. 3 O uso da tecnologia para a prática de exercícios físicos constituiu um dos avanços propostos por Maria Lenk, segundo capítulo incluído no livro “Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Desportivo” (1968, DaCosta, L. - Ed.), cujo acesso para consultas encontra-se na referência (1).**

## **MARIA LENK COMO SÍMBOLO FEMINISTA**

A figura de Maria Lenk atleta e intelectual, dedicada aos múltiplos conhecimentos relacionados ao esporte por si só, se tornou um ícone da valorização da mulher sem que ela interferisse para alcançar tal representação em suas atividades. Esta interpretação tornou-se evidente já nos primeiros anos da década de 1930 por meio da figura de mulher campeã projetada pela imprensa em face às vitórias nas competições do Rio Tietê e, sobretudo, diante da imagem



de única mulher da delegação brasileira nos Jogos Olímpicos de 1932. Durante essa Olimpíada tornou-se comum encontrar fotos nos jornais do Rio de Janeiro, São Paulo e da cidade de Los Angeles com grupos de atletas ou dirigentes masculinos tendo Maria Lenk no centro, dada a novidade do acontecimento e diante do amplo domínio masculino no esporte brasileiro (p. 39). A Fig. 4 apresenta um recorte de jornal da época com noticiário ufanista bem como foto famosa de Maria Lenk como única mulher da representação brasileira aos Jogos Olímpicos de 1932 em Los Angeles.



**Fig. 4 Jogos Olímpicos Los Angeles 1932: notícias ufanistas no Brasil e delegação nacional com Maria Lenk isolada num grupo masculino. A edição do jornal em transcrição é de 19/06/1932.**



Outro reforço ao simbolismo de mulher distinta dos padrões gerados pelos preconceitos correntes na sociedade brasileira incidiu no impacto da introdução do nado butterfly, quando Maria Lenk passou a concorrer por resultados com especialistas masculinos do mesmo estilo, como ela menciona em seus registros sobre os Jogos de Berlim (p. 109 – 124). Mas, mesmo consciente do simbolismo criado por seus feitos, Maria Lenk expõe-se muito comedida em suas memórias sobre os avanços representados por ela desde que há um relato em seu “Braçadas & Abraços” sobre reação negativa à sua imagem de mulher atleta.

O enfrentamento preconceituoso aconteceu na pequena cidade de Amparo, situada no interior Estado de São Paulo, quando a narradora assumiu uma função de professora de Educação Física em 1937, logo após seu retorno de Berlim. Como ela passou a trabalhar num educandário local e frequentar o único clube da cidade em que havia uma piscina de pequenas dimensões, logo criou impacto por seus trajes de natação e pela iniciativa de reunir jovens em torno de treinamento e competições. Em consequência o grupo religioso mais influente na cidade ameaçou “excomungar” Maria Lenk, além de outros atos de rejeição (p. 53).

Diante das ameaças, a atitude adotada pela já então famosa figura em âmbito nacional foi similar aos passados enfrentamentos das extremas deficiências de organização das representações esportivas brasileiras no exterior, isto é, buscar os melhores resultados possíveis nas circunstâncias enfrentadas. Esta opção no caso de Amparo traduziu-se pela promoção da prática esportiva para jovens com apoio do jornal local (p. 53). Essa atitude proativa revela também um padrão que pode ser identificado em outras situações de disputas relatadas no livro “Braçadas & Abraços”.



## AO CORRER DO TEMPO SEGUINTE

O período pós Jogos Olímpicos de 1936 até o afastamento da grande nadadora das competições no início da década de 1940 é definido por ela mesma em seu livro memorialista com o título que encima este parágrafo (p. 133). Nota-se, neste caso, o uso de uma frase comum em competições esportivas, que certamente deu um significado bem descritivo da carreira de Maria Lenk naquele estágio de sua vida.

Aquele período intermediário de uma nadadora de sucesso diante de sua renúncia às competições foi marcado pela frustração dos “Jogos Olímpicos Não Realizados”, conforme a narradora definiu os Jogos Olímpicos de Tóquio 1940, adiados em razão da Segunda Guerra Mundial. A decepção de Maria Lenk deveu-se por ser público e notório que ela após os Jogos de Berlim ampliou sua dedicação aos treinos – mesmo vivendo em Amparo por um lapso de tempo, como já aqui rememorado – tendo alcançado excelentes resultados, criando perspectivas de se tornar medalhista olímpica, algo até então inédito para uma atleta brasileira.

Por sua vez, o ambiente da natação brasileira pós Jogos de 1936 foi de um segundo “apogeu” na mesma década, mesmo persistindo disputas políticas entre as entidades maiores do esporte nacional. De fato, era evidente o alto nível técnico dos treinadores e nadadores, com Maria Lenk, batendo dois recordes mundiais neste interregno dos Jogos Olímpicos: 400m nado peito em 11/10/1939 e 200m no mesmo estilo em 08/11/1939 (p. 109 – 124).

Os resultados extraordinários, aliás pioneiros no Brasil e na América do Sul, foram alcançados depois que se tornou claro que não se realizariam os Jogos de Tóquio. Ou seja: como não haveria uma Olimpíada para acolher uma nadadora de grande expressão mundial naquela oportu-



nidade, a decisão de Maria Lenk foi de marcar sua evolução por meio de recordes mundiais. Para ela, tratava-se de questão de foro moral - ‘espírito olímpico’, segundo suas palavras descrevendo a queda em 1936 e a melhoria em 1939 por discurso na Academia Olímpica Internacional em 1980 (ver texto de Maria Lenk nos apêndices deste livro) - o fato de reabilitar-se dos resultados deficientes em Berlim com avanços de performance.

Após os recordes mundiais, tanto a valorização da mulher como a glorificação da atleta em escala nacional passaram a identificar com clareza a imagem pública de Maria Lenk. Por outro lado, ela foi mais uma vez homenageada em pessoa pelo “Chefe da Nação” (sic), Getúlio Vargas, em ato oficial ainda no correr de 1939 na sede da recém-criada Escola Nacional de Educação Física e Desportos-ENEFD (bairro da Urca, Rio de Janeiro), em que ela já participava como professora fundadora (p. 119).

O “tempo seguinte” do apogeu Maria Lenk desdobrou-se em homenagens e demonstrações até 1942, quando encerrou sua carreira em competições aos 27 anos de idade. Este estágio também mereceu digressões na obra “Braçadas & Abraços”, pois ela exerceu funções como uma espécie de embaixadora em visita de “Boa Vizinhaça” (sic) aos Estados Unidos no ano citado, em conjunto com nadadores da Argentina, Chile, Peru e Equador. Este tipo de intercâmbio tornara-se comum na época, quando os Estados Unidos procuraram aproximação com a América Latina, diante das ameaças do países do então chamado “Eixo” (Alemanha, Itália e Japão), que exibiam influência no continente, principalmente, Brasil e Argentina. Nessas condições, pondo-se o foco sobre Maria Lenk, uma das homenagens recebidas nos Estados Unidos, foi a de ter seu nome gravado no Helms Hall, em Los Angeles, como nadadora do ano de 1942 (p. 139), após 12 batidas de recordes norte-americanos em 20 demonstrações (p. 132).



Ao reviver o impacto da natação de Maria Lenk nos Estados Unidos, cabe mencionar também o ano de 1988 (por isso não registrado pelo “Braçadas & Abraços”, livro de 1982), quando ela se tornou a primeira nadadora brasileira a fazer parte do famoso Hall of Fame, templo dos grandes nomes da natação mundial em Fort Lauderdale, na Flórida (ver “Maria Lenk” na Wikipedia on-line).

De resto, a fase pós Berlim até 1942 tem seu relato histórico incidindo principalmente sobre a atuação inicial de Maria Lenk na ENEFD, quando ela assume a cadeira de natação feminina como também as disciplinas de “História do Desporto” e “Organização de Educação Física e Desportos” (para este último item, ver revisão adiante do livro publicado com esta denominação). Os desdobramentos deste período, entretanto, merecem atenção resumida em “Braçadas & Abraços”, pois o tom do livro deixa de ser de grandes feitos e passa a ver os empreendimentos da professora Maria Lenk por uma moldura de “missão” (sic). Veja-se neste particular o que ela discorre finalmente sobre seu “tempo seguinte” (p. 138):

“Apesar de não ter concretizado seu maior sonho, o de vencer a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de 1940, pois a guerra riscou-os do calendário, sentiu-se compensada. Nos EUA, mais precisamente em Los Angeles, em 1932, havia sofrido as agruras da derrota. Agora, dez anos depois, reabilitou-se, conseguiu a revanche para si e para a natação brasileira. Podia, agora, afastar-se tranquila das competições. Havia cumprido sua missão.”

## **POR AMOR AOS DESPORTOS**

A segunda parte de “Braçadas & Abraços” leva como título a frase acima, na qual Maria Lenk reporta seu envolvimento



com o esporte em outra chave de compreensão desde que haveria algo mais do que recordes e glórias. Esta visão extra ela mesmo define textualmente como “uma semente a ser cuidada para que pudesse medrar e frutificar, com poder vital, no meio ambiente em que fora plantada” (p.149).

Com essa abertura, surge a última e separada parte do livro até aqui revisado como autobiográfico, com abordagem inicial na tríade que delimita a prática esportiva: “competição – massa – escola”. Esta era uma ordem interpretativa dominante no esporte do Brasil e de vários outros países nas décadas de 1970 e 1980, também seguido de modo explícito pela narradora, agora tratando seus textos por meio de análises e proposições, e não mais por remissões historiográficas. Estabelecidas as três bases das atividades esportivas no país, os posicionamentos de encerramento do livro deslocam-se para o clube, a então considerada célula mater do esporte brasileiro. Deste ponto focal em diante, Maria Lenk examina a estrutura do esporte nacional observado em sua totalidade. Seguem-se à visão abrangente teorias desenvolvidas “em outras partes do mundo” (sic), o que permite à narradora alcançar uma pergunta conclusiva: “O que fazer no Brasil?” (p. 141-180).

Em termos de estilo, Maria Lenk, na segunda parte de seu livro, faz efetivamente um estudo de revisão de literatura, uma opção comum a quem lidou com temas científicos e com dados de pesquisas. Isto é explicável porque ela sempre promoveu o Treinamento Esportivo pelo viés científico, uma das vertentes dos seus estudos de natação e dos esportes em geral desde os anos inaugurais da ENEFD. Assim entendido, os demais livros de Maria Lenk são em princípio aqui interpretados pelo seu cientificismo característico.

Outra distinção entre o estilo da primeira parte e o da segunda reside no uso de referências da literatura delimitada pelos conhecimentos adotados pelas abordagens ana-



líticas de Maria Lenk nos textos de encerramento do livro. Note-se, no caso, que as fontes da primeira parte são testemunhais da própria autora ao passo que as fontes da segunda parte concernem a cientistas e pensadores de destaque em suas áreas de conhecimento.

Portanto, Pierre de Coubertin, o restaurador dos Jogos Olímpicos na Era Moderna, surge inicialmente criando um nexos de entendimento no item “esporte competição”, seguido por Roux, Schultz-Arndt, João Lira Filho, Karl Adam, Weiss, Lorenz, Berry e Hans Lenk. Desses autores, há quatro alemães, dois franceses, um norte-americano e um brasileiro, refletindo o sentido internacionalista sempre assumido por Maria Lenk em suas proposições acadêmicas. Em resumo, a narradora conclui, por meio de suas referências, que a competição esportiva traduz um estado de representação da guerra, mas por outro lado representa um ato democrático por dar acesso a qualquer pessoa. Esta ambivalência, ao fim e ao cabo, pode ser dirimida por proposições éticas que dão origem e viabilizam motivações especiais (ver citação a Hans Lenk, p. 155, e o testemunho deste filósofo do esporte na introdução da presente obra).

A mesma variedade de fontes não se apresenta na análise do “esporte de massa”, pois Maria Lenk se volta para sua própria experiência no lidar com práticas esportivas como atividades da natureza humana (correr, saltar, lançar, lutar, brincar, etc.). Com base neste nexos, ela se aproxima do esporte recreação, de lazer e de atividades informais, alcançando finalmente a “massa”, expressão corrente nos anos de 1970 e, posteriormente, substituída por “Esporte para Todos” na década seguinte. Ao final de seu argumento, a analista admite que o “esporte de massa” refletia o sentimento democrático já identificado no “esporte competição”, dando-lhe então legitimidade social e cultural.



Já o mencionado “esporte escolar” ganha mais atenções de Maria Lenk ao discorrer longamente sobre a experiência da Alemanha, uma das mais antigas e bem sucedidas no trato do esporte como meio educacional. Nesta análise ela cita apenas Rössler (1956), quando usa os dados desta fonte para estabelecer um quadro referencial de práticas de esporte e de competições nas escolas como meio de geração de futuros atletas de alta competição. Nesta linha de desenvolvimento, a narrativa analítica torna-se conclusiva ao propor finalmente que “o desporto escolar é dirigido para o desporto de massa ou de lazer” (p. 158), pois ao concentrar seus propósitos em competições para identificação de talentos perderia seu significado educacional de suas origens (p. 158 - 159).

O texto chega finalmente ao clube - também nomeado como “associação esportiva” - o qual, na opinião de Maria Lenk, refere-se a um dos traços da formação comunitária de certas nações, como ocorreu na Inglaterra do século XIX ou nos Estados Unidos na sua fase colonial. A Alemanha também é outro exemplo explicitado, o que abre espaço para a menção de várias pesquisas sobre clubes esportivos realizadas naquele país. Por essas vias de citações torna-se claro que a pretensão é a de se entender o clube pelo lado da combinação de vários fatores que dão origem a bons resultados esportivos, mas se mantendo como fundamento em seu sentido cultural (p. 161 - 163).

O entendimento do clube como locus de boa governança do esporte abre o caminho para se apreciar a situação brasileira diante do tal dispositivo de agregação comunitária. Em princípio, no entendimento da narradora, o clube esportivo no Brasil é também um fato histórico relevante como se verifica pelo livro “A História do Sport Náutico do Brasil” (sic), de Alberto de Mendonça, publicado em 1909 (p. 163). Por esta fonte é possível relacionar os acontecimentos esportivos do Brasil do século XIX e início do XX às



atividades de clubes. Estes, em contas finais, tornaram-se marcos do desenvolvimento esportivo nacional, embora as citações sejam mais voltadas para clubes de elite de vela, remo e natação, distinguindo-os, portanto, das tradições populares dos exemplos internacionais anteriores, como nos casos mencionados da cidade do Rio de Janeiro, isto é, o “Guanabareense” (mais tarde “Botafogo”), o “Flamengo”, o “Fluminense”, o “Ginástico Português”, etc. (p. 163).

Mas o domínio clubista do esporte brasileiro apresenta-se mais claramente quando Maria Lenk traz à sua interpretação analítica citações do livro “Diagnóstico da Educação Física e Desportos no Brasil”. Esta obra foi publicada em 1971 e correspondeu a uma ampla pesquisa realizada em todo o território nacional a partir de 1969 por Lamartine DaCosta, autor do presente capítulo e receptor de uma dedicatória – não por mero incidente – aposta no “Braçadas & Abraços” em 2006.

De fato, o Diagnóstico de 1971 inaugurou no Brasil a compreensão do esporte por meio de coleta variada e em grande escala de dados. Eis então o meio que levou Maria Lenk a dar mais consistência à sua interpretação do clube como célula mater da prática esportiva no país. Este direcionamento, em resumo, consistiu em citações quantitativas pela narradora, incluindo a estimativa do número de associações esportivas no Brasil que alcançava 30 mil entidades relativamente ao final da década de 1960. Em resumo, a apreciação da distribuição geográfica dos clubes esportivos brasileiros confirmou a interpretação que se tratava então de um fenômeno comunitário de todo o país e não somente um viés elitista dos seus centros urbanos principais.

Diante dessas constatações, Maria Lenk permite-se a realçar como fato a tese da célula mater, desde que haveria convergências entre a tríade “competição-massa-escola”



e a existência de clubes em escala suficiente para atuarem como núcleos receptores de praticantes. De resto, a narradora comenta sobre vários atos governamentais que, desde 1941, colocam as associações esportivas em posição central de suas propostas de desenvolvimento do esporte nacional. O problema da efetividade dessas medidas, finalmente, estaria em fazer do clube brasileiro uma organização eficiente por “elevação do nível técnico-desportivo”, com simultâneo aperfeiçoamento do esporte de competição e do esporte escolar (p. 168).

## **AFINAL: O QUE FAZER NO BRASIL?**

Considerando que o problema maior do esporte brasileiro residiria em melhorias do nível técnico-esportivo do esporte de competição como do escolar a partir de clubes mais eficientes, Maria Lenk abre caminhos no seu último texto da segunda parte do “Braçadas & Abraços”, primeiramente, mobilizando contribuições de cientistas e pedagogos e depois citando exemplos de sua experiência no tema em foco.

Em síntese, a questão conclusiva do livro de 1982 permite subentender a sua parte final como uma moldura de produção de conhecimentos, sendo este último apelo algo também valorizado por Maria Lenk. Isto se torna perceptível ao se reexaminar a própria estrutura de “Braçadas & Abraços” que consiste nitidamente numa biografia associada a conhecimentos práticos e teóricos sobre a natação e o esporte em geral, enfim atribuindo-lhes sentido e legitimidade no horizonte de compreensão da Autora.



**ORGANIZAÇÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS, MARIA LENK,  
IMPRENSA NACIONAL, RIO DE JANEIRO, 1942, 1ª. EDIÇÃO, 302 PÁGINAS**



**Fig. 5** Capa do livro de Maria Lenk de 1942 na segunda edição de 1943; na foto, Vanessa Francalacci, em 2014, entrevista Lamartine DaCosta no YouTube sobre este livro e seu significado na obra de Maria Lenk, como se pode compartilhar em <https://www.youtube.com/watch?v=LMct0hddjWk&t=3s>



O terceiro livro publicado tendo Maria Lenk como autora foi escolhido para dar sequência à obra “Braçadas & Abraços”, devido aos seus impactos de recepção junto aos meios técnicos e profissionais do esporte e da Educação Física. Em suma, esse livro publicado em 1942 alcançou três edições nos anos seguintes, resultado não atingido por qualquer outra obra da mesma autora.

Por outro lado, pela fonte Youtube (Fig. 5) chega-nos a informação de que o livro “Organização de Educação Física e Desportos ” teve influência na classe profissional de Educação Física até 1971 (ano do aparecimento do “Diagnóstico da Educação Física e Desportos no Brasil”, aqui já posto em destaque) por constituir a única obra impressa em livro no tema de administração - hoje se diria “gestão” - do esporte no país. E por ser uma opção dominante, o livro serviu de base para diversas outras publicações menores - como folhetos e apostilas - que circularam no Brasil com transcrições ou adaptações da obra original.

Para efeito do presente capítulo, porém, há que se considerar o sentido e os conteúdos de “Organização de Educação Física e Desportos” no contexto da vida e obra de Maria Lenk. Portanto, para o cumprimento deste propósito optou-se pela utilização de um estudo de 2009 que foi elaborado em circunstâncias similares às do presente capítulo, isto é, de levantamento de memória e de revisão de fontes no tema. Com essas caracterizações, o estudo em lide foi produzido na Universidade Gama Filho do Rio de Janeiro (desativada em 2014), uma das entidades educacionais que teve a participação de Maria Lenk na década de 1930, e elaborado por um grupo de doutorandos e mestrandos coordenados pelo autor da presente apreciação (2), isto é Paulo Rodrigo P. da Silva, Edgar M. de Oliveira, Eduardo R. da Silva e Lamartine DaCosta.



Efetivamente, esse grupo de revisores procurou resgatar significados e ordem de ideias que orientavam o pensamento da nascente Gestão do Esporte na sua versão nacional. Assim disposto, aqui e agora procurar-se-á organizar os conteúdos da obra de 1942 em segmentos estabelecidos pelo estudo de 2009, de modo a permitir uma revisão compreensiva e daí extrair sínteses explicativas, e tentativamente, conclusivas. Note-se que na presente apreciação analítica, mais atualizada, mantêm-se as grafias “desporto” e “desportivo” usadas na versão original, como, igualmente, abre-se espaço sempre que possível a “esporte” e “esportivo”, termos mais usados no Brasil nos dias de hoje.

## **ORGANIZAÇÃO E LEGISLAÇÃO ESPORTIVA**

O título acima é encontrado na primeira seção do livro de 1942, na qual se resume a estrutura básica que orientava a Gestão do Esporte no modo que era reconhecida no início da década de 1940 no Brasil, segundo o olhar interpretativo de Maria Lenk. Para ela, a organização e a legislação serviam para traçar planos, estudar possibilidades, formar programas e determinar ações dos especialistas, individualmente ou em grupo, em Educação Física e esporte.

Todavia, segundo a Autora, “organização” em resumo e simplificada, é um processo de realizar de forma simples e rápida tudo o que sem instrumental seria difícil de alcançar. Na prática, a organização é remetida às gerações vindouras, daí subentender-se que a educação da juventude na década de 1940 necessitava de atenção e compromisso dos governantes (p. 43-48). Nestes termos, o apoio governamental ao esporte iniciado em 1932 – vivido com intensa participação ao longo da década por Maria Lenk, em São Paulo, seu Estado natal – influenciou por



suposto os meios e fins que permitiram reexames de procedimentos e técnicas gerenciais pela narradora quando da elaboração de seu livro.

As intervenções do final dos anos de 1930 e início da década de 1940 são lembradas no livro de 1942, essencialmente, por uma legislação ordenadora das ações e reguladora dos meios. Assim, a Nova Constituição do Brasil emitida em 10/11/37, criou estímulos para a prática da Educação Física no ensino em consonância com os seguintes atos legais do mesmo governo: Decreto-Lei 378, 13/01/37, pelo qual o Ministério da Educação e Saúde incluiu em sua organização uma divisão especializada em Educação Física; Decreto-Lei 1.212, 17/04/39, que criou a Escola Nacional de Educação Física e Desportos na Universidade do Brasil, para a formação dos futuros professores da “Educação Física e Desportos” (título oficializado do setor); Decreto-Lei 3.199, 14/04/41, que instituiu o Conselho Nacional de Desportos, ligado ao M.E.S (Ministério da Educação e Saúde), para dar orientações normativas e gerais em escala nacional ao setor de práticas esportivas, entendido como autônomo em relação à Educação Física.

Nessa linha de pensamento, a Autora enfatiza o nexo então corrente de que as áreas mais adiantadas do país apresentavam ambientes mais propícios ao desenvolvimento esportivo (p. 14-15). Ao fim e ao cabo, pode-se resumir o pensamento de Maria Lenk quanto à organização em geral do esporte como um ordenamento dos fins das ações empreendidas por meio de legislação e dos meios por via de recursos governamentais distribuídos por todas as áreas geográficas do país de acordo com suas carências. E mais: no modelo concebido pela Autora são também priorizadas propostas políticas complementando os empenhos comunitários não governamentais – clubes esportivos, por exemplo – como empresas e instituições privadas apoiadoras, de modo a manter a livre iniciativa no esporte. Em



outras palavras, as teorias de Gestão do Esporte assumidas por Maria Lenk refletem por interpretações de sua época e experiências de seu tempo de atleta e de professora de Educação Física, atividades que tinham então por natureza um sentido empreendedor.

A confiança de Maria Lenk na gestão apoia-se em última instância no fato do Estado Novo - denominação do Governo Federal Brasileiro assumida na fase ditatorial da Presidência de Getúlio Vargas - ter feito intervenções em todos os setores sociais da nação, iniciando em 1930 e ainda tendo continuidade no ano da publicação do livro (o Estado Novo encerrou-se em 1945). Esta postura de compromisso do poder estatal com as bases do esporte e da Educação Física do país torna-se clara no texto de Maria Lenk, pela ligação que ela faz dessas atividades com a cidadania e com a própria Constituição do país (p. 16 e seguintes).

## **ADMINISTRAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DESPORTIVA**

Nesta seção do livro em foco, surgem preocupações de Maria Lenk relacionadas à disciplina “Administração do Desporto” (Gestão do Esporte), que transcorrem mais claramente delimitadas por procedimentos e respectivas justificativas segundo as visões da autora, à vista do cenário esportivo de início da década de 1940 no Brasil.

Tendo em mente uma visão de procedimentos, a narradora em seu texto inicia conceituando os fundamentos do esporte, a história do Jogos Olímpicos da Antiguidade, as descobertas esportivo-arqueológicas em Olímpia (Grécia) e o trabalho de Pierre de Coubertin quanto ao renascimento dos Jogos Olímpicos desde 1896. Encontra-se também transcrita a Carta Olímpica (emitida pelo Comitê Olímpico



co Internacional - COI), como também o já citado Decreto-Lei 3.199 de 1941, apresentado aos leitores como a primeira ordenação legal do esporte nacional. Em adição a estas referências mestras, exhibe-se para uso no Brasil um estatuto padrão para a fundação de clube esportivo e de organização de competições esportivas; exemplificam-se em continuidade regras, divisão de categorias, sorteios de chaves e outras peculiaridades, nomeadas como “regras gerais”. É oportuno citar, neste caso, que tais abordagens operacionais em detalhes da organização de jogos e competições nortearam nas três décadas seguintes a disciplina de “Organização Esportiva”, que era então ofertada em cursos superiores de Educação Física do país.

A exposição de padrões inclui adicionalmente a já mencionada “Carta dos Jogos Olímpicos” - expressão efetivamente usada no livro, certamente, cogitando-se da “Carta Olímpica”, emitida pelo Comitê Olímpico Internacional-COI, transcrevendo-se diversos trechos de seu texto na íntegra, como os Regulamentos e Protocolos da Celebração das Olimpíadas Modernas e Jogos Olímpicos Quadrienais; Convites e formulário; Cerimônia de Abertura e Encerramento; e Regras Gerais Aplicáveis à Celebração dos Jogos Olímpicos.

Explicações sobre essas orientações normativas prosseguem incluindo as funções previstas para o Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos, que toma medidas necessárias para a celebração do evento, de acordo com os regulamentos gerais adotados em distintos Congressos Olímpicos e com os protocolos do COI (p. 76). Uma explicação para a ênfase dada pela Autora aos rituais e às normas prende-se ao imperativo de se impor efetivamente ordem e disciplina na gestão e, para isso, ela se valeu de exemplos internacionais. Esta opção fundamenta-se no fato de que o esporte brasileiro nos anos de 1930 passou por uma fase de grandes disputas entre clubes e federações, resultando



em retrocessos nas representações nacionais, nos resultados de competições e até mesmo no desenvolvimento do setor. Entretanto, o relato não menciona, no livro em pauta, aquele conflito – ao contrário das descrições do livro de 1982, como antes aqui antecipado neste capítulo – embora se possa hoje sugerir que a narradora optou por um modelo de administração mais normativo que operacional, como decorrência dos confrontos de entidades maiores do esporte brasileiro que culminaram durante os Jogos Olímpicos de 1936. Por suposto, as abordagens escolhidas pela narradora refletiam sua própria vivência num ambiente esportivo cuja gestão mostrava-se tipicamente conflituosa.

Ainda com atenção aos marcos regulatórios da Carta Olímpica, são citadas as Federações Internacionais como as entidades máximas para a difusão dos esportes e seus papéis de representação em todo o mundo. Referindo-se às “confederações” (sic) sul-americanas, a autora cita que além das entidades máximas dos esportes no mundo formaram-se ainda entidades internacionais continentais, que, apesar de não estarem vinculadas àquelas, aplicam e se sujeitam às regras por elas estabelecidas (p. 90). Embora essas informações tenham assumido formatos de textos didáticos, a expressão “confederação” ora realçada está equivocada, pois se tratava em razão do Decreto-Lei 3.199 de uma particularidade brasileira, com significado de um conjunto de federações estaduais, sem validade em outros países, estes apenas optantes exclusivamente de “federações”.

Mas, no contexto de internacionalização, o esporte brasileiro, na compreensão de Maria Lenk, embora ainda passando por uma renovação, já tinha aprendido por experiências a respeitar os processos de construção normativa, explicando-se então porque no Brasil as atividades internacionais encontraram forte acolhida positiva. Diz ela, nestas condições, que nós, os brasileiros, já participávamos com interesse na



evolução que o esporte mundial atravessara na fase ativa da década dos Jogos Olímpicos de Los Angeles (1932) e de Berlim (1936). No Brasil, segundo a autora, nas associações (clubes, federações e confederações), praticava-se o esporte e a Educação Física nos anos de 1930 como reflexo dos ideais olímpicos divulgados por notícias provenientes do exterior. No intuito de uma competição interna sadia, estas entidades associativas, por sua vez, tinham se reunido em federações estaduais e confederações nacionais, formando a base para intercâmbios internacionais. Conseguíramos, enfim, disse ela, filiação às entidades internacionais do nosso continente e do mundo e participávamos com torneios em outros países. Este dispositivo por atos de cooperação é explicado em tonalidades didáticas por Maria Lenk apenas pelos seus resultados e não pelo banimento das lutas intestinas então marcantes no esporte do país.

Faz-se em seguida uma retrospectiva histórica, pondo em evidência a cadeia de relações de entidades brasileiras com o COI e as Federações Internacionais, que teve início com Raul do Rio Branco, eleito membro do COI em 1914. Mais tarde, outros delegados olímpicos de nacionalidade brasileira foram referendados, formando o Comitê Nacional Olímpico em 1914 e, posteriormente, o Comitê Olímpico Brasileiro-COB em 1936, na conformidade da Carta Olímpica. Nesta perspectiva de memória organizacional, Maria Lenk esboça um ligeiro olhar renovador abordando apenas de passagem a tradição de fragmentação por lutas entre pares do esporte nacional, ao declarar:

“[...] nem sempre o ambiente era favorável e pontos de vista diferentes levaram a lutas por vezes prejudiciais ao próprio esporte. Se bem que estas dificuldades fossem resolvidas, restava ainda a necessidade de auxílio material e mesmo organizador que orientasse uniformemente todos os setores desportivos do país” (p. 91).



Em meio a tal ordenamento dos fatos, retoma-se o Decreto-Lei 3.199, de 14 de abril de 1941, desde que este veio interferir “beneficamente” no desenvolvimento do esporte, em face à existência de um Conselho Nacional dos Desportos – CND. Sendo um coletivo cujos membros, de escolha direta do Presidente da República, serviam de elementos de ligação do esporte com o governo e entidades autônomas, surgiram intermediações positivas sob a supervisão do Ministério da Educação e Saúde. Portanto, neste caso, a estatização mostrara-se construtiva e eficiente – a julgar pela narrativa – na proposição do modelo organizacional teórico do esporte brasileiro.

Os cinco conselheiros do CND nomeados na época, foram Luiz Aranha, João Lira Filho, Almirante A. Vasconcellos, General Newton Cavalcanti e José Eduardo Macedo Soares, personalidades nacionais de vulto e não necessariamente ligados ao setor esportivo. A este conselho ficaram subordinadas as entidades maiores do esporte brasileiro, o que viabilizou ou consolidou as filiações internacionais e a disciplina entre partes. Como tal, reinterpretando-se o texto de Maria Lenk, o avanço pode ser creditado tanto ao prestígio dos conselheiros citados como ao Decreto-Lei 3.199, que tinha estabelecido “as bases da organização dos desportos de todo o país”.

Defendida a validade da intervenção estatal no esporte em face à realidade dos anos de 1930 e 1940, Maria Lenk conduz os saberes da temática da administração e organização esportiva para a descrição detalhada do Decreto-Lei 3.199, em termos didáticos de direitos e deveres, criando um estilo de vade mecum (dados de referência para consultas), o que explicaria também a longa sobrevivência do livro de 1942.

É significativo também pôr em evidência o fato hoje histórico por suas repercussões no esporte brasileiro des-



de sempre, que o Decreto-Lei 3199 acompanhou as tendências gerais da ditadura Vargas, que se impôs por uma descentralização geográfica do processo decisório dando ênfase à gestão local, porém mantendo rígido controle central dos procedimentos administrativos. Daí os atos de administração e organização nos moldes sugeridos por Maria Lenk terem como princípio-diretor a remoção das dificuldades que pudessem impedir a perfeita realização dos eventos de competição – sobretudo “Jogos”, por serem agregadores de múltiplas modalidades esportivas – e de intercâmbio (competições comunitárias ou amistosas). Nesta interpretação, mais uma vez, sobrepõem-se os fatos às experiências de vida da atleta narradora.

A operacionalização de competições, portanto, no modelo construído por Maria Lenk, privilegia os trabalhos de organização que podem ser executados por uma comissão de interessados investidos de responsabilidades. É vantajoso também que participem dessa comissão as mais altas autoridades locais para que possam colaborar com seu prestígio social, além da mobilização de meios para o auxílio material e de técnicos conhecedores do assunto, que pudessem providenciar procedimentos justos e necessários. Neste particular do modelo, as recomendações mostram-se mais operacionais de busca de maior eficácia e não de melhor processo decisório, como hoje seria igualmente recomendável.

Em resumo, o livro “Organização de Educação Física e Desportos” constituiu, pelo constructo de Maria Lenk, numa obra essencialmente voltada para a normatização das práticas esportivas bem como relacionadas às condições brasileiras, pondo em segundo plano as técnicas da boa gestão. Estas constam naturalmente do livro, mas sob forma de modelos e padrões simplificados e não de teorias como já se adotava em livros da mesma temática em países europeus ou nos Estados Unidos à época. Note-se, por necessário, que



obras didáticas sobre Gestão do Esporte a partir de teorias (funcionamento das organizações, comportamento gerencial, processo decisório, etc.) e não de normas jurídicas, somente apareceram no Brasil a partir de 1979, como se verifica no texto “40 Anos da Pós-graduação da EEFE-USP aos Olhos de um Docente Pioneiro Compromissado com a Cientificidade e a Gestão da Educação Física e do Esporte”(DaCosta, 2017), referenciado em (3).

De qualquer modo, a publicação de “Organização de Educação Física e Desportos” preencheu uma lacuna, pois inexistiam obras similares no país num período de grandes mudanças na vida esportiva nacional, dando surgimento a mais um aperfeiçoamento promovido por Maria Lenk na área de conhecimento esportivo. Por outro lado, a simplificação dos procedimentos básicos de organização e gerência, conforme adotada na obra em foco, permitiu a variedade - 302 páginas de normas, padrões e práticas recomendadas - e a popularização de conhecimentos. Este fato também confirmaria conclusivamente a longa sobrevivência e a penetração do livro de 1942, em coincidência com o início da vida acadêmica de sua Autora.

## **INSTALAÇÕES E ORGANIZAÇÃO ESPORTIVA**

Esta última parte de “Organização de Educação Física e Desportos”, segundo constatação do citado estudo de Pedroso da Silva et al. (2009), revela-se como uma herança do Exército Brasileiro, cuja diretriz de popularização do esporte orientava-se por meio da construção de instalações esportivas desde os anos de 1920. Neste particular, organização do esporte para aquela Força Armada era sinônimo de gestão de instalações que pudessem acolher ordenadamente práticas esportivas e de exercícios físicos.



Esta tendência, à semelhança da descentralização das atividades esportivas com controle central imposto pelo Decreto-Lei 3.199, era mais uma peculiaridade brasileira incorporada por Maria Lenk em seu livro de maior impacto. E embora não fosse um procedimento seguido habitualmente em países de relevância esportiva, a Autora manteve-se na opção de criar uma obra que refletisse as tradições do país, como sugeriram os analistas de 2009 ao analisar a doutrina da gestão da instalação como base da Gestão do Esporte per se.

Mas a ênfase posta na instalação esportiva de acordo com as escolhas de Maria Lenk completa-se em sua obra de 1942, com uma preocupação em relação ao legado sócio ambiental nas construções para a prática de esportes. Isto porque a construção de praças e campos de esporte não se limitava mais a recintos para reuniões sociais ampliadas para dar suporte aos exercícios físicos. Também a juventude, que por tendências espontâneas no mesmo período, buscava conviver mais com a natureza, já delineava práticas esportivas ambientalistas, embora ainda sem o sentido de proteção do meio ambiente (p. 177). E mais uma vez, repetem-se aqui coincidências com a trajetória de vida da narradora, ela mesma produto da prática de natação no Rio Tietê em seu estágio de águas despolidas, como posteriormente relatado no livro “Braçadas & Abraços” de 1982.

Considerando-se, entretanto, o livro “Organização de Educação Física e Desportos”, por meio do foco posto, especialmente, nas instalações esportivas, Maria Lenk prefere fundamentar suas recomendações e orientações didáticas, inicialmente por revisões históricas. Isso acontece de forma detalhada na abordagem do ginásio pelo simbolismo representado pela versão da Antiga Grécia, berço do esporte no modo que hoje se apresenta (p. 178). A mesma reverência exhibe a narradora ao reviver o estádio herdado dos romanos, uma instalação que na sua utilização à épo-



ca tendia para o múltiplo uso de modalidades esportivas e serviços de apoio (p. 180). No limite, ambos os casos no livro em exame – com figuras e esquemas de suporte – se orientam para instalações que possam reunir ofertas variadas de atividades, mas abriguem também reuniões, demonstrações e entretenimento (p. 204 – 206).

Mantendo a visão ritualista do estádio, típica dos professores de Educação Física, Maria Lenk incorpora no livro em exame, a pista e demais equipamentos de atletismo, modalidade para ela de base na perspectiva de influências sobre os esportes em geral. Daí as descrições detalhadas de equipamentos necessários para competições e treinamento, como igualmente a transcrição de normas e procedimentos de gestão de pista e campo, temas que ocupam espaço relevante em “Organização de Educação Física e Desportos”, cogitando-se de todos os temas incluídos na obra.

A partir das abordagens icônicas e figurativas do ginásio, do estádio e da pista e campo do atletismo, Maria Lenk se estende a alternativas operacionais de apoio às práticas esportivas, sempre contrapondo as descrições das instalações aos modos recomendados de organização e gestão. Assim ocorre com relação aos espaços e equipamentos para aulas de Educação Física nas escolas por meio do Método Francês (metodologia recomendada pelo Ministério da Educação e Saúde – MES nas décadas de 1930 e 1940), desde que os equipamentos de atletismo e de ginástica, de esportes de ataque e defesa e de outras modalidades, poderiam ser úteis como apoio pedagógico às ações desenvolvidas pelos professores. E, para dar sentido prático a tais recomendações, a narradora disponibiliza um sistema de avaliação por pontos desenvolvido pela Divisão de Educação Física do Ministério de Educação e Saúde do MES a fim de orientar os docentes em seus arranjos de espaço e equipamentos de apoio às aulas (p.229-231).



Outro suporte às aulas incorporados pelo livro “Organização de Educação Física e Desportos” é referido aos parques infantis. Neste caso, o manejo de equipamentos nos espaços disponíveis incluem roda e balanço, balanços de corda, argolas, trapézios, gangorras, etc., dispostos de maneira a deixar sempre uma área de segurança em torno de cada um. As construções devem ser localizadas de maneira a apresentar a possibilidade de alcançar daí, com o olhar, todos os setores do parque, o que facilitará o controle e ação dos responsáveis. Sua execução atenderá naturalmente às exigências da higiene e do clima, referentes à distribuição de sol, iluminação e ventilação. A Autora recomenda finalmente que os parques infantis sejam locais monitorados com oferta de lições de civismo, educação moral, física e mesmo intelectual por métodos válidos de pedagogia (p.232-234).

Para os esportes de meio aquático, Maria Lenk aborda naturalmente, em primeiro lugar, a natação, para a qual a construção de piscinas é uma necessidade básica. Assim, ela esclarece que as piscinas devem acolher também, além do esporte natatório (2,5m de profundidade), os saltos (4,5m) e o polo aquático (0,90cm), definindo em seguida detalhes da instalação que permitam sua utilidade plena e atendam aos requisitos das regras de competição das três modalidades (p.240-248). Ainda nas atenções aos esportes de meios aquáticos, Maria Lenk aborda o remo, que para ela é motivo de respeito por constituir o esporte de maior tradição do país e o primeiro a ter uma organização formal e administração com normas de funcionamento. Em complementação, a narradora descreve detalhes que devem ser considerados na seleção de locais para as raias de competição e padrões de manutenção desses espaços em meio aquático, além naturalmente da proteção dos barcos para competição e treinamento (p.265).



## O LIVRO “ORGANIZAÇÃO” EM SÍNTESE FINAL

O segundo livro de Maria Lenk, levando-se em conta a ordem de penetração entre seus pares de profissão, constituiu, em resumo, um reflexo do estado situacional do esporte e da Educação Física no Brasil, quando da passagem da Autora da posição de atleta famosa para a de professora catedrática (nomenclatura em uso na época com suporte legal).

Portanto, a obra “Organização de Educação Física e Desportos” não representou o estado da arte da Gestão do Esporte como área de conhecimento, mas sobretudo um instrumento de desenvolvimento profissional por atender, por formas simplificadas, demandas de informação técnica. Acrescente-se, no caso, que o livro em análise fez-se atrativo por incorporar experiências práticas de vida da Autora como esportista, o que teria criado por suposto uma identificação com o público profissional.

De qualquer modo, houve indiscutíveis avanços na Gestão do Esporte em termos nacionais, desde que o livro em pauta ocupou um espaço de demandas até então somente atendido em parte por manuais militares. Em geral, há duas tendências encontradas no livro de Maria Lenk quanto à abordagem das instalações esportivas: uma é a legislação esportiva ou de aportes da Carta Olímpica, outra é presuposta herança do Exército Brasileiro, cujo pensamento de popularização do esporte vinha através da construção massiva de instalações esportivas desde as duas décadas anteriores ao livro de 1942.

Sem embargo, as proposições de Maria Lenk, segundo seu modelo, convergiram para o ensino complementar da Educação Física em caráter de não obrigatoriedade, como



também para a implantação do esporte também nos centros mais afastados (regiões) e em locais onde ainda não era praticado. Em relação aos núcleos esportivos (exemplo: clubes, associações), a Autora propôs a necessidade de orientação mais capacitada, ou seja, técnica e científica efetiva de organizações “mais perfeitas”, isto é, ordenadas e criteriosas.

Estas últimas recomendações tipificam a obra pioneira de Maria Lenk em termos de gestão do esporte, como hoje é entendida. Trata-se, enfim, de um conjunto de procedimentos-modelo advindos do desenvolvimento técnico da Educação Física – o caso das instalações – ou de ideário vindo de experiências vivenciadas, como a que observada pelo caráter desintegrador das federações e outras entidades de cúpula do esporte nacional durante os anos de 1930.

Em outras palavras, a racionalização desejável do gerenciamento do esporte à época de Maria Lenk colocou em atenção secundária procedimentos operacionais assumindo opções estruturais mais afetas à ordem e à disciplina. Nestes termos, o livro pioneiro “Organização de Educação Física e Desportos”, de 1942, reflete estado de ânimo e vivências da época em que foi escrito, embora esta referência não lhe retire o valor de obra seminal para com o desenvolvimento posterior da gestão do esporte no Brasil.

**NATAÇÃO. MARIA LENK,  
EDIÇÕES MELHORAMENTOS,  
SÃO PAULO, 1942, 254 PÁGINAS.**

Lançado em 1942, “Natação” foi o primeiro livro publicado por Maria Lenk, antecedendo no mesmo ano à publi-

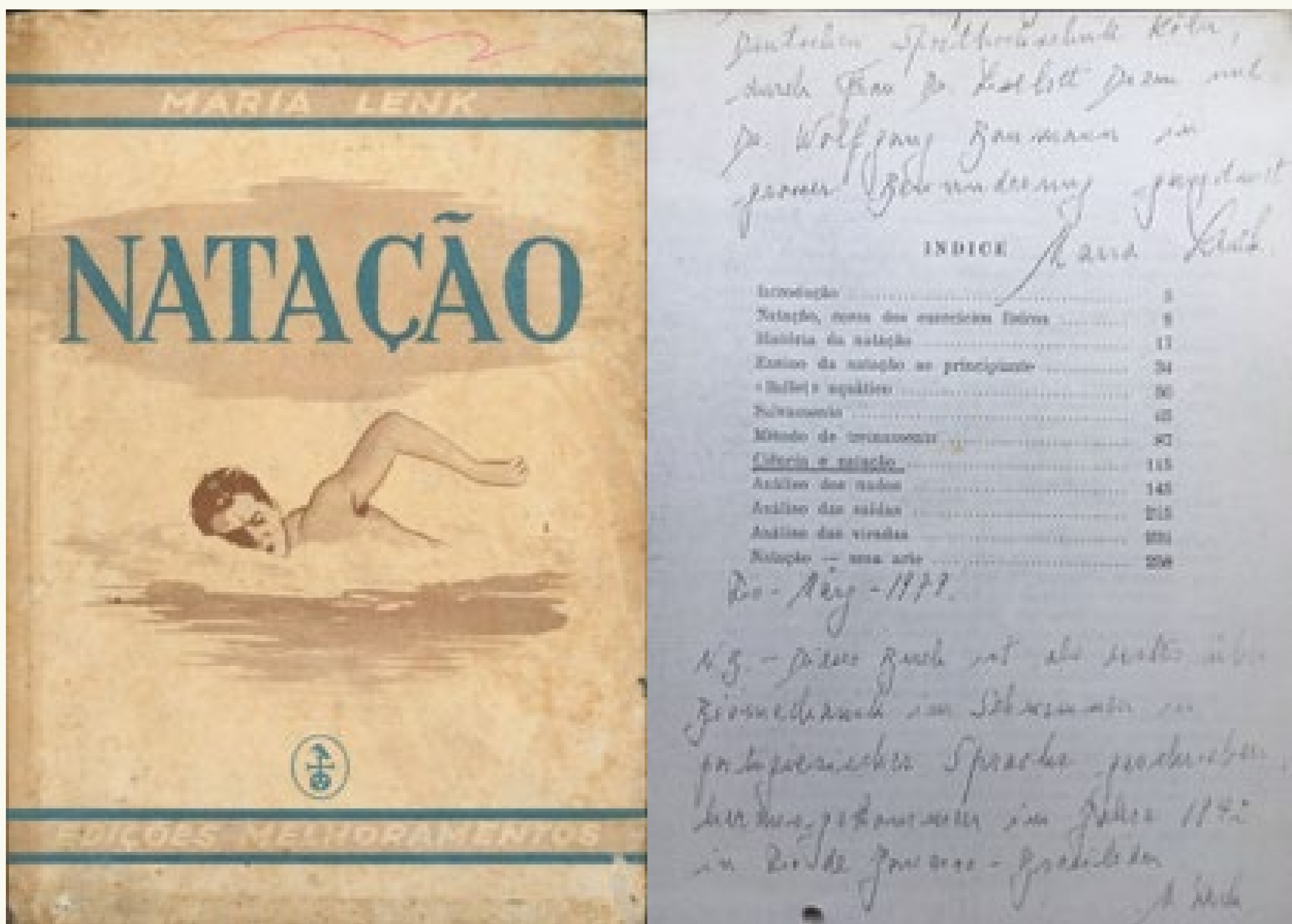


cação de “Organização de Educação Física e Desportos”, seu livro de maior sobrevida e impacto. Mas, “Natação”, no Brasil, teve um significado especial como obra inaugural, com um diferencial visível logo na primeira página, pois após o título da obra surge o nome da autora seguido de uma qualificação até então pouco conhecida: “Prof. Catedrática de Desportos Aquáticos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da UNIVERSIDADE DO BRASIL”. E mais abaixo, segue-se um subtítulo com a titulação ainda de maior reconhecimento: “Campeã e recordista brasileira e sul-americana e recordista mundial de Natação”.

Como montagem editorial, os títulos de autoria revelam além dos significados de identidade, que a nadadora, então já assumidamente uma atleta de renome no Brasil e no exterior, estava se apresentando ao seu novo público leitor por ter iniciado uma nova carreira. Isto se torna mais explícito no capítulo inicial do livro (“Introdução”, p. 5) quando ela declara: “Este livro é um resultado e uma despedida: resultado de um longo itinerário a serviço da natação, e despedida das atividades em louvor dela empenhadas”.

Logo em seguida, a Autora traz aos leitores uma síntese de sua história de vida dedicada ao esporte, assinalando seus “doze anos de natação” e os remetendo às competições “de todo gênero, desde os mais simples concursos municipais e regionais até aos maiores encontros internacionais”. Adiante a dedicatória personalizada é então explicada por conhecimentos a serem adquiridos, os quais segundo ela, deveriam ser transmitidos “aos meus colegas de desporto ao fechar meu pequenino mundo de natação”.





**Fig. 6** Capa livro lançado em 1942 por Maria Lenk, no qual apresenta a primeira pesquisa sobre Biomecânica publicada em português. À direita, dedicatória em alemão posta no livro em foco por Maria Lenk em 1979, e hoje sob guarda do Bundesinstitut für Sportwissenschaft (BISp) na Alemanha. Nesta reprodução, Maria Lenk assinala seu pioneirismo na promoção das Ciências do Esporte.

O retrospecto, portanto, prossegue com dados biográficos de mais relevo da narradora - como igualmente aqui assinalado tanto em “Braçadas & Abraços” como em “Organização de Educação Física e Desportos” - que passaram a ser um perfil de identificação de Maria Lenk, encontrado em todos os seus livros publicados, embora com extensões e formatos distintos. Por fatos pontuais, a Autora relembra nesse primeiro capítulo sua origem de atleta no início da década de 1930, competindo no Rio Tietê, na periferia da cidade de São Paulo, e depois em várias cidades do interior do seu Estado; sua participação nos Jogos Olímpicos de 1932 e 1936 e em campeonatos sul-americanos; seus recordes mundiais e o insigne reconhecimento internacional de seus feitos, já entrando nos anos de 1940.



Em continuação, Maria Lenk põe em registro também seu papel pioneiro de mulher no país e no continente sul-americano ao participar em competições internacionais de natação bem como sua diplomação em Educação Física na primeira turma do curso superior pioneiro no Brasil (hoje sediado na Universidade do Estado de São Paulo), em meados da década de 1930. E, ao destacar esta última realização, ela relembra seu estágio acadêmico na Alemanha, que lhe deu maior lastro em saberes científicos, emoldurando depois sua nova carreira como professora universitária no Rio de Janeiro.

A partir dos ganhos de conhecimento, sugeridos como relevantes pela primeira nadadora heroína esportiva do país, a Autora passa a se expressar sobre a exigência moral de compartilhar os novos saberes e experiências. Para essa nova missão, ela elege como alvo seus colegas de profissão e os técnicos de natação em atividade no país. Mas também por outro lado, ela convoca a “mocidade” (sic) do Brasil para se dedicar à natação em prol das “conquistas gloriosas para a nossa Pátria em competições desportivas até o alcance do aproveitamento educativo na formação de nosso físico e nossa mente” (p. 8).

## **MARIA LENK**

### **HISTORIADORA E PEDAGOGA**

A exposição de conhecimentos no livro “Natação”, após se desdobrarem as perspectivas de utilização pelos seus leitores, delineia-se no capítulo seguinte, cujo título já sugere o engajamento pessoal da Autora pelo tema: “Natação, Coroa dos Exercícios Físicos” (p. 9 - 16).

Neste texto, Maria Lenk tece considerações sobre o valor dos exercícios em meio aquático, definindo a natação como



esporte e outras serventias – basicamente educação, saúde e atitudes morais - assim como demonstrando didaticamente seus efeitos fisiológicos no corpo humano. Já o realce do desenvolvimento moral por via da natação é relacionado às atitudes atléticas como produto das competições. Esta súpula efetivamente apresenta preliminares para dar consistência ao capítulo seguinte, que leva o título “História da Natação”, um relato que progride da página 17 à página 33, fazendo-o um dos mais extensos do livro.

A atenção maior dada por Maria Lenk à história do esporte, em que ela protagoniza e promove, justifica-se pela própria estrutura do capítulo, primeiramente ao descrever as etapas de desenvolvimento e utilização das formas de nadar desde a Pré-história. Segue-se o surgimento dos clubes que cultivavam a natação como esporte no século XIX (Inglaterra, Itália, Estados Unidos, etc.). E esta longa remissão, que passa pela Grécia Antiga, Roma e o Renascimento, alongando-se à modernidade do século XX, é antevista pela narradora como uma manifestação de cultura, com descrições de costumes e até relações com a arte de cada período e civilização (p. 17-24).

Os vieses históricos da natação chegam finalmente aos Jogos Olímpicos na passagem do século XIX para o XX, a partir dos quais as tecnicidades se impõem aos significados culturais no formato narrativo do livro. O texto então passa a iluminar com detalhes evolutivos os nados por suas características de rendimento atlético, incluindo o nado butterfly, tema preferido de Maria Lenk (ver “Braçadas & Abraços”, neste capítulo), que no livro é exposto por suas experiências e concepções pessoais (p. 28). Neste segmento de revisão histórica, a Autora cita nomes e fatos que marcaram o desenvolvimento dos nados bem como descreve os métodos de treinamento, outra sua preferência que se revela ao longo da revisão elaborada.



A progressão do capítulo tendo os Jogos Olímpicos como fio condutor – desde a primeira edição em 1896 – atinge apropriadamente as etapas relevantes de 1932 e 1936, período vivido intensamente pela narradora, o que permite entender a “História da Natação Brasileira” como fonte de dados factuais no contexto do esporte nacional em seu todo (p. 29 – 33). E, mais uma vez, surgem nomes de atletas, treinadores e dirigentes, além naturalmente de entidades (clubes, federações, etc.), dando origem, pela legitimidade da Autora como fonte, a uma historiografia de raros conteúdos para a natação brasileira.

Evidentemente, como parte desse levantamento histórico teve a participação da própria Maria Lenk como protagonista, há pertinência quando ela mesma avalia o progresso dos primeiros anos de 1940, “como uma curva vertiginosamente ascendente, no referente ao interesse entre o público e as performances assinaladas pelos nadadores” (p. 33). Ademais, o misto de narrativas do passado com dados autobiográficos acaba se completando com nexos didáticos, criando assim um sentido prático no livro, desde que o estilo do texto passa de relato para a exposição de procedimentos. Este último desenvolvimento é o conteúdo do capítulo “Ensino da natação ao principiante” (p. 34 – 49), que consiste num repositório de aprendizagem da natação.

Algo semelhante ganha transparência no capítulo “Ballet Aquático”, outra atividade natatória que se apresenta sob forma didática além de teorias pedagógicas de base (p. 50 – 64). Mas neste último caso, a narradora apoia-se em fontes norte-americanas (p. 52), possivelmente por não ter tido experiência prévia no tema. Ela, entretanto, deve ter incluído o ballet aquático no seu livro inaugural como uma inovação, dado a que para o presente estudo não foi encontrada qualquer menção a esta prática em obras anteriores de outros autores/as em língua portuguesa.



Com mais precisão foi efetuada a verificação dos antecedentes do ballet aquático no país como também das técnicas de aprendizagem de natação, consultando-se o Atlas do Esporte no Brasil (Miragaya, 2005). Nesta busca constatou-se que houve seis livros relacionados à natação entre 1909 e 1938 publicados no Brasil, sem menção ao ballet aquático, mas profícuos quanto à aprendizagem e ao treinamento natatório (4). Em semelhança com o ballet aquático, a expressão “Hidrogenástica” foi introduzida por Maria Lenk no jargão dos treinadores de natação, segundo informação oral de Leandro Nogueira, pesquisador da história da natação brasileira (comunicação oral de 2017).

Com este levantamento torna-se evidente que o livro de Maria Lenk publicado em 1942 constituiu uma obra de atualização das técnicas e da arte da natação, segundo o contexto esportivo brasileiro, incluindo a novidade do ballet aquático (Fig. 7). Neste contexto, se inseriu de modo pioneiro, a realização de estudos e pesquisas, abordagens todavia raras no mundo do esporte brasileiro à época, mesmo no ambiente universitário.



**Fig. 7 Foto histórica do início do Ballet Aquático no Brasil com Maria Lenk à esquerda orientando as nadadoras. Período provável: início dos anos de 1940. A imagem foi recuperada em 2017 do Acervo Maria Lenk, antes de ser depositado no Arquivo Nacional, sede do Rio de Janeiro.**



## BALÉ AQUÁTICO COMO INOVAÇÃO

O capítulo seguinte, por seu turno (“Salvamento”, p. 63 – 84), concerne também ao sentido de atualização, pois o tema em lide apenas possui raras e esparsas menções nos seis livros anteriores ao produzido em 1942. Isto indicaria, por suposto, que Maria Lenk planejou seu livro inicial como uma espécie de vade mecum da natação, uma opção já antes aqui detectada nas análises da elaboração do volume “Organização de Educação Física e Desportos”. Por conseguinte, as técnicas de salvamento em “Natação” são apresentadas sob forma de inventário, repetindo uma modulação didática adotada na obra da Autora sobre administração (gestão) do esporte. E, completando este quadro de preferências editoriais, cabe registrar que os trechos em estilo de vade mecum das duas obras de 1942 não apresentam referências das fontes nas quais as técnicas e procedimentos teriam sido originalmente reconhecidas e depois readaptadas a ambientações nacionais.

Aliás, a ausência de citação de fontes, mesmo em condições genéricas, era um hábito corrente no esporte e na Educação Física do país à época da elaboração dos dois primeiros livros de Maria Lenk, no início da década de 1940. Porém, a Autora assumiu uma atitude intermediária usando menções explícitas no texto a autores ou a publicações em abordagens de natureza científica - teorias inclusive - e mantendo os conhecimentos operacionais e práticos em ordenações de inventário para facilitar consultas.

Por consequência, os inventários se apresentam com poucas menções de fontes no capítulo seguinte ao do tema de salvamento sob o título “Método de Treinamento” (p. 84 – 112), o que se justificaria por serem os procedimentos baseados de modo majoritário na experiência empírica dos treinado-



res de natação. Em outras palavras, este capítulo refletiria tradições da convivência da Autora com os métodos de treinamento absorvidos em sua carreira de atleta somados a experiências vindas de vários treinadores famosos.

Há, contudo, no “Método de Treinamento”, um esforço de sistematização, o que significaria passar das simples tradições empíricas para procedimentos pré-científicos detectores de evidências da validade e eficiência, mas sem teorias de suporte. A título de exemplo de tal orientação, a narradora cita W. Berardinelli – sem indicar referência da fonte – para quem a biologia “recente” (sic) demonstrava a inter-relação dos múltiplos fatores intervenientes no treinamento esportivo, dando lugar à sugestão do treinador de levar em conta todas as influências físicas sobre o nadador. Estas deveriam ter graus diferentes de atenção, com o treinador assumindo “um trabalho muito mais intuitivo que científico” (p. 79).

Com essa diretriz, o capítulo evolui atendendo ao estilo descritivo e inventariante, e abordando instruções sobre a elaboração de programas de treinamento com ênfase em fases, frequência e intensidade do treino. Nesta perspectiva, o empirismo se associa - como já aqui apontado - a uma postura pré-científica ao descrever o uso de gráficos de acompanhamento por “quantidade e qualidade” (sic) do treinamento, cujas curvas permitiriam observar subidas e descidas do rendimento dos atletas (p. 90 - 91).

Na sequência há uma longa descrição de opções de roteiro de treinamento por fases e cargas de trabalho distribuídas pelos sete dias de semana com diversas alternativas da composição distância-estilo-repetições (p.92-97). Esta exposição detalhada confirma o modelo vade mecum do “Método de Treinamento” e orienta o texto para recomendações sobre aspectos complementares dos manejos do treinamento como “ginástica” (sic), alimentação, “sono”



(sic), controle de peso corporal, capacidade vital, ritmo cardíaco e psicologia.

De modo sintomático, as atenções complementares são apresentadas literalmente por meio de conceitos, teorizações e análises, alterando substancialmente o estilo predominante de inventário e de aconselhamento. Esta reorientação é particularmente perceptível no trecho de título “Psicologia” (p. 110-112), que encerra o tema de metodologia de treinamento e que em última análise mostra-se aparentemente como um preparo para o capítulo seguinte, como se apreciará em seguida.

## **CIÊNCIA E GESTÃO EM MARIA LENK**

O capítulo “Ciência e Natação” (p. 113-142) é um dos pontos altos do livro “Natação” e tem um alerta significativo da Autora no início do texto: “Aos menos entendidos na matéria, talvez pareça pedantismo falar em ciência em natação” (p. 113). Em complemento, ela esclarece que a compreensão do treinamento esportivo por meio da ciência é um assunto novo e que “...dos treinadores famosos de natação, apenas dois são conhecidos como cientistas e pesquisadores dos estudos desse ramo: Cureton dos Estados Unidos e Matsusawa do Japão.”

Assim esclarecido, Maria Lenk cita textualmente a Biotipologia, a Fisiologia, a Psicologia, a Anatomia, e a Cinesiologia (hoje mais corrente como “biomecânica”) expressões de disciplinas das ciências que podem extrair o “máximo proveito” do treinamento com atletas. Nesta perspectiva, a proposta da Autora é a de não aprofundar nas abordagens científicas, mas sim “melhor compreender a resolução das questões técnicas correlacionadas com as diferentes formas de nado” (p. 113).



A partir dessas preliminares, o texto passa a descrever conhecimentos de base das versões científicas do treinamento da natação, com enfoque nas cinco áreas científicas elegidas pela Autora. Porém, ao contrário dos capítulos anteriores, adota-se a menção de autores com saberes por estes desenvolvidos ou cultivados. Embora incompleta pelos padrões atuais, pois não indicam o meio de publicação, origem e ano, as fontes são expostas num tom de legitimação dos conhecimentos transmitidos, dando um cunho de validade científica aos relatos. Há ainda a apontar a ênfase que Maria Lenk atribui à Física como disciplina de apoio às demais áreas científicas, sobretudo, cogitando-se de conhecimentos necessários ao treinamento e à competição em meio aquático (p. 127 -142). Mas, no trecho p. 115-144 é que reside o ponto alto da obra em pauta por relatar uma pesquisa levantando dados de biomecânica (cinesiologia) na natação. Este tipo de abordagem até então inédito em língua portuguesa é considerado como histórico de acordo com interpretações publicadas em 2004 por Alberto Carlos Amadio et al., referência (5), e da própria Maria Lenk em 1979 (Fig 7 e Fig 8).

Neste particular, devo enfatizar a recuperação por Amadio, A.C., da dedicatória de Maria Lenk ao Dr. Wolfgang Baumann do Bundesinstitut für Sportwissenschaft (BISp) / Instituto Federal de Ciências do Esporte da Alemanha, na qual ela reconhece o sentido fundador do livro “Natação” de 1942, no desenvolvimento das Ciências do Esporte no Brasil. Também digno de registro é o vínculo de Maria Lenk com o BISp como um dos resultados mais importantes do Acordo Brasil Alemanha (1963 - 1983), no qual ela atuou com grande empenho, sendo portanto tema abordado por outro capítulo sob minha responsabilidade autoral no presente livro.



# Biomecânica: trajetória e consolidação de uma disciplina acadêmica

Alberto Carlos AMADIO  
Júlio Cerca SERRÃO

\* Escola de Educação  
Física e Esporte da  
USP

## Contextualização histórica: o início da Biomecânica no Brasil

Os registros históricos nos mostram que desde as primeiras propostas curriculares para a criação das pioneiras Escolas de Educação Física no Brasil, todas tinham como uma de suas disciplinas obrigatórias a "Cinesiologia". Ainda em acordo com os registros disponíveis, a introdução da "Biomecânica" nos cursos de Educação Física no Brasil teve impulso por volta de 1965, época em que se concretizava o acordo cultural entre o Brasil e a República Federal da Alemanha, conforme relato de DUM (1983).

Registro digno de nota neste contexto é o livro "Natação", escrito por Maria Lenk em 1942. Especial destaque merece o capítulo, "Ciência e Natação", que se refere à descrição analítica dos movimentos a fim de esclarecer as dúvidas de cuja solução depende o êxito do nadador. Descreve a Autora que na análise do nado o que mais de perto a interessava foi a apresentação do "Butterfly" pois, ela própria, em função dos conhecimentos desenvolvidos, aplicou os ensinamentos de forma muito diferente daquela que os campeões americanos para o nado peito apregoavam. Destaca a Professora Maria Lenk que a eficiência já provada é evidenciada neste livro de forma teórica. A importância desta passagem é histórica, pois trata-se do primeiro livro, escrito em português, que aplica os conceitos da Biomecânica na análise de um movimento esportivo.

Os fundamentos físicos são apresentados de maneira a possibilitar melhor compreensão e resolução das questões técnicas correlacionadas com as diferentes formas de nado. Aspecto de imenso interesse e registro inédito são as fotografias submersas da sequência de movimentos do nado "Butterfly" executados pela própria Autora nas provas de sua especialidade, permitindo detalhada análise do nado e comprovação das teorias descritas no capítulo "Ciência e Natação", LENK (1942).

Como parte das atividades do convênio Brasil & Alemanha, o Prof. Dr. Hartmut Riehle, em 1976,

ministrou um curso na Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, que foi escolhida como a primeira instituição a receber apoio para o desenvolvimento da Biomecânica (DUM, 1983). Neste mesmo ano o Dr. Riehle ministrou um curso de especialização em Biomecânica do Esporte, no Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria, o qual objetivava discutir aspectos teóricos e metodológicos da Biomecânica e sua aplicação no Esporte. Objetivava-se ainda estabelecer as bases para o curso de formação de especialistas em Biomecânica para ministrarem aulas nos cursos de formação de professores de Educação Física. Dos participantes desse primeiro curso poucos estavam trabalhando com a formação de professores, o que dificultou a implantação dos princípios da disciplina nos cursos de graduação. A meta do curso era levar aos alunos a compreensão dos fenômenos mecânicos relacionados com o movimento corporal humano, principalmente com o movimento esportivo. Neste mesmo curso em Santa Maria, no ano de 1976, desenvolveu-se um dos primeiros estudos experimentais para a interpretação da trajetória do centro de gravidade do corpo humano em movimentos ginásticos a partir da análise da imagem e aplicação de modelos antropométricos humanos.

Ainda conforme o programa do acordo Brasil & Alemanha, em 1979, o Prof. Dr. rer. nat. Wolfgang Baumann, Chefe do *Institut für Biomechanik* da *Deutsche Sporthochschule Köln* – República Federal da Alemanha, esteve no Brasil com o propósito de visitar a Universidade de São Paulo, a Universidade Federal de Santa Maria, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a Universidade Federal do Rio de Janeiro e a Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Estas visitas tinham por objetivos diagnosticar a situação daquelas Universidades, estimar a possibilidade das mesmas desenvolverem projetos

Rev. paul. Educ. Fis., São Paulo, v.18, p.45-54, ago. 2004, N. esp. • 45

Fig. 8 Artigo de Amadio & Serrão (2004) que identifica, no livro de Maria Lenk de 1942, uma pesquisa inaugural de Biomecânica no Brasil. O estudo pioneiro encontra-se em p. 115 – 144 do livro "Natação", sendo interpretado pela Autora como tema das Ciências do Esporte; para consultas ver referência (5).



Além do ponto culminante do livro de 1942, ressalve-se que o livro “Natação” mantém seu sentido recorrente dando continuidade ao capítulo sobre as ciências de apoio com um texto denominado de “Análise dos Nados” (p. 143 – 251). As abordagens então se apresentam como descritivas e analíticas, amplamente ilustradas com fotos e figuras, agora bem menos inventariantes e didáticas do que os trechos antecedentes do livro voltados para a aprendizagem.

O capítulo de encerramento do livro leva o título instigante de “Natação – Uma Arte” (p. 252 – 252), uma vez que aparenta ser uma contradição tanto quanto à ordem dos procedimentos como ao controle científico das intervenções junto aos nadadores atletas. Mas neste texto, finalmente, Maria Lenk contrapõe as exigências de “forma”, “performance” e “qualidades morais” aos resultados esperados do “treinamento metódico” (p. 253).

E, para se definir melhor essa harmonia, ela usa a metáfora da música enquanto arte que respeita no seu ideal tanto o sentimento do artista como as ordenações dos sons (p. 252). Para a Autora, enfim, a mesma composição de equilíbrio (ciência) e de disciplina (gestão) caracteriza o esporte, portanto dando pertinência à sua declaração conclusiva:

“Para produzir algo de notável, superior à grande média, o nadador precisa pensar no que faz, dirigir seus pensamentos, seus ideais mesmo, para aquela atividade. O desejo de servir à Pátria com sua melhor ‘performance’ levá-lo-á a um estado psíquico dos mais próprios para realizar os sacrifícios necessários ao treinamento constante e ao grande dispêndio de energia” (p. 253).

Em síntese, nesse capítulo final, Maria Lenk dá transparência às posturas que permeiam todas as suas obras e o sentido dominante de sua vida, ou seja, a de intelectual



dedicada às ciências e à gestão, áreas complementares da sua vinculação com a pedagogia - ensino e aprendizagem, em especial - advinda de sua carreira profissional em Educação Física. E, desses pontos referenciais, o livro “Natação” destaca-se por criar exemplos de boas práticas como propostas para educar atletas, praticantes, alunos e tantos outros protagonistas da vida em sociedade.

**NATAÇÃO OLÍMPICA.**  
**MARIA LENK & WILSON PEREIRA,**  
**CIA EDITORA AMERICANA,**  
**RIO DE JANEIRO, 1966, 189 PÁGINAS.**

Publicado em 1966, “Natação Olímpica” foi o terceiro livro da lavra de Maria Lenk, lançado 24 anos depois das duas obras iniciais de sua carreira acadêmica. A longa ausência de outras publicações em livro entre os lançamentos de 1942 - respectivamente, “Natação” e “Organização de Educação Física e Desportos” - e a obra de 1966, pressupõe que a nadadora-símbolo do esporte brasileiro tenha se concentrado de modo predominante nas funções de professora catedrática na UFRJ, de representante do Governo Federal (DEF-MEC) junto ao Acordo Brasil-Alemanha (1963-1983), e nos seus projetos extra ocupação principal.

Indícios dessa hipótese são os projetos do Colégio Piedade (clube escolar) e o do Hotel Copacabana Palace (aprendizagem de natação), que aliás são citados como exemplos de iniciativas pessoais com grandes empenhos de Maria Lenk, a julgar por seu “Braçadas & Abraços”, ao abordar os anos de 1940 e 1950. Nesta mesma biografia, a narradora entra em detalhes gerais de sua vida familiar, esclarecendo que se casou e teve dois filhos no período das décadas 1940/1950, estabelecendo residência nos Estados Unidos - país natal de seu marido - e no Brasil, onde



ela continuou a exercer suas funções na UFRJ. Também, na vida profissional, incluíram-se envolvimento típicos de personalidade de renome, como no caso de a Autora ter assumido a posição de membro do Conselho Nacional de Desportos – CND, então existente na época do lançamento do livro de 1966 como se verifica na sua pág. 3.



**Fig. 9** Terceiro livro de Maria Lenk, publicado em 1966, e que detalha a natação como parte das Ciências do Esporte; capa do Boletim Técnico Informativo (DEF-MEC) n. 7, 1969, publicação de novos autores e inovações no esporte e que neste número – organizado por Maria Lenk – dá continuidade à linha adotada no “Natação Olímpica”.

Portanto, em linhas gerais, pode-se admitir que a ausência de livros publicados entre 1942 e 1966, justificar-se-ia pelo intenso ritmo de trabalho aliado aos compromissos familiares e institucionais de Maria Lenk. Para testar esta interpretação, o Autor destas notas entrevistou Marco Antônio de Moraes, hoje aposentado residente em Brasília, que foi aluno da narradora na antiga Escola Nacional de Educação Física e Desportos nos anos iniciais de 1960 e encarregado da agenda de sua antiga mestra. Segundo esta fonte, a jornada diária de Maria Lenk era intensa em razão de au-



las, de projetos de natação externos à universidade e de compromissos no Conselho Nacional do Desporto - CND, à época instituição central de decisões sobre o esporte com alcance em todo o país. Segundo ainda o professor Moraes, eram notórios na ENEFD, os múltiplos afazeres da famosa nadadora, embora ela sempre fosse reconhecida pela firme liderança e eficácia em suas responsabilidades institucionais.

Em outro eixo de entendimento, Maria Lenk, aparentemente, jamais abandonou sua projeção pública, como já aqui tornado perceptível, tanto pelo exame dos dois livros publicados em 1942 ou, depois, pela autobiografia de 1982. Como consequência, ela se tornou uma intermediária de renome nacional para com visitantes do mundo internacional do esporte em suas estadas no Brasil, como testemunhou pessoalmente o autor deste capítulo.

Assim delimitado o contexto em que “Natação Olímpica” surgiu, explicar-se-ia também o fato de que a publicação de 1966 ter sido uma obra colaborativa, algo até então não ocorrido com Maria Lenk. Esta colaboração já se justifica pelos títulos dos autores presentes na página de abertura da obra (p. 3), nos quais se anuncia que ambos são professores dedicados ao ensino e ao treinamento em natação como também atletas de renome internacional. No caso de Wilson Pereira, há a declaração do seu vínculo com a Escola de Educação Física do Exército - EsEFEx, onde ocupava a função de “Chefe da Cadeira de Desportos Náuticos e Aquáticos”.

Mais adiante, no “Prefácio” (p. 5 - 6), que se apresenta assinado pelo General Eloy Massey de Menezes, então presidente do Conselho Nacional de Desportos - CND, e também ex-atleta olímpico em hipismo, toma-se conhecimento que Wilson Pereira, “recordista mundial da prova de natação do Pentatlo Moderno” (Jogos Olímpicos 1960 - Roma



e 1964 - Tóquio), constituiu com Maria Lenk a dupla de especialistas em natação designada para acompanhar o técnico australiano Forbes Carlile em sua estada no Brasil (Rio, São Paulo e Belo Horizonte), num estágio promovido pelo CND com o objetivo de “ampliar conhecimentos” na área de natação.

Essas informações iniciais são esclarecedoras quanto ao fato do livro de 1966 ter surgido pretensamente com sua autora principal tendo pouca disponibilidade para longas e detalhadas empreitadas. Por outro lado, o exame do capítulo “Introdução” (p. 9 - 10) mostra que os dois autores transcreveram integralmente no livro as conferências de Forbes Carlile como resultado de gravações realizadas durante sua visita ao Brasil. Em adição a este trabalho minucioso, o livro incluiu pontos relevantes dos debates do famoso técnico australiano assim como informações de base seguindo uma lógica similar à adotada por Maria Lenk no “Natação” de 1942, ou seja:

“Natação Olímpica consta de quatro partes: na primeira, estudamos a técnica dos estilos, com um pequeno histórico e análise dos movimentos; na segunda, focalizamos o treinamento, com um plano geral de treinamento e sessões de ginástica de força - isotônica e isométrica - e de flexibilidade, escolhidas especialmente para nadadores e completamente ilustradas com fotografias; na terceira, colocamos assuntos diversos, como alimentação, massagem e outros; e, na quarta parte, anexamos as conferências pronunciadas por Forbes Carlile em 1965.”

Em linhas gerais, pode-se considerar, portanto, o livro de 1966 como uma atualização de “Natação” de 1942, pelo menos na linha de tempo da vida e obra de Maria Lenk, com a versão mais recente compartilhada com conhecimentos vindos do exterior, sobretudo em termos de competições de alto rendimento. Como indício desta interpretação, na



mesma “Introdução”, a dupla de autores elege como destinatários de sua obra “todos os desportistas do Brasil, especialmente aqueles que acreditam no futuro desportivo de nosso país; aos que se dedicam ao estudo e à pesquisa; ao nossos companheiros que labutam nas atividades aquáticas, com tanta dificuldade e sacrifício.” (p. 9 – 10).

A novidade, conseqüentemente, quanto às perspectivas de Maria Lenk em sua produção de conhecimentos, concerne à mudança do enfoque patriótico de 1942 para uma visão mais pragmática, de construção de futuro em 1966, bem como à menção de “estudos e pesquisas” (p. 10), compromissos não citados na versão mais antiga das obras da nadadora olímpica. Também a postura de valorização dos técnicos de natação pelo conhecimento, tipificada em 1942, ressurge em 1966 como conclamação a melhores condições de trabalho profissional. Como “estudos e pesquisas” são atributos daqueles que “se dedicam” (p. 10), subtende-se que a versão de atualização já incorpora como valor a produção nacional de conhecimentos, sendo então uma possível antecipação de tendência que se confirmou nos anos seguintes e até hoje é identificada nas lides profissionais e acadêmicas do esporte brasileiro.

## **VISÕES CIENTIFICISTAS DO TREINAMENTO ESPORTIVO**

Em termos de conteúdo, o livro busca uma compreensão da natação moderna por meio de perspectivas históricas em seus diferentes capítulos, de certo modo repetindo o livro de 1942, mas em vários estágios citando posicionamentos das conversas com Forbes Carlile relacionados a conhecimentos e períodos mais recentes. Há, então, abordagens que trazem um tom de diálogo ao texto, pois contribuições de Maria Lenk são aduzidas aos relatos. Em con-



traposição, os resgates dos feitos atléticos de Maria Lenk comuns no livro de 1942 não se repetem na historiografia de 1966.

O enfoque do diálogo Carlile-Lenk nesta nova concertação aposta ao livro “Natação Olímpica” apresenta-se, conseqüentemente, por menções de conhecimentos atualizados da nadadora brasileira. Isto acontece, por exemplo, nas páginas 20-21, quando ela revisa o nado butterfly à luz de suas pesquisas e acompanhamento de conhecimentos desenvolvidos desde 1936, ano do surgimento daquele nado nos Jogos Olímpicos de Berlim. Já na página 23, citando-se outro exemplo, quando se revisa o nado de costas, a atleta brasileira – e agora dialogando na linguagem dos técnicos de natação – descreve determinadas modificações de estilo dos quais ela obtivera resultados equivalentes aos da atualidade dos anos de 1960, então correntes.

A culminância desta inclusão de experiências nacionais aditivas aos ensinamentos de Forbes Carlile acontece, entretanto, no capítulo “Ginástica de Flexibilidade e Alongamento” (p. 109 – 118), ao se expor o roteiro de exercícios de Manuel dos Santos, brasileiro recordista mundial em 1961 dos 100 metros livres com 53s6, ilustrado por 35 fotos, uma ênfase sem similar no todo do livro. Explicar-se-ia então a razão da capa de “Natação Olímpica” portar uma foto do nadador, com identificação de seu nome, confirmando assim o empenho dos autores do livro em realçar as potencialidades nacionais.

Contudo, os autores do livro de 1966 reconhecem textualmente que há um “atraso de dois ou três decênios” na natação brasileira em relação ao status alcançado pela Austrália e pelos Estados Unidos (p. 160). Talvez a estimativa fosse exagerada para a época pautada pelos autores, mas o diálogo desdobra-se na procura de melhores resultados para a natação brasileira. Além disso, um exame mais



atento dos diálogos com Forbes Carlile traz nitidez à adoção de conhecimentos científicos sempre como preliminares de modelos ou de rotinas de treinamento e de ações acessórias. E a razão de tal comportamento é esclarecida por Maria Lenk & Wilson Pereira na página 160, ao se tomar conhecimento que o conferencista australiano compõe suas atividades de técnico em natação com as funções de “catedrático da Universidade de Sidney em Fisiologia Humana”. Enfim, os aconselhamentos de Forbes Carlile ao longo do livro de 1966 são de natureza científica, o que sugere numa análise atual residir neste tipo de abordagem as desvantagens do treinadores brasileiros. Mas, as contribuições científicas do visitante australiano, também em perspectiva atualizada, sugerem que seus avanços não sejam restritivos desde que ele também opera como líder de treinamento, sempre dependente da gestão de pessoas – atletas, mais apropriadamente – com idiossincrasias típicas da busca de resultados esportivos.

## **ATUALIDADE E RENOVAÇÃO EM MARIA LENK**

A mistura de liderança no trato com atletas de elite com conhecimentos científicos, conforme revelada ao longo do texto de “Natação Olímpica”, ganha maior significado nas três conferências do fisiologista-treinador Forbes Carlile, ocorridas na cidade de São Paulo, no mês de junho de 1965 (p. 163 – 187).

Nas transcrições de gravações feitas durante o evento, compondo um bloco na parte final do livro, o técnico de natação e cientista australiano expõe tanto a evolução dos métodos e técnicas aplicadas no treinamento de nadadores de renome quanto suas bases de compreensão científica. E, com as devidas adequações, o conferencista adiciona



aos conhecimentos a sua própria experiência ao lidar com os nadadores de seu país que ganharam reputação internacional a partir dos Jogos de Melbourne 1956 e de Roma 1960 (p. 160). Em complementação a esses aconselhamentos, surgem questões da audiência, incluindo também perguntas e esclarecimentos de Maria Lenk, que atuou como tradutora e debatedora nas apresentações.

O papel de intermediação da autora principal de “Natação Olímpica” nas conferências torna-se naturalmente um exemplo das atuações de Maria Lenk extra carreira universitária, como antes aqui já aventado. E mais: os diálogos com Forbes Carlile são predominantemente analíticos, sobretudo em aspectos de alimentação, ginástica, plano de trabalho, etc., em contraste com o estilo descritivo e inventariante que caracterizou a “Natação” de 1942.

Em síntese, o livro de 1966 pode ser conclusivamente interpretado como uma das obras sinalizadoras da era cientificista do treinamento esportivo que se consolidou ao longo da década de 1960 no esporte em geral no Brasil, sobretudo, com a publicação do já aqui citado livro “Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Desportivo”, em 1968. Como tal, cabe relevar que o autor deste texto atuou como editor e Maria Lenk participou juntamente com oito outros autores (cinco médicos e quatro professores de Educação Física). Por outro lado, importa esclarecer que a “onda” cientificista, tão cara à Maria Lenk, encontra outra confirmação de seu avanço na década em evidência por publicação distinta de livro, mas de impacto similar: o Boletim Técnico Informativo (BTI) da Divisão de Educação Física do MEC, “Revista Técnico-Científica” (sic) dedicada a novos autores e textos inovadores, então editada coincidentemente pelo autor do presente relato.

De fato, o BTI n. 7 de jan./mar. 1969 representa uma espécie de continuação do livro de 1966, uma vez que con-



sistiu numa edição especial, coordenada por Maria Lenk e que incluiu seis renomados técnicos nacionais de natação, sendo dois seus seguidores na UFRJ, i.e. Roberto Pavel e Alfredo Gomes de Faria Júnior. Nestas condições, Maria Lenk assinou a apresentação do BTI extra num artigo revelador dos propósitos dos temas e autores: “Ciência e Natação” (p. 19-20). Seguem-se 12 artigos sendo dois traduzidos, compondo um quadro de atualização similar ao estilo do livro Lenk-Pereira lançado três anos antes.

Em resumo, a revista ora em exame permitiu Maria Lenk manter seu papel de intermediação de novos conhecimentos na área da natação, como ocorria desde 1942, inclusive, completando no caso, Forbes Carlile por Jano Sartori (Universidade de Mainz, Alemanha), além de incorporar na coletânea os ensinamentos de James Counsilman (EE. UU.), outra estrela nascente da natação de alto rendimento no período em questão.

Portanto, uma conclusão pertinente derivada do livro de 1966 e sua continuidade sugerida pelo BTI de 1969 incide na possibilidade de que o esforço individual da promoção das Ciências do Esporte assumido por Maria Lenk a partir dos anos de 1940 teria se encerrado em 1969, supostamente por ter iniciado um esforço coletivo.

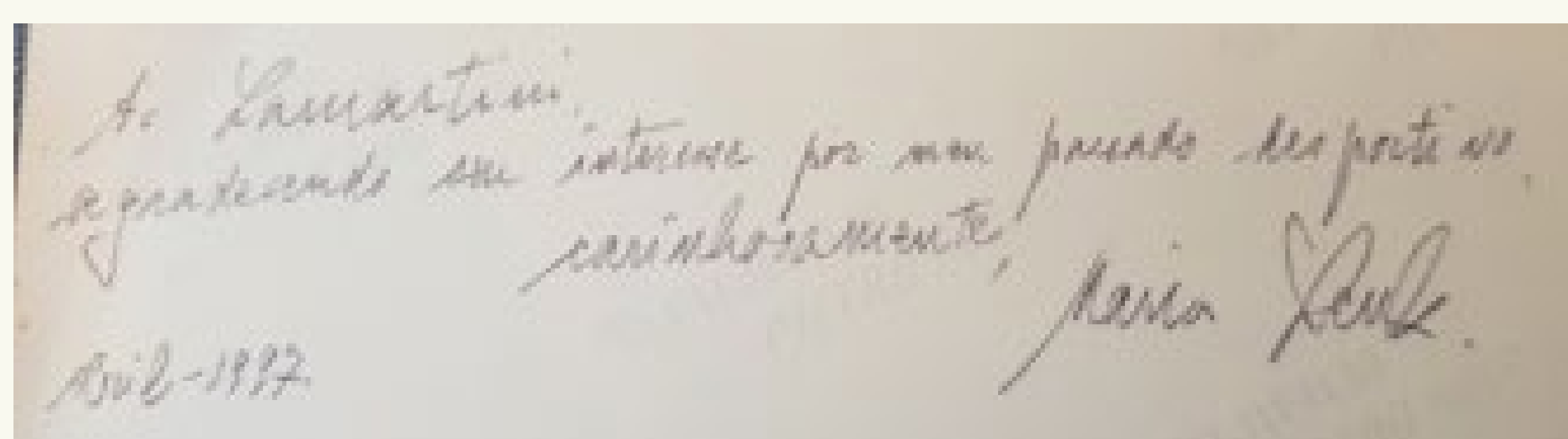
**LONGEVIDADE E ESPORTE, MARIA LENK,  
EDITORA DIDÁTICA E CIENTÍFICA LTDA,  
RIO DE JANEIRO, 2003, 325 PÁGINAS.**

Publicado em 2003, “Longevidade e Esporte” é o quinto e último livro de Maria Lenk, depois de um longo período de 21 anos, após o lançamento da autobiografia “Braçadas & Abraços”, sua penúltima obra impressa. A exemplo dos casos anteriores, trata-se de uma produção que surgiu como resulta-



do de um compromisso de importância na vida da Autora, com a diferença de que a vinculação à ex-atleta renomada ou à sua autoridade acadêmica surge com discrição.

Sem embargo, a nova obra faz ressurgir Maria Lenk como ativista, nesta feita promovendo a atividade física de idosos e o esporte master destinado a atletas da chamada “melhor idade”.



**Fig. 10** Capa do livro “Longevidade” de 2003 e dedicatória aposta num dos livros de Maria Lenk entregue a Lamartine DaCosta em 1997, na qual ela agradece a preservação do legado histórico de suas realizações esportivas.

Em outras palavras, “Longevidade e Esporte”, seguindo a tendência geral de seus livros anteriores, representou uma faceta da vida social de Maria Lenk, mantendo, todavia, as-



sociação com um tema pontual do esporte e da Educação Física. Porém, ainda dentro das tradições tipificadas na vida da Autora, emerge na obra ora em análise um envolvimento inovador, agora representado pela natação master, a qual recebe tratamento detalhado de seus fundamentos e perspectivas. Em resumo, “Longevidade” revela-se também como autobiográfico na medida em que se apoia nas experiências da Autora com o tema. Neste propósito, eis o que ela declara na introdução do livro:

“Justifico a criação deste livro inspirada no desejo de me comunicar com meus inúmeros fãs e amigos, sobretudo os que também já ingressaram na idade da aposentadoria e que, como eu, surpreendem-se com os fenômenos do envelhecimento humano experimentados.” (p. 7).

Um exame elementar do “Sumário” da obra já confirma as preliminares aqui inicialmente apresentadas, pois os temas centrais abordados – envelhecimento e natação master – são antecipados por significados de contexto, descritos por longas revisões e pormenores. Isto ilumina a compreensão do livro de 2003 como um repositório de informações de base na temática para ele proposta. Entretanto, não se adotam estilos didáticos nem de “vade mecum”, subentendendo-se então a obra mais como de suporte teórico do que de orientação prática e operacional.

Outra distinção das obras anteriores situa-se no compartilhamento do livro com personalidades convidadas que contribuíram com textos assinados em complemento a determinados enfoques dos temas centrais do livro. Assim há um “Apêndice A” sobre nutrição assinado pelo Dr. Sérgio Puppim (p. 127-137) e outro “Apêndice C” sobre remo de autoria de Dr. Renato Borges (p. 321 - 325). Neste grupo de personalidades de renome no esporte também pode



ser incluído João Havelange, autor do “Prefácio” (p. 9 – 10), cujo texto é um testemunho pessoal sobre os feitos representativos de Maria Lenk no esporte brasileiro. Sendo também participante das travessias no Rio Tietê e da delegação brasileira presente nos Jogos Olímpicos de Berlim 1936, Havelange conviveu com sucessos e frustrações olímpicas de Maria Lenk, classificando-a na sua rememoração de “atleta impecável” e louvando-a “por suas lições” e “para orgulho de seus contemporâneos que, como eu, a aplaudem” (p. 9).

Em particular com referência a dados históricos sobre Maria Lenk, “Longevidade e Esporte” mostra-se mais limitada do que as quatro obras que a antecederam desde 1942. Contudo, o livro de 2003 inova por meio da inclusão de um “Apêndice B”, sob a denominação de “Imagens de uma História”. Este adendo compõe-se de oito páginas de fotos e legendas sobre Maria Lenk na sua fase master na companhia de líderes desta classe de atletas e de personagens históricos do esporte brasileiro (p. 129-140).

Já em termos de estrutura dos capítulos, a lógica seguida é linear desde que a “Parte 1” destina-se a passar informações básicas sobre o tema “Envelhecimento”, iniciando por dados demográficos do Brasil e de outras nações para extrair comparações (p. 15 – 28). Em seguida, são disponibilizados dados sobre gerontologia bem como sobre envelhecimento e aptidão física. Estes apoios teóricos apresentam-se vinculados a vários temas de fisiologia do exercício e nutrição, chegando finalmente nos Apêndices “A” e “B”, voltados respectivamente para a nutrição e para imagens relacionadas à Maria Lenk em sua fase master. Como tais, essas abordagens somam cinco capítulos e dois textos apensos (p. 15 – 138).



## ATIVISMO ESPORTIVO EM MARIA LENK

A “Parte 2”, por seu turno, dedica-se a relatos sobre o master, caracterizando o movimento e descrevendo seus passos históricos. Esses enfoques derivam-se naturalmente para as atividades da Autora no Brasil, na América do Sul e nos Estados Unidos, como também ocorreu nos registros históricos dos livros anteriores. Porém, em distinção com fatos passados de Maria Lenk, surge agora o protagonismo de várias – tradicionais e novas – entidades internacionais da natação e do Comitê Olímpico Internacional – COI, que se envolveram com a criação e a gestão dos esportes e das competições master (Federação Internacional de Natação – FINA, por exemplo de maior destaque).

Pontua-se, nessas circunstâncias de adaptação do esporte brasileiro, quer via Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos-CBDA ou intermediação da Associação Brasileira de Masters da Natação-CBMN, criada por influência de Maria Lenk, o ativismo da autora de “Longevidade e Esporte”. Essas ações de política do esporte consistiram em respostas a um movimento vindo do exterior surgido entre ex-atletas, ao qual a narradora aderiu tanto como competidora master ou, também, se tornando dirigente da nova modalidade. Esta adesão mostrou-se, com bastante evidência, revisando-se as fotos do “Apêndice B”, nas quais Maria Lenk aparece ora como atleta em competições internacionais master (sendo algumas pioneiras), ou como representante brasileira em entidades líderes, além de congressos internacionais da nova modalidade.

A fase master da vida atlética aliada à liderança identificada em Maria Lenk, a julgar pelos nove capítulos da “Parte 2” (p. 139 – 194), começa no final da década de 1980, e ain-



da transcorrendo à época da publicação de “Longevidade e Esporte”, em 2003. Nesta periodização, um fato que transparece culminância encontra-se registrado no “Apêndice B”, página 134, e que se revela pela foto histórica do primeiro Comitê de Natação Master da FINA, composto em 1987, por ocasião do primeiro campeonato mundial de natação master, realizado em Tóquio. Neste registro aparece Maria Lenk num grupo de nadadores que se notabilizaram, desde os anos de 1930, destacando-se o japonês Kusuo Kitamura, um dos vencedores da natação dos Jogos Olímpicos de 1932, em Los Angeles, e que ocupava, na data do registro, a função de organizador do evento master na capital do Japão.

Em suma, “Longevidade e Esporte” opera, sobretudo, como um livro de memória da criação do movimento master no Brasil, tendo à frente Maria Lenk, em conjunto com várias outras personalidades, confirmando sua tradição de pioneirismo e de renovação, tanto no Brasil como em âmbito internacional. A partir deste perfil, subentende-se então as razões da obra de 2003 incluir uma “Parte 3”, com um capítulo intitulado “Os atletas olímpicos também envelhecem”, com outros na sequência focalizando esportistas “Imortais e longevos do esporte brasileiro”; os medalhistas olímpicos e recordistas mundiais oriundos da América do Sul; e finalmente os “Imortais olímpicos”, resgatando os presidentes do COI a partir de Pierre de Coubertin, que lideraram o Movimento Olímpico, influenciando direta ou indiretamente o desenvolvimento do esporte no Brasil e na América do Sul (p. 195 - 302).

Ainda para efeito de registro, os esportistas “imortais e longevos” brasileiros listados por Maria Lenk - ela inclusive - são apresentados por pequenas biografias (duas ou três páginas) no capítulo 16 (p. 199 - 230), como se segue nominalmente: João Havelange, Renato Borges, Carlos Osório de Almeida, Sylvio de Magalhães Padilha, Carlos Arthur



Nuzman, Coaracy Nunes Filho, Adhemar Ferreira da Silva, Oscar Schmidt, Piedade Coutinho, Rogério Romero, Gustavo Borges, Maria Esther Bueno e Maria Lenk.

Esses nomes sugerem que a Autora, no seu último livro, resolveu prestigiar dirigentes, além naturalmente de renomados atletas, uma opção que se justificaria por ela ter apresentado relatos históricos sobre a fundação do master no Brasil – natação e outros esportes – sempre apresentando os dirigentes que tornaram realidade a nova modalidade no país. O mesmo critério é seguido na galeria de imagens do “Apêndice B”, cuja foto de abertura reúne Adhemar Ferreira da Silva, Maria Lenk e Juan Antonio Samaranch (presidente do COI na data da foto, maio de 2001), quando da outorga da Ordem Olímpica – a mais alta distinção do COI – a atletas brasileiros “pela primeira vez” (p. 129).

Ao final, “Longevidade e Esporte” incorpora uma “Parte 4”, na qual se apresentam considerações sobre a “Natação em Águas Abertas”, uma modalidade antevista pela Autora como promissora para as condições brasileiras, a julgar pelo exemplo das travessias do Canal da Mancha e outras competições similares (p. 305 – 320). Curiosamente, a abordagem deste texto conclusivo é a única na obra em revisão em que se projeta o futuro da natação brasileira, desde que o livro em sua totalidade é remissivo pela própria natureza da recuperação histórica da natação master.

De resto, o último livro de Maria Lenk é, sobretudo, a realização do seu desejo de se comunicar com seus em “inúmeros fãs e amigos”, como declarado na introdução do tema, além de naturalmente fazer história enfatizando seus exemplos, tal como transcorreu desde 1942, início de sua jornada de publicações.



## RESUMO CONCLUSIVO SOBRE MARIA LENK E SUAS NOTAS AUTOBIOGRÁFICAS

Ao fim da jornada de revisões dos livros de Maria Lenk, há que se considerar as cinco obras em conjunto como autobiográficas, fato embora assumido explicitamente pela Autora somente no seu livro de 1982. Em outras palavras, certos relatos constituíram fragmentos repetidos em suas essências nas cinco obras em que pese estarem inseridos em contextos diferentes. Esses excertos, as mais das vezes, focalizaram marcos existenciais, isto é, realizações de grande significado em termos pessoais, geralmente feitos esportivos ou fatos relacionados a eles direta ou indiretamente, de natureza pedagógica ou científica.

Por outro lado, a primeira heroína olímpica do Brasil justificou suas atitudes autobiográficas antepostas a um significado maior de dever patriótico já revelado na sua juventude – por ocasião dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1932 – e jamais abandonado. Em resumo, é discernível nos livros publicados por Maria Lenk uma moral associada às realizações esportivas pessoais e ao bem comum do seu país de origem.

A comprovação de tal justificativa encontraria apoio no fato da autobiografada em questão mencionar apenas de passagem as extremas deficiências de gestão das delegações nacionais aos Jogos de 1932 e de 1936, tanto quanto os conflitos de interesses pessoais e grupais ocorridos na transferência da Escola de Educação Física e Desportos – EEFD da Urca para a Ilha do Fundão no Rio de Janeiro, fato enfatizado por vários autores integrantes da presente obra.

Em convergência com a moral construtiva de Maria Lenk atleta e profissional, torna-se mais perceptível o caráter seletivo das abordagens positivas nos seus livros publicados



entre 1942 e 2003. Para ela, enfim, narrar suas experiências negativas e confrontos com interesses pessoais, quer no esporte ou no ambiente universitário onde fez carreira, não poderia constituir uma escolha de educadora.

De minha parte - como analista das citadas obras ao longo da presente historiografia, assim como curador do seu legado documental - , permito-me admitir que o caráter seletivo das narrativas do primeiro símbolo feminino do esporte brasileiro justifica-se por si mesmo, por sua coerência interna, segundo um protótipo de heroína esportiva cultivado pela própria Maria Lenk.

Assim interpretada, a presente rememoração da vida e obra de Maria Lenk torna-se conclusiva ao se elegerem seus exemplos de atleta e de educadora como sua herança por ela sempre projetada nos seus semelhantes e na pátria em comum.

## NOTAS E REFERÊNCIAS

1. DaCosta. L. - Org. (1968) Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Desportivo. DEF-MEC: Brasília. Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/introducao-moderna-ciencia-treinamento-desportivo>
2. Ver “Modelo de gestão e organização da Educação Física e desporto no Brasil, proposto por Maria Lenk em 1942”, Paulo Rodrigo P. da Silva, Edgar M. de Oliveira, Eduardo R. da Silva e Lamartine DaCosta, UGF, Rio de Janeiro, 2009.
3. DaCosta, L. (2017) 40 Anos da Pós-graduação da EEFEE-USP aos Olhos de um Docente Pioneiro Compromissado com a Cientificidade e a Gestão da Educação Física e do Esporte. Rev Bras Educ Fis Esporte, São Paulo. 2017



Ago.; 31:55-62. Disponível em: [http://www.sportsinbrazil.com.br/artigos/mestrado\\_pioneiro.USP.Disciplina\\_GestaoEsporte.pdf](http://www.sportsinbrazil.com.br/artigos/mestrado_pioneiro.USP.Disciplina_GestaoEsporte.pdf)

4. Miragaya, A. (2005). Métodos e Técnicas do Treinamento Esportivo no Brasil, 1909 - 1938 Methods and Techniques of Sports Training/Coaching in Brazil, 1909 - 1938. Atlas do Esporte no Brasil, CONFEF: Rio de Janeiro, p. 18.136. Disponível em: <http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/315.pdf>
5. Verifique-se em Amadio, A.C. & Serrão, J.C. (2004) Biomecânica: Trajetória e Consolidação de uma Disciplina Acadêmica. Rev. Paul. Edu. Fis. São Paulo, v.18, p. 45-54. Ago., N. Esp.

## **AGRADECIMENTOS**

O livro “Natação Olímpica” de 1966, de autoria de Maria Lenk e Wilson Pereira tornou-se obra rara por ter tido uma única edição de poucos exemplares. Para o presente estudo, entretanto, o Prof. Dr. Leandro Nogueira da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro cedeu seu exemplar, em 2016, para ser incluído no Acervo Maria Lenk, hoje incorporado ao Arquivo Nacional, Rio de Janeiro. Também digno de atenção foi a cessão em 2020 da imagem da dedicatória de Maria Lenk ao Dr. Wolfgang Baumann (Köln, Alemanha, 1979) sobre o início de estudos de Biomecânica no Brasil em 1942, por gentileza do Prof. Dr. Alberto Carlos Amadio da Universidade de São Paulo. Registrem-se os gestos e os agradecimentos.



## CHAPTER 6

# MARIA LENK: FROM THE TIETÊ RIVER TO THE WORLD, A WOMAN AHEAD OF HER TIME

*Profª. MSc. Ana Flávia Paes Leme*

**F**rom the Tietê River to the world, Maria Lenk is the most famous name of Brazilian swimming, with a history of water victories that began with a tournament along the Tietê River. This competition created in 1924, ending in 1944, had the official name of Travessia de São Paulo a Nado (Tietê Crossing), “came to gather more than 1,500 athletes and many fans, who crowded the banks of the river to watch it. It was impressive what this represented” (João Havelange, Rede Record, Programa Memória do Esporte Brasileiro).

Maria Lenk won this contest 4 times in a row (1932 to 1935) while former FIFA president João Havelange won the crossing 3 times. This race consisted of 5.5km of swimming. There was a great rivalry between two clubs of that time, the Tietê Club (for which Maria Lenk swam) and the Espéria Club, each one located on one side of the river bank.



It is important to note that when Maria Lenk began competing, there were many restrictions on women's sport. Women were brought up to become good mothers and housewives, not to work or compete in sports. Besides, there were strong social rules in terms of preserving a woman's body, so much so that wearing a bathing suit was a revolutionary attitude.

In 1982, in an interview for a sports newspaper, Maria Lenk cited the importance that the press had in the dissemination and affirmation of women's sport helping to break taboos, stimulating and even promoting competitions only for women (Jornal dos Sports, 1982).

At the age of 29, in 1944, Maria Lenk got married to an American and had two children: Gilbert Lenk Zigler and Marlen Lenk Zigler. At that time her name appeared again in the frontpage of the newspapers as a sports-woman was not expected to generate children. "It was a time when women did not become entrepreneurs, they only became housewives and mothers. Moreover, sports-women were not capable of having children, according to the thought of many men of that time" (Prof. Dr. Ana Miragaya, Rede Record, Brazilian Sport Memory Program-Maria Lenk).

As Lenk retired in 1979, she discovered master swimming, which started in Brazil in 1980, and then participated in the first international competition in Christchurch, New Zealand in 1984. From there she broke dozens of world records in master swimming competitions.

She continued to apply physical fitness maintenance methods through regular body exercise. Daily, for 30 to 40 minutes, she practiced swimming, preferably at sea, which allowed her to cover a course of 1500 to 2000 meters.



Maria Lenk did not only act as a master swimmer, she was one of the founders of the Brazilian Association of Master Swimmers (ABMN), the entity responsible for organizing and holding the competitions of swimmers over 25 years of age. Even today, on the ABMN website, Maria Lenk appears as president of honor of this renowned Association. She was also a great collaborator in the organization of these competitions here in Brazil, due to her international experience. Furthermore, she was also an exceptional master swimmer in all the categories she participated in.

The Aquatic Federation of Rio de Janeiro (FARJ) held competitions for master's from 1980 to 1984, and the latter Tournament (IX Master Swimming Tournament, held at Vasco da Gama) was only held at the insistence of several swimmers. It was then that in 1984, in this tournament itself, a meeting was held between some swimmers, in which they decided to found a national entity representing the master swimmers. The Brazilian Association of Masters Swimmers (ABMN) was born.

This meeting decided the first important steps of ABMN: its status and place of operation. A commission was elected to start the management of the entity and two sub-sections were created for the membership of more associates: one in Belo Horizonte and the other in São Paulo. The amount related to the annual contribution of the members was stipulated and a date was set for the general meeting of the organization's foundation in February 1985 (DEVIDE, 2005).

At that time, the Master Swimming International Association (MSA) was an international entity responsible for master competitions. FINA (International Swimming Federation) only took them over later when it realized they were a success. Maria Lenk participated in most Brazilian and international master championships, lived swimming and was extremely concerned about the technique of her



swimming. She would bring, from the United States, every time she went there, rich information about the organization of the international master's championships.

In master swimming there is a change of category every five years, and each time Maria Lenk changed the category she broke several records. She holds around forty FINA certificates, i.e. 40 world records in master swimming. In the 90-94 category alone, she set three records. She strictly followed her routine of training in the Flamengo swimming pool and in the sea of Leblon.

Maria Lenk is the only woman from Brazil to enter the International Swimming Hall of Fame in Fort Lauderdale, Florida, in 1988, recognized by the International Swimming Federation (FINA), when she was honored with the top ten of the sport's top body for being one of the top ten master swimmers in the world (Wikipedia, Dec 2016).



# MARIA LENK: DAS AGUAS DO TIETÊ PARA O MUNDO, UMA MULHER À FRENTE DE SEU TEMPO

*Profa. M.S. Ana Flávia Paes Leme*



Figura 1 - Foto arquivo Centro de Memória Inezil Penna Marinho, UFRJ



## MARIA LENK E O INÍCIO DA SUA HISTÓRIA COM A NATAÇÃO

Maria Emma Hulka Lenk Zigler nasceu em 15 de janeiro de 1915, filha de pais alemães, tinha uma irmã gêmea que faleceu quando elas tinham por volta de um ano de idade. Sua história na natação se iniciou aos dez anos de idade, por conta de uma pneumonia dupla, e seu pai, acreditando estar fazendo o melhor para saúde de sua filha, começou a ensiná-la a nadar, motivo semelhante ao de muitos nadadores da atualidade. Esse início se deu nas águas do rio Tietê, na cidade de São Paulo. Era utilizada uma vara de alumínio comprida e na ponta faziam uma “baldrana”<sup>1</sup>, o que ajudava na flutuação do iniciante. Na outra ponta da vara o professor dava instruções (Henrique Nicolini, Rede Record, programa Memória do Esporte Brasileiro).

Do rio Tietê para o mundo, Maria Lenk é o maior nome da natação brasileira. A única mulher do Brasil a entrar para o Hall da Fama (Swimming Hall of Fame) em Fort Lauderdale, na Flórida. E em 1988, para o Hall da Fama da Federação Internacional de Natação (FINA), quando foi homenageada com o top ten da entidade máxima do esporte, por ser uma dos dez melhores nadadores master do mundo (Wikipedia, dez 2016).

Maria Lenk faz parte de uma história de vitórias na água que começou com uma travessia do rio Tietê. Uma competição criada em 1924, com o nome oficial de Travessia de São Paulo a Nado, chegou a reunir mais de mil e quinhentos atletas e muitos torcedores. “Se assemelhava à corrida de São Silvestre do dia 31 de dezembro. Toda margem ficava lotada com o público presente. Era impressionante o que isso representava” (João Havelange, Rede Record, Programa Memória do Esporte Brasileiro).



Maria Lenk foi campeã quatro vezes seguidas nesta Travessia de São Paulo a Nado, de 1932 a 1935. Enquanto o ex-presidente da Fifa, João Havelange, venceu a travessia três vezes. Esta travessia consistia de 5,5km de natação. Havia uma grande rivalidade entre dois clubes da época, o Clube Tietê (de Maria Lenk) e o Clube Espéria, cada um situado de um lado da margem do rio, onde naquela época, ainda não havia sido construída a Marginal. Esta competição teve fim por volta de 1944, quando João Havelange foi diagnosticado com tifo, doença do sistema circulatório que pode levar à morte. Foi feita uma análise das águas do rio Tietê, e diagnosticado que eram impróprias para o mergulho, acabando assim, com a famosa Travessia.

É importante salientar, que, quando Maria Lenk começou a competir, as restrições ao esporte feminino eram de toda ordem. A educação da mulher era voltada para formação de uma boa mãe e dona de casa, e não para uma mulher que trabalhasse ou competisse. Ao lado disso, existiam as fortes normas de preservação do corpo da mulher, quando usar um maiô era uma atitude revolucionária.

Em 1982, numa entrevista a um jornal esportivo da época, Maria Lenk cita a importância que a imprensa teve na divulgação e afirmação do esporte feminino ajudando a quebrar os tabus, estimulando e até mesmo promovendo competições só para mulheres (Jornal dos Sports, 1982).

## **MARIA LENK E OS JOGOS OLÍMPICOS**

Maria Lenk foi pioneira na história de atletas mulheres sul-americanas por ser a primeira a participar de uma edição dos Jogos Olímpicos, isso em 1932.



Na Baía de Guanabara, em fins de junho de 1932, o navio Itaquicê partiu do porto do Rio de Janeiro, levando a delegação brasileira rumo aos Jogos de Los Angeles. Entre os 82 atletas, uma única jovem de 17 anos, Maria Lenk, abrindo assim o caminho para que outras jovens mulheres nos próximos Jogos Olímpicos pudessem seguir seus passos. Mas antes mesmo de chegarem ao destino, ela e os companheiros da delegação brasileira enfrentaram uma verdadeira aventura pelos mares, que naquela época ficou conhecida como “a saga do Itaquicê” (Rede Record, Programa Memória do Esporte Brasileiro-Maria Lenk).

A viagem até Los Angeles durou um mês. O navio mercante foi “fantasiado” de embarcação de guerra. A Confederação Brasileira de Desportos instalou dois canhões no convés. Era uma tentativa de não pagar pedágio no Canal do Panamá, entrada na costa americana, mas os fiscais logo perceberam algo de estranho, o grupo estava animado demais (Rede Record, Programa Memória do Esporte Brasileiro- Maria Lenk).

Outro fato interessante é que os gastos com a delegação com todo o processo de treinamento e acomodação no país-sede teriam que ser financiados pelos próprios atletas, que vendiam sacas de café nos portos por onde paravam para angariar fundos para bancar a empreitada. E só os atletas que conseguissem vender suas cotas poderiam participar da competição. Só 32 atletas dos 82 que embarcaram venderam o suficiente para desembarcar em Los Angeles. Aos cartolas coube escolher quem tinha alguma chance de medalha, e num gesto de cavalheirismo deram uma vaga à Maria Lenk (Rede Record, Programa memória do esporte brasileiro- Maria Lenk). Outros 35 atletas desembarcaram em São Francisco depois de pagarem um dólar cada para o desembarque. Já nas piscinas, embora não tivesse conseguido medalha devido à falta de treinamento durante a viagem, Maria Lenk atingiu as semifinais



nos 200 metros nado de peito, não prosseguindo para as finais, pois havia ficado em quarto lugar em sua bateria.

Em 1936, a 10ª edição dos Jogos Olímpicos, realizados em Berlim, foi marcada por grandes inovações. Foi o primeiro de todos os Jogos em que a tocha olímpica veio de Olímpia para chegar por revezamento em Berlim. Pela primeira vez foi contratada uma cineasta, Leni Riefenstahl, para fazer a filmagem dos Jogos, que trouxe inovações técnicas e estéticas até hoje influentes na cobertura esportiva da televisão; e também o primeiro de todos os Jogos que teve cinemas e teatros da cidade exibindo as competições em tempo real. Maria Lenk mais uma vez se mostrou uma mulher pioneira e à frente de seu tempo. Embora ela tenha inovado lançando seu nado borboleta, não obteve grandes resultados ou medalhas nestes Jogos.

“Em 1936, ela não conseguiu classificação nenhuma, mas ela tinha um temperamento forte, de persistência, de luta, de vontade de competir. Ela terminou aquela Olimpíada e se preparou para a de 40, para bater o record nas Olimpíadas de 1940. Trabalhou para isso, nadando em rio, nadando em piscina. Então, ela realmente foi uma batalhadora, e conquistou merecidamente toda esta fama e reconhecimento que ela tem até hoje, é extraordinário.” (Margarida<sup>2</sup>)

Embora ela tenha sido a única mulher na delegação brasileira dos Jogos de 1932, nos Jogos de 1936 ela teve a companhia de mais cinco atletas mulheres, sendo quatro da natação, incluindo Sieglinde Lenk, a irmã mais nova de Maria Lenk.

Os Jogos de 1940 e 1944 infelizmente não foram realizados por conta da Segunda Guerra Mundial. E provavelmente, seriam os melhores Jogos de Maria Lenk, que estava no ápice de sua carreira como atleta de natação. Segundo



ela, em seu livro: “foi a maior frustração de toda minha vida (...) De que adiantaram rigorosos treinos, quilômetros nadados em dois treinos diários por longo tempo, onde se havia renunciado a tantas coisas belas da vida?” (Maria Lenk, 1986).

## MARIA LENK E SEUS RECORDS

Existem hoje no Brasil, nove recordistas mundiais de natação, mas apenas uma mulher possui este record: Maria Lenk. Foi campeã sul-americana nos 100m e 400m livre, nos 100m costas e nos 100m e 200m peito. Ela bateu os primeiros records mundiais da natação brasileira: 400m e 200m nado de peito em 1939, às vésperas dos Jogos Olímpicos de 1940 em Helsinki, na Finlândia. Então, com toda a preparação investida, no apogeu da sua carreira de nadadora, uma das favoritas à medalha de ouro, Maria Lenk viu seu sonho não realizado por causa da segunda guerra mundial.

Casou-se em 1944 com um norte americano e teve dois filhos, Gilbert Lenk Zigler e Marlen Lenk Zigler. Ela saiu em diversas manchetes do Brasil, porque não se esperava, que uma mulher esportista, naquela época, gerasse filhos.

“Era uma época em que as mulheres não empreendiam, elas apenas ficavam com o objetivo de procriar, e as esportistas não eram capazes disso, no pensamento dos homens daquela época” (professora Dra. Ana Miragaya, Rede Record, Programa memória do esporte brasileiro- Maria Lenk).

Em 1984, com 69 anos, voltou a competir e conquistou dezenas de records mundiais nas competições de natação master.



## A PARTICIPAÇÃO DE MARIA LENK NAS DIVERSAS INAUGURAÇÕES DE PISCINAS BRASIL A FORA

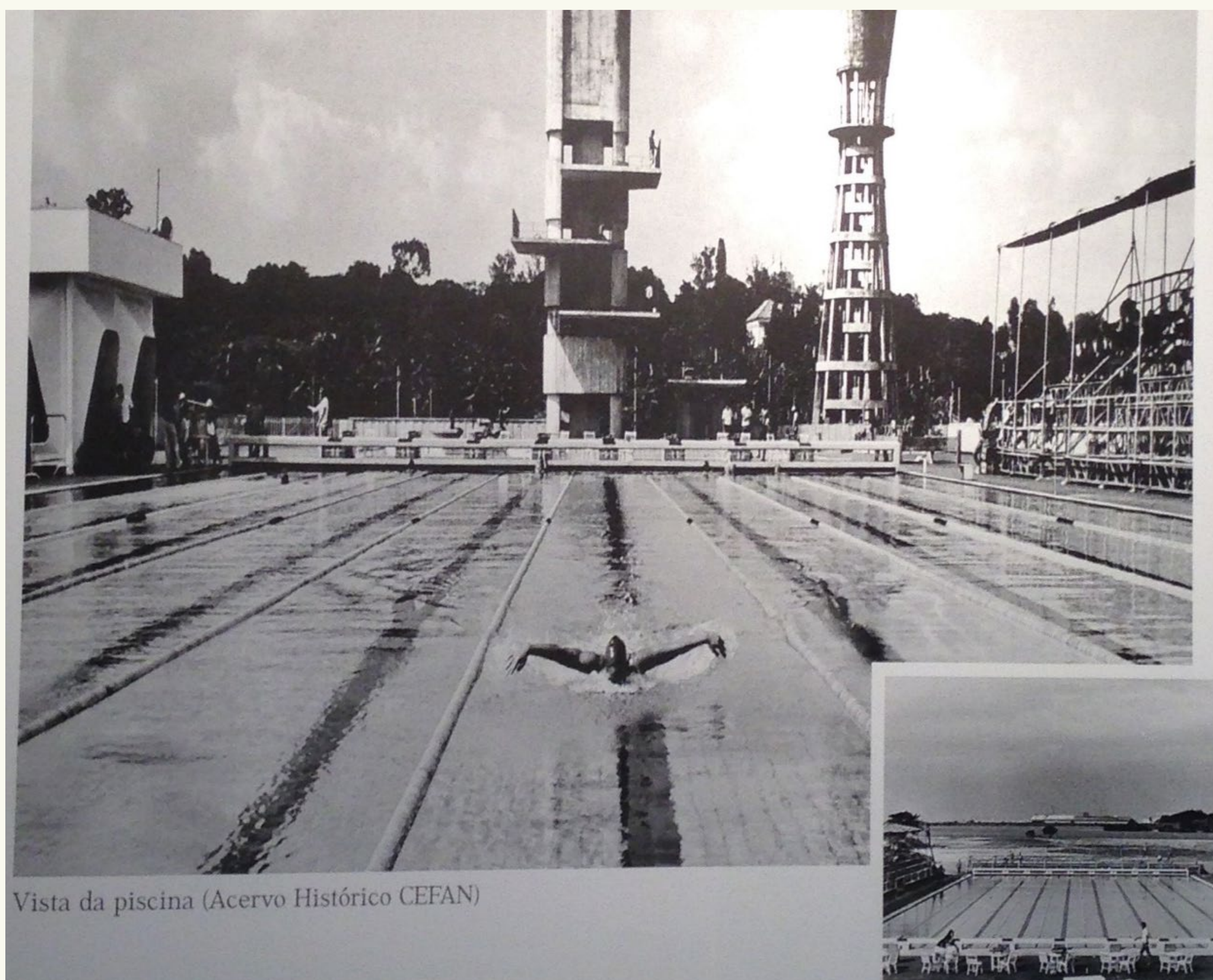
A construção de piscinas curtas, com tamanho oficial de 25 metros, aconteceu a partir da década de 1930. A primeira em São Paulo se deu em 1930 na Associação Atlética São Paulo, de cuja inauguração Maria Lenk participou. A partir daí, houve uma quantidade enorme de construção de piscinas pelo Brasil. E muitos clubes convidavam os melhores nadadores do país para as festividades que envolviam a inauguração de suas piscinas.

A professora Maria Lenk foi convidada para a inauguração de várias piscinas Brasil a fora. Em 1933, Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, em São Paulo e clube Espéria; em 1938, no Esporte Clube Pinheiros (na época esporte clube Germânia), a primeira piscina de 50 metros em São Paulo; em 1934, Clube Regatas Tietê, onde, mais tarde, Maria Lenk ensaiou as primeiras braçadas experimentais do nado “borboleta”; em 1935, Clube de Regatas Guanabara piscina de 50 metros, onde a professora Maria Lenk treinou e posteriormente ensinou natação às futuras professoras de Educação Física da Universidade do Brasil; em 1936, Tênis Clube de Santos; 1937, em Uberlândia, Recife e Belo Horizonte; em 1940, primeira piscina escolar brasileira, piscina do Ginásio da Piedade (Gama Filho), onde Maria Lenk atuou como primeira professora e técnica de natação escolar brasileira, só para citar algumas (Maria Lenk, 1986).





**Figura 2 - Inauguração da piscina de 50m em 1973 do Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes CEFAN, acervo histórico CEFAN**



Vista da piscina (Acervo Histórico CEFAN)

**Figura 3 - Piscina do CEFAN**



## MARIA LENK E O MAGISTÉRIO NO ENSINO SUPERIOR

Maria Lenk se formou na primeira turma civil da Escola Superior de Educação Física (hoje, Escola de Educação Física e Desportos da Universidade de São Paulo), em março de 1936. E por ocasião dos Jogos de Berlin neste mesmo ano, ela fez um curso de especialização na Academia de Esportes Alemã. Mudou-se logo a seguir para Amparo, pequena cidade paulista, onde iniciou sua carreira no magistério.

Posteriormente, a mudança para o Rio de Janeiro foi possível pela sua inclusão no corpo docente da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil (atual UFRJ), em fase de fundação em 17 de abril de 1939.

“...a EsEFEx lançou novo marco da história da Educação Física Brasileira. Fazendo uso de seu prestígio junto ao governo, provocou a fundação de uma Escola de Educação Física Civil no Rio de Janeiro, rompendo, inclusive, as barreiras de preconceitos dos intelectuais. Tendo à frente o inesquecível Major Ignácio de Freitas Rolim, seu primeiro diretor, fundou-se a Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil. Major Rolim escolheu os futuros professores, desta nova instituição, entre os campeões desportivos da época. Para transformá-los de atletas em professores, realizou um curso especial antes de fundar a Escola, o assim chamado Curso de Emergência, em que aproveitou, como professores, os que já tinham se formado, como era meu caso.”  
(Maria Lenk, Boletim Informativo da AsEFEx)

Os Cursos de Emergência foram realizados em 1938/39 por intermédio de um convênio entre o Ministério da Educação e Saúde, o Ministério da Guerra (atual Comando do



Exército) e Prefeitura do Distrito Federal (à época no Rio de Janeiro), para a formação do corpo docente da futura Escola Nacional de Educação Física, da Universidade do Brasil (atual UFRJ). Foram de 3 categorias: Formação (professores de nível superior), Habilitação (professores de nível normal) e Especialização em Medicina (médicos).

As aulas teórico-práticas foram ministradas na Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx), pelo corpo docente (instrutores) da Escola, e as demais aulas práticas nas instalações do Fluminense Futebol Clube, América Futebol Clube e do Instituto de Educação. O conteúdo programático e a metodologia de ensino foram conduzidas pela EsEFEx, com o controle escolar e registros feitos por fichas e boletins, ainda hoje em arquivos na Divisão de Ensino da Escola (em fase de catalogação).

Maria Lenk participou como professora convidada, juntamente com outras professoras das Escolas de Educação Física de São Paulo e do Espírito Santo.  
(Revista de Educação Física nº 45, de 1939)

**1938** - Cursos de Emergência para a formação do Corpo Docente da futura Escola Nacional de Educação Física e Desportos.

**CONVÊNIO**  
Ministério da Educação e Saúde (DEF/DNE)  
Ministério da Guerra (EEFE)  
Prefeitura do Distrito Federal (Instituto de Educação)



Figura 4 - Revista da Educação Física, n 45, 1939.



Em 28 de Junho de 1939, aprova-se o decreto lei nº 1380, que estendia aos alunos do Curso de Emergência em Educação Física as regalias dos licenciados em Educação Física e dos médicos especializados em Educação Física e Desportos, assinado pelo então presidente Getúlio Vargas.

Nesta época Maria Lenk ainda competia e estava se preparando para os Jogos Olímpicos de 1940. O problema consistia então em deixar fora de dúvida seu status de amadora<sup>3</sup>, tendo-se em mente a continuação das atividades na natação como atleta. Daí sua nomeação para o cargo de Assistente de História e Organização da Educação Física e Desportos na recém-inaugurada Escola de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil (UFRJ). O cargo de Catedrática de Desportos Aquáticos, que lhe seria devido, ficaria vago até sua volta dos Jogos Olímpicos. Feliz com a decisão, só lhe restava agora, total dedicação aos treinos.

Em dezembro de 1941, Maria Lenk era a única mulher de uma equipe dos melhores nadadores sul-americanos, convidados para o torneio de “Boa Vizinhança” nos Estados Unidos. Nesta viagem, a equipe passou por vários estados norte-americanos para fazer demonstrações e para competições, sendo que na última competição desta temporada aconteceu coincidentemente com o dia do aniversário de 27 anos de Maria Lenk (15/01/1942) que planejava em se despedir das raias. Era a última prova de uma extensa carreira de 12 anos como atleta (Maria Lenk, 1986).

Nesta estadia nos Estados Unidos, Maria Lenk ainda aproveitou para aperfeiçoar seus conhecimentos técnicos e profissionais, indo à Universidade em Springfield – Massachusetts, de onde voltou com alguns diplomas para valorizar mais ainda o cargo que ocuparia na Escola de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil. Porém, em seu retorno, viu-se decepcionada, pois no exato momento em que se dispunha a abandonar as raias de competição para



assumir a cátedra de desportos aquáticos de há muito prometida, esta havia sido ocupada por outrem, um desconhecido nas lides aquáticas. Como consequência desse engano, através de meios administrativos, a vaga que seria sua transformou-se em duas: uma masculina e outra feminina para acomodar ambos os professores (Maria Lenk, 1986).

“antigamente na Escola as turmas eram divididas em femininas e masculinas (...) e o sistema era seriado. A natação era composta por três séries: a primeira série, consistia em aprender a nadar os estilos e a prova era nadar o medley, 25 metros de cada estilo. A segunda série, era a natação para resistência, não se tinha a preocupação com os estilos, o aluno escolhia um estilo e tinha que nadar 200 metros. Aprendíamos também os primeiros socorros, até chegarem os médicos. Aprendíamos as manobras de respiração artificial e formas de transporte da piscina até a borda (...) Na terceira série, os rapazes aprendiam polo aquático e as moças aprendiam balé aquático”.  
(Professora Margarida)

Segundo ainda a professora Margarida, quando a professora Maria Lenk começou a ministrar a disciplina de natação, a Escola ainda não tinha uma piscina. Então eles tinham aulas em diferentes lugares: no Forte do Leme, na praia da Urca, no clube Guanabara, entre outros. Depois, em 1957, foi construída a piscina, onde eles passaram a ter aula na Escola, que naquela época ainda era na Praia Vermelha. A Escola de Educação Física só passou para Ilha do Fundão em 1970.

“A minha turma foi a primeira a ter aula no Fundão em 1970. A Escola não tinha sido construída ainda, usávamos a pista de atletismo num lugar chamado sede campestre” (Waldyr Ramos<sup>4</sup>)





**Figura 5 - Foto da aula de natação da professora Maria Lenk na E.N.E.F.D, em abril de 1959, Arquivo Centro de Memória Inezil Penna Marinho.**



**Figura 6 - Maria Lenk como técnica de natação do Botafogo, década de 40, arquivo professora Margarida.**





**Figura 7 - Professora Maria Lenk entre professores da E.N.E.F.D., arquivo professora Margarida.**

Toda metodologia da disciplina de natação feminina da Escola foi desenvolvida pela professora Maria Lenk “(...) foi a professora Maria Lenk quem criou, desenvolveu e escreveu o material de trabalho da técnica de natação para a disciplina na Escola.” (Margarida)

Maria Lenk também publicou dois livros sobre treinamento em natação, intitulados Natação (1942) e Natação Olímpica, junto com Wilson Pereira em 1966, além de outros três (ver análise desses livros no capítulo do prof. Lamartine DaCosta). Não existia nada semelhante na época. Com uma bibliografia de natação, em língua portuguesa, mais uma vez Maria Lenk se mostrava pioneira (Waldyr Ramos).



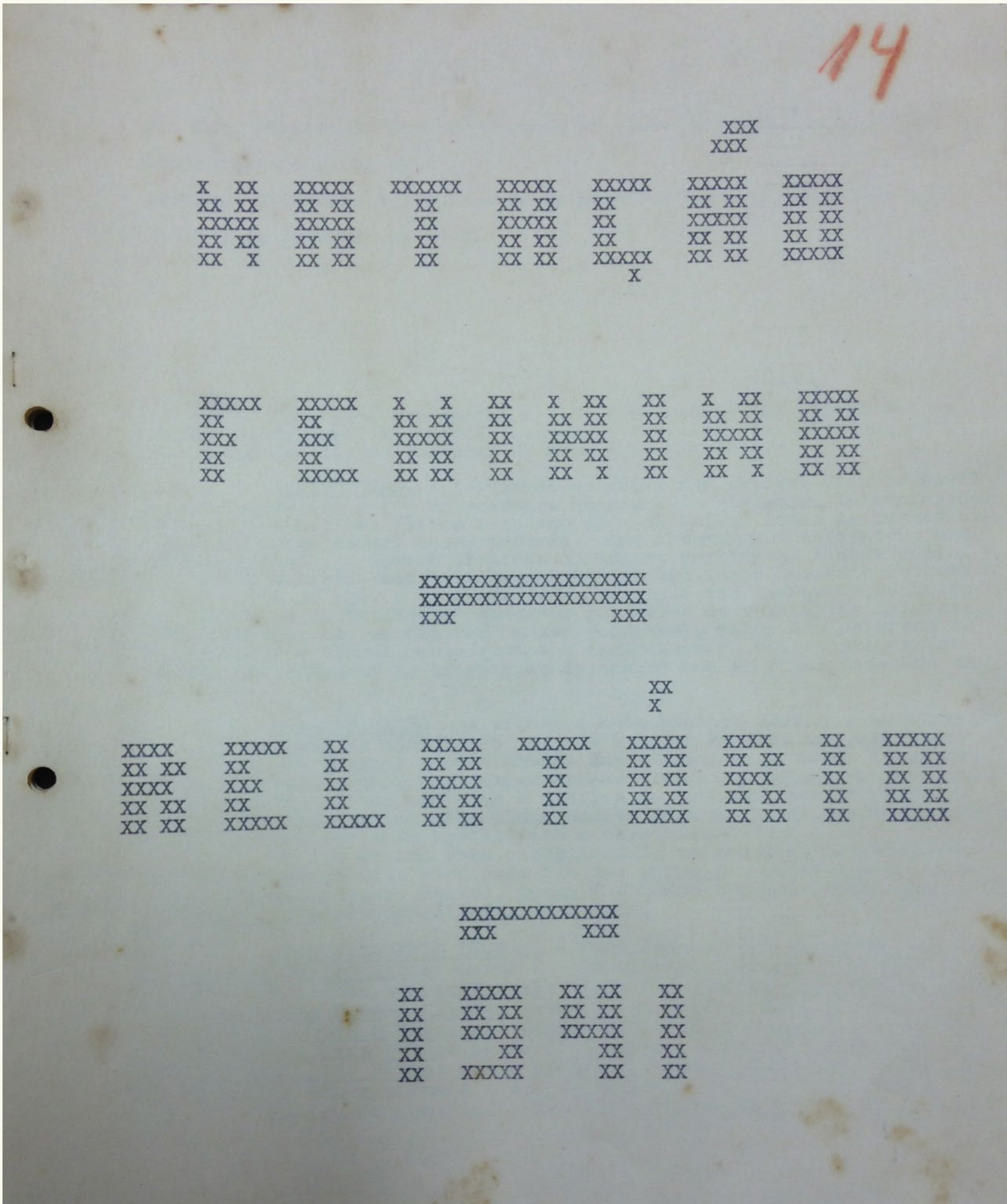


Figura 8 - Foto da capa de um dos relatórios feitos por Maria Lenk sobre a disciplina de natação, arquivo Centro de Memória Inezil Penna Marinho.

Maria Lenk também introduziu curso de verão na Escola de Educação Física, que acontecia sempre nas férias e a procura era enorme. Como a professora Maria Lenk dava aulas na piscina do Copacabana Palace Hotel durante este período, era a professora Margarida quem ministrava as aulas.





**Figura 9 - Foto do curso de verão, década de 1950, arquivo Centro de Memória Inezil Penna Marinho**



**Figura 10 - Foto do curso de verão, década de 1950, arquivo Centro de Memória Inezil Penna Marinho**



Maria Lenk foi uma figura ímpar por reunir tantas competências: maior atleta feminina de natação do Brasil, gestora, professora de Educação Física, educadora, estudiosa da natação e do exercício físico, cientista sempre atrás de pesquisa e inovação, geradora de conhecimento, autora de livros. O livro que ela publicou em 1941, *Organização da Educação Física e Desportos*, foi um marco histórico na gestão, e serviu de base para a administração esportiva pelas duas décadas seguintes em todas as faculdades (Lamartine DaCosta).

Ela, posteriormente, também inaugurou na América do Sul, o papel de mulher como diretora de uma faculdade: comandou o curso de Educação Física da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), de 1968 a 1972.

“Foi muito duro para Maria Lenk como diretora da Escola. Ela foi a primeira mulher a ser diretora da Escola. O machismo não é só lá que domina não, em todos os lugares, até hoje, as mulheres aos poucos estão assumindo suas posições, mas na verdade ela sofreu muitos problemas. (...) Uma mulher ser diretora numa universidade naquela época era barra pesada, e ela enfrentou. Se não estivesse preparada através da competição, ela talvez, não conseguisse resistir”. (professora Margarida)

Segundo relato do professor Waldyr Mendes Ramos, ela era uma diretora muito rígida, sob o ponto de vista da disciplina.

“Ela cobrava, era exigente e alguns professores ficavam incomodados com isso (...) tinha alguns professores que acreditavam que ela era uma espécie de espiã do regime militar brasileiro da época. Se eu não tivesse tido a oportunidade de conhecê-la melhor,



como colega na UFRJ e depois na natação máster, até poderia acreditar nisso, mas Maria Lenk não era uma pessoa partidária, ela não procurava os políticos, os políticos que queriam estar perto dela. Ela já era uma pessoa muito conhecida, tanto no Brasil como fora, e eles queriam tirar proveito disso. (...) por conta dessa ideia errada sobre Maria Lenk, por duas vezes foi arrancada uma placa em homenagem a ela num auditório da EEDF”. (Waldyr Ramos)



**Figura 11 - Homenagem feita à Maria Lenk na entrada do auditório Maria Lenk, na Escola de Educação Física e Desporto, UFRJ, foto tirada em março de 2017.**

Relato semelhante da colega de trabalho a professora Margarida Tereza da Cunha Menezes, que diz:

“A Maria Lenk era uma pessoa legalista, obedecia as normas regulamentares. E gostava de que as pessoas cumprissem. Isso dificultou. Porque ela era alemã, na época as pessoas associavam a Hitler, então aquilo foi criado como se ela fosse uma pessoa intolerante e exigente demais, e isso não era verdade. Ela sempre foi cumpridora dos deveres...foi diretora na época do regime militar aqui no Brasil, reforçou



assim essa determinada situação das pessoas acharem que ela também era política...era um preconceito duplo, por ser mulher e ser alemã” (professora Margarida)

Em entrevista realizada para o Boletim Informativo da Associação dos Ex-Alunos e dos amigos da Escola de Educação Física do Exército (AsEFEx), a própria Maria Lenk comenta a dificuldade enfrentada na sua gestão na Escola de Educação Física:

“Houve momentos difíceis nos anos de 60 e início de 70, quando fui nomeada Diretora da EEFD da UFRJ; isto feriu o machismo dos que achavam este cargo ser reservado aos homens que, até então, dirigiam a Escola (inicialmente militares e depois médicos). Agora, não só havia se quebrado esta rotina como, a pessoa indicada, além de ser da Educação Física era uma mulher.” (Maria Lenk, setembro/outubro 1998)

Segundo o professor Waldyr, Maria Lenk participou ativamente de importantes mudanças dentro da universidade. Primeiro, ela participou da implantação do currículo mínimo da Educação Física nas universidades a partir de 1969, com a Resolução 69/69. Foi também na gestão dela, como diretora da Escola de Educação Física, no mesmo ano, o Decreto-lei 705/69 tornava obrigatória a prática de Educação Física em todos os níveis de escolaridade. Ela teve participação na implementação desta obrigatoriedade de aulas de Educação Física nas universidades, ou seja, todos os alunos de outras faculdades tinham que obrigatoriamente fazer dois semestres de Educação Física. E isso, segundo o professor Waldyr vigorou de 1972 até 1991.

“A professora Maria Lenk foi uma das que apoiou muito isso (obrigatoriedade de aulas de Educação Física nas universidades), ...e aí então ela coordena-



nou muito também a Educação Física e o Esporte. Depois a própria universidade solicitou a direção da Escola de Educação Física, anos depois. Porque é da competência do professor que estava lá na Escola superior de preservar, fazer com que exista mercado de trabalho para estes profissionais. E essa obrigatoriedade das aulas nas Universidades, era um grande mercado de trabalho para o professor de Educação Física. Não deixou de existir, mas agora é opcional, eletiva” (Margarida)

E ainda, segundo a professora Margarida, foi também durante a gestão dela que se introduziu o sistema de créditos:

“...ela, na Escola, introduziu, não tenho certeza, mas acho que foi a primeira unidade da Universidade (UFRJ), que implantou o regime de créditos. Facilitou de certa forma, para os alunos, mas prejudicou ao mesmo tempo a unidade, o relacionamento, a amizade, a força estudantil. Isso eu senti, porque eu fiz o seriado. Então, era bom para o aluno, porque ele trabalhava e fazia um determinado número de créditos.”

Maria Lenk assumiu a diretoria da Escola de Educação Física e Desportos nos anos de 1968 a 1972. Em um período de transição de local da Praia Vermelha para a Ilha do Fundão, e na época da ditadura militar no Brasil. Ela contribuiu amplamente para a construção das instalações físicas da Escola. Como tinha experiência internacional, principalmente na Escola de Esportes de Berlin, ela trouxe de lá algumas ideias.





**Figura 12 - Fotos da professora Maria Lenk na construção da piscina na cidade universitária, na Ilha do Fundão, em 1970. Arquivo Centro de Memória Inezil Penna Marinho.**



“Talvez uma das maiores contribuições da professora Maria Lenk como diretora da Escola foi nas instalações esportivas lá no Fundão que eram muito boas. O material daquela época era extraordinário. Isso foi uma grande contribuição. Ela pegou a passagem, a transição da Urca para o Fundão. Porque quando estavam fazendo a construção da Escola lá no Fundão ela atuou demais lá, na ajuda com o pessoal da Universidade, porque ela foi para a Alemanha, para fazer na Escola tudo que ela tinha visto lá fora. (...) ela prestou muitas informações com relação à própria construção da Escola, com relação aos ginásios, à piscina. Colaborou e atuou nos projetos... Ela era uma professora preparada. Tinha um outro nível. Não estou dizendo que outros professores eram ruins. Tínhamos professores de altíssima qualidade, mas, como em todos os lugares, tinha professores excelentes e outros professores desinteressados. Eu não digo que eles eram ruins, mas não tinham aquele empenho e aquela vontade que as outras pessoas alcançavam, um nível elevado de atuação. Isso ela tinha”.  
(professora Margarida)



**Figura 13 - Piscina da Escola de Educação Física da UFRJ,  
foto tirada em 20/03/2017.**



No final do seu mandato, como diretora, ela entregou literalmente o bastão, num ato de espírito esportivo sempre presente em suas atitudes. No seu discurso, segundo trecho da entrevista feita pelo Centro de Memória Inezil Penna Marinho (UFRJ) com o professor Affonso Mac Dowell de Britto Pereira,

“(…) eu acho que Maria Lenk (…) Eu falo nas qualidades dela. Eu acho que essa Escola funcionava e outra coisa que eu achei muito legal, quando ela deixou o poder, ela não quis se perpetuar no poder. Que antigamente, os professores eram muito antigos. E a maioria eram fundadores, então havia um respeito mútuo. Havia diferenças, mas havia respeito mútuo. Entende? Então, ela, ela (…) Eu achei que ela fez um discurso simples e o bastão do revezamento, da corrida do revezamento, que passa, né? Ela trouxe um bastão de revezamento e passou para o outro diretor. A vida é uma corrida de revezamento”. (Affonso)



**Figura 14 - Foto do bastão que foi passado por Maria Lenk para as mãos da nova diretora Inah Bustamante Ferraz, que assumiu a diretoria depois de Maria Lenk, acervo Centro de Memória Inezil Penna Marinho UFRJ.**



Em 1979, Maria Lenk encerrou sua longa carreira de 42 anos de magistério, aposentando-se aos 64 anos de idade. Em entrevista concedida a Folha da UFRJ em 2003, em pergunta feita por Tiago Carvalho a ela: “Qual a sua relação com a UFRJ hoje em dia?” ela responde:

“...nesse conselho eu fui além de professora, professora catedrática, diretora de departamento e eventualmente diretora da Escola de Educação Física, e quando saí, recebi o título de Emérita, de forma que meus laços com a Universidade são de uma lembrança muito agradável e ainda tenho amigos que foram meus alunos e que hoje são professores e até diretores como por exemplo, o Waldyr Mendes, e nós temos um relacionamento constante e uma vez ou outra eu vou até lá fazer uma visita a eles.” ...

## **MARIA LENK: SUA HISTÓRIA NO COPACABANA PALACE**

Parte da história da natação brasileira se deu na piscina do Copacabana Palace. Foi lá que muitos cariocas aprenderam a nadar com a professora Maria Lenk na década de 1940.

“(..) Maria Lenk implantou em 1942, na piscina do Copa, a primeira escolinha de natação do país. Durante três décadas, os filhos da alta sociedade e dos políticos de maior prestígio foram seus alunos.” (Ricardo Boechat, 2009)





**Figura 15 - Maria Lenk com um aluno na piscina do Copacabana Palace, foto Biblioteca Nacional.**

O Copacabana Palace, erguido entre 1919 e 1923, era uma das pouquíssimas construções daquela época na orla de Copacabana. E a piscina do Hotel era um lugar ideal para as crianças aprenderem a nadar em segurança. Como alguns turistas americanos estavam vindo para o Copacabana Palace, o dono do hotel na época, Octávio Guinle, procurou criar uma série de atividades para promover o Brasil. Uma delas foi trazer Maria Lenk para dar aulas de natação na piscina do hotel para uma clientela seleta que certamente teria todo prazer de aprender a nadar com a maior nadadora de todos os tempos. Maria Lenk deu aulas lá durante



trinta anos, no verão, logo após sua aposentadoria como “atleta profissional”. Durante as aulas exigia das crianças disciplina de atleta. Hoje não há mais aulas de natação na piscina do Copacabana Palace, que só é frequentada pelos hóspedes e por 50 ilustres moradores do Rio, que pagam uma anuidade como uma espécie de clube.

## MARIA LENK NA NATAÇÃO MÁSTER

Aposentada, Maria Lenk, continuava aplicando em si mesma os métodos de manutenção de aptidão física por meio do exercício corporal regular. Diariamente, durante 30 a 40 minutos, praticava a natação, preferencialmente no mar o que lhe permitia cobrir um percurso de 1500 a 2000 metros.

“lembro da Maria Lenk um dia indo nadar no mar de ressaca. Ela entrava, nadava, o mar levava e ela saía para areia, escolhia outro ponto e entrava novamente. Fez isso várias vezes. Depois eu saí e não vi quanto tempo ela ficou fazendo isso, tentando nadar na ressaca sem o menor temor” (Stela Maris<sup>5</sup>)

Maria Lenk, não atuou só como nadadora máster, ela foi uma das fundadoras da Associação Brasileira de Mesters de Natação (ABMN), entidade responsável por organizar e realizar as competições de nadadores acima de 25 anos. Ainda hoje, no site da ABMN, Maria Lenk aparece como presidente de honra desta renomada Associação. Ela foi também uma grande colaboradora na elaboração da organização destas competições aqui no Brasil, devido à sua experiência internacional. E foi ainda, uma excepcional nadadora máster em todas as categorias em que participou. Maria Lenk começou a competir na natação máster por volta dos 65 anos de idade e não parou mais.



As primeiras informações a respeito de competições de natação máster foram trazidas pelo professor Waldyr Ramos, que na década de 1970, foi técnico da seleção brasileira de polo aquático e viajando pelos Estados Unidos, viu esse movimento por lá. Ao retornar ao Brasil procurou, então, o presidente da Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos (CBDA), Rogério Carneiro, para realizar uma competição máster no Rio de Janeiro. Mas a primeira competição máster de natação só foi acontecer em 1980 no Clube Regatas Flamengo, na qual Maria Lenk competiu. A partir daí, ela não deixou mais de participar de todas as competições, tanto nacionais como internacionais de natação máster (Waldyr Ramos).

A Federação Aquática do Rio de Janeiro (FARJ) realizou competições para másters de 1980 a 1984, sendo que este último Torneio (IX Torneio de Natação Máster, realizado no Vasco da Gama) só foi realizado por insistência de vários nadadores. Foi então que em 1984, neste próprio Torneio, foi feita uma reunião entre alguns nadadores, sob a direção de Sylvio Kelly, na qual decidiram fundar uma entidade nacional que representasse os nadadores másters. Nascia a Associação Brasileira de Masters de Natação (ABMN). De acordo com a ata dessa reunião, foram presentes Sylvio Kelly dos Santos, Theodoro de Freitas, Osmar Silva, Sérgio Vieira, Leandro Machado Júnior, Sandro Pantani, Antonio Ribeiro, Regina Riemer, Manoel dos Santos Júnior, Maria Lenk Zigler, Marlene Mendes, Maria Lucília Quaresma, Márcio Bivar Dias e Walter Zelmanovits, todos nadadores másters e fundadores da ABMN (DEVIDE, Fabiano).

Ainda segundo DEVIDE, nesta reunião foram decididos os primeiros passos importantes da ABMN: seu estatuto e seu local de funcionamento. Elegeu-se uma comissão que iniciaria a gestão da entidade e foram criadas duas sub-sedes para a adesão de mais associados: uma em Belo Horizonte e outra em São Paulo. Estipulou-se a quantia referente à



contribuição anual dos associados e marcou-se uma data para a assembleia geral de fundação da entidade em fevereiro de 1985.

Durante quatro anos de torneios de natação máster organizados pela FARJ, Sylvio Kelly manteve contato com o MSI (Master Swimming International), ficando a par do que acontecia com a natação máster norte-americana e Maria Lenk trazia, dos Estados Unidos, ricas informações sobre a organização dos campeonatos de másters internacionais.

Naquela época, a Master Swimming International Association (MSA) era uma entidade internacional responsável pelas competições másters. A FINA (Federação Internacional de Natação) só as assumiu mais tarde, quando percebeu que eram um sucesso. E a Maria Lenk, participava de todos os campeonatos másters brasileiros e internacionais, vivia a natação e era extremamente preocupada com a técnica de seu nado.

“algumas vezes quando ela ia à UFRJ para cadastramento, depois que se aposentou, me procurava, principalmente perto das competições, para que eu pudesse ver e corrigir, se fosse preciso, o nado dela.” (Waldyr Ramos)

Cristina Fanzeres<sup>6</sup> lembra que Maria Lenk recusava ajuda para subir no bloco de partida:

“ela fazia questão de subir no bloco de partida sozinha, mesmo já com muita idade recusava ajuda...ela era uma pessoa bem humorada, tinha muito conhecimento e dava muita importância à saúde.”

Na natação máster há a mudança de categoria de cinco em cinco anos, e cada vez que Maria Lenk mudava de categoria batia vários recordes. Ela possui em torno de qua-



renta diplomas da FINA, ou seja, 40 recordes mundiais na natação máster. Só na categoria dos 90 aos 94 anos, ela bateu três recordes. Seguiu à risca a rotina de treinos na piscina do Flamengo e no mar do Leblon. Publicou em 2003 o livro Longevidade e Esporte.



**Figura 16 - Campeonato Brasileiro de Natação Máster, Fortaleza, Ceará. Maria Lenk no centro de maiô azul. Uma das últimas competições de Maria Lenk, arquivo professor Waldyr Ramos.**

## **UM PARQUE AQUÁTICO CHAMADO MARIA LENK**

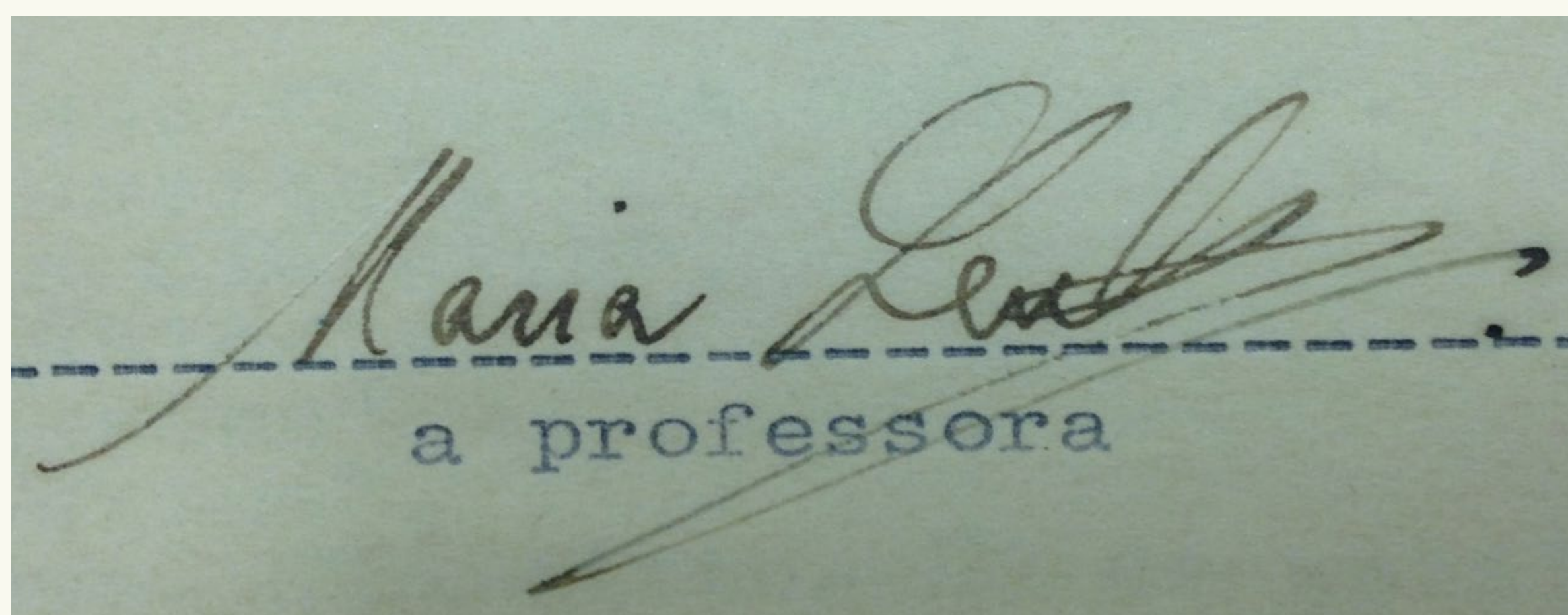
Em 2006, por conta da construção do Parque Aquático para realização dos Jogos Pan-americanos que seriam realizados na cidade do Rio de Janeiro em 2007, seu nome foi indicado, mas ela não chegou a nadar nesta piscina.



No dia 9 de abril de 2007, a professora Ana Miragaya entrou em contato por telefone com a professora Maria Lenk para acertarem sua ida, no dia 1º de maio, à Faculdade de Educação Física da UFRJ, onde a profa. Lenk iria ser homenageada, especialmente pela professora americana Margaret Costa, da CSULB (California State University at Long Beach). A profa. Margaret Costa iria fazer uma apresentação sobre os Jogos Olímpicos de 1932, focando na participação de Maria Lenk, prestando uma homenagem. Ao telefone, a professora Maria Lenk disse que não tinha certeza de sua ida nesse dia porque teria que ir à obra do parque aquático que levaria seu nome se encontrar com o prefeito da cidade do Rio de Janeiro à época, César Maia, para juntos planejarem a inauguração que ocorreria em julho, às vésperas do início dos Jogos Pan-americanos. Ficou combinado então que a profa. Ana Miragaya retornaria o contato por volta do dia 20 de abril para então acertarem dia e hora de sua visita à UFRJ, o que infelizmente não ocorreu.

No dia 16 de abril de 2007, Maria Lenk faleceu, aos 92 anos de idade, fazendo o que mais gostava de fazer, nadar “em um treino que estava se preparando para um campeonato brasileiro, passou mal, foi para o hospital e não saiu mais de lá. Foi direto para a piscina azul, como dizem os nadadores másters...”(Cristina Fanzeres).

Em 2015, Maria Lenk entrou na lista das 10 grandes mulheres que marcaram a história do Rio de Janeiro.

A close-up photograph of a handwritten signature in blue ink. The signature is written in a cursive style and reads "Maria Lenk". Below the signature, there is a dashed horizontal line, and underneath that line, the words "a professora" are printed in a simple, sans-serif font. The background is a light-colored, slightly textured paper.

**Figura 17 - Foto da assinatura da professora Maria Lenk. Arquivo Centro de Memória Inezil Penna Marinho, UFRJ.**



Agradecimentos: aos colaboradores que gentilmente disponibilizaram parte do seu tempo com ricos depoimentos: Profa. Maysa Andrade Amorim, Prof. Waldyr Mendes Ramos, Profa. Cristina Fanzeres, Comte. Luiz Carlos Serrano, Profa. Margarida Tereza da Cunha Menezes, Profa. Stella Maris, Cel. Mauro Secco, Maj. Girardi, à Carolina Ramos, funcionária do Centro de Memória Inezil Penna Marinho da UFRJ pela ajuda e coleta dos documentos referentes à Maria Lenk e ao departamento de comunicação do Copacabana Palace, pela gentileza de enviar dados da história referente à Maria Lenk.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

SPORT TV, Maria Lenk Copacabana Palace. youtube.com.br acesso em 16/01/2017.

Boechat, Ricardo, 2009. Copacabana Palace um hotel e sua história. Prata da Casa.

Boletim Informativo Set/Out 1998. Associação dos Ex Alunos e dos amigos da Escola de Educação Física do Exército (AsEFEx).

CEFAN, 100 anos de esporte na Marinha do Brasil, da Liga de Sports ao Programa Olímpico. 2015.

DEVIDE, Fabiano Pries. Associação Brasileira de Másters de Natação (ABMN): Ponto de referência na história da natação máster brasileira. Rio de Janeiro.(s/d)

Entrevista com o professor Affonso Mac Dowell de Britto Pereira feita pelo Centro de Memória Inezil Penna Marinho, em 07/02/2012.



FOLHA UFRJ, 2003 entrevista com Maria Lenk.

Jornal dos Sports 08/06/1982.

LENK, Maria. Braçadas & Abraços. Rio de Janeiro: Gráfica Bradesco, 1982.

Rede Record, Programa Memória do Esporte Brasileiro – Maria Lenk.youtube.com.br acesso em 20/01/2017.

Revista de Educação Física nº 45, de 1939.

Filme: “Maria Lenk, Essência do Espírito Olímpico.” direção Iberê Carvalho <https://vimeo.com/ibere/marialenk> (17/01/2017)

DACOSTA, Lamartine. Youtube.com.br acesso em 23/01/2017. Maria Lenk e Gestão do Esporte.

Wikipédia, acesso dezembro de 2016. Maria Lenk.

## NOTAS

1. Baldrana era uma espécie de cinturão.
2. Margarida Tereza da Cunha Menezes, professora Emérita da UFRJ, entrou na Escola de Educação Física da Universidade do Brasil (atual UFRJ) em 1942, nesta época, a professora Maria Lenk estava nos Estados Unidos. Depois quando Maria Lenk retornou ao Brasil, ela foi sua professora na disciplina de natação. Margarida também foi atleta de natação do Clube Botafogo, na década de 40, onde Maria Lenk foi sua técnica de natação. Anos depois, Margarida trabalhou como professora da disciplina de balé aquático (hoje nado sincronizado) na EEFD da UFRJ, sendo então colega de Maria Lenk lá.



3. Naquela época, os atletas olímpicos não poderiam ser profissionais, ou seja, a atividade não poderia ser exercida como profissão, trabalho.
4. O professor Waldyr Mendes Ramos é professor da Escola de Educação Física da UFRJ desde 1977. Foi diretor por quatro mandatos. Havia sido aluno e depois monitor da professora Maria Lenk, em 1971, na disciplina esportes aquáticos e natação. E foi um dos fundadores, junto com a professora Maria Lenk, da Associação Brasileira de Natação Master.
5. Stela Maris foi aluna da professora Maria Lenk na UFRJ e morava perto dela no Leblon. Muitas vezes via Maria Lenk ir treinar no mar.
6. Cristina Fanzeres tem 59 anos, é professora aposentada de Educação Física, foi aluna da professora Maria Lenk na UFRJ no final da década de 1970. Depois a reencontrou na natação máster em 1999, quando iniciou sua carreira como atleta máster.



## CHAPTER 7

# THE TWO CAREERS OF WORLD RECORD HOLDER MARIA LENK AT THE INTERNATIONAL SWIMMING HALL OF FAME – USA

*Ana Miragaya*

**T**he aim of this text is to review the history of the honorable inclusion of our pioneering Olympic heroine in the International Swimming Hall of Fame (ISHOF).

First of all, it is important to describe the historical and current context of ISHOF and what it represents for international swimming. After that, the author shares the documents and photos of Maria Lenk that are in her individual archive in the institution in focus, with respective interpretation.

To have one's name registered or "immortalized" in the International Swimming Hall or Hall of Fame (ISHOF) represents the ultimate achievement in world swimming for an athlete. It is a privilege and an honor to be selected and invited to join the selected group of the world's greatest swimmers of all times celebrated by this institution. The impact of a tribute like this can be very relevant to sport



development in a country as it arouses admiration and inspires swimmers, especially women swimmers, in the case of Maria Lenk. It may also encourage many young sportsmen and sportswomen, who see it as an example to be followed, promoting the development of swimming and sport in general.

Maria Lenk also dreamed of having her name included in ISHOF. So much so that it is true that she attended the inauguration of this institution, according to the document presented later in the text. She did so much for Brazilian swimming, particularly for women's swimming, given the circumstances that existed in the Brazilian context between 1930 and 1942, conservative and very reticent to the participation of women in sports. Maria Lenk inspired many girls to challenge the conservatism that existed, as she had done, and to devote themselves to a career in swimming or in sport in general.

In the 12 years Maria Lenk developed her career as a high-performance swimmer, she did so in an amateur way, that is, she did not receive payment for what she did, dedicating her time to swimming, but received support from her family, initially, and after that from institutions. After her retirement from the pools, she began working as a teacher and then as director of the School of Physical Education and Sports of UFRJ, facing prejudices that she won with courage, determination and elegance. In 1980 she returned to the pools as a master swimmer and only stopped in 2007, when she passed away.

In May 2019, I had the opportunity to visit ISHOF to research about the process of Maria Lenk's indication to become an honoree in files that might be available. On this visit I met the assistant executive director of ISHOF, Dr. Yvonne Schmid, who received visitors and researchers at ISHOF. I identified myself as a Brazilian researcher and indicated



that I was looking for files on Maria Lenk, for a book which was being developed. Our Olympic heroine had been honored in 1988. Very kindly she led me to the hall area where there was a file with pictures of Maria Lenk.

There was also a display, protected with a layer of plastic, with several photos of Maria Lenk, which I share in the text of the chapter with some explanations.

Then Dr. Schmid took me to a room where I could handle, on a large table, a folder that contained photos and documents that belonged to the small collection that ISHOF had of our great swimmer. As I was allowed to photograph them, I share some of these photos in this chapter. A few of them appear in Maria Lenk's last book, "Longevity and Sport", and must have been given by her to the ISHOF archive. There are also historical documents with some photos.

The documents found in Maria Lenk's ISHOF archive are letters she wrote to ISHOF officials, forms, letters exchanged between sports authorities at the time, and leaflets. I have chosen to arrange them all chronologically, from the very first ones, to clearly analyze the historical process that culminated in the first tribute to our famous heroine. Yes! There was later a second tribute!

The documents, which are in English, are presented below, preceded by an explanation and interpretation of the facts that appear in these records so that the reader can understand the context of the time and the degree of importance of the people involved. Since most of the cards are spaced in time, there was a need to resort to the context for the understanding of each one. It is verified that the process of nominating an athlete to become part of ISHOF is sophisticated. In the case of Maria Lenk, it required about 15 years for her name to be integrated into the privileged board of



honorees since her first indication in 1973, about 20 years after the creation of ISHOF. Brazil now has only Maria Lenk and Gustavo Borges, honored in 2012.

Maria Lenk had two brilliant international careers in swimming: as a high-performance swimmer (1930-1942) and as a master swimmer (1980-2007). Our world record holder was an excellent manager of her sports career, being privileged with two honors in the International Swimming Hall of Fame (ISHOF), respectively, the first one in 1988 and the second one in 2008, a year after her death.



## CAPÍTULO 7

# AS DUAS CARREIRAS DE RECORDISTA MUNDIAL DE MARIA LENK NO HALL DA FAMA DA NATAÇÃO INTERNACIONAL – ESTADOS UNIDOS

*Ana Miragaya*

**M**aria Lenk teve uma carreira muito bem sucedida como nadadora de alto rendimento (1930-1942), primeira atleta brasileira e sul-americana a competir numa edição dos Jogos Olímpicos, com dois recordes mundiais em 1939, uma carreira master brilhante, sem contar tantas outras realizações admiráveis. Por isso foi prestigiada com muitas menções honrosas, prêmios e tributos ao longo de sua vida. Foram homenagens nacionais, às vezes coletivas, como a do jornal O Globo em 1959, quando ela aparece ao lado de outros heróis e heroína do esporte brasileiro: Adhemar Ferreira da Silva (1927-2001), à direita, primeiro bicampeão olímpico do Brasil, no salto triplo (1952 e 1956), e Guilherme Paraense (1884-1968), à esquerda, primeira medalha de ouro do Brasil numa edição dos Jogos Olímpicos, no tiro, em Antuérpia, Bélgica em 1920. Logo a seguir



está Maria Esther Bueno (1939-2018), primeira campeã brasileira em Wimbledon, em 1959, e 589 títulos internacionais em sua carreira; Bellini (Hilderado Luís Bellini - 1930-2014) capitão da Seleção Brasileira de futebol na conquista do primeiro título mundial em 1958; e por último, na extrema esquerda, Algodão (Zenny de Azevedo - 1925-2001), jogador de basquete, campeão mundial em 1959, e duas medalhas olímpicas de bronze (1948-1960). Maria Lenk sempre esteve na elite do esporte no Brasil.



**Fig.1 Da esquerda para a direita: Algodão, Bellini, Maria Esther Bueno, Guilherme Paraense, Maria Lenk e Adhemar Ferreira da Silva (julho de 1959).**

*Fonte: acervo do jornal O Globo.*

Em termos de homenagens internacionais, cabe destacar que em 1942, Maria Lenk foi agraciada com a medalha de “Good Sportsmanship” (Boa Esportividade), concedida pela Amateur Athletic Union (AAU) aos esportistas que revelassem espírito esportivo, além de suas conquistas nos esportes de alto rendimento. Teve também seu nome inscrito como nadadora do ano numa enorme taça no Helms Hall da Helms Athletic Foundation (Fig.2), que homenageava atletas de vários esportes.





**Fig. 2. Cartão postal da Helms Hall, na época, conhecido como santuário dos esportes internacionais.**

*Fonte: amazon.com*

Em 1980, Maria Lenk esteve na Academia Olímpica Internacional (AOI), na cidade de Olímpia, na Grécia, como atleta olímpica, para participar de uma homenagem. Ela fez um discurso ressaltando o que sentiu quando participou dos Jogos Olímpicos de 1932 e 1936, ressaltando os valores que sempre fizeram parte de sua vida, os valores olímpicos. Este discurso está na íntegra no Anexo 1 deste livro.

No entanto, para uma nadadora excepcional como nossa heroína olímpica, ainda faltava o reconhecimento diretamente ligado à natação, que tivesse muito prestígio e que fosse vinculado tanto à área nacional quanto à internacional.

Com o desenvolvimento e o crescimento da natação internacional, especialmente nos Estados Unidos, em 1965, houve a fundação do Swimming Hall of Fame, na cidade de Fort Lauderdale, no estado da Flórida, que Maria Lenk acompanhou à distância, uma vez que se mantinha atua-



lizada a respeito da natação e da nascente ciência do esporte através de jornais e revistas em inglês e alemão. Lá seria ela eternizada duas décadas depois.

Aliás, Maria Lenk foi a primeira atleta do Brasil a ser homenageada em um Salão Internacional da Fama de um esporte e, também, a primeira nadadora brasileira a ter seu nome inscrito entre os melhores nadadores do mundo, o que ocorreu em 1988, justamente no International Swimming Hall of Fame (ISHOF), instituição mundialmente reconhecida. No entanto, a indicação de seu nome se iniciou muito antes desse ano, e teve continuidade nos anos que se seguiram, inclusive até depois de seu passamento.

O objetivo deste texto é revisar a história da inclusão honrosa de nossa heroína olímpica pioneira no ISHOF.

Para isso inicialmente estabelece-se o contexto histórico do ISHOF e o que ele representa hoje para a natação internacional e, em seguida, passa-se à apresentação dos documentos e fotos de Maria Lenk que se encontram em seu arquivo individual na instituição em foco, com respectiva interpretação.

Ter seu nome inscrito ou pressuposto como “imortalizado” no Salão ou Hall Internacional da Fama da Natação (ISHOF) representa o nível mais elevado da natação mundial para um atleta e por isso é um privilégio e uma honraria ser selecionado e convidado para integrar o quadro dos grandes nadadores do mundo celebrados por esta instituição. O impacto de uma homenagem como esta pode ser muito relevante para o esporte de um país, pois desperta admiração e inspira nadadores, especialmente nadadoras, no caso de Maria Lenk, assim como incentiva muitos jovens esportistas, que a veem como exemplo a ser seguido, promovendo o desenvolvimento da natação e do esporte.



## O INTERNATIONAL SWIMMING HALL OF FAME (ISHOF) O SALÃO INTERNACIONAL DA FAMA DA NATAÇÃO

Como um salão ou “templo” da fama é um local estabelecido para homenagear indivíduos de realização notável dentro de uma área específica, o ISHOF é quase como um santuário devotado à história, memória e reconhecimento dos famosos nadadores, atletas de saltos ornamentais, jogadores de polo aquático, nadadores sincronizados e demais pessoas envolvidas em educação e atividades aquáticas, em todo o mundo, ou seja, exemplos e realizações servirão para inspirar, educar e ser modelos para todos aqueles que participam da experiência e programas do Hall da Fama. Por isso, todo atleta sonha em se tornar “imortal” num Hall da Fama, especialmente os atletas de esportes aquáticos com relação ao ISHOF.

Maria Lenk também sonhava em ter seu nome inscrito no ISHOF. Tanto isso é verdade que ela esteve presente na inauguração da entidade, conforme veremos adiante. Ela trouxe grandes contribuições pela natação brasileira, particularmente pela natação feminina, dadas as circunstâncias que existiam no contexto do Brasil entre 1930 e 1942, conservador e muito reticente à participação da mulher no esporte. Maria Lenk inspirou muitas meninas a desafiar o conservadorismo que existia, como ela havia feito, e a se dedicarem a uma carreira na natação ou no esporte, de uma forma geral. Nos 12 anos em que ela desenvolveu sua carreira de nadadora de alto rendimento, o fez de forma amadora, ou seja, não recebia pagamento pelo que fazia, dedicando seu tempo à natação, porém recebia apoio da família, inicialmente, e depois de instituições. Após sua aposentadoria das piscinas, começou a trabalhar como professora e depois como diretora da Escola de Educa-



ção Física e Desportos da UFRJ, enfrentando preconceitos que venceu com galhardia, determinação e elegância. Em 1980 retornou às piscinas já como nadadora master e daí só parou quando de seu falecimento, em 2007.

O ISHOF é um museu de história, de iniciativa privada, servindo como ponto central para o estudo da história da natação nos Estados Unidos e em todo o mundo. As exposições incluem arte antiga, arte original e algumas reproduções, retratando momentos famosos da história da natação (do tempo antigo ao moderno), direitos civis, trajes de banho utilizados em natação assim como lembranças e objetos pertencentes a pessoas que promoveram ou se destacaram em esportes aquáticos. Apesar da ideia e do plano original serem de 1962, o ISHOF foi oficialmente fundado em 1965 como Hall da Fama dos Estados Unidos, porém com o reconhecimento pela FINA (Fédération Internationale de Natation - Federação Internacional de Natação) em 1968, passou a ser ISHOF, o salão oficial internacional para a natação e demais esportes aquáticos, que hoje também incluem o polo aquático, saltos ornamentais, maratona aquática, nado sincronizado, hoje nado artístico, e masters.

A FINA, reconhecida pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), foi fundada durante os Jogos Olímpicos de Londres, em 1908, com oito federações nacionais responsáveis por sua formação: Bélgica, Dinamarca, Finlândia, França, Alemanha, Grã-Bretanha, Hungria e Suécia. É uma das várias federações internacionais autônomas que administram um determinado esporte ou modalidade vinculada ao COI e comunidade internacional. Atualmente, a FINA supervisiona a competição de seis esportes aquáticos: natação, saltos ornamentais, mergulho a partir de plataformas altas, nado artístico ou sincronizado, polo aquático e natação em águas abertas. A FINA também supervisiona as competições "Masters" (para adultos a partir dos 25 anos de idade) em suas modalidades.



A categoria master da FINA tem como objetivo manter os amantes e praticantes de esportes aquáticos, como natação, e também atletas de alto rendimento em atividade. Essa categoria inclui três modalidades: natação pura, polo aquático e águas abertas. Natação pura ou também natação desportiva é a prática da natação de competição em piscinas utilizando os quatro estilos já conhecidos: crawl, peito, costas e borboleta. A classe de masters na natação se iniciou em 1970 nos Estados Unidos com o primeiro campeonato nacional. A partir daí, a natação master se espalhou pelo mundo e iniciou-se no Brasil em 1980, tornando-se oficial em 1984. Foi justamente à categoria master de natação pura que Maria Lenk se dedicou depois que se aposentou como professora universitária.

O ISHOF é uma organização educacional sem fins lucrativos, cuja missão em termos formais é colaborar com associações e entidades aquáticas em todo o mundo para preservar, educar e celebrar a história, sediar eventos, compartilhar culturas e aumentar a participação em esportes aquáticos. Sua visão institucional é ser o ponto focal global para registrar e compartilhar a história dos esportes aquáticos, promover a natação como uma habilidade essencial para a vida e desenvolver programas educacionais e eventos relacionados ao esporte aquático.

O ISHOF integra praticantes de excelência desses esportes ao Hall da Fama como homenageados ou, honorees, em inglês, em uma das seguintes categorias: nadadores, atletas de saltos ornamentais, jogadores de polo aquático, atletas de nado sincronizado, maratonistas aquáticos, atletas masters, treinadores, colaboradores dos esportes aquáticos e pioneiros.

O legado de natação de Fort Lauderdale remonta à icônica Casino Pool (Fig. 3), a primeira piscina de tamanho olímpico (50m x 20m) na Flórida, construída em 1928, que



estabeleceria o começo da tradição da natação na cidade e que a tornou um destino turístico. Era uma piscina de água marinha trocada duas vezes por semana diretamente do Oceano Atlântico. Permaneceu na vanguarda da cena da natação por quase meio século, revelando muitos atletas e talentos da natação americana, como Katherine Rawls (1917-1982), que integrou o revezamento 4x100 livre feminino, campeão nos Jogos de 1936 em Berlim. Rawls era também atleta de saltos ornamentais e nos Jogos de 1932 havia conquistado a medalha de prata no trampolim de três metros. Maria Lenk também competiu nesses Jogos, mas sem conquistar medalhas.



**Fig. 3** Cartão postal da época com foto da Casino Pool e com os dizeres “É aqui que os nadadores Olímpicos da América treinam.

*Fonte: [bestswimming.swimchannel.net](http://bestswimming.swimchannel.net)*

A Casino Pool ficou em evidência de 1928 a 1966, mas já em 1965 surgiu o Complexo Aquático de Fort Lauderdale (Fort Lauderdale Aquatic Complex), com duas piscinas olímpicas e uma outra para saltos ornamentais, além

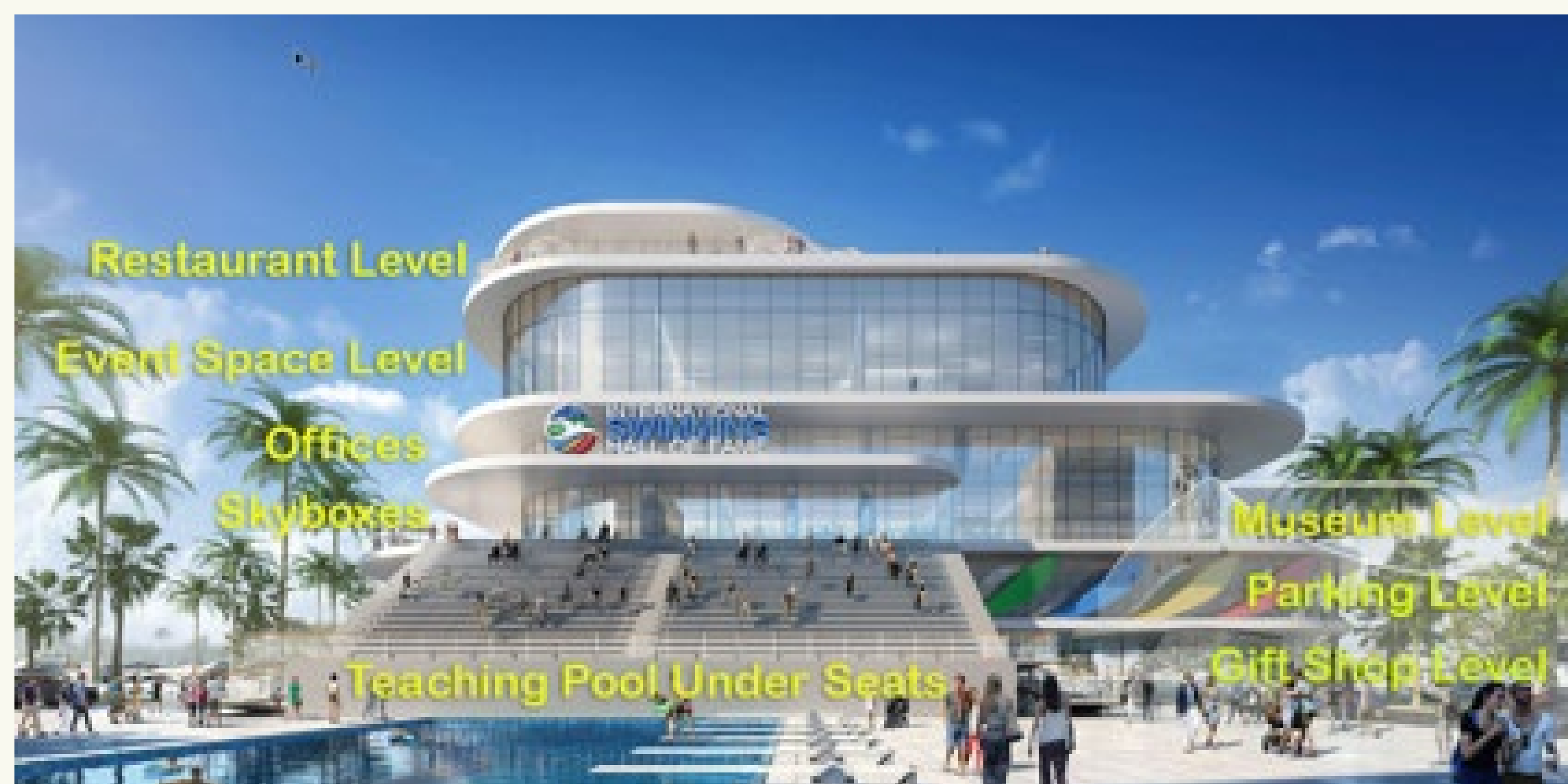


da sede do Swimming Hall of Fame (Fig. 4). O complexo aquático se encontra atualmente em reforma, para ganhar estrutura mais moderna e adaptada a receber torneios internacionais (Fig. 5). Com isso, Fort Lauderdale ganhou o status de capital da natação americana e mundial.



**Fig. 4 Foto do Complexo Aquático de Fort Lauderdale com o ISHOF ao fundo, final da década de 1960, ainda antes de se tornar internacional. Observa-se na entrada do complexo um quadrado no chão com a inscrição SHF (Swimming Hall of Fame)**

*Fonte: [swimmingworldmagazine.com](http://swimmingworldmagazine.com)*



**Fig. 5 Projeto de renovação do ISHOF a ficar pronto ao final de 2021.**

*Fonte: [Facebook.com/ISHOF](https://www.facebook.com/ISHOF)*



A ideia de um Hall da Fama da Natação começou com a União Atlética Amadora dos Estados Unidos (Amateur Athletic Union of the United States), por um comitê liderado pelo então presidente da FINA, Max Ritter. O Fórum de Treinadores de Natação das Universidades (College Coaches Swim Forum) foi o primeiro grupo a mostrar interesse num Hall da Fama na cidade de Fort Lauderdale, sendo apoiado pela prefeitura e pelo governo do estado da Flórida, especialmente porque a cidade já tinha um passado ligado à natação devido à piscina olímpica (Casino Pool) que havia sido construída em 1928, palco de muitas competições aquáticas e da frequência de atletas famosos. Um dos grandes proponentes foi o Dr. Harold Henning, que depois viria a ser a primeira autoridade da natação a propor o nome de Maria Lenk para o ISHOF.

Com a prefeitura e o governo do estado expressando apoio ao estabelecimento do Hall da Fama da Natação, a Comissão Municipal criou um comitê de apoio no início de 1962. Houve muito incentivo por parte de vários grupos de entidades, pessoas interessadas, autoridades da natação, como o Dr. Harold Henning, e também de cidadãos. Quando foi fundado, em 1965, era somente um Hall da Fama de Natação, que incluía apenas atletas americanos. Johnny Weissmuller (1904-1984), um dos maiores nomes da natação mundial, atleta olímpico (Jogos de 1924 e 1928), depois ator, vivendo Tarzan nas telas, foi um dos fundadores e primeiro presidente do Hall da Fama, tendo sido admitido como homenageado (honoree) no mesmo ano, 1965.

O Hall da Fama da Natação tornou-se Hall Internacional da Fama da Natação (ISHOF) em 1968, durante os Jogos Olímpicos do México, quando o congresso da FINA o reconheceu como primeiro hall da fama no mundo.



## VISITA DA PESQUISADORA AO ISHOF

Em maio de 2019, tive a oportunidade de visitar o ISHOF (Fig. 6) para pesquisar sobre o processo de nomeação de nossa campeã olímpica em arquivos que talvez estivessem disponíveis.



**Fig. 6 Ana Miragaya na entrada do ISHOF**  
*Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.*

Nesta visita conheci a assistente do diretor executivo do ISHOF, a Dra. Yvonne Schmid (Fig. 7), que recebia os visitantes e pesquisadores no ISHOF. Identifiquei-me como pesquisadora brasileira e indiquei que estava buscando ar-



quivos sobre Maria Lenk, para um livro em desenvolvimento. Nossa heroína olímpica havia sido homenageada em 1988. Muito gentilmente ela me conduziu para a área do salão (Fig. 8) onde estava um arquivo com fotos de Maria Lenk.



**Fig. 7 Ana Miragaya e Yvonne Schmid em frente ao arquivo Maria Lenk.**  
*Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.*



**Fig. 8 Entrada do museu do ISHOF**  
*Foto: Vicente Ambrósio; Acervo: Ana Miragaya.*

Neste display no salão, protegidas com uma camada de plástico, estavam várias fotos de Maria Lenk, que copio abaixo com algumas explicações.





**Fig. 9 Retrato de Maria Lenk, abaixo com destaque:  
primeira nadadora sul-americana recordista mundial  
dos 200m e 400m nado de peito em 1939.**

*Foto de Vicente Ambrósio; Acervo: Ana Miragaya.*





**Fig. 10 Biografia curta e os recordes de Maria Lenk aparecem em negrito logo no início: três recordes mundiais (200m e 400m nado de peito e um revezamento); Campeonatos de Natação na América do Sul: 1935 ouro (100m costas, 200m peito) e um revezamento. Nove recordes nos Estados Unidos (200 jardas, 220 jardas, 440 jardas, 500 jardas, 200m, 400m e 500m nado de peito). Membro da delegação olímpica brasileira em 1932 e 1936. Pioneira no desenvolvimento do nado borboleta. Ela foi homenageada como nadadora pioneira (pioneer swimmer). A foto retrata Maria Lenk no início de sua carreira com a camisa do clube que defendia: o Tietê, daí a letra "T".**  
*Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.*



**Fig. 11 Maria Lenk, a primeira nadadora internacional e primeira mulher da América do Sul a competir nos Jogos Olímpicos (1932). Essa foto mostra o nado borboleta que Maria Lenk utilizou nos Jogos Olímpicos de 1936 em Berlim, como variante do nado de peito. Ela foi a primeira mulher a competir com o nado borboleta numa edição dos Jogos Olímpicos.**  
*Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.*



Em seguida, a Dra. Yvonne me levou a uma sala onde pude manusear, numa grande mesa, uma pasta que continha fotos e documentos que pertenciam ao pequeno acervo que o ISHOF tinha de nossa grande nadadora. Como tive permissão para fotografá-los, compartilho abaixo algumas dessas fotos. Algumas delas constam do último livro de Maria Lenk, “Longevidade e Esporte”, e devem ter sido cedidas por ela ao arquivo do ISHOF. Há também documentos históricos com algumas fotos.

## FOTOS DO ARQUIVO



**Fig. 12 Retrato de Maria Lenk, circa 1968.**  
*Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.*





**Fig. 13 Maria Lenk e seu treinador de 1938 a 1942, Irineu Ramos Gomes**  
*Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.*



**Fig. 14 Maria Lenk antes de sua ida aos Jogos de Berlim, em 1936**  
*Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.*





**Fig. 15 Maria Lenk, à direita, com John Weissmuller (1904-1984), ao centro. Presidente do ISHOF, atleta olímpico, conquistou 5 medalhas de ouro nos Jogos de 1924 e de 1928, em natação, quebrou 51 recordes mundiais, foi também atleta de polo aquático, além de famoso ator representando Tarzan. Foi homenageado em 1965.**

*Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.*





**Fig. 16 Maria Lenk e June Krauser (1926-2014), uma das fundadoras da U.S. Masters Swimming. Ela estabeleceu 154 recordes nacionais e 73 recordes mundiais, sendo homenageada no Hall da Fama da Natação Internacional em 1994, 6 anos depois de Maria Lenk. June foi também fundadora da natação master mundial. Foto tirada no Congresso de masters da natação da FINA em Christchurch, Nova Zelândia em 2002.**  
*Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.*





**Fig. 17** Maria Lenk ao imprimir sua mão, pé e assinatura no ISHOF em 1988.  
*Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.*





**Fig. 18** Pé e mão de Maria Lenk já eternizados no Hall da Fama  
*Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.*



**Fig. 19** Maria Lenk, no plano posterior, conversa com William “Buck” Dawson. No plano anterior estão John Weissmuller, sentado, à direita, e James Counsilman, à esquerda. São personagens que aparecerão na história à frente. Como essa foto não tem data, presume-se que pode ter sido na fundação do Hall da Fama em 1965, pois ela menciona na carta enviada a Counsilman (Fig. 25) que esteve presente à inauguração do Hall da Fama. Há inclusive um pódio reservado ao governador da Flórida do lado direito.  
*Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.*





**Fig. 20 Maria Lenk com Mustapha Larfaoui** (algeriano, nascido em 1932), presidente da FINA (1988 a 2009) justamente quando Maria Lenk foi homenageada pelo ISHOF. Foto tirada provavelmente em 1988, quando Maria Lenk foi homenageada. Ela tinha na época, 73 anos de idade.  
*Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.*





**Fig. 21** Maria Lenk à direita e o nadador havaiano Duke Kahanamoku (1890-1968) ao centro. Ele popularizou o surfe e foi cinco vezes medalhista olímpico (1912 com ouro nos 100m livres e prata no revezamento livre; 1920, ouro 100m livres e 4 x 200 revezamento livre; 1924, prata 100m livres; e 1932). Foi homenageado em 1965, quando da inauguração do Hall da Fama.

*Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.*



## DOCUMENTOS E FOTOS

Os documentos que se encontram no arquivo de Maria Lenk no ISHOF são cartas que ela escreveu para autoridades do ISHOF, formulários, cartas trocadas entre autoridades da natação da época, e folhetos. Elegi dispor todos cronologicamente a partir dos mais antigos, com o objetivo de historiar de forma clara o processo que culminou na primeira homenagem à nossa famosa heroína. Primeira, sim, porque houve posteriormente uma segunda homenagem!

Os documentos, que estão em inglês, são apresentados a seguir, precedidos de uma explicação e interpretação dos fatos que aparecem nesses registros de forma que o leitor possa entender o contexto da época e o grau de importância das pessoas envolvidas. Como a maioria das cartas é espaçada no tempo, houve necessidade de se recorrer ao contexto para o entendimento de cada uma. Verifica-se que o processo de indicação de um atleta ao ISHOF é sofisticado e que, no caso de Maria Lenk, exigiu cerca de 15 anos para que seu nome fosse integrado ao privilegiado quadro dos homenageados (honorees), desde sua primeira indicação em 1973 e, na realidade, cerca de 20 anos desde a fundação do ISHOF. O Brasil conta hoje somente com Maria Lenk e Gustavo Borges, homenageado em 2012.

Depois que o Hall da Fama se tornou internacional, em 1968, havia a necessidade de selecionar e agraciar nadadores de outros países. Por isso, dirigentes do ISHOF e de outras instituições ligadas à natação iniciaram pesquisas nos cinco continentes à procura de super atletas que tenham se sobressaído ao longo dos anos, seguindo, certamente critérios específicos de seleção.



# 1. CARTA DE HAROLD HENNING A BUCK DAWSON 19 DE ABRIL DE 1973

Na carta a seguir constata-se que o nome de nossa recordista já havia sido cogitado para integrar o ISHOF em 19 de abril de 1973, quando, nessa busca por novos nomes internacionais para integrar o quadro de homenageados, Harold Henning, então presidente da A.S.U.A. (Amateur Swimming Union of the Americas – União de Natação Amadora das Américas), enviou carta com o timbre dessa instituição, para William “Buck” Dawson (1920-2008), primeiro diretor executivo do ISHOF (período 1965-1985), propondo uma lista de nadadores da América Latina a serem homenageados. Inclusive, no alto, à esquerda, aparece a expressão em inglês Latin Americans (latino-americanos). Henning foi presidente da ASUA de 1971 a 1975.

A ASUA foi fundada durante os Jogos Olímpicos de Londres, em 1948, e hoje tem o nome de Swimming Union of the Americas (União Americana da Natação), já que o status de amador deixou de ser prioridade. Com base em amizade e fraternidade, seus objetivos são organizar, supervisionar e controlar, no hemisfério ocidental, os esportes aquáticos de natação, mergulho, polo aquático e nado sincronizado, incluindo Jogos Pan-Americanos e Campeonatos, assim como estabelecer regulamentos e regras que regem os registros, discordâncias arbitrais, assim como promover programas de treinamento.

Torna-se essencial observar que o Dr. Harold Henning (1919-1988), ou Hal Henning, foi praticamente o fundador do Hall da Fama da Natação uma vez que ele presidiu os comitês que elegeram Fort Lauderdale, em 1962, como cidade para receber o Hall da Fama da Natação e escolheu Buck Dawson como seu primeiro diretor executivo. Foi também



devido a uma moção sua que a FINA reconheceu por unanimidade o Hall da Fama como internacional em 1968.

Harold Henning, dentista por profissão, teve 30 anos de serviço à natação, como nadador (um recorde mundial), treinador de campeões olímpicos, árbitro de competições de natação, organizador (Jogos Pan-Americanos de Chicago) e executivo (presidente de várias instituições ligadas à natação), culminando sua carreira como presidente da FINA (1972 a 1976). Ele recebeu todos os prêmios importantes concedidos na natação por seus pares, nacionais e internacionais, sendo entronizado no Hall da Fama em 1979, como contribuidor. Em 1973, quando escreveu a carta, ele acumulava duas funções: presidente da ASUA e presidente da FINA e, com certeza, conhecia muito bem os melhores atletas de natação do mundo, especialmente Maria Lenk, que havia quebrado dois recordes mundiais em 1939 e tinha os diplomas conferidos pela própria FINA (ver capítulo de Francisco Silva Júnior neste livro). Daí a carta a Dawson pedindo a inclusão do nome de Maria Lenk.

Note-se que o nome de nossa heroína olímpica aparece em segundo lugar, sendo a única mulher da lista, com sua qualificação logo abaixo: primeira recordista mundial dos 200 metros nado de peito, com o tempo de 2'56", em 8 de novembro de 1939. A carta teve cópia enviada a Sebastian Salinas, que era vice-presidente da FINA (1972-1976) e também secretário/tesoureiro da ASUA (1971-1975), na época. Salinas, de nacionalidade peruana, foi executivo que ocupou muitos cargos importantes na natação peruana e internacional, como, por exemplo, Presidente do Comitê Técnico de Natação da FINA, presidente e vice-presidente da Confederação Sul-Americana de Natação. Foi premiado com o "Colar de Prata da Ordem Olímpica" (1996), do COI, como foi Maria Lenk no ano 2000 (ver capítulo de Francisco Silva Junior), e também foi entronizado no ISHOF como contribuidor em 1999.





**Fig. 22 Maria Lenk com Sebastian Salinas. Ele traja paletó com o símbolo da ASUA, enquanto Maria Lenk está com uma camisa com o logo do ISHOF. Essa foto pode ser tirada na véspera de sua homenagem, em 1988.**

*Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.*



É relevante salientar que tanto Henning quanto Salinas e Dawson eram personalidades que tinham muito poder naquela época com relação a instituições voltadas à nataçãõ. Como consequência, a carta de Henning a Dawson deveria ter capital importância com relação à recomendação de nossa atleta maior à homenagem pelo ISHOF, mas não teve. Da lista apresentada na carta somente Alberto Zorrilla, da Argentina, e Joaquim Capilla do México foram homenageados, mas em 1976. Felipe Munoz do México foi homenageado em 1991, depois de Maria Lenk.

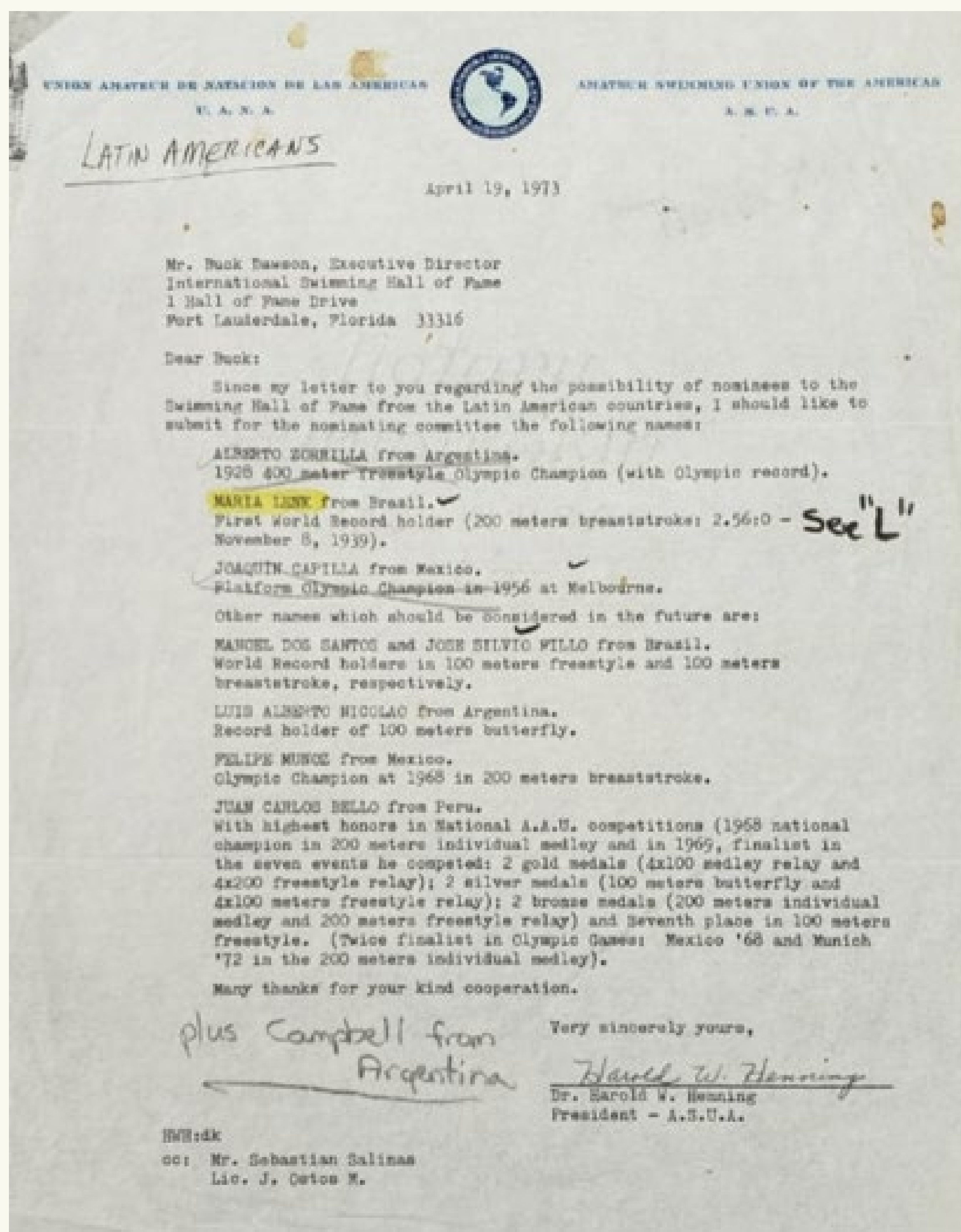


Fig. 23 Carta de Harold Henning a Buck Dawson (19/04/1973)

Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.



## 2.CARTA DE MARIA LENK A JAMES COUNSILMAN

06 DE JANEIRO DE 1978

Cinco anos mais tarde, em 6 de janeiro de 1978, Maria Lenk envia carta a James Counsilman (1920-2004), um dos maiores treinadores de natação de todos os tempos, agradecendo seu interesse em sua carreira de nadadora internacional, que ela resume nos dois anexos que seguem essa carta de duas páginas. Ele era técnico de natação da Indiana University, no estado americano de Indiana, de 1957 a 1990.

Além de ter sido fundador do ISHOF e treinador das equipes olímpicas de natação dos Estados Unidos de 1964 a 1976, em especial, Mark Spitz, detentor de sete medalhas de ouro, todas recordes mundiais nos Jogos Olímpicos de 1972, em Munique, Counsilman tinha mestrado e doutorado em fisiologia. Foi também, como Maria Lenk, um inovador no esporte, pioneiro em filmagens subaquáticas, e até mesmo assistindo nadadores debaixo d'água. Incentivou o treinamento de hipoventilação, um método de treinamento que consiste em nadar com menor frequência respiratória. Foi admitido e homenageado com honras como treinador no ISHOF em 1976.

Nossa recordista do nado de peito certamente já deveria ter feito contato com Counsilman anteriormente, conforme pode-se observar na foto em que aparece ao lado de Johnny Weissmuller (Fig. 19), quando da inauguração do Hall da Fama, que ela disse ter estado presente, nessa mesma carta. Esse conhecimento anterior também está ligado à edição do Boletim Técnico Informativo (BTI) nº 7 de Jan/Mar de 1969, publicado pelo Ministério da Educação e Cultura, Divisão de Educação Física, que é mencionado pelo prof. Lamartine DaCosta em seu capítulo “A construção das Ciências do Esporte em Encontros com Maria Lenk 1959-2007”, nesse livro. O BTI, que foi publicado



logo após o livro-mestre “Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Desportivo” (L. DaCosta, org.), que teve a participação de Maria Lenk, apresenta textos nacionais e internacionais, inovadores, relativos à alta competição em natação assim como sugestões de inovação em termos de treinamento esportivo. O sumário indica que James Counsilman contribuiu com dois textos para esse número especial: “Estudo das viradas” e “Estudo das Saídas”, com possível tradução do inglês para o português pela própria Maria Lenk. Ela mesma contribuiu com o artigo “Ciência e Natação”. É possível ver ainda no sumário artigos de Rômulo Arantes e Roberto Pável, personalidades da natação que aparecem na carta que se segue.

Observa-se que as quatro páginas dessa missiva enviada a Counsilman foram escritas à máquina a partir da UFRJ, conforme se nota no timbre, logo no início de cada página, justamente no ano anterior ao da aposentadoria de Maria Lenk. Nesse ano de 1978, nossa nadadora maior se dedicava ao Acordo Brasil-Alemanha, conforme descrito pelo Prof. Lamartine DaCosta no capítulo acima referido. No entanto, o endereço de remetente é da residência dela no bairro Leblon, onde ela atendia e dava suporte aos alemães e demais estrangeiros e brasileiros que faziam parte do Acordo.

Rômulo Duncan Arantes Júnior (1957-2000), cujo nome aparece na carta como Romulo Arantes, foi o primeiro nadador brasileiro a participar de campeonatos mundiais de natação, especialista no nado de costas, quebrando recordes sul-americanos. Ele ficou muito famoso no Brasil, chegando depois a fazer carreira como ator de televisão e cinema. Competiu nos Jogos Olímpicos de 1972, 1976 e 1980. Curiosamente, seu pai, Rômulo Duncan Arantes, havia sido técnico de natação do Flamengo de 1964 a 1983 e aluno de Maria Lenk, fato esse citado nessa carta, daí a proximidade de ambos com ela.



Quando integrou a equipe de natação da Universidade de Indiana nos Estados Unidos, de 1977 a 1981, Rômulo Arantes Júnior foi treinado por James Counsilman. Provavelmente, Rômulo Arantes Junior deve ter mencionado e descrito os feitos de nossa campeã e sua carreira como nadadora para James Counsilman, que demonstrou muito interesse em conhecer as conquistas da nadadora brasileira famosa. Ele deve ter pedido a ela um histórico de sua carreira como nadadora, via Rômulo Arantes Junior, conforme podemos observar pelas palavras utilizadas pela própria Maria Lenk, além das duas páginas que ela adiciona à carta com o resumo de sua carreira de sucesso como atleta.

Ela menciona que nos 12 anos de carreira competitiva na natação participou de cada evento aberto a mulheres sempre com sucesso, vencendo todas as provas. Assim sendo, sua lista seria muito longa, o que a fez reduzi-la para somente incluir o que poderia ser mais importante e mais pioneiro para mulheres da América do Sul. Entre parênteses, ela coloca que não se pode esquecer a mentalidade latina daquela época sobre mulheres em espaços públicos, com certeza referindo-se ao preconceito que havia sobre mulheres no esporte. É significativo notar que ela busca demonstrar o pioneirismo associado ao que ela fez.

Maria Lenk ainda acrescentou detalhes de seu próprio treinamento, mencionando que depois dos Jogos de Berlim, ela havia se tornado sua própria técnica, demonstrando bastante conhecimento que gerou autonomia sem igual, depois que seu treinador, Carlos Sobrinho, se mudara para outra cidade. Ela acrescenta que absorveu conhecimentos sobre métodos de treinamento conversando com técnicos americanos e alemães. E foi além, adicionando, que lia tudo que lhe caísse nas mãos sobre natação quer em inglês ou em alemão e então desenvolveu uma técnica es-



pecial para o nado borboleta, que está registrada no livro dela, “Natação”, de 1942, cuja análise pode ser acessada no capítulo “Vida e obra de Maria Lenk segundo seus livros autorais, 1942 - 2003”, de Lamartine DaCosta. Observa-se com isso seu propósito de pesquisa, buscando inovação e exercendo a função de cientista do esporte.

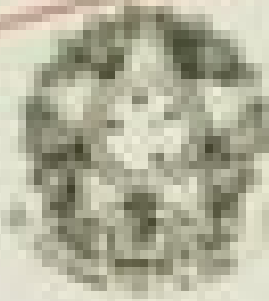
Subentende-se que ela deva ter enviado a Counsilman um exemplar do livro “Natação” junto com a carta. Ela diz que esse foi o primeiro livro sobre natação escrito em português sobre o estilo “butterfly”(nado borboleta), incluindo a biomecânica, o que confirma, por ela própria, os fatos citados no capítulo de Lamartine DaCosta, “Vida e obra de Maria Lenk segundo seus livros autorais, 1942 - 2003”, neste volume.

Ao final, ela adiciona que esteve na convenção Partners of the Americas (Parceiros das Américas), em novembro de 1977, em Santo Domingo, e que o nome de James Counsilman havia sido mencionado como o do treinador de natação mais importante dos Estados Unidos e que ele seria consultado sobre um programa de natação para o Brasil. Ela acrescenta ainda que seria uma excelente oportunidade se pudessem trabalhar juntos, já que todos o admiram como “embaixador” da natação e amigo do Brasil.

O nome Maria Lenk aparece em manuscrito, em vermelho ao alto, justamente para a indicação de qual arquivo pertence no ISHOF.



*Maria Lenk*



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Em 06 de janeiro de 1978

De

Ao Mr. James Counsilman - Indiana University

Assunto

Dear Mr. Counsilman:

First of all HAPPY NEW YEAR to you and your family.

Romulo Arantes, our backstroke champion and your student, told me of your interest in my swimming career, which makes me very proud.

Of course, during my 12 years of permanent competition I took part in every swimming event open to women and I was lucky to have had allways success. Therefore it would be a too long of a list to mention it all.

For this reason I reduced the list included, to only what seems to me of most important and which is more of a pioniring in women sport in Southamerica ( dont forget the latin mentality at that time about women in public ).

It also might be of interest for you to know that after the Olympic Games 1936 in Berlin I became my own coach since my former and only coach CARLOS DE CAMPOS SOBRINHO then moved to another city.

By than I had absorved knowledges about training methods in talking to American coaches like Mr. Bob Kiphuth, or japonese (Mr. Saitho, Mr. Matsusawa) and german (Mr. Keller) the later was my teacher at the P. E. Academie in Berlin after the Olympics.

Fig. 24a Carta de Maria Lenk a James Counsilman, 1ª página (06/01/1978)

Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.



But more than anything I read everything printed in english or german about swimming and developed a special technic in Butterfly as you can see in my book - (the first book about swimming written in portuguese in this stile - including biomechanics). Respecting stricked amateur rules this book only was released after my retirement in competition when I also became professor at the biggest and most important University of Brasil where I am activ up to this date and where I had students like PAVEL - ARANTES (Romulo's father) ASTORIANO, etc.

Last november I attendet the PARTNERS OF THE AMERICAS CONVENTION at Santo Domingo where your name was mentioned as the most important American swimming coach who was mentioned to be consulted about a swimming program for Brasil. This might bring us together ones more as we all admire you very much and know you as the greatest swimming "ambassador" and friend of this country.

My best wishes and kind regards to you

Sincerely

Maria Lenk.

Re: MARIA LENK

Rua Cupertino Durão, 16 Aptº. 302  
Leblon Rio de Janeiro Brasil

Fig. 24b Carta de Maria Lenk a James Counsilman, 2ª página (06/01/1978)  
Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.



### **3. RESUMO DA CARREIRA DE MARIA LENK**

#### **ENVIADO A JAMES COUNSILMAN**

#### **06 DE JANEIRO DE 1978**

Nesse resumo de sua carreira, enviado a James Counsilman, anexado à carta, pode-se observar que se trata de um resumo ou curriculum vitae de nadadora. Nossa atleta maior narra em terceira pessoa e se coloca, no título, como a primeira nadadora competitiva do Brasil. Menciona que esteve presente na fundação do Hall da Fama da Natação, em 1965. Ela declara que é pioneira no esporte feminino no Brasil, mencionando sua trajetória como nadadora de 1930 a 1942. Em seguida, relata que se retirou da natação para se tornar uma das fundadoras da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Além de seus tempos e recordes, ela menciona que, em 1942, a Helms Hall Foundation a homenageou como a mulher esportista do ano na América do Sul. Embora os esportes prioritários fossem futebol americano e basquete, ambos universitários, a Helms Hall Foundation, posteriormente, passou a apoiar outros esportes, como natação, esgrima, golfe e tênis, por exemplo.

Ainda em 1942, Maria Lenk assinala que foi a primeira mulher a nadar no Clube Atlético de Nova Iorque (New York Athletic Club - NYAC), que havia sido fundado em 1868, como um clube social privado e também um clube de esportes, oferecendo, por exemplo, natação e remo, dentre outras atividades esportivas. Até 1989 o NYAC somente admitia homens como sócios, pois havia sido concebido como um clube masculino com o propósito de "promover esportes viris". É importante mencionar que membros do NYAC conquistaram, nos Jogos Olímpicos, 119 medalhas de ouro, 53 medalhas de prata e 59 medalhas de bronze.



Uma vez em Nova Iorque, nossa nadadora pioneira deve ter impressionado muito a todos com seus tempos quando de sua viagem de um mês aos Estados Unidos, em 1941-1942, quando fez parte de uma excursão para o torneio “Boa Vizinhança”, conforme mencionado no capítulo “Em família com as irmãs Lenk, Maria e Sieglinde”, de Francisco da Silva Júnior. Maria participou de competições em 20 cidades americanas em que superou 12 vezes os recordes americanos, sendo três deles considerados recordes mundiais, que não foram homologados pela FINA, por terem sido registrados em piscinas com medidas em jardas. Daí o convite para nossa super campeã nadar na piscina do NYAC.

Ela menciona nesse resumo que ganhou todas as competições de nado de peito e nado de costas do Primeiro Campeonato de Natação da América do Sul para mulheres e que nunca perdeu uma competição de nado de peito durante toda a sua carreira. Finaliza acrescentando que fez cursos de Educação Física na Faculdade de Springfield no estado de Massachusetts.

Interessante observar como ela articula sua carreira de nadadora com sua carreira de professora universitária, co-fundadora da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ, colocando-se como pioneira na natação feminina e também defendendo seus direitos como mulher no esporte, que sempre foi oferecido de forma limitada para as atletas devido ao conservadorismo da época. É relevante sinalizar que Maria Lenk já fazia em 1978 o que se chama hoje de gestão de carreira.



MARIA LENK

FIRST COMPETITIVE BRAZILIAN FEMALE SWIMMER

MARIA LENK, present at the foundation of the HALL OF FAME IN SWIMMING at FORT LAUDERDALE, is a pioneer in Brazilian Women SPORT - She competed in swimming from 1930 to 1942, retiring to become one of the founders of the Physical Education Training Teacher's School at the Federal University of Rio de Janeiro - ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO.

MARIA LENK was born at January, 15 th, 1915 in SÃO PAULO - BRAZIL from german descent.

Highlights of MARIA LENK'S SWIMMING CAREER

- 1 - 1930 - First women competition between states (SÃO PAULO - RIO) in BRAZIL - won by M. L. in 200 m. free-style.
- 2 - 1932 - First Southamerican Woman ever to take part at Olympic Games - the I th Olympic Games - LOS ANGELES.
- 3 - 1936 - First woman of the world to swim Butterfly - during the whole distance (200 meters) of the race at the II th Olympic Games - Berlin.
- 3 - 1939 - First Southamerican swimmer (male or female) ever to swim a world record -  
oct. 1939 400 m. Butterfly 6'16  
nov. 1939 200 m. Butterfly 2'56

Fig. 25a Resumo da carreira de Maria Lenk enviado a James Counsilman, 1ª página (06/01/1978)

Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.



- 5 - 1942 - GOOD NEIGHBOURHOOD TOUR of Southamerican swimmers to 20 different cities in U. S. A. where she set 10 american records.
  - 5.1. - Helm's Hall Foundation registered MARIA LENK the sportswomen of the year for Southamerica
  - 5.2. - First woman to swim at the New York Athletic Club - until then only for men.
- 6 - Winner of all breaststroke and backstroke races at the first Southamerican Swimming Championship ever held for women.
- 7 - In Southamerica never lost a race in Breaststroke during her swimming career from 1930 to 1942.
- 8 - 1942 - P.E. cursus at Springfield Colledge Mass. - coach Mr. Silvia

*Maria Lenk.*

**Fig. 25b Resumo da carreira de Maria Lenk enviado a James Counsilman, 2ª página (06/01/1978)**  
*Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.*



## 4. CARTA DE JAMES COUNSILMAN A BUCK DAWSON 18 DE FEVEREIRO DE 1978

O próximo documento é uma carta com o timbre da Universidade de Indiana, datada de 18 de fevereiro de 1978. Foi escrita por James Counsilman ao diretor executivo do ISHOF, William “Buck” Dawson, sugerindo o nome de nossa grande nadadora para ser homenageada no ISHOF. É importante lembrar que Maria Lenk já havia enviado carta com o resumo de sua carreira a Counsilman em janeiro. Ele, então, em seguida, fez a proposição ao diretor executivo.

Counsilman se diz espantado com o fato de que o ISHOF (incluindo a si próprio) havia ignorado essa grande nadadora brasileira por tanto tempo. Ele acrescenta que ela era recordista mundial em todas as competições de nado borboleta e que ele mesmo a havia visto estabelecer um recorde mundial na piscina de Yale (Universidade de Yale no Estado de Connecticut), quando ela lá esteve na excursão de “Boa Vizinhança” de 1942, já anteriormente mencionada, quando se transformou numa sensação por onde passou. Counsilman ainda menciona que anexou alguns recortes de jornais à carta para mostrar a excelência de Maria Lenk e finaliza adicionando que ela era professora da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Maria Lenk havia provavelmente conhecido Counsilman quando da inauguração do Hall da Fama, em 1965 (Fig. 19). Porém, esse contato inicial não permitiu que ele conhecesse muito da carreira de nossa nadadora olímpica, já que, na época, Maria Lenk era professora universitária e também se dedicava ao Acordo Brasil-Alemanha (1963-1983).



Ela foi nomeada diretora da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ em 1968, uma posição de muito prestígio. Nesse mesmo ano, escreveu o capítulo “Novos aparelhos para obtenção da força: exer-genie e multi-sporter” para o livro “Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Desportivo, editado por Lamartine DaCosta (ver capítulo “A construção das ciências do esporte em encontros com Maria Lenk, 1959-2007”, por Lamartine DaCosta), alcançando maior exposição no meio acadêmico. Como James Counsilman, Maria Lenk era também focada na inovação, atuando como cientista em algumas experimentações com novos métodos de treinamento para natação. No ano seguinte, houve a publicação do Boletim Técnico Informativo (BTI) nº 7 de Jan/Mar de 1969, com a participação de James Counsilman e Maria Lenk, conforme mencionado anteriormente. É provável que o conhecimento inicial entre ambos tenha sido restrito à área acadêmica.

É interessante observar que, dos arquivos de Maria Lenk que estão no ISHOF, esta é a segunda carta que Buck Dawson, diretor executivo, recebeu propondo Maria Lenk como homenageada no ISHOF. A primeira foi em 1973 (Fig. 23). Mesmo assim, nossa heroína olímpica somente receberia o convite em 1987, ou seja, nove anos à frente, e curiosamente dois anos depois que Buck Dawson não era mais o diretor executivo.

James Counsilman assina a carta como técnico de natação.





INDIANA  
UNIVERSITY

DEPARTMENT OF INTERCOLLEGIATE ATHLETICS ASSEMBLY HALL BLOOMINGTON, INDIANA 47401 PH. 812/337-2794

February 18, 1978

William Dawson,  
Executive Director  
International Swimming Hall  
of Fame  
1 Hall of Fame Drive  
Ft. Lauderdale, Florida  
33316

Dear Buck:

I would like to submit the name of Maria Lenk as a nominee for consideration for induction into the ISOF.

I am amazed that we (including myself) have overlooked this great Brazilian swimmer for so long. She was a world record holder in all of the butterfly events. In her 1942 tour of the United States she created a sensation. I personally saw her set a world record in the Yale pool.

I enclose some clippings that show her preeminence.

Maria is at present teaching in Brazil. She is a Professor and Head of the Physical Education Training School in the University of Rio de Janeiro.

Sincerely,

James E. Counsilman,  
Swimming Coach

Fig. 26 Carta de James Counsilman a Buck Dawson (18/02/1978).  
Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.



## 5. RESUMO DA CARREIRA DE MARIA LENK

ANO PROVÁVEL: 1987

O documento que se segue, em duas páginas numeradas, foi escrito à mão por Maria Lenk, que utilizou papel de carta do Hotel Radisson Inn, localizado em Orlando. Parece ser um esboço do resumo de sua carreira de nadadora competitiva, em inglês, um tipo de curriculum vitae. Percebe-se que ela escreve em terceira pessoa, como fez com o resumo enviado a James Counsilman. Novamente ela mescla meticulosamente sua carreira de nadadora com sua carreira como professora e diretora universitária de forma que a primeira a conduza suavemente à segunda, sublinhando os anos e sua atuação.

Ela insere como seu nome completo: Maria Emma Hulda Lenk, excluindo o sobrenome do marido. Essa decisão pode estar ligada ao fato de que ela tinha pleno conhecimento de que era mais conhecida pelo sobrenome Lenk do que pelo sobrenome do marido, Zigler. Na realidade, nossa campeã assinava sua participação nas competições, nos Jogos Olímpicos, nos recordes que ela quebrou, nas revistas e jornais durante os 12 anos em que ela atuou brilhantemente como nadadora de alto rendimento como Maria Lenk. Ela havia construído sua própria marca. Efetivamente, sua carreira foi construída antes de ela se casar em 1944. Observa-se claramente que o último ano que ela menciona no resumo, com relação à sua carreira como nadadora, foi 1942, quando se aposentou aos 27 anos. Como ela pleiteava esse reconhecimento pelo ISHOF, ela pode ter optado por omitir o sobrenome do marido por questão de utilização de sua própria marca pessoal: seu nome. No entanto, não existe documentação comprovando essa hipótese.

Maria Lenk numera as páginas do resumo no alto de cada página, ao centro e inicia o documento colocando em letras maiúsculas, como título, talvez, “Primeira Nadadora



Internacional do Brasil é Marco Histórico para Mulheres na América do Sul”, sintetizando sua carreira e o que ela representa para a natação e o esporte feminino na América do Sul. A partir daí ela especifica suas realizações principais a partir dos anos, que ela cuidadosamente coloca no início de cada informação.

Pode-se notar que a descrição que ela apresenta nesse documento é mais completa do que aquela que ela enviou a Counsilman. Esse documento pode ter sido produzido a partir da segunda metade dos anos de 1980, já que o hotel Radisson Inn & Justus Aquatic Center foi inaugurado em janeiro de 1985, de acordo com jornais da época. O hotel foi construído com o propósito de concorrer com o Complexo Aquático de Fort Lauderdale, já que Orlando era uma cidade turística por vocação e, com isso, poderia atrair mais visitantes. A partir de sua inauguração, o hotel já estava com 54% de reserva para 1985, com 19 eventos de natação programados no centro aquático, incluindo o Campeonato Nacional de Natação e de Saltos Ornamentais da YMCA (Young Men’s Christian Association – Associação Cristã de Moços). Com essa descrição, é possível que Maria Lenk possa ter visitado este Centro Aquático e até participado de alguma competição, porém não há documentos comprovando essa hipótese.

Mesmo não sabendo a data e nem o local onde ela produziu esse resumo, pode-se especular que como o documento está em inglês e no arquivo dela no ISHOF, ela deve ter escrito e enviado para lá. Nossa nadadora olímpica pode ter sido avisada por algum parente ou recebido algum telegrama ou telefonema do ISHOF, solicitando algum resumo de sua carreira para a homenagem que iria ser feita a ela, e isso pode ter acontecido em 1987, conforme carta a seguir. Como ela estava em Orlando, visitando o Complexo Aquático de passagem para sua casa no estado do Novo México, do hotel nossa nadadora recordista



pode ter redigido o documento e enviado pelo correio de lá mesmo, pois não daria tempo de ela voltar ao Brasil ou a Albuquerque para datilografá-lo e enviá-lo. Nessa época ela já estava aposentada da UFRJ.

Além de sua carreira, nossa recordista menciona que já publicou três livros, dois de natação e um sobre organização dos esportes, e que foi a primeira mulher a participar do Conselho Nacional dos Desportos (CND). Este era um órgão administrativo criado em 1941 e extinto em 1993, sendo, na época, a última instância no esporte brasileiro, responsável pela regulamentação de todos os esportes, suas federações e confederações no Brasil. Com isso pode-se notar que Maria Lenk considerava relevante sua participação de poder neste órgão, que regulava o esporte no Brasil, e como essa referência poderia ser marcante para o ISHOF considerar sua candidatura a uma homenagem.

Ao final do resumo, Maria Lenk menciona que também fez traduções de obras de vários assuntos relacionados a esportes, escritos por professores alemães, provavelmente em referência aos professores que participaram do Acordo Brasil-Alemanha, já anteriormente referido.

É oportuno assinalar que Maria Lenk se coloca como pioneira no que faz: (1) primeira nadadora internacional do Brasil; (2) primeira atleta sul-americana a participar de uma edição dos Jogos Olímpicos (1932); (3) primeira mulher no mundo a nadar o estilo borboleta numa edição dos Jogos Olímpicos (1936); (4) primeira pessoa sul-americana (incluindo homens) a quebrar dois recordes na natação (1939); (5) única mulher e pioneira na delegação sul-americana que competiu em 20 cidades americanas, quebrando 12 recordes; (6) primeira mulher a ser diretora da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ, (7) primeira mulher a fazer parte do Conselho Nacional de Desportos.



Ela parece conhecer bem de marketing pessoal para comunicar seus feitos e seu merecimento, de forma bastante objetiva, elencando os fatos, para integrar o quadro honroso do ISHOF, o que iria ocorrer pouco tempo depois.

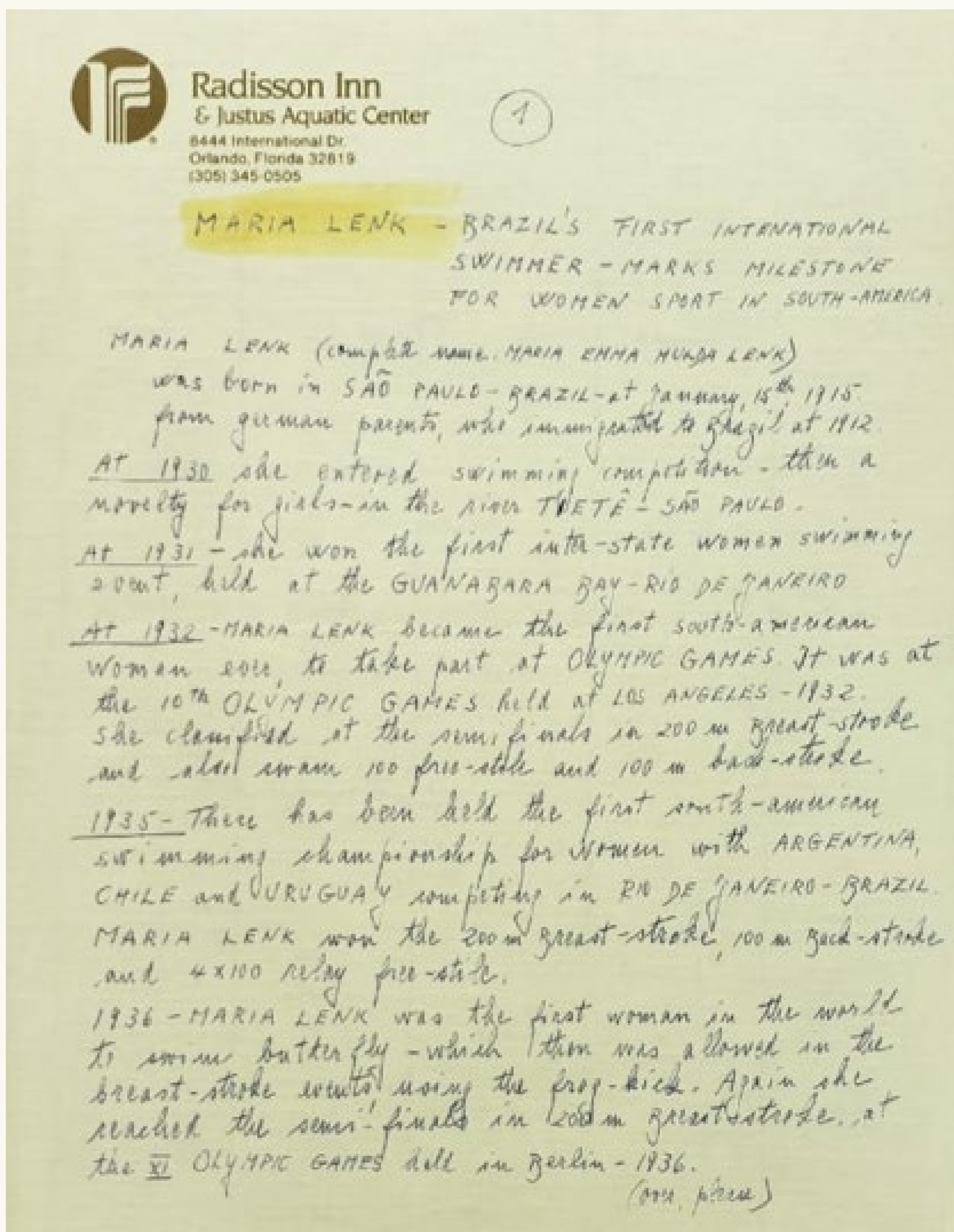


Fig. 27a Resumo da carreira de Maria Lenk ao ISHOF, 1ª página (circa 1987)  
Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.



1939 - MARIA LENK became the first South-American, (including men) to break WORLD-RECORDS with which she did in swimming.

November, 8<sup>th</sup> - 200 m. Breast-Stroke in 2.56

October, 11<sup>th</sup> - 400 m. Breast-Stroke in 6.15, 8.

With these performances she hoped to win the next Olympics 1940 - unfortunately never held for the II world war.

1942 - At the invitation of A.A.U. she came to U.S.A. the only woman of a 2 member South-American swimming team in a good-will tour, competing in 20 different U.S. cities, setting 12 AMERICAN RECORDS, some of them lasting over many years.

After the tour MARIA LENK spent some time studying PHYSICAL EDUCATION at SPRING-FIELD COLLEGE MASSACHUSETTS and retired from swimming to become a professor at the FEDERAL UNIVERSITY of RIO DE JANEIRO - in the PHYSICAL EDUCATION SCHOOL. At this school she became director (the first woman-director) and was included into the BRAZILIAN COUNCIL OF SPORT (the first woman). MARIA LENK published two books about swimming besides one book of Organization of Sport. She also translated 8 books about different subjects in sport written by German professors.

Fig. 27b Resumo da carreira de Maria Lenk ao ISHOF, 2ª página (circa 1987)

Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.



## 6. CARTA DE MARIA LENK PARA COLLEEN MAHONEY

07 DE OUTUBRO DE 1987

A carta datilografada abaixo de Maria Lenk para Colleen Mahoney, diretora de relações públicas do ISOF, de 7 de outubro de 1987, já indica com bastante clareza que a comunicação da homenagem do ISHOF já havia sido feita, provavelmente no mês de setembro de 1987, reforçando, com isso a hipótese de que o resumo que Maria Lenk fez à mão (Fig. 27a e 27.b) e enviou ao ISHOF pode ter sido talvez alguns meses antes.

Nossa heroína olímpica expressa sua imensa alegria ao ser notificada que seria homenageada pelo ISHOF e diz que aquele é um dos dias mais grandiosos de sua vida. Ela menciona que está anexando à carta, conforme havia sido solicitado, o formulário do ISHOF preenchido com os nomes e endereços dos veículos de imprensa que poderiam melhor “divulgar essa notícia maravilhosa”, nas palavras dela. De fato, no formulário que se segue (Fig. 29a), identificam-se objetivamente os jornais O Globo, Jornal do Brasil, Gazeta Desportiva, Estado de São Paulo e Folha de São Paulo com os respectivos endereços para correspondência.

Nossa recordista mundial ainda acrescenta que, no verso do formulário, listou os nomes das autoridades esportivas brasileiras mais importantes que ficariam muito honradas em receber a notícia em primeira mão: o professor Manoel Tubino, Sylvio de Magalhães Padilha, a Confederação Brasileira de Natação, da qual ela era membro, e o Dr. João Havelange. Eram, sem dúvida alguma, celebridades na área esportiva da época.

A Confederação Brasileira de Natação (CBN) foi fundada em 1960, como órgão gestor dos desportos aquáticos e, em 1988, passou a se chamar Confederação Brasileira dos Desportos Aquáticos (CBDA), vinculada ao Comitê



Olímpico do Brasil, administrando cinco modalidades: natação, águas abertas, polo aquático, saltos ornamentais e nado artístico.

O professor Manoel José Gomes Tubino (1939-2008) era presidente do Conselho Nacional de Desportos (CND), com sede em Brasília, do qual Maria Lenk era parte integrante. Sylvio de Magalhães Padilha (1909-2002) era presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB). Ele havia feito extensa carreira esportiva: foi campeão brasileiro de atletismo; fez parte da delegação que foi aos Jogos Olímpicos de 1932 e 1936, com Maria Lenk; foi porta-bandeira da delegação do Brasil nos Jogos de Londres, em 1948; chefe das missões brasileiras nos Jogos Olímpicos de 1948, 1952, 1956 e 1960; presidente do COB (1963-1991); membro do Comitê Executivo do COI (1970-1978; 1983-1988) e também vice-presidente do COI. Por sua vez, João Havelange (Jean-Marie Faustin Goedefroid Havelange - 1916-2016) era presidente da FIFA (Federação Internacional de Futebol) em 1987. Ele fez carreira como atleta e também como dirigente esportivo. Como nadador, competiu na Travessia de São Paulo a nado, contemporâneo e amigo de Maria Lenk, saindo-se vitorioso em 1936 e 1937, junto com a irmã de Maria, Sieglinde Lenk (1919-1986); fez parte do time de natação nos Jogos Olímpicos de 1936, em Berlim, e competiu no polo aquático nos Jogos Olímpicos de 1952, em Helsinque, Finlândia. Foi presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD - 1958-1975), presidente da FIFA (1974-1998) e também membro do COI (1963-2011).

Ao adicionar os nomes dessas autoridades máximas do esporte nacional e internacional em 1987, Maria Lenk demonstra não somente apreço pelo ISHOF, mas também a valorização de sua própria carreira como nadadora competitiva internacional. Ela sempre foi reconhecida por instituições esportivas brasileiras e internacionais, pois construiu seu nome e sua ilibada reputação através de seu esforço, disciplina, iniciativa e seus valores.



O verso do formulário (Fig. 29b), que Maria Lenk preencheu à máquina, apresenta uma imagem estampada em azul, carregada de significado: a foto-silhueta de Johnny Weissmuller e, ao fundo, um trampolim utilizado para saltos ornamentais. A começar pelo lado esquerdo, aparecem impressos os cargos relevantes do ISHOF assim como os nomes de pessoas que os ocupam, algumas delas já conhecidas dentro da história de Maria Lenk no Hall da Fama da Natação. Como dirigentes figuram o próprio Weissmuller, como fundador e presidente do conselho do ISHOF; o presidente de honra, Gerald Ford (1913-2006), presidente dos Estados Unidos de 1974 a 1977; o presidente fundador, James Counsilman. O nome de June Krauser aparece no Conselho de Administração. Na equipe de funcionários estão Don DeBolt, como diretor executivo, Bob Duenkel, como gerente geral, Colleen Mahoney como diretora de relações públicas. Na Comissão de Seleção de Homenageados identifica-se, mais uma vez, Counsilman.

Finalmente, nossa futura homenageada adiciona que incluiu o endereço do jornal mais lido da cidade de Albuquerque, no estado americano do Novo México, onde vive parte do tempo, já que a família dela mora lá. Diz que seu neto, Bryan Zigler, é nadador competitivo dentro da faixa etária dele num clube de natação local.

Ela reserva o último parágrafo da carta para agradecimentos e se coloca à disposição por telefone de sua casa em Albuquerque até o final do mês de outubro, quando ela voltaria ao Brasil. A partir dessa data, ela autoriza a diretora de relações públicas a fazer chamada a cobrar para o Brasil, caso precise de alguma informação. Nota-se ênfase na parte de comunicação por parte de Maria Lenk em relação ao ISHOF, já que ela residia no Brasil e nos Estados Unidos. Uma explicação hipotética, nesse caso, seria de que a carta e o formulário podem ter chegado ao endereço dela no Leblon enquanto ela estava em Albuquerque, daí o atraso na resposta por parte de nossa campeã. No



rodapé do formulário há um pedido para que este seja enviado até o dia 10 de agosto e, na realidade, foi enviado no dia 7 de outubro. Maria Lenk pode ter ficado apreensiva com relação ao atraso do envio das informações e de sua confirmação como homenageada. Mas, felizmente, o atraso não alterou seu processo de inclusão no ISHOF.

Observa-se que, no cabeçalho da carta, nossa campeã recordista usa o sobrenome do marido, Zigler (Daniel Gilbert Zigler - 1916-1992), porém assina, ao final, como Maria Lenk, somente. Ela se intitula professora com Ph.D., Consultora de Educação Física e Esportes. Seu endereço fornecido na carta é o de Albuquerque, onde ela residia a metade do ano com o marido, enquanto no formulário ela coloca os dois endereços, o de Albuquerque e o do Leblon, indicando que estará no endereço do Leblon depois de outubro. Nota-se que quando ela fornece o endereço do Leblon, ela assina como Maria Lenk, sem o sobrenome do marido.

Nota-se a titulação de Ph.D. que Maria Lenk emprega na carta. É um título conseguido nos Estados Unidos, pois o equivalente no Brasil é o de doutorado. Aliás, esse é o único documento dela que está no ISHOF com Ph.D. Como não há registro de ela ter doutoramento em alguma universidade no Brasil ou nos Estados Unidos, pode-se aventar a hipótese de que ela considerou seu título brasileiro de catedrática como equivalente ao de Ph.D. nos Estados Unidos, ou seja, o máximo de uma carreira universitária. Na realidade, ela realmente foi ao máximo que uma pessoa, especialmente uma mulher, poderia atingir em sua época: havia sido fundadora, nomeada professora catedrática pelo Presidente da República, e primeira diretora da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ, tendo escrito quatro livros, participado de acordo internacional de intercâmbio com doutores que vieram da Alemanha, ter sido nomeada para o CND, CBN e COB. O Ph.D. talvez representasse, na situação daquela carta, uma forma de



manter algum tipo de vínculo com suas atividades acadêmicas, o que ela reforça nos comentários que fez a seguir. Isso sem mencionar, naturalmente, sua carreira fabulosa como recordista mundial e nadadora olímpica. É também oportuno lembrar que, em 1987, Maria Lenk já estava participando de competições internacionais de natação master e seu alvo era fazer parte do ISHOF.

No espaço reservado a comentários, ela acrescenta que foi diretora da Faculdade de Educação Física e também membro do Conselho Nacional do Desportos (CND - 1941-1993), órgão de poder no esporte. Ser parte integrante do CND era privilégio para poucos, especialmente para uma mulher, mesmo tão qualificada como a nossa heroína olímpica.

PROF. MARIA LENK ZIGLER, Ph.D.  
Physical Education, Sports, Consultant  
12801 Indian School NE  
Apartment #1405  
Albuquerque, NM 87112

Ms. Colleen Mahoney  
ISHOF  
One Hall of Fame Drive  
Port Lauderdale, FL 33316

October, 7th, 1987

Dear Ms. Mahoney,

As you can imagine it has been one of the greatest days in my life, when I have been notified about my induction into the INTERNATIONAL SWIMMING HALL OF FAME.

As requested, I am mailing to you the form with addresses of publication most likely to divulgate this wonderful news.

On the back of the form I listed the most prominent Brazilian Sport authorities, who would be very honored to receive the information at first hand.

Finally I include the address of the most read newspaper of Albuquerque, city of which I am part-time resident since my family lives here. (My grandson Bryan Zigler is a competitive age-group swimmer for the local KIRTLAND AQUATIC CLUB.)

Thanks for everything. I will be reached by phone, up to the end of the month at (505) 275-8116. Don't hesitate to call me COLLECT should you need any further information.

With best regards,

sincerely yours,  
*Maria Lenk*

**Fig. 28 Carta de Maria Lenk para Colleen Mahoney (07/10/1987)**  
*Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.*





**International  
SWIMMING HALL OF FAME, INC.**

1 HALL OF FAME DRIVE • FORT LAUDERDALE, FLORIDA 33316 • TELEPHONE: 305/462-6536

Dear Honoree:

We need your assistance to properly publicize your induction into the International Swimming Hall of Fame. Please list publications and addresses to which you would like news releases sent. (Feel free to write on the back)

PUBLICATION: O GLOBO  
 CONTACT NAME: DEPARTAMENTO DE ESPORTES  
 STREET ADDRESS: Rua Ipiranga Marinho 15  
 CITY/STATE/ZIP: RIO DE JANEIRO - BRASIL CIP 20233

PUBLICATION: JORNAL DO BRASIL  
 CONTACT NAME: DEPARTAMENTO DE ESPORTES  
 STREET ADDRESS: Av. BRASIL 500  
 CITY/STATE/ZIP: RIO DE JANEIRO - BRASIL CIP 20940

PUBLICATION: A GAZETA DESPORTIVA  
 CONTACT NAME: DEPARTAMENTO DE ESPORTES AMADORES  
 STREET ADDRESS: ALAMEDA BARAO DE LIMEIRA 425 Campos Eliseos  
 CITY/STATE/ZIP: SAO PAULO - BRASIL CIP 01202

PUBLICATION: ESTADO DE SAO PAULO -  
 CONTACT NAME: DEPARTAMENTO DE ESPORTES  
 STREET ADDRESS:  
 CITY/STATE/ZIP: SAO PAULO - BRASIL

PUBLICATION: FOLHA DE SAO PAULO  
 CONTACT NAME: DEPARTAMENTO DE ESPORTES  
 STREET ADDRESS: ALAMEDA BARAO DE LIMEIRA 425 Campos Eliseos  
 CITY/STATE/ZIP: SAO PAULO - BRASIL CIP 01202

Current Resident of: RIO DE JANEIRO - BRASIL and ALBUQUERQUE NM - USA

College or University: Retired Professor of PE PED, UNIV, of RIO DE JANEIRO-BRASIL

Birthplace and any other area you lived in for a long period of time: born in Sao Paulo - Brasil up to adulthood than always RIO DE JANEIRO BRASIL.

Current/past profession: Retired - PE Professor, swimming teacher

Other comments: Dean of UNIV, PE SCHOOL For Future PE teachers.  
Past member of BRASILIAN COUNCIL OF SPORT

Please return by August 10th to:

Colleen Mahoney  
 ISHOF  
 One Hall of Fame Drive  
 Fort Lauderdale, Fl 33316  
 (305) 462-6536

Signed Maria Lene  
 Address 12201 INDIAN SCHOOL NE #1405  
 City ALBUQUERQUE State NEW MEXICO  
 Zip 87112 Phone 505 275-0116

Prof. MARIA LENE  
 Rua Capetian Dornes, 16  
 IEBLON  
 Rio, Brasil, 22441

When used swimming, water safety, and aquatic art  
 please turn →

Fig. 29a Formulário enviado na carta de Maria Lenk para Colleen Mahoney, frente (07/10/1987)  
 Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.



**OFFICERS**

FOUNDING CHAIRMAN OF THE BOARD  
JOHANN WITENBACHER

HONORARY CHAIRMAN  
GERALD R. FORD

FOUNDING PRESIDENT  
JAMES E. COUNSELMAN

CHAIRMAN OF THE BOARD  
ART LINALETTA

IMMEDIATE PAST PRESIDENT  
DR. HAROLD HENNING

PRESIDENT ELECT  
JOHN BOBERT

PRESIDENT  
WILLIAM E. SIMON

VICE PRESIDENTS  
FRANK COMPTON  
WILLIAM A. FREW  
JAMES STOCKER  
RICHARD TOPLIN

SECRETARY  
ALICE KEMPTHORNE

TREASURER  
NEED BRIGGS

LEGAL COUNSEL  
G. H. MARTIN  
PHILIP MONTANTE

PAST PRESIDENTS  
JAMES COUNSELMAN  
DR. HAROLD HENNING  
JOHN HIGGINS  
ROBERT M. HOFFMAN  
JOHN B. KELLY, JR.  
EDWARD KENNEDY  
EDMOND MORGAN  
DAVID ROBERTSON  
CHARLES E. SILVA  
BEN YORK

**BOARD OF DIRECTORS**

STEVE ACCARDI  
JERI ATHEY  
BARBARA BALDWIN  
WANDA BROWN  
TOM BUCKLEY  
TRACY CAULKINS  
CARL CHEDLER  
C. CARSON CONRAD  
BILL CUNNINGHAM  
PENNY DEAN  
DONNA DEBARONA  
PHIL DRAKE  
ROBERT DRESSLER  
TAYLOR DRYSCALE  
JOHN FLEMING  
TERRY FORMAN  
ROWDY GAINES  
HARRY GLANCY  
TOM GOFF  
RALPH HALE  
W.F. CHUMPTON HAYWARD  
ROBERT HELMICK  
ROBERT HOFFMAN  
E.J. HOSKINGTON  
JOE HUNSAKER  
ADOLPH KESPER  
JUNE KRAUSER  
DOROTHY FRANEY LANCOP  
JOHN LEONARD

**ISHOF STAFF**

DON DINGOLT, EXECUTIVE DIRECTOR  
DANE YENDALL, ADMINISTRATIVE ASSISTANT  
BOB DUBRELL, MANAGING DIRECTOR  
MARION WASHBURN, BOOKSTORE & LIBRARY  
COLLEEN MAHONEY, PUBLIC RELATIONS DIRECTOR  
LAURIE MARCHANDU, ART DIRECTOR  
DOROTHY McLAUGHLIN, AUDITORIUM MANAGER  
DEANNE DICKIE, SPECIAL ASSISTANT  
WANDA BROWN, RECEPTIONIST  
KURT DICKIE, SPECIAL ASSISTANT  
GEORGE HARTMAN, INTERIOR DESIGN

**BOARD OF TRUSTEES**

JOHN E. DUPONT, CHAIRMAN  
WILLARD H. GARVEY  
BARRY GOLDWATER  
W.F. CHUMPTON HAYWARD  
HARRY HOLIDAY  
RICHARD HOUGH  
ART LINALETTA  
G.H. MARTIN  
DICK MCDONOUGH  
FRANK MATHNEY, JR.  
AL MOORE  
J.V. MURPHY  
JOHN WERRAM  
MARY OFFENHEIM  
WILLIAM FREW  
SERGEANT SHRYVER  
VEE TONER  
KEN TREADWAY  
FRED WAGNER

WILLIAM LIPPMAN  
DR. JOSEPH MACHNIS  
BOB MAXWELL  
JACK MUMF  
PHIL MURPHY  
BOB MOWERSON  
JOHN NABER  
JACK NELSON  
DORRIS NOLL  
RON O'BRIEN  
MARY OFFENHEIM  
RICHARD QUICK  
WILLIAM SANFORD  
PAUL SAVAGE  
MARK SCHUBERT  
JIM SIMS  
ROBERT SMITH  
HAILEY STALEY  
DICK STEADMAN  
BOB STEELE  
JAMES STOCKER  
TOM TAPP  
RAY VALASKA  
FRED WAGNER  
ROSE WALKS  
TOM WERTS  
BILL WOLFE  
VIRGINIA YOUNG  
RICHARD ZOUJ

**HONORISE SELECTION COMMITTEE**

ARCHIE HARRIS, CHAIRMAN  
BOB BARTELA, UNITED STATES  
PAT BESFORD, GREAT BRITAIN  
HARM BEYER, WEST GERMANY  
FORBES CARLILE, AUSTRALIA  
CECIL COLEMAN, SOUTH AFRICA  
JAMES E. COUNSELMAN, UNITED STATES  
PETER DALAND, UNITED STATES  
JOHN DEWITT, AUSTRALIA  
DON GAMBRIL, UNITED STATES  
DEZSO GYAFMATI, HUNGARY  
ROBERT HELMICK, FINA, UNITED STATES  
BOB HORN, UNITED STATES  
STEVE HUNYADY, HUNGARY  
BOB INGRAM, UNITED STATES  
JUDITH MCGOWAN, SYNCHRONIZED  
PHIL MURPHY, UNITED STATES  
WALT SCHLITZER, UNITED STATES  
R. JACKSON SMITH, UNITED STATES  
ART SOLOW, CSKA  
DICK STEADMAN, UNITED STATES  
BILL STETSON, NSCA  
NICK THERRY, CANADA  
WORT THORNTON, ASCA

PROF. MANOEL TUBINO  
PRES. CONSELHO NACIONAL DESPORTOS  
MINISTERIO DA EDUCACAO  
VIA N 2 - Anexo - 2º and.  
BRASILIA - BRASIL CIP 70000

Maj. SYLVIO M. PADILHA  
Pres. COMITE OLIMPICO BRASILEIRO  
RUA DO CAHMO 20 - 12º and.  
RIO DE JANEIRO - BRASIL CIP 20011

CONFEDERACAO BRASILEIRA NATACAO  
AV. GRACA ARANHA 81 - 8º and.  
RIO DE JANEIRO - BRASIL - CIP 20030

Dr. JOAO HAVELANGE  
PRESIDENTE DA P.I.F.A.  
PRACA PIO X 79 - 7º and.  
RIO DE JANEIRO - BRASIL - CIP 20040

Most read newspaper of Albuquerque  
my part of the year residence:  
ALBUQUERQUE JOURNAL  
PO DRAWER J  
ALBUQUERQUE NEW MEXICO 87103

THE NEW MEXICAN  
202 E. ~~Market~~ MERCY  
SANTA FE - NEW MEXICO 87501



Fig. 29b Verso do formulário enviado na carta de Maria Lenk para Colleen Mahoney, verso (07/10/1987)  
Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.



## 7. CARTA DE MARIA LENK PARA DON J. DEBOLT

16 DE NOVEMBRO DE 1987

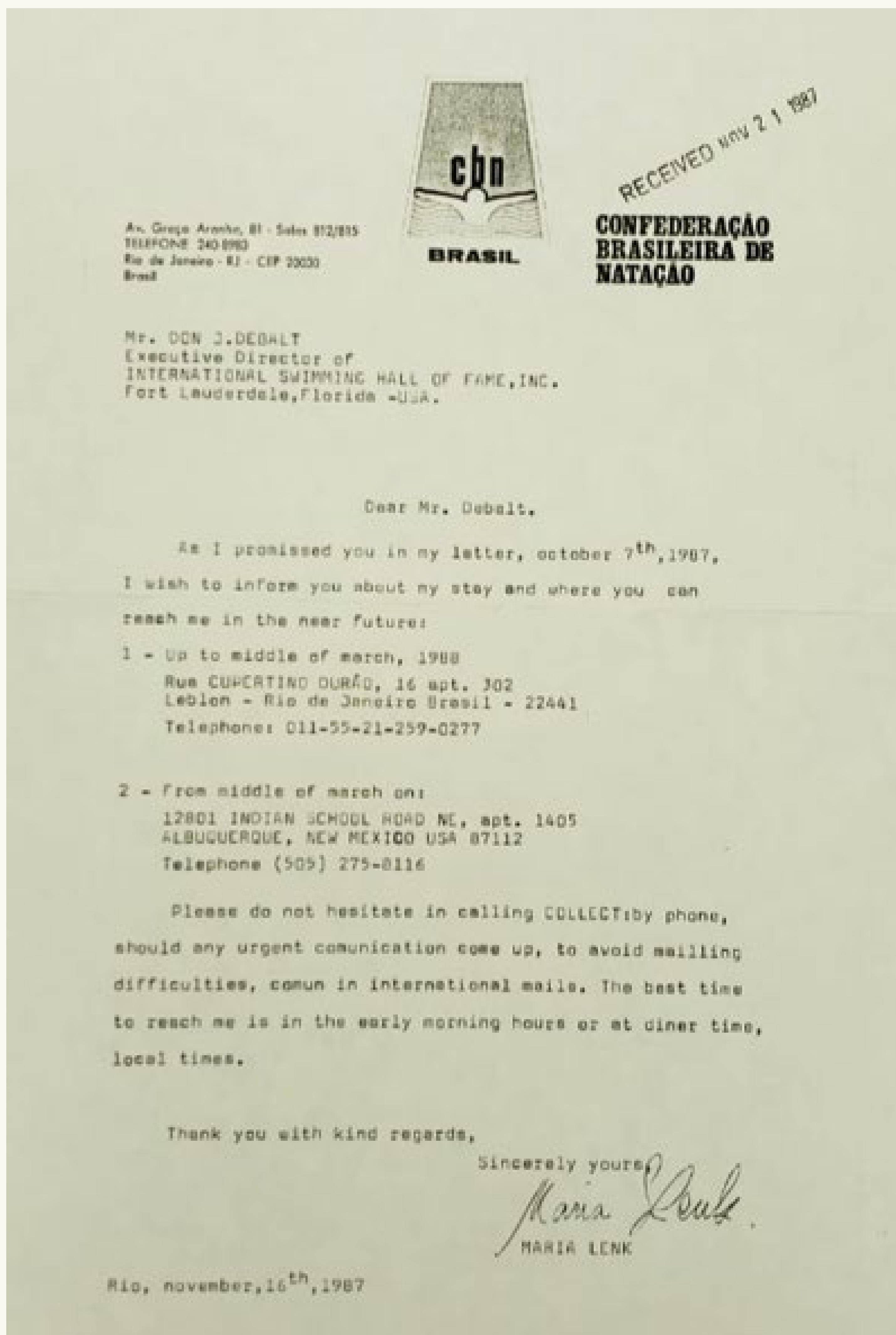
A carta datilografada a seguir foi escrita por Maria Lenk, em 16 de novembro de 1987, e recebida no ISHOF cinco dias depois. Ela foi endereçada a Don J. DeBolt, diretor executivo do ISHOF, que sucedeu a Buck Dawson em 1985.

Observa-se que ela utilizou papel de carta da Confederação Brasileira de Natação (CBN - 1960-1988), da qual ela era membro, talvez para demonstrar sua ligação com alguma instituição ligada à natação uma vez que estava aposentada da UFRJ. Seu objetivo direto nessa correspondência é informar e ter certeza de que DeBolt tinha seus endereços tanto no Leblon, onde poderia ser encontrada até meados de março de 1988, quanto em Albuquerque, onde estaria a partir de meados de março, com respectivos telefones. Enfatizou que o ISHOF poderia entrar em contato com ela por telefone, com chamada a cobrar para o Leblon ou Albuquerque, se precisasse, para justamente evitar problemas com os correios, que, segundo ela, eram comuns com correspondência internacional, o que pode ter acontecido com a correspondência anterior remetida pelo ISHOF, mas que não se encontra em seu arquivo no ISHOF. Nossa futura homenageada indica também as melhores horas para a encontrar: de manhã cedo e à hora do jantar, nos respectivos locais.

Com essa riqueza de detalhes ofertada por ela com relação ao local onde poderia ser encontrada e a que horas assim como a oferta de chamada a cobrar, torna-se relevante assinalar, novamente, a ênfase que nossa heroína olímpica dá à comunicação com o ISHOF. A carta anterior à Colleen Mahoney também confirma esse destaque. O formulário e a carta à Maria Lenk podem ter sido enviados ao endereço brasileiro no período em que nossa nadadora campeã do mundo estava no Novo México. Como ela deve ter recebido



a correspondência atrasada, sua resposta com o formulário preenchido chegaram também atrasados ao ISHOF, passando talvez a impressão de que ela não teria interesse, daí a carta a Don Debolt para que o ISHOF tivesse certeza de que ela estava entusiasmada e muito feliz com a honraria.



**Fig. 30 Carta de Maria Lenk para Don J. Debolt (16/11/1987)**  
*Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.*



## 8. NOMEAÇÃO E CONVITE PARA AS CERIMÔNIAS DE HOMENAGEM

O documento abaixo representa a nomeação oficial de nossa recordista mundial para integrar os quadros honrosos do ISHOF. Seu nome aparece como nadadora e como detentora de vários recordes mundiais.

**ISHOF** OFFICIAL NOMINATION TO THE INTERNATIONAL SWIMMING HALL OF FAME  
(Please print or type)

FOR SELECTION COMMITTEE USE ONLY  
Considered: (Date) \_\_\_\_\_

\* Note: Qualifications and guidelines that must be met are on back \*

Name LENK MARIA  
(Last) (First) (Nickname)

Address \_\_\_\_\_

Date of Birth \_\_\_\_\_ Place \_\_\_\_\_ Date of Death \_\_\_\_\_

This nomination is for distinguished achievement as a:

Swimmer  Diver  Coach  Contributor  
 Synchronized Swimmer  Water Polo Player

Competitive record (List international wins, national championships, high school, college, etc.):  
held several world records

Special Honors and Awards: \_\_\_\_\_

If Coach, list record (schools, won/lost record, national championship teams, and individual champions coached): \_\_\_\_\_

Special Honors and Awards: \_\_\_\_\_

If Contributor, list contributions of international significance: \_\_\_\_\_

Special Honors and Awards: \_\_\_\_\_

**Fig. 31 Nomeação oficial de Maria Lenk ao ISHOF como nadadora homenageada.**

*Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.*



Finalmente, os convites para as cerimônias de homenagens nos dias 13 e 14 de maio de 1988 são enviados. A Fig. 32a apresenta o convite com as datas, enquanto a Fig. 32b mostra o nome dos honorees (homenageados), incluindo o de nossa heroína olímpica.

Na cerimônia, os honorees recebem uma faixa vermelha, que é colocada sobre a roupa de forma diagonal a partir do ombro direito. Para esse dia tão especial, nossa honoree escolheu um traje branco com sapatos, também, brancos, o que realçou a cor vermelha da faixa. Houve seções de fotos, porém o arquivo dela somente contém duas (Fig. 33. e Fig. 34)



**Fig. 32a Convite para a celebração da 23ª Cerimônia Anual de Incorporação dos Homenageados; 13 e 14 de maio de 1988.**

*Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.*





**Fig. 32b** Na lista dos homenageados (Honorees), o nome de Maria Lenk é o segundo da segunda coluna, à direita.

*Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.*





**Fig. 33** Maria Lenk, provavelmente, antes da cerimônia, e Sebastian Salinas, presidente da FINA.

*Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.*



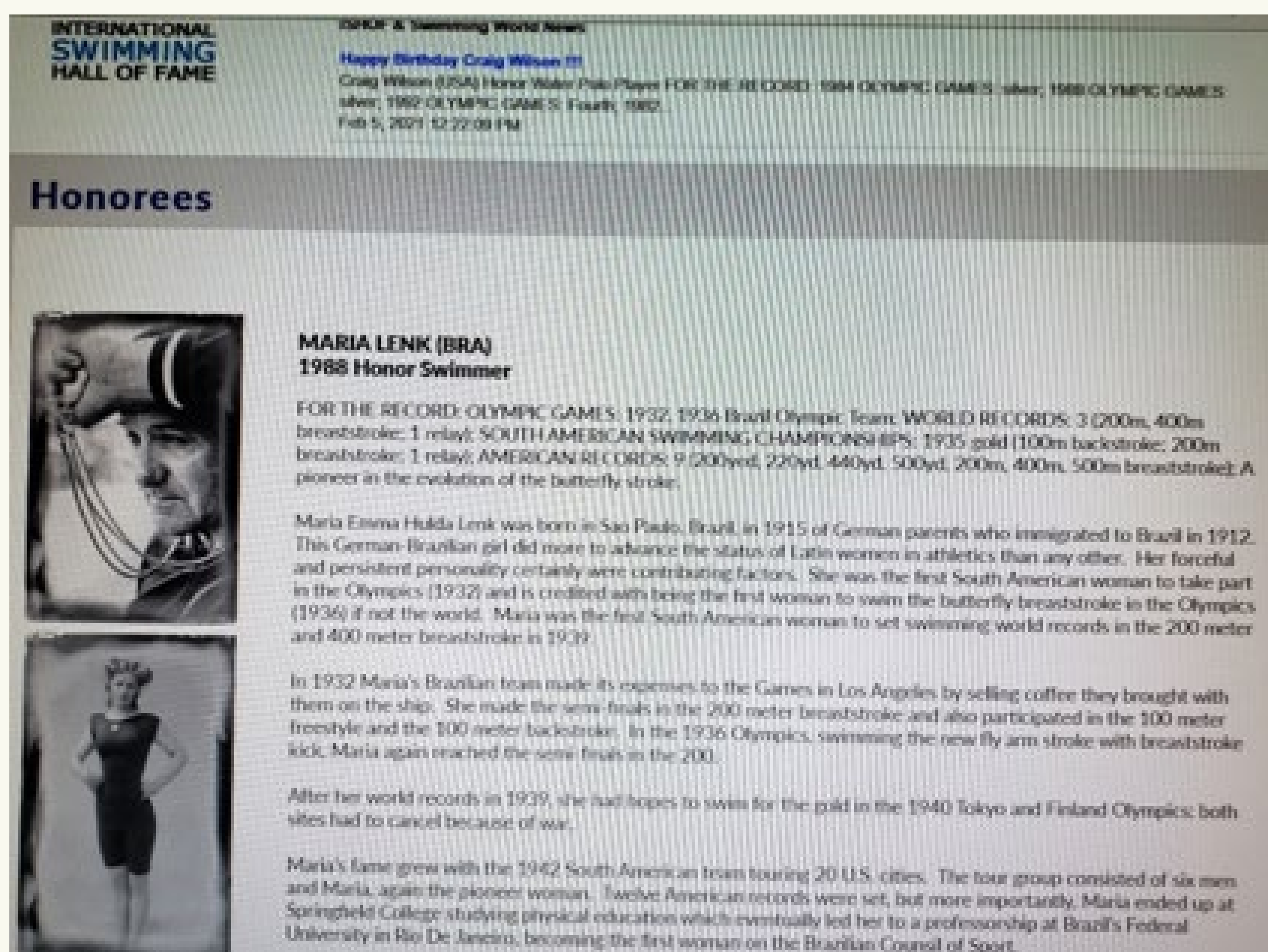
**Fig. 34** Maria Lenk, já com sua faixa vermelha de homenageada, logo após a cerimônia, ao lado de Oluremi Asekum (1926-2001), esportista renomado em seu país, a Nigéria e de outros dois convidados.

*Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.*



## 9. MARIA LENK COMO HOMENAGEADA DO ISHOF – SITE NA INTERNET

O nome de Maria Lenk se encontra registrado como Honoree. Abaixo a foto do tributo prestado pelo ISHOF, em seu site da internet (website), em 1988. Nossa heroína olímpica aparece como Honor Swimmer, Nadadora Homageada, quando se busca por sobrenome, por categoria ou por classe.



**Fig. 35 Foto da homenagem a Maria Lenk no website do ISHOF**

*Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.*

No entanto, quando se procura o nome de Maria Lenk por país, no mesmo website, ele aparece junto com o nome de Gustavo Borges, conforme abaixo, mas com a denominação de Pioneer Swimmer (nadadora pioneira), grifo nosso em amarelo, mas os dados biográficos apresentados são os mesmos enviados por nossa heroína olímpica ao ISHOF. As datas de integração ao ISHOF são 1988, para Maria Lenk e, 2012, para Gustavo Borges.





Fig. 36 Foto da homenagem a Maria Lenk no website do ISHOF, por país.  
Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.

## 10. TEXTO SOBRE MARIA LENK COMO HOMENAGEADA NO ISHOF - WEBSITE

Abaixo encontram-se o texto em inglês e, a seguir, a tradução livre. Nota-se, em destaque, nesse texto enviado por Maria Lenk e, provavelmente, extraído do curriculum de nadadora escrito à mão por ela própria (Fig. 27a e 27b) e editado pelo ISHOF: sua participação nos Jogos Olímpicos de 1932 e 1936, seus três recordes mundiais, suas três

medalhas de ouro nos campeonatos de natação sul-americanos, seus nove recordes nos Estados Unidos e seu pioneirismo no estilo borboleta. Além de suas realizações na natação, o texto inclui ao final sua transição para a vida acadêmica como professora de Educação Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro e sua função como membro do Conselho Nacional do Desporto no Brasil, sendo a primeira mulher a assumir esse cargo.

Cabe aqui, no entanto, uma observação relevante em relação ao texto do ISHOF, que nossa atleta maior não alterou. O seminário de curta duração sobre Educação Física em Springfield College, com cientistas famosos, como ela mesma relata em seu livro “Braçadas e Abraços”, certamente contribuiu academicamente para ela, porém não a levou ao cargo de professora da UFRJ. Maria Lenk já havia sido nomeada professora da UFRJ pelo próprio Presidente da República em 1939, conforme seu próprio relato no livro já mencionado (págs. 115 e 116).

## **MARIA LENK (BRA)**

### **1988 Honor Swimmer**

FOR THE RECORD: OLYMPIC GAMES: 1932, 1936 Brazil Olympic Team; WORLD RECORDS: 3 (200m, 400m breaststroke; 1 relay); SOUTH AMERICAN SWIMMING CHAMPIONSHIPS: 1935 gold (100m backstroke; 200m breaststroke; 1 relay); AMERICAN RECORDS: 9 (200yd, 220yd, 440yd, 500yd, 200m, 400m, 500m breaststroke); A pioneer in the evolution of the butterfly stroke.

Maria Emma Hulda Lenk was born in Sao Paulo, Brazil, in 1915 of German parents who immigrated to Brazil in 1912. This German-Brazilian girl did more to advance the status of Latin women in athletics than any other. Her forceful and persistent personality certainly were contributing factors. She was the first South American woman to take part in the Olympics (1932) and is credited with being the first woman to swim the butterfly breaststroke in the Olympics (1936) if not the world. Maria was the first South American woman to set swimming world records in the 200 meter and 400-meter breaststroke in 1939.



In 1932 Maria's Brazilian team made its expenses to the Games in Los Angeles by selling coffee they brought with them on the ship. She made the semi-finals in the 200-meter breaststroke and also participated in the 100meter freestyle and the 100meter backstroke. In the 1936 Olympics, swimming the new fly arm stroke with breaststroke kick, Maria again reached the semi-finals in the 200.

After her world records in 1939, she had hopes to swim for the gold in the 1940 Tokyo and Finland Olympics: both sites had to cancel because of war.

Maria's fame grew with the 1942 South American team touring 20 U.S. cities. The tour group consisted of six men and Maria, again the pioneer woman. Twelve American records were set, but more importantly, Maria ended up at Springfield College studying physical education which eventually led her to a professorship at Brazil's Federal University in Rio De Janeiro, becoming the first woman on the Brazilian Council of Sport.

**Fig. 37** Texto biográfico de homenagem à Maria Lenk no website do ISHOF.

## TRADUÇÃO LIVRE DO TEXTO QUE HOMENAGEIA MARIA LENK NO WEBSITE DO ISHOF

### **MARIA LENK (BRA)**

#### **Nadadora Homenageada em 1988**

PARA REGISTROS: JOGOS OLÍMPICOS: 1932, 1936 Delegação Olímpica Brasileira; RECORDES MUNDIAIS: 3 (200m, 400m peito; 1 revezamento); CAMPEONATO SUL-AMERICANO DE NATAÇÃO: ouro de 1935 (100m costas; 200m peito; 1 revezamento); RECORDES AMERICANOS: 9 (200yd, 220yd, 440yd, 500yd, 200m, 400m, 500m todos nado de peito); pioneira na evolução do nado borboleta.

Maria Emma Hulda Lenk nasceu em São Paulo, Brasil, em 1915, de pais alemães que imigraram para o Brasil em 1912. Esta menina alemã-brasileira fez mais para avançar o status de mulheres latinas em esportes do que qualquer outra. Sua personalidade forte e persistente certamente foram fatores contribuintes. Ela foi a primeira mulher sul-americana a participar dos Jogos Olímpicos (1932) e é creditada como a primeira

mulher a nadar o estilo borboleta nos Jogos Olímpicos (1936) se não no mundo. Maria foi a primeira mulher sul-americana a bater recordes mundiais de natação nos 200 metros e 400 metros, nado de peito em 1939.

Em 1932, a equipe brasileira de Maria pagou suas despesas com os Jogos de Los Angeles vendendo café que trouxeram com eles no navio. Ela chegou às semifinais nos 200 metros peito e também participou dos 100 metros livres e dos 100 metros costas. Nos Jogos Olímpicos de 1936, nadando o estilo borboleta como variante do nado de peito, Maria voltou a chegar às semifinais nos 200m.

Após seus recordes mundiais em 1939, ela tinha esperanças de nadar para o ouro nos Jogos Olímpicos de Tóquio e Finlândia de 1940, porém ambos os locais tiveram que cancelar os Jogos por causa da guerra.

A fama de Maria cresceu com a equipe sul-americana de 1942 em turnê por 20 cidades norte-americanas. O time era composto por seis homens e Maria, novamente a mulher pioneira. Doze recordes americanos foram estabelecidos, mas o mais importante, Maria acabou na faculdade de Springfield estudando Educação Física, o que acabou levando-a a um cargo de professora na Universidade Federal do Rio de Janeiro, tornando-se a primeira mulher no Conselho Nacional de Desportos.

## **11. CARTA A LAURA HATFIELD**

### **02 DE JANEIRO DE 1992**

Quatro anos depois de ser integrada ao ISHOF, Maria Lenk escreve carta, em papel timbrado da FINA, com data de 2 de janeiro de 1992, para a funcionária Laura Hatfield, do ISHOF, inicialmente agradecendo pelo interesse do ISHOF em atualizar seu arquivo. Anexo à carta segue questionário com dados recentes de Maria Lenk, à época.

Ela, em seguida, parece responder a uma pergunta, quando afirma que ainda continuava nadando, mesmo aos 77 anos de idade. Ela continuava tendo a natação como interesse principal e que nadava uma hora todos os dias, além de fazer suas tarefas oficiais junto a instituições e de pes-



quisar sobre natação, que se transformou no propósito de suas viagens frequentes para participar de campeonatos importantes ou para reuniões oficiais.

Acrescenta que a natação lhe deu o reconhecimento de seus companheiros do esporte, o que a colocava em posições oficiais como a de Vice-Presidente da Comissão de Nadadores Masters da FINA, membro do Comitê Olímpico Brasileiro e membro do Conselho da Confederação Brasileira de Natação.

Novamente, se a funcionária tivesse alguma dúvida, poderia entrar em contato com ela no endereço de Albuquerque até o final de março. Depois dessa data ela estaria no Brasil, onde disputaria outro campeonato. Mas não menciona chamadas a cobrar, como em cartas anteriores. Adiciona ainda que gostaria de receber informações sobre as cerimônias dos próximos nadadores que fossem homenageados no ISHOF, pois ela estaria presente como vinha fazendo desde que ela própria havia sido homenageada.

No formulário do ISHOF, que vem em seguida, ela se coloca, em termos de profissão, como professora emérita de Educação Física, aposentada. Ela também inclui o nome do marido e responde a perguntas sobre familiares e esportes; cita os netos, suas idades e o que fazem. A pergunta 4, se ela ainda está envolvida em seu esporte, Maria Lenk cita os cargos que ocupa e as 10 medalhas de ouro que ganhou no Campeonato Mundial de Masters de Natação.

A pergunta 5 é sobre hobbies e lazer. Ela lista então suas viagens para disputar campeonatos de natação, os congressos que frequenta e seminários sobre Ciências do Esporte, como o Congresso de Ciências dos Jogos Olímpicos, escrever ou traduzir artigos sobre a ciência do esporte e natação (do inglês e do alemão para o português), ler e estudar sobre as ciências do esporte e natação.

A pergunta 6 versa sobre o valor mais importante que ela aprendeu com seu envolvimento no esporte, a que ela responde: apreciação e respeito por valores humanos em todo o mundo, o que observei em 60 anos de amizades internacionais; determinar objetivos e alcançá-los através de persistência e autodisciplina.

É relevante notar como Maria Lenk descreve com clareza suas brilhantes realizações na natação master e como tece com maestria, e paralelamente, os cargos que ocupa nas várias instituições relacionadas à natação, demonstrando pleno conhecimento de marketing pessoal e profissional.

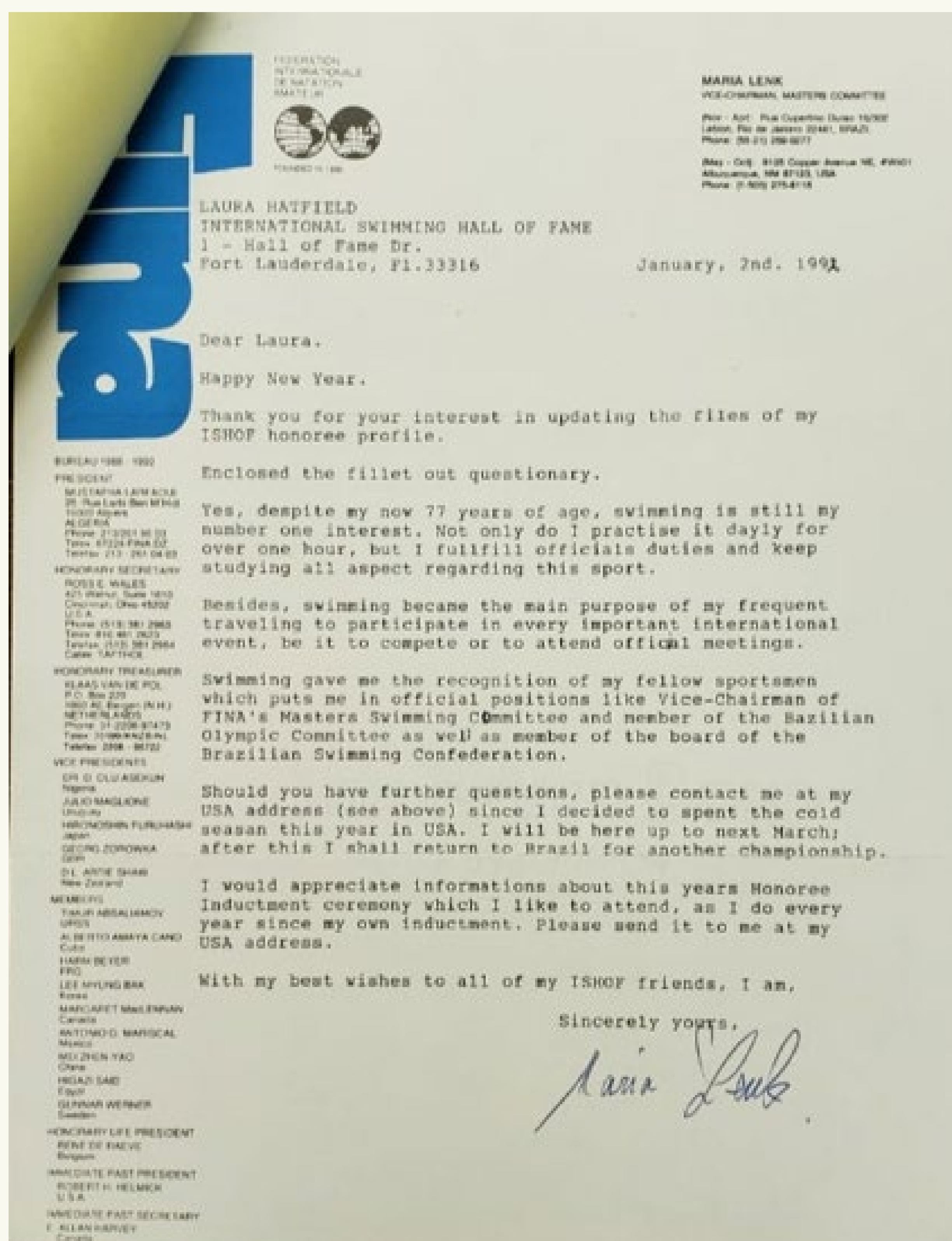


Fig. 38a Carta de Maria Lenk a Laura Hatfield (02/01/1992)  
Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.



INTERNATIONAL SWIMMING HALL OF FAME  
Honoree File

Please print or type

1. NAME MARIA LENK(MARIA EMMA HULDA LENK ZIGLER)

2. EMPLOYMENT(PRESENT) \_\_\_\_\_

POSITION PROFESSOR EMERITUS in P.E. OF THE FEDERAL  
UNIVERSITY OF RIO DE JANEIRO (U.F.R.J.)

RETIRED now RETIRED.

3. ARE YOU MARRIED OR SINGLE? MARRIED

NAME OF SPOUSE DANIEL GILBERT ZIGLER (retired electronic  
professional 600(HWY))

CHILDREN/GRANDCHILDREN: One son and one daughter.  
son's two grandchildren (Bryan and Andrea, see attach)

DO YOUR CHILDREN/GRANDCHILDREN COMPETE IN SPORTS?  
PLEASE LIST THEIR ACHIEVEMENTS - Bryan Zigler (18) attending  
New Mexico State University on both: Academic & swimming  
scholarship - 1991 Manzano High School most valuable swimmer  
Record holder in 100 Back-100 Free-400 Free 200 I.M. Held  
both: Academic & Athletic High School Letters.

Andrea Zigler (15) involved in Fencing and Mountain Hiking.

4. ARE YOU STILL INVOLVED IN YOUR SPORT? IN WHAT WAY? SPORT OFFICIAL  
VICE-CHAIRMAN OF FINA's Masters Swimming Committee

Member of the BRAZILIAN OLYMPIC COMMITTEE and ATHLET (masters  
swimmer) - 10 gold medals at the 1990 Masters Swimming World Championship  
Ind. events: 200 Free; 400 Free; 800 Free; 50 Fly; 200 I.M. - 6 km Ocean Swim  
Relays: 200 Free(fem) 200 I.M (fem) 200 Free (mixed) 200 I.M. (mixed)  
World Records: 800 Free; 400 Free; 50 Fly; 200 I.M. 100 Back

5. WHAT ARE YOUR HOBBIES? ACTIVITIES, RECREATION? Traveling for  
swimming purpose; attending important international seminars (congresses)  
about Sport science and swimming like ASCA WORLD CLINIC or I.O.C Sport-  
Science Congress at the Olympic Games.- Writing or translating (from  
English and German to Portuguese) articles about sport-science & swimming.  
Reading and study of swimming and sport science.

6. WHAT IS THE MOST IMPORTANT VALUE YOU LEARNED FROM  
YOUR INVOLVEMENT IN SPORTS?

Appreciation and respect of human values to be equal all over the world  
which I observed at my long lasting (over 60 years) of international  
friendships.

To set goals and accomplish them through persistency and self-discipline.

PLEASE RETURN THIS FORM TO:

Laura Hatfield  
International Swimming Hall of Fame  
One Hall of Fame Dr.  
Fort Lauderdale, Florida, USA 33316

Phone: (305)462-6516  
FAX: (305)525-4031

Fig. 38b Questionário anexo à carta de  
Maria Lenk a Laura Hatfield (02/01/1992)  
Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.

## **12.CARTA DE MARIA LENK A SAMUEL JAMES FREAS 3 DE MARÇO DE 1992**

Na carta abaixo, dois meses depois da anterior, ainda como Vice-Presidente da Comissão de Nadadores Masters da FINA, no papel timbrado da instituição, e com os dois endereços dela, no Leblon e em Albuquerque, Maria Lenk escreve ao presidente da ISHOF, Samuel James Freas (1946-2019), presidente do ISHOF de 1989 a 2004, felicitando entusiasticamente o ISHOF e a Federação Americana de Natação (USAS) por incluir a natação Masters no programa do ISHOF. Ela se refere ao Campeonato Mundial de Natação Master que ocorre a cada dois anos reunindo nadadores de 40 países em competições cordiais de acordo com o slogan: Fitness, Amizade, Compreensão.

Em 1992, o campeonato seria em Indianápolis, com número recorde de competidores. Ela deseja manter viva a chama olímpica de ex-atletas olímpicos e competidores motivando todos a manter seu treinamento e sua boa saúde para competir num ambiente de menos estresse. Também ape-la àqueles que ainda são “jovens de coração” para mostrar suas habilidades numa idade mais madura, descobrir os benefícios da prática regular da natação ajudando a adiar o declínio fisiológico à medida que o tempo passa. Tudo isso, ela acrescenta, coloca a natação master num pódio especial, merecendo ser conhecida pelos mais de 500 mil visitantes anuais do ISHOF para que eles possam usá-la como modelo para eles próprios.

Maria Lenk adiciona que ao pensar em seus compatriotas que visitam o ISHOF, ela se sente extremamente honrada e orgulhosa em ter sido uma das homenageadas pelo ISHOF e de saber que ela continuou nadando e passou a ser nadadora master. Dessa forma, ela gostaria de ter



o nome dela inscrito no Mural dos Campeões Master. Seguindo a sugestão que foi dada pelo presidente Samuel, provavelmente em carta anterior, nossa campeã anexa um esboço da carreira internacional dela como nadadora master, o que a intitula a ser selecionada para o tal Mural. Ela acrescenta também que incluiu a taxa que é cobrada para esse fim.

Maria Lenk finaliza a carta dizendo literalmente “Eu planejo estar presente à nossa próxima cerimônia de homenagens”, em maio, quando estiver voltando para o Rio de Janeiro. Pode-se então deduzir que ela está em Albuquerque e, mais interessante, que ela, com o uso de “nossa”, expressa que está perfeitamente integrada ao ISHOF, fazendo parte dele de corpo e alma.

No último parágrafo, ela deseja completo sucesso ao ISHOF e diz que é muito gratificante pertencer a esta instituição.

Anexa à carta estão duas páginas datilografadas, com a descrição da carreira internacional de Maria Lenk como nadadora master, desde 1984, quando competiu em Christchurch, na Nova Zelândia, aos 69 anos. Observa-se com clareza nessa iniciativa de Maria Lenk, seu grande interesse em pertencer aos quadros do ISHOF com relação à natação master e com que orgulho ela apresenta sua carreira.

No alto à direita observa-se que o presidente Samuel Freas pede a (Bob) Duenkel para responder a carta para ele, já que escreve “Duenkel: por favor, responda”. Maria Lenk cita seus dois endereços, também, no alto à direita, abaixo do pedido.

*Samuel: P. respond.*



**MARIA LENK**  
VICE-CHAIRMAN, MASTERS COMMITTEE  
New York - New York  
10001, P.O. Box 10001, NY 10001  
Phone: 212-259-0271  
New York - New York  
10001, P.O. Box 10001, NY 10001  
Phone: 212-259-0271

**SAMUEL JAMES FREAS, Ed.D.**  
President of ISHOF  
One, Hall of Fame Drive  
Fort Lauderdale FL  
USA 33316

March, 3rd, 1992

Dear Samuel

As Vice-Chairman of FINA's MASTERS SWIMMING COMMITTEE and as a veteran Masters swimmer, I would like to offer UNITED STATES AQUATIC SPORTS (USAS) and INTERNATIONAL SWIMMING HALL OF FAME (ISHOF) my most enthusiastic applause for including MASTERS SWIMMING in ISHOF program.

MASTERS SWIMMING conquered its place in the international swimming world.

Every two years MASTERS SWIMMING WORLD CHAMPIONSHIP are held, congregating thousands of masters swimmers from over 40 countries in a cordial competition in accordance with its slogan: FITNESS- FRIENDSHIP - UNDERSTANDING.

The next MASTERS SWIMMING WORLD CHAMPIONSHIP will be held this year (june-july) at Indianapolis - Indiana - USA and a record number of participants is expected.

We wish to keep alive the Olympic Flame of former olympians and competiores, motivating them to keep in training and good health, to compete in a new, less stressing and more enjoyable environment. We also appeal to the "young at heart" to prove their abilities at a more mature age, to discover the benefits of regular practice of swimming, helping to postpone the physiological decline as time passes.

All of this puts MASTERS SWIMMING on a special podium and deserves to become known by your over 500 thousand annual visitors for them to use it as a model for themselves.

Thinking of my Brazilian countryman (most of them visiting ISHOF on their visit to U.S.A.) I feel extremely honored and proud to be one of ISHOF's honorees; I am certain they would be interested to know of my continuance in swimming - now as a MASTERS SWIMMER.

- INTERNATIONAL PRESIDENT**  
MUTSARRIF LAMBOUR  
28, Rue Lefebvre St. 1400  
1000 Brussels  
Belgium  
Phone: 32-2-7391 8000  
Telex: 32024 FRA 02  
Fax: 32-2-739 0400
- HONORARY VICE PRESIDENT**  
MICHELLE WALKER  
405 West 10th Street  
Columbus, Ohio 43201  
U.S.A.  
Phone: 614-291-2882  
Telex: 570401 WALK  
Fax: 614-291-2884  
Cable: WALKER
- HONORARY TREASURER**  
KLAAS VAN DE POEL  
P.O. Box 220  
1800 AB Bogen (NL)  
Netherlands  
Phone: 31-20-61375  
Telex: 170800 KLAAS  
Fax: 31-20-61375
- VICE PRESIDENTS**  
DR. G. OLLI-MERLIN  
Belgium  
JERRY MULLONE  
Chicago  
MICHELETTA FURBER  
Japan  
GEORGE JORDOVA  
Cuba  
DR. JETTE SHAW  
New Zealand
- MEMBERS**  
FRAN ARDALAMON  
USA  
ALBERTO MARRAS CARO  
Cuba  
HARVEY BEYER  
FRG  
LEE HYUNG-SIK  
Korea  
BARBARA WALKERMAN  
Canada  
ANTONIO G. MARICIC  
Mexico  
MEL THOMAS  
China  
FRANK BART  
France  
GUNTHER WITNER  
Sweden
- HONORARY LIFE PRESIDENT**  
ROSE DE RAOUS  
Belgium
- ASSOCIATE PAST PRESIDENT**  
ROBERT W. HARRIS  
U.S.A.
- HONORARY PAST SECRETARY**  
E. A. AL. HARVEY  
Canada

Fig. 39a Carta de Maria Lenk a Samuel James Freas, 1ª página (03/03/1992)  
Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.



- 2 -

Therefor I would like to have my name placed on the "MASTERS CHAMPIONS WALL".

Following your suggestion I enclosed an outline of my international Masters Swimmer career, which I hope, entitles me to be selected.

I also enclosed the fee for that purpose.

I plane to be present at our next induction ceremony next May, on my way back from Rio de Janeiro, and I look forward to seeing you.

Wishing you and our INTERNATIONAL SWIMMING HALL OF FAME complet success and beeing grateful to belong to it, I send you my best regards.

*Maria Lenk*

**Fig. 39b Carta de Maria Lenk a Samuel James Freas, 2ª página (03/03/1992)**  
*Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.*

### **13. RESUMO COM OS DESTAQUES DA CARREIRA DE NADADORA MASTER DE MARIA LENK ANEXO À CARTA A SAMUEL JAMES FREAS 03 DE MARÇO DE 1992**

Para se entender a carta e os destaques apresentados por Maria Lenk a Samuel Freas, é essencial acrescentar que após sua aposentadoria como professora de Educação Física da UFRJ, em 1979, nossa heroína olímpica voltou a se dedicar à natação. E mais ainda, à natação competitiva na categoria master, que inclui os nadadores a partir dos 25 anos de idade.

Conforme ela mesma descreve em seu livro de 2003, “Longevidade e Esporte”, a natação dos masters surgiu na década de 1970 em clubes e agremiações locais nos países onde a própria natação, em geral, havia há muito se desenvolvido, como os Estados Unidos, Austrália, Alemanha, Inglaterra e Canadá. De acordo com a FINA, junto com a prática começaram a aparecer os campeonatos locais até que os participantes ambicionaram um campeonato mundial de natação master.

A primeira tentativa de se formalizar a natação de masters em nível internacional ocorreu na Competição Aquática por Faixa Etária (Age Group Aquatic Competition), em Toronto, no Canadá em 1978, que introduziu a divisão ou classificação dos participantes por faixas etárias de cinco anos a partir dos 25 anos de idade (dos 25 aos 29 anos, dos 30 aos 34 anos, e assim por diante). Um encontro formal ocorreu cinco anos mais tarde, em abril de 1983, em Sidnei, na Austrália, que resultou na formação da entidade Natação de Masters Internacional (Masters Swimming International - MSI) com o objetivo de promover a natação de masters no mundo, já que a FINA não havia ainda demonstrado interesse em abrigar esse grupo.



Inicialmente, de acordo com Lenk, em seu livro “Longevidade e Esporte”, a FINA havia sido contrária à natação de masters, chegando até a proibir a realização de competições internacionais. Depois de 1980, as restrições diminuíram por parte da direção da FINA e entre 1984 e 1988, sob a presidência do nadador americano Robert Hellmick (1937-2003), verificaram que não podiam ignorar mais a natação master, que crescia a cada ano.

Em maio de 1987, a FINA instalou o primeiro Comitê de Natação Masters (Fig. 40).



**Fig. 40 Primeiro Comitê de Natação Master da FINA. Nota-se a participação de somente duas mulheres. Maria Lenk veste azul. Ela tinha 72 anos.**

*Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.*

Com relação à situação no Brasil, nossa primeira estrela da natação escreve em seu livro “Longevidade e Esporte” que a Natação Master aqui começou em 21 de junho de

1980, na piscina do Clube de Regatas Flamengo, quando a Federação Aquática do Rio de Janeiro (FARJ - fundada em 1934) organizou uma competição para os nadadores mais velhos: o I Torneio de Masters da Natação Brasileira. Tendo a FARJ como berço da natação master brasileira, foram organizados nove torneios entre 1980 a 1984, tal era o sucesso dos eventos, que contavam com cada vez mais competidores.

Segundo a Associação Brasileira de Masters da Natação (ABMN), a iniciativa master começou no Brasil depois que alguns técnicos brasileiros, em suas viagens ao exterior, especialmente aos Estados Unidos, na década de 1970, trouxeram a notícia de que nadadores mais velhos estavam treinando e participando de competições. Dentre esses treinadores estava o professor Waldyr Mendes Ramos, aluno e colega de Maria Lenk na Escola de Educação Física de Desportos da UFRJ (ver capítulo 4, do prof. Alfredo Faria Júnior e o capítulo 6, da profa. Ana Flávia Paes Leme), que demonstrou muito interesse, e viu na natação master uma oportunidade enorme que beneficiaria indivíduos que já haviam competido e também aqueles que procuravam uma chance para melhorar sua forma física e conquistar “mais saúde”. Em suas viagens, ele ficou surpreso ao constatar que pessoas em idades mais avançadas estavam treinando para essas competições.





**Fig. 41. Dirigentes da ABMN Carlos Roberto da Silva, à esquerda, e Waldyr Mendes Ramos, em 2002. Maria Lenk estava com 87 anos de idade.**

*Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.*

Quando voltou ao Brasil, Waldyr Ramos buscou a direção da FARJ com o propósito de criar iniciativa semelhante ao que havia visto nos Estados Unidos. A ideia de um primeiro passo na natação master foi muito bem acolhida por seu presidente à época, Rogério Carneiro (1935-2018), que junto com Sylvio Kelly (1935-2016), ex-nadador olímpico (1952-1956) e presidente do Fluminense Football Club (1981-1984) lideraram o movimento que culminou com a fundação da Associação Brasileira de Masters da Natação (ABMN) em 1984, inicialmente no Rio de Janeiro e, depois, envolvendo todo o país.



**Fig. 42 Maria Lenk com Rogério Carneiro**  
*Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.*





**Fig. 43** Campeonato Masters 2001; Maria Lenk aos 86 e Sylvio Kelly aos 64  
*Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.*

Voltando ao contexto internacional, com essa liberdade que foi dada pela FINA às competições de natação Master, foi organizado o I Campeonato Internacional de Natação Master (I International Masters Swimming Championship), em Christchurch, na Nova Zelândia, com 2.400 nadadores de diversos países. Foi justamente lá que se iniciou a carreira de Maria Lenk na natação master internacional: em abril de 1984, sendo ela a única nadadora representante do Brasil. A nossa campeã, então 69 anos de idade, competiu justamente na faixa de 65 a 69 anos. Nesse evento ela nadou três provas, ficando em primeiro lugar nos 50m e nos 100m borboleta e, em segundo, nos 1.500m estilo livre.

Esse é o primeiro evento descrito por Maria Lenk no curriculum de nadadora master enviado a Samuel James Freas do ISHOF. O documento se intitula “A carreira de Maria Lenk como nadadora master até fevereiro de 1992”, o que faz todo o sentido uma vez que a carta é enviada no início de março daquele mesmo ano.

Provavelmente, vendo o sucesso que a natação master estava experimentando, a FINA entrou em acordo com a MSI em 1985 e os campeonatos mundiais passaram a ter a sigla FINA-MSI, até 1992, quando a FINA assumiu a responsabilidade exclusiva da realização desses eventos internacionais.

Em agosto de 1985, nossa campeã foi a Toronto, no Canadá, disputar os I Jogos Master (I Master Games). Ela então já estava com 70 anos de idade, competindo, por conseguinte, na faixa etária de 70 a 75 anos. Nessa competição ela quebrou três recordes mundiais: o de 1.500m nado livre, o de 50m e o de 100m borboleta. Terminou em primeiro lugar nos 200m borboleta e nos 200m individual medley, nadando sozinha nos quatro estilos: borboleta, costas, peito e nado livre.

Em julho de 1986, ainda dentro da faixa etária 70-75 anos de idade, Maria Lenk disputou, em Tóquio, o I Campeonato Mundial de Natação Master da FINA/MSI (I FINA/MSI



World Masters Swimming Championship), no qual quebrou o recorde mundial de 800m nado livre, ficando em primeiro lugar nos 200m nado livre, 50m e 100m borboleta e nos 200m medley individual.

Em 1988, no mesmo ano em que se tornou homenageada pelo ISHOF, nossa recordista mundial foi ao II Campeonato Mundial de Natação Master FINA/MSI (II FINA/MSI World Masters Swimming Championship) em Brisbane, na Austrália. Ainda na faixa de 70-75 anos, Maria Lenk conquistou o primeiro lugar nos 800m livres e nos 100m borboleta. Ficou em segundo lugar nos 100m nado de peito e nos 50m borboleta, além de terceiro lugar nos 200m peito.

Já em 1989, ela foi ao III Campeonato Mundial de Natação Master Pan-Pacífico (III Pan Pacific Masters Swimming Championship), em Indianápolis, nos Estados Unidos, ainda na mesma faixa etária. Lá ela bateu o recorde 100m medley individual, conquistou o primeiro lugar nos 100m borboleta e o segundo lugar nos 50m borboleta e também nos 400m nado livre.

No II Jogos Masters (II Masters Games) em Arhus, na Dinamarca, ainda em 1989, ela venceu a prova dos 1.500m nado livre, a dos 400m nado livre, 200m nado livre e 100m borboleta, além de ter conquistado o segundo lugar nos 800m nado livre.

Em agosto de 1990, o III Campeonato Mundial de Natação Master FINA/MSI (III FINA/MSI World Masters Swimming Championship) aconteceu no Rio de Janeiro. Maria Lenk estava então com 75 anos e com isso competiu na faixa de 75 a 79 anos. Nessa competição ela quebrou dois recordes mundiais: 800m nado livre e 50m borboleta. Ainda chegou em primeiro lugar numa competição de longa distância, 6km, em mar aberto e conquistou o primeiro lugar nos 400m nado livre, nos 200m nado livre, e nos 200m

individual medley. Foi uma festa para os brasileiros com ela no pódio por tantas vezes.



**Fig. 44 Pódio de revezamento 4x50, medley (4 estilos), após baterem recorde mundial. Nadadores da esquerda para a direita: Alberto Carvalho (nado costas), Luzia Caracciolo (nado peito), Maria Lenk (nado borboleta) e Gastão Figueiredo (1910-2004) (nado livre).**

*Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.*



**Fig. 45 Gastão Figueiredo com Maria Lenk no Campeonato Mundial da Natação Masters 2000. Ele com 90 anos e ela com 85 anos.**

*Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.*



Ainda em novembro desse mesmo ano, Maria Lenk participou do Campeonato Brasileiro de Natação Master, na Bahia, onde quebrou três recordes mundiais: 400m nado livre, 100m costas e 200m medley individual. Também conquistou o primeiro lugar nos 800m nado livre.

Em julho de 1991, nossa recordista master foi ao IV Campeonato de Natação Master Pan-Pacífico (IV Pan Pacific Masters Swimming Championship), em Tóquio, Japão. Lá ela também não fugiu à regra, quebrou dois recordes mundiais novamente, 400m nado livre e 800m nado livre aos 76 anos. Conquistou também o primeiro lugar dos 200m costas. Nesse mesmo ano venceu a prova de longa distância para sua faixa etária, no percurso de 3,5km em Guam (território insular dos Estados Unidos na Micronésia). Na classificação geral entre 200 atletas, nossa maratonista aquática fez bonito, ficando em 25º lugar.

MARIA LENK'S CAREER AS A MASTERS SWIMMER. until February, 1992.

---

I international masters swimming championship April 24 - 28 1984  
CHRIST CHURCH, NEW ZEALAND. Age Group: 65 - 69 (my age 69 )

100 m Butterfly - 1st place - time: 2:01,49  
50 m Butterfly - 1st place - time 0:52,00  
1500 m Freestyle - 2nd place - time 30:29,96

---

I MASTERS GAMES - August 1985 - TORONTO - CANADA Age Group: 70 - 75

1500 m Freestyle - 1st place - time 30:12,74 WORLD RECORD  
50 m Butterfly - 1st place - time 0:51,25 WORLD RECORD  
100 m Butterfly - 1st place - time 2:02,61 WORLD RECORD  
200 m Butterfly - 1st place - time 4:51,30  
200 m Ind. Medley - 1st place - time 4:18,06

---

I FINA/MSI WORLD MASTERS SWIMMING CHAMPIONSHIP July, 7 - 12, 1986  
TOKIO - JAPAN age group: 70 - 75

800 m Freestyle - 1st place - time 16:24,33 WORLD RECORD  
400 m Freestyle - 1st place - time 8:00,39  
50 m Butterfly - 1st place - time 0:53,00  
100 m Butterfly - 1st place - time 2:05,84  
200 m Ind. Medley - 1st place - time 4:13,21

---

II FINA / MSI WORLD MASTERS SWIMMING CHAMPIONSHIP October 9 - 16, 1988  
BRISBANE - AUSTRALIA - age group 70 - 75

800 m Freestyle - 1st place - time 16:27,18  
100 m Butterfly - 1st place - time 2:10,54  
100 m Breast Str- 2nd place - time 2:05,95  
50 m Butterfly - 3rd place - time 0:54,32  
200 m Breast Str- 3rd place - time 4:37,37

---

III PAN PACIFIC MASTERS SWIMMING CHAMPIONSHIP 1989  
INDIANAPOLIS - INDIANA - U.S.A. age group 70 - 74 (my age: 74.

100 m IND MEDLEY - 1st place - time 1:59,44 WORLD RECORD  
100 m Butterfly - 1st place - time 2:11,55  
50 m Butterfly - 2nd place - time 0:56,55  
400 m Freestyle - 2nd place - time 8:13,22

---

II MASTERS GAMES July 22 - August 6, 1989 ARHUS - DENMARK

1500 m Freestyle - 1st place - time 32:10,40  
800 m Freestyle - 2nd place - time 16:51,95  
400 m Freestyle - 1st place - time 8:06,47  
200 m Freestyle - 1st place - time 4:08,00  
100 m Butterfly - 1st place - time 1:12,79

**Fig. 46a** Resumo com os destaques da carreira de nadadora master de Maria Lenk, anexo à carta de Maria Lenk a Samuel James Freas, 2ª página (03/03/1992)  
*Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.*

MARIA LENK MASTERS SWIMMER CAREER (continuous)

III FINA / MSI WORLD MASTERS SWIMMING CHAMPIONSHIP August 1990  
RIO DE JANEIRO - BRAZIL Age group: 75 - 79 (My age: 75)

6 km Long Distance Swim in the Ocean - 1st place

800 m Freestyle - 1st place - time 17:05.41 WORLD RECORD  
400 m Freestyle - 1st place - time 8:15.60  
200 m Freestyle - 1st place - time 3:58.71  
200 Ind. Medley - 1st place - time 4:26.56  
50 m Butterfly - 1st place - time 0:57.22 WORLD RECORD

---

IV PAN PACIFIC MASTERS SWIMMING CHAMPIONSHIP July 1991  
TOKIO - JAPAN - Age group 75 - 79 (my age 76)

400 m Freestyle - 1st place - time 8:04.16 WORLD RECORD  
800 m Freestyle - 1st place - time 16:33.41 WORLD RECORD  
200 m BACKSTR. - 1st place - time 4:10.85

3.5 km Long Distance Swim in Guam - 1st place (16th between over  
200 swimmers of all ages.)

---

Brazilian Masters Swimming Championship - November 1990  
BAHIA - Brazil - age group 75 - 79

400 m Freestyle - 1st place - time 8:06.34 WORLD RECORD  
800 m Freestyle - 1st place - time 16:59.11  
100 m Back stroke-1st place - time 1:55.98 WORLD RECORD  
200 m Ind. Medley -1st place - time 4:20.42 WORLD RECORD.

---

**Fig. 46b** Resumo com os destaques da carreira de nadadora master de Maria Lenk, anexo à carta de Maria Lenk a Samuel James Freas, 2ª página (03/03/1992)  
*Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.*

## 14. CARTA DE MARIA LENK A BOB DUENKEL 08 DE FEVEREIRO DE 1995

Robert Duenkel (1945-2019) era, em 1995, o liaison (contato) do Comitê de Seleção dos candidatos a serem homenageados. Duenkel ingressou no ISHOF como assistente de Buck Dawson em 1976, e lá trabalhou por mais de 40 anos, sendo homenageado como contribuidor em 2020.



Através de uma carta datilografada em papel timbrado, tendo ao alto seu nome de forma reduzida, Maria Lenk Zigler, já seguido pelo título de Professora Emérita, e logo abaixo, Educação Física e Consultora de Esportes, nossa recordista master entrou em contato com o ISHOF. Seu objetivo era parabenizar o ISHOF por sua iniciativa de abrir as portas para a natação master. Em suas palavras, “há certamente muitas pessoas de grande mérito e cuja grande realização é ser fiel aos esportes aquáticos, servindo como modelo para outras pessoas de idade mais avançada em como lidar com as consequências do envelhecimento. No mês passado comemorei meu 80º aniversário com a presença dos meus dois filhos. Eles vieram especialmente para isso, dos Estados Unidos, onde moram. João Havelange, um grande ex-nadador e atualmente presidente da FIFA, me ofereceu uma recepção com todas as autoridades brasileiras da área do esporte” (Fig.48).

Ela agradece em seguida pelo fato de ele ter escrito perguntando se ela recomendaria alguém para ser homenageado no ISHOF. Ela então responde que, infelizmente, não conhece nenhum sul-americano que preencha todos os requisitos, especialmente o de número 3: “Todos os indicados deverão ter participado por um mínimo de 16 anos competindo em pelo menos quatro faixas etárias diferentes”. Ela ainda acrescenta que ela própria, mesmo sendo a participante master mais idosa, tendo iniciado competições internacionais em 1984, na Nova Zelândia, não seria aceita. Maria Lenk menciona que a ABMN foi criada em 1985, quando foram iniciados os registros de competições da natação master no Brasil. Ela finaliza a carta dizendo que vai publicar a decisão do ISHOF para estimular os nadadores masters do Brasil a continuarem que eventualmente poderão vir a ser elegíveis para uma homenagem.

Essa carta de Maria Lenk mostra com clareza que o ISHOF já começava o planejamento de inclusão dos nadadores

masters como homenageados dos seus quadros. Verifica-se com essa informação sobre a condição de número 3 do regulamento de 1995 do ISHOF, que o nadador master deveria ter começado a competir por volta de 1979 (mínimo de 16 anos), antes inclusive da oficialização das competições pela MSI ou pela FINA, o que tornaria mais difícil a elegibilidade para a homenagem.

Na realidade, as homenagens somente iniciaram em 2003, conforme informação presente no website do ISHOF.

Maria Lenk Zigler, Professor Emeritus  
Physical Education - Sport Consultant

BOB DUENKEL  
Selection Committee Liaison  
Int. Swimming Hall of Fame,  
1 - Hall of Fame Dr.  
Fort Lauderdale Florida  
USA 33316

February, 6th, 1995

Dear Bob,

My congratulation to INTERNATIONAL SWIMMING HALL OF FAME for opening the doors to Masters Swimming. There are certainly many people of great merit and whose greatest accomplishment is to stay faithful to aquatics, serving as a model to other elderly persons in how to handle the consequences of aging. I myself experience the benefits of daily swimming. Last month I commemorated my 80th birthday with the presence of my two children. ( They came specially for that from USA where they live) - Joan Havelange, a former great swimmer and now FIFA's president, offered me a reception with all the important Brazilian sport officials attending.

Thank you for asking me to indicate inductable athletes. Unfortunately I do not know any South-American who fulfills all the requirements, specially nr. 3 : "All nominees shall have participated for a minimum of 16 years covering at least four different age groups"

Even myself, being the oldest participant# (having started 1964 at the first International Masters Swimming competition at Christ-Church (New Zealand) do not classify. - The Brazilian Masters Swimming Association was founded 1985 and only then masters swimming accomplishments were registered. I am publishing ISHOF's decision to stimulate our masters to keep going and eventually become eligible for induction.

My best wishes and my regards to all of you.

*Maria Lenk*

Rua Cupertino Durao 16 Apt 302 - Leblon - Rio de Janeiro - Brasil - 22441 - Tel. (021) 259-0277  
9125 Copper Ave. N.E. #W-401 - Albuquerque - New Mexico - U.S.A. 87123 - Tel. (505) 275-8116

**Fig. 47 Carta de Maria Lenk a Bob Duenkel (08/02/1995)**

*Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.*





**Fig. 48 Maria Lenk com João Havelange em 2000.**  
*Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.*

## **15. CARTA DE ARTHUR KNUDSEN A ROBERT DUENKEL**

### **09 DE ABRIL DE 1995**

A carta que se segue foi escrita por Arthur Knudsen, provavelmente, na época, dirigente esportivo estabelecido na Noruega. Curiosamente, essa missiva foi enviada dois meses após a resposta que nossa recordista master havia enviado a Bob Duenkel. Ele provavelmente deve ter

enviado cartas a todos os esportistas e dirigentes conhecidos no mundo todo em busca de candidatos nadadores masters a serem homenageados pelo ISHOF. Knudsen agradece a confiança, porém não tem como indicar nenhum nome que preencha os requisitos do ISHOF da região geográfica a que ele pertence, ou seja, o norte da Europa. Na realidade, sabe-se que dificilmente todos os requisitos exigidos pelo ISHOF seriam preenchidos por algum nadador.

No entanto, de acordo com Knudsen, existiriam duas pessoas que ele gostaria de sugerir: Maria Lenk, do Rio de Janeiro (seu nome na carta iluminado em amarelo), e June Krauser (Fig.14), da Flórida. Ele se diz convencido de que essas duas nadadoras masters são bastante comprometidas e muito bem qualificadas para inclusão como representantes da família de masters. Acrescenta que não tem acesso aos dados completos delas, mas tem certeza de que seus nomes serão propostos por pessoas que têm acesso aos fatos de suas realizações como nadadoras masters.

É relevante notar que nossa recordista master já era bastante conhecida em 1995, tendo participado de tantas competições em vários países, com muito brilhantismo.



Arthur S. Knudsen

Strommen, 9. April 1995

International Swimming Hall of Fame  
One Hall of Fame Drive  
Fort Lauderdale, Florida 33316  
USA

Attn: Bob Duenkel

Dear Bob,

I thank you for your vote of confidence in asking me for nominees for inclusion as Honorees in the International Swimming Hall of Fame from the Eastern family.

At the present time, I am not able to bring forward any candidates fulfilling the requirements for inclusion in the International Swimming Hall of Fame from my geographical area.

However, there are two persons I would like to point out, **Maria Leak** of Rio de Janeiro, Brazil and June Krauser of Fort Lauderdale, Florida, USA. I am convinced that these two very committed Eastern swimmers are well qualified for inclusion as representatives from the Eastern family. I have no access to their complete vita, but I feel confident that they will be proposed by persons having access to all pertinent facts relating to their achievements as Eastern swimmers.

Yours sincerely



Arthur S. Knudsen

Adresse:  
Strandsveien 16  
2010 STRØMMEN

Telefon:  
63-81 54 52  
+47 63-81 54 52

Telefax:  
63-81 54 52  
+47 63-81 54 52

Fig. 49. Carta de Arthur Knudsen a Bob Duenkel (09/04/1995)

Foto: Vicente Ambrósio. Acervo: Ana Miragaya.

## 16. MARIA LENK HOMENAGEADA COMO NADADORA MASTER DO ISHOF

A instituição Nadadores Masters dos Estados Unidos (U.S. Master Swimmers - USMS) é uma associação americana sem fins lucrativos e, ao mesmo tempo, um órgão regulador nacional cujo objetivo principal é promover programa organizado de natação para adultos. A USMS foi fundada em 1970 na piscina do Amarillo Aquatic Club, no Texas, quando as primeiras competições nacionais de natação master ocorreram. O que começou com algumas dezenas de nadadores chega hoje a mais de 60.000 associados no mundo inteiro. June Krauser (Fig. 16), amiga de Maria Lenk, foi uma das fundadoras e, chamada de “A Mãe da Natação Master” porque ajudou a organizar os grupos e escreveu as regras da instituição.

Em 2008, a USMS publicou em seu website, em destaque, o anúncio para a cerimônia de homenagens que iria ocorrer em 26 de setembro no ISHOF (Fig. 50). Nesse evento nossa recordista master iria finalmente se transformar em master honoree e passaria a fazer parte do Hall da Fama da Natação Master Internacional (International Masters Swimming Hall of Fame) em homenagem póstuma.

Observa-se, em amarelo (grifo nosso) na foto (Fig. 50) que Maria Lenk está registrada dessa vez com duas nacionalidades Brasil e Estados Unidos (Brazil/USA). No entanto, segundo sua família, ela não tinha nacionalidade americana, somente o visto permanente de imigração porque seu marido era americano. Na realidade, ela morava metade do ano com seu esposo, filhos e netos em Albuquerque, no Novo México, enquanto a outra metade, morava no Rio de Janeiro, conforme mostram os documentos apresentados neste capítulo.





**Fig. 50 Anúncio da homenagem do ISHOF aos nadadores masters de 2008 no website do USMS.**

*Foto de Ana Miragaya; Website USMS.*

No website do Hall da Fama da Natação Master Internacional aparece o nome de Maria Lenk, com sua foto e dados biográficos, diferentes dos que são apresentados na homenagem como nadadora pioneira (Fig. 35).

INTERNATIONAL SWIMMING HALL OF FAME

ISHOF & Swimming World News



Happy Birthday Craig Wilson !!

Craig Wilson (USA) Honor Water Polo Player FOR THE RECORD: 1984 OLYMPIC GAMES: silver, 1988 OLYMPIC GAMES: silver, 1992 OLYMPIC GAMES: Fourth, 1992

Feb 5, 2021 12:22:09 PM

---

## Master Honorees


**Maria Lenk (BRA/USA)**  
**2008 Honor Swimmer**

**INTERNATIONAL HIGHLIGHTS:** World Points – 1076, Pre-1986 Points-0, Total Points: 1076. Since 1986, she competed in 5 age groups (70-74 thru 90-94). 37 FINA MASTERS WORLD RECORDS.

A native of Brazil, Maria was a pioneer in the evolution of the butterfly stroke. She, along with Jeanette Campbell of Argentina, did more to advance the status of Latin American women in athletics than any other person. Maria was the first South American woman to participate in an Olympic Games (1936) and she is credited with being the first woman to swim butterfly-breaststroke in the Olympic Games in 1936, if not the world.

It seemed only natural that she would always be a swimmer, so when Masters Swimming became recognized by FINA, she was ready. While competing for both Brazil and the USA, Maria was in the FINA Masters Top 10 for 20 years until her death in 2007. She set a total of 37 FINA Masters World Records in all strokes and the individual medley, 17 long course and 20 short course. Since 1986, she competed in 5 age groups from 70-74 through 90-94.

Maria had 59 number one long course rankings and 24 number one short course rankings, for a total of 83 number one world rankings. She competed in eleven FINA Masters World Championships beginning in 1986 in Tokyo, winning a total 37 gold, 12 silver and 5 bronze medals.



**Fig. 51 Homenagem à Maria Lenk como nadadora master no ISHOF**  
*Foto de Ana Miragaya; Website ISHOF.*

## 17. TEXTO SOBRE MARIA LENK COMO HOMENAGEADA MASTER NO ISHOF – WEBSITE

É relevante observar que os dados apresentados no texto mostram que nossa recordista master atingiu todos os pré-requisitos para sua integração ao ISHOF Master de Natação. O desempenho fabuloso de Maria Lenk somou 1.076 pontos mundiais, com competições em cinco faixas etárias (70-74 a 90-94) e a conquista de 37 recordes mundiais da FINA. Como mencionado anteriormente, a FINA somente passou a organizar as competições master a partir de 1986, junto com a MSI (Masters Swimming International). No entanto, Maria Lenk havia participado de competições internacionais na Nova Zelândia em 1984 e no Canadá, em



1985, onde quebrou três recordes mundiais, que não foram computados por não terem feito parte de competições oficiais pela FINA.

O título do texto destaca Maria Lenk (BRA/USA) e assinala que ela era nativa do Brasil, e pioneira no desenvolvimento do nado estilo borboleta. Essa descrição se coaduna com a carreira de nadadora competitiva de Maria Lenk, de 1930 a 1942, quando ela era solteira e competia nacional e internacionalmente. No entanto, em sua carreira como nadadora master, o contexto era outro: Maria Lenk havia se casado, em 1944, e adotado o nome do marido conforme a lei. Assim sendo, quando ela voltou a nadar aos 65 anos de idade, em 1980, ela já havia se reconciliado com o marido, depois de alguns anos afastada (ver capítulo de Francisco da Silva Júnior, neste livro). Com isso, o sobrenome Zigler voltou a aparecer na documentação que se encontra no arquivo dela no ISHOF, conforme documentos anteriores: carta a Colleen Mahoney em 1987 (Fig. 28), formulário de atualização do arquivo de homenageada em 1992 (Fig. 38b) e carta a Bob Duenkel, em 1995 (Fig. 47). Entretanto, nossa heroína olímpica não tinha nacionalidade americana e nem nadava pelos Estados Unidos.

O texto alude à sua vastíssima contribuição na natação, que foi essencial para o desenvolvimento do esporte feminino na América Latina junto com a francesa naturalizada argentina, Jeanette Campbell (1916-2003), que conquistou a medalha de prata nos 100m livres nos Jogos Olímpicos de Berlin, em 1936, quebrando o recorde olímpico nas semifinais, tornando-se exemplo a ser seguido pelas desportistas argentinas. Jeanette foi homenageada como nadadora pelo ISHOF em 1991, três anos após Maria Lenk. Porém, apesar de seu sucesso inicial, não deu continuidade à sua carreira como nadadora master.



Ainda no primeiro parágrafo da homenagem, Maria Lenk figura como a primeira mulher da América do Sul a participar de uma edição dos Jogos Olímpicos, porém o ano que aparece entre parênteses deveria ser 1932 e não 1936.

Os parágrafos seguintes enfatizam a carreira de nadadora master de Maria Lenk destacando que ela sempre esteve entre os dez melhores durante os 20 anos em que ela competiu, suas realizações, medalhas e recordes.

O texto em inglês é seguido por tradução livre.

### **Maria Lenk (BRA/USA) 2008 Honor Swimmer**

INTERNATIONAL HIGHLIGHTS: World Points - 1076, Pre-1986 Points-0. Total Points: 1076. Since 1986, she competed in 5 age groups (70-74 thru 90-94). 37 FINA MASTERS WORLD RECORDS.

A native of Brazil, Maria was a pioneer in the evolution of the butterfly stroke. She, along with Jeanette Campbell of Argentina, did more to advance the status of Latin American women in athletics than any other person. Maria was the first South American woman to participate in an Olympic Games (1936) and she is credited with being the first woman to swim butterfly-breaststroke in the Olympic Games in 1936, if not the world.

It seemed only natural that she would always be a swimmer, so when Masters Swimming became recognized by FINA, she was ready. While competing for both Brazil and the USA, Maria was in the FINA Masters Top 10 for 20 years until her death in 2007. She set a total of 37 FINA Masters World Records in all strokes and the individual medley, 17 long course and 20 short course. Since 1986, she competed in 5 age groups from 70-74 through 90-94.

Maria had 59 number one long course rankings and 24 number one short course rankings, for a total of 83 number one world rankings. She competed in eleven FINA Masters World Championships beginning in 1986 in Tokyo, winning a total 37 gold, 12 silver and 5 bronze medals.

**Fig. 52 Texto biográfico de homenagem à Maria Lenk como nadadora master no ISHOF.**



# TRADUÇÃO LIVRE DO TEXTO QUE HOMENAGEIA MARIA LENK COMO NADADORA MASTER NO ISHOF

## **Maria Lenk (BRA/EUA) Nadadora homenageada em 2008**

DESTAQUES INTERNACIONAIS: Pontos mundiais – 1076, pré-1986 pontos-0. Total de Pontos: 1076. Desde 1986, competiu em 5 faixas etárias (70-74 a 90-94). 37 RECORDES MUNDIAIS MASTERS DA FINA.

Natural do Brasil, Maria foi pioneira na evolução do nado borboleta. Ela, juntamente com Jeanette Campbell, da Argentina, fizeram mais para avançar o status de mulheres latino-americanas no esporte do que qualquer outra pessoa. Maria foi a primeira mulher sul-americana a participar de uma edição dos Jogos Olímpicos (1936) e é creditada como a primeira mulher a nadar borboleta-peito nos Jogos Olímpicos de 1936, se não o mundo.

Parecia natural que ela sempre fosse nadadora, então quando Masters Swimming ficou reconhecida pela FINA, ela estava pronta. Enquanto competia tanto pelo Brasil quanto pelos EUA, Maria esteve no Top 10 do FINA Masters por 20 anos até sua morte em 2007. Ela estabeleceu um total de 37 FINA Masters World Records em todos os traçados e o medley individual, 17 longos e 20 curtas. Desde 1986, competiu em 5 faixas etárias de 70 a 74 a 90-94.

Maria tinha 59 posições no ranking de cursos longos e 24 no ranking de cursos curtos, totalizando 83 rankings mundiais. Ela competiu em onze Campeonatos Mundiais de Masters da FINA, começando em 1986 em Tóquio, ganhando um total de 37 medalhas de ouro, 12 de prata e 5 de bronze.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Maria Lenk teve duas carreiras internacionais brilhantes na natação: como nadadora de alto rendimento (1930-1942) e como nadadora master (1980-2007). Nossa recordista mundial foi exímia gestora de sua carreira esportiva, sen-



do privilegiada com duas honrarias no International Swimming Hall of Fame (ISHOF), respectivamente, a primeira em 1988 e a segunda em 2008, um ano após seu falecimento. Sua herança de exemplo no esporte e nas várias áreas onde ela atuou é preciosa fonte de inspiração para esportistas não só do Brasil, mas do mundo.

No entanto, o legado de Maria Lenk ultrapassa suas carreiras e os títulos e homenagens que ela conseguiu na natação. Através da análise dos poucos documentos que fazem parte de seu arquivo no ISHOF, pode-se entender um pouco mais sobre como nossa nadadora recordista construiu seu nome, sua marca, exercitando marketing pessoal e profissional, além de fazer habilmente gestão de suas brilhantes carreiras como esportista, como dirigente e como professora do ensino superior, sem ter cursado formalmente áreas dessa especialização, que na época não existiam. Ela era uma mulher à frente de seu tempo.

Nossa atleta maior sabia bem como fazer gestão de sua carreira durante sua vida. Iniciou como nadadora competitiva no alto rendimento, participou de muitas competições, bastante consciente de seu vanguardismo, conforme sempre citou, colocando-se como pioneira no que fazia, abrindo novos caminhos e oportunidades para meninas e mulheres no esporte.

Provavelmente por orientação de seus pais, ela sabia que a carreira no esporte de alta competição é finita. Por isso, preparou-se e, logo aos 19 anos de idade, quando surgiu a primeira oportunidade, ingressou na faculdade de Educação Física assim que abriu a primeira turma civil da Escola Superior de Educação Física (hoje, Escola de Educação Física e Desportos da Universidade de São Paulo). Ela já tinha se decidido pela carreira no esporte, na natação. Na época o curso era de dois anos. Iniciou em 1934, de forma que com 21 anos já tinha o título de professora de Educa-



ção Física. Com sua viagem a Berlin para os Jogos, demorou-se um pouco mais na Europa para visitar faculdades e acabou fazendo estágios conforme ela mesma relata em seu livro “Braçadas e Abraços”. Isso adicionou muito ao seu conhecimento sobre natação e à sua futura carreira no magistério, uma vez que se dedicava muito aos estudos e a cursos, congressos e seminários sobre a ciência do esporte e a natação.

Com sua bela história de vitórias, foi chamada para ajudar na fundação da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil em 1939, em seguida sendo nomeada professora universitária pelo Presidente da República, profissão que passou a exercer quando terminou sua carreira de nadadora de alto rendimento. Em 15 de janeiro de 1942, seu aniversário de 27 anos, ela comemorou com vitória sua última competição oficial como amadora, no torneio de que participava nos Estados Unidos. Lá fez um curso na área de Educação Física, em Springfield College, no estado de Massachusetts, provavelmente para aperfeiçoamento acadêmico, pois ela sabia que isso poderia fazer diferença para sua carreira acadêmica, pois esses títulos lhe seriam importantes. Nesse mesmo ano, ainda publicou dois livros.

O alemão que aprendeu com os pais e o inglês que aprendeu em suas viagens e por seus próprios estudos lhe impulsionaram a carreira. Com isso, ela contribuiu imensamente para o desenvolvimento das Ciências do Esporte no Brasil e para o sucesso do Acordo Brasil-Alemanha.

Em sua carreira como gestora e dirigente, ela foi a primeira mulher a ser diretora da Faculdade de Educação Física da UFRJ. Foi também membro do Conselho Nacional de Desportos (CND), Comitê Olímpico Brasileiro (COB), Confederação Brasileira de Natação (CBN), Federação Internacional de Natação (FINA) além de fundadora da Associação Brasileira de Masters da Natação (ABMN).



Depois que se aposentou da UFRJ aos 64 anos de idade partiu para construir mais uma carreira na natação, agora como master. Em 1982 publicou mais um livro autobiográfico e outro em 2003, o seu último.

Embora na época não houvesse ainda cursos de Marketing e muito menos de marketing profissional e pessoal, Maria Lenk parecia entender muito bem deles como se pode verificar em suas cartas e como ela se posiciona para tentar conseguir seu objetivo de ser parte integrante do ISHOF. Ela praticou seu marketing de forma bem sutil e discreta, de forma bem diferente como a que faziam as “autoridades”, como ela se refere, no caso, todos do sexo masculino. Foi justamente nesse meio masculino que ela se desenvolveu e provavelmente adaptou para si técnicas de persuasão e argumenta o baseadas em fatos e números, conforme se pode observar nas cartas e demais documentos expostos nesse texto. Nossa heroína olímpica sempre foi muito focada e como ela mesma declara, com disciplina e persistência, que ela praticou até o fim de sua vida. Mesmo não havendo cursos formais a respeito, nossa campeã mundial sabia como gerenciar sua carreira, primeiro como nadadora de alto rendimento, depois como professora do ensino superior, como gestora, como dirigente e como atleta master.

Ela tanto sabia da força de seu nome que somente assinava Maria Lenk. Essencial no processo de comunica o, por simplifica o de seu nome de batismo para Maria Lenk e por força da repeti o, como ela mesma narra na introdu o de seu livro “Braçadas e Abraços”, ao longo dos anos, Maria Lenk soube muito bem construir sua marca através de seu nome. Embora em algumas circunstâncias mais formais utilizasse o sobrenome de seu marido, por força do casamento, segundo ela própria, era a sua marca, Maria Lenk, que aparecia nas assinaturas de documentos e que é seu mais precioso legado: sua reputa o, seus valores, seu exemplo e sua dedica o ao esporte. Enfim, inspira o para todos!



## FONTES

### WEBSITES:

INTERNATIONAL SWIMMING HALL OF FAME, 2020. Disponível em: [www.ishof.org](http://www.ishof.org). Acesso em: 16 dez. 2020.

CITY OF FORT LAUDERDALE, 2021. Disponível em: [www.forlauderdale.gov](http://www.forlauderdale.gov). Acesso em 15 jan. 2021.

BEST MEMORIA, 2021. Disponível em: Best Memória: Casino Pool em Fort Lauderdale completaria 92 anos - Best Swimming ([swimchannel.net](http://swimchannel.net)). Acesso em 12 jan. 2021.

SOUTH FLORIDA SUN SENTINEL. Disponível em: ORLANDO AQUATIC CENTER RIVALS FORT LAUDERDALE'S - Sun Sentinel ([sun-sentinel.com](http://sun-sentinel.com)). Acesso em 12 jan. 2021.

AMATEUR SWIMMING UNION OF THE AMERICAS. Disponível em: Amateur Swimming Union of the Americas | UIA Yearbook Profile | Union of International Associations. Acesso em 13 jan. 2021.

US MASTERS SWIMMING. Disponível em: The International Masters Swimming Hall of Fame Inducts Six | U.S. Masters Swimming ([usms.org](http://usms.org)). Acesso em: 25 jan. 2021.

INTERNATIONAL SWIMMING FEDERATION (FINA). Disponível em: [Fina.org](http://Fina.org) | Official FINA Website. Acesso em: 12 dez. 2020.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MASTERS DA NATAÇÃO. Disponível em: Associação Brasileira de Masters de NataçãO - Site oficial dos esportes aquáticos masters do Brasil ([abmn.org.br](http://abmn.org.br)). Acesso em: 15 dez. 2020.

NEW YORK ATHLETIC CLUB. Disponível em: Home - New York Athletic Club (nyac.org). Acesso em: 30 dez. 2020.

JORNAL O GLOBO ACERVO DIGITAL. Disponível em: Acervo Digital | Jornal O Globo. Acesso em 25 jan. 2021

SUN SENTINEL. Disponível em: ORLANDO AQUATIC CENTER RIVALS FORT LAUDERDALE'S - Sun Sentinel (sun-sentinel.com). Acesso em: 24 jan. 2021.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS AQUÁTICOS. Disponível em: CBDA - Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos. Acesso em: 20.nov. 2020.

## LIVROS:

LENK, Maria. Braçadas e abraços. Rio de Janeiro: Gráfica Bradesco, 1986.

LENK, Maria. Longevidade e Esporte. Rio de Janeiro: Editora Didática e Científica, 2003.



## CAPÍTULO 8

# A CONSTRUÇÃO DE UMA ATLETA OLÍMPICA

*Abigail Bennett Daeke*

**O**s primeiros Jogos Olímpicos de Maria Lenk, Los Angeles, 1932, são frequentemente relatados nas crônicas de suas conquistas na natação, recordes mundiais e liderança pioneira na educação esportiva. Foram tantas as dificuldades que mais tarde ela comparou a viagem de navio a Los Angeles como semelhante a ir à lua.

Apesar de tudo, Maria estava determinada a competir nas suas três provas de natação, os 200m peito, 100m livre e 100m costas, mas não conquistou nenhuma medalha, deixando Los Angeles muito decepcionada, tanto por conta de seu próprio desempenho quanto pela perda da honra. No entanto, sua desilusão alimentaria seu impulso para sucessos posteriores. Sua prática de natação era a mesma ferramenta que ela usaria para passar por períodos difíceis em sua vida.

Embora Maria tenha minimizado a importância de sua participação nos Jogos de 1932, ninguém sentiu mais as palavras do fundador dos Jogos Olímpicos modernos, Pierre de Coubertin, parafraseadas no Estádio Olímpico de Los Angeles: “O importante nos Jogos Olímpicos não é vencer, mas participar; o importante na vida não é o triunfo, mas a luta; o essencial não é ter conquistado, mas ter lutado bem”.

Maria Lenk encarnou um espírito competitivo, com vontade, disciplina e habilidade para superar obstáculos, justamente o que o grande público desejava, pois passava por período dramático e o esporte organizado apresentava derrotas que poderiam ser contidas e superadas, e pequenas vitórias conquistadas. Essa crença no esporte como prática essencial para a condição humana, especialmente em tempos difíceis, foi uma filosofia abraçada e ensinada pelo pai de Maria, Paul Lenk.

A integração de Maria com a crença de seu pai na importância do condicionamento físico se enraizou no início de sua vida, depois de sofrer uma série de "doenças infantis". Paul conversou com médicos e aprendeu que a natação estava ganhando reconhecimento como uma boa prática de fortalecimento pulmonar. Quando Maria recuperou sua saúde, ela queria se concentrar na natação e aos 15 anos, um mês depois que aprendeu a nadar, ela aprofundou seu compromisso vencendo sua primeira competição: um evento de 50 metros realizado por um clube de regatas no Rio Tietê.

Como nenhum dos pais de Maria poderia fazer a longa viagem a Los Angeles, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) nomeou o chefe da delegação como acompanhante de Maria. Os pais dela conversaram muito sobre o assunto, levando em consideração uma revolução, que já vinha se desenhando no país. No dia seguinte às provas olímpicas de qualificação no Rio, quatro estudantes foram assassinados em São Paulo. O pai de Maria então disse a ela: "Competir pelo seu país é a mais alta forma de patriotismo." A declaração de Paul ficou com Maria. Ele estava lhe dando permissão para ir a Los Angeles, e também transferindo a responsabilidade que ela sempre sentiu por sua família para seu país. A natação lhe deu uma missão e um propósito a cumprir.



Assim como Maria não poderia imaginar que sua primeira competição de 50 metros no Rio Tietê a levaria aos Jogos Olímpicos em Los Angeles, ela provavelmente não poderia ter imaginado como esses Jogos extraordinariamente difíceis levariam aos papéis pioneiros que ela viria a exercer tanto no desenvolvimento feminino profissional quanto no esporte. Embora sua experiência em Los Angeles tivesse ficado aquém de suas expectativas, Maria nunca desistiu: chegou de volta convencida de que havia trabalho a fazer, querendo mais do que nunca cursar Educação Física e desenvolver sua carreira. Ela foi capaz de olhar além de sua decepção pessoal para a visão expandida dos esportes organizados que ela havia testemunhado em sua jornada para Los Angeles, onde ficou impressionada com o sucesso dos nadadores japoneses, que assistiam a filmes de si mesmos em suas práticas, para a melhora no desempenho.

Maria continuou autodidata, experimentando e inovando. Ela explicou que ganhou seus recordes mundiais sendo sua própria treinadora, mas que ela "teve muita influência do método japonês", especialmente seguindo a filosofia de Takashiro Saito: "Um bom nadador nunca falta ao treinamento; você não falta por conta de preguiça ou mesmo doença; só a morte te impede de treinar". Não há dúvida de que esse tipo de disciplina requer sacrifício.

Maria, mais tarde, respondeu à pergunta que fez sobre seu próprio compromisso, no livro *Braçadas & Abraços*. "O que levou esse rigoroso treinamento, quilômetros nadando em duas longas sessões diárias, exigindo a renúncia de tantos confortos da vida? No geral, foi a memória predominante da humilhação que o esporte brasileiro sofreu em Los Angeles ..." Maria sabiamente canalizou essa frustração, emparelhando-a com inteligência e observação cuidadosa, para fazer as mudanças necessárias. Sua experiência em Los Angeles não reflete o auge de sua carreira, mas estabelece as bases para seus futuros sucessos. A tenaci-

dade que Maria demonstrou em tempos difíceis revela um poder secreto que todos os verdadeiros campeões devem ter: a capacidade de aprender tão profundamente com fracassos e com sucessos. Maria viu a lacuna entre seus objetivos e onde ela começou, e metodicamente começou a engenharia da ponte que melhoraria não só sua própria forma e técnica, mas a força dos programas brasileiros de natação e Educação Física em geral.



## CHAPTER 8

# THE MAKING OF AN OLYMPIAN

*Abigail Bennett Dacke*

**M**aria Lenk's first Olympics, the Los Angeles "Great Depression Games" of 1932, are often glossed over in the chronicles of her swimming achievements, world records, and pioneering leadership in sports education. The world was in the depths of a devastating financial crisis, and the city of Los Angeles was virtually unknown to the rest of the world. Maria, only seventeen at the time she sailed, later described the journey as akin to going to the moon. Of the countries that participated in the '32 Olympics, most could afford to send only a pared down delegation of athletes — in some cases one or two men — across the ocean. The event was violently opposed in California, where protesters smashed storefronts displaying Olympic insignia, and marched in the state capital holding signs that read Groceries, not Games! President Herbert Hoover refused to officiate the proceedings, reportedly telling friends, "It's a crazy thing, and it takes some gall to expect me to be a part of it."

However, Brazil, under the new leadership of Provisional President Getúlio Vargas, sent abroad the largest and most diverse international sports delegation in the country's history. It wouldn't be an easy journey, funded mostly by

55,000 sacks of coffee packed into the holds of the ship, a portion of which had been negotiated for sale in San Francisco. While Maria and her fellow athletes were at sea, the Constitutional Revolution broke out in São Paulo, cutting off communication with Brazil and devaluing what little money they had. Reporters in Los Angeles gleefully published accounts of the Brazilians' troubles, drawing attention away from any local turmoil. The challenges that the delegation faced also filled Brazilian newspapers well into 1933, becoming the biggest story after the conclusion of the 1932 Revolution.

To briefly recap, when the Brazilians arrived broke in Los Angeles, delegation leaders decided to split the athletes, choosing only the rowers, starting water polo players, around eight track and fielders and a couple of coaches to disembark and head to the Olympic Village. The Olympic Village was just introduced in 1932, an inexpensive solution to housing and feeding male athletes — for \$2 per athlete per day. But Brazil's delegation was so large (counts vary from 80 to 110, with many naval athletes unaccounted for), most athletes were compelled to continue on to sell coffee in San Francisco, where the ship would be held by authorities because of a misunderstanding over docking fees in Los Angeles.

None of the swimmers were chosen to disembark in Los Angeles, but delegation leaders debated what to do with Maria, who sailed “under the protection” of the delegation chief. At last it was decided that she would be taken to the downtown Chapman Park Hotel, where the female athletes were housed. Ironically for Maria, teammates complained that her release from the ship was due to “chivalry.” After battling stereotypes to prove that women were physically and emotionally capable of handling both prolonged physical exertion and the tolls of international travel, Maria then faced claims that she was favored because she was a woman.



But Maria was also useful to the delegation chief; the solvency of the Brazilian Milréis was in question because of the revolution, and the delegation chief needed a translator to exchange money at the bank. Not only did Maria's father work in the German bank of São Paulo, before financial troubles shut the branch down, the German her family spoke at home was a cousin to English, a language Maria had honed reading every swimming magazine she could get a hold of.

Maria successfully negotiated the money exchange at a Los Angeles bank, for what turned out to be the delegation chief's personal cash. Then, he dropped Maria at the Chapman Park Hotel, promising to return the next morning to exchange the modest travel stipend he held for Maria. The delegation chief never returned, essentially abandoning Maria, penniless, in the hotel for female athletes.

At the Chapman Park Hotel, Maria at least had a bed, food and the camaraderie of other female athletes who'd made their own sacrifices to be there. With no coach or team, Maria was paired to practice with the American swimmers, benefiting greatly from coaching and training techniques she had never been exposed to before. Yet, Maria worried constantly about her family and longed for word about what was happening back in São Paulo. Local papers only mentioned Brazil to report on the coffee shortage the revolution was causing.

With so many disruptions and difficulties, out of shape after more than a month at sea, many members of the Brazilian delegation missed, withdrew or were never registered for their races. Yet, Maria was determined to compete in all three of her swim events, the 200-meter breaststroke, 100-meter freestyle and 100-meter backstroke. She completed all of her races, but left Los Angeles greatly disappointed, both in her own performances and the loss of



honor that Brazil should have gained, given the raw athletic talent on the 1932 delegation. Yet, Maria's disillusionment would fuel her drive towards later successes. As it had developed, her swimming practice was the very tool that she would use to pull herself through difficult periods of life.

After her return from Los Angeles, Maria was often asked, "Was it worth it?" Her "semi-sarcastic" reply was, "Well, it was a learning experience." Maria downplayed the importance of her participation in the 1932 Games, but no one better embodied the words of modern Olympic founder Pierre de Coubertin. His words paraphrased in the Los Angeles Olympic Stadium: The important thing in the Olympic Games is not to win, but to take part, the important thing in life is not the triumph, but the struggle, the essential thing is not to have conquered but to have fought well. During these Games, Maria Lenk became not only the first female Olympian from Brazil, but the first female Olympian from all of South America to participate in an edition of the Olympic Games. It seemed an unlikely time for such a milestone, during an era of financial and political upheaval. It was a revolutionary time, but as women's rights advocate Bertha Lutz observed, "Revolution ... tends to favor women."

The Great Depression destroyed businesses, families and individuals, but Maria Lenk embodied a competitive spirit, the willingness, discipline and skill to overcome obstacles. The public naturally turned to organized sports in these dire times — the only good news in papers filled with reports of bankruptcy and suicides — where defeats could be contained and overcome, and small victories won. This belief in sports as a practice essential to the human condition, especially in difficult times, was a philosophy embraced and taught by Maria's father, Paul Lenk.

Paul had emigrated from Germany to Brazil in 1910 with his new wife, Emma, seeking a life more in harmony with the



natural world. By this point, Paul's home state of Saxony had become the most densely populated region in Europe. Paul was a practitioner and state-certified instructor of Turnen, or German gymnastics, the nationalistic practice that harkened back to earlier days of German farming and craftsmanship, when groups of boys chased each other in the woods, climbing, balancing, hauling and throwing rocks. At the age of thirty, Paul's physical conditioning gave him the skills and courage he needed to strike out for a new life, one in which he envisioned cutting a family farm from virgin forest. Brazil's Rio Grande do Sul, which had been welcoming Germans since the days of Austrian-born Princess Maria Leopoldina, maintained vast swatches of pristine forest. Yet, as historian Marion K. Pinsdorf noted, few Germans were prepared for the physical shock they would receive upon reaching their destination. "German farmers entering Rio Grande do Sul were confronted by entirely unfamiliar crops and a virgin tropical forest such as few had dreamed of."

When Paul Lenk traveled to Rio Grande do Sul, indigenous clans still attacked encroaching settlers, and to make even the most rudimentary shelter, first gigantic, ancient trees had to be felled. Snakebites, parasites and dysentery were all common, and lethal, problems. It was an extraordinarily physically taxing undertaking, and while Paul may have been up to the task, Emma quickly deteriorated. To save Emma's life, Paul abandoned his dreams of a farm in Rio Grande do Sul. They made the difficult journey back to São Paulo by ox-cart and train, but it was too late for Emma, and she died shortly after.

After Emma's death, Paul thought about her stepdaughter, Rosa. Emma had been married before Paul and widowed, leaving her a stepmother to Rosa, closer in age to a sister than a daughter. Rosa had been orphaned by her mother, then her father and now Emma. Despite the losses in her



young life, Rosa became a rare career-woman in Germany. Trained as a red-cross nurse, she had advanced to the position of head nurse in the Leipzig hospital, working under such scientific pioneers as Dr. Röntgen, inventor of the X-Ray. But Rosa had always admired Paul, and when he wrote, proposing that she come to Brazil and they marry, she agreed, arriving to São Paulo in 1912.

Paul got work at the German Bank of São Paulo and they settled in the developing Sant'Ana neighborhood. It was connected to the city center and Paul's work by tram, but had enough land for them to keep a milk cow. When Rosa discovered she was pregnant, she followed the custom of the era, booking passage back to Germany so that her firstborn would share the nationality of his or her parents. Rosa sailed during the (German) summer of 1914, with Paul planning to follow closer to the due date. However, not long after Rosa arrived, Germany declared war. Family members urged Rosa to wait the conflict out; many Germans believed the war would be won by Christmas. Yet Rosa, following her intuition, rushed to return to Paul in Brazil. According to family lore, Rosa caught the last German passenger ship to cross the Atlantic as the war escalated.

At their home in São Paulo on January 15, 1915, Rosa gave birth to a healthy girl she and Paul named Hertha. To their surprise, half an hour later, another girl was born. For this daughter, Paul and Rosa bestowed all of the mothers' names: Maria Emma Hulda Lenk. Maria for Rosa's mother, who had died early in her life, Emma for her stepmother and Paul's first wife, and Hulda for Paul's mother.

Despite financial difficulties exacerbated by the war in Europe, the twins' first year was a joyful one for the Lenk family, according to the diary Paul began keeping for his daughters. Paul kept a busy schedule working at the bank, caring for their cow (which allowed no one but Paul to milk



her), maintaining their land and spending time with the twins, but he justified the time he still took for exercise.

“I put a lot of effort into firming my muscles and staying healthy,” Paul wrote in his diary. “We need our health if we want to remain victorious in the fight for our survival. A healthy physique enables us to live joyfully and to be a joy to ourselves and to other people, rather than a burden (as we would be if we were sick.)”

Sadly, these peaceful times in the Lenk family would come to an end. While Maria thrived, growing chubby and content, Hertha grew sickly and wane. At about a year old, two doctors diagnosed Hertha’s digestive ailments as teething problems. With nothing more that the doctors could do, Paul and Rosa put their faith in the healing properties of nature, hoping to cure Hertha through a “change of air.” They moved the family into a rustic farmhouse in Guarulhos, but despite Rosa’s nursing skills and Paul’s efforts to provide the healthiest environment for his family, Hertha died at little more than a year old.

“On March 20, 1916, we buried (Hertha) in the St. Anna Cemetery, where she lies next to our dear Emmilein,” Paul wrote. Through personal heartbreak and political turmoil, as aggressive German war tactics pulled neutral Brazil into World War I as an allied nation, Paul turned to his “brothers” at the local Turnen gym, leading all of his children — Maria and later her brother Ernesto and sister Sieglinde, in daily calisthenics exercises.

Maria’s integration of her father’s belief in the importance of physical conditioning took root early in her life, after suffering a range of “childhood illnesses” from the time she was 10 to 12 years old. Maria’s bouts with whooping cough, measles, mumps and rubella culminated with a double pneumonia that brought her to the brink of death. During



her slow recovery period, Paul spoke with doctors and learned that swimming was gaining recognition as a good lung-strengthening practice. When Maria regained her health, Paul initially wanted to bring her back to his Turnen club and implement a kettle bell regime to improve her lung capacity, but at this point, Maria resisted going back to the gym. She wanted to focus on swimming, outside, back into the heart of São Paulo.

Growing up, Maria and her family had picnicked on the banks of the River Tietê, watching water sports festivals that showcased feats of rowing, swimming and diving. Before she had gotten sick, at the age of nine, Maria watched the first Tietê Crossing, a grueling 5,500-meter race where swimmers spent over an hour in the winding river to complete the course. At the inaugural race, in 1924, Maria witnessed the first group of “immigrant” girls competing publicly in the river. Seeing the spectacle produced a feeling in Maria she later described as love at first sight.

At the age of fifteen, Maria was ready to try swimming for herself. Paul hired an instructor, who put Maria in a harness secured to a long pole. The instructor held the pole as he walked the banks of the river, leaving Maria feeling “like a fish on a line.” Maria swallowed river water, but was determined to learn the “classic” (breast) stroke. At last Maria’s movements came together so smoothly that “the instructor dropped the line and (she) went swimming away.”

About a month after learning to swim, Maria deepened her commitment by entering and winning her first race, a 50-meter event put on by a regatta club on the River Tietê. It was 1930, the year that Vargas took the presidency, and the very same weekend that Olympic invitations were sent out, calling nations of the world to gather in Los Angeles in two years’ time. At the moment, Maria was simply a girl consumed with the excitement of winning her first



race, but the Olympics, in light of Brazil's shifting political and social climate, would come together to shape Maria's life in significant ways.

Over the next two years, Maria never missed a race in the state of São Paulo, seeking out instruction from veteran swimmers. Paul learned alongside Maria, acting as her coach, and Maria's times improved rapidly. Eventually she broke and held the 200-meter South American female breaststroke record, with a time of 3:22. Maria had a gift for observation and incorporation of physical techniques into her own style.

In 1931, Maria and fellow competitor Marina Cruz were invited to Rio de Janeiro to participate in the first-ever interstate competition for girls. Maria explained that it was rare for swimmers from the two centers of sport — Rio and São Paulo — to compete. Meets were limited to individual club invites, and never included women. “The reigning mentality was that defenseless and dependent creatures simply couldn't be exposed to the rigors and risks of such a long journey,” Maria later wrote.

But after making the overnight train trip to Rio, Maria won her selection and Marina came in second, proving themselves the fastest women in the nation. Parades greeted them upon their return, and photos of them next to Olympic hero Carlos Castello Branco, 1924 rower and current water polo captain, went a long way towards softening attitudes of fathers who never would have dreamed of letting their daughters swim.

The support Maria's family showed her was rare in an era when medical doctors still insisted that prolonged physical exertion could damage a woman's reproductive organs. Maria and Marina spoke out to spread more updated information. They espoused the health, “hygienic” and mental



benefits of the sport and campaigned for better access to swimming for everyone. They used their new platform in the newspapers to explain that girls lacked funds, transportation and often faced overt refusal from fathers and boyfriends if they wanted to swim. Mothers also wanted their teenaged daughters to focus on courtship and marriage, the safest path to a secure future.

Maria's mother clearly provided a different message, filling scrapbooks with Maria's swimming articles, placing them alongside clippings about American Aviator Amelia Earhart, and a portrait of Vargas, whose federal government gave women the right to vote the same month that Maria at last entered the Tietê Crossing herself.

The Tietê Crossing had been cancelled from 1929 to 1931, reflecting greater financial and organizational difficulties in the city. Brazil's Great Crisis had dragged on for years, beginning even before the great stock market crash of 1929 that plummeted the price of coffee from 22 cents to 8 cents a pound overnight. Suicide had become so prevalent that one editorial, running front page in São Paulo's *A Gazeta* alongside a headline describing the "Painful Liquidation of Coffee," proposed that doctors prescribe skin-numbing medication and proper cutting technique. Some people were giving up, but others were ready to fight back and reclaim their lives against forces out of their control.

Sports and sporting events provided an arena for the public to feel inspired again. Bad news was old news, hardly selling newspapers anymore, but sporting events captured the public's imagination. Even Los Angeles Olympic Committee President William Garland, under intense pressure to cancel the 1932 Games, insisted, "What the people need is a great event."



Vargas, the first Brazilian leader to use popular music, radio and professional sports towards crafting a national identity and unifying the country, would have agreed. The people of São Paulo agreed, and in 1932, *A Gazeta* reinstated the Tietê Crossing, calling it “the greatest sporting event in the history of São Paulo.” Maria not only won the female selection of the Crossing with a time of one hour and three minutes; she passed men who’d started in heats over 12 minutes earlier.

*A Gazeta* heightened the campaign to have Maria included in the Olympic Games, reporting, “Without a doubt, Maria Lenk obtained grand glory.” Papers reminded the Rio de Janeiro based Brazilian Sports Confederation (CBD) “Don’t Forget ... Maria Lenk in the upcoming Games!”

The CBD opened qualifying swim trials to girls, and after winning qualifying events in São Paulo, Maria competed in Rio for the second time, just weeks before the delegation was scheduled to sail. Maria was the only girl to participate in all three events open to females. She swam the 200-meter breaststroke unchallenged and did not manage to break her own South American record. She won the 100-meter freestyle against another girl named Maria and immediately after vanquished one other challenger in the 100-meter backstroke, shattering that South American record by 12 seconds.

After witnessing her swim, Dr. Antonio Jacobina, champion swimmer and star forward on the South American champion water polo team, said, “The swimmer that excites me most is Maria Lenk ... She is colossal on her starts and turns.” Jacobina’s praise marked Maria not just as a great female swimmer, but as one of Brazil’s best modern swimmers. Maria understood that precise starts and turns were essential to winning modern races.



During Brazil's first Olympic Games in Antwerp, 1920, Brazilian swimmers, while strong in open waters, lost time on starts and turns in the closed river course (in addition to freezing in the icy water during a chilly Belgian summer). No Brazilian swimmers competed in the Paris Games in 1924 and no Brazilians traveled to Amsterdam in 1928. Brazilian swimmers had not had many chances to catch up on the technical details that accounted for faster modern times. Within two years, however, Maria had absorbed so much knowledge and improved so consistently, she had become not only the most promising female swimmer, but one of the most promising Brazilian swimmers poised to go to Los Angeles.

Neither of Maria's parents could afford to make the long journey, but the CBD was willing to make special concessions to name the delegation chief as Maria's chaperone. Maria's parents discussed letting Maria go on this unprecedented journey as demonstrations and marches in São Paulo escalated. The day after the Olympic trials in Rio, four students were shot down in São Paulo's Plaza da República. They had joined a crowd protesting Vargas' authoritarian tactics and failure to hold democratic elections, but members of a Vargas stronghold organization fired on them from their office windows, overlooking the plaza. The students' last names' initials became a rallying cry: M.M.D.C. It was a volatile time. But at last Maria's father told her, "To compete for your country is the highest form of patriotism."

Paul's statement stayed with Maria. Not only was he giving her permission to go to Los Angeles, he was transferring responsibility Maria had always felt for her family — as surviving twin and first-generation eldest child — to her nation. In a time of revolutionary upheaval, swimming gave Maria a mission and a purpose to fulfill.

Maria's accomplishments also caught the eye of Getúlio Vargas, who deeply impressed Maria by singling her out



for a photo during his farewell visit to the Itaquicê, the 1932 delegation's transport ship. Vargas was clearly cognizant of ways in which women would join the public discourse; several days after Maria sailed on the Itaquicê, Vargas received Brazil's leading women's rights advocate, Bertha Lutz, with a petition to have women included on his Constitutional reform committee. Vargas would end up naming Lutz and another female leader to sit in on the roundtable that would shape Brazil's political future.

Just as Maria could not have imagined that her first 50-meter race in the River Tietê would lead her to the Olympics in Los Angeles, she likely could not have imagined how those extraordinarily difficult Games would lead to pioneering roles in both professional women's and sports development. What is certain is that despite having her experience in Los Angeles fall heartbreakingly short of her expectations, Maria never gave up. Some athletes on the 1932 delegation did not compete in their sports again, choosing to focus on their studies or careers. Maria came home convinced there was work to do, wanting more than ever to make physical education and development her career. She was able to look past her personal disappointment to the expanded vision of organized sports she had witnessed on her journey to Los Angeles.

During a stopover in Balboa, Panama (prolonged as delegation leaders struggled to pay the crossing tax for the Itaquicê, the first Brazilian passenger ship to traverse the Panama Canal), Maria was impressed when she visited a pool frequented by American Canal Zone workers. "Children go to the pool like they were going to school," reported Maria's friend, *A Gazeta* journalist, Tietê Crossing organizer and Olympic pole-vaulter, Carlos Joel Nelli.

This vision of organized physical education undoubtedly helped Maria stand up to a local bishop well after the



Olympics, after she completed a course in physical education (joining the first class open to women), and was sent to teach in rural Amparo in the interior of São Paulo. The bishop threatened Maria with excommunication for having the girls wear long shorts for gym classes, and for teaching them to swim in the river. Maria persisted in her teachings, against entrenched authority. She had seen how a small community could organize and thrive around physical pursuits. Maria succeeded in forming a small swim team that eventually became champions of the first regional open swim meets in 1937.

Likewise, in Los Angeles, Maria had been impressed by the stunning break out success of the Japanese swimmers. At about the same time Maria began swimming, the Japanese government invited American swim champion Johnny Weissmuller to tour Japan and give swim demonstrations. Coaches and scientists methodically broke down and adapted what they learned from Weissmuller to begin their own national swimming program. At the Olympic village, the Japanese also impressed Brazilians by using the outdoor amphitheater — not to watch Hollywood films provided as entertainment for the athletes — but to watch film of themselves in practices, pioneering the use of the modern training technique.

Back in Brazil, Maria petitioned, alongside navy swim champion Manuel da Rocha Villar and fellow member of the '32 delegation, to have Japanese coach Takashiro Saito transferred to Brazil to oversee training. Later Maria also fought, and succeeded, in having glass siding installed in a newly constructed regulation pool, so that all swimmers could benefit from being observed underwater.

Maria continued to be self-taught, experimenting and eventually pioneering the use of the butterfly stroke after the 1936 Olympics. She explained that she won her world re-



cords being her own coach, but that she “had a lot of influence from the Japanese method.” T. Saito admonished absent or late swimmers with a philosophy that Maria already demonstrated: “A good swimmer never misses (practice); you don’t miss (practice) for laziness or even sickness; only death stops you.” There is no doubt that this kind of discipline takes sacrifice. Maria later answered the question she posed about her own commitment in *Braçadas & Abraços*, one of her five books. “What drove this rigorous training, kilometers swum in two long daily sessions, necessitating the renunciation of so many of life’s comforts? Overall, it was the prevalent memory of the humiliation Brazilian sport suffered in Los Angeles ...”

Maria wisely channeled this frustration, pairing it with intelligence and careful observation, to make necessary changes. Her experience in Los Angeles does not reflect the height of her career, but lays the groundwork for her future successes. The tenacity that Maria demonstrated through difficult times reveals a secret power that all true champions must have: an ability to learn as profoundly from failures as successes. Maria saw the gap that stood between her goals and where she started, and methodically set about engineering the bridge that would improve not only her own form and technique, but the strength of Brazil’s swimming and physical education programs overall.

## RESOURCES

### BOOKS:

Levine, Robert M. *Father of the Poor? Vargas and His Era*. Cambridge University Press, 1998.

Lenk, Maria. *Braçadas & Abraços*. Gráfica Bradesco, S.A., 1986

Pinsdorf, Marion K. *German-speaking Entrepreneurs: Builders of Business in Brazil*. New York: P. Lang, 1990.

## PAPERS:

Camargo, Vera Regina Toledo. “Nadadores Brasileiros: Campeões ou Ídolos Esquecidos?” PhD diss., Universidade Estadual de Campinas, 1995.

Devide, Fabiano Pries & Votre, Sebastião Josué. “Primórdios da natação competitiva feminina: do “páreo elegância” aos Jogos Olímpicos de Los Angeles.”

Miragaya, Ana & DaCosta, Lamartine. “Maria Lenk: As Revoluções que Levaram a Nadadora da Atletica às Olimpíadas de 1932.”

Votre, Sebastião & Mourao, Ludmila. “Ignoring Taboos: Maria Lenk, Latin American Inspirationalist.” From *Freeing the Female Body*. Editors Mangan, J.A. & Hong, Fan.

## ARTICLES:

A Gazeta, São Paulo:  
February 27th, 1932  
May 11th, 1932  
October 15th, 1932  
October 17th, 1932

Diário Nacional, April 30th, 1932

“The Olympics that Almost Wasn’t” by Al J. Stump. *American Heritage*, Vol. 33, issue 5, 1982.



The Rock Hill Herald. “No Glamor (sic) Girl, Maria Lenk Shatters Six Swim Records,” January 16th, 1942.

“1932 The “Hopeless” Dream of William May Garland,” by Al J. Stump.

## **OFFICIAL REPORTS:**

Brazilian Olympic Committee. Dream and Conquest; Brazil’s Participation in the 20th Century Olympic Games. Rio de Janeiro, 2004

Xth Olympiad, Los Angeles 1932. Official Report. Los Angeles, 1933. IOC Library; [library.olympic.org](http://library.olympic.org).

## **ADDITIONAL RESOURCES:**

Lenk Family Archive Scrapbooks containing newspaper clippings and personal effects. Gama Filho University, Rio de Janeiro.

Lenk Family Letters, translated from the German by Professor Karin Hanta, Middlebury College, VT.

Interview with Francisco da Costa Silva Jr., 2008; Vera Luiza da Costa e Silva & Francisco da Costa Silva Jr., 2013; Gilbert Zigler, 2013.

## CHAPTER 9

# MARIA LENK AND THE ICAF FOUNDATION (PHYSICAL ACTIVITY SCIENCE INSTITUTE)

*Sérgio Bastos Moreira*

I had my first contact with Maria Lenk when I started my undergraduate degree in physical education in 1978 as I had always been interested in and played sports. This renowned professor was already retired, but remained active with her remarkable presence in sporting events and never missed an opportunity to give her contribution to ventures that valued sport. She had always worked and struggled for physical education and, particularly, for swimming to have due recognition of their importance in the educational and sports training of young people in the country.

As I had graduated in Aeronautical Sciences in 1970 and worked for decades as an air officer in the Brazilian Air Force (FAB), I followed the pathway sciences were taking at that time, including the sophisticated physiology laboratories NASA (National Aeronautics and Space Administration) built to prepare its astronauts for the harsh conditions they would face in space flight. That provided the impetus for the creation of other laboratories focused on physiological research of effort in various parts of the world, including Kenneth H. Cooper's in the U.S. Air Force.



The emphasis that the forerunners of sports sciences gave to the scientific focus that should be given to physical activities made the sports scene clearer at the time. Maria Lenk had planted this seed in the newly created ENEFD (National School of Physical Education and Sports), which was also present in her early books, examples of articulation between sport and science.

However, there was a problem: financial resources were necessary to deeply study the characteristics of physical activities in the light of science. Brazil has never given much importance to this, relegating sports scientists to low budgets that did not allow them to go far beyond incipient studies in small laboratories, usually with the objective of researching diseases or investigating organic disorders caused by physical exercise.

With my experience in aviation, I glimpsed the possibility of obtaining resources from a project that aimed to research the work stress of Brazilian aeronauts. I then sought Francisco da Costa e Silva Júnior, who was also a pilot and held the position of vice-president of the Air Force Sports Commission. We were able to raise awareness of the technical director of the Department of Civil Aviation (DAC) of the former Ministry of Aeronautics and a presentation of the project was scheduled to the boards of the main national airlines of the time. The idea was that the project would be supported by funds from these companies, since they had great interest in studies of this nature.

I defended the project in 1991, in the DAC auditorium with the presence of representatives of several regional airlines and the Ministry of Labor, because the scientific research that was proposed would provide subsidies for a better understanding of the working reality of the air men. To our satisfaction, the project was very well received and aroused the interest of the Organization Internationale de



L'Aviation Civile (OACI), a body which was based in Toronto, Canada, linked to the United Nations (UN), and which regulated all civilian air transport in the world.

The OACI proposed to finance the research for five years. As we intended to work with Physical-Professional Fitness (AFP), we decided to develop a proper environment of studies that would include stress physiology, biomechanics, psychology, biochemistry and physical training. It would be called "Institute of Physical Activity Sciences" (ICAF) and would be located in Campo dos Afonsos, in Rio de Janeiro.

With the guarantee of the budget, our challenge was then to choose the best equipment that would be appropriate to our studies and to the commitment made. We would need to consult and visit advanced research centers in the area of physical activities to define the instruments best suited to our interests.

By coincidence, Francisco da Costa e Silva Júnior, who also wrote a chapter for this book, was professor Maria Lenk's nephew. He commented with her about our needs at ICAF. Maria then made herself entirely available and made contact with Dr. Kenneth Cooper, her friend, who welcomed us to the Dallas Aerobic Center in the state of Texas (USA). A visit to the Aerobic Center was then scheduled.

In Dallas we met Professor Lenk, who personally led us to Dr. Cooper. He welcomed us, accompanied us personally in our stay, showed us all the facilities and introduced us to the researchers of the Center. They would help us with any clarifications we needed. The visit was of enormous value so that we could choose the most appropriate equipment to be purchased for ICAF.

In the U.S., we also made technical visits for the same purpose to the laboratories of the U.S. Air Force Academy



(USAFA) and the U.S. Olympic Training Center (USOTC). When we returned to Brazil, we had well defined the instruments best suited to our needs.

Finally, in 1993, the Institute of Physical Activity Sciences (ICAF) was inaugurated in Rio de Janeiro from my initial project. And, for the first time, within a research institute, a Sports Training Laboratory was conceived, in addition to others, to develop specific and innovative studies to support training.

We were always very grateful and had enormous satisfaction of welcoming in the premises of the new institute Professor Maria Lenk, who had helped us so much with her idealistic personality for the creation of that enterprise. She kept interested in knowing what we were accomplishing and followed with sincere excitement the direction of our research.

## CAPÍTULO 9

# MARIA LENK E A FUNDAÇÃO DO ICAF (INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ATIVIDADE FÍSICA)

*Sérgio Bastos Moreira*

**E**m 1939 era criada, no bairro da Urca, no Rio de Janeiro, a Escola Nacional de Educação Física da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dentre vários idealistas que se empenharam para que o empreendimento se tornasse realidade, estava uma professora e atleta olímpica, campeã de natação, Maria Lenk.

Graduei-me em Ciências Aeronáuticas em 1970 e atuei por décadas como oficial-aviador na Força Aérea Brasileira (FAB). Em 1975 iniciei minhas atividades docentes, como instrutor de voos e professor de navegação aérea na Academia da Força Aérea (AFA), mas paralelamente, sempre pratiquei e me interessei pelos esportes. E foi justamente esta afinidade com as atividades físicas que me levou à graduação em Educação Física no ano de 1978. Durante o curso tive meu primeiro contato com a figura, já lendária, daquela professora que muito antes de eu nascer já se empenhava e lutava para que a Educação Física e particularmente a natação tivessem o devido reconhecimento da sua importância na formação educacional e desportiva dos jovens no país.



Ela estava agora aposentada, mas nem por isso inativa, pois permanecia atuando com sua presença marcante em eventos esportivos e nunca se furtou a dar sua contribuição a empreendimentos que valorizassem o esporte.

As décadas de 1970 e 1980 se caracterizaram por uma competição desenfreada entre o sistema capitalista liderado pelos Estados Unidos da América (EUA) e o sistema comunista, encabeçado pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Era a chamada “Guerra Fria”. Tratava-se de uma disputa por hegemonia política e econômica, onde cada um dos lados investia em tecnologia, armas e propaganda a fim de provar ao restante do mundo sua superioridade e a do modelo econômico que defendia.

Na verdade, desde o fim dos anos 1950 a competição extrapolara os limites da própria Terra e o espaço também virou cenário das disputas entre os dois blocos hegemônicos. Foi a chamada “Corrida Espacial”, que teve início em 4 de outubro de 1957, quando os soviéticos lançaram o primeiro satélite artificial do planeta, o Sputnik, que em português significa “viajante”.

Pela primeira vez um objeto criado por humanos era colocado em órbita. O satélite funcionou por 22 dias antes de suas baterias acabarem. Sua finalidade era pouco relevante, visto que era a de transmitir um sinal de rádio amador que poderia ser ouvido como um “bip” em qualquer parte do mundo. Ainda assim, foi o suficiente para preocupar os Estados Unidos, que não queriam ficar atrás dos soviéticos. Assim sendo, em 31 de janeiro do ano seguinte, lançaram seu próprio satélite, o Explorer I. Alguns meses depois, em julho, o então presidente Dwight Eisenhower determinou a criação da Administração Nacional de Aeronáutica e Espaço (NASA), agência federal dedicada à exploração espacial.



Visando preparar seus astronautas para as severas condições que enfrentariam nos voos espaciais, a NASA construiu sofisticados laboratórios de fisiologia que propiciaram o impulso para a criação de congêneres voltados para pesquisas fisiológicas do esforço em diversos pontos do mundo. É daí que vêm as pesquisas de Åstrand no Instituto Karolinska, na Suécia, de Stegmann, na Alemanha, de Morehouse, que foi o responsável pela preparação física dos astronautas do projeto Apolo, de Kenneth H. Cooper na Força Aérea Norte-americana e do próprio LABOFISE de Maurício Rocha que, na época, chamava-se Laboratório de Fisiologia do Esforço. A expressão “Fisiologia do Exercício”, hoje utilizada, só surgiu posteriormente, em trabalhos de Rizzo Pinto, Claudio Gil, Edmundo Novaes, Vitor Matsudo e outros.

Ao final da década de 1970, diversas investigações científicas aplicadas ao treinamento foram realizadas por Oliveira da Rocha, na Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx), o mesmo verificando-se na Universidade Castelo Branco (com Rizzo), em São Caetano do Sul (com Matsudo) e na Universidade Gama Filho (com Novaes). Nesta última universidade, Manuel Tubino montou em 1979 o primeiro curso de especialização Lato-sensu em “Ciência do Treinamento Desportivo” no Brasil.

A ênfase dos precursores das ciências dos esportes no enfoque científico que deveria ser dado às atividades físicas, seguindo a semente plantada por Maria Lenk na recém-criada ENEFD, que incluía em seus primeiros livros exemplos da articulação esporte e ciência, tornava mais claro o cenário esportivo à época.

Entretanto, havia um problema: para estudar profundamente as características das atividades físicas à luz da ciência era preciso a existência de recursos financeiros. E o Brasil nunca deu muita importância a isso, relegando os



cientistas do esporte a minguados orçamentos que não lhes permitiam ir muito além de incipientes estudos em pequenos laboratórios, geralmente com objetivos de pesquisar doenças ou investigar perturbações orgânicas provocadas pelo exercício físico.

Nessa época, a Educação Física era vinculada à área da Educação. E como este setor jamais foi privilegiado no país, ficava bastante difícil a obtenção de um forte apoio orçamentário para quaisquer novos projetos.

Muito antes, Maria Lenk já percebera que era necessário buscar caminhos inovadores para conseguir realizar seu sonho de ver o desporto valorizado e incentivado na população jovem. Por isso se uniu a médicos, numa tentativa de dar à Educação Física uma maior seriedade científica. A professora sabia que com o respaldo científico da medicina encontraria maiores argumentos na defesa de suas ideias.

Com minha experiência na aviação, vislumbrei a possibilidade de obter recursos a partir de um projeto que visava pesquisar o estresse laboral dos aeronautas brasileiros. Procurei então Francisco da Costa e Silva Júnior, que era também piloto e exercia o cargo de Vice-presidente da Comissão de Desportos da Aeronáutica. Conseguimos sensibilizar o diretor técnico do Departamento de Aviação Civil (DAC) do antigo Ministério da Aeronáutica e foi agendada uma apresentação do projeto para as diretorias das principais empresas aéreas nacionais da época, que eram a VARIG, a VASP e a TRANSBRASIL.

A ideia era que o empreendimento fosse sustentado por verbas oriundas dessas três companhias, já que elas tinham um grande interesse em estudos dessa natureza.

Defendi o projeto em 1991, no auditório do DAC com a presença de representantes também de diversas empresas



aéreas regionais e do Ministério do Trabalho, pois a investigação científica que se propunha forneceria subsídios para um melhor entendimento da realidade laborativa dos aeroviários. Para nossa satisfação, o projeto foi muito bem recebido e despertou o interesse da Organization Internationale de L'Aviation Civile (OACI), organismo com sede em Toronto, no Canadá, ligado às Nações Unidas (ONU) e que regula todo o transporte aéreo civil no mundo.

A OACI nos propôs financiar as pesquisas durante cinco anos e, como tínhamos a intenção de trabalhar no enfoque da Aptidão Físico-Profissional (AFP), resolvemos que seria criado um ambiente de estudos abrangendo as áreas de fisiologia do esforço, biomecânica, psicologia, bioquímica e treinamento físico. Seria chamado “Instituto de Ciências da Atividade Física” (ICAF) e localizado no Campo dos Afonsos, no Rio de Janeiro.

Com o aporte orçamentário garantido, nosso desafio agora era escolher os melhores equipamentos para que pudéssemos levar a contento o compromisso assumido. Precisaríamos consultar e visitar centros avançados de pesquisa na área das atividades físicas para definir os instrumentos mais adequados aos nossos interesses.

Se tivéssemos tentado obter investimentos para fins apenas esportivos, dificilmente obteríamos algum sucesso. Com a opção que escolhêramos, executaríamos principalmente investigações de ergonomia física, cognitiva e organizacional para o setor de aviação e, num segundo objetivo desenvolveríamos estudos de interesse da Educação Física.

Por coincidência do destino, Francisco da Silva júnior era sobrinho da professora Maria Lenk, praticamente criado por ela, que o tratava carinhosamente por “Francis” e era também atleta de natação. Ele comentou com ela a respeito das nossas pretensões. Maria, então, se colocou in-



teiramente à disposição e fez contato com o Dr. Kenneth Cooper, que era muito seu amigo, para que fôssemos recebidos no Centro Aeróbico de Dallas, no estado do Texas (EUA).

Casada com um americano, Maria Lenk morava na cidade de Albuquerque, no Novo México, onde também residia a família de seu filho Gilbert Zigler. Houve então a partir dessas facilidades uma conversa com Cooper e nossa visita ao Centro Aeróbico foi agendada.

Em Dallas nos encontramos com a professora Lenk, que pessoalmente nos conduziu à presença de Cooper. Ele nos recebeu efusivamente, fez questão de acompanhar-nos pessoalmente na estadia, colocou todas as instalações e pesquisadores do Centro à nossa disposição para quaisquer esclarecimentos que precisássemos e, empolgado com nosso projeto, redigiu até uma gentil dedicatória.



**Prof. Kenneth Cooper, Profa. Maria Lenk  
e Prof. Sergio Bastos, Cooper Institute, Dallas**  
*Acervo Prof. Sergio Bastos*





**Prof. Kenneth Cooper, Profa. Maria Lenk e Prof. Sergio Bastos, Cooper Institute, Dallas.**  
*Acervo Prof. Sergio Bastos*

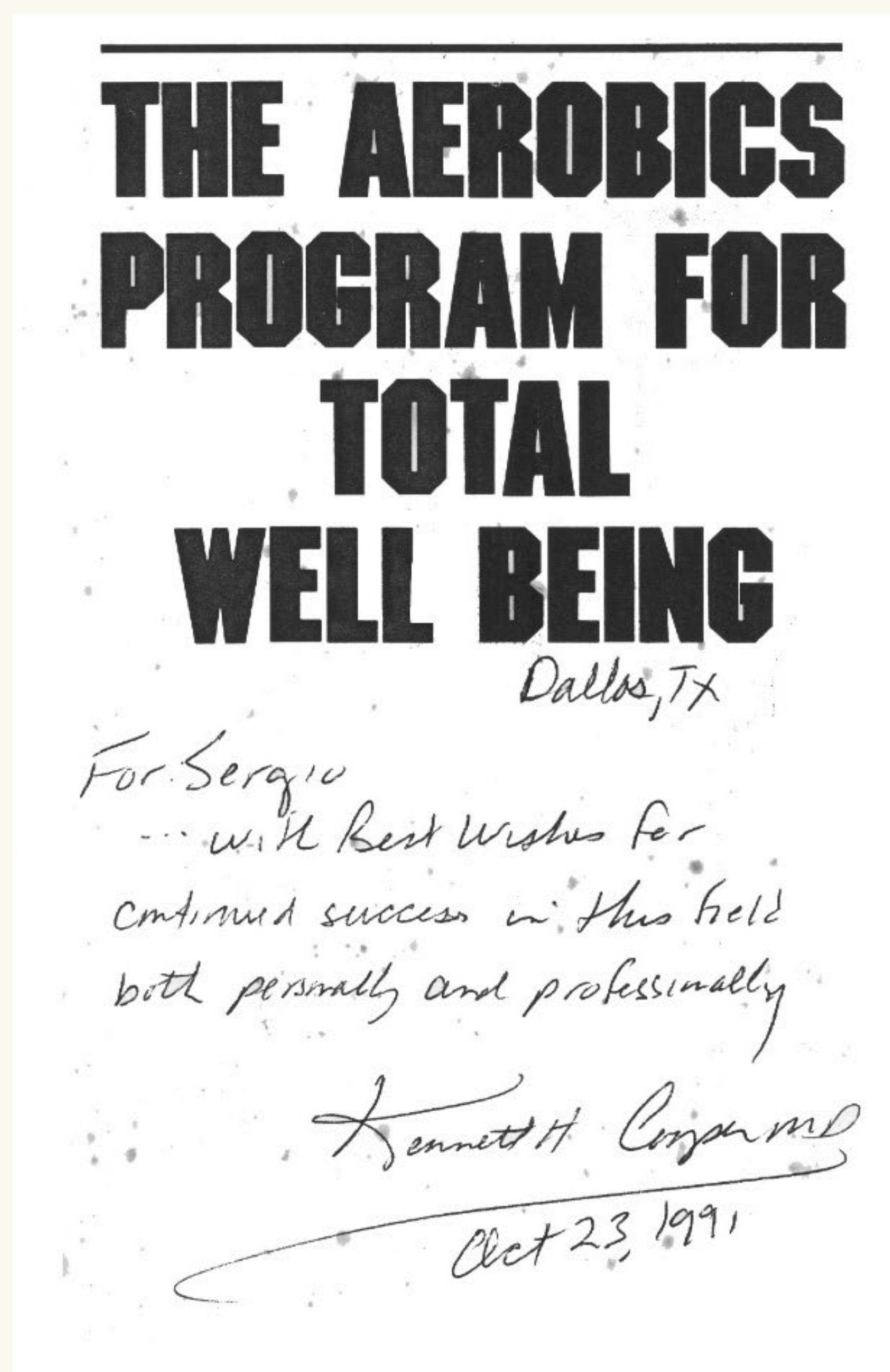


**Prof. Kenneth Cooper e Prof. Sergio Bastos, Cooper Institute, Dallas.**  
*Acervo Prof. Sergio Bastos*





Prof. Steven Blair e Prof. Sergio Bastos  
*Acervo prof. Sergio Bastos*



A visita foi de enorme valia para que pudéssemos escolher os equipamentos mais apropriados para serem adquiridos para o ICAF.



Além de propiciar o contato direto com Cooper, a Professora Maria Lenk nos recebeu em seu apartamento de Albuquerque, que ficava num condomínio tranquilo em que moravam muitos aposentados. Ela brincava, dizendo que aquilo lá parecia um asilo de velhos. No prédio havia uma piscina, onde Maria se exercitava todos os dias. Como a piscina era pequena, usando de sua mente inovadora, ela construiu um dispositivo com elásticos que colocava na cintura e fixava na borda da piscina, de forma a criar resistência ao deslocamento aquático. Assim, podia nadar horas sem sair do lugar. E seus treinos eram assistidos com curiosidade pelos moradores, que apreciavam ver aquela senhora se exercitando com tanta maestria.

No Novo México ficamos hospedados na casa do seu filho Gilbert, cuja família nos recebeu de braços abertos e, enquanto lá estivemos, pudemos desfrutar do convívio com Maria Lenk, seu marido, filho, nora e netos.

Nos EUA, fizemos também visitas técnicas com a mesma finalidade aos laboratórios da Academia da Força Aérea Norte-americana (USAFA) e ao Centro de Treinamento Olímpico dos EUA (USOTC). Ao retornarmos ao Brasil, tínhamos bem definidos os instrumentos mais adequados às nossas necessidades.

Finalmente, em 1993 foi inaugurado no Rio de Janeiro, o Instituto de Ciências da Atividade Física (ICAF) a partir daquele meu projeto inicial. E pela primeira vez, dentro de um instituto de pesquisas, foi idealizado, além de outros, um Laboratório de Treinamento Desportivo para desenvolver estudos específicos e inovadores de apoio ao treinamento.

Como não poderia deixar de ser, tivemos a grata e enorme satisfação de receber nas instalações do novo instituto algumas visitas da Profa. Maria Lenk, que tanto nos auxiliou com sua personalidade idealista na criação daquele



empreendimento. Ela sempre se mantinha interessada em saber o que estávamos realizando e acompanhava com sincera empolgação os rumos das nossas pesquisas.



**Prof. Sergio Bastos, Prof. Maria Lenk e  
en. Cel. Francisco da Silva Junior, sobrinho de Maria Lenk**  
*Acervo prof. Sergio Bastos*



**Prof. Sergio Bastos, Prof. Maria Lenk e Ten. Cel. Francisco da Silva Junior,  
sobrinho de Maria Lenk (Acervo prof. Sergio Bastos)**



Quando me recordo das oportunidades em que tivemos contato, só tenho lembranças positivas daquela professora inovadora, corajosa e que fielmente acreditava na relevância da prática regular de atividades físicas para a formação e a saúde das pessoas.

Muitas e boas saudades.



## CHAPTER 10

# MARIA LENK AND THE DEVELOPMENT OF SYNCHRONIZED SWIMMING IN BRAZIL

*Sonia Hercowitz*

In her 1942 book, "Swimming" ("Natação"), Maria Lenk introduced in Portuguese the expression "Aquatic Ballet", highlighting the feminine meaning of the activity by "grace, harmony and rhythm of movements, allied, in all its beauty, to the pleasant tone of music, to invite the ones who loved the water to go to the pools" (Lenk, 1942, p. 50). Lenk originally referred to a set of movements made as a type of dance with swimming dexterity in water, conventionally called "aquatic ballet, or synchronized or artistic swimming", when she was a young professor of the National School of Physical Education and Sports-ENEFD of the University of Brazil, now Federal University of Rio de Janeiro - UFRJ, as indicated in the same book.

The sport now called "Synchronized Swimming", included in the 1984 Olympic Games, had Maria Lenk as the pioneer proposer in Brazil. Her definitions issued almost seven decades ago can be considered as inaugurations of that new sport.

Maria Lenk explicitly cited as source parts of the descriptions used in her 1942 book: "Ana Eibls and Katherine Curtis, the famous coach of the Modern Mermaids" (Lenk, 1942, p. 52), referring readers to the well-known founder of The Aquatic Ballet, exhibited initially at the International Fair in Chicago, USA, in 1934. As Lenk also watched the "aquatic ballet" for the first time in the 1936 Olympic Games as a demonstration (Silva, 1991), there are, therefore, two reference dates to identify the origin and development of the current "Synchronized Swimming" (NS), a sport to which Maria Lenk contributed as a promoter of its development in Brazil, creating the necessary bases for its development and progress.

There is, therefore, a sense of legacy in examining the influence of Maria Lenk in relation to the Brazilian version of the Aquatic Ballet of the past as well as synchronized swimming or artistic swimming of more recent dates. The source to observe this interpretation is the "Atlas of Sports in Brazil", which included a chapter on the 'Synchronized Swimming' (DaCosta - Org., 2005, p. 245), organized in the form of a timeline. In this survey produced by Sonia Hercowitz and Ana Maria Lobo, it becomes evident that the Maria Lenk legacy was present through the influence of the School of Physical Education and Sports of UFRJ - EEFD, where she worked as a teacher and as director in the 1960s. This stage of promotion of the NS, according to the "Atlas of Sports in Brazil", began in 1943, when Maria Lenk organized the first demonstration of the sport in Brazil, during the first Pan American Congress of Physical Education, held in Rio de Janeiro and with the participation of students of UFRJ.



## CAPÍTULO 10

# MARIA LENK E O DESENVOLVIMENTO DO NADO SINCRONIZADO NO BRASIL

*Sonia Hercowitz*

**E**m seu livro de 1942, intitulado “Natação”, Maria Lenk introduziu na língua portuguesa a expressão “Ballet Aquático”, destacando o sentido feminino da atividade pela “graça, harmonia e ritmo de movimentos, aliados, em toda a sua beleza, ao tom de música agradável, para chamar às piscinas as amadoras de água” (Lenk, 1942, p. 50). A convocação referia-se originalmente ao conjunto de movimentos praticado como dança e destreza natatória em meios aquáticos convencionalmente denominados de “ballet aquático, ou natação sincronizada ou artística” como indicou na mesma fonte a então jovem professora da Escola Nacional de Educação Física e Desportos-ENEFD da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.

De fato, no mesmo texto esclareceu Maria Lenk (1942, *Ibidem*) que o “ballet aquático, como o chamaremos de ora em diante, não nos é desconhecido, pois, muitas vezes, nós nos deliciamos, apreciando, nas fitas de jornais cinematográficos, os movimentos e evoluções encantadoras, realizadas por grupos de nadadoras, assim treinadas”. Tal atrativo

estético é definido pela já então famosa nadadora brasileira recordista mundial como “uma forma de trabalho que encanta o espectador e o participante, prestando-se muito à propaganda da natação entre leigos. Países há, como os E.U.A., em que essa natação sincronizada ou ‘ballet aquático’ foi tão bem sucedida, que permite atualmente a realização de competições entre equipes representativas de diversas entidades e até de campeonatos” (Lenk, 1942, p. 51).

Portanto, a modalidade esportiva hoje denominada de “Nado Artístico”, incluída nos Jogos Olímpicos de 1984, teve em Maria Lenk, uma propositora pioneira no Brasil, cujas definições emitidas há quase sete décadas podem ser consideradas como inaugurais daquele novo esporte. Efetivamente, em 1991, a mestranda L via Silva da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ entrevistou Maria Lenk como informante para uma dissertação sobre o tema intitulado de “Natação Sincronizada”, realçando o impulso dado pela nadadora símbolo do Olimpismo àquele manifestação esportiva a partir das descrições até então originais publicadas em 1942 (Silva, 1993).

Nessa mesma dissertação, consta que Maria Lenk assistiu ao “Ballet Aquático” pela primeira vez na apresentação complementar das provas de natação em 1936 durante os Jogos Olímpicos de Berlim, mantendo-se desde então conectada com o desenvolvimento da modalidade. Assim disposto, o capítulo do livro brasileiro de 1942 foi em tese uma proposição didática visando à inserção do esporte em foco no âmbito da natação de competição no país. Um simples exame desse texto pioneiro de Maria Lenk confirma a interpretação de uma promoção mais instrutiva do que informativa. Por exemplo, o texto dedicado ao capítulo denominado de “Ballet Aquático” tem 12 páginas (p. 50 - 62), sendo um dos maiores - e mais detalhados - capítulos temáticos do livro. Isto porque a autora dedicou dez páginas   descrição de movimentos com dezenas de



ilustrações, focalizando uma nadadora, duas, três e conjuntos (p. 53 - 62). Nestes termos, as figuras 1 e 2 apresentam respectivamente exemplos de movimentos de número reduzido de nadadoras como também conjuntos com reprodução de páginas do livro de 1942 (p. 55 e p. 59).

24) **Ballet.** — Com o corpo estendido de costas, pernas unidas, pontas dos pés estendidas, as mãos remam levemente sob os quadris. Flexiona-se um dos joelhos, até ao peito, depois estende-se-o reto, para cima, no ar mantendo a outra perna estendida e sem movimento. Volta-se, a seguir, o joelho ao peito, estendendo-o ao lado da outra perna.

25) **Golfinho ou mortal de costas estendido.** — Uma forma de «looping» ou mortal de costas. — Da posição deitada, de costas, inclinar bruscamente a cabeça para trás, expirando facilmente para manter as narinas livres de água. Usando os braços, com movimentos de circundução, puxa-se o corpo para um mortal de costas, afundando e mantendo as pernas estendidas e unidas. Expira-se perto da superfície, de maneira que se esteja pronto para nova inspiração, ao chegar com o rosto à tona, para repetir o movimento. Este movimento também pode ser executado por duas pessoas que giram em direção oposta (fig. 11), ou por duas ou mais pessoas que giram na mesma direção (fig. 12).

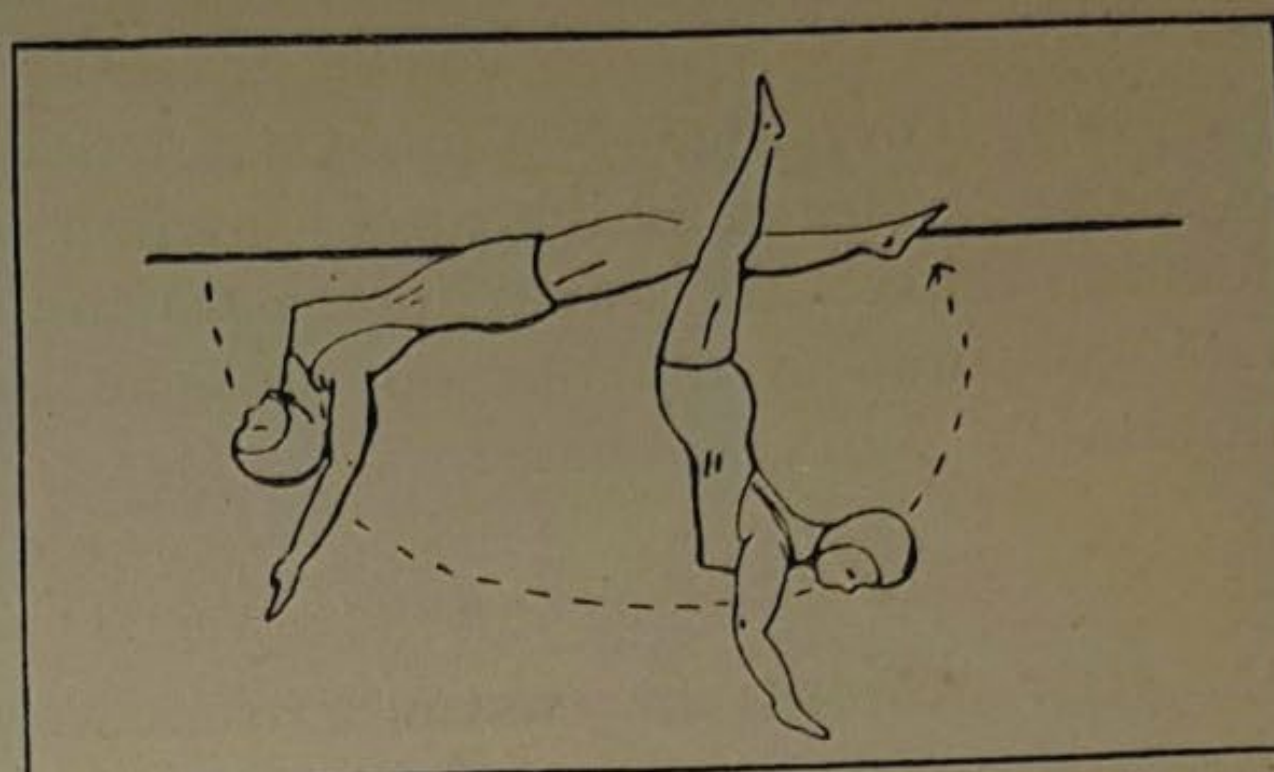


Fig. 11 — «Golfinho» (Mortal de costas, estendido) por duas pessoas que giram em direções opostas.

26) **Golfinho voador.** — A mesma figura, executada com um impulso do fundo, para levantar o corpo para fora da água.

27) **Salto de superfície, de costas.** — Iniciar de costas, pernas unidas, corpo estendido, mãos remados nos quadris. Trazer os joelhos energicamente até ao queixo e simultaneamente tocar o queixo nos joelhos. Este movimento tende a levar o corpo abaixo da superfície. Controlando a força, estendem-se as pernas, joga-se a cabeça e os ombros para trás, para a posição perpendicular, usando uma remada dos braços, para submergir, até o corpo estar completamente mergulhado.

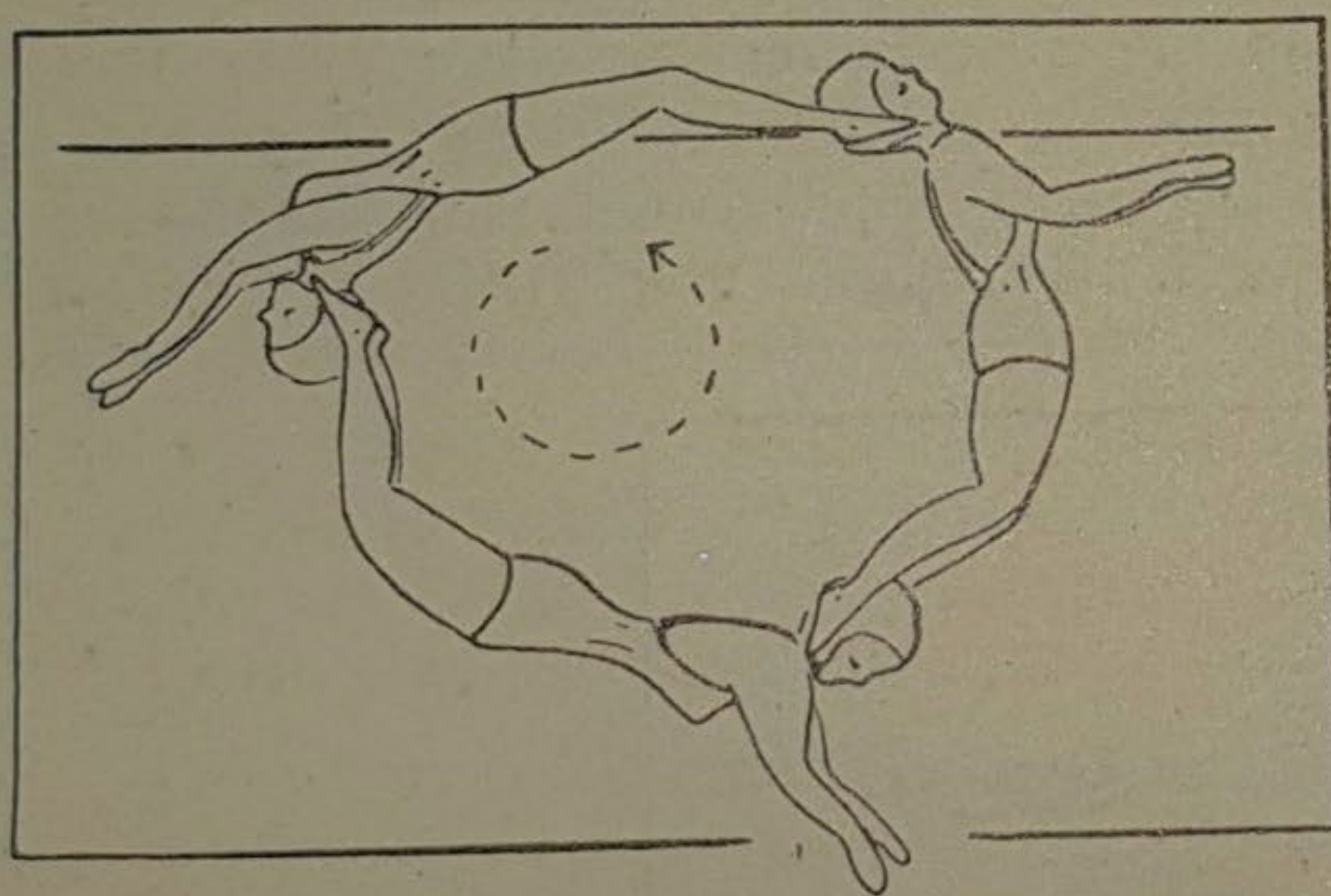
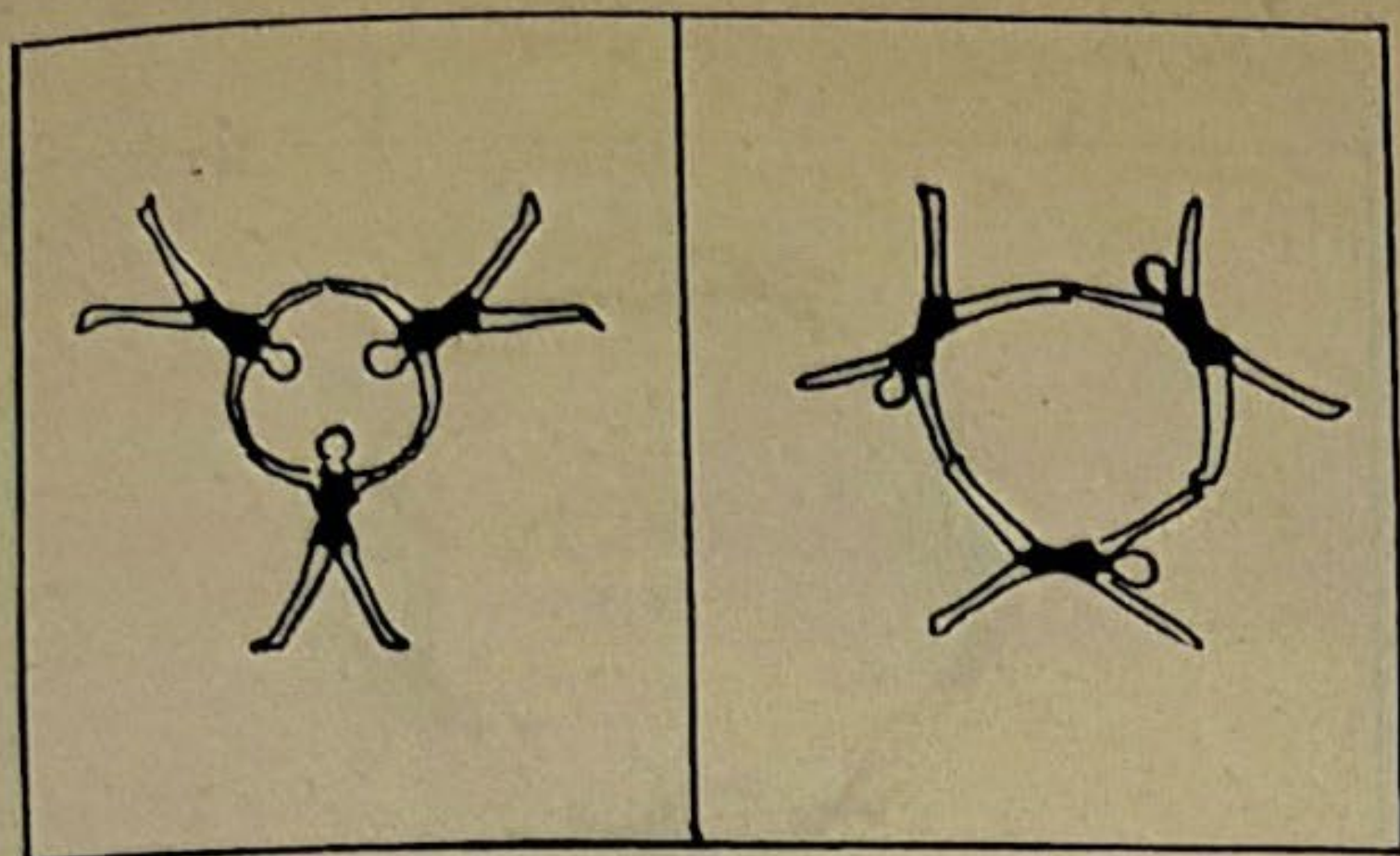


Fig. 12 — «Golfinho» (Mortal de costas, estendido) por três pessoas que giram na mesma direção.

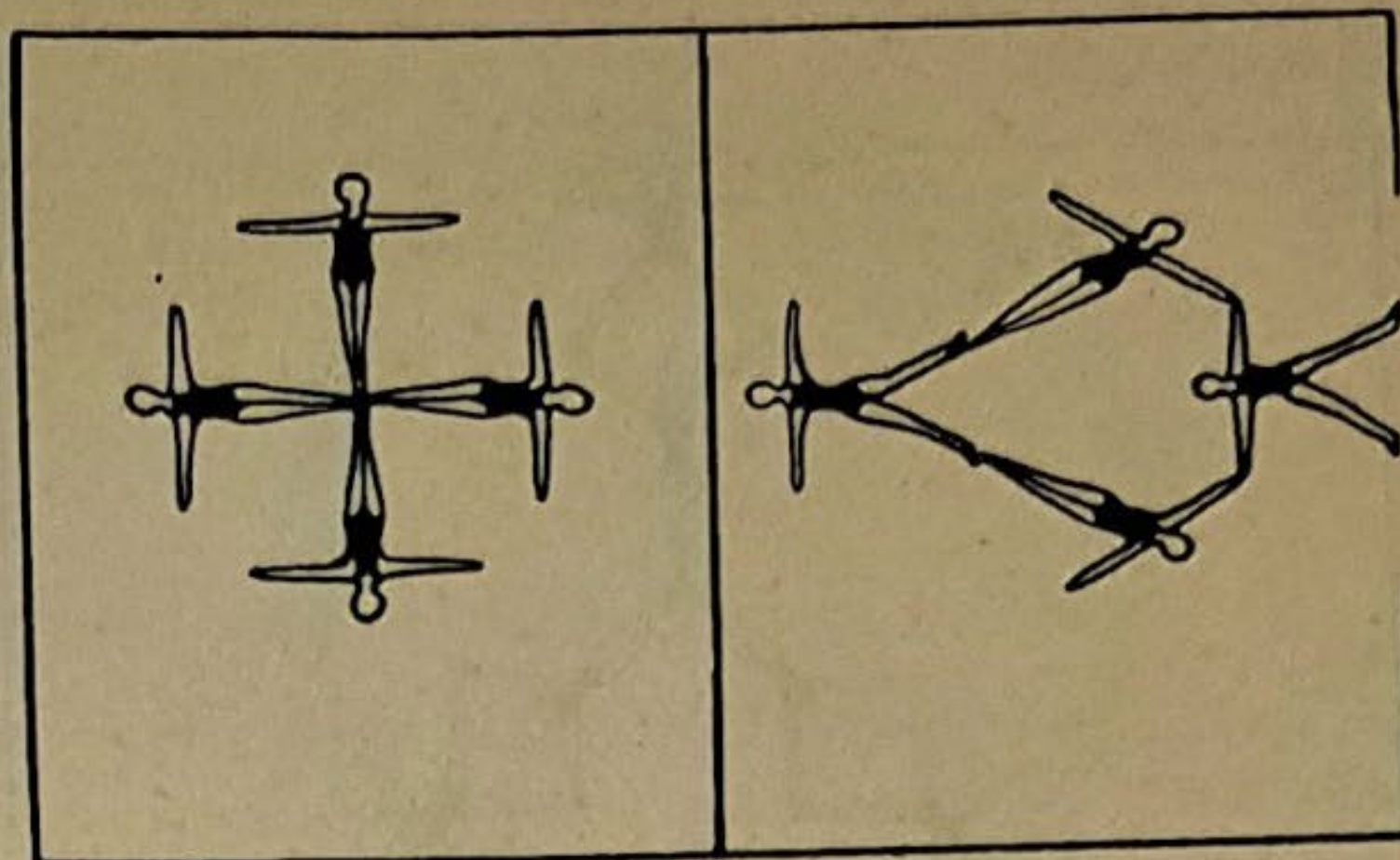
28) **Pêndulo.** — Flutua-se de costas, pernas unidas e braços estendidos acima da cabeça. Toma-se uma inspiração profunda e leva-se a cabeça para diante, enquanto as mãos são trazidas suavemente em direção à mesma, motivando o afundamento das pernas. Quando na perpendicular, respira-se outra vez, trazendo os braços lentamente à frente do corpo, estendendo-os à frente, rosto na água, elevando os calcanhares para a flutuação de frente. Para voltar à posição de flutuar de costas, levanta-se lentamente a cabeça e respira-se. Levam-se as mãos para trás junto da cabeça, motivando o afundamento das pernas. Quando o corpo está perpendicular, estendem-se os braços lentamente para trás, até que as pernas se levantem. Repete-se isto suavemente, representando o balanceio de um pêndulo.

Figura 1 - Exemplo de descrições de movimentos por número limitado de praticantes de Ballet Aquático (Apud "Natação", Lenk, 1942).

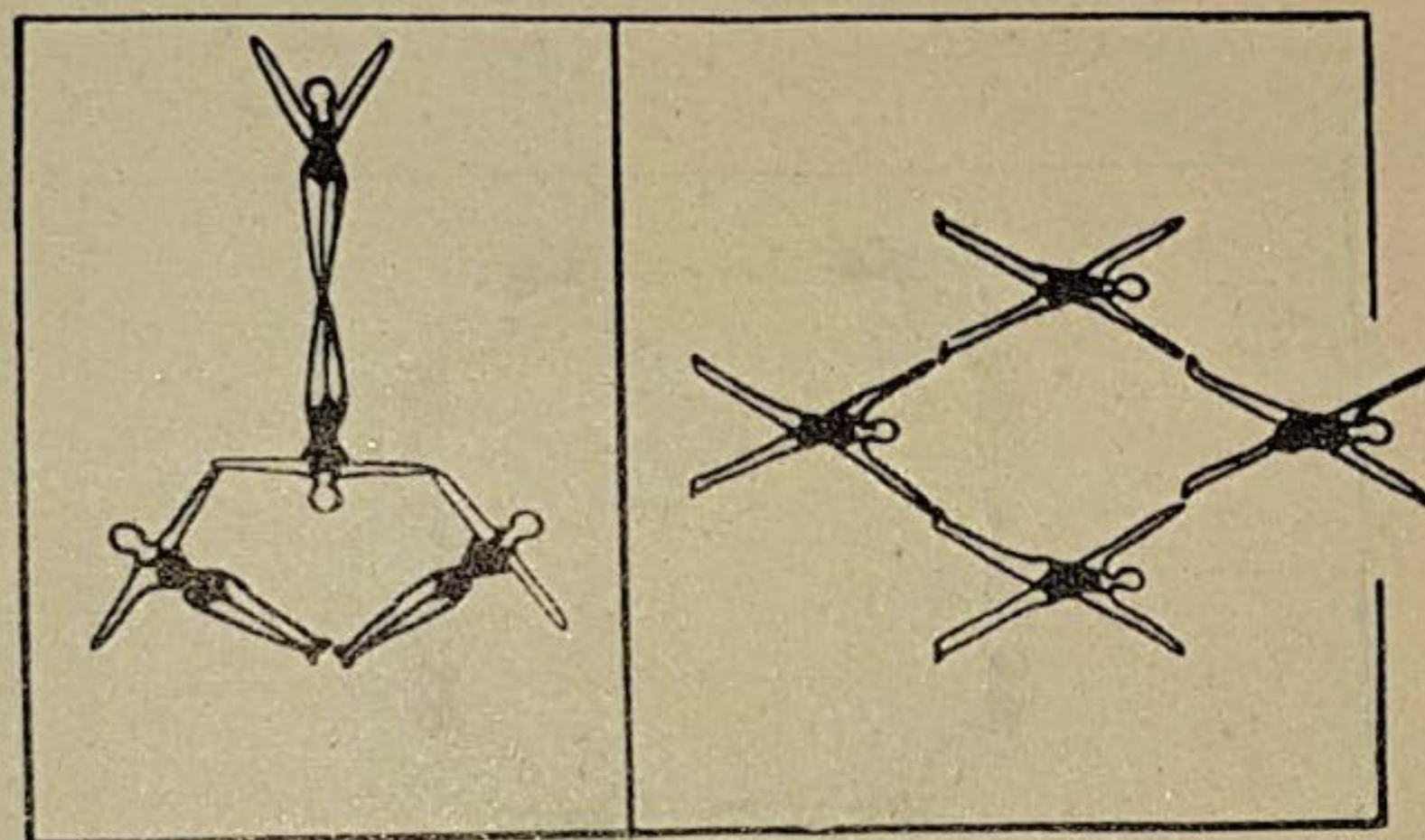




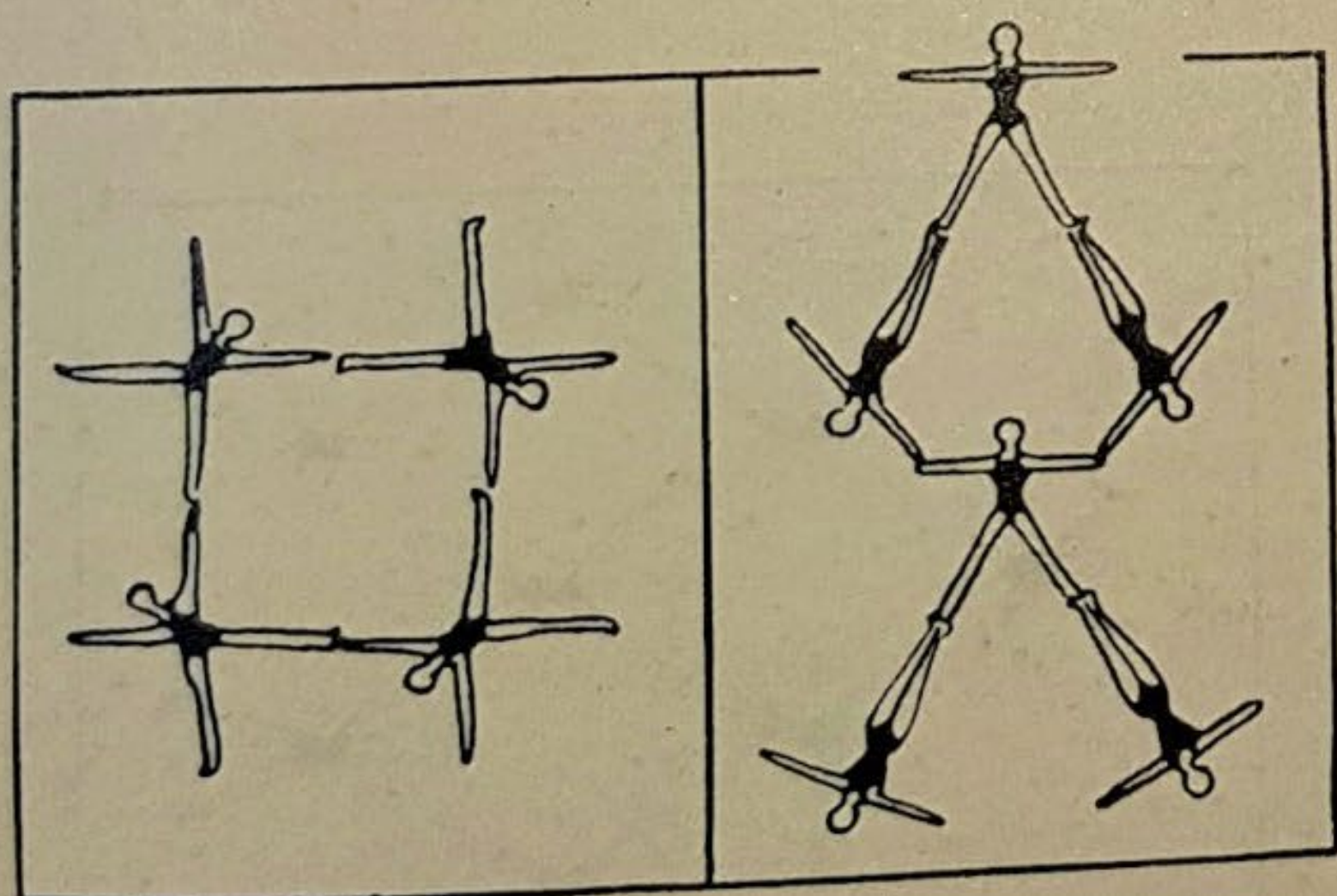
Figs. 16 e 17 — Figura por três pessoas, cabeças ao centro. — Figura por três pessoas, em círculo.



Figs. 18 e 19 — Figura por quatro pessoas, pés ao centro. — Figura por quatro pessoas, « Âncora I ».



Figs. 20 e 21 — Figura por quatro pessoas, « Âncora II ». — Figura por quatro pessoas, « Retângulo ».



Figs. 22 e 23 — Figura por quatro pessoas, « Quadrado ». — Figura por seis pessoas, « Pirâmide ».

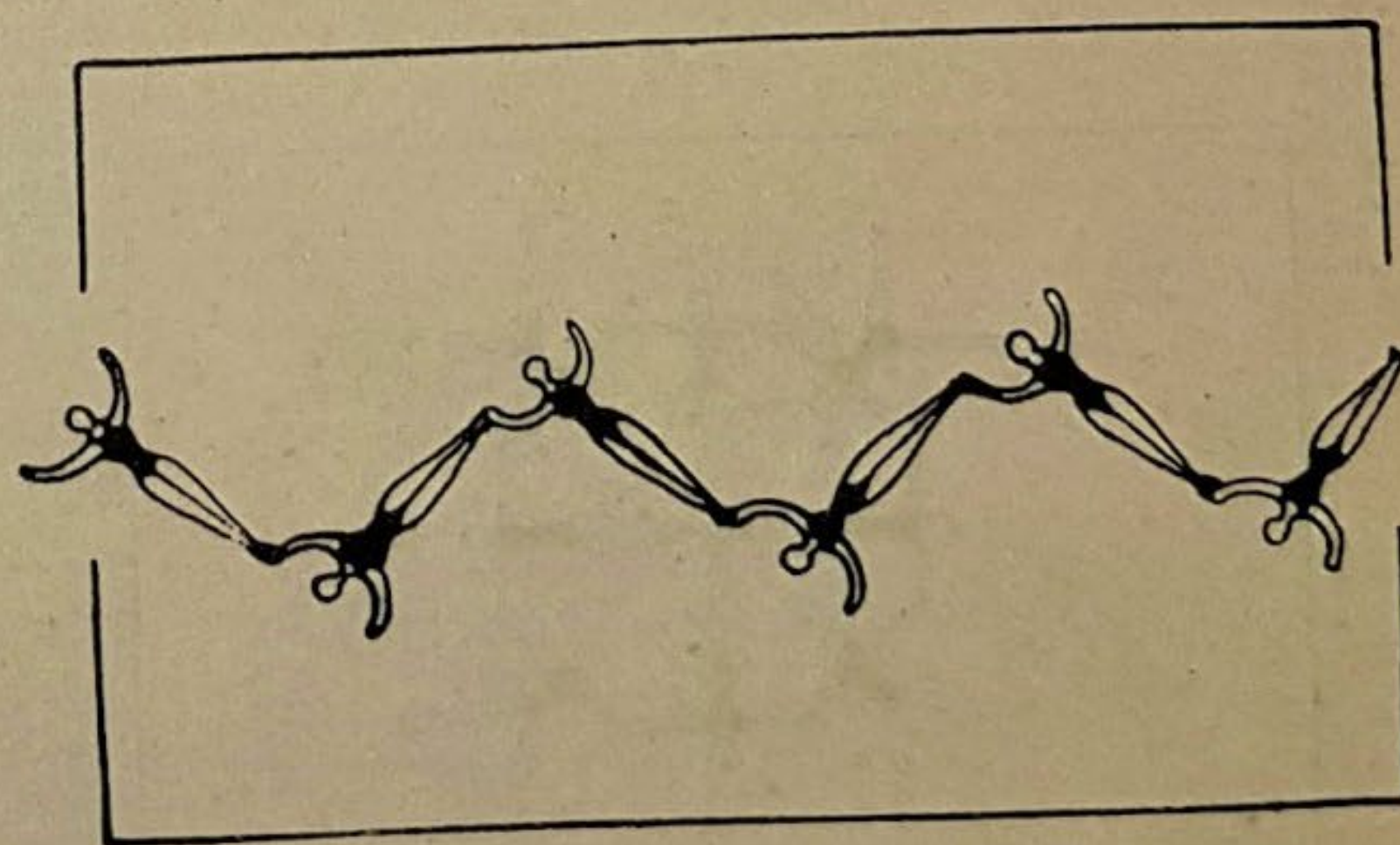


Fig. 24 — Figura por seis pessoas « Linha Curva ».

Figura 2 - Exemplos de descrições de movimentos de Ballet Aquático por grupos de praticantes (Apud "Natação", Lenk, 1942).



À luz das intenções de promoção do novo esporte cabe fazer constar que Maria Lenk citou explicitamente a fonte de partes das descrições usadas na sua obra de 1942, isto é “Ana Eibls e Katherine Curtis, a famosa treinadora das Modern Mermaids” (Lenk, 1942, p. 52), remetendo os leitores à geralmente reconhecida fundadora do Ballet Aquático, exibido inicialmente na Feira Internacional em Chicago, E.U.A., em 1934. Há, portanto, duas datas referenciais – 1934 (Chicago) e 1936 (Berlin) – para identificar origem e desenvolvimento do atual “Nado Sincronizado” (identificado adiante pela sigla ‘NS’), esporte para o qual Maria Lenk contribuiu como promotora de seu desenvolvimento no Brasil, criando as bases necessárias para o seu deslanche e progresso.

Há, por conseguinte, um sentido de legado ao se examinar a influência de Maria Lenk em relação à versão brasileira do Ballet Aquático do passado tanto quanto ao Nado Sincronizado ou Nado Artístico de datas mais recentes. A fonte para se observar tal interpretação é o “Atlas do Esporte no Brasil”, que incluiu um capítulo sobre o ‘Nado Sincronizado’ (DaCosta – Org., 2005, p. 245), organizado sob formato de linha do tempo. Neste levantamento produzido por Sonia Hercowitz e Ana Maria Lobo, torna-se evidente que o legado Maria Lenk se fez presente por influência da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ - EEFD, onde ela atuava como docente e como diretora na década de 1960. Este estágio de promoção do NS, segundo registra o ‘Atlas’, teve início em 1943, quando Maria Lenk organizou a primeira demonstração do esporte no Brasil, durante a realização do Primeiro Congresso Pan-Americano de Educação Física, realizado no Rio de Janeiro e com a participação de alunas da Escola em lide.

No período 1943 a 1984, a julgar pelos dados do “Atlas”, o novo esporte circunscreveu-se à cidade do Rio de Janeiro, onde clubes locais – tais como Fluminense, Flamengo,



Tijuca e outros clubes líderes na natação - intercambiaram eventualmente entre si e com professores e alunas da EEFD. Já o formato de competição do NS somente surgiu em 1954, acompanhando-se os registros de Hercowitz & Lobo. Estas autoras, por sua vez, apontaram os anos de 1970 como fase de oficialização na EEFD do Nado Sincronizado como Disciplina Eletiva do currículo de formação em graduação de professores de Educação Física, sob a responsabilidade da Professora Margarida Thereza. Como consequência, foi reforçada a convivência da EEFD com os clubes atuantes no NS, pela presença atuante de alunas da entidade acadêmica. Outro acontecimento favorável ao desenvolvimento do NS foi a inclusão da modalidade nos Jogos da Primavera, megaevento esportivo da cidade do Rio de Janeiro à época.

Na década de 1980, mais uma vez com base no “Atlas”, acontece a demarcação do auge da NS no Rio de Janeiro e na EEFD quando a Superintendência de Desportos do Estado do Rio de Janeiro - SUDERJ organiza um projeto de desenvolvimento da NS que conseguiu reunir 1.628 alunas em sua culminância. Esta promoção foi liderada pela professora Ana Maria Lobo, originária da EEFD e ex-atleta da NS nos Jogos Pan-Americanos de São Paulo, em 1963, em que foi medalhista de bronze. Após esses acontecimentos de efetiva consolidação da modalidade de Natação Sincronizada no Brasil, o esporte em foco passou a progredir em locais diferenciados do país, permitindo então a se admitir que a era Maria Lenk estava terminada com respeito ao seu legado iniciado pelo livro “Natação” de 1942.

Finalmente, reinterpretando-se o “Atlas” em sua linha do tempo, o estágio nacional descentralizado da NS tem início quando da realização dos Jogos Olímpicos de Los Angeles 1984, quando a NS foi incluída pela primeira vez como esporte olímpico, com a participação do Brasil no solo e no dueto. A influência dominante neste estágio foi natu-



ralmente da confederação nacional e respectivas federações estaduais de natação, um processo que implicou em clínicas com técnicas estrangeiras e cursos de arbitragem.

A culminância, no caso, aconteceu a partir de 1996, quando a Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos – CBDA, passou a atuar na formação de treinadoras em NS, produção e distribuição de material didático, bem como na descentralização dos campeonatos brasileiros, passando de quatro Estados engajados na NS para um total de 18 Estados praticantes da modalidade no país (Hercowitz, 2018). Houve, portanto, uma nova fase de desenvolvimento, na qual participou a autora do presente texto – que compartilha da mesma origem acadêmica da nadadora-símbolo do esporte nacional, como professora da EEFD - inclusive promovendo nos anos subsequentes uma maior internacionalização da NS, inspirando-se no legado de Maria Lenk, ícone de todos nós, cultores da natação e do Nado Sincronizado dos tempos atuais.

## **SOBRE A TERMINOLOGIA**

Desde o seu surgimento no Brasil, o esporte englobou quatro terminologias. De 1942 a 1963, na fase competitiva, foi denominado de Natação Sincronizada. Na fase não competitiva, de 1964 a 1976, passou a se chamar Balé Aquático. A partir dos anos 90, a Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos (CBDA), passou a utilizar o termo Nado Sincronizado. Em 2017, após aprovação no Campeonato Mundial de Esportes Aquáticos em Budapeste, durante o General & Technical Congress da FINA, o esporte passa a ser denominado de artistic swimming. No Brasil passa a se chamar como Nado Artístico, terminologia que será adotada pelo estudo.

## REFERÊNCIAS

DACOSTA, Lamartine (Org.). Atlas do Esporte, Educação Física e Atividades de Saúde e Lazer no Brasil. Rio de Janeiro: Ed.Shape, 2005.

HERCOWITZ, Sonia M.C.O . Defesa de Memorial - Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

LENK, Maria. Natação. São Paulo: Editora Melhoramentos. 1942

SILVA, Livia P. L. da. Natação Sincronizada: uma abordagem histórica no Estado do Rio de Janeiro no período de 1942 a 1992. Rio de Janeiro, 1993. XX p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro.



## CHAPTER 11

# THE PARTNERSHIP BETWEEN MARIA LENK AND ALBERTO LATORRE IN FAVOR OF CAPOEIRA AT THE BRAZILIAN UNIVERSITY

*Dômulo Meira Reis*

**R**ecognized in October 2014 as an Intangible Cultural Heritage of Humanity by the United Nations Educational, Science and Culture Organization (UNESCO), capoeira is a symbol of Brazilianness and Brazilian martial art. It is practiced in more than 150 countries. However, the path to this achievement was long, moving from the most unconsidered layers of society to the higher classes, fighting for space and existence and getting adapted according to the conditions it met.

Capoeira as an object of studies and research in the academic area of physical education arises from the interest of researchers such as Alberto Latorre de Faria, professor at ENEFD (National School of Physical Education and Sports), in 1939. He had indicated not only that capoeira should have its methodology perfected but also that it should be taught in schools and universities.

With the results of the efforts of professor Latorre and, also, professor Peixoto, capoeira was introduced in seminars, meetings and round tables at ENEFD, demonstrating its cultural, educational and social values. Therefore, it is observed that capoeira participated and was even the main theme of academic events in order to provide extension projects, mainly because it could add value and content to different areas of knowledge.

In 1968, the direction of ENEFD went to professor Maria Lenk. She had been an Olympic athlete, had devoted her life to physical education as a professor, and then became the first woman to be director of a UFRJ (Federal University of Rio de Janeiro) college. In that very year, she coordinated and chaired with professor Latorre the 1st Capoeira Symposium at ENEFD, whose objective was to examine if capoeira could become a national sport and if it could be part of the curriculum of Brazilian universities. This symposium had the participation of several authorities, professors and experts, including professor Lamartine Pereira DaCosta, who defended the teaching of capoeira in schools of physical education and supported Maria Lenk's renewal project of ENEFD at UFRJ (Fig. 1 - Fonte Jornal do Brasil, 25/08/1968). Professor DaCosta contributed with two chapters for this book.

The decision to host the event was Maria Lenk's. As a supporter of sports, physical education, science and innovation, she had seen in this symposium a chance to associate professor Latorre's traditional interest in capoeira with her project to renew ENEFD, a stance highlighted by Alfredo Faria Júnior in his testimony in this book.

The 1st Symposium strengthened the links between Capoeira, the University and Physical Education in a partnership between stakeholders based on the association established between Maria Lenk and Alberto Latorre.



## CAPÍTULO 11

# A PARCERIA DE MARIA LENK COM ALBERTO LATORRE DE FARIA EM PROL DA CAPOEIRA NA UNIVERSIDADE BRASILEIRA

*Dômulo Meira Reis*



Figura 1 Simpósio sobre Capoeira, Rio de Janeiro, 1968  
Expositor: André Luiz Lacé Mesa: Edson Carneiro,  
João Lyra Filho (na presidência),  
Lamartine Pereira DaCosta e outros.

Reconhecida em outubro de 2014 como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a capoeira é símbolo de brasilidade, arte marcial brasileira e praticada em mais de 150 países (FALCÃO, 2016; FONSECA, 2009; REIS, TELLES E TRIANI, 2020). No entanto, o percurso para esta conquista foi longo, passando das camadas mais desconsideradas da sociedade para as classes mais altas, lutando por espaço e existência adaptando-se conforme as condições em que os momentos foram exigindo (SOARES, 1999; VIEIRA E ASSUNÇÃO, 1998).

Com origens que ainda hoje são discutíveis, a capoeira tem seus primeiros registros documentais no Brasil do final século XVIII, no período dos Vice-Reis revelando-a sob forma de luta contra a escravidão e como sinônimo de amotinados e rebeldes aos seus praticantes (EDMUNDO, 2000; IPHAN, 2007; LUSSAC E TUBINO, 2009; RÊGO, 2015). No século XIX, com a chegada da Corte Imperial de Portugal ao Brasil, a capoeira ajustou-se ao contexto da escravidão urbana, gerando preconceitos e estando presente em movimentos sociais de rua, organizada em maltas; por isso foi tratada como doença moral da sociedade imperial, ao ponto de terminar o século XIX qualificada como crime no código penal da República (REIS, 1997; SOARES, 1999, 2001).

No século XX, o cotidiano dos primeiros anos é marcado pela repressão, perseguição, prisão e deportação dos capoeiras para a Ilha de Fernando de Noronha (BRETAS, 1991; VIEIRA, 2006). Porém, o revés se inicia através de apoiadores e iniciativas pró-capoeira visando tirá-la da obscuridade, ligando-a à ginástica brasileira, defesa pessoal, esporte nacional e ao ensino em colégios e quartéis (REIS, 1997).

Nestas condições, ainda na primeira metade do século XX, a capoeira passa por uma forte institucionalização e popularização ganhando uma nova interpretação social, sendo



reconhecida como instrumento de Educação Física e legitimada como esporte nacional em 1936. Chegando em 1937, foi retirada do Código Penal no Governo do Estado Novo de Getúlio Vargas, deixando o estigma de crime e “coisa de vagabundo” para trás (AREIAS, 1983; REIS, 1997; RÊGO, 2015; SOARES 1999 E 2001; VIERIA, 1995; VIEIRA, 2006).

Esta ruptura contribuiu para que a capoeira conquistasse novos espaços na sociedade, rompendo os limites das ruas, mantendo-se como emblema de resistência negra, chegando também às universidades e ao campo da educação (FALCÃO, 2016; CAMPOS 2001).

Como tal, o contexto relacionado às universidades encontra seu ponto central de referência num simpósio realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ em 1968, que legitimou os passos iniciais da capoeira no ensino superior brasileiro em torno de dois protagonistas principais deste evento, Alberto Latorre e Maria Lenk, cuja participação define o objetivo da presente revisão histórica.

## **A CAPOEIRA, UNIVERSIDADE E EDUCAÇÃO FÍSICA**

Contrapondo o fenômeno sociocultural da capoeira com a Educação Física, é possível perceber que a capoeira possui uma existência mais antiga na sociedade brasileira. Assim, a capoeira com sua versatilidade chega ao século XX como crime e, em 1937, após ganhar uma nova ressignificação, foi retirada do Código Penal (ASSUNÇÃO, 2014; VIEIRA, 1995).

Por outro lado, a Educação Física, mais recente, principalmente em universidades, foi configurada a partir da fundação da Escola Nacional de Educação Física (ENEFD), da Universidade do Brasil, em 1939, tendo como influências de



sua criação: a ideologia do Estado Novo, o contexto social e político da época em que os militares, além de grande destaque social, administraram a escola entre os anos de 1939-1946 (PINTOR, 1995). Dessa forma, a Educação Física e seu currículo podem ser interpretados como um espaço de relações de poder dos grupos presentes em sua construção e desenvolvimento (NUNES E RUBIO, 2008).

Soares (1999) registra que a capoeira já era citada em publicações e obras de arte desde os tempos de Brasil Colônia e Brasil Imperial, muito antes da formação da Educação Física e de sua composição curricular na ENEFD. Como exemplo, as obras: “O Guia do Capoeira ou Ginástica Brasileira”, de O.D.C (1907), sigla para Ofereço, Dedico e Consagro; e “Ginastica Nacional (Capoeiragem) Metodizada e Regrada”, de Annibal Burlamaqui, Mestre Zuma, em 1928 (SOARES, 1999; VIEIRA, 1995).

Todavia, a convergência capoeira como objeto de estudos e pesquisas no campo acadêmico da Educação Física surge a partir do interesse de pesquisadores da área. O Professor da ENEFD, Alberto Latorre de Faria, em 1939, indicava “que a capoeira deveria ter a sua metodologia aperfeiçoada e que a mesma fosse ensinada em escolas e universidades” (GONÇALVES, 1997, p. 45). O professor Inezil Pena Marinho, também da ENEFD, em 1945, publicou o livro “Subsídios para o estudo da metodologia do treinamento da capoeiragem”, considerado um clássico sobre capoeira. Anos mais tarde, em 1956, o mesmo Inezil publicou na Revista Arquivos da ENEFD, “Subsídios para história da capoeiragem no Brasil”.

Por volta de 1950 acontece um dos primeiros contatos entre a Capoeira, a Universidade e a Educação Física. Gonçalves (1997) relata que a capoeira passou a ser oficialmente objeto de estudos e pesquisas do Professor Alberto Latorre de Faria, catedrático dos desportos de ataque e de-



fesa da ENEFD, da Universidade do Brasil, e seu assistente Benedicto Peixoto. Isto pode ser explicado a partir do entendimento de que a capoeira em 1937 foi declarada atividade da Educação Física e conquistava espaço através do simbolismo de sua representatividade como esporte e luta (AREIAS, 1983, REIS, 1997, RÊGO, 2015; VIEIRA, 1995; VIEIRA E ASSUNÇÃO, 1998).

Com essa aproximação pressupomos que a Educação Física e seu currículo estavam em construção, portanto, mais suscetível a mudanças e a influências externas. Logo, as influências e aproximações entre a capoeira, a Universidade e a Educação Física surgem através dos agentes de dentro, de maneira espontânea ou natural, legítima e conduzida por força do senso comum ou coletivo, incluindo ainda nomeação oficial devido à atuação de professores da própria ENEFD.

Em paralelo, a Educação Física passava por seu próprio momento de transformações sob a influência dos militares, com a ENEFD recém-criada, ofertando cinco cursos, sendo aquele com maior duração, de dois anos, o Curso Superior em Educação Física, apresentando uma infraestrutura deficitária para o ensino (MELO, 1996).

Os anos prosseguem e a Educação Física com suas lutas e disputas internas sofre transformações. Os médicos passam a dirigir a ENEFD (1947-1968) com novas ideologias com o objetivo de firmar a ENEFD como escola-padrão, responsável por desenvolver, direcionar e uniformizar a Educação Física no Brasil (MELO, 1996). Nesse processo, a partir de 1951, a escola mudou-se para a sede da Praia Vermelha, também no Rio de Janeiro, resolvendo o problema de infraestrutura para o ensino, possibilitando a construção de sua identidade, permitindo assim maior atuação e autonomia (MELO, 1996).



Com a mudança de sede, houve um outro encontro documentado com a ENEFD instalada na Praia Vermelha. Lacé Lopes (2002) revela que Mestre Sinhozinho, Agenor Sampaio, famoso mestre de capoeira do Rio de Janeiro, treinou um grupo de cinco alunos em um dos salões da ENEFD, por volta de 1951. Um dos alunos, Roberto Wiliam, o “brotinho”, era professor da escola (LACÉ LOPES, 2002). Examinando o fato, verifica-se a capoeira sendo ensinada a um professor e para outros quatro alunos, estando fora dos quadros curriculares habituais, provavelmente de forma autorizada.

Esta situação mostra uma atividade extracurricular, com participação, mesmo que tímida, de pessoas externas à universidade sendo desenvolvida. Despontando, portanto, que a capoeira no futuro, poderia ser empregada para promover integração com a comunidade através de aulas, ação compreendida hoje como uma atividade de extensão universitária (BRASIL, 1996).

Com o passar do tempo novas influências surgiam na Educação Física, dentre elas a criação e chancelas de novos cursos de extensão, especialização, congressos, eventos, competições, inserção das disciplinas recreação e jogos, e aumento da carga horária do curso para três anos (MELO, 1996). Nesse ensejo, Gonçalves (1997) relata que, por intermédio do Professor Latorre, a capoeira foi introduzida no Curso de Especialização em Medicina Desportiva, enriquecendo palestras e seminários através de apresentações de grupos de capoeira em evidência na década de 1960, dentre os quais se destaca a presença dos Mestres Arthur Emídio, Peixinho e Baiano Anzol (Augusto Lopes, discípulo de Mestre Bimba, que em 1987 se tornou professor concursado da disciplina capoeira, do Departamento de Lutas).

Com os resultados dos esforços do professor Latorre e professor Peixoto, a capoeira foi posicionada como uma cons-



tante dentro da ENEFD em Seminários, Encontros e Mesas Redondas, apresentando-se e mostrando seus valores culturais, educacionais e sociais. Esses eventos contaram com a presença de figuras como o Mestre Onça Preta (capoeira angola) e o Mestre Sinhozinho, que também fora mestre de Inezil Pena Marinho (LACÉ LOPES, 2002; GONÇALVES, 1997). Por isso, observa-se que a capoeira poderia participar ou mesmo ser tema principal de eventos acadêmicos a fim de prover projetos de extensão, sobretudo, porque a capoeira com suas multifaces é capaz de agregar valor e conteúdo dentro de diferentes áreas de conhecimento.

Além disso, sob esse quadro detecta-se a manifestação direta da capoeira dentro da universidade, indícios de maior proximidade, assinalando possibilidades de inserção da capoeira em um contexto mais amplo na universidade, pois, na época, o currículo da Educação Física estava apto a possíveis entrantes. Afinal, não seria papel da Universidade prover as mudanças curriculares necessárias para atender as novas demandas da sociedade?

## **O ENCONTRO**

No transcurso de fatos citados, em 1965, a Universidade do Brasil passa a denominar-se Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Seguidamente, em 1968, a direção da ENEFD passa para a professora Maria Lenk, primeira mulher a ser diretora de uma faculdade da UFRJ, que fora atleta e viveu dedicada à Educação Física.

Por outro lado, a capoeira, após demonstrar que poderia ingressar no ensino superior do país através de diferentes formatos (apresentações, aulas, palestras e eventos), tornou-se o tema do 1º Simpósio de Capoeira, cujo objetivo era examinar a pertinência da luta nacional como esporte e sua possível adoção no ensino das universidades



brasileiras. Assim disposto, o evento foi realizado no campus Praia Vermelha da ENEFD em 1968, por proposta da Federação Carioca de Pugilismo, instituição à época predisposta a incorporar a capoeira em sua jurisdição (LACÉ LOPES, 2006; JORNAL DO BRASIL, 1968; VIEIRA, 2006).

Lacé Lopes (2006) argumenta que este, provavelmente, foi o primeiro evento público sobre a capoeira numa universidade, o qual contou com personagens destacados como o então Reitor da Universidade do Estado da Guanabara, João Lyra Filho; os Doutores Waldemar Areno (ENEFD) e Ângelo Decânio (discípulo de Mestre Bimba); e os professores Alberto Latorre (ENEFD), Edison Carneiro, Lamartine Pereira DaCosta, Rudolf Hermann, Luis Peixoto, o próprio André Luiz Lacé Lopes, tendo na coordenação do evento a recém-assumida diretora da ENEFD, a Professora Maria Lenk (Fig. 1 - Fonte Jornal do Brasil, 25/08/1968).

Importante destacar que o evento foi presidido de modo compartilhado por Maria Lenk e por Alberto Latorre de Faria, ambos catedráticos da ENEFD. Portanto, tal fato nos conduz a ratificar a inexistência de uma rivalidade ou desavenças entre ambos. A própria decisão de abrigar o evento na UFRJ foi de Maria Lenk, um gesto que implicou em harmonizar o já tradicional interesse por parte de Latorre na capoeira com o sentido renovador imposto por ela na direção da ENEFD, postura posta em destaque por Alfredo Faria Júnior em seu testemunho no presente livro.

Outra fonte esclarecedora sobre o simpósio é a do Jornal do Brasil, de 28 de agosto de 1968, ao revelar outro resultado esperado do simpósio, que era o de regulamentar a luta capoeira como esporte. Na ocasião, o Professor André Lacé Lopes declarou que a concepção do evento fora fruto de pressões e interesses naturais que a capoeira vinha adquirindo ao longo do tempo, principalmente na cidade do Rio de Janeiro (JORNAL DO BRASIL, 1968).



Nesse contexto, a discussão abrangeu a defesa da capoeira como luta e não como folclore, posição essa apoiada e sustentada por Ângelo Decânio, fazendo com que a capoeira se desvinculasse do folclore para atingir uma identidade própria (JORNAL DO BRASIL, 1968). Em relação à regulamentação da luta como esporte, não houve consenso entre os participantes, porém, podemos considerar o tema em pauta como um dos marcos que tendenciava a capoeira para uma esportivização. Esse movimento pode ser interpretado a partir da sugestão do próprio simpósio em criar uma Federação de Capoeira no Rio de Janeiro, para encerrar o vínculo com a Confederação Brasileira de Pugilismo (JORNAL DO BRASIL, 1968).

Além dos aspectos citados, João Lyra Filho lembrou que a regulamentação da luta seria importante para a capoeira como veículo de cultura, o qual poderia proporcionar benefícios e conquistas para o Brasil. Houve também a defesa em prol do ensino da capoeira em escolas de Educação Física assim como as demais lutas por Lamartine Pereira DaCosta (JORNAL DO BRASIL, 1968), protagonista também no projeto de renovação da ENEFD, em apoio a Maria Lenk, como também se pode constatar por textos encontrados neste livro.

Em suma, a realização do 1º Simpósio proporcionou visões e percepções dos praticantes de capoeira, como também das pessoas oriundas do meio acadêmico para com a capoeira. Reforçaram-se assim os elos entre a Capoeira, a Universidade e a Educação Física numa parceria entre partes interessadas a partir da associação estabelecida entre Maria Lenk e Alberto Latorre.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa conduzida nesse capítulo realça os encontros entre a Capoeira, a Universidade e Educação Física, constatando a atuação de ícones da Educação Física como Inezil Pena Marinho, Alberto Latorre de Faria e Benedicto Peixoto. Entretanto, no primeiro evento acadêmico aberto ao público sobre a capoeira, no campus da ENEFD aparece também a diretora Maria Lenk manifestando seu apoio e marcando presença no evento considerando um marco no processo de esportivização da capoeira (VIEIRA, 2006).

No entanto, a história entre a Capoeira, a Universidade e a Educação Física não termina sob esta configuração, pelo contrário, as ramificações foram se expandindo até que por volta de 1975, a capoeira se inseriu na UFRJ como disciplina desportiva, disponível para todos os universitários (GONÇALVES, 1997). Logo em seguida, em 1979, a capoeira ingressou no conjunto de disciplinas oferecidas a Licenciatura (plena) em Educação Física como disciplina eletiva (opcional). Naquele estágio, a luta caracterizou-se como um desporto a ser cursado a escolha do aluno, sob a denominação de Capoeira I e II, concorrendo em termos de ensino com outras lutas como o judô, boxe, karatê e esgrima.

Assim sendo, pretende-se que o fato seminal e ponto de partida representado pelo 1º. Seminário motivou acontecimentos similares em outras universidades pelo Brasil, principalmente nas escolas de Educação Física, que inseriram a capoeira em seu currículo de graduação, pois casos posteriores e convergentes a curto prazo foram observados nas universidades Estácio de Sá, Gama Filho, Federal Rural, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Universidade de São Paulo (USP) (CAMPOS, 2001; SILVA, 1995). Note-se, por necessário, que a ENEFD nos anos de 1960 era o curso modelo na sua especialidade seguido em todos o país.



Em conclusão, essa reação, além do seu simbolismo, acabou se tornando um teste de viabilidade para o exercício da capoeira na formação universitária que se tornou posteriormente presente nos currículos de licenciatura e bacharelado em Instituições de Ensino Superior de todo o país. Trata-se enfim da confirmação por evidência, das expectativas dos pioneiros do 1º. Seminário da Capoeira, sobretudo de Alberto Latorre e Maria Lenk, cuja conjuração pode ser vista hoje como um fato histórico não somente da luta nacional, mas da própria Educação Física brasileira.

## REFERÊNCIAS

AREIAS, A. O que é capoeira. São Paulo, Brasiliense, 1983.

BRETAS, M. L. A queda do império da navalha e da rasteira (a República e os capoeiras). Estudos Afro-Asiáticos, (20), 239-256, 1991.

BRASIL, Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

CAMPOS, H. Capoeira na Universidade: uma trajetória de resistência. Bahia, EDUFUCA, 2001.

FALCÃO, J. L. C. Aspectos do desenvolvimento da capoeira: transnacionalidade, resistência cultural e mobilidade. Criar Educação. Criciúma, v.5, nº1, 2016, jan/jun.

FRIGÉRIO. A. Capoeira: arte negra esporte branco. Revista Brasileira de Ciências Sociais. v.4, n. 10, 1989, junho.

FONSECA, V. L. Capoeira Sou Eu - memória, identidade, tradição e conflito. 255f. Rio de Janeiro: CPDOC-PPHPBC; Fundação Getúlio Vargas, 2009.

GONÇALVES, N. P da C. A epistemologia do ensino da capoeira na Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ. 197f. Dissertação de Mestrado. PPGEF-UFRJ. UFRJ, 1997.

IPHAN. Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil. Brasília, DF, 2007.

JORNAL DO BRASIL. Simpósio chegou ao final sem decidir se capoeira é luta ou apenas folclore. 28 de janeiro de 1968. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 1968.

LACÉ LOPES, A. L. A capoeiragem no Rio de Janeiro: primeiro ensaio - Sinhozinho e Rudolf Hermann. Rio de Janeiro, Europa, 2002.

LACÉ LOPES, A. Capoeiragem - Brazilian old street fight. In: DACOSTA, L. (Org.). Atlas do Esporte no Brasil. Rio de Janeiro: Confef, 2006.

LUSSAC, R. P.; TUBINO, M. J. G. Capoeira: a história e trajetória de um patrimônio cultural do Brasil. Revista da Educação Física/UEM. Maringá, v.20, n.1, 2009, p. 7-16.

MELO, V. A. de. Escola Nacional de Educação Física e Desportos: uma possível história. 207f. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação Física. UNICAMP. Campinas, 1996.

NUNES, M. L. K.; RUBIO, K. O(s) currículos da Educação Física e a constituição da identidade de seus sujeitos. Currículo sem Fronteiras. v.8, n.2, 2008, pp.55-77, jul/dez.

PINTOR, J. L. M. A criação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil. E sua inserção na política do Estado Novo. 359f. Dissertação de Mestrado, PPGEF-UFRJ. UFRJ, 1995.



RÊGO, W. Capoeira angola: ensaio etnográfico. 2ª. ed. Rio de Janeiro, MC&G, 2015.

REIS, L. V. de S. O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil. São Paulo, Publisher Brasil, 1997.

REIS, R. M.; TRIANI, F da S.; Telles, S. C. C. A capoeira nos séculos XX e XXI. Revista Carioca de Educação Física. Rio de Janeiro, v.15, n.2, Anais do 15º Congresso Carioca de Educação Física, 2020, p. 03-12.

SILVA, G. de O. Capoeira: do engenho à universidade. 2ª edição. São Paulo, 1995.

SOARES. C. E. L. A negregada instituição: os capoeira na corte imperial 1850-1890. Rio de Janeiro, Access, 1999.

SOARES. C. E. L. A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850). Campinas, SP, Editora da UNICAMP, 2001.

VIEIRA, L. R. V. O jogo de capoeira: cultura popular no Brasil. Rio de Janeiro, Sprint, 1995.

VIEIRA, L. R; ASSUNÇÃO, M. R. Mitos, controvérsias e fatos: construindo a história da capoeira. Estudos Afro-Asiáticos. 34, 1998, p.81-121, dez.

VIEIRA, S. L. S. Capoeira - The Brazilian Martial Art. In: DA-COSTA, L. (Org.). Atlas do Esporte no Brasil. Rio de Janeiro: Confef, 2006.

## CHAPTER 12

# IN FAMILY WITH THE LENK SISTERS: MARIA AND SIEGLINDE

*Francisco da Silva Júnior*

The memory of sisters Maria and Sieglinde Lenk, prominent athletes in Brazilian and in Olympic swimming, cannot be dissociated from their family history and culture, linked entirely to the culture of the Lenks, German immigrants, who brought Germanic education and socio-cultural habits that merged with Brazilian culture, resulting in two icons of sport and education in Brazil.

Paul Lenk and Martha Rosa married in 1912 and had twins on January 15, 1915: Maria and Hertha. The latter became seriously ill and died in March, 1916. In the following years, Rosa and Paulo had Ernesto and Sieglinde, Linda, as Maria used to call her. The three children, especially the girls, always had the encouragement of their parents to practice sports, a distinguished feature of the German culture, not linked to prejudices against the female figure that existed at that time in Brazil.

Encouraged by her father, Maria learned to swim in the Tietê river, strengthening her body and increasing resistance to diseases. It was also in the Tietê River that Maria had her "début" in swimming competitions, and where she



conquered her first victory. With the German way of thinking, in 1931, Paul allowed her to make her first trip to another state, Rio de Janeiro, in an attitude that Maria called "progressive", within the context of the time. It would be the first confrontation between swimmers from the two largest Brazilian cities. Attitudes of this kind were always present in Maria's life and, later, in her sister's.

With her excellent results in classic breaststroke and also in free swimming (crawl), Maria Lenk went to the Los Angeles Olympics in 1932. She was granted travel authorization by her parents, Paul and Rosa, who did not impose greater conditions than those of natural care for the health and integrity of their daughter. Maria participated in all the swimming events of the three styles of the Olympic program, doing better in the 200m of the classic breast style, getting the eighth best time.

In 1933, Sieglinde Lenk started swimming competitions, appearing in sports reviews, always with victories in her category. Maria and Linda formed what can be called a perfect duo: they participated in almost all national and international competitions of the time, which they often won. Linda, in particular, would go on to become a South American champion at all distances of the backstroke style, always making a winning double with her sister. They came to be known as the Lenk sisters, marking with golden letters the participation in competitions until the end of their career.

In the family context, the victorious Lenk sisters were honored by a careful selection of photos, newspapers articles and other items collected and organized in scrapbooks by their mother, Rosa Lenk. She created a thorough work of cataloguing the results and historical passages of both athletes, her daughters, from the early 1930s until the end of their careers. Thus, information related to the two sisters survived in 23 file folders, allowing a follow-up of



their brilliant athletic careers. In particular, the collection focused on Maria Lenk, who would come to stand out as one of the greatest swimmers of the world, giving way to a legacy of importance and pioneering for the history of the sport in our country. The collection today is housed at the National Archives.

Among the various legacies found in these precious folders, it is important to highlight the role that the Los Angeles Olympic Games played featuring women's sport, guaranteeing space in newspapers, showing records of constant presence of the public largely interested in female participation.

Another legacy found in the now called Maria Lenk Collection refers to a competitive event that became famous among São Paulo sportspeople: the "Travessia de São Paulo a Nado", one of the most traditional swimming competitions of the first half of the 20th century, with reduced participation of women, in its first phase (1924-1930) and then, the second phase (1932-1944), with Maria Lenk winning the editions from 1932 to 1935. From 1936 onwards, competitions were won by Sieglinde, because Maria had left São Paulo.

Another fact of memory of the Lenk sisters and participation of other Brazilian women athletes was the edition of the XI Olympic Games in Berlin in 1936. Maria and Linda had the company of four more women athletes. The scrapbooks Rosa organized were enriched with photos and newspapers articles. After the end of the Games, Maria and Linda toured Germany, participating in friendly tournaments in several cities. There were also opportunities of knowledge exchange, especially because Maria had graduated in Physical Education in March 1936, in the first class of the University of São Paulo - USP, before traveling to the Games.



Maria and Linda participated together in several competitions such as the VI South American Swimming Championships in Guayaquil, Ecuador, and also the VII South American Swimming Championships in Viña del Mar, in Chile.

Maria ended her career in 1942, in a last tournament in the United States, where she participated in competitions in which she surpassed 12 times the American records, three of them considered world records. However, they were not homologated by FINA, because they took place in pools with measures in yards. More information about the athletic and academic career of Maria Lenk is available in the previous chapters of this book.

Linda left the competitions in 1944, when she still defended the colors of Minas Tênis Clube, where she had moved in 1937, in a successful career and with many records broken, especially, South American. Linda then settled in Rio de Janeiro, where she got married in 1947, going on to devote herself entirely to the family and the raising of her four children. She passed away on December 22, 1986, due to ovarian cancer.

## CAPÍTULO 12

# EM FAMÍLIA COM AS IRMÃS LENK, MARIA E SIEGLINDE

*Francisco da Silva Júnior*

A presente narrativa tem como autor o filho de Sieglinde Lenk, irmã de Maria Lenk, que pretende resgatar as realizações esportivas de ambas, tendo como contexto as relações da família Lenk, sobretudo com foco maior em Maria, hoje um dos ícones do esporte brasileiro.

A memória das irmãs Maria e Sieglinde Lenk, atletas de destaque na natação brasileira e na natação olímpica, não pode ser dissociada, evidentemente, da história e da cultura familiar. Esta em geral, está ligada ao desenvolvimento das pessoas, ao ambiente em que se vive nas primeiras fases da vida, à infância e à adolescência, como determinantes no desenvolvimento pessoal de cada um dos seus membros.

Neste sentido a narrativa do histórico familiar de Maria e Sieglinde se associa inteiramente à cultura dos Lenk, imigrantes alemães, que trouxeram da sua terra natal a educação germânica e os hábitos socioculturais, os quais mesclados à cultura brasileira resultaram em dois ícones do esporte e da educação no nosso país.

O que se pretende aqui, nesta breve e resumida narrativa, é trazer ao leitor um pouco dessa história em família, asso-



ciada ao movimento esportivo da época para que possamos entender melhor a história de pioneirismo e de sucesso dessas mulheres fantásticas. A ênfase, no caso, cabe à Maria, precursora e inovadora, que estava à frente do seu tempo e que marcou indelevelmente, com sua trajetória e conquistas, não só a história do esporte, mas do esporte feminino nos seus primórdios no Brasil, como também, a história da Educação Física feminina.

A estrutura familiar e cultural de Lui Paul Lenk e de Martha Rosa Lenk, de sobrenome Kertzler quando solteira, vindos do estado alemão da Saxônia, mais especificamente de uma região chamada Fortland, teve importância fundamental na formação de seus filhos.

Lui Paul, nascido em 1877, em Reichembach, na Saxônia, migrou para o Brasil, mais precisamente para a região das Missões, no Rio Grande do Sul, ao final da primeira década do século XX, juntamente com a sua primeira mulher, Emma. Trouxeram-nos ao Brasil o espírito aventureiro, a vontade de conhecer o novo e um pensamento pioneiro para a época, de amor e interesse pela natureza brasileira e sul-americana, de cuja exuberância tinham ouvido falar. Pressupõe-se, nestas circunstâncias, que houve motivações por meio de leituras de publicações da missão do renomado explorador naturalista e geógrafo alemão, o prussiano Alexander von Humboldt, e de informações de imigrantes alemães que ao final do século XIX passaram a se instalar no sul do Brasil.

No entanto, pouco restou do conhecimento das suas andanças pela região sul do nosso país. Em seu livro *Braçadas & Abraços*, Maria Lenk traz-nos uma breve narrativa desta passagem: “Emma concordou, sem saber, que as terras gaúchas, em 1910, quando lá chegaram, apresentavam o primitivismo selvagem. Os desarrimados colonos não estavam a salvo nem mesmo das emboscadas dos índios.....” (pg. 141).



Passado algum tempo e atendendo aos pedidos da sua mulher, que não se adaptou à cultura local e que tinha um físico frágil, já com a saúde abalada, o casal deixou as terras do sul trocando-as por São Paulo em busca de melhores condições de vida e apoio em que pudessem garantir a saúde e a sobrevivência de Emma. Quis, no entanto, o destino dar curso diferente às suas vidas. Apesar da mudança e das condições melhores de vida em São Paulo e da proximidade com a colônia de imigrantes alemães locais, Emma adoeceu, e a saúde fraca não permitiu a sua recuperação, vindo a falecer pouco depois da sua chegada às terras paulistanas.

Passado algum tempo, conforme o próprio relato de Maria, Paul passou a se corresponder com uma jovem na Alemanha, que conhecia e sabia ser querido. Ela era Martha Rosa Kerzler (1884 - 1972), nascida na cidade de Glauchau, Saxônia, e que não hesitou em deixar tudo para trás e aceitar a proposta de casamento de Louis Paul (1877 - 1958). Com sua decisão, Martha Rosa, além de ficar longe de sua família, abriu mão de uma carreira de sucesso em Enfermagem: era diretora de um hospital da Cruz Vermelha Alemã em Leipzig.

Chegando ao porto de Santos a bordo do navio “Assumpção”, vindo do porto de Hamburgo, Alemanha, em julho de 1912, Martha Rosa juntou-se a Paul, formando o núcleo familiar central que viria a ser parte da família Lenk no Brasil, já que o seu irmão Moritz também migraria para o Brasil, fixando-se em Santos. Chegando a São Paulo, Martha Rosa e Lui Paul se casaram em 14 de julho de 1912, no Consulado Geral da Alemanha naquela cidade.

O casal fixou residência no bairro de Santana, zona norte da cidade, à Rua Carandiru 41, próximo ao rio Tietê, determinante na vida da cidade e da família, como veremos a seguir e onde residiriam por um longo tempo.



Paulo Lenk, como ficaria conhecido, passou a trabalhar no Banco Brasileiro Alemão, organizando a sua vida na grande cidade, sempre em contato com a colônia alemã que era muito numerosa. Em 1914, no primeiro semestre Rosa Lenk engravida e o casal decide que o filho nasceria na Alemanha para que recebesse a cidadania alemã, seguindo então Rosa para a sua terra natal.

Como se noticiava o início do que seria a Primeira Grande Guerra Mundial e como Rosa recebera a convocação para se reincorporar como enfermeira na Alemanha, ela decidiu não esperar e retornar logo ao Brasil e aqui formar sua família, partindo no último navio rumo à América do Sul.

O parto de Rosa deu-se em 15 de janeiro de 1915, sendo o casal surpreendido pelo nascimento de gêmeas, fato que ficou registrado por meio de relato feito por Paulo Lenk, em uma espécie de diário, narrativa esta registrada por Maria também no livro “Braçadas & Abraços”, publicado em 1986.



**Paulo e Rosa Lenk com as primogênnitas Maria e Hertha em 1915.**

*Fonte: “Braçadas e Abraços”, pg 142*



Os escritos de Paulo Lenk trazem-nos o registro dos primeiros momentos das gêmeas. Ele menciona as sutis diferenças comportamentais e o registro da sua própria conduta em relação à sua vida e às suas filhas assim como a preferência que Rosa atribuía a ele por Hertha. Por conseguinte, Paulo manifesta-se fazendo uma autoanálise em que diz: “Minha mulher acusa-me de dar preferência à Hertha, o que atribuo ao fato dela possuir um corpinho mais delgado e fino, enquanto Maria é mais “rechonchudinha”. Esta preferência, se assim pode ser classificada, explica-se provavelmente pelo meu sentimento expresso por aquelas formas físicas” (pg. 143). E ele acrescenta: “Trabalho em mim mesmo, exercitando-me fisicamente, a fim de obter um físico forte e manter minha saúde, coisa tão preciosa para não sucumbir na luta pela existência; saúde esta que nos proporciona também viver a vida com alegria, para a satisfação própria e dos próximos, evitando de ser-lhes carga extra, como são os enfermos” (pg. 143).

Trago esta narrativa final à baila para mostrar a preocupação de Paulo Lenk com o exercício físico e com uma vida saudável, pois esta postura sempre orientou a educação que proporcionaria à sua família.

Ao final de 1915, Hertha adoeceu e infelizmente não conseguiu se recuperar, vindo a falecer em 10 de março de 1916, vítima de problemas digestivos devido à dentição, segundo os médicos daquela época, que tentaram de tudo para salvá-la, conforme Maria Lenk relata em seu livro “Braçadas & Abraços”. Nos anos seguintes, Rosa e Paulo tiveram Ernesto (1917-1989) e Sieglinde (1919 - 1986).

As meninas Maria e Sieglinde sempre tiveram o estímulo dos pais, que tinham mentalidade mais avançada e aberta que os cidadãos da sua época. Rosa tinha sido enfer-



meira chefe de um hospital na sua cidade natal. Paulo, além de trabalhar em uma instituição bancária alemã no Brasil, dava aulas gratuitas de natação, inicialmente no próprio rio Tietê. Também dava aulas de ginástica na escola alemã em que as filhas estudavam e no clube Germânia, onde praticava o esporte. Ele estimulava os três filhos   prática de esportes. O filho do meio, Ernesto Lenk, tornou-se jogador de basquete e veio a ser campeão brasileiro e técnico do Flamengo ao final da década de 1940 e início da década de 1950. Foi sucedido pelo renomado técnico Kanela, quando se mudou para o Planalto Central em 1957, onde estava sendo construída a nova capital do país, Brasília.

Paulo Lenk sempre manteve rela es próximas com o clube Germânia (Sport Club Germania), que em 1942 transformou-se no Esporte Clube Pinheiros, mantendo-se na vanguarda do esporte brasileiro até os dias de hoje. Lá havia um grupo de alemães, aficionados da ginástica olímpica, que se reuniam para a prática e apresenta es do que era conhecido como “Turnerschaft” (sociedade de ginastas) e que tinham por hábito estimular seus filhos   prática dos esportes.

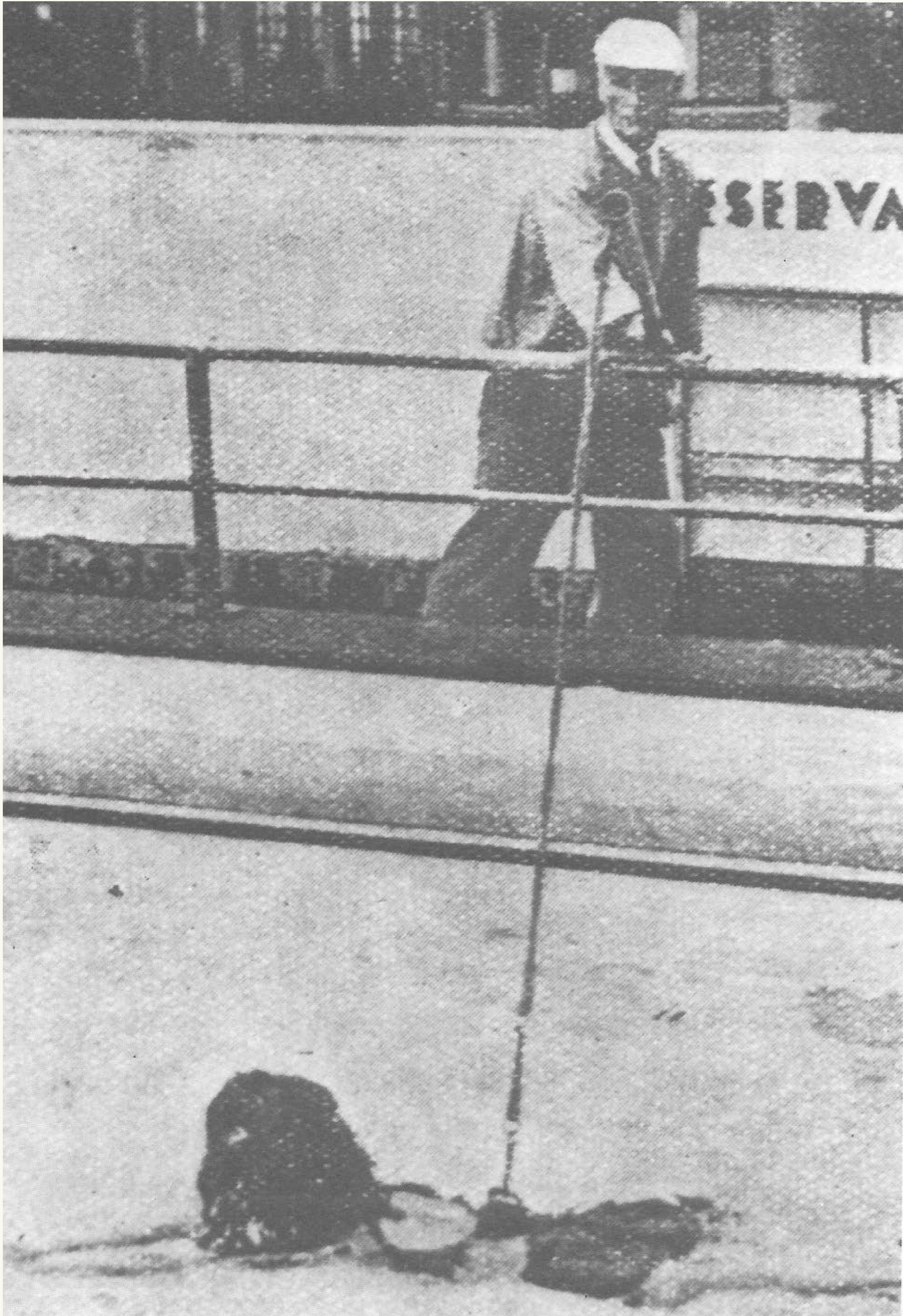
Tal estímulo, característico da cultura alemã, menos ligada a preconceitos existentes contra a figura feminina   época no Brasil, levou as moças da colônia alemã em 1924 a romperem preconceitos e quebrarem barreiras participando de um dos eventos mais ic nicos da época: a primeira Travessia de São Paulo a Nado, levado a efeito nas águas do Rio Tietê.

Esse diapasão de estimular sempre a família às práticas esportivas,   ado o de hábitos saudáveis e à necessidade de permanente contato com a natureza é que levou Paulo Lenk, juntamente com a família, a morar próximo

ao rio Tietê e a estar em contato com os clubes formados à sua margem, isto é, a Associação Atlética São Paulo, o Clube de Regatas Tietê e o Clube Espéria. Estas associações foram todas ligadas em maior ou menor proporção aos primórdios da natação brasileira em São Paulo, como também sustentáculos do pioneirismo de Maria Lenk nesse esporte e, um pouco depois, de Sieglinde, sua irmã mais nova.

Foi no Rio Tietê que Maria Lenk aprendeu a nadar dando as suas primeiras braçadas, incentivada pelo pai à saudável prática dos esportes, fortalecendo o corpo e, por consequência, aumentando a resistência às doenças. Em narrativa familiar no seu livro “Braçadas & Abraços”, Maria relata os hábitos praticados à época em que se dizia que “O método de combater as enfermidades infantis (coqueluche, sarampo, rubéola, catapora, etc.) consistia em permitir o contágio pelo contato com as crianças doentes, a fim de que o problema fosse resolvido pela reação da própria natureza. Não existindo ainda antibióticos, uma pneumonia dupla levou Maria à beira da morte” (pg. 144). Na fase de recuperação seu papai decidiu: “Estas crianças devem aprender a nadar para se fortalecerem. O rio Tietê tem bastante água e o clube à sua margem oferece bastante segurança” (pg. 145), referindo-se aí à Associação Atlética São Paulo.





**Paulo Lenk ensinando Maria Lenk a nadar no Rio Tietê. Esse método consistia em prender o aluno por uma corda na ponta de uma vara, como um peixe no anzol, fazendo-o executar o clássico nado de peito.**

*Fonte: "Braçadas e Abraços", pg. 15*

Foi no Rio Tietê, também, o "début" de Maria em competições, em raias armadas em uma enseada do rio, delimitada



por “pontões” colocados sobre tambores nas cabeceiras e apoiados firmemente no fundo do rio. Aí Maria conquistou a sua primeira e preditiva vitória em uma competição, ciclo esse que só se encerraria com o seu passamento em 2007 aos 92 anos quando se preparava para mais uma competição da categoria de Masters a qual se dedicaria até o final da sua vida.



**Rio Tietê em dia de competições**  
*Fonte:saopauloemfoco.com.br*

Também foi neste ambiente ribeirinho, de beira do Tietê, que se inaugurou em 1930 a primeira piscina com medidas oficiais, de 25m de São Paulo, pertencente à Associação Atlética São Paulo, em cujos festejos de inauguração se realizou também uma competição para moças, vencida por Marina Cruz, atleta santista, que bateu Maria valendo-se do estilo livre ou crawl. Nesta competição Maria utilizou o nado de peito, mais lento, mas que, mais desenvolvido posteriormente, a consagraria em competições ao longo da década de 1930, levando-a a bater dois recordes mundiais em 1939.



O estímulo à prática de esportes e às competições de natação dava-se de forma corriqueira no lar dos Lenk, e era praticada pelo pai e também pela mãe, Rosa. Esta que, apesar de não ter o mesmo entusiasmo do pai, tinha todo o conhecimento dos benefícios da prática dos esportes, principalmente por ter sido uma profissional da área de saúde, dando asas aos desejos dos filhos de terem esse contato com a natureza e a saudável prática de atividades físicas.

Ainda na minha infância, durante o meu convívio com o meu avô Paulo, na década de 1950, quando íamos a Guarulhos, ao sítio que a família possuía às margens do rio Baquirivu, vizinho à Base Aérea de Cumbica (hoje fazendo parte do mais movimentado aeroporto do país, o aeroporto de Guarulhos) e delimitando as suas fronteiras comuns, por algumas vezes assisti ao meu avô, um quase octogênio à época, se exercitando vigorosamente e nadando nas águas daquele rio de águas límpidas e cristalinas, mostrando aos seus netos, com exemplos, a prática de hábitos saudáveis e ao ar livre.

Com essa mentalidade Paulo permitiu, em 1931, numa atitude que Maria chamava de “progressista”, dentro do contexto da época, que ela fizesse a sua primeira viagem a outro estado, o Rio de Janeiro, onde a aguardavam os cariocas. Seria o primeiro confronto entre nadadores das duas maiores metrópoles brasileiras. O pai de Marina Cruz foi o responsável pela guarda da delegação e das meninas nadadoras, rompendo assim resistências e preconceitos à participação delas em competições nacionais.



quase uma campeã consagrada, qual é Thora Melbourne, a primeira que se  
Temos esperança de que a juventude e o entusiasmo das nossas represen-  
tantes constituem factores decisivos do triumpho. No proximo dia 26 ellas repre-  
sentarão São Paulo pela primeira vez e São Paulo vê-se igualmente representado  
pela primeira vez em provas femininas. Que seja um exito para todos a parti-  
cipação das nossas duas excellentes nadadoras. — RAUL GIL.

## Marina Cruz e Maria Lenck foram hontem para o Rio

As duas nadadoras da Athletica vão defender o nome  
de São Paulo na competição feminina do dia 26 —  
Ambas esperam fazer boa figura, sendo que, embora  
não especialistas na distancia — na opinião de Ma-  
rina — Maria difficilmente será derrotada



O embarque das representantes da natação feminina de São Paulo para o Rio.  
Vêm-se no "cliché" Marina Cruz, Maria Lenck e seus progenitores e parentes, vendo-  
se ainda alguns esportistas, entre os quais o dr. Luis Sucupira, presidente da Athle-  
tica, clube pelo qual competirão as duas nadadoras.

Pelo segundo nocturno, acompanhadas do sr. Juvenal Cruz, pae de Marina,  
embarcaram hontem para o Rio de Janeiro, as srts. Marina Cruz e Maria Lenck,  
afim de disputarem a prova de 200 metros, na competição feminina no dia 26,  
da Federação Brasileira das Sociedades do Remo.

Jornal noticiando a ida de Maria Lenck e Marina Cruz ao Rio de Janeiro para participar de campeonato interestadual de natação feminina em 1931.

*Acervo de Francisco da Silva Júnior*

Atitudes deste quilate sempre permearam a vida de Maria e, mais tarde, da sua irmã Linda, como Sieglinde era chamada por ela.



São Paulo,  
 Maria Cal-  
 — 3x100  
 campeonato  
 Canabara;  
 ura, Moa-  
 Gergel. O  
 — Livre  
 e de cam-  
 olo Perri-  
 2.º Elie  
 6,24; 3.º  
 Qualquer  
 Prova de  
 enviel, de  
 2.º Jorge  
 3,31 1/2;  
 de Gra-  
 Qualquer  
 campeonato  
 quete de  
 L. Jus-  
 11 1/2; 7.º  
 — 25100 —  
 categoria.  
 4,04 4/5,  
 T. Mar-  
 turas de  
 — A.º de  
 Sylvia C.  
 8.º F.º em-  
 e Nataçã  
 — Qual-  
 e campeo-  
 de Gra-  
 Rendes,  
 2.º, Ge-  
 — Turmas  
 per classes  
 da Marti-  
 11,40 1/2;  
 4 1/2; 5.º  
 Qualquer  
 de Cam-  
 A.º de No-  
 Schmidt  
 11.º Q.º de  
 — Nacia-  
 opul, de  
 2.º, Julia  
 — 2x100 —  
 onate de  
 12.º ter-  
 do M.º de  
 11.º; 2.º  
 Qualquer  
 lige —  
 azara de  
 rest José  
 na Filho,  
 favor; 2.º  
 23.  
 o e Jul  
 oncurse

# Maria Lenk e Marina Cruz vencem no Rio de Janeiro

## As nadadoras paulistas levantaram as duas primeiras colocações nos 200 mts. nado livre para moças -- Foram regulares os resultados obtidos no Campeonato Carioca de Nataçã

Domingo último realizou-se na Capital da República um grande certame aquático promovido pela Federação Brasileira das Esportistas do Rio de Janeiro, além de muitas outras atletas e diversas classes de nadadoras. O campeonato carioca de nataçã e uma prova importante de nataçã.

Esta última prova, aliás, foi a que mais interesse despertou em S. Paulo, pois nela tem tomar parte — como torcedoras — as nadadoras paulistas Maria Cruz e Maria Lenk, que nos últimos tempos impuizaram-se como as mais perfeitas praticantes do esporte de Curitiba entre nós. A atuação das duas nadadoras de Curitiba na capital da República foi das melhores.

Maria Lenk venceu no ótimo tempo de 2:17.43, enquanto Marina Cruz teve que se empregar a fundo para obter a segunda colocação, pela qual estava também lutando a carioca Olivia Galves.

Marina conseguiu apenas marcar 2:31.12.

### OS CAMPEONATOS CARIOCAS

Em algumas provas dos campeonatos cariocas foram marcados alguns bons resultados. Desde cima, por serem tão bons como os obtidos em S. Paulo, preferiu desistiar de competir nos 100 metros nado de costas, em que Oswaldo Berto, depois de derrotar Maurity e Ignacio Duarte, marcou 1:20.12, tempo que melhor que o recorde paulista. Nos 100 metros nado livre, João Pedro derrotou Márcio Lopes com o tempo de 1:17, e Márcio marcou 1:20 para os 100 metros em braçõs cruzados.

O tempo desta nadadora, que é a mais campeã carioca, é muito inferior ao recorde paulista, e seu próprio tempo obtido por Guilherme Lybali, que ainda recentemente, em treino, marcou 2:17.

Nos 400 metros nado livre, Gabriel Augusto marcou em 5:17.12, resultado inferior ao recorde de Curitiba.

Nos 1000 metros nado livre, Gabriel marcou em 12:27, tempo que também é inferior ao obtido pela atleta de Curitiba, recordista de S. Paulo.

No entanto esse tempo não pode ser tomado como base para se fazer uma comparação com a forma do atleta nado paulista, pois nãõ, por pertencermos a cultura atual, são completas



MARIA LENK, que venceu nos 200 metros e também disputou

### Um processo exemplar, na Italia

MILÃO, 21 de Feb. — O magistrado Pietro Lombardi, seu filho Giovanni e sua mulher de idade, bem como os Drs. Bruno Simonelli e Aldo Molinari, respectivamente jurista e representante da "Associazione Filiali Cirche" foram processados como responsáveis pelo assassinato de uma acrobata durante a noite de 1926, por não terem levado em conta

com Air Bonini, Maurity Lopes e ao Sr. Berto, incluindo uma primeira tentativa de 1:20, 1:21, 1:22 e 1:23, 1:24 e 1:25, 1:26 e 1:27, 1:28 e 1:29, 1:30 e 1:31, 1:32 e 1:33, 1:34 e 1:35, 1:36 e 1:37, 1:38 e 1:39, 1:40 e 1:41, 1:42 e 1:43, 1:44 e 1:45, 1:46 e 1:47, 1:48 e 1:49, 1:50 e 1:51, 1:52 e 1:53, 1:54 e 1:55, 1:56 e 1:57, 1:58 e 1:59, 2:00 e 2:01, 2:02 e 2:03, 2:04 e 2:05, 2:06 e 2:07, 2:08 e 2:09, 2:10 e 2:11, 2:12 e 2:13, 2:14 e 2:15, 2:16 e 2:17, 2:18 e 2:19, 2:20 e 2:21, 2:22 e 2:23, 2:24 e 2:25, 2:26 e 2:27, 2:28 e 2:29, 2:30 e 2:31, 2:32 e 2:33, 2:34 e 2:35, 2:36 e 2:37, 2:38 e 2:39, 2:40 e 2:41, 2:42 e 2:43, 2:44 e 2:45, 2:46 e 2:47, 2:48 e 2:49, 2:50 e 2:51, 2:52 e 2:53, 2:54 e 2:55, 2:56 e 2:57, 2:58 e 2:59, 3:00 e 3:01, 3:02 e 3:03, 3:04 e 3:05, 3:06 e 3:07, 3:08 e 3:09, 3:10 e 3:11, 3:12 e 3:13, 3:14 e 3:15, 3:16 e 3:17, 3:18 e 3:19, 3:20 e 3:21, 3:22 e 3:23, 3:24 e 3:25, 3:26 e 3:27, 3:28 e 3:29, 3:30 e 3:31, 3:32 e 3:33, 3:34 e 3:35, 3:36 e 3:37, 3:38 e 3:39, 3:40 e 3:41, 3:42 e 3:43, 3:44 e 3:45, 3:46 e 3:47, 3:48 e 3:49, 3:50 e 3:51, 3:52 e 3:53, 3:54 e 3:55, 3:56 e 3:57, 3:58 e 3:59, 4:00 e 4:01, 4:02 e 4:03, 4:04 e 4:05, 4:06 e 4:07, 4:08 e 4:09, 4:10 e 4:11, 4:12 e 4:13, 4:14 e 4:15, 4:16 e 4:17, 4:18 e 4:19, 4:20 e 4:21, 4:22 e 4:23, 4:24 e 4:25, 4:26 e 4:27, 4:28 e 4:29, 4:30 e 4:31, 4:32 e 4:33, 4:34 e 4:35, 4:36 e 4:37, 4:38 e 4:39, 4:40 e 4:41, 4:42 e 4:43, 4:44 e 4:45, 4:46 e 4:47, 4:48 e 4:49, 4:50 e 4:51, 4:52 e 4:53, 4:54 e 4:55, 4:56 e 4:57, 4:58 e 4:59, 5:00 e 5:01, 5:02 e 5:03, 5:04 e 5:05, 5:06 e 5:07, 5:08 e 5:09, 5:10 e 5:11, 5:12 e 5:13, 5:14 e 5:15, 5:16 e 5:17, 5:18 e 5:19, 5:20 e 5:21, 5:22 e 5:23, 5:24 e 5:25, 5:26 e 5:27, 5:28 e 5:29, 5:30 e 5:31, 5:32 e 5:33, 5:34 e 5:35, 5:36 e 5:37, 5:38 e 5:39, 5:40 e 5:41, 5:42 e 5:43, 5:44 e 5:45, 5:46 e 5:47, 5:48 e 5:49, 5:50 e 5:51, 5:52 e 5:53, 5:54 e 5:55, 5:56 e 5:57, 5:58 e 5:59, 6:00 e 6:01, 6:02 e 6:03, 6:04 e 6:05, 6:06 e 6:07, 6:08 e 6:09, 6:10 e 6:11, 6:12 e 6:13, 6:14 e 6:15, 6:16 e 6:17, 6:18 e 6:19, 6:20 e 6:21, 6:22 e 6:23, 6:24 e 6:25, 6:26 e 6:27, 6:28 e 6:29, 6:30 e 6:31, 6:32 e 6:33, 6:34 e 6:35, 6:36 e 6:37, 6:38 e 6:39, 6:40 e 6:41, 6:42 e 6:43, 6:44 e 6:45, 6:46 e 6:47, 6:48 e 6:49, 6:50 e 6:51, 6:52 e 6:53, 6:54 e 6:55, 6:56 e 6:57, 6:58 e 6:59, 7:00 e 7:01, 7:02 e 7:03, 7:04 e 7:05, 7:06 e 7:07, 7:08 e 7:09, 7:10 e 7:11, 7:12 e 7:13, 7:14 e 7:15, 7:16 e 7:17, 7:18 e 7:19, 7:20 e 7:21, 7:22 e 7:23, 7:24 e 7:25, 7:26 e 7:27, 7:28 e 7:29, 7:30 e 7:31, 7:32 e 7:33, 7:34 e 7:35, 7:36 e 7:37, 7:38 e 7:39, 7:40 e 7:41, 7:42 e 7:43, 7:44 e 7:45, 7:46 e 7:47, 7:48 e 7:49, 7:50 e 7:51, 7:52 e 7:53, 7:54 e 7:55, 7:56 e 7:57, 7:58 e 7:59, 8:00 e 8:01, 8:02 e 8:03, 8:04 e 8:05, 8:06 e 8:07, 8:08 e 8:09, 8:10 e 8:11, 8:12 e 8:13, 8:14 e 8:15, 8:16 e 8:17, 8:18 e 8:19, 8:20 e 8:21, 8:22 e 8:23, 8:24 e 8:25, 8:26 e 8:27, 8:28 e 8:29, 8:30 e 8:31, 8:32 e 8:33, 8:34 e 8:35, 8:36 e 8:37, 8:38 e 8:39, 8:40 e 8:41, 8:42 e 8:43, 8:44 e 8:45, 8:46 e 8:47, 8:48 e 8:49, 8:50 e 8:51, 8:52 e 8:53, 8:54 e 8:55, 8:56 e 8:57, 8:58 e 8:59, 9:00 e 9:01, 9:02 e 9:03, 9:04 e 9:05, 9:06 e 9:07, 9:08 e 9:09, 9:10 e 9:11, 9:12 e 9:13, 9:14 e 9:15, 9:16 e 9:17, 9:18 e 9:19, 9:20 e 9:21, 9:22 e 9:23, 9:24 e 9:25, 9:26 e 9:27, 9:28 e 9:29, 9:30 e 9:31, 9:32 e 9:33, 9:34 e 9:35, 9:36 e 9:37, 9:38 e 9:39, 9:40 e 9:41, 9:42 e 9:43, 9:44 e 9:45, 9:46 e 9:47, 9:48 e 9:49, 9:50 e 9:51, 9:52 e 9:53, 9:54 e 9:55, 9:56 e 9:57, 9:58 e 9:59, 10:00 e 10:01, 10:02 e 10:03, 10:04 e 10:05, 10:06 e 10:07, 10:08 e 10:09, 10:10 e 10:11, 10:12 e 10:13, 10:14 e 10:15, 10:16 e 10:17, 10:18 e 10:19, 10:20 e 10:21, 10:22 e 10:23, 10:24 e 10:25, 10:26 e 10:27, 10:28 e 10:29, 10:30 e 10:31, 10:32 e 10:33, 10:34 e 10:35, 10:36 e 10:37, 10:38 e 10:39, 10:40 e 10:41, 10:42 e 10:43, 10:44 e 10:45, 10:46 e 10:47, 10:48 e 10:49, 10:50 e 10:51, 10:52 e 10:53, 10:54 e 10:55, 10:56 e 10:57, 10:58 e 10:59, 11:00 e 11:01, 11:02 e 11:03, 11:04 e 11:05, 11:06 e 11:07, 11:08 e 11:09, 11:10 e 11:11, 11:12 e 11:13, 11:14 e 11:15, 11:16 e 11:17, 11:18 e 11:19, 11:20 e 11:21, 11:22 e 11:23, 11:24 e 11:25, 11:26 e 11:27, 11:28 e 11:29, 11:30 e 11:31, 11:32 e 11:33, 11:34 e 11:35, 11:36 e 11:37, 11:38 e 11:39, 11:40 e 11:41, 11:42 e 11:43, 11:44 e 11:45, 11:46 e 11:47, 11:48 e 11:49, 11:50 e 11:51, 11:52 e 11:53, 11:54 e 11:55, 11:56 e 11:57, 11:58 e 11:59, 12:00 e 12:01, 12:02 e 12:03, 12:04 e 12:05, 12:06 e 12:07, 12:08 e 12:09, 12:10 e 12:11, 12:12 e 12:13, 12:14 e 12:15, 12:16 e 12:17, 12:18 e 12:19, 12:20 e 12:21, 12:22 e 12:23, 12:24 e 12:25, 12:26 e 12:27, 12:28 e 12:29, 12:30 e 12:31, 12:32 e 12:33, 12:34 e 12:35, 12:36 e 12:37, 12:38 e 12:39, 12:40 e 12:41, 12:42 e 12:43, 12:44 e 12:45, 12:46 e 12:47, 12:48 e 12:49, 12:50 e 12:51, 12:52 e 12:53, 12:54 e 12:55, 12:56 e 12:57, 12:58 e 12:59, 13:00 e 13:01, 13:02 e 13:03, 13:04 e 13:05, 13:06 e 13:07, 13:08 e 13:09, 13:10 e 13:11, 13:12 e 13:13, 13:14 e 13:15, 13:16 e 13:17, 13:18 e 13:19, 13:20 e 13:21, 13:22 e 13:23, 13:24 e 13:25, 13:26 e 13:27, 13:28 e 13:29, 13:30 e 13:31, 13:32 e 13:33, 13:34 e 13:35, 13:36 e 13:37, 13:38 e 13:39, 13:40 e 13:41, 13:42 e 13:43, 13:44 e 13:45, 13:46 e 13:47, 13:48 e 13:49, 13:50 e 13:51, 13:52 e 13:53, 13:54 e 13:55, 13:56 e 13:57, 13:58 e 13:59, 14:00 e 14:01, 14:02 e 14:03, 14:04 e 14:05, 14:06 e 14:07, 14:08 e 14:09, 14:10 e 14:11, 14:12 e 14:13, 14:14 e 14:15, 14:16 e 14:17, 14:18 e 14:19, 14:20 e 14:21, 14:22 e 14:23, 14:24 e 14:25, 14:26 e 14:27, 14:28 e 14:29, 14:30 e 14:31, 14:32 e 14:33, 14:34 e 14:35, 14:36 e 14:37, 14:38 e 14:39, 14:40 e 14:41, 14:42 e 14:43, 14:44 e 14:45, 14:46 e 14:47, 14:48 e 14:49, 14:50 e 14:51, 14:52 e 14:53, 14:54 e 14:55, 14:56 e 14:57, 14:58 e 14:59, 15:00 e 15:01, 15:02 e 15:03, 15:04 e 15:05, 15:06 e 15:07, 15:08 e 15:09, 15:10 e 15:11, 15:12 e 15:13, 15:14 e 15:15, 15:16 e 15:17, 15:18 e 15:19, 15:20 e 15:21, 15:22 e 15:23, 15:24 e 15:25, 15:26 e 15:27, 15:28 e 15:29, 15:30 e 15:31, 15:32 e 15:33, 15:34 e 15:35, 15:36 e 15:37, 15:38 e 15:39, 15:40 e 15:41, 15:42 e 15:43, 15:44 e 15:45, 15:46 e 15:47, 15:48 e 15:49, 15:50 e 15:51, 15:52 e 15:53, 15:54 e 15:55, 15:56 e 15:57, 15:58 e 15:59, 16:00 e 16:01, 16:02 e 16:03, 16:04 e 16:05, 16:06 e 16:07, 16:08 e 16:09, 16:10 e 16:11, 16:12 e 16:13, 16:14 e 16:15, 16:16 e 16:17, 16:18 e 16:19, 16:20 e 16:21, 16:22 e 16:23, 16:24 e 16:25, 16:26 e 16:27, 16:28 e 16:29, 16:30 e 16:31, 16:32 e 16:33, 16:34 e 16:35, 16:36 e 16:37, 16:38 e 16:39, 16:40 e 16:41, 16:42 e 16:43, 16:44 e 16:45, 16:46 e 16:47, 16:48 e 16:49, 16:50 e 16:51, 16:52 e 16:53, 16:54 e 16:55, 16:56 e 16:57, 16:58 e 16:59, 17:00 e 17:01, 17:02 e 17:03, 17:04 e 17:05, 17:06 e 17:07, 17:08 e 17:09, 17:10 e 17:11, 17:12 e 17:13, 17:14 e 17:15, 17:16 e 17:17, 17:18 e 17:19, 17:20 e 17:21, 17:22 e 17:23, 17:24 e 17:25, 17:26 e 17:27, 17:28 e 17:29, 17:30 e 17:31, 17:32 e 17:33, 17:34 e 17:35, 17:36 e 17:37, 17:38 e 17:39, 17:40 e 17:41, 17:42 e 17:43, 17:44 e 17:45, 17:46 e 17:47, 17:48 e 17:49, 17:50 e 17:51, 17:52 e 17:53, 17:54 e 17:55, 17:56 e 17:57, 17:58 e 17:59, 18:00 e 18:01, 18:02 e 18:03, 18:04 e 18:05, 18:06 e 18:07, 18:08 e 18:09, 18:10 e 18:11, 18:12 e 18:13, 18:14 e 18:15, 18:16 e 18:17, 18:18 e 18:19, 18:20 e 18:21, 18:22 e 18:23, 18:24 e 18:25, 18:26 e 18:27, 18:28 e 18:29, 18:30 e 18:31, 18:32 e 18:33, 18:34 e 18:35, 18:36 e 18:37, 18:38 e 18:39, 18:40 e 18:41, 18:42 e 18:43, 18:44 e 18:45, 18:46 e 18:47, 18:48 e 18:49, 18:50 e 18:51, 18:52 e 18:53, 18:54 e 18:55, 18:56 e 18:57, 18:58 e 18:59, 19:00 e 19:01, 19:02 e 19:03, 19:04 e 19:05, 19:06 e 19:07, 19:08 e 19:09, 19:10 e 19:11, 19:12 e 19:13, 19:14 e 19:15, 19:16 e 19:17, 19:18 e 19:19, 19:20 e 19:21, 19:22 e 19:23, 19:24 e 19:25, 19:26 e 19:27, 19:28 e 19:29, 19:30 e 19:31, 19:32 e 19:33, 19:34 e 19:35, 19:36 e 19:37, 19:38 e 19:39, 19:40 e 19:41, 19:42 e 19:43, 19:44 e 19:45, 19:46 e 19:47, 19:48 e 19:49, 19:50 e 19:51, 19:52 e 19:53, 19:54 e 19:55, 19:56 e 19:57, 19:58 e 19:59, 20:00 e 20:01, 20:02 e 20:03, 20:04 e 20:05, 20:06 e 20:07, 20:08 e 20:09, 20:10 e 20:11, 20:12 e 20:13, 20:14 e 20:15, 20:16 e 20:17, 20:18 e 20:19, 20:20 e 20:21, 20:22 e 20:23, 20:24 e 20:25, 20:26 e 20:27, 20:28 e 20:29, 20:30 e 20:31, 20:32 e 20:33, 20:34 e 20:35, 20:36 e 20:37, 20:38 e 20:39, 20:40 e 20:41, 20:42 e 20:43, 20:44 e 20:45, 20:46 e 20:47, 20:48 e 20:49, 20:50 e 20:51, 20:52 e 20:53, 20:54 e 20:55, 20:56 e 20:57, 20:58 e 20:59, 21:00 e 21:01, 21:02 e 21:03, 21:04 e 21:05, 21:06 e 21:07, 21:08 e 21:09, 21:10 e 21:11, 21:12 e 21:13, 21:14 e 21:15, 21:16 e 21:17, 21:18 e 21:19, 21:20 e 21:21, 21:22 e 21:23, 21:24 e 21:25, 21:26 e 21:27, 21:28 e 21:29, 21:30 e 21:31, 21:32 e 21:33, 21:34 e 21:35, 21:36 e 21:37, 21:38 e 21:39, 21:40 e 21:41, 21:42 e 21:43, 21:44 e 21:45, 21:46 e 21:47, 21:48 e 21:49, 21:50 e 21:51, 21:52 e 21:53, 21:54 e 21:55, 21:56 e 21:57, 21:58 e 21:59, 22:00 e 22:01, 22:02 e 22:03, 22:04 e 22:05, 22:06 e 22:07, 22:08 e 22:09, 22:10 e 22:11, 22:12 e 22:13, 22:14 e 22:15, 22:16 e 22:17, 22:18 e 22:19, 22:20 e 22:21, 22:22 e 22:23, 22:24 e 22:25, 22:26 e 22:27, 22:28 e 22:29, 22:30 e 22:31, 22:32 e 22:33, 22:34 e 22:35, 22:36 e 22:37, 22:38 e 22:39, 22:40 e 22:41, 22:42 e 22:43, 22:44 e 22:45, 22:46 e 22:47, 22:48 e 22:49, 22:50 e 22:51, 22:52 e 22:53, 22:54 e 22:55, 22:56 e 22:57, 22:58 e 22:59, 23:00 e 23:01, 23:02 e 23:03, 23:04 e 23:05, 23:06 e 23:07, 23:08 e 23:09, 23:10 e 23:11, 23:12 e 23:13, 23:14 e 23:15, 23:16 e 23:17, 23:18 e 23:19, 23:20 e 23:21, 23:22 e 23:23, 23:24 e 23:25, 23:26 e 23:27, 23:28 e 23:29, 23:30 e 23:31, 23:32 e 23:33, 23:34 e 23:35, 23:36 e 23:37, 23:38 e 23:39, 23:40 e 23:41, 23:42 e 23:43, 23:44 e 23:45, 23:46 e 23:47, 23:48 e 23:49, 23:50 e 23:51, 23:52 e 23:53, 23:54 e 23:55, 23:56 e 23:57, 23:58 e 23:59, 24:00 e 24:01, 24:02 e 24:03, 24:04 e 24:05, 24:06 e 24:07, 24:08 e 24:09, 24:10 e 24:11, 24:12 e 24:13, 24:14 e 24:15, 24:16 e 24:17, 24:18 e 24:19, 24:20 e 24:21, 24:22 e 24:23, 24:24 e 24:25, 24:26 e 24:27, 24:28 e 24:29, 24:30 e 24:31, 24:32 e 24:33, 24:34 e 24:35, 24:36 e 24:37, 24:38 e 24:39, 24:40 e 24:41, 24:42 e 24:43, 24:44 e 24:45, 24:46 e 24:47, 24:48 e 24:49, 24:50 e 24:51, 24:52 e 24:53, 24:54 e 24:55, 24:56 e 24:57, 24:58 e 24:59, 25:00 e 25:01, 25:02 e 25:03, 25:04 e 25:05, 25:06 e 25:07, 25:08 e 25:09, 25:10 e 25:11, 25:12 e 25:13, 25:14 e 25:15, 25:16 e 25:17, 25:18 e 25:19, 25:20 e 25:21, 25:22 e 25:23, 25:24 e 25:25, 25:26 e 25:27, 25:28 e 25:29, 25:30 e 25:31, 25:32 e 25:33, 25:34 e 25:35, 25:36 e 25:37, 25:38 e 25:39, 25:40 e 25:41, 25:42 e 25:43, 25:44 e 25:45, 25:46 e 25:47, 25:48 e 25:49, 25:50 e 25:51, 25:52 e 25:53, 25:54 e 25:55, 25:56 e 25:57, 25:58 e 25:59, 26:00 e 26:01, 26:02 e 26:03, 26:04 e 26:05, 26:06 e 26:07, 26:08 e 26:09, 26:10 e 26:11, 26:12 e 26:13, 26:14 e 26:15, 26:16 e 26:17, 26:18 e 26:19, 26:20 e 26:21, 26:22 e 26:23, 26:24 e 26:25, 26:26 e 26:27, 26:28 e 26:29, 26:30 e 26:31, 26:32 e 26:33, 26:34 e 26:35, 26:36 e 26:37, 26:38 e 26:39, 26:40 e 26:41, 26:42 e 26:43, 26:44 e 26:45, 26:46 e 26:47, 26:48 e 26:49, 26:50 e 26:51, 26:52 e 26:53, 26:54 e 26:55, 26:56 e 26:57, 26:58 e 26:59, 27:00 e 27:01, 27:02 e 27:03, 27:04 e 27:05, 27:06 e 27:07, 27:08 e 27:09, 27:10 e

No retorno a São Paulo a recepção foi apoteótica, pois se quebrava mais um tabu e o reconhecimento do sucesso da competição e da iniciativa da participação de meninas, quase moças, em viagens para fora do seu local de moradia, o que era totalmente incomum para aquela sociedade paternalista em que as mulheres permaneciam firmemente amarradas às suas famílias e aos preconceitos, muito intensos na época.

A abertura de novos horizontes às mulheres se impunha e nesse começo de século XX, outros tabus estavam sendo quebrados pela presença das mulheres em outras atividades de maneira pioneira, como o primeiro voo solo de uma mulher brasileira, que se deu em 17 de março 1922 por Theresa Di Marzo Roesler (1903-1986), a primeira aviadora brevetada no Brasil, e por Anésia Pinheiro Machado (1904-1999). Ambas eram alunas do instrutor alemão Fritz Roesler do Aero Clube de São Paulo, sendo o brevê da Fédération Aéronautique Internationale (Federação Aeronáutica Internacional - FAI) de número 76 emitido para Theresa e o de número 77 para Anésia. Curiosamente Theresa veio a se casar com Fritz, que a proibiu de voar.

Anésia, no entanto, tornou-se um nome conhecido na aviação mundial por quebrar diversos recordes de voo, como, por exemplo, ser a primeira mulher a transportar um passageiro, a primeira a realizar um voo acrobático, a primeira a fazer a travessia dos Andes, a primeira a fazer um voo interestadual (Rio-São Paulo), em setembro de 1922, pelo qual recebeu uma carta do pioneiro da aviação, Alberto Santos Dumont, parabenizando pelo sucesso da viagem junto com uma réplica da medalha de São Bento, que ele havia recebido da Princesa Isabel pelos feitos inéditos realizados em Paris. Quis o destino que os caminhos de Anésia e Maria se cruzassem e elas se tornassem amigas, apresentadas por Pinheirinho, irmão de Anésia, que era amigo de Maria. Esse ambien-



te era o que a sociedade brasileira vivenciava à época: o de aventuras e quebra de paradigmas principalmente por parte das mulheres.

Em 1980, mais uma vez um Lenk cruzou o caminho de Anésia. Fui designado para trabalhar na Seção de Relações Públicas do Gabinete do Comandante da Aeronáutica, quando conheci Anésia. Coube-me a missão de cuidar dela e apoiá-la porque a Aeronáutica havia lhe outorgado o tratamento que se deveria dar a uma celebridade da aviação, precursora, e também, à época, decana da aviação mundial. Aos 76 anos, Anésia era detentora do brevê mais antigo de uma pessoa viva.

Data também da época da juventude dessas pioneiras a elaboração do primeiro Código Eleitoral do Brasil, em 1932, com a criação da Justiça Eleitoral, de eleições padronizadas, do voto obrigatório, secreto e universal, estendendo às mulheres o direito ao voto e à candidatura a cargos eletivos.

Ainda em 1932, em meio a essas mudanças sociais, um desafio a assumir na iniciante carreira de atleta de Maria Lenk: tomar parte nos Jogos Olímpicos, que tinham a sua próxima edição no ano seguinte ao do torneio Rio-São Paulo. Os treinamentos de Maria se intensificaram e nas competições de que participou em anos posteriores, ela venceu todas as provas na sua especialidade: o nado de peito clássico, até a sua aposentadoria como atleta amadora, em janeiro de 1942.



**MARIA LEMK, A EXCELENTE NADADORA DA ATLEICA, DEVE IR A LOS ANGELES**



**MARIA LEMKE**

Se os mentores da C. B. D. desejam agir com justiça e imparcialidade na escolha dos elementos representativos da natação brasileira, não deverão esquecer da nossa melhor nadadora, a senhorita Maria Lemk, elemento de valor e digna de nos representar naquela Olimpíada com probabilidade de ser finalista numa das provas daquela grande certame internacional.

Muito jovem ainda, possuidora de um físico formidável, bem orientada nos seus treinos, poderá dentro em breve ser uma gloria nacional em plagas estrangeiras, pois, é bastante citarmos que atualmente na braçada classica e mesmo no nado livre de um ano para cá não sofreu nenhum revés, tornando-se desta maneira, digna de melhor apoio dos dirigentes da F. P. S. R. e da propria C. B. D.

Os tempos que vem obtendo nas provas de sua especialidade, que é a — braçada classica — indicam-na como provavel vencedora num torneio brasileiro para senhoritas e cremos mesmo, num torneio internacional representaria muito bem as cores nacionais.

Para melhor esclarecimento do que acima expomos damos abaixo o resumo de sua vida esportiva, com as suas vitórias, que são muitas, a par com os tempos verdadeiramente formidáveis para a sua classe e tempo que vem praticando a natação.

N. 1 — 2-II-30 — Esperia, 50 metros — Livre Classica — Novissima — 2.a, 48".

N. 2 — 13-II-30 — A. A. S. P., 50 metros — Livre — Interna — 2.a, 46".

N. 3 — 16-II-30 — A. A. S. P. (F. P. S. R.) — 50 metros — Braçada classica — Novissimo, 1.a, 2.

N. 4 — 23-III-30 — Federação (A. A. S. P.) — 50 metros — Nado livre — Novissimos, 2.a, 42".

N. 5 — 17-VIII-30 — Int. na A. A. S. P. — 50 metros — Nado livre — Novissimos, 2.a.

N. 6 — 13-X-30 — Estrela — 100 metros — Nado livre, 2.a, 1'39".

N. 7 — 12-X-30 — Estrela — 50 metros — Costas — 1.a, 49".

N. 8 — 11-X-30 — Federação — 50 metros — Nado livre, 2.a, ?.

N. 9 — 16-XI-30 — Federação — 4x50 metros — Revezamento — Nado livre, 1.a, ?.

N. 10 — 30-XI-30 — Federação — 50 metros — Revezamento — Nado livre — Junior, 2.a, 41".

N. 11 — 30-XI-30 — Federação — 50 metros — Braçada classica — Junior, 1.a, 44".

N. 12 — 22-III-31 — Feminina — 100 metros — Nado livre — Junior, 1.a, 1'29" 1/5.

N. 13 — 22-III-31 — Feminina — 400 metros — Braçada classica — Junior, 1.a, 7'30".

N. 14 — 22-III-31 — Feminina — 4x50 metros — Nado livre — Junior, 2.a, ?.

N. 15 — 22-III-31 — Feminina — 3x25 metros — 1.a, ?.

N. 16 — 29-III-31 — Federação — 100 metros — Braçada classica — Junior, 1.a, 1'37".

N. 17 — 29-III-31 — Federação — 100 metros — Livre, 1.a, 1'30".

N. 18 — 19-IV-31 — Feminina — 200 metros — Livre, 1.a, 3'24".

N. 19 — 19-IV-31 — Feminina — 150 metros — Medley, 1.a, 3'00 2/5".

N. 20 — 19-IV-31 — Feminina — 3x50 metros — Revezamento, 1.a, 2'20".

N. 21 — 26-IV-31 — Rio de Janeiro — 200 metros — Livre — 1.a, 3'19".

N. 22 — 11-X-31 — Força Publica — 50 metros — Livre, 1.a, 39".

N. 23 — 18-X-31 — Estrela — 100 metros — Livre, 1.a, 1'23" 1/5.

N. 24 — 18-X-31 — Estrela — 100 metros — Braçada classica, 1.a, 1'37" 1/5.

N. 25 — 10-I-32 — Federação — 50 metros — Braçada classica, 1.a, 46".

N. 26 — 10-I-32 — Federação — 100 metros — Livre, 1.a, 1'27".

N. 27 — 24-I-32 — Federação — 100 metros — Nado de costas — 1.a, 1'41".

N. 28 — 28-II-32 — Gazeta — 7.200 metros — Livre no Rio Tietê, 1.a.

N. 29 — 20-III-32 — Federação — 100 metros — Nado de costas, 1.a, 1'40" 3/10.

N. 30 — 20-III-32 — Federação — 50 metros — Nado de costas — 1.a, 48".

**Brasil**

Uma circular da Confederações dos treinos — O regime para a

A Confederação Brasileira de Des[un]...

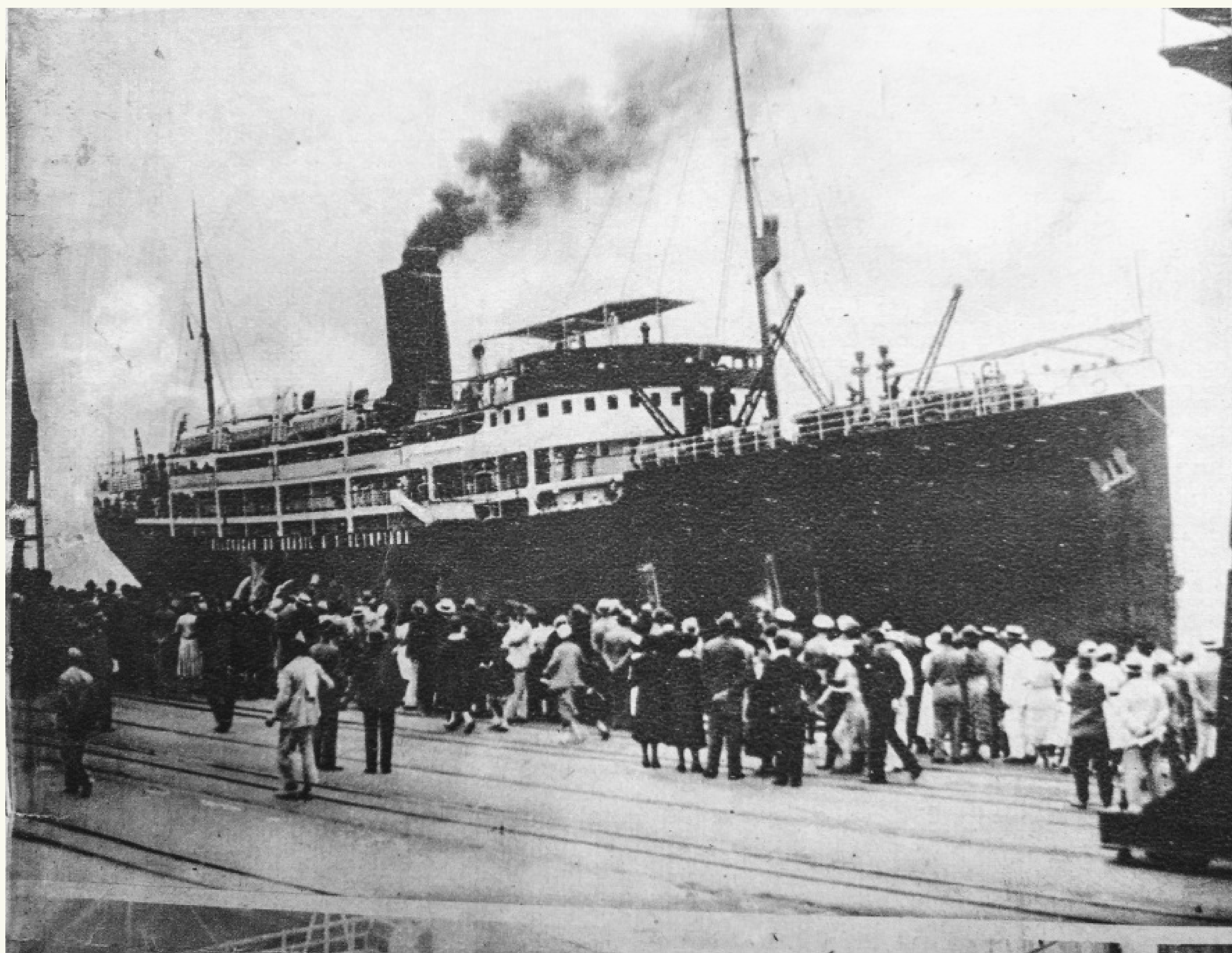
Maria Lenk sendo noticiada pelos jornais como provável competidora aos Jogos Olímpicos de 1932 em Los Angeles.

Acervo de Francisco da Silva Júnior

Havia uma campanha nos jornais no início dos anos de 1930 para a ida de uma mulher aos X Jogos Olímpicos (JO) da Era Moderna e que seriam realizados em Los Angeles, nos Estados Unidos da América do Norte. E o nome de Maria Lenk era dado como quase certo pelos periódicos nas suas colunas esportivas, graças aos seus resultados nos nados de peito clássico, chamado à época de braçada clássica e também no nado livre (crawl). Na ocasião a imprensa estendeu



o desafio à Federação Paulista das Sociedades de Remo - FPSR e também à Confederação Brasileira de Desportos - CBD, que à época cuidavam dos interesses da natação e dos demais esportes, devido ao fato de não ter sido criada ainda no Brasil nem a Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos - CBDA e nem o Comitê Olímpico Brasileiro - COB.



**Navio Itaquicê, que transportaria os atletas Olímpicos a Los Angeles**  
*Acervo de Francisco da Silva Júnior*

Como o Brasil não participou dos IX Jogos Olímpicos por dificuldades em levantar recursos para custear a viagem para Amsterdam, na Holanda, o presidente da CBD, o Dr. Renato Pacheco, liderou uma exitosa campanha para angariar fundos para custear a viagem de navio, conseguindo mobilizar o armador Henrique Lage,

dono da Companhia de Navegação Costeira que cedeu a preço de custo um dos seus “ITA”, pois todos começavam com esse prefixo, recaindo a escolha sobre um pequeno navio misto de cargueiro e passageiros, de nome ITAQUICÊ, que ficou famoso por transportar a equipe brasileira aos JO de Los Angeles, tendo a sua saga sido contada recentemente, em 2008, em um livro cujo título era: “1932, uma aventura olímpica na terra do cinema”, escrito por Tiago Petrik.



Acervo de Francisco da Silva Júnior



Levada a efeito a listagem de participantes aos X JO, lá estava incluído o nome de Maria Lenk, que teve a sua autorização de viagem concedida pelos seus pais Paulo e Rosa, que não impuseram maiores condições a não ser aquelas naturais de cuidado com a saúde e a integridade de sua filha. Tal atitude de vanguarda mostrou-se bem diferente da de outras famílias, que não permitiam viagens de suas filhas desacompanhadas dos seus progenitores, não se revestindo essa permissão dada à Maria, no entanto, em afronta aos outros, aos costumes e nem à demonstração de descuido em relação aos filhos, mas sim de confiança.

Em 26 de junho de 1932 zarpou do porto do Rio de Janeiro o pequeno navio rumo à terra do cinema levando 350 pessoas que formaram a tripulação e passageiros do navio, mais a delegação de dirigentes e atletas brasileiros transportando com eles as expectativas e esperanças brasileiras de participação naqueles Jogos.

Quase um mês depois, no dia 22 de julho, aportava o Itaquicê no porto de São Pedro, em Los Angeles, para o início dos Jogos e das competições. Enfim, os atletas passaram um longo período a bordo, praticamente sem se exercitarem, pois as dimensões do navio não permitiam a execução de programas de treinamento, o que levou os competidores a chegarem em baixa forma física para as disputas.

Maria, a despeito da viagem, participou de todas as provas de natação dos três estilos constantes do programa olímpico, saindo-se melhor nos 200m do estilo de peito clássico, obtendo o oitavo melhor tempo nesta prova entre todas as concorrentes.

A participação de Maria não se resumiria somente ao programa de competições, pois como não havia na delega-

ção quem falasse a língua inglesa, coube a ela, que falava inglês e alemão, fazer-se às vezes de tradutora e acompanhar os dirigentes nas suas tratativas organizacionais.

Chegando ao fim os Jogos Olímpicos, a delegação embarcou de volta no Itaquicê efetuando a longa viagem de regresso, passando mais uma vez pelo canal do Panamá, já utilizado na ida, e aportando em Belém. Lá foram recebidos pelo interventor federal, Magalhães Barata, que prestou uma homenagem à delegação oferecendo-lhes um jantar de gala com a oferta de pratos típicos da terra como sopa de tartaruga e o famoso pato no tucupi, complementado por sobremesa de sorvete de açaí, tudo uma novidade para os participantes. Aquela homenagem acabou sendo a única reservada pelo país aos participantes dos X Jogos Olímpicos.

O ano de 1933 reservava a estreia da irmã mais nova de Maria, Sieglinde Lenk, nas competições de natação. Em um dos jornais da época em São Paulo, a aparição da irmã de Maria foi assinalada da seguinte forma: “No páreio de 100m nado de costas feminino, Maria Lenk chegou em primeiro lugar, preocupando-se com sua pequena irmã Sieglinde, que chegou em terceiro, mas venceu tecnicamente, por ser a única que nadou o crole (crawl) de costas”.





**Sieglinde Lenk no início de sua carreira vitoriosa como nadadora**  
*Acervo de Francisco da Silva Júnior*

Sieglinde passou a partir dessa competição em sua cidade a fazer parte das resenhas esportivas de competições de natação e sempre com vitórias na sua categoria. Maria e Linda, seu apelido em família, já que era corriqueiramente chamada de “Sieglinda” e também era uma atleta boni-

ta, de olhos azuis, tornou-se o xodó da irmã Maria. As duas formavam o que se pode chamar de uma dupla perfeita! Participavam de quase todas as competições nacionais e internacionais da época, frequentemente vencidas por elas. Linda, em particular, viria a se tornar campeã sul-americana em todas as distâncias do nado de costas fazendo sempre uma dobradinha vitoriosa com a sua irmã. Passaram a ser conhecidas como as irmãs Lenk, marcando com letras douradas as participações em competições a partir daquele momento, até ao final das suas carreiras no ano de 1942.

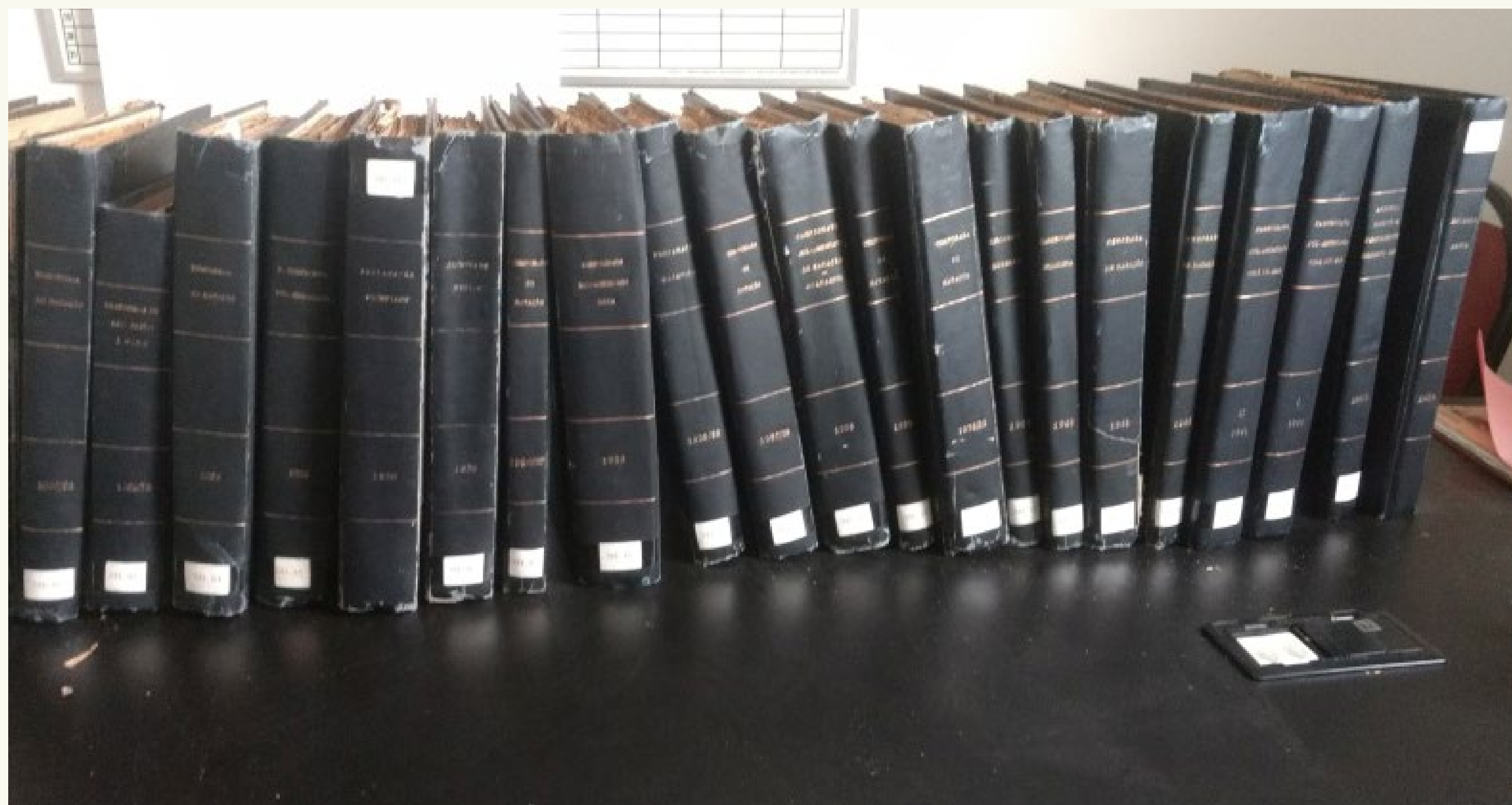


**Sieglinde e Maria Lenk em momento de descontração em meados da década de 1930**

*Acervo de Francisco da Silva Júnior*



No âmbito familiar as vitoriosas irmãs Lenk foram homenageadas por um acervo cuidadosamente colecionado e objeto de encadernação pela mãe das irmãs Lenk, a matriarca Rosa Lenk. Criou-se deste modo um trabalho minucioso de catalogação dos resultados e das passagens históricas de ambas as atletas desde a década de 1930 até o encerramento da carreira das duas, no início da década de 1940. Sobreviveram assim informações relativas às duas irmãs em 23 pastas-arquivo, permitindo desta forma um acompanhamento da brilhante carreira atlética de ambas. Em especial, o acervo focalizou Maria Lenk, que viria a se destacar como uma das maiores nadadoras do mundo em sua época, dando lugar a um legado de importância e de pioneirismo para a história do esporte no nosso país.



**Acervo desenvolvido por Rosa Lenk com 23 álbuns contendo fotografias, panfletos e reportagens sobre as irmãs Lenk em suas carreiras**

*Acervo de Francisco da Silva Júnior*

Naquele contexto de realizações das irmãs Lenk, importa rememorar seus antecedentes, sobretudo com respeito aos Jogos Olímpicos de Los Angeles, quando um novo



destaque passou a ser dado ao esporte feminino em geral. Este avanço social torna-se hoje evidente examinando-se o acervo originado por Rosa Lenk, que o transmite por espaços garantidos nos jornais e com registros de presença constante de público grandemente interessado na participação feminina.

Outra herança encontrada no hoje denominado Acervo Maria Lenk refere-se a um evento competitivo que se tornou destaque entre os esportistas paulistanos: a “Travessia de São Paulo a Nado”, uma das mais tradicionais disputas de natação da primeira metade do século XX, criada pelo jornalista Cásper Líbero em 1924. Esta prova, como antes aqui mencionada, realizava-se ao longo do rio Tietê, num total de 5.500 metros.

Esta competição caracterizou-se por duas fases, uma dos anos 1924 a 1930, patrocinadas pelo jornal semanário da época, o “São Paulo Esportivo”, com participação reduzida das mulheres, que se restringiam praticamente às agremiações ligadas à colônia alemã. A segunda fase deu-se a partir de 1932, patrocinada e organizada pelo jornal “A Gazeta”, tendo à frente o renomado jornalista Carlos Joel Nelli.

A Travessia de São Paulo a Nado, na sua segunda fase, foi se impondo pela organização, chegando a ter mais de 2.200 atletas na sua edição de 1935. Maria venceu as edições de 1932 a 1935. De 1936 em diante as competições passaram a ser vencidas por Sieglinde, pois Maria deixou de morar em São Paulo e, por consequência, de participar destas competições. A Travessia de São Paulo a Nado deixou de existir após 1944 devido à poluição que já começava a interferir no rio.





**João Havellange e Sieglinde Lenk,  
campeões da Travessia de São Paulo a nado de 1936**  
*Acervo de Francisco da Silva Júnior*

Outro fato de memória das irmãs Lenk e de participação de mulheres foi a edição dos XI Jogos Olímpicos, de Berlim, em 1936, agora já sob os auspícios do Comitê Olímpico Brasileiro, refundado em 20 de maio de 1935, mas com origem em 1914. Lá se deu a segunda participação da atleta brasileira em Jogos Olímpicos, agora com uma equipe de seis competidoras: as nadadoras Maria e Sieglinde Lenk, Helena Sales, Scylla Venâncio e Piedade Coutinho, além da esgrimista floretista Hilda Von Puttkammer.

Repetiu-se aqui a viagem de navio efetuada para os X JO de Los Angeles, só que agora no navio misto cargueiro e passageiro da linha Hamburgo Sudamerikanische Dampfschiffahrtsgesellschaft, o “General Artigas”, que não possuía



instalações que possibilitassem exercícios físicos. Como tal, a embarcação aportou para carga e descarga de material transportado em alguns portos da África e Europa antes de chegar ao seu destino final na Alemanha, o porto de Bremen, sendo então a cidade de Berlim alcançada por uma viagem de trem a partir daquela cidade.

Graças à atuação da tripulação, conseguiu-se improvisar uma piscina de lona em que os nadadores conseguiam nadar atados por cordas às suas margens. Houve assim uma antevisão dos simuladores estáticos de natação existentes hoje em dia chamados “swimming flows”, que geram correntes de água em que o nadador nada livremente contra uma correnteza gerada por bombas d’água. Em que pese a criatividade, o recurso ficava limitado aos balanços do navio no mar, que muitas vezes jogava os nadadores contra as paredes da tal piscina, conforme descrição das notícias colecionadas pelo acervo familiar.

A consequência é que após uma viagem de quase um mês, depois de atracagens nos portos da Ilha da Madeira e de Gênova, na Itália, entre outros, a delegação chegou a Berlim destreinada. Maria, que saíra do Brasil em ótima forma e era a esperança da nossa equipe de natação, acabou por conta disso não logrando sucesso esperado na competição. Cabe destacar que foi nos Jogos de Berlim que ela e o nadador norte-americano Higgins lançaram o nado borboleta, variante do nado peito clássico, nadando todas as provas com o novo estilo e conseguindo com atingir a semifinal das competições. Por causa desta inovação – hoje histórica – e por sua alta performance como detentora de dois recordes mundiais reconhecidos pela FINA e outros tantos batidos em piscinas sem o reconhecimento daquela entidade, Maria Lenk teve incluído o seu nome no Hall of Fame da natação mundial em Fort Lauderdale na Flórida, EUA, em 1988.



Após o encerramento dos Jogos, Maria e Linda excursionaram pela Alemanha a convite daquele país antes de retornarem para o Brasil, participando de torneios amistosos em cidades no estado alemão da Rhenania e depois na cidade de Plauen reunindo nadadores de maior destaque nos XI Jogos olímpicos. Houve nestas oportunidades troca de conhecimentos, já que Maria antes de viajar aos Jogos diplomara-se em Educação Física em março de 1936, na primeira turma da Universidade de São Paulo - USP.

Nas competições pós-Jogos Maria viu-se também, como ela mesma descreve em “Braçadas & Abraços”, recompensada com maiores sucessos, vindo a vencer a recordista mundial Hanni Hölzner, oriunda de Plauen, cidade da Saxônia.



**Sieglinde e Maria a bordo de um trem, em 1936 em viagem para Berlim.**

*Acervo de Francisco da Silva Júnior*



Entretanto, pelas fontes do Acervo Maria Lenk constata-se que no regresso ao Brasil, como tem sido até hoje em anos pós-olímpicos, a natação parou e não mais se realizaram competições que viessem a estimulá-la. A transferência do seu dinâmico técnico do Clube de Regatas Tietê, o professor e ex-campeão de natação, Carlos de Campos Sobrinho, carinhosamente chamado de Carlito, para o Minas Tênis Clube, levou Maria a uma parada temporária com os treinamentos, passando a se dedicar ao magistério da Educação Física como professora no Ginásio Estadual da cidade de Amparo, para onde fora designada pelas autoridades. Sieglinde transferiu-se juntamente com Carlito para o Minas Tênis Clube, por cuja agremiação continuou competindo, batendo todos os recordes mineiros de natação em diversas modalidades e distâncias.



*Acervo de Francisco da Silva Júnior*



É preciso salientar que Maria encontrou no início da sua carreira de professora forte reação conservadora da cidade em relação à prática da natação pelas mulheres, principalmente no tocante ao uso de maiôs, hábito pouco afeito aos locais. No entanto, havia pessoas com mentalidade aberta e que não só cooperaram com o desenvolvimento da natação local como também elogiavam a atividade como pode ficar patente em artigo publicado em jornal local e que passo a reproduzir do “Braçadas & Abraços”:  
“Quando um esportista militante, possuidor de traquejo social e sólida cultura, dotado de boa vontade, transfere sua moradia para uma localidade qualquer, não tardam a se manifestar os benéficos efeitos de sua influência. É justamente o que se está passando na progressista cidade de Amparo, onde há alguns meses reside a nossa campeã internacional Maria Lenk. Esta nadadora que tantas glórias esportivas proporcionou ao nosso país, continuando na sua obra de difusão das atividades aquáticas, tem conseguido imprimir-lhe, ali, extraordinária movimentação. Isto será mais um título de gratidão que lhe ficarão a dever o esporte paulista e o esporte brasileiro, e muito especialmente os amparenses, entre os quais a sua presença tem sido muito apreciada”. Diário de São Paulo, 07 de agosto de 1937.

Maria ficou fora das competições até o início de 1938 por força do seu vínculo com Amparo, onde conseguiu incentivar os esportes aquáticos motivando os dirigentes locais a realizarem o conserto e reforma da piscina do clube local, o que levou a cidade a ter uma boa representação nos 1<sup>os</sup> Jogos do Interior de São Paulo, criando nova motivação para o esporte na cidade.

Maria, no entanto, apesar do distanciamento temporário, nunca perdeu o ânimo para a natação, que sempre fez parte integrante da sua motivação para a vida e, agora com o Rio de Janeiro se transformando na nova “meca”



da natação, não poderia ficar longe da cidade e, então, capital federal. Aproveitando as grandes férias escolares de final de ano, veio ao Rio e lá recebeu o convite da CBD para participar do campeonato sul-americano em Lima, no Peru, o que lhe possibilitou a volta às raias de competição. O sucesso em Lima se fez presente quebrando alguns recordes sul-americanos e, voltando de lá motivada, participou também do Campeonato Brasileiro, vencendo todas as provas em todos os estilos, como ela mesma narra na fonte “Braçadas & Abraços”.

Em termos de linha do tempo da vida e obra de Maria Lenk, em abril de 1939 realizou-se o Campeonato Brasileiro de Natação, que se deu após o evento que pacificou a disputa existente entre a CBD e as entidades esportivas especializadas, servindo de eliminatória para o Campeonato Sul-Americano a ser realizado em Guayaquil no Equador. Aí surgiram alguns nomes novos, como o de Paulo Fonseca e Silva, juntamente com Ivan Freisleben e os irmãos Otto Jordan, que juntamente com Maria, Piedade e Sieglinde formaram uma equipe imbatível e em grande forma. Mais uma vez as irmãs Lenk se destacaram, com protagonismo de Sieglinde, que bateu todos os recordes sul-americanos de nado de costas obtendo a sua classificação para o certame continental.

Em Guayaquil, para o VI Campeonato Sul-Americano de Natação, a participação brasileira se resumiu a dois atletas no masculino e a duas atletas no feminino: as irmãs Lenk, já que Piedade Coutinho acabou não viajando, pois a exigência de ser acompanhada pelo seu pai não foi atendida pela CBD.

Lá as irmãs Lenk participaram de todas as provas femininas e “foram juntando pontos e mais pontos, ao participarem de todas as provas, vencendo-as em suas especialidades (Sieglinde no nado de costas e Maria no nado de peito), ocupando os 2<sup>os</sup> lugares nas demais. Na contagem geral



elas mantinham o Brasil sempre na dianteira, até o último dia, quando estavam vencendo a Argentina pelo placar de 74 a 71 pontos. Havia ainda o revezamento, onde seriam necessárias 4 nadadoras e elas eram só duas, o que deu a vitória final feminina às argentinas” (Acervo Maria Lenk).

O ano de 1939 viria a se tornar um dos anos dourados da natação de Maria e dos Lenk, de maneira geral, pois ela bateria, em 12 de outubro, o seu primeiro Recorde Mundial e o primeiro de um esportista brasileiro. Foi na prova de 400 metros nado de peito, levado a efeito no V Concurso de Natação sob o controle da Liga de Natação do Rio de Janeiro na piscina do Clube de Regatas Botafogo com o tempo de 6'16,5", nadados todos no estilo peito clássico, usando a braçada de borboleta. O feito foi notório, principalmente se nos ativermos às provas do nado golfinho ou borboleta dos dias de hoje, que não passam dos 200m, e destacarmos o enorme esforço exigido por esta forma de nadar.

Coloco este fato em destaque para exaltar a excelente forma física atingida por Maria Lenk a par de um físico privilegiado, com uma estatura de 1,72m, acima da média para uma mulher da sua época e, chamando a atenção ainda, para a avaliação do seu excepcional desempenho fisiológico, que fora avaliado pela primeira vez em atletas brasileiros, pela recém-criada Escola de Educação Física da Universidade do Brasil (07/04/1939), apontando uma capacidade vital pulmonar de 5 litros, o que era bem acima da média para uma mulher.

Menos de um mês depois, no dia 08 de novembro de 1939, os efeitos do talento de Maria e dos treinamentos fizeram-se sentir novamente. Em uma competição realizada na piscina do Fluminense, o acontecimento se repetiria com a obtenção de novo recorde mundial, agora na prova de 200m, nado de peito com o tempo de 2'56". Vinte minutos depois, sua irmã, Sieglinde, também em grande for-

ma e na mesma competição, consegue melhorar a marca sul-americana dos 200m, nado de costas, melhorando o tempo em mais de 2'', baixando de 2'58,6'' para 2'56,2''. Podia-se então dar um grande destaque para o recorde de Maria, que superou o recorde masculino para a prova, que pertencia a Antonio Laviola, com o tempo de 2'59''.



Diploma recebido por Maria Lenk quando quebrou o recorde de 400 metros de nado de peito no dia 11 de outubro de 1939.

*Acervo de Francisco da Silva Júnior*



Apesar da grande forma em que se encontravam as nadadoras da família Lenk, notadamente Maria, a entrada da década de 1940 reservava uma grande surpresa negativa com a invasão da Polônia pelos alemães e a consequente deflagração da II Grande Guerra Mundial. Em consequência, foram cancelados os XII Jogos Olímpicos que seriam realizados originalmente no Japão e, com a desistência, passou-se a organização para a Finlândia que, com a invasão russa ao seu território, também cancelou os Jogos. Tal fato gerou uma grande frustração para Maria e para Sieglinde, que ficaram inconformadas.

Apesar do cancelamento dos Jogos Olímpicos, as atividades desportivas tiveram continuidade nas Américas, que estavam longe do palco da guerra e era possível dar seguimento àquelas atividades esportivas que tinham o condão de aproximar e unir os povos. Sendo assim, manteve-se o VII Campeonato Sul-Americano de Natação em Viña del Mar, no Chile, que foi realizado em janeiro de 1941 e para o qual o Brasil levaria uma equipe completa sob o comando do famoso técnico Luiz Cardoso de Castro, o Cachimbau, e o japonês Kan Ishi Sato, que quis o destino viesse a ser o técnico do autor deste testemunho no Clube Tietê no início da década de 1960.

Maria e Sieglinde em suas narrativas reportavam este campeonato como uma das melhores participações brasileiras de todos os tempos, tendo a natação feminina brasileira vencido todas as provas disputadas. No nado de peito (100m e 200m) fizeram dupla Maria Lenk e Edith Heimpel, no nado de costas também houve duplas com Sieglinde Lenk e Cecília Heilborn nos 100m e Cecília e Sieglinde nos 200m. Piedade Coutinho venceu as provas de nado livre (100m, 200m e 400m), fazendo dupla com Lieselotte Kraus nos 400m e 100m e ambas em conjunto com Maria e Sieglinde, sagrando-se vencedoras também do revezamento 4X100m livre.

A pontuação da competição expressou bem a superioridade da equipe feminina brasileira que somou 178 pontos, em primeiro lugar, contra 46 pontos da Argentina, em segundo lugar, com vitória também da equipe masculina, que somou 137 pontos contra 121 da equipe argentina, segunda colocada.

No regresso ao Brasil, as equipes de natação e atletismo, que também conquistou o campeonato sul-americano da modalidade na Argentina, tiveram uma recepção apoteótica por onde passaram, em Porto Alegre, São Paulo e Rio, sendo recebidas em Petrópolis no Palácio Rio Negro pelo então Presidente da República Getúlio Vargas.

Ao verificarmos os jornais da época, faz-se justiça aos meios de comunicação, principalmente aos grandes periódicos catalogados nos anais de Maria e Sieglinde, ao verificarmos as grandes coberturas efetuadas sobre os feitos esportivos da natação e do prestígio atingido pelas irmãs Lenk. Portanto, grandes públicos se interessaram pelo esporte que os especialistas consideraram como o auge da natação brasileira à época. “Apoteótica recepção aos triunfadores de Viña del Mar”. “A multidão aclamou os campeões sul-americanos de natação. Recebida com entusiasmo a delegação brasileira portadora da “Taça América”.



## OS TÉCNICOS

NATAÇÃO DE FUNDO EM S. PAULO

Se tiver a curiosidade de ler os resultados obtidos ultimamente pelos nadadores paulistas de fundo, nas provas de grandes distâncias, ou sejam de 400 metros para cima, notará desde logo o quanto estamos atrasados e mesmo retardados nesse setor.

Longe os tempos — para mais de cinco anos — que São Paulo opunha forte resistência aos nadadores cariocas e aos valentes marujos, na disputa dessas provas, por ocasião das preparações olímpicas de 1936 e nos campeonatos nacionais de 1937 e 1938.

Hoje, nos mais importantes certames da nossa aquática, as provas de fundo são desprovidas de todo interesse, pois além do reduzido número de disputantes, já de antemão qual o vencedor certo, o tempo a ser feito, etc.

Uma simples e rápida análise, chega a uma conclusão de que não em São Paulo cinco nadadores correm os 800 metros em menos de 10 minutos e os 1.500 metros em menos de 17 minutos.

Portanto muito longe de qualquer comparação, para com os resultados nas distâncias curtas, onde o relativamente pequeno número de nadadores, não só pelas condições físicas, como também pelo número de nadadores que as competem, de cinco nadadores por prova, 100 metros em menos de 1'03" e 200 metros em menos de 2'25".

De qualquer maneira, parece, aos menos, que a culpa cabe aos técnicos, que não se dedicam com a mesma dedicação. Quem está em contato com algumas dezenas de nadadores, e especialmente com tempo para se dedicarem aos treinos



Podboy Jr.

## RECORDE OS MAIORES feitos internacionais do esporte Brasileiro

Em Vina del Mar nós vencemos e ensinamos.



Sieglinda Lenk, Maria Lenk e Piedade Coutinho com o troféu do campeonato.

A vitória do Brasil no Campeonato Sul-Americano de Natação de 1941 em Vina del Mar foi total e arrasadora, evidenciada de forma frisante pela diferença de 10 segundos entre o primeiro e o segundo colocado. Mais seguros se nos afiguravam os seus triunfos. O bravo campeão do Pinheiros foi presa de séria indisposição do seu es-

### Sieglinda Lenk, Maria Lenk e Piedade Coutinho segurando a taça do campeonato sul-americano de natação realizado em Viña del Mar, no Chile, em 1941

Acervo de Francisco da Silva Júnior

O final de 1941 e o início de 1942 podem ser considerados os anos de ouro de Maria Lenk, como representante máxima da natação brasileira. Em plena guerra mundial, uma iniciativa norte-americana para aproximar os países vizinhos da América do Sul, por meio do esporte, foi a organização de um torneio denominado de "Boa Vizinhança", que reunia os melhores nadadores sul-americanos e entre estes, mais uma vez, como fora em 1932, nos X Jogos Olímpicos de Los Angeles, as mulheres sul-americanas se fizeram representar unicamente por Maria Lenk. Do Brasil ainda participaram da excursão os nadadores Willy Otto Jordan, recordista sul-americano dos 200m nado de peito, e Paulo Fonseca e Silva, este insuperável na América do Sul em nado de costas e detentor de todos os recordes



continentais na modalidade. Acompanharam a excursão aos Estados Unidos nadadores da Argentina, Carlos Sós e José Maria Durañona e do Equador Luiz Alcivar.

A delegação zarpuou do Rio de Janeiro no dia 03 de dezembro de 1941, no navio Uruguay, pertencente à empresa norte-americana Moore Mac Cormack. Em 7 de dezembro, os japoneses atacaram Pearl Harbor, no Havaí, abrindo uma nova frente de guerra com os Estados Unidos, o que levou o navio a partir de então navegar às escuras até o seu destino final: Nova Iorque. Lá a delegação foi recebida pelas autoridades nova iorquinas com o prefeito Fiorelo La Guardia à frente.



*No centro* — Os argentinos Duranona e Sos, que com os brasileiros fazem sucesso na America.

*Em baixo* — New Haven, Connecticut — A gravura mostra, na piscina do Yale, em New Haven, os nadadores brasileiros Paulo da Fonseca e Silva e Maria Lenk, juntamente com os seus colegas, Carlos Sos, campeão de nado de peito, da Argentina, Luiz Alcivar, campeão de estilo livre do Equador e José Maria Duranona, campeão argentino de estilo livre.

*Ao lado* — City Hall — O prefeito L. Guardia de New-York que é tambem diretor da defesa civil apresenta cumprimentos de boas vindas à primeira embaixada de nadadores sul americanos em competição aquatica nos E. Unidos. Da esquerda para direita: Paulo F. Silva, Maria Lenk e W. Jordan, do Brasil; Daniel Ferres, secretario-tesoureiro da A. A. Union, organizador da temporada, Alberto Petrolina, orientador dos nadadores argentinos, Carlos Sos e Duranona da Argentina.

**Maria Lenk é recebida junto com outros membros da equipe nadadores sul-americanos pelo prefeito de Nova Iorque, La Guardia, em 1941.**

*Acervo de Francisco da Silva Júnior*





**Recepção em Nova Iorque pela Athletic Amateur Union Affairs**  
*Acervo de Francisco da Silva Júnior*

De Nova Iorque a delegação embarcou para a cidade de New Haven, onde foi realizada a primeira competição na já famosa Universidade de Yale. Lá Maria obteria a sua primeira vitória e não deixaria por menos batendo o recorde americano da prova em que competiu. Seguiram-se a partir daí passagens por diversas cidades como Boston, Duxbury, Goldsboro, Pittsburgh, Chicago, Detroit, Buffalo, Schenectady, Troy e Nova Iorque de volta.

Em Nova Iorque Maria competiria no dia 15 de janeiro de 1942, data do seu aniversário e faria a última prova da sua bem sucedida carreira de mais de 12 anos, ao longo dos quais não couberam derrotas no nado de peito em toda a América do Sul.

Maria encerrou a sua carreira neste torneio, nos Estados Unidos da América, a maior potência esportiva do planeta, já naquela época, em uma viagem de mais de um mês, onde participou de competições em que superou 12 vezes os recordes americanos, sendo três deles considerados recordes mundiais, só não sendo homologados pela FINA, por terem sido nadados em piscinas com medidas em jardas. Maria ali colocava um ponto final na carreira mais bem sucedida de um nadador ou um esportista em toda histó-



ria do esporte brasileiro naquele contexto e em toda a história contemporânea do esporte brasileiro, como se pode avaliar pela citação que se segue do jornal “El Grafico”, famoso periódico esportivo da Argentina:



**Jornal americano noticiando que Maria Lenk havia utilizado o nado borboleta para bater o recorde americano do nado de peito. Na foto Maria Lenk recebe os parabéns da ex-campeã Eleanor Holm e Helen Johns.**

*Acervo de Francisco da Silva Júnior*



**Jornal americano destacando o nado borboleta executado por Maria Lenk, quebrando 6 recordes da natação**

*Acervo de Francisco da Silva Júnior*



# Es algo EXTRAORDINARIO

*riposa, para el cual ha demostrado poseer una resistencia superior a la de buenos nadadores del sexo fuerte.*

Enorme satisfacción está produciendo en nuestro continente y especialmente en Brasil, su patria, la brillante actuación de la pechista María Lenk, integrante de la delegación de nadadores sudamericanos que visitan actualmente Norte América.

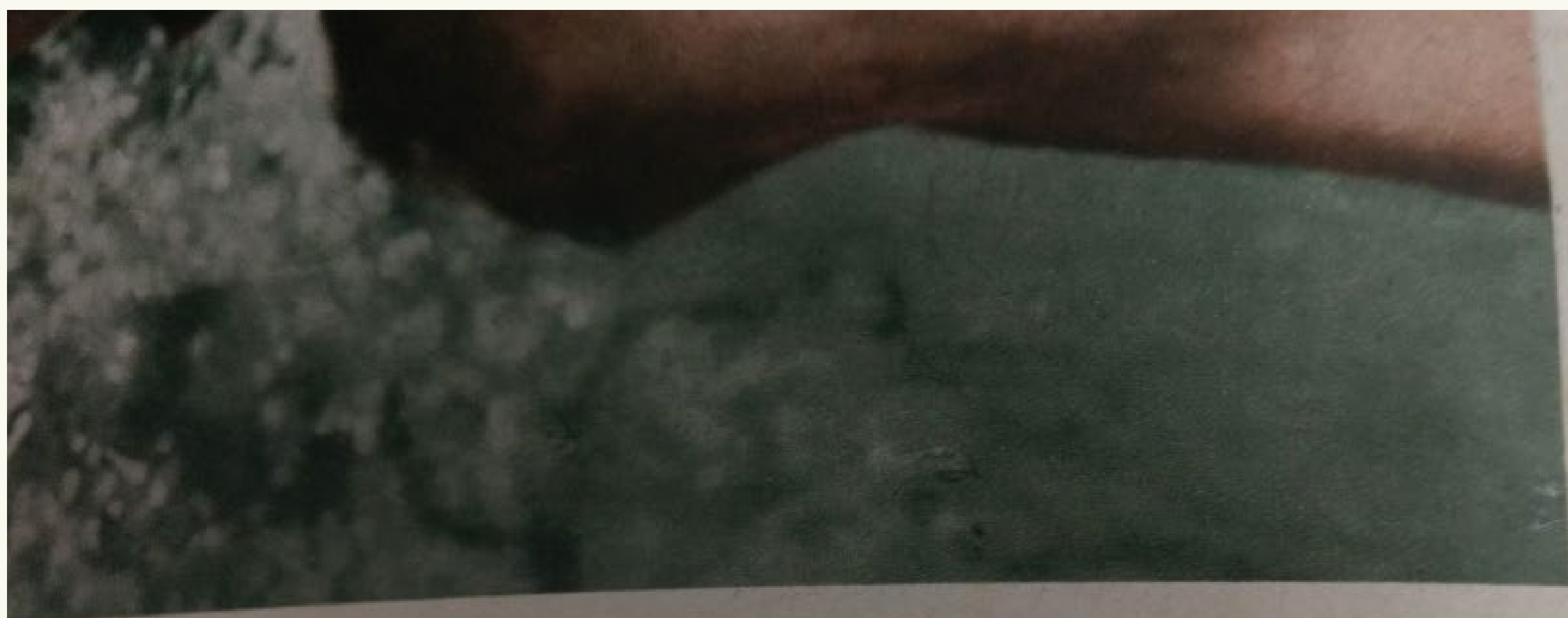
Esa reafirmación de sus valores no dejarán duda en la república del norte sobre los méritos de esta representante del sud, que ostenta en la lista de sus records dos marcas mundiales, quizá vistas con cierta prevención por las altas autoridades del deporte yanqui hasta que tuvieron ocasión de verla desempeñarse en sus propias piscinas, bajo el control de sus jueces severos y expertos cronometristas.

Pero lo que más admira en María Lenk es la cantidad de tiempo en que mejora las marcas señaladas antes por otras recordwomen mundiales. El tiempo de 5 minutos 53 1/2 segundos, señalado por ella en 400 yardas, rebaja en 23" 6/10 el record mundial de una Katherine Rawls, figura famosa. Ello da la pauta de la eximia calidad de la brasileña, cuyo fuerte físico la aproxima al rendimiento de los hombres, en el fatigoso estilo mariposa.

Notable es también su performance sobre 440 yardas realizada en Detroit, marcando 6'35" 8/10, esto es, 16" 4/10 menos que la norteamericana Patty Aspinall cuando señaló el record de su país.

Agréguese a tales éxitos sus otras realizaciones en 100 yardas, recorriéndolas en 1'15" 2/10, y 220 yardas en 2'45" 4/10, ambos records norteamericanos y se tendrá idea del suceso que ha obtenido María en esa gira que ella desea no dar por terminada conjuntamente con sus compañeros de viaje, pues la anima el propósito de permanecer en los Estados Unidos para seguir los estudios de profesora de educación física, actividad a la que piensa dedicarse una vez que abandone las competencias.

EL GRAFICO



# s algo EXTRAORDINARIO

*María Lenk compitiendo con su vigoroso estilo mariposa, para el cual ha demostrado poseer una resistencia superior a la de buenos nadadores del sexo fuerte.*

satisfacción está produciendo en nuestro continente y especialmente en su patria, la brillante actuación de María Lenk, integrante de la delegación de nadadores sudamericanos que visitan actualmente Norte América.

gundos, señalado por ella en 400 yardas, rebaja en 23" 6/10 el record mundial de una Katherine Rawls, figura famosa. Ello da la pauta de la eximia calidad de la brasileña, cuyo fuerte físico la aproxima al rendimiento de los hombres, en el fatigoso estilo mariposa.

Jornais chilenos destacando os feitos de Maria Lenk  
Acervo de Francisco da Silva Júnior



## ES ALGO EXTRAORDINARIO

Maria Lenk compitiendo con su vigoroso estilo mariposa, para el cual ha demostrado poseer una resistencia superior a la de buenos nadadores del sexo fuerte.

Enorme satisfacción está produciendo en nuestro continente y especialmente en Brasil, su patria, la brillante actuación de la perchista, Maria Lenk, integrante de la delegación de nadadores sudamericanos que visitan actualmente Norte América.

Esa reafirmación de sus valores no dejarán duda en la república del norte sobre los méritos de esta representante del sud, que ostenta en la lista de sus records dos marcas mundiales, quizá vistas con cierta prevención por las altas autoridades del deporte yanqui hasta que tuvieron ocasión de verla desempeñarse en sus propias piscinas, bajo el control de sus jueces severos y expertos cronometristas. Pero lo que más admira en María Lenk es la cantidad de tiempo en que mejora las marcas señaladas antes por otras recordwomen mundiales. El tiempo de 5 minutos 53 1/2 segundos, señalado por ella en 400 yardas, rebaja en 23" 6/10 el record mundial de una Katherina Rawis, figura famosa. Ello da la pauta de la eximia calidad de la brasileña, cuyo fuerte físico la aproxima al rendimiento de los hombres, en el fatigoso estilo mariposa. Notable es también su performance sobre 440 yardas realizada en Detroit, marcando 6'35" 8/10, esto es, 16" 4/10 menos que la norteamericana Patty Aspinall cuando señalé el record de su país. Agréguese a tales éxitos sus otras realizaciones en 100 yardas, recorriéndolas en 1'15" 2/10, y 220 yardas en 2'45" 4/10, ambos records norteamericanos y se tendrá idea del suceso que ha obtenido María en esa gira que ella desea no dar por terminada conjuntamente con sus compañeros de viaje, pues la anima el propósito de permanecer en los Estados Unidos para seguir los estudios de profesora de



educación física, actividad a la que piensa dedicarse una vez que abandona las competencias.

Com o final da carreira desportiva decretada na sua última participação em competições de alto nível, Maria retornou ao Brasil e reassumiu o seu posto de professora da Escola Nacional de Educação Física (atual E.E.F.D), cargo para o qual tinha sido designada pelo Presidente Vargas. Inicialmente ela assumiu o cargo de professora assistente de História e Organização da Educação Física da então Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro, para o qual tinha sido designada para não ferir os ditames da Carta Olímpica, que não permitiam qualquer elo profissional com o desporto. Neste retorno Maria Lenk tornou-se formalmente chefe da Natação Feminina da E.N.E.F.D da Universidade do Brasil.

Tendo chegado ao fim a carreira atlética de alto nível, Maria passaria a se dedicar inteiramente ao magistério superior, mais uma vez repleta de pioneirismo. Como marco histórico se iniciando como aluna da primeira turma de E.F.D. da USP e agora professora co-fundadora da Faculdade de Educação Física da Universidade do Brasil, galgando a partir daí até a direção da faculdade onde ela seria, mais uma vez, a primeira mulher a assumir a função de diretora. Maria Lenk se aposentou em 1979, recebendo mais tarde o reconhecimento da universidade, que premiou uma carreira inteira de magistério com o honroso título de Professora Emérita da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mas o pioneirismo não pararia aí. Ela receberia do Comitê Olímpico Internacional (COI) o Colar Olímpico, a mais alta comenda daquela organização e a primeira a ser oferecida a atletas brasileiros, juntamente com Adhemar Ferreira da Silva, bi-campeão olímpico. O COI com essa outorga reconheceu as relevantes marcas desportivas e serviços prestados à causa do Olimpismo e do esporte mundial. E



na cerimônia de premiação realizada em assembleia da Associação dos Comitês Olímpicos Nacionais - ACNO no Rio de Janeiro, a comenda foi recebida das mãos de Juan Antonio Samaranch, então Presidente do Comitê Olímpico Internacional.



**Foto de 2000 com Maria Lenk e Ademar Ferreira da Silva, que receberam do presidente do COI, Juan Antonio Samaranch, o Colar Olímpico, a mais alta comenda da organização e pela primeira vez sendo outorgada a dois atletas brasileiros.**

*Acervo de Francisco da Silva Júnior*

Com os novos desafios que Maria se impôs na área do magistério, começaram também as mudanças em sua vida pessoal. Maria casou-se em 1944 e teve dois filhos: Gilbert (1945 - 2014) e Marlen (1947 - 2018). O seu casamento com Daniel Gilbert Zigler (1916-1992) sofreu uma descontinuidade em 1952, quando Maria resolveu separar-se dele colocando-o em um avião e mandando-o de volta aos EUA. O marido tornara-se alcoólatra e a partir daí passou a educar



os filhos sozinha até o início dos anos 1960, quando eles foram para os EUA estudar em universidades americanas e aí passaram a morar com o pai, formando-se Gilbert em engenharia eletrônica e depois nuclear, e Marlen em engenharia mecânica.



**Casamento de Maria com Daniel Zigler.**  
*Acervo de Francisco da Silva Júnior*

Maria sempre foi uma mulher batalhadora e trabalhou incansavelmente para educá-los, sozinha, superando sempre os preconceitos que pairavam sobre mulheres separadas



dos maridos no Brasil. Nunca se ouviu em família qualquer queixa dela em relação a isso. Após a sua aposentadoria, o casal reatou as relações conjugais e passaram a morar periodicamente juntos.

Maria se considerava uma andorinha, como ela mesma se nominava, pois quando o inverno iniciava no hemisfério sul, fazia as malas e ia morar em Albuquerque, no estado americano do Novo México, onde morava com o marido, e quando o inverno chegava no hemisfério norte, fazia as malas e voltava para o hemisfério sul para a sua casa no Rio de Janeiro. Maria nunca teve, que se tenha conhecimento, outro relacionamento depois da sua separação.

Maria Lenk era vista como uma pessoa tranquila em relação à sua família, dotada de uma personalidade forte. Ela sempre sabia exatamente o que queria e era assertiva nas suas posturas, com a família, com a sua vida profissional como professora universitária, com as posições políticas e de maneira geral com a sua vida.

Ela era uma defensora intransigente das questões democráticas, não só por sua formação familiar, mas também muito em parte por sua visão de mundo. Por isso foi levada desde cedo, quando fez a sua primeira excursão aos Estados Unidos da América, em 1942, a admirar o chamado “way of life” americano e o próprio regime de liberdade com ordem e Maria era uma mulher decidida e sempre pronta a enfrentar desafios. Desistir nunca estava nos seus planos. Ela sempre se impôs grandes desafios, não só durante a sua carreira de nadadora pioneira de enorme sucesso, mesmo depois da sua aposentadoria nos torneios mundiais de Masters, mas também como profissional de Educação Física. Ela teve uma carreira muito bem sucedida no magistério universitário, com ineditismos tais que a Universidade lhe concedeu o título de Professora Emérita. Durante o seu período de diretora, foi a responsável pela



transferência da faculdade do seu antigo campus da Urca para o novo campus na Ilha do Fundão no Rio de Janeiro, com todos os desafios envolvidos e com a natural resistência às mudanças que sempre existem nessas ocasiões, executando-o com total sucesso.

Maria dedicou-se durante toda a sua vida à natação sem dela exigir nada em troca, muito menos dinheiro. Maria nadava por prazer e para superar sempre os desafios que ela mesma se impunha na quebra das suas próprias marcas e lhe dar assim sempre novas perspectivas e motivação para a vida. Enfrentar esses obstáculos era sempre o seu principal motivador de vida. Maria tinha como mote o ditado que ela sempre gostava de repetir, Independência ou Morte!!, pois julgava que isso deveria ser a principal característica de uma pessoa no envelhecimento, para não ter que depender de ninguém para apoiá-la e isso ela praticou até o dia do seu passamento, viver com independência.

Maria planejava a sua vida como se viesse a viver 200 anos, sempre com planos bem definidos para o futuro e sempre envolvendo a sua querida natação como leitmotiv, até o dia que a morte a colheu em pleno exercício da natação e da independência que sempre praticava. Por um rompimento de um aneurisma da aorta do coração, com um derrame no mediastino, a bordo de uma piscina, do Clube de Regatas Flamengo, onde ela treinava usualmente, já que a idade avançada de mais de 92 anos não lhe permitia treinar no mar do Leblon, que ela amava, e onde ela era vista usualmente.

Antes da sua morte, no ano dos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro de 2007, o então prefeito do Rio de Janeiro resolveu homenageá-la em vida, dando o seu nome ao parque aquático dos Jogos, que passou a ser conhecido como Parque Aquático Maria Lenk.





**Maria Lenk, em março de 2007, nos apresentando o parque aquático que levaria seu nome.**

Sua irmã Sieglinde deixou as competições em 1944, quando ainda defendia as cores do Minas Tênis Clube, para onde havia se transferido em 1937, em uma carreira de muito sucesso e com muitos recordes mineiros, brasileiros e sul-americanos. Linda fixou residência na cidade do Rio de Janeiro, onde se casou em 1947, passando a se dedicar inteiramente à família e à criação de seus quatro filhos. Veio a falecer em 22 de dezembro de 1986, vitimada por um câncer no ovário.

## **REFERÊNCIAS**

LENK, Maria (1986). Braçadas e Abraços. Rio de Janeiro: Gráfica Bradesco S.A.

ACERVO MARIA LENK



# ANEXOS

## APPENDICES

### ANEXO/APPENDIX 1

#### WHAT I FELT IN PARTICIPATING IN THE OLYMPIC GAMES

*By Ms. Maria LENK (BRA) – June, 1980*

*Speech made at the 20th Session of Young Participants at the International Olympic Academy (IOA), Olympia, Greece – pages 186 -187*

Available at <http://www.ioa.org.gr/wp-content/uploads/2016/09/young-participants-1980-37972-600-21.pdf>

Mr. President of the I.O.A., Nic Nissiotis, Mr. Director of the I.O.A., Otto Szymiczek

It is a great honor for me to speak to such a selected audience. Among you are the greatest experts on the subject Olympism. Even knowing, all I am expected to say is about what I felt in participating in the Olympic Games.

It has been many years and only the very special occurrences were impressed into my mind to come back as memories now.

It was 1932 – the Xth Olympic Games of Los Angeles. We arrived on a Brazilian freighter carrying “coffee and athletes”, as the newspapers would write about. Among those athletes there was the first South American woman ever to take part in the Olympic Games, and that was precisely



the person who is speaking to you now, so many years later. It was then that the Olympic flame was lit in my heart.

These were the Games where you could have seen Johnny Weissmuller, Buster Crabbe (both famous later on for their movies as Tarzans). There was the mighty American swimming team with Helen Madison, Eleanor Holm, Georgia Colman, Dorothy Poynton – and there was the all-around champ “Babe” Didrikson. All of them became friends of that lonely young swimmer almost lost in the immensity of those strange surroundings. This is my first practical lesson of Olympism.

There were other occurrences which proved that not only the athletes were possessed of that spirit but more than all the wonderful public, then mostly American. They knew by heart, through their ancestors and by tradition what it meant: fair play, respect of the opposition and hospitality. And they had an opportunity to show it when their greatest hope for a gold medal in 1500m dash. Ralph Hill was blocked from passing his opponent, losing his chance. 80,000 people started to “boo”, but it needed nothing but the speaker to say: “Ladies and gentlemen, please remember that those people are our guests” for a complete acceptance of the fact and even applause when the winner Lauri Lehtinen offered Hill to step on the victory pedestal with him.

This very same public applauded the Brazilian runner Cardoso, who at the 10,000m still had one lap to run after all the opponents had finished, doing so despite his wounded feet (he ran barefoot) on the rough coal-ash track.

In the 1936, the XIth Olympic Games in Berlin again patriotism and Olympism were combined in a noble way – at least it seemed so to me. I do not want to finish this little talk to you without presenting a thought which came up



while looking at the problems of Olympism and Olympic Games as presented here.

Then I look back at one of the worries presented by Coubertin.

At the opening ceremony as the French team entered the stadium, saluting with elevated arms, there was also the dramatic drop of the baton by the last German girl in the 400m relay. All her opponents went to console her as if it had happened to themselves.

Another occurrence happened to Dina Senff, the Dutch backstroke world record holder. During finals she failed to touch the wall; her reaction of fair play was to return to the wall, attend the rules and only then go on. She did it with so much vigor, that it resulted not only in her victory but in a new Olympic record, which earned her the applause of everybody.

This Olympic Games gave all of the participants an opportunity to meet each other, not only at the Olympic Village but at the special reserved sections.

Another event (regardless in which sport they would compete) and where one could get to know the other in great emotional moments as their compatriots where down at the arena, doing their best. All I can confirm about those remote Olympic Games: there was fair play, mutual understanding, mutual respect, comradeship, friendship besides peaceful patriotism – in short THERE WAS OLYMPISM.



## ANEXO/APPENDIX 2

### VALORES NO ESPORTE E VALORES DO ESPORTE

*From: DaCosta L., Miragaya, A., Turini, M., Gomes, M. & Rodrigues, F. Manual Valores do Esporte SESI Fundamentos. Brasília: SESI/DN, 2007.*

#### **Introdução**

Os valores que informam o esporte ou o que ele representa do esporte não é um tema nem um fato recentemente identificado. Em primeiro lugar é preciso destacar que a ideia de associar atividades esportivas e educação é um tema corrente na história do esporte. Desde a Antiga Grécia até a origem do esporte moderno, em meados do século XIX, as atividades atléticas e o esporte têm sido considerados importantes elementos de veiculação de influências valorativas entre as pessoas. Os helenos incentivavam, com grande ênfase, a aquisição do valor da transparência moral e do vigor físico (*kalokagatia*), privilegiavam as atividades atléticas como meio de educação, embora não usassem a expressão “valor”, mas apenas nexos valorizativos. Esta compreensão axiológica é hoje definida como uma crença coletiva consensual de duração estável que influencia sentido e significado das relações sociais (DaCosta, 1989).

Em 1844, na Inglaterra, foi criada a Young Men’s Christian Association (YMCA- Associação Cristã de Moços) por George Williams, com o objetivo de proporcionar aos jovens que se aglomeravam nas cidades em busca do trabalho (Revolução Industrial), atividades saudáveis e motivadoras, unindo a prática esportiva ao objetivo inicial do seu fundador: o cultivo de valores ligados às virtudes do caráter e do espírito, da disciplina do corpo e, principalmente, do lado comunitário e humano.



Em fins do século XIX, os esportes nas escolas inglesas, o associacionismo esportivo e o Olimpismo lançaram as bases éticas do esporte moderno, o que fez reforçar os nexos valorizativos como no exemplo do “fair play”, jogo limpo. Já no início do século XX, era corrente a expressão “valor” atribuída ao esporte, contudo relacionada às expressões “princípio” ou “ideia” em diversas conotações. Uma síntese deste período entre os povos europeus consistiu em se entender o esporte como portador de valores ou “carrier of values” no modo expressivo da língua inglesa (DaCosta, 2006).

As rápidas transformações sociais, culturais, econômicas e tecnológicas ocorridas ao longo do século XX se refletiram de forma significativa no esporte, gerando diferentes manifestações para a prática esportiva. Considerando os diversos objetivos, valores e motivações dos indivíduos, grupos e instituições, o esporte passa a ser pensado e praticado em três diferentes dimensões: o esporte rendimento, o esporte educação e o esporte participação. Embora essas três dimensões estejam calcadas em objetivos, valores e motivações próprias, não podemos deixar de evidenciar o constante jogo de troca de influências e reflexos existentes no movimento entre elas. Resulta-se então em enorme influência que o esporte rendimento exerce sobre o imaginário das crianças e adolescentes provocando influências no seu comportamento esportivo e social. Este fato tem gerado constantes preocupações com o rumo do esporte moderno sob o ponto de vista da ética e levando a reflexões de como pode ser possível a existência do esporte e a sua prática numa convivência pacífica e não corruptível nas suas diferentes manifestações.

Tais tendências são notadas não só entre os profissionais da área de Educação Física, esportes e lazer, mas também de outras áreas, com crescente atenção ao tema valores do esporte como princípio orientador da boa prática esportiva



e meio de desenvolvimento moral dos praticantes esportivos. A partir destas considerações iniciais, identificam-se na literatura diversas formas de reflexão, investigação, divulgação e disseminação dos valores do esporte. Destacamos nesta revisão algumas das principais pesquisas e promoções de valores do esporte em três vertentes: (1) Documentos e Manifestos; (2) Pesquisas e Seminários; (3) Materiais Didáticos e Campanhas Educacionais. Em seguida são analisadas algumas investigações acerca dos valores do esporte de modo a delimitar resumidamente o estado do conhecimento nesta área de práticas e teorizações.

## **1. Documentos e Manifestos**

Os diversos fatos de violência gerados no esporte de rendimento, os modelos de competições escolares e de condução das práticas de Educação Física escolar geraram em épocas recentes maiores atenções sobre o fair play. Esta preocupação provocou a criação de diferentes instituições e movimentos relacionados à defesa do fair play no esporte. Com base em Gonçalves (1999), relatamos em seguida a história resumida da formação institucional do fair play na Europa, que tem resultado na criação de relevantes documentos e comitês nacionais, seminários e consequentemente em campanhas educacionais nesta área.

Em 1964, em Bating (Alemanha) foi criado o Comitê Internacional para o Fair Play (C.I.F.P.) resultado da troca de ideias entre representantes do I.C.P.E.S. (International Council for Physical Education and Sport) e da A.I.P.S. (Association Internationale de la Presse Sportive).

Em 1972 foi criada a “Associação Internacional para um Desporto sem Violência” (grafia com “d” em desporto é devido à origem portuguesa da denominação) e em 1977 a “Associação Internacional para a Luta Contra a Violên-



cia Associada no Desporto”. Estes dois organismos foram criados com o objetivo prioritário da luta contra a violência no esporte e, em 1981, eles se fundem dando origem a “Entente Internationale pour un Sport sans Violence et pour le Fair Play”.

Os documentos mais relevantes sobre o fair play são: Manifesto sobre Desporto e Fair Play (1971); Manifesto sobre Fair Play (1975); Manifesto sobre o Espírito Esportivo no Desporto e na Educação Física (1989); Código de Ética Desportiva (1992); Declaração sobre Fair Play - “Fair Play para todos” (1992).

No Manifesto sobre o “Espírito Esportivo no Desporto e na Educação Física” (1989) foram analisadas as responsabilidades sobre o espírito esportivo dos “atores” envolvidos na prática esportiva. Ao citar o professor de Educação Física, o documento diz que ele pode contribuir para a formação do espírito esportivo, porque mantém contatos estreitos com os seus alunos e está em condições de, mesmo durante a competição, reagir imediatamente a toda violação das regras de conduta. O professor pode também encorajar os seus alunos a sentirem orgulho no seu comportamento disciplinado e generoso, como praticante esportivo, o que contribui, em curto prazo, para a consideração própria das suas escolhas, e em longo prazo, para uma adesão irreversível aos princípios do espírito esportivo.

O Código de Ética Desportiva (1992), documento aprovado pelo Conselho de Ministros do Conselho da Europa, apresentou a recomendação aos governos, no sentido de estimular as autoridades responsáveis pelo ensino escolar e extraescolar a introduzir os princípios enunciados do Código de Ética Esportiva nos programas de Educação Física e reforçar junto às organizações esportivas nacionais e internacionais a ideia da ética esportiva.



A Declaração sobre Fair Play - “Fair Play para Todos” (1992) - apresenta o contexto de desenvolvimento do valor do fair play nas diferentes manifestações do esporte: esporte para jovens; esporte de rendimento; esporte para todos, de tempo livre e de manutenção; e esporte para deficientes. A evolução do esporte ao longo do século XX estabeleceu diferentes manifestações do esporte e com isto o Comitê Internacional para o Fair Play (C.I.F.P.) percebeu a necessidade de gerar um documento que promovesse diretrizes de desenvolvimento do fair play em cada uma destas manifestações. É significativo notar que este documento serviu como uma atualização dos mais de vinte anos passados do primeiro Manifesto sobre fair play ou espírito esportivo.

Em consequência dos documentos acima citados, diversos Comitês Nacionais de Fair Play foram criados com a função de defender e promover os princípios do fair play. Estes organismos, cujas designações variam entre Comissões, Associações, Clubes, Academias, aparecem geralmente como órgãos associados ou autônomos dos Comitês Olímpicos Nacionais. É importante acompanhar a atuação destes órgãos junto aos poderes públicos, Federações Desportivas, Clubes, Escolas, Associações Profissionais de Professores e Treinadores, órgãos de comunicação social. Acompanhando a articulação dos Comitês Nacionais de Fair Play, já que deles surgem campanhas educacionais de fair play tais como, por exemplo, os Programas de Educação Olímpica e os Congressos anuais de fair play.

Em 1994, representantes de 14 Comitês Nacionais de Fair Play de países europeus fundaram, na Suíça, a European Fair Play Movement (E.F.P.M.). Este órgão passou a aglutinar todos os Comitês Nacionais de Fair Play. Na sua função de divulgar e difundir o fair play, destacamos: (1) desde 1995 os Seminários Europeus de Fair Play, realizados todos os anos em países diferentes, e com temas relevantes de



valores do esporte; (2) a edição do desdobrável “Meet the European Fair Play Movement”; (3) a edição da revista “Fair Play”; (4) e a presença do European Fair Play Movement em competições esportivas ligadas à juventude na Europa.

## **2. Pesquisas e Seminários**

Em termos de construção de conhecimento, Vieira (1993) apresenta as teorias da aprendizagem social e a teoria cognitivista ou abordagem construtivista como as duas principais na área do estudo sobre valores do esporte e desenvolvimento moral. De acordo com teóricos da aprendizagem social, o indivíduo internaliza normas e convenções do grupo ao qual pertence e o seu comportamento esportivo é o resultado de fatores como o condicionamento e reforço diferenciado do técnico ou professor, sua expectativa em função de fãs e amigos e a própria modelação comportamental dos colegas e outros atletas. Segundo o pesquisador brasileiro citado, as pesquisas na abordagem da aprendizagem social têm sido focadas em temas como: (1) a influência do esporte sobre o caráter e personalidade (Sheldon & Stevens, 1942; Blanchard, 1946; Martens, 1978; Carron, 1980; Romance, 1984; Bredemier & Shields, 1987; Bredemier & Weiss, 1990); (2) comportamentos pró-sociais e atividade física (Horrocks, 1977; Orlick, 1981; Giebink & Mackenzie, 1985; Bredemier & Weiss, 1990); (3) troca de valores quanto da participação em esportes (Bredemier, 1980; Thomas, 1983; Webb apud Roamnace, 1984; Dubois apud Bredemier & Weiss, 1990).

Todavia, de acordo com Vieira (1993), a teoria cognitivista ou abordagem construtivista de valores do esporte segue orientação na teoria de desenvolvimento moral de Kohlberg e indica que o desenvolvimento moral do indivíduo está relacionado ao desenvolvimento cognitivo. Nesta teorização, o desenvolvimento moral resulta da interação entre a tendên-



cia inata do indivíduo para organizar as experiências dentro de um padrão coerente de significado e interpretação e as experiências do meio ambiente e informações sobre a realidade social. Nesta interpretação clássica, o desenvolvimento moral é visto como um processo de reorganização e transformação das bases sobre as quais o raciocínio é organizado (Bredemier & Shields, 1987 apud Vieira, 1993). As pesquisas que seguem a linha construtivista se dividem em quatro categorias: (1) diferenças de raciocínio entre esporte e vida diária (Bredemier & Shields, 1984 e 1986; Bredemier & colaboradores, 1987); (2) participação esportiva e maturidade de raciocínio moral (Figley, 1984; Bredemier & Shields, 1987); (3) raciocínio moral e tendências morais (Figley, 1984; Bredemier & Shields, 1984, 1986; Bredemier & Weiss, 1990); (4) educação moral (Lickona, 1976; Horrocks, 1979; Meakin, 1981; Colby apud Romance, 1984; Romance, 1984; Bredemier & Weiss, 1990).

Seguindo a orientação construtivista, Vieira (1993) identificou e comparou o nível de raciocínio moral de adolescentes participantes de esporte escolar do Paraná, sul do Brasil, e alunos não-atletas da rede pública e particular de ensino de Maringá (município do Paraná) com relação a dilemas da vida esportiva e da vida diária. De acordo com o autor, os atletas apresentaram um raciocínio moral similar tanto no dilema de vida esportiva quanto no dilema de vida diária. Os não-atletas apresentaram um raciocínio diferente entre os dilemas da vida esportiva e da vida diária. Os atletas e não-atletas demonstraram um raciocínio similar para o dilema da vida esportiva e raciocínio diferente com relação ao dilema da vida diária.

Telama, Laakso e Heikkala (1993), pesquisadores finlandeses, investigaram as atitudes de fair play de jovens esportistas entre 12 e 16 anos baseadas em situações de dilemas morais em jogos de futebol. Foram realizadas entrevistas baseadas no comportamento instrumental, compor-



tamento agressivo, comportamento pró-social e honestidade. Os resultados demonstraram que nas situações apresentadas, a maioria dos jovens foi a favor de soluções de acordo com as regras do fair play. Em situações relacionadas com altruísmo pessoal e honestidade, a maioria dos jovens foi a favor de comportamentos que pudessem ser considerados contra o fair play de acordo com as regras. Os meninos apresentaram uma tendência maior do que as meninas em quebrar regras, mas não houve esta diferença entre os grupos por faixa etária.

No Brasil, Montenegro (1994) investigou, em aulas de Educação Física do 2º segmento do ensino fundamental de escolas do Município do Rio de Janeiro, as representações que os alunos têm em relação ao processo de desenvolvimento moral nas aulas, onde a prática pedagógica pode se constituir em meio propiciador de autonomia ou heteronomia. O autor cita, no contexto da prática, a experimentação do valor da construção de noções de regras sociais fundamentadas no princípio da justiça. Para o autor, o ensino da Educação Física tem um importante papel no desenvolvimento moral do aluno e com base nos resultados da pesquisa ressalta que essa contribuição passa necessariamente pela estratégia de inclusão, como elemento fundante do sentimento de justiça. O estudo teve como fundamento teórico a perspectiva kohlberguiana (construtivista) de desenvolvimento moral.

Seguindo a teoria da aprendizagem social, Gonçalves (1996) investigou, em escolas portuguesas, 434 alunos na faixa média de 12 anos, a influência dos agentes de socialização (treinador, professor de Educação Física, pais, companheiros, amigos, e TV) no comportamento desses jovens participantes no desporto de competição e a percepção que esses jovens têm em relação à aceitação que os agentes de socialização manifestam face ao uso de comportamentos antiesportivos. De acordo com as respostas



de questionários, o treinador seguido dos pais foram os agentes que mais influenciam o comportamento antiesportivo desses jovens nas competições, e por último, os companheiros, professor de Educação Física e TV. Quanto à percepção que os jovens têm em relação à aceitação pelos grupos de referência da utilização de comportamentos antiesportivos, temos em primeiro lugar os companheiros seguido pelos amigos, e por último o treinador, os pais e o professor de Educação Física.

Segundo Gonçalves (1999), a obra de Peter McIntosh (1979), “Fair Play: Ethics in Sport and Education”, deu início ao reconhecimento do “fair play” como matéria de estudo e investigação. Em 1982, em Mônaco, tem-se o primeiro simpósio internacional consagrado sobre fair play, seguindo-se em 1984 e 1987. O lema “Sans Fair Play, le sport n’est plus le sport” (sem espírito esportivo, o esporte não é mais esporte) foi o primeiro lema aparecido no Manifesto sobre Fair play do I.C.P.E.S. (1975) e muito divulgado na Europa. Em 1994, com a criação da European Fair Play Movement (E.F.P.M.), passaram a ser realizados anualmente, desde 1995, os Seminários Europeus de Fair Play com temas relevantes de valores do esporte.

Em 1989, com a criação da Academia Olímpica Brasileira, começam a ser intensificados os estudos na área do Olimpismo no Brasil e, a partir da década de 1990, começam a surgir as primeiras linhas de pesquisa no Brasil sobre o Olimpismo. Atualmente existem oito grupos de pesquisa sobre Estudos Olímpicos (dois no Rio de Janeiro, São Paulo, dois em Porto Alegre, Espírito Santo, Curitiba, Juiz de Fora), que promovem pesquisas e estudos na área de Estudos Olímpicos sendo um dos enfoques os valores do esporte. Esses estudos são geralmente apresentados no Fórum Olímpico Brasileiro, destinado a constituir um encontro para discussão acerca dos trabalhos desenvolvidos, tanto no Brasil como no exterior. Em 1997, no Rio de Ja-



neiro, foi organizado o I Fórum Olímpico com a apresentação dos professores Fernando Portela e Marta Gomes. Neste evento foram apresentados os primeiros trabalhos de caráter empírico sobre o fair play na perspectiva da intervenção em ambientes escolares. Desde então foram realizados outros quatro Fóruns Olímpicos no Brasil (Porto Alegre, 2000; Rio de Janeiro, 2002; Curitiba, 2003; São Paulo, 2004). O Fórum Olímpico é hoje o principal e único evento especializado no Brasil para divulgar pesquisas sobre Estudos Olímpicos. Em todos os Fóruns realizados, foi destinado espaço para o debate na área de valores do esporte com ênfase no fair play.

No contexto brasileiro de Estudos Olímpicos, Abreu (1999) verificou entre pesquisadores e estudantes na Academia Olímpica Internacional as principais tendências relacionadas com convergências ou divergências dos valores do Olimpismo. A amizade construída e entendimento internacional foram revelados pelo grupo multicultural como valores centrais do Olimpismo. Para a autora, que desenvolve programas, palestras e cursos sobre o tema, a Educação Olímpica sob o enfoque multicultural é sugerida para mediar particularidades locais com valores do Olimpismo.

Neste âmbito nacional, Portela (1999), Gomes (1999); Turini (2002; 2007) e Gomes & Turini (2004) criticam uma educação do fair play centrado em enfoques puramente teóricos e com procedimentos de ensino que dão ênfase nas tomadas de decisão do professor. Portela (1999) desenvolveu um estudo com base em reflexões de ética e moral no esporte (fair play), tendo como fundamento teórico conceitos estabelecidos por filósofos como Aristóteles, Kant e John Rawls. Também analisou os pressupostos teóricos assumidos pela tradição do esporte para o desenvolvimento de uma ética esportiva nas indicações fornecidas por adolescentes que praticavam e competiam sistematicamente em uma modalidade esportiva. O autor



buscou descrever a predisposição racional dos respondentes com relação aos atos morais tanto na vida cotidiana, quanto na vida esportiva. Concluiu-se que a instituição de um manual de instruções com comportamentos estandardizados, sem discutir o porquê e o como alcançar tais comportamentos, pode tornar-se inócuo.

Na esfera internacional, Lee & Cockman (1994) examinaram a relação entre comportamento, atitudes e valores, identificando os valores que fundamentam a participação entre jovens (12-16 anos) praticantes de futebol e tênis. Os sujeitos foram convidados a discutir dilemas morais no esporte através de entrevistas semiestruturadas. O conteúdo das entrevistas transcritas revelou 18 valores: realização ou êxito, dedicação, companheirismo, conformidade, consciência, estabelecer contratos, divertir-se, igualdade, bom jogo, saúde e boa forma, obediência, imagem pública, espírito esportivo, autoatualização, demonstrar habilidades, unidade de grupo, tolerância e vitória. A espontaneidade das respostas serviu para elucidar alguns dos valores que emergem entre os próprios jovens atletas e demonstrar o desenvolvimento do espírito esportivo e os benefícios que crianças e jovens podem obter através do esporte. Tais exemplos citados sugerem que a ideia de valores ‘no’ esporte, que é diferente de valores ‘do’ esporte, dá uma impressão mais de norma do que de pacto, mais de inércia do que de movimento. Entretanto, a condição do esporte como “portador de valores” dissolve esta distinção uma vez que agrega valores tanto da sociedade como do próprio esporte para suas intervenções.

Levando-se em conta a particularidade de valores ‘no’ e ‘do’ esporte, Gomes (1999) realizou uma pesquisa de caráter descritivo com o objetivo de verificar entre escolares do ensino médio as atitudes frente a situações hipotéticas esportivas tomando como referência os valores de solidariedade e honestidade sob o ponto de vista do fair



play. Este trabalho foi publicado no livro Estudos Olímpicos (Tavares & DaCosta, 1999), num capítulo sobre fair play, juntamente com outros ensaios sobre o tema. Para Gomes, os resultados da pesquisa indicaram que a prática esportiva e os valores do esporte podem ter diferentes significados para os diferentes grupos sociais. A expectativa do técnico, dos organizadores ou mesmo da família podem influenciar o comportamento do jogador. Assim, para a autora, a discussão, reflexão e negociação do espírito do jogo parecem ser mais adequadas do que a instrução de fair play de cima para baixo.

Com propósitos similares, Turini (2002) comparou, entre estudantes do ensino fundamental, o comportamento efetivo na prática do fair play com o comportamento normatizado através da Carta de Fair Play (Oeiras, Portugal). Para tanto aplicou questionários, observou jogos de competição de handebol e fez entrevistas com os alunos. Os resultados indicaram que a simples instrução de valores baseada na Carta de Fair Play foi insuficiente para influenciar o comportamento efetivo dos alunos na prática do fair play. Identificou-se que algumas formas de comportamento se basearam em códigos de valores estabelecidos entre os próprios praticantes e com influências diretas do seu meio cultural. A avaliação recomenda que o desenvolvimento de atividades de fair play ultrapasse a codificação verbal para procedimentos mais construtivistas de desenvolvimento moral a partir não só de representações de valores universais, mas também de valores locais.

No estudo dos valores do esporte, verificam-se também investigações focadas nos esportes e atletas profissionais. Cruz (1997), por exemplo, analisou em 24 jogos de futebol profissional da Espanha e Inglaterra, os comportamentos relacionados com o fair play. Nesta investigação, o autor considerou além das regras constitutivas (as regras formais que devem ser aceitas por todos os



jogadores) um “segundo tipo de regras chamadas regras normativas, que podem ter diferenças de esporte para esporte, mas refletem o sistema de valores estabelecidos pelos jogadores, pelos treinadores, pelos líderes e pelos adeptos” (p.251). O autor cita, como exemplo, o futebol, em que o atirar a bola para fora de campo para que um jogador contundido seja atendido ajuda a promover o fair play. No entanto, travar em falta um jogador de futebol da equipe adversária no meio campo quando o mesmo tem oportunidade de criar uma situação de perigo também se constitui em regras normativas que implicam violações intencionais de regras constitutivas para conseguir alguns benefícios para a própria equipe. Este comportamento denominado de “falta útil ou tática” torna-se um comportamento visto como legítimo por parte dos participantes do esporte de rendimento e, em consequência, influencia os processos de socialização do esporte para jovens. Neste sentido o autor sugere tanto a educação do fair play quanto a reavaliação e alteração das regras do esporte de modo a tornar disfuncional um comportamento de violação das regras.

Um exemplo de estudo relacionado a atletas profissionais e valores do esporte é o de Tavares (1998), que diz que são escassos os estudos que se dediquem a tematizar os valores, concepções e atitudes de atletas de esporte de rendimento a respeito do Olimpismo. Para o autor, essa temática se torna mais relevante a partir do momento em que as recomendações do Congresso Olímpico de 1994 apontaram para a atribuição aos atletas de um papel mais substantivo na direção do Movimento Olímpico internacional. Neste sentido, Tavares investigou entre atletas brasileiros que participaram dos Jogos Olímpicos de Atlanta as atitudes em relação a valores proclamados do Olimpismo: o internacionalismo, a harmonia físico-intelectual e o fair play. Segundo o autor, “os atletas tendem a concordar com valores proclamados do Olimpismo, no entanto, esta concordância



é mediatizada pela articulação que fazem entre estes valores e o valor da excelência e a cognição” (p. vii).

O mesmo autor brasileiro (Tavares, 2003) apresenta um aprofundamento do tema no qual visou identificar os valores e compreensões dos atletas olímpicos a respeito dos Jogos e do Olimpismo. Para tanto realizou uma pesquisa comparativa internacional incluindo atletas olímpicos do Brasil e da Alemanha que participaram dos Jogos Olímpicos de Sydney (2000). A orientação teórico-metodológica da pesquisa foi baseada em quatro níveis de análise e interpretação: (i) as modalidades entendidas como subculturas esportivas; (ii) o sistema esportivo de alta competição como uma totalidade; (iii) o Olimpismo como uma ideologia do Movimento Olímpico e uma meta-teoria de prática esportiva e (iv) a cultura. Os resultados demonstram que os atletas têm uma atitude positiva a respeito dos Jogos e do Olimpismo que é, porém, influenciada pela excelência, cognição, pelas subculturas esportivas e por características culturais.

### **3. Materiais Didáticos e Programas Educacionais**

A Campanha sobre o Espírito Desportivo da Câmara Municipal de Oeiras (município de Portugal) é um dos programas pioneiros e mais difundidos de promoção do espírito esportivo. Este programa tem se destacado principalmente na Europa. Foi iniciado em 1989 e, segundo Gonçalves (1999), tem como objetivos básicos: (i) promover o conceito de Espírito Desportivo nas comunidades desportiva e educativa; (ii) relevar no desporto e na sociedade os valores e princípios do Espírito Desportivo e (iii) incentivar os jovens praticantes desportivos a adotarem atitudes e comportamentos de acordo com o Espírito Desportivo.



O programa envolve jovens dos 10 aos 18 anos, treinadores, pais, professores, dirigentes esportivos e mídia. Desenvolve-se através de cinco áreas fundamentais:

- 1) Programa educativo específico para professores, nas escolas do ensino básico e secundário;
- 2) Publicação de documentação de apoio;
- 3) Estudos de investigação;
- 4) Conferências e seminários em escolas e clubes;
- 5) Atribuição de prêmios anuais de espírito desportivo (desporto escolar e desporto federado).

Dois seminários foram realizados no âmbito deste programa: Seminário Internacional sobre “Espírito Desportivo, Desporto e Educação” (1989); Seminário Europeu sobre “Desporto de Alta-competição: que Fair Play?” (1997). O programa tem reconhecimento internacional através dos prêmios de Menção Honrosa do Comitê Internacional para o Fair Play (1996) e do Prêmio Fair Play Europeu do European Fair Play Movement (1997).

Learn and Play Olympic Sports (1992) é um manual de Educação Olímpica da Amateur Athletic Foundation of Los Angeles que apresenta temas divididos por disciplinas escolares e estimula a interdisciplinaridade com a abordagem de temas comuns entre as disciplinas. Um dos temas principais acerca de valores do esporte é o “vencendo e perdendo: bom espírito esportivo”. Os objetivos deste tema são promovidos através de atividades visando o desenvolvimento do bom espírito esportivo e fair play, estimular o conhecimento e uso das regras do jogo, estimular a competição e participação em esportes.

A fonte Binder (1995) apresentou uma proposta educacional de fair play para crianças no manual Fair Play for Kids. Neste manual é proposto que jogando limpo a criança tem oportunidades para fazer melhores escolhas, no jogo e na



vida. A criança interage com outras crianças em diferentes situações, constituindo-se assim, um processo de socialização escolar, através de jogos e esportes, nos quais o fair play deve ser estimulado para que se atinja o amadurecimento das atitudes e comportamentos baseado em valores como honestidade, solidariedade e cooperação. A primeira edição foi publicada em 1990 e faz parte do Projeto da Fair Play Canada. Tem como liderança a professora Deanna Binder, uma das pioneiras da produção de materiais didáticos em valores do esporte.

A investigação de Gibbons, Ebbeck & Weiss (1995) investigaram a efetividade de um currículo de ensino de Educação Física para a pré-escola voltado para o desenvolvimento moral. Foram utilizados dois grupos de 452 alunos ao todo de escolas do Canadá. Um grupo recebeu o currículo Fair play for Kids somente nas aulas de Educação Física, enquanto o outro grupo recebeu o mesmo currículo também em outras disciplinas escolares. Os resultados apontaram diferenças significativas em todos os indicadores de desenvolvimento moral entre os dois grupos. Os resultados de desenvolvimento moral foram mais significativos para o grupo que recebeu o currículo Fair Play for Kids também em outras disciplinas escolares. Os resultados reforçam que o crescimento moral não é consequência automática da participação em atividades físicas, mas especialmente associado a um currículo de ensino sistematizado e organizado para fazer a diferença.

O Comitê Olímpico Internacional - COI (1995), através de uma Comissão de pesquisadores da Academia Olímpica Internacional (Grécia), produziu um manual didático de Educação Olímpica em meados da década de 1990, denominado *Keep the Spirit Alive: You and the Olympic Games*. O professor Lamartine DaCosta, então presidente da Academia Olímpica Brasileira, participou como um dos consultores na produção da obra. Através de informações e



atividades para escolares, o manual difunde os principais valores olímpicos tais como solidariedade, paz internacional, busca de excelência, fair play, identidade cultural e multiculturalismo.

Ainda na década de 1990, no Brasil, destacaram-se dois programas de Educação Olímpica: o Programa Educação Olímpica na Escola (1998), em Poços de Caldas, Minas Gerais, e o Programa Educação Olímpica na Comunidade (1999), em Curitiba, no Paraná.

O Programa Educação Olímpica na Escola (1999), em sua versão experimental, foi a primeira tentativa de difundir um manual de Educação Olímpica no Brasil e teve como autor o professor Cristiano Belém. Este Programa voltado para crianças de 11 a 12 anos de idade foi experimentado a princípio no Município de Poços de Caldas, com o propósito de gerar um modelo a ser oferecido a todos os demais municípios do país usando a Internet. Seus objetivos específicos estavam relacionados com o conhecimento e aprendizagem dos tópicos do Olimpismo, e com as atitudes e valores a serem desenvolvidos com o programa de Educação Olímpica. Após a versão experimental em Poços de Caldas, o manual de Educação Olímpica foi difundido via Internet através da homepage - <ftp.pocos-net.com.br> - seguindo as referências do *Keep the Spirit Alive: You and the Olympic Games*. Na homepage foram disponibilizados um manual do educador e um caderno de atividades em Educação Olímpica com foco no fair play para aplicação na Educação Física escolar e o aperfeiçoamento de professores voluntários em qualquer lugar do território nacional. Mais tarde, no ano de 2001, o professor Cristiano Belém inicia o projeto de Educação Olímpica “Esporte e Cidadania” com escolares do ensino fundamental na cidade de Poços de Caldas (MG) a partir da experiência adquirida na versão experimental.



O Programa Educação Olímpica na Comunidade foi realizado, em 1999, dentro do Programa CATES (Centro de Aprimoramento de Talentos Esportivos) da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer da Prefeitura Municipal de Curitiba. O programa é uma iniciativa de política pública municipal dirigida pela Secretaria Municipal de Esporte e Lazer, tendo como objetivo geral a aquisição de hábitos e atitudes embasados nos conceitos do discernimento moral e do fair play. O programa de Curitiba tem um conteúdo programático a ser desenvolvido que de maneira geral são: os Jogos Olímpicos, o mundo dos Jogos Olímpicos, o fair play, o espírito do atleta olímpico. Algumas sugestões de atividades são dadas como, por exemplo, a utilização de filmes sobre Jogos Olímpicos, apostilas, murais e gincanas. Uma característica do programa, além de fomentar as atividades esportivas e o fair play, é o aprimoramento de talentos esportivos que surjam naturalmente durante as atividades, através de atividades de iniciação esportiva. Ainda em 1999, a professora Letícia Godoy inicia a primeira experiência de Educação Olímpica em curso superior de Educação Física com Projeto Educação Olímpica no Ensino Fundamental. O projeto visou capacitar os futuros professores de Educação Física a desenvolverem atividades de educação e valores olímpicos com estudantes do ensino fundamental (Godoy, 2002).

Em 1999, a FOSE (Foundation of Olympic and Sport Education), entidade grega não-governamental dedicada à divulgação dos valores do Olimpismo, com o apoio da UNESCO e do COI, iniciou um projeto para elaboração de um livro didático de Educação Olímpica com alcance internacional e multicultural. Sob a liderança da já citada professora canadense Deanna Binder, pesquisadores e educadores de vários países foram convidados a planejar, avaliar, sugerir e testar em atividades práticas de aula os textos, dinâmicas e exercícios propostos no livro para o desenvolvimento do gosto pela prática da atividade física e esportiva baseada



nos princípios do Fair Play e do respeito à diversidade cultural. No Brasil, a professora Marta Gomes participou nesse primeiro momento de elaboração do livro como revisora internacional, ao lado de Bernadette Dean (Paquistão), Yangshenh Guo (China), Doune Macdonald (Austrália), Doreen Solomons (África do Sul) e Nabilah Abdelrahman (Egito). O projeto então passou a se chamar *Be a Champion in Life*, apresentando os seguintes objetivos básicos para a Educação Olímpica:

- 1) Enriquecer a personalidade humana através da atividade física e do esporte, combinando com cultura e sustentada como experiência permanente de vida;
- 2) Desenvolver um senso de solidariedade humana, tolerância e respeito mútuo associado ao Fair Play;
- 3) Estimular a paz, o respeito pelas diferentes culturas, proteção ao meio ambiente, valores humanos básicos e interesses, de acordo com as necessidades nacionais e regionais;
- 4) Encorajar a excelência e a proeza (sucesso) de acordo com os ideais Olímpicos fundamentais;
- 5) Desenvolver o sentido de continuidade da civilização humana explorado através da história olímpica antiga e moderna.

Ainda em 1999, após a finalização do livro didático, um grupo de professores brasileiros coordenado pela professora Marta Gomes iniciou o projeto de Educação Olímpica no Brasil entre estudantes do ensino fundamental. O projeto abrangeu a aplicação das atividades do manual *Be a Champion In Life* em países de várias partes do mundo com o objetivo de coleta de dados para comparações internacionais e verificação de sua viabilidade prática. Dentre os cinco capítulos deste manual destacamos: a) Corpo, mente e espírito: inspirando as crianças a participarem de atividades físicas; b) Fair Play: o espírito do esporte na vida e na comunidade; c) Multiculturalismo: aprendendo a



viver com a diversidade; d) em busca da excelência: identidade, autoconfiança e autorrespeito; e) os Jogos Olímpicos presente e passado: celebrando o espírito olímpico.

Em 2000, o manual *Be a Champion in Life!* foi lançado como um dos mais importantes manuais de Educação Olímpica produzidos até hoje. A professora Letícia Godoy participou do congresso realizado na Grécia para lançamento e apresentação dos resultados da aplicação prática do manual, passando também a compor o quadro de consultores Internacionais.

No início da década de 2000, Turini (2000; 2001; 2002) apresentou experiências e estratégias de desenvolvimento do fair play entre estudantes do ensino médio dentre as quais: (i) adaptação de algumas das atividades de fair play desenvolvidas pela UEFA no futebol europeu profissional; (ii) elaboração de seminários de fair play entre alunos antes da competição e elaboração em conjunto com eles de uma súmula de fair play para contabilizar pontuação do troféu fair play. Em 2002, Turini apresentou como antes resumido em 1.2 - também os resultados da sua pesquisa de dissertação de mestrado, na qual comparou o comportamento de fair play de estudantes do ensino fundamental em competição de handebol com o comportamento normatizado por valores também normativos de Carta de Fair Play. Os resultados demonstraram ser conveniente que o desenvolvimento de atividades de fair play com jovens escolares ultrapasse a codificação verbal para procedimentos mais construtivistas de desenvolvimento moral. Neste caso, o autor apresentou sugestões de estratégias de ensino a partir das características do grupo estudado.

A partir de 2001, o professor Nelson Todt começa a desenvolver nos cursos superiores de Educação Física e outros cursos da Faculdade Cenecista de Osório-FACOS/RS e da PUC/RS experiências de disseminação de valores olímpi-



cos a partir da reprodução de Cerimônias Olímpicas. As atividades tiveram em média a participação de 120 alunos e mais 1.000 espectadores.

Diante dessas experiências, Tavares e colaboradores (2005) dizem que a Educação Olímpica se encontra em um estágio inicial de desenvolvimento no Brasil, sendo que a concentração das iniciativas situa-se nas regiões sul e sudeste. Um dos pontos positivos do desenvolvimento da Educação Olímpica brasileira é o desenvolvimento simultâneo de experiências práticas e produção teórica gerando base para ações futuras. No entanto, nenhuma das atividades de Educação Olímpica no Brasil contou efetivamente com a participação de órgãos do sistema de ensino nacional. As experiências de Sydney (2000) e Atenas (2004), que deram prioridade a programas de Educação Olímpica com a participação de órgãos do sistema de ensino nacional, contribuíram para alavancar os esforços de suas candidaturas à sede dos Jogos Olímpicos nos respectivos países-sede.

O Programa de Educação Olímpica nos Jogos Olímpicos de Sydney (2000) foi uma série de pequenos programas desenvolvidos por ocasião da realização dos Jogos. Mesmo antes de ser confirmada como sede dos Jogos, Sydney já estava implementando outros programas de Educação Olímpica, desde 1992. Esses programas visavam ajudar também na escolha da cidade como sede dos Jogos. Quando Sydney foi confirmada como sede dos Jogos Olímpicos de 2000 os programas foram ampliados a diversas outras escolas da cidade. Os programas versavam em três linhas de ação:

- a) Compartilhar a mensagem do Movimento Olímpico;
- b) Criar oportunidades para viver os ideais olímpicos, e;
- c) Promover experiências de vivenciar sempre o tempo dos Jogos.



Dentro da ação dessas linhas de atuação, programas de Educação Olímpica foram desenvolvidos. A maioria das escolas indicou um legado positivo do envolvimento dos alunos e alunas em Educação Olímpica. Os estudantes ganharam uma compreensão do Movimento Olímpico e uma aceitação dos valores olímpicos. Adquiriram uma avaliação melhor do esporte de elite e a organização requerida para tal evento. Criou-se entre os estudantes o desejo de apoiar o Movimento Olímpico e atletas paraolímpicos. Criou-se um senso de orgulho nacional, reconhecimento de realizações, compromisso para ideais olímpicos e a inspiração para fazer melhor em todos os seus esforços. As escolas tiveram a oportunidade para conhecer as mudanças globais do final do século XX e obtiveram uma compreensão dos valores universais olímpicos. Os programas foram ressaltados como justificativas para envolvimento futuro em atividades de Educação Olímpica.

Neste estágio mais recente, Gomes (2002) analisou os quatro materiais didáticos mais conhecidos entre aqueles que trabalham com a Educação Olímpica no Brasil: (i) *Keep the Spirit Alive: You and the Olympic Games*, COI (1995); (ii) *Learn and Play Olympic Sports*, Amateur Athletic Foundation of Los Angeles (1992); (iii) *Educação Olímpica na Escola. Manual do Educador Olímpico*, Poços de Caldas, Brasil (1999) e (iv) *Be a Champion in Life! A Project of Foundation of Olympic and Sport Education*, Grécia (2000). A análise desses materiais enfocou os conceitos de cultura, o etnocentrismo, raça e cultura. A autora realizou uma análise crítica dos materiais de Educação Olímpica sob o enfoque multicultural e a mediação das particularidades locais com valores do Olimpismo. Os resultados da análise contribuíram para demonstrar que os materiais apresentam algumas deficiências no temas investigados por conferirem demasiada atenção aos referenciais culturais e de valores europeus e norte-americanos, mantendo outros países e culturas sob uma perspectiva periférica, devendo, assim, ser aperfeiço-



ados em futuras edições e novos lançamentos na área da Educação Olímpica, principalmente no que tange ao multiculturalismo, regionalismo e diferenças.

Em idêntica linha de conta esboçada por Gomes, Turini (2007) apresenta as análises realizadas sobre as atividades de fair play do manual de Educação Olímpica do Be a Champion In Life correlacionadas com os alguns dos conceitos mais discutidos atualmente no campo da Educação: a Aprendizagem por Competências e Competências para Ensinar (Perrenoud, 2000 e 2002). As análises realizadas no Be a Champion In Life indicaram que os professores possam, através das atividades de fair play, promover nos alunos o desenvolvimento de competências para mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes, capacidades, informações, etc.) para solucionar uma série de situações relacionadas ao convívio social. Indica-se que as atividades do Manual investigado possam promover oportunidades para que os alunos construam conceitos, valores e procedimentos referentes à convivência ética-social.

## **REFERÊNCIAS**

ABREU, Neise. G. (1999). Multicultural Responses to Olympism - An Ethnographic Research in Ancient Olympia, Greece. Thesis presented to Physical Education Post-Graduate Program of Gama Filho University as a qualification to achieve a Doctorate degree in Physical Education.

AMATEUR ATHLETIC FOUNDATION OF LOS ANGELES (1992). Learn and Play Olympic Sports. Curriculum Guide for Teachers. Developed by Cosetta Moore. (USA)

BARA FILHO Maurício e DaCOSTA, Lamartine. (2002) A concepção de Pierre de Coubertin sobre a Educação Olímpica.



pica para os trabalhadores: uma abordagem atualizada. In Turini e DaCosta. Coletânea de Textos em Estudos Olímpicos. Rio de Janeiro. Editora Gama Filho. CD ROM Biblioteca Básica em Estudos Olímpicos.

BELÉM, Cristiano M. (1999) Educação Olímpica na Escola. Adaptado de “Keep the Spirit Alive You and the Olympic Games” Trad. Ivânia Maria Silvestre. Poços de Caldas.

BINDER, Deanna. (Org) (1995). Fair Play for Kids. Canada: Fair Play Canada.

BINDER, Deanna (org). (2000). Be a Champion in Life! A Project of the Foundation of Olympic and Sport Education, Greece, first edition.

BINDER, Deanna (org). (1995) Keep the Spirit Alive: You and the Olympic Games. A Handbook for Educators. IOC Commission for the International Olympic Academy and Olympic Education.

BROWNLEE, Helen. (2001). Olympic Education Programmes in the Sydney Olympic Games. Olympia: International Olympic Academy, 2001.

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS. (1995). O Espírito Desportivo nas práticas Desportivas. Título original Fair Play para Todos do Comitê Internacional para o Fair Play.

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS. (1996). Código de Ética Desportiva (Conselho da Europa). Oeiras.

CRUZ Jaime. (1997) As Regras protegem o fair play no Desporto Profissional? In III Seminário Europeu Sobre Fair Play: Desporto de Alta Competição, que Fair play? Oeiras, Portugal.



DACOSTA, Lamartine P. (1989) Valores e Moral Social no Brasil. Tese de Doutorado em Filosofia. Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

DACOSTA, Lamartine P. (1990) Fundamentos do Lazer e Esporte na Empresa. In: Saúde e Exercício Físico: uma Atividade Empresarial. Ministério da Saúde.

DACOSTA, Lamartine P. A Never-Ending Story: the Philosophical Controversy over Olympism. *Journal of the Philosophy of Sport*, vol. 33, 2006, p. 157 – 173.

DEJOURS, Christophe (2002). O Fator Humano. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV.

GIBBONS S. L., EBBECK V. & WEISS M. R. (1995). Fair Play for Kids: Effects on the Moral Development of Children in Physical Education. *Research Quarterly for Exercise and Sport* 1995 by the American Alliance for Health, Physical Education, Recreation and Dance, Vol.65. No 3, pp.247-255.

GODOY Letícia. (2002). Educação Olímpica no Ensino Fundamental. In Turini e Dacosta. Coletânea de Textos em Estudos Olímpicos. Rio de Janeiro. Editora Gama Filho. CD ROM Biblioteca Básica em Estudos Olímpicos.

GOMES, Marta C. (1999). Solidariedade e Honestidade: os fundamentos do fair-play entre adolescentes escolares. In TAVARES, O. & DACOSTA, L. (Eds.) Estudos Olímpicos. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho.

GOMES, Marta C. (2002). O multiculturalismo nos materiais didáticos de Educação Olímpica: uma análise crítica. In Turini e DaCosta. Coletânea de Textos em Estudos Olímpicos. Rio de Janeiro. Editora Gama Filho. CD ROM Biblioteca Básica em Estudos Olímpicos.



GOMES, Marta C. e TURINI, Marcio. (2004). Esporte, Ética e Intervenção no Campo da Educação Física (2004). In Tojal J., DaCosta L. & Beresford, H. Ética Profissional na Educação Física. Rio de Janeiro: Shape.

GOMES, Marta C. & TURINI, Marcio. (2007). O Impacto do Programa SESI-Esporte para agregar Valores na vida do Trabalhador e da Empresa: Uma Avaliação. Seminário Brasil-Espanha em Estudos Olímpicos. Universidade Gama Filho - UGF e Universidade Autônoma de Barcelona - UAB.

GONÇALVES, Carlos. (1996). O Espírito Desportivo e os Jovens Praticantes Desportivos. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1990.

GONÇALVES, Carlos. (1999). O Estudo do Fair Play na Europa. In TAVARES, Otávio & DACOSTA, Lamartine (Eds.) Estudos Olímpicos. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 1999.

Investimento Social Privado - Um novo patamar. Daniela Reis. GIFE -Grupo de Institutos, Fundações e Empresas/Brasil. Disponível em: [http://www.gife.org.br/artigos\\_open.php?codigo=6687](http://www.gife.org.br/artigos_open.php?codigo=6687)

LEE M. J. & COCKMAN, M. (1994). Values in Children's Sport: Spontaneously expressed values among young athletes. Prepared for the International Review for the Sociology of Sport, March 1994.

MONTENEGRO, E. L. (1994). A Educação Física e o desenvolvimento moral do indivíduo numa perspectiva kohlberguiana. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UGF.

MULLER, N. (1988). Olympism and Sport for All. In: Proceedings of the 28th International Session. Ancient Olympia, IOA. 187-199.



PORTELA, Fernando. (1999). Fair Play, que Fair Play?! Doutrina, ou Exercício da Moral. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UGF.

RODRIGUES, Fábio F. S. (2002). O Programa SESI Esporte e o Espírito Olímpico. In Turini e DaCosta. Coletânea de Textos em Estudos Olímpicos. Rio de Janeiro. Editora Gama Filho. CD ROM Biblioteca Básica em Estudos Olímpicos.

TAVARES, Otávio. (1993). Mens Fervida in Corpore Lacerato? As atitudes dos Atletas Olímpicos Brasileiros frente ao Olimpismo. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PPGEF/UGF.

TAVARES, Otávio. (2003). Esporte, Movimento Olímpico e Democracia: O Atleta como Mediador. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PPGEF/UGF.

TAVARES, Otávio et al. (2007). Estudos Olímpicos. Academia Olímpica Brasileira. Educação Olímpica. In Atlas do Esporte no Brasil. Rio de Janeiro: Shape.

TELAMA R., LAAKSO L. & HEIKKALA J. (1993). Conceptions about fair play and morals in sport among Young Finnish Athletes. A.I.E.S.E.P. 1993 Meeting of Experts: Sports Coaching.

TODT, Nelson S. (2003). Rituais e Cerimônias Olímpicas: uma proposta de Educação Olímpica. I Fórum Olímpico Gaúcho. Parque Esportivo da PUCRS - Porto Alegre.

TURINI, Marcio. (2001). Avaliação do Fair Play na IV Olimpíada do Senac, em Irajá, RJ. In Estudos Olímpicos 2001. DaCosta e Hatzidakis. São Paulo: Uniban. CD ROM Biblioteca Básica em Estudos Olímpicos.



TURINI, Marcio. (2002). Análise de atividades de fair play em Olimpíada escolar como reforço do desenvolvimento do espírito esportivo. In Coletânea de Textos em Estudos Olímpicos. Rio de Janeiro. Editora Gama Filho. CD ROM Biblioteca Básica em Estudos Olímpicos.

TURINI, Marcio. (2002). Comportamento Normatizado versus Comportamento Efetivo na Prática do Fair Play entre Jovens Escolares, de Quintino, Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PPGEF/UGF.

TURINI, Marcio. (2007). Análise das atividades de educação olímpica e fair play (Be a Champion In Life) e os conceitos de Aprendizagem por Competências e Competências para Ensinar (Phillipe Perrenoud). Seminário Brasil-Espanha em Estudos Olímpicos. Universidade Gama Filho - UGF e Universidade Autônoma de Barcelona - UAB.

VIEIRA, José L. (1993). Avaliação do Desenvolvimento Moral de Adolescentes em relação a Dilemas Morais da Vida Diária e da Prática Esportiva. Dissertação de Mestrado. Santa Maria: UFSM.



## ANEXO/APPENDIX 3

### MARIA LENK (1915 – 2007), WORLD RECORD SWIMMER: THE PROFILE OF AN OLYMPIC IDOL IN BRAZIL

*Ana Miragaya*  
*Universidade Estácio de Sá*  
*Petropolis, Brazil*

From: Journal of Olympic History  
Vol. 24/ N° 2 – 2016 pp.21-23

Maria Emma Hulda Lenk, a Brazilian swimmer of German ancestry, born in São Paulo, has been considered one of the greatest Brazilian female athletes of all times. At the age of 17, she was the very first Brazilian and South-American woman to ever participate in an edition of the Olympic Games: 1932 in Los Angeles (Miragaya & DaCosta, 2000). Although very tired from her long trip aboard a very uncomfortable freighter, she managed to make the semifinals in the 200-meter breaststroke and also participated in the 100-meter freestyle and the 100-meter backstroke at a time there were very few women competing in swimming in Brazil (Miragaya & DaCosta, 2002).

Maria Lenk became role model and encouraged Brazilian women not only to start doing sports and physical activities but also to participate in competitions, especially in swimming contests (Miragaya & DaCosta, 1998; Miragaya & DaCosta, 2007). As a result, Maria Lenk became source of inspiration for many girls who wanted to do sports at a time when women were still fighting for their inclusion (Miragaya, 2002).

Continuing with her hard training, Maria Lenk also participated in the 1936 Summer Olympic Games, in Berlin, when



she reached the semifinals of the 200m breaststroke competition. Still in this edition of the Olympics, Lenk as a pioneer became the first woman in the world to swim the butterfly stroke in an official competition. At that time, the butterfly stroke was only another style to swim the breaststroke and had not yet been recognized as a separate swimming stroke (Lenk, 1986).

As a result of her intensive training and development as an Olympic athlete, Lenk was the first South American woman to set world records in the 200-meter and 400-meter breaststroke in 1939. She also broke records in (i) South American Swimming Championships: 1935 gold (100-meter backstroke, 200-meter breaststroke) and one relay; (ii) nine American records: (200-yard, 220-yard, 440-yard, 500-yard, 200-meter, 400-meter and 500-meter breast) (Lenk, 1986).

Due to World War II, Lenk's aim to win an Olympic medal was not reached as both editions of the 1940 and 1944 Olympic Games were cancelled exactly during the period which would have corresponded to her peak in competitive swimming.

However, she never gave up swimming. After 1942, she decided to continue her training and compete in Masters events. Lenk had always been very active, participated in many international competitions and tournaments. In her 90s, she still swam 1.5 km every day, even in her 90s. At the time of her death, she still held five Master World Records in breaststroke, age group 90-94: in long course: 50m, 100m, and 200m; in short course 200m and one world record category 85-89 breaststroke short course (U.S. Masters Swimming, 2000).

Internationally recognized as a very active swimmer, in 1988, Maria Lenk was inducted into the International Swimming



Hall of Fame as an Honor Swimmer and also received the “Top Ten” award given to the best master swimmers worldwide. Nationally, Maria Lenk received several honors. In 2004, she received the Adhemar Ferreira da Silva Trophy for lifetime achievement from the Brazilian Olympic Committee at the Prêmio Brasil Olímpico, an annual award given to the best athletes in each Olympic sport.

Today, Maria Lenk names the main Brazilian swimming tournament contested by teams, in long courses, the “Maria Lenk Trophy” (Troféu Maria Lenk), and the Rio 2016 “Maria Lenk Swimming Park” (Parque Aquático Maria Lenk), located in the City of Sports Complex, which will host the swimming events for the 2016 Summer Olympic and Paralympic Games. These tributes give Maria Lenk a unique position as sports idol from the creation of a public image of a true sports and Olympic heroine of Brazil.

She died at 92 while she was training for another competition in a swimming pool of Clube de Regatas do Flamengo (Flamengo Racing Club), institution she represented during great part of her athletic life.

Parallel to her life as an athlete, Maria Lenk graduated in physical education in the 1930s from the Universidade de Sao Paulo (Sao Paulo University - USP) in 1936 (Lenk, 1986). A few years later, she started teaching at the School of Physical Education of the Federal University in Rio de Janeiro (UFRJ), which she helped found in 1939, after she gave up her career as a professional swimmer. She retired from UFRJ in 1979.

With her long and successful career as an athlete, Maria Lenk published two very important books for Brazilian sport: “Braçadas e Abraços” (“Strokes and Embraces”, 1982) and “Longevidade e Esporte” (“Longevity and Sports”, 2003), which report her history, her development, her strategies



for an active and productive life as an Olympic athlete, as an educator and as a woman athlete pioneer.

### **Maria Lenk according to herself at IOA**

As a former Olympic athlete and as a physical education teacher, Maria Lenk actively promoted Olympic values. As a result, she was invited to participate in the 1980 Session of the International Olympic Academy (IOA), in Olympia, Greece, when she interpreted some of her athletic achievements, describing Olympic values developed and followed at that time. Her short speech had a personal touch presenting a title which is all-encompassing of the profile of an idol: “What I felt participating in the Olympic Games”. In that occasion, her words were the following (Lenk, 1981): “It is a great honour for me to speak to such a selected audience. Among you are the greatest experts on the subject Olympism. Even knowing, all I am expected to say is about what I felt in participating in the Olympic Games. It has been many years and only the very special occurrences were impressed into my mind to come back as memories now.

It was 1932 — the Xth Olympic Games of Los Angeles. We arrived on a Brazilian freighter carrying “coffee and athletes”, as the newspapers would write about. Between those athletes there was the first South American woman ever to take part in the Olympic Games, and that was precisely the person who is speaking to you now, so many years later. It was then that the Olympic flame was lit in my heart. These were the Games where you could have seen Johnny Weissmuller, Buster Crabbe (both famous later on for their movies as Tarzans). There was the mighty American swimming team with Helen Madison, Eleanor Holm, Georgia Colman, Dorothy Poynton - and there was the all-arou-



nd champ Babe Didrikson. All of them became friends of that lonely young swimmer almost lost in the immensity of these strange surroundings. This is my first practical lesson of Olympism. There were other occurrences which proved that not only the athletes were possessed of that spirit but more than all the wonderful public, then mostly American. They knew by heart, through their ancestors and by tradition what it meant: fair-play, respect of the opposition and hospitality. And they had an opportunity to show it when their greatest hope for a gold medal in 1500 m dash. Hill was blocked from passing his opponent, losing his chance. 80.000 persons started to "boo" but it needed nothing but the speaker to say: 'Ladies and gentlemen please remember that those people are our guests' for a complete acceptance of the fact and even applause when the winner Lehtinen offered Hill to step on the victory pedestal with him. This very same public applauded the Brazilian runner Cardoso, who at the 10.000 m still had one lap to run after all the opponents had finished, doing so despite his wounded feet (he ran barefoot) on the rough coal ash track.

In 1936, the XIth Olympic Games in Berlin again patriotism and Olympism were combined in a noble way — at least it seemed so to me. I do not want to finish this, little talk to you without presenting a thought which came up while looking at the problems of Olympism or Olympic Games as presented here. Then I look back to what was one of the worries presented by Coubertin. At the opening ceremony as the French team entered the stadium, saluting with the elevated arms, there was also the dramatic drop of the baton by the last German girl in the 400m relay. All her opponents went to console her as if it happened to themselves.

Another occurrence happened to Nida Senff, the Dutch backstroke world record holder. In the finals she failed to touch the wall; her reaction of fair play was to return to the wall, attend the rules and only then go on. She did it with



so much vigor that it resulted not only in her victory but in a new Olympic record, which earned her the applause of everybody.

This Olympic Games gave all of the participants an opportunity to meet each other, not only at the Olympic Village but at the special reserved sections.

Another event (regardless in which sport they would compete) and where one could get to know the other in great emotional moments as their compatriots were down at the arena, doing their best. All I can confirm about those remote Olympic Games: there was fair play, mutual understanding, mutual respect, comradeship, friendship besides peaceful patriotism - in short, **THERE WAS OLYMPISM**".

### **Maria Lenk according to her followers**

The result of Maria Lenk's so many national and international values-led achievements produced a campaign with the participation of many volunteers to preserve her memory once she still lives in the Brazilian culture by her Olympic participation and promotion of Olympic values. The objective of this call was to preserve more than 10 thousand documents from Maria Lenk's remains and collections. These pieces of memory have been kept by past associates and followers after she passed away and are now being adequately treated under professional guidance.

The preservation of Maria Lenk's memory has received full adherence from the part of the public in Brazil. This might be simply explained by the fact that she is the very first Brazilian Olympic heroine. The meaning of this effort is directly related to the consolidation of the values that she



had always followed and treasured as depicted by her talk at the IOA at the beginning of the 1980s.

Again, the demonstration of this public appeal seems to lie on the simplicity of the heroine's rationale. This presupposition becomes clear in the letter she wrote to the Olympic historian John Lucas in 1990: "I swam well in the 1932 Olympics, but failed to win a medal. For nearly 60 years I've been uplifted and strengthened by that peak experience" (Lucas, 1992).

## REFERENCES

Lenk, Maria. "What I felt in participating in the Olympic Games". Report of the Twentieth Session of the International Olympic Academy at Olympia. Athens: Hellenic Olympic Committee, 1981 pp. 186-187.

Lenk, Maria. *Braçadas & Abraços*. Rio de Janeiro: Gráfica Bradesco, 1986.

Lenk, Maria. *Longevidade e Esporte*. Rio de Janeiro: Editora Didática e Científica, 2003.

Lucas, John. *Future of the Olympic Games*. Champaign: Human Kinetics, 1992.

Miragaya, A. The female Olympian: tradition versus innovation in the quest for inclusion. In: Lamartine DaCosta. (Org.). *Olympic Studies: Current Intellectual Crossroads*. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2002, p. 307-338.

Miragaya, A.; DaCosta, L. A inclusão da mulher brasileira no esporte através da natação na perspectiva histórica de 1930 a 1933. In: VI Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, 1998, Rio de Janeiro. *Anais*



do VI Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1998.

Miragaya, A.; DaCosta, L. Considerações históricas sobre métodos e técnicas de treinamento da natação no Brasil (1909-1938). In: VII Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 2000, Gramado, RS. Anais do VII Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Porto Alegre: CV Artes Gráficas, 2000.

Miragaya, A.; DaCosta, L. Maria Lenk: as revoluções política e emancipadora da década de 1930 no Brasil que levaram a nadadora da Atlética às Olimpíadas de Los Angeles. In: VIII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, 2002, Ponta Grossa, PR. Anais do VIII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança. Ponta Grossa: Monferrer Produções, 2002.

Miragaya, A.. Maria Lenk: a primeira heroína olímpica brasileira. In: 6º Fórum da Academia Olímpica Brasileira, 2007, Rio de Janeiro. Anais do 6º Fórum da Academia Olímpica Brasileira. Rio de Janeiro: COB, 2007.

U.S. Masters Swimming. Maria Lenk, 1988 ISHOF Honor Swimmer. Available at <http://www.usms.org/articles/articledisplay.php?aid=1415>



## ANEXO/APPENDIX 4

### ACERVO MARIA LENK PRESERVAÇÃO 2016 – 2019

*Lamartine DaCosta*



**Acervo Maria Lenk – Grupo voluntário  
preservação 2014 - 2019**



O conjunto de 10 mil peças que formam o Acervo Maria Lenk passou por várias iniciativas de preservação, tendo



como curador Lamartine DaCosta, por solicitação de Maria Lenk ainda em vida, em 1996.

Em 2014, o Instituto Internacional Correr Bem (ICB), com sede no Rio de Janeiro, assumiu a guarda e preservação dos recorte de jornais e revistas, cartas, fotos e documentos diversos, reunindo voluntários para a devida manutenção.

Em 2019, O ICB, tendo à frente Andrea D’Aiuto, em comum acordo com Francisco Silva Junior (sobrinho de Maria Lenk) e Lamartine DaCosta (Curador), fez entrega formal do Acervo ao Arquivo Nacional, entidade federal também com instalações no Rio de Janeiro. Com esta providência, foi garantida a preservação e o acesso público do Acervo terminando assim o serviço voluntário que se tornou um exemplo na história do esporte brasileiro.

Na foto, os voluntários do período 2014-2019 fazem a reunião comemorativa da passagem do Acervo Maria Lenk ao Arquivo Nacional: (em pé da esq. para dir.) Edgar Martins de Oliveira, Jorge Luis da Silva e Carlos Campana; (sentados esq. para dir.) Renata Aragão, Jupira Maurina da Graça Oliveira (presidente do ICB), Lamartine DaCosta e Andrea D’Aiuto.



A presente obra vinculou-se ao eMuseu do Esporte em primeiro lugar por ter sido Maria Lenk um grandioso nome do esporte ao qual ela associou à educação, à ciência, à tecnologia e à gestão, áreas de saber nas quais definimos também nossas realizações e construções do futuro. Em segundo lugar, o nome Maria Lenk tem sido sempre ligado à promoção da mulher no esporte, uma divisa desde sempre compartilhada pelo eMuseu do Esporte e que agora se consolida com a publicação da vida e obra da heroína olímpica de todos nós.

**Profa. Dra. Bianca Gama Pena**

*Diretora do eMuseu do Esporte*

This book is linked to the eMuseum of Sport because Maria Lenk was a great name of sport, which she associated with education, science, technology and management, areas of knowledge in which we also define our achievements and constructions of the future. Maria Lenk has always been linked to the promotion of women in sport, a motto always shared by the eMuseum of Sport and which is now consolidated with the publication of the life and work of this Olympic athlete, the heroine of all of us.

**Bianca Gama Pena, Ph.D.**

*Director of the eMuseum of Sport*

ISBN 978-65-993425-4-7



9 786599 342547 >